

DIRETÓRIO CRISTÃO

por
Richard Baxter
(1615-1691)

Volume 2 de 4

ECONOMIA CRISTÃ
(ou Deveres Familiares)

"...o melhor manual de aconselhamento bíblico já
produzido..." - Timothy Keller



SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 DIREÇÕES SOBRE O CASAMENTO PARA ESCOLHA E CONTRATO	6
CAPÍTULO 2 DIREÇÕES PARA A ESCOLHA CORRETA DE SERVOS E SENHORES	60
PARTE 1 Direções para a escolha correta de servos.....	60
PARTE 2 Direções para a escolha correta de senhores .	64
CAPÍTULO 3 UMA DISPUTA OU ARGUMENTOS PARA PROVAR A NECESSIDADE DO CULTO E DA SANTIDADE DOMÉSTICA, OU DIREÇÕES CONTRA AS CAVILAÇÕES DOS PROFANOS E DE ALGUNS SECTÁRIOS QUE NEGAM SER ISSO ALGO EXIGIDO POR DEUS	71
CAPÍTULO 4 DIRETRIZES GERAIS PARA O GOVERNO SAGRADO DAS FAMÍLIAS	126
CAPÍTULO 5 MOTIVOS ESPECIAIS PARA PERSUADIR OS HOMENS AO SANTO GOVERNO DE SUAS FAMÍLIAS.	135
CAPÍTULO 6 MOTIVOS MAIS ESPECIAIS PARA UMA EDUCAÇÃO SANTA E CUIDADOSA DOS FILHOS.....	146
CAPÍTULO 7 OS DEVERES MÚTUOS DE MARIDOS E ESPOSAS UM PARA COM O OUTRO	160
CAPÍTULO 8 OS DEVERES ESPECIAIS DOS MARIDOS PARA COM SUAS ESPOSAS.....	192
CAPÍTULO 9 OS DEVERES ESPECIAIS DAS ESPOSAS PARA COM OS MARIDOS.....	198

CAPÍTULO 10 Os deveres dos pais para com seus filhos	240
CAPÍTULO 11 OS DEVERES ESPECIAIS DOS FILHOS PARA COM SEUS PAIS.....	259
CAPÍTULO 12 OS DEVERES ESPECIAIS DAS CRIANÇAS E JOVENS PARA COM DEUS	271
CAPÍTULO 13 OS DEVERES DOS SERVOS PARA COM SEUS SENHORES.....	276
CAPÍTULO 14 OS DEVERES DOS SENHORES PARA COM SEUS SERVOS	283
CAPÍTULO 15 OS DEVERES DOS FILHOS E DOS CONSERVOS UNS PARA COM OS OUTROS.....	299
CAPÍTULO 16 DIREÇÕES PARA A CONVERSAÇÃO SANTA ENTRE COMPANHEIROS DE SERVIÇO OU OUTROS	304
CAPÍTULO 17 DIREÇÕES PARA CADA MEMBRO PARTICULAR DA FAMÍLIA SOBRE COMO PASSAR CADA DIA COMUM DA SEMANA.....	312
CAPÍTULO 18 DIREÇÕES PARA A ORDEM DOS DEVERES SANTOS.....	325
CAPÍTULO 19 DIREÇÕES PARA O OUVIR PROVEITOSO DA PALAVRA PREGADA	340
CAPÍTULO 20 DIREÇÕES PARA A LEITURA PROVEITOSA DAS SAGRADAS ESCRITURAS.....	357
CAPÍTULO 21 DIREÇÕES PARA A LEITURA DE OUTROS LIVROS.....	361

CAPÍTULO 22 DIREÇÕES PARA O ENSINO CORRETO DE FILHOS E SERVOS, DE MODO QUE TENHA MAIOR PROBABILIDADE DE SUCESSO	366
CAPÍTULO 23 DIREÇÕES PARA A ORAÇÃO	381
CAPÍTULO 24 BREVES DIREÇÕES PARA FAMÍLIAS SOBRE O SACRAMENTO DO CORPO E SANGUE DE CRISTO	420
CAPÍTULO 25 ORIENTAÇÕES PARA CRISTÃOS TEMEROSOS E PERTURBADOS, QUE ESTÃO PERPLEXOS COM DÚVIDAS SOBRE SUA SINCERIDADE E JUSTIFICAÇÃO	460
CAPÍTULO 26 ORIENTAÇÕES PARA CRISTÃOS EM DECLÍNIO OU QUE ESTÃO RETROCEDENDO: E SOBRE A PERSEVERANÇA	471
CAPÍTULO 27 ORIENTAÇÕES PARA OS POBRES.....	508
CAPÍTULO 28 ORIENTAÇÕES PARA OS RICOS.....	521
CAPÍTULO 29 ORIENTAÇÕES PARA OS IDOSOS (E FRACOS).....	530
CAPÍTULO 30 ORIENTAÇÕES PARA OS ENFERMOS..	539
CAPÍTULO 31 ORIENTAÇÕES PARA OS AMIGOS DOS ENFERMOS, QUE ESTÃO AO SEU REDOR.....	569

PARTE 2
ECONOMIA CRISTÃ:
Ou

O Diretório da Família,
Contendo Direções para a
Verdadeira Prática de Todos os
Deveres Pertencentes às
Relações Familiares, com seus
Complementos.

CAPÍTULO 1

DIREÇÕES SOBRE O CASAMENTO PARA ESCOLHA E CONTRATO

Assim como as pessoas dos cristãos em suas capacidades mais privadas são santas, por serem dedicadas e separadas para Deus, assim também devem ser suas famílias: SANTIDADE AO SENHOR deve estar, por assim dizer, escrita em suas portas, e em suas relações, suas posses e assuntos. Para o que é necessário, 1. Que haja uma constituição santa de suas famílias. 2. E um governo santo delas, e o cumprimento dos diversos deveres dos membros da família. Para a correta constituição de uma família, pertence, (1.) A correta contratação do casamento, e, (2.) A correta escolha e contrato entre senhores e seus servos. Para o primeiro,

Direção 1. Tome cuidado para que nem a luxúria nem a precipitação o empurrem para uma condição de casado, antes que você veja razões tais para convidá-lo a isso, que possam assegurá-lo do chamado e da aprovação de Deus. Pois, 1. É a Deus que você deve servir em seu estado de casado e, portanto, é apropriado que você tome o conselho dele antes de se lançar nele; pois ele mesmo sabe melhor o que pertence ao seu serviço. 2. E é de Deus que você deve ainda depender, para a bênção e os confortos de sua relação: e, portanto, há uma razão muito grande para que você tome o conselho e o consentimento dele como as coisas principais necessárias para a união: se o consentimento dos pais é necessário, muito mais é o consentimento de Deus.

Pergunta: Mas como saberá um homem se Deus o chama para o casamento, ou consente com ele? Não deixou ele aqui todos

os homens em suas liberdades, como em uma coisa indiferente?

Se o casamento é indiferente

Resposta: Deus não fez nenhuma lei universal ordenando ou proibindo o casamento; mas, a esse respeito, deixou-o indiferente à humanidade: contudo, não permitindo que todos se casem (pois, sem dúvida, para alguns é ilícito). Mas ele, por outras leis ou regras gerais, dirigiu os homens a saberem em que casos é lícito e em que casos é pecado. Pois todo homem está obrigado a escolher aquela condição na qual possa servir a Deus com as melhores vantagens, e que mais tenda ao seu bem-estar espiritual e aumento em santidade. Ora, não há nada no casamento em si que o torne comumente inconsistente com esses benefícios e o cumprimento dessas leis: e, portanto, é dito que "aquele que se casa faz bem" (1 Co 7:38), isto é, ele faz aquilo que por si só não é ilícito, e que para alguns é o estado de vida mais elegível. Mas há algo em uma vida de solteiro que a torna, especialmente para pregadores e cristãos perseguidos, usualmente o estado de vida mais vantajoso para esses fins do cristianismo; e, portanto, é dito que "aquele que não se casa, faz melhor". E, no entanto, para pessoas individuais, é difícil imaginar como isso possa deixar de ser um dever ou um pecado; pelo menos, exceto em alguns casos incomuns. Pois é uma coisa de tão grande importância para a ordenação de nossos corações e vidas, que é difícil imaginar que devesse ser sempre indiferente como um meio para o nosso fim principal, mas deve ser ou uma ajuda muito grande ou um impedimento. Contudo, se houver pessoas cujo caso possa ser tão equilibrado com acidentes de ambos os lados que, para o homem mais criterioso, não seja discernível se um estado de vida solteiro ou

casado conduzirá mais à sua santidade pessoal ou utilidade pública, ou ao bem de outros, para tais pessoas o casamento, no ato individual circunstanciado, é uma coisa indiferente.

Quem é chamado a casar

Por estas condições seguintes, você pode saber quais pessoas têm um chamado de Deus para casar, e quem não tem o seu chamado ou aprovação. 1. Se houver a vontade peremptória ou o comando dos pais para os filhos que estão sob seu poder e governo, e nenhum assunto maior em contrário para impedi-lo, o comando dos pais significa o comando de Deus: mas se os pais apenas persuadirem e não comandarem, embora seus desejos não devam ser recusados sem causa, um impedimento menor pode preponderar do que em caso de um comando peremptório. 2. São chamados a casar aqueles que não têm o dom da continência e não podem, pelo uso de meios lícitos, alcançá-lo, e não têm impedimento que torne ilícito para eles casarem. "Mas, se não podem conter-se, casem-se. Porque é melhor casar do que abrasar-se" (1 Co 7:9). Mas aqui os diversos graus das causas urgentes e das impeditivas devem ser comparados, e a mais pesada deve prevalecer. Pois alguns que têm desejos muito fortes podem ainda ter impedimentos mais fortes: e embora não possam manter essa castidade em seus pensamentos como desejam, ainda assim, em tal caso, devem abster-se. E não há homem que não possa manter seu corpo em castidade se fizer a sua parte: sim, e os próprios pensamentos podem ser comumente, e na maior parte, mantidos puros, e as imaginações lascivas rapidamente contidas, se os homens forem piedosos e fizerem o que puderem. Mas, por outro lado, há alguns que têm uma medida mais domável de concupiscência e, no entanto, não têm impedimento

considerável, cujo dever pode ser casar, como o meio mais certo e bem-sucedido contra esse pequeno grau, desde que não haja nada que o proíba. 3. Outra causa que justifica o casamento é quando, após um sábio balanço de todas as contas, é aparentemente mais provável que, em um estado de casado, alguém possa ser mais útil a Deus e ao bem público: que haverá nele maiores ajudas e menos impedimentos para os grandes fins de nossas vidas; o glorificar a Deus e o salvar a nós mesmos e aos outros. E visto que se deve esperar que cada condição seja mais útil para nós em um aspecto e nos impeça mais em outro aspecto; e que em uma temos mais ajudas para uma vida contemplativa, e em outra estamos melhor equipados para uma vida ativa e de serviço, a grande habilidade, portanto, no discernimento de nossos deveres, reside na ponderação prudente e comparação das conveniências e inconveniências, sem a sedução da fantasia, luxúria ou paixão, e em um verdadeiro discernimento de qual lado é o que tem o maior peso.

Observações. Aqui deve ser cuidadosamente observado: 1. Que as duas primeiras razões para o casamento (concupiscência e a vontade dos pais), ou qualquer outra semelhante, têm sua força apenas em subordinação à terceira (a causa final, ou o interesse de Deus e nossa salvação). E que esta última razão (proveniente do fim) é por si só suficiente sem qualquer das outras, mas nenhuma das outras é suficiente sem esta. Se estiver claro que em um estado de casado você tem melhores vantagens para o serviço de Deus, e para fazer o bem aos outros, e salvar sua própria alma, do que você pode ter em um estado de vida solteiro, então é indubitavelmente seu dever casar; pois nossa obrigação de buscar nosso fim último é a obrigação mais constante e indispensável. Embora os pais

não o ordenem, embora você não tenha necessidade corporal, ainda assim é um dever se certamente contribuir mais para o seu fim último. 2. Mas observe também que nenhuma pretensão do seu próprio fim último justificará o seu casamento quando qualquer outro acidente o tiver tornado anteriormente algo ilícito, enquanto esse acidente continuar. Pois não devemos fazer o mal para que venha o bem. Nossa salvação não é promovida pelo pecado; e embora víssemos uma probabilidade de que poderíamos fazer mais bem aos outros se cometêssemos tal pecado para realizá-lo, ainda assim não deve ser feito. Pois estando nossas vidas e misericórdias todas na mão de Deus, e dependendo inteiramente dele os sucessos e a aceitação de todos os nossos esforços, nunca pode ser um caminho racional para alcançá-los ofendê-lo deliberadamente pelo nosso pecado! É um meio provável para o bem público que homens capazes e bons sejam magistrados e ministros; e, no entanto, aquele que mentisse, ou fosse perjuro, ou cometesse qualquer pecado conhecido para que pudesse ser um magistrado, ou para que pudesse pregar o evangelho, melhor faria em esperar uma maldição sobre si mesmo e seus esforços, do que a aceitação de Deus, ou sua bênção e sucesso; assim, aquele que pecasse para mudar seu estado para melhor, descobriria que o mudou para pior: ou se isso faz bem aos outros, ele não pode esperar nada além de ruína para si mesmo, se o arrependimento não o prevenir. 3. Observe também que, se a questão for apenas qual estado de vida (casado ou solteiro) melhor conduz a este fim último, então qualquer uma das razões subordinadas provará que temos um chamado, se não houver razões maiores no lado oposto. Como no caso de você não ter necessidade corporal, a vontade dos pais sozinha pode obrigá-lo, se não houver nada maior contra isso: ou se os pais

não o obrigarem, ainda assim a necessidade corporal sozinha pode fazê-lo: ou se nenhum destes o convidar, ainda assim uma probabilidade clara de alcançar tal estado ou oportunidade que possa torná-lo mais apto para socorrer muitos outros, ou ser útil à igreja, ou a bênção de filhos que possam ser dedicados a Deus, pode justificar seu casamento, se não houver razões maiores contra ele; pois quando as balanças estão iguais, qualquer uma dessas razões pode incliná-las.

Quem não deve casar

Por isso também você pode perceber quem são aqueles que não têm chamado para casar, e para quem isso é um pecado. Como, 1. Nenhum homem tem um chamado para casar que, colocando todas as conveniências e inconveniências juntas, possa claramente discernir que um estado de casado provavelmente será um impedimento maior para sua salvação, ou para servir ou honrar a Deus no mundo, e assim desvantajoso para ele quanto ao seu fim último.

Pergunta: Mas e se os pais o ordenarem? Ou se puserem contra mim se eu desobedecer?

Resposta: Os pais não têm autoridade para ordenar-lhe nada contra Deus ou sua salvação, ou seu fim último. Portanto, aqui você não lhes deve obediência formal: mas, ainda assim, a vontade dos pais, com todas as consequências, deve ser colocada na balança com todas as outras considerações, e se elas tornarem as inconveniências de uma vida de solteiro maiores, quanto ao seu fim, então elas podem trazer-lhe um dever ou obrigação de casar; não *necessitate praecepti* [por necessidade de preceito], como obediência ao comando deles; mas *necessitate medii* [por necessidade de meio], como um

meio para o seu fim último, e em obediência àquele comando geral de Deus, que exige que você "busque primeiro" o seu fim último, a saber, "o reino de Deus e a sua justiça" (Mt 6:33).

Pergunta: Mas e se eu tiver uma necessidade corporal e, no entanto, puder prever que o casamento me trará grandes desvantagens quanto ao serviço de Deus e minha salvação?

Resposta: 1. Você deve entender que nenhuma necessidade corporal é absoluta: pois não há homem tão lascivo que não possa possivelmente refrear sua luxúria por outros meios lícitos; por dieta, trabalho, companhia sóbria, negócios que desviem a atenção, solidão, vigilância dos pensamentos e sentidos, ou pelo menos pela ajuda do médico; de modo que a necessidade é apenas *secundum quid* [relativa], ou antes uma urgência do que uma necessidade simples. E então, 2. Esta medida de necessidade deve ser ela mesma colocada na balança com os outros acidentes; e se esta necessidade inclinar a balança ao tornar uma vida de solteiro mais desvantajosa para o seu fim último, sendo sua luxúria um impedimento maior para você do que todas as inconveniências do casamento serão, então o caso está resolvido: "é melhor casar do que abraçar-se". Mas se os impedimentos em um estado de casado tendem a ser maiores do que os impedimentos de sua concupiscência, então você deve se dedicar a refrear e curar essa concupiscência; e no uso dos meios de Deus esperar sua bênção.

Sobre a vontade dos pais

Os filhos não são, ordinariamente, chamados por Deus para casar quando seus pais o proíbem absoluta e peremptoriamente. Pois embora os comandos dos pais não possam tornar algo um dever quando temos certeza de que isso impediria o interesse

de Deus, nosso fim último; contudo, as proibições dos pais podem tornar algo um pecado quando há uma probabilidade clara de que isso conduziria mais ao nosso fim último, não fosse proibido. Porque, (1.) As afirmativas não obrigam *semper et ad semper* [sempre e para sempre], como as negativas ou proibições fazem. (2.) Porque o pecado da desobediência aos pais contrariará a tendência disso para o bem e fará mais contra o nosso fim último do que todas as vantagens do casamento podem fazer por ele. Um dever não é para nós um dever quando não pode ser realizado sem um pecado escolhido e deliberado. Em muitos casos, somos obrigados a nos abster do que um governante proíbe, quando não somos obrigados a fazer o contrário se ele o ordenar. É mais fácil tornar um dever em não dever do que tornar um pecado em não pecado. Um ingrediente ruim pode transformar um dever em pecado, enquanto um ingrediente bom não transformará um pecado em dever, ou em não pecado.

Pergunta: Mas não pode a proibição de um governante ser superada por alguns grandes graus de inconveniência? É melhor casar do que abraçar-se. 1. E se os pais proibirem os filhos de casar absolutamente até a morte, e assim os privarem do remédio lícito contra a luxúria? 2. E se não o fizerem, mas ainda assim os proibirem quando isso lhes for mais oportuno e necessário, parece pouco melhor. 3. Ou se os proibirem de casar onde seus afetos estão tão engajados que não podem ser retirados sem a ruína mútua? Não podem os filhos casar em tais casos de necessidade como estes, sem e contra a vontade de seus pais?

Resposta: Não posso negar que alguns casos podem ser imaginados ou ocorrer nos quais é lícito fazer o que um

governante proíbe, e casar contra a vontade dos pais: pois eles têm seu poder para edificação, e não para destruição. Como se um filho for qualificado com dons eminentes para a obra do ministério, em um tempo e lugar que necessite de muita ajuda; se um pai maligno, em ódio àquele ofício sagrado, o proibisse peremptoriamente, ainda assim o filho pode dedicar-se à obra bendita de salvar almas: assim como um filho não pode deixar de socorrer os pobres (com o que é seu), embora seus pais o proíbam; nem deixar de se colocar em capacidade de socorrê-los no futuro; nem deixar de prover seu próprio alimento e vestimenta necessários, embora seja proibido: como Daniel não deixou de orar abertamente em sua casa, quando foi proibido pelo rei e pela lei. Quando qualquer acidente inseparável torna uma coisa, por si só indiferente, em um dever, a proibição de um governante não nos desobrigará desse dever, a menos que o acidente seja menor do que o acidente da proibição do governante, e então ele pode ser superado por ela; mas determinar quais acidentes são maiores ou menores é uma tarefa difícil.

E quanto às questões particulares, à primeira eu respondo: Se os pais proibirem seus filhos de casar enquanto viverem, é conveniente e seguro obedecer-lhes até a morte, se nenhuma obrigação maior em contrário o proibir: mas é necessário obedecer-lhes durante o tempo em que os filhos vivem sob o governo de seus pais, como em suas casas, em seus anos de juventude (exceto em alguns poucos casos extraordinários). Mas quando os pais morrem (embora deixem comandos em seus testamentos), ou quando a idade ou um casamento anterior removeu os filhos de sob o seu governo, um assunto menor servirá para justificar sua desobediência aqui do que quando os filhos na menoridade são menos aptos para governar a si

mesmos. Pois embora ainda devamos aos pais uma obediência limitada, na idade adulta o filho está mais à sua própria disposição do que estava antes. A natureza nos deu uma indicação de sua intenção no instinto dos brutos, que são todos ensinados a proteger, liderar e prover para seus filhotes enquanto estes são insuficientes para si mesmos; mas quando crescem para a autossuficiência, eles os afastam ou os negligenciam. Se um filho sábio que tem esposa e muitos filhos, e grandes negócios para gerir no mundo, estivesse obrigado a uma obediência tão absoluta aos seus pais idosos como estava em sua infância, isso arruinaria seus negócios, e o governo dos pais derrubaria em sua velhice o que eles construíram em sua meia-idade.

E à segunda questão eu respondo que, 1. Os filhos que pretendem ter luxúria ou amor inconquistáveis devem fazer tudo o que puderem para subjugar tais afetos desordenados e fazer suas luxúrias se curvarem à razão e à vontade de seus pais. E se fizerem o seu melhor, ou não há nenhum, ou não há um em muitos centenas, que não possa manter sua castidade juntamente com sua obediência. 2. E se alguém disser: Eu fiz o meu melhor e, no entanto, estou sob necessidade de casamento; e não estou então obrigado a casar, embora meus pais me proibam? Eu respondo: não é de se acreditar: ou você não fez o seu melhor, ou então você não está sob necessidade. E sendo sua urgência sua própria culpa (visto que você deveria subjugar-la), Deus ainda o obriga tanto a subjugar seu vício quanto a obedecer a seus pais. 3. Mas se houvesse alguém que tivesse tal (incrível) necessidade de casamento, ele deve procurar outros para solicitar o consentimento de seus pais e, se não puder obtê-lo, alguns dizem que é seu dever casar sem ele: eu diria antes que é *minus malum* [o mal menor]: e que, tendo se

lançado em alguma necessidade de pecar, ainda é seu dever evitar ambos e não escolher nenhum; mas é o pecado menor escolher desobedecer a seus pais, em vez de viver nas chamas da luxúria e na imundície da falta de castidade. E alguns teólogos dizem que, em tal caso, um filho deve apelar ao magistrado, como uma autoridade superior acima do pai. Mas outros pensam: 1. Que isso deixa tão difícil resolver o que ele fará se o magistrado também não consentir: e, 2. Que isso apenas resolve uma dificuldade por outra maior; sendo muito duvidoso se em casos domésticos a autoridade do pai ou do magistrado seja a maior.

A mesma resposta serve para a terceira questão, quando os pais o proíbem de casar com as pessoas de quem você mais gosta. Pois tal afeição (chame-a de luxúria ou amor) que não se curva à razão e à vontade de seus pais é desordenada e pecaminosa. E, portanto, a coisa a que Deus o obriga é, pelos meios designados por ele, subjugar-la e obedecer: mas se você não puder, os acidentes e prováveis consequências devem dizer-lhe qual é o mal menor.

Pergunta: Mas e se o filho prometeu casamento e os pais forem contra?

Resposta: Se o filho estava sob o governo dos pais e também não tinha idade de discrição, a promessa é nula por falta de capacidade. E se o filho tinha idade, ainda assim a promessa foi uma promessa pecaminosa, quanto ao ato de prometer e também quanto à coisa prometida durante o dissenso dos pais. Se apenas o *actus promittendi* [ato de prometer] tivesse sido pecaminoso (o fazer a promessa), a promessa poderia, no entanto, obrigar (a menos que fosse nula e também pecaminosa). Mas sendo a *materia promissa* [matéria

prometida] pecaminosa (a coisa prometida), casar enquanto os pais dissentem, tal filho está obrigado a abster-se do cumprimento dessa promessa até que os pais consentam ou morram. E, no entanto, ele está impedido de casar com qualquer outro (a menos que seja desobrigado pela pessoa a quem fez a promessa), porque ele não sabe se seus pais poderão consentir no futuro; e sempre que eles consentirem ou morrerem, a promessa então é obrigatória e deve ser cumprida.

O terceiro capítulo de Números permite que os pais desobriguem uma filha que está em sua casa de um voto feito a Deus, desde que o desaprovem ao ouvir pela primeira vez. Daí surgem duas dúvidas: 1. Se este poder não se estende à desobrigação de uma promessa ou contrato de matrimônio. 2. Se ele não se estende a um filho tanto quanto a uma filha. E a maioria dos expositores é pela afirmativa em ambos os casos. Mas eu já lhe mostrei antes que isso se baseia em fundamentos incertos: 1. É incerto se Deus, que assim abriria mão de seu próprio direito em caso de voto, também abriria mão do direito de outros, sem o consentimento deles, em caso de promessas ou contratos. E, 2. É incerto se isso não é apenas uma indulgência para o sexo mais fraco, visto que muitas palavras no texto parecem indicar claramente isso. E é perigoso, baseados em nossas próprias presunções, estender as leis de Deus a tudo o que imaginamos haver a mesma razão; visto que nossas imaginações podem ser tão facilmente enganadas; e Deus poderia ter expressado tais detalhes se quisesse. E, portanto (quando não há fundamento claro para nossas inferências no texto), resta apenas dizer: Assim e assim Deus deveria ter dito, quando não podemos dizer: Assim ele disse. Não devemos fazer leis sob o pretexto de expô-las: tudo o que

Deus te ordenar, cuida de fazer: nada lhe acrescentarás, nem dele tirarás (Dt 12:32).

Pergunta: Se a questão, portanto, não for da pecaminosidade, mas da nulidade de tais promessas de filhos por causa do dissenso dos pais, de minha parte não sou capaz de provar tal nulidade. Diz-se que eles não são *sui juris* [de seu próprio direito], e portanto suas promessas são nulas: mas se eles atingiram os anos e o uso da discrição, eles são naturalmente tão *sui juris* a ponto de serem capazes de dispor até de suas almas e, portanto, de sua fidelidade. Eles podem obrigar-se a Deus ou ao homem; embora não sejam tão *sui juris* a ponto de serem desgovernados: pois assim, nenhum filho, nenhum súdito, nenhum homem é *sui juris*; visto que todos estão sob o governo de Deus. E, no entanto, se um homem promete fazer uma coisa pecaminosa, não é uma nulidade, mas um pecado; não é ausência de promessa, mas uma promessa pecaminosa. Uma nulidade ocorre quando o *actus promittendi* [ato de prometer] é reputado nulo ou não ato. E quando nenhuma promessa é feita, nenhuma pode ser quebrada.

Pergunta: Mas se a questão for apenas até que ponto tais promessas devem ser mantidas, eu respondo resumindo o que eu disse: 1. Se o filho não tinha o uso da razão, a falta de capacidade natural prova a promessa nula: aqui *ignorantis non est consensus* [não há consentimento de quem ignora]. 2. Se ele tinha idade e uso da razão, então, 1. Se apenas o ato de prometer foi pecaminoso (como eu disse antes sobre os votos), a promessa deve ser tanto arrependida quanto mantida. Deve haver arrependimento porque foi um pecado; deve ser mantida porque foi uma promessa real e a matéria lícita. 2. Se o ato de prometer foi não apenas um pecado, mas uma nulidade (por

qualquer outra razão), então não há obrigação. 3. Se não apenas o ato de prometer for pecado, mas também a matéria prometida (como é casar sem o consentimento dos pais), então deve haver arrependimento e não deve ser realizado até que se torne lícito; porque um juramento ou promessa não pode obrigar um homem a violar as leis de Deus.

Pergunta: Mas e se as partes já estiverem realmente casadas sem o consentimento dos pais? Devem viver juntas ou ser separadas? **Resposta:** 1. Se o casamento foi consumado *per carnalem concubitum* [pela união carnal], pelo conhecimento carnal um do outro, não vejo razão para imaginar que os pais possam dissolvê-lo ou proibir sua coabitação: pois o casamento (pelo que eu saiba) não provou ser uma nulidade, mas apenas um pecado, e seu *concubitus* [coito] não é fornicação; e os pais não podem proibir marido e mulher de viverem juntos: e no casamento eles realmente (embora pecaminosamente) deixam pai e mãe e se apegam um ao outro, e assim estão agora fora do governo deles (embora não desobrigados de toda obediência). 2. Mas se o casamento for apenas por conjunção verbal, os teólogos divergem sobre o que deve ser feito. Alguns pensam que não é casamento perfeito *ante concubitum* [antes do coito], e também que a conjunção deles tem apenas a natureza de uma promessa (de serem fiéis um ao outro como marido e mulher): e, portanto, a matéria prometida é ilícita até que os pais consintam e, portanto, não deve ser feita. Mas eu penso antes (como a maioria) que ele tem tudo o que é essencial ao casamento *ante concubitum*; e que este casamento é mais do que uma promessa de fidelidade *de futuro* [para o futuro], sendo uma entrega real de si mesmos um ao outro *de praesenti* [no presente] também; e que a coisa prometida no casamento é lícita. Pois embora seja um pecado casar sem o

consentimento dos pais, quando isso já passou, é lícito que as pessoas casadas se unam, embora os pais não consentam; e, portanto, que tal casamento é válido e deve ser continuado, embora tenha sido feito pecaminosamente.

Sobre os votos de castidade

Um terceiro tipo que não é chamado por Deus para casar são aqueles que juraram absolutamente não casar. Tais pessoas não podem casar, a menos que a Providência as desobrigue, tornando isso um dever indispensável. E posso me lembrar de apenas duas maneiras pelas quais isso pode ser feito. 1. No caso de haver alguém com luxúria tão forte que nenhum outro meio lícito, exceto o casamento, possa bastar para manter sua castidade. Para tal pessoa, o casamento é um dever tão grande quanto comer ou beber, ou cobrir a própria nudez, ou impedir outro da impureza, ou da mentira, ou do roubo, ou algo semelhante. E se você fizesse um voto de que nunca comeria ou beberia, ou que andaria nu, ou que nunca impediria ninguém da impureza, mentira ou roubo, é ilícito cumprir esse voto. Mas toda a dúvida é se existem tais pessoas que não podem superar ou restringir sua luxúria por qualquer outro meio lícito. Suponho que seja possível que existam; mas creio que não é uma em cem. Se elas apenas praticarem as direções dadas anteriormente, parte i. cap. viii. parte v. tit. 1 e 2, suponho que sua luxúria possa ser restringida: e se isso não prevalecer, a ajuda de um médico pode: e se isso não prevalecer, alguns pensam que a ajuda de um cirurgião pode ser lícita, para manter um voto, no caso de não ser um perigo aparente de vida. Pois Cristo parece permitir isso, ao mencioná-lo sem reprovação (Mt 19:12), se esse texto deve ser entendido como castração: mas a maioria dos expositores pensa que se refere

apenas a uma resolução confirmada de castidade: e ordinariamente outros meios podem tornar isso desnecessário: e se for desnecessário ou perigoso, é ilícito sem dúvida.

A segunda maneira pela qual Deus pode dispensar um voto de castidade é tornando o casamento de uma pessoa uma necessidade aparente para a segurança pública. E sou capaz de discernir apenas um exemplo que alcançará o caso; e é se um rei jurou castidade e, caso não se case, seu próximo herdeiro sendo um inimigo declarado do cristianismo, a religião, a segurança e a felicidade de toda a nação estão aparentemente em perigo de serem derrubadas. Penso que o caso de tal rei é como o caso de um pai que jurou nunca prover alimento ou vestimenta para seus filhos: ou como se Acabe tivesse jurado que nenhum poço seria cavado na terra; e quando a seca chega, torna-se necessário para salvar as vidas do povo: ou como se o mestre do navio jurasse que o navio não seria bombeado; o que, quando ele vaza, torna-se necessário para salvar suas vidas. Nestes casos, Deus o desobriga de seu voto por uma mutação da matéria; e um pastor pode dispensá-lo declarativamente. Mas para o papa ou qualquer homem mortal pretender mais do que isso, é impiedade e engano.

Pergunta: Podem os idosos casar, sendo eles frígidos, impotentes e incapazes de procriação?

Resposta: Sim, Deus não os proibiu: e há outros fins lícitos para o casamento, como ajuda mútua e conforto, etc., que podem torná-lo lícito.

Direção 2. Para restringir sua prontidão desordenada para o casamento, mantenha as inconveniências comuns dele na memória. Não se lance apressadamente em um estado de vida

cujas inconveniências você nunca considerou. Se você tem um chamado para isso, o conhecimento das dificuldades e deveres será necessário para sua preparação e para suportá-los fielmente; se você não tem chamado, este conhecimento é necessário para mantê-lo afastado. Nomearei primeiro as inconveniências comuns a todos e, depois, algumas que são próprias dos ministros do evangelho, que têm uma razão maior para evitar uma vida de casado do que os outros homens.

1. O casamento ordinariamente mergulha os homens em excesso de cuidados mundanos; multiplica seus negócios e, usualmente, suas carências. Há muitas coisas para cuidar e fazer; há muitos para prover. E você terá que lidar com muitas pessoas, as quais todas têm uma disposição e interesse egoístas, e o julgarão apenas conforme você atenda aos fins delas. E entre muitas pessoas e negócios, algumas coisas frequentemente darão errado: você deve esperar muitos obstáculos e decepções. E suas naturezas não são tão fortes, contentes e pacientes a ponto de suportar tudo isso sem moléstia.
2. Suas carências em um estado de casado são supridas com mais dificuldade do que em uma vida de solteiro. Você sentirá falta de tantas coisas das quais antes nunca precisou, e terá tantos para prover e contentar, que tudo parecerá pouco, por mais que você tenha. Então, você estará frequentemente no limite de sua inteligência, preocupando-se com o futuro, o que comerá, o que beberá e com o que você e os seus se vestirão.
3. Suas carências em um estado de casado são muito mais difíceis de suportar do que em um estado de solteiro. É muito mais fácil suportarmos carências pessoais nós

mesmos do que ver as carências da esposa e dos filhos: o afeto fará com que os sofrimentos deles o atinjam. E a dignidade tornará um problema para sua mente precisar da ajuda de servos e carecer daquilo que é justo que os servos esperem. Mas, especialmente, o descontentamento e a impaciência de sua família o descontentarão mais do que todas as carências deles. Você não pode dar à sua esposa, filhos e servos mentes contentes. Oh, que provação dilacerante é ouvi-los queixando-se, murmurando e reclamando! Ouvi-los pedir o que você não tem para dar, e sofrerem com sua condição, e exclamarem contra você, ou contra a providência de Deus, porque não o têm! E não pense que as riquezas o livrarão desses descontentamentos; pois assim como os ricos são poucos, aqueles que têm muito têm muito o que fazer com isso. Um pé grande deve ter um sapato grande. Quando os homens pobres precisam de alguns pequenos suprimentos, os homens ricos podem precisar de grandes somas, ou provisões maiores, das quais o pobre pode facilmente prescindir. E sua condição, elevando-os a um orgulho maior, os atormenta com descontentamentos maiores. Quão poucos em todo o mundo que têm famílias estão contentes com seus bens!

4. Por causa disso, a vida de casado contém muito mais tentações para o mundanismo ou a avareza do que o estado de solteiro. Pois quando você pensa que precisa de mais, desejará mais: e quando descobrir que tudo é pouco demais para satisfazer aqueles para quem você provê, você medirá seus bens pelos desejos deles, e estará propenso a pensar que nunca tem o suficiente.

Pássaros e feras que têm filhotes para prover são mais famintos e vorazes. Você tem tantos agora para quem amearhar que pensará estar sempre em carência: não é apenas até a morte que você deve agora acumular; mas deve prover para os filhos que lhe sobreviverem. E enquanto você os considera como a si mesmo, você tem agora duas gerações para as quais fazer provisões: e a maioria dos homens é tão gananciosa por sua posteridade como se fosse por si mesma.

5. E, por causa disso, você é impedido de obras de caridade para com os outros: esposa e filhos são o abismo devorador que tudo engole. Se você tivesse apenas a si mesmo para prover, um pouco bastaria; e você poderia negar seus próprios desejos de coisas desnecessárias; e assim poderia ter provisão abundante para boas obras. Mas, no momento em que esposa e filhos são providos, e todos os seus desejos importunos satisfeitos, não sobra nada considerável para usos piedosos ou caritativos. A experiência lamentável proclama isso.
6. E por aqui transparece o quanto um estado de casado ordinariamente impede os homens de honrar sua profissão. São seus votos de vida de solteiro que deram ocasião aos papistas para fazerem tantas obras de caridade pública, como se vangloriam para a honra de sua seita. Pois quando não têm filhos para quem deixar seus bens, e não podem guardá-los para si mesmos, é fácil para eles deixá-los para tais usos que mais apaziguarão suas consciências e enaltecerão seus nomes. E se isso provasse ser uma obra tão boa e tão aceitável a Deus, educar seus próprios filhos

piedosamente para o seu serviço, quanto socorrer os filhos dos pobres, ainda assim não é tão respeitado no mundo, nem traz tanta honra à religião. Cem libras dadas aos pobres promoverão mais a reputação de sua liberalidade e virtude do que mil libras dadas a seus próprios filhos, embora seja com um fim tão piedoso quanto treiná-los para o serviço da igreja. E embora isso seja insignificante no que diz respeito à sua própria honra, é considerável no que diz respeito à honra da religião e ao bem das almas.

7. E não é pouca paciência que a imbecilidade natural do sexo feminino exige que você prepare. Exceto por muito poucas que são pacientes e viris, as mulheres são comumente de fantasias potentes e espíritos ternos, apaixonados e impacientes, facilmente lançadas na ira, ou ciúme, ou descontentamento; e de entendimentos fracos e, portanto, incapazes de se reformarem. Elas estão entre um homem e uma criança: algumas poucas têm mais do homem, e muitas têm mais da criança; mas a maioria está em um estado intermediário. A fraqueza naturalmente inclina as pessoas a serem impertinentes e difíceis de agradar; como vemos em crianças, idosos e pessoas doentes. Elas são como um corpo dolorido e perturbado; você mal pode tocá-las sem machucá-las. Com muitas delas, você mal sabe como falar ou olhar sem desagradá-las. Se você fosse muito versado na arte de agradar, e se dedicasse a isso com todo o seu cuidado, como se fizesse disso seu próprio negócio e tivesse pouco mais a fazer, ainda assim seria difícil para você agradar algumas pessoas fracas e impacientes, se não ultrapassasse totalmente sua habilidade e perícia. E

quanto mais você as amar, mais doloroso será ver seus descontentamentos contínuos, o cansaço de sua condição e ouvir as expressões clamorosas de suas mentes inquietas. Além disso, a própria multidão de palavras a que muitas são viciadas torna a vida de alguns homens um fardo contínuo para eles. Note o que a Escritura diz: Pv 21:9, "Melhor é morar num canto do telhado do que com a mulher rixosa numa casa ampla". Versículo 19, "Melhor é morar numa terra deserta do que com a mulher rixosa e iracunda". Assim também cap. 25:24 e 27:15, "O gotejar contínuo em dia de grande chuva e a mulher rixosa são semelhantes". Ec 7:28, "Um homem entre mil achei eu; mas uma mulher entre todas estas não achei".

8. E há tal encontro de falhas e imperfeições em ambos os lados, que torna muito mais difícil suportar corretamente as enfermidades alheias. Se apenas uma das partes fosse impertinente e impaciente, a firmeza da outra poderia tornar a situação mais tolerável; mas todos estamos doentes, em certa medida, da mesma doença. E quando a fraqueza se encontra com a fraqueza, o orgulho com o orgulho, e a paixão com a paixão, isso exaspera a doença e dobra o sofrimento. E nossa corrupção é tal que, embora nossa intenção seja ajudar uns aos outros em nossos deveres, somos muito mais propensos a atizar os temperamentos uns dos outros.
9. Os negócios, cuidados e problemas de uma vida de casado são uma grande tentação para desviar nossos pensamentos de Deus e distraí-los da "única coisa

necessária" (Lc 10:42); e para distrair a mente e torná-la indisposta para o dever sagrado, e para servir a Deus com um coração dividido, como se não o servissemos. Quão difícil é orar ou meditar com qualquer fervor sério quando se vem de uma multidão de cuidados e negócios! Ouça o que diz São Paulo: "Pois eu gostaria que todos os homens fossem como eu mesmo. — Digo aos solteiros e às viúvas: é bom para eles se permanecerem como eu" (1 Co 7:7-8). "Acho, pois, que é bom para o homem, por causa da presente angústia, o estar assim: — tais pessoas sofrerão tribulações na carne" (1 Co 7:26-28). "Mas eu gostaria que estivessem livres de preocupações. O solteiro cuida das coisas do Senhor, em como pode agradar ao Senhor; mas o que é casado cuida das coisas do mundo, em como pode agradar à sua esposa" (1 Co 7:32-33). "A mulher solteira cuida das coisas do Senhor para ser santa, tanto no corpo como no espírito; mas a casada cuida das coisas do mundo, em como há de agradar ao marido. E digo isto para proveito vosso; não para vos enredar, mas para o que é decente e para que possais dedicar-vos ao Senhor sem distração" (1 Co 7:34-35). "Aquele que está firme em seu coração, não tendo necessidade, mas tendo domínio sobre a sua própria vontade, e tendo determinado no seu coração guardar a sua virgem, faz bem. De sorte que, o que a dá em casamento faz bem; mas o que não a dá em casamento faz melhor" (1 Co 7:37-38). E observe as próprias palavras de Cristo: "Disseram-lhe seus discípulos: Se tal é a condição do homem relativamente à mulher, não convém casar. Ele,

porém, lhes disse: Nem todos podem receber esta palavra, mas só aqueles a quem foi concedido — Quem pode receber isto, receba-o" (Mt 19:10-12).

10. Os afazeres de um estado de casado comumente devoram quase todo o seu tempo, de modo que pouco resta para as santas contemplações ou pensamentos sérios sobre a vida futura. Todo o serviço de Deus é contraído e empurrado para um canto, e feito, por assim dizer, de passagem: o mundo dificilmente lhe permitirá tempo para meditar, ou orar, ou ler a Escritura; você se considera (como Marta) sob uma necessidade maior de despachar seus negócios do que de sentar-se aos pés de Cristo para ouvir sua palavra. Oh, se as pessoas solteiras soubessem (na maior parte) a preciosidade de seu lazer, e quão livres estão para atender ao serviço de Deus e aprender sua palavra, em comparação com os casados!
11. Há uma diversidade tão grande de temperamentos e graus de entendimento que dificilmente existem duas pessoas no mundo sem que haja alguma inadequação entre elas. Como pedras que têm alguma irregularidade que as faz assentar tortas na construção; haverá alguma oposição de opinião, disposição, interesse ou vontade, por natureza, ou por costume e educação, que despertará descontentamentos frequentes.
12. Há uma grande quantidade de deveres que marido e mulher devem um ao outro; como instruir, admoestar, orar, vigiar um ao outro e serem ajudantes contínuos um do outro em vista de sua felicidade eterna; e

suportar pacientemente as enfermidades um do outro: e para o coração fraco e relutante do homem, a adição de tanto dever aumenta seu cansaço, por melhor que seja a obra em si: e os homens devem sentir suas forças antes de assumirem mais trabalho.

13. E quanto mais eles se amam, mais participam das dores um do outro; e um ou outro estará frequentemente sob algum tipo de sofrimento. Se um estiver doente, ou coxo, ou com dor, ou difamado, ou injustiçado, ou inquieto na mente, ou por tentação cair em algum pecado que fira, o outro carrega parte da angústia. Portanto, antes de se comprometer a carregar todos os fardos de outrem e sofrer em todos os danos de outrem, cabe a você observar sua força, quanto mais você tem do que seus próprios fardos exigem.
14. E se você se casar com alguém que se prove ímpio, quão excessivamente grande seria a aflição! Se você os amasse, suas almas estariam em perigo contínuo por causa deles; eles seriam os instrumentos mais poderosos do mundo para perverter seus julgamentos, para amortecer seus corações, para afastá-los de uma vida santa, para matar suas orações, para corromper suas vidas e para condenar suas almas. E se você tivesse a graça de escapar da armadilha e salvar a si mesmo, seria com dificuldade e sofrimento tanto maiores quanto maior é a tentação. E que quebra-coração seria conversar tão intimamente com um filho do diabo, que provavelmente jazerá para sempre no

inferno! Os pensamentos diários disso seriam uma morte diária para você.

15. As mulheres, especialmente, devem esperar tanto sofrimento em uma vida de casada que, se Deus não tivesse colocado nelas uma inclinação natural para isso, e um amor tão forte por seus filhos que as torna pacientes sob os problemas mais irritantes, o mundo já teria chegado ao fim antes disso, através da recusa delas a uma vida tão calamitosa. Seus enjoos na gestação, sua dor no parto, com o perigo de suas vidas, o problema cansativo dia e noite que têm com seus filhos na amamentação e na infância; além de sua sujeição aos maridos e o cuidado contínuo dos assuntos familiares; sendo forçadas a consumir suas vidas em uma multidão de negócios baixos e problemáticos: tudo isso, e muito mais, teria dissuadido totalmente esse sexo do casamento, se a própria natureza não as tivesse inclinado a ele.
16. E oh, que abundância de deveres incumbe a ambos os pais para com cada filho para a salvação de suas almas! Que trabalho incessante é necessário para ensinar-lhes a doutrina da salvação! O que fez com que Deus, por duas vezes, os encarregasse de ensinar sua palavra diligentemente (ou afiá-la) "a teus filhos, e delas falarás sentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te e ao levantar-te" (Dt 6:6-7; 11:19). Que abundância de corrupções obstinadas e enraizadas há nos corações das crianças, que os pais devem, com toda a diligência possível, erradicar! Oh, quão grande e

ádua obra é falar-lhes de seus pecados e do Salvador, de seu Deus, de suas almas e da vida futura, com aquela reverência, gravidade, seriedade e constância incansável que o peso do assunto exige! E adequar todas as suas ações e comportamento aos mesmos fins! Pouco sabem a maioria dos que têm filhos que abundância de cuidado e trabalho Deus exigirá deles para a santificação e salvação das almas de seus filhos. Considere sua aptidão para tão grande obra antes de assumi-la.

17. É uma abundância de aflição que ordinariamente se deve esperar nos desvios dos filhos, mesmo quando você fez o seu melhor, muito mais se você negligenciar o seu dever, como até pais piedosos fazem com frequência excessiva. Depois de todo o seu esforço, cuidado e trabalho, você deve esperar que a tolice de alguns, a obstinação de outros e a ingratidão daqueles que você mais amou venham a traspasar o seu coração. Você deve esperar que muitos vícios brotem e o perturbem; e sejam tanto mais dolorosos quanto mais queridos forem seus filhos. E oh, que dor é criar um filho para ser um servo do diabo, um inimigo de Deus e da piedade, e um perseguidor da igreja de Deus! E pensar nele jazendo no inferno para sempre! E, infelizmente, quão grande é o número de tais!
18. E não é pouco cuidado e problema que os servos lhe causarão; tão difícil é conseguir aqueles que são bons, muito mais torná-los bons; tão grande é o seu dever em ensiná-los e lembrá-los dos assuntos de sua salvação; tão frequentes serão os desagradados sobre o seu trabalho

e negócios mundanos, e cada um desses desagradados os impedirá de receber suas instruções; que a maioria das famílias são casas de correção ou de aflição.

19. E essas cruzes do casamento não são por um ano, mas durante a vida; elas o privam de toda esperança de alívio enquanto viverem juntos. Não há lugar para arrependimento, nem para buscar uma maneira de escapar delas. Somente a morte deve ser o seu alívio. E, portanto, tal mudança de sua condição deve ser seriamente pensada de antemão, e todos os problemas devem ser previstos e ponderados.
20. E se o amor os torna caros um ao outro, sua separação na morte será tanto mais dolorosa. E quando vocês se unem pela primeira vez, sabem que tal separação terão de ter; através de todo o curso de suas vidas vocês podem prevê-la: um de vocês deve ver o corpo de seu amado transformado em um torrão frio e medonho; você deve segui-lo chorando até a sepultura e deixá-lo lá no pó e nas trevas; lá ele deve jazer apodrecendo como uma massa repugnante, cuja visão ou cheiro você não pode suportar; até que você logo o siga e se deite você mesmo na mesma condição. Todos estes são os acompanhantes e consequentes comuns do casamento; falados fácil e rapidamente, mas longos e difíceis de serem suportados! Não são ficções, mas realidades, e menos do que a maioria tem razão para esperar. E deveria tal vida ser arriscada precipitadamente em um acesso de luxúria? Ou tal fardo ser assumido sem reflexão?

Sobre o casamento de ministros

Mas, especialmente, os ministros do evangelho devem pensar no que fazem, e pensar novamente, antes de entrarem em uma vida de casados. Não que isso lhes seja simplesmente ilícito, ou que devam ser impedidos disso por uma lei, como são no reino de Roma, para fins carnais e com efeitos odiosos. Mas tão grande impedimento ordinariamente é este estado de vida problemático para a sagrada ministração que assumem, que um chamado muito claro deve ser esperado para sua satisfação. Para não ser tedioso, considere bem apenas estas quatro coisas: 1. Quão bem uma vida de tanto cuidado e negócio se adequará a você, que tem tempo insuficiente para a obra maior que assumiu? Você sabe o que tem a fazer em público e em privado? Na leitura, meditação, oração, pregação, instrução pessoal e de casa em casa? E você sabe de quão grande importância isso é? Até mesmo para a salvação das almas dos homens? E você tem tempo de sobra para tantos cuidados e negócios mundanos? Não lhe é ordenado: "Medita estas coisas; ocupa-te nelas inteiramente" (1 Tm 4:15). "Ninguém que milita se embaraça com negócios desta vida, a fim de agradar àquele que o alistou para a guerra" (2 Tm 2:4). Não está isto claro? Soldados não costumam cuidar de fazendas e servos. Se vocês são ministros fiéis, ousa dizer com confiança que acharão todo o seu tempo tão pouco para o seu trabalho próprio que, muitas vezes, gemerão e dirão: Oh, quão curto e veloz é o tempo! E, oh, quão grande e lenta é a minha obra e dever! 2. Considere quão bem uma vida de tantas diversões, evocações e distrações se adequa a uma mente dedicada a Deus, que deveria estar sempre livre e pronta para o

seu serviço. Seus estudos versam sobre assuntos tão grandes e misteriosos que exigem toda a mente, e tudo é pouco. Resolver as muitas dificuldades que estão diante de você, preparar aquelas palavras adequadas e convincentes que possam traspassar e persuadir os corações dos ouvintes, entrar no íntimo de um hipócrita, acompanhar a palavra até que ela alcance seu efeito, e lidar com as pobres almas de acordo com sua grande necessidade, e manejar a palavra de Deus de acordo com sua santidade e majestade, estas são coisas que exigem um homem inteiro, e não são ocupações para uma mente dividida ou distraída. A conversa das mulheres, o choro das crianças e os cuidados e negócios do mundo são preparações ou acompanhamentos ruins para esses estudos. 3. Considere bem se uma vida de tanta perturbação é agradável a alguém cujos afetos devem ser absorvidos por Deus; e cujo trabalho deve ser todo feito, não formalmente e afetadamente apenas com os lábios, mas seriamente com todo o coração. Se o seu coração e afetos calorosos forem em qualquer momento deixados para trás, a vida e o poder, a beleza e a glória de sua obra estarão perdidos. Quão mortos serão seus estudos, orações, pregações e conversas! E você pode manter esses afetos calorosos e vigorosos para Deus, e ocupados com o céu e as coisas celestiais, se eles forem perturbados com os cuidados e as cruzes do mundo, e ocupados com assuntos carnavais? 4. E considere também quão bem aquela vida indigente se adequará a alguém que, pela caridade e boas obras, deveria secundar sua doutrina e ganhar as almas dos homens para o amor à santidade. Se você não alimenta os corpos dos pobres, eles saborearão menos o alimento da alma. Mais ainda, se você não abundar acima dos outros em boas obras, o mundo cego e

malicioso não verá nada que seja bom em você; mas dirá: Você tem boas palavras, mas onde estão suas boas obras? Quantos conheci endurecidos contra o evangelho e a religião por uma fama comum de que esses pregadores são tão gananciosos, mundanos e sem caridade quanto quaisquer outros! E deve ser algo extraordinário que venha a refutar tal fama. E que abundância de sucesso tenho visto nos trabalhos daqueles ministros que dão tudo o que têm em obras de caridade! Embora um homem rico e resolvido possa fazer algum bem em um estado de casado, comumente isso é quase nada quanto aos fins agora mencionados; esposa, filhos e necessidades familiares devoram tudo, por mais que você tenha. E alguma provisão deve ser feita para eles quando você morrer: e a manutenção do ministério não é tão grande que baste bem para tudo isso, muito menos para quaisquer obras eminentes de caridade além disso! Nunca conte com o fazer muito bem aos pobres se você tiver esposa e filhos próprios! Tais instâncias são raridades e prodígios. Tudo será pouco demais para vocês mesmos. Ao passo que, se tudo o que fosse dado aos pobres fosse o que vai para o sustento de suas famílias, você mal sabe o quanto isso reconciliaria as mentes dos ímpios e promoveria o sucesso de seu trabalho ministerial.

Direção 3. Se Deus o chamar para uma vida de casado, espere todos esses problemas, ou a maioria deles; e faça uma preparação particular para cada tentação, cruz e dever que você deve esperar. Não pense que você está entrando em um estado de mero deleite, para que ele não se prove apenas um paraíso de tolos para você. Veja que você esteja munido de força e paciência para o casamento, para os deveres e sofrimentos de

um estado de casado, antes de se aventurar nele. Especialmente, 1. Esteja bem provido contra as tentações de uma mente e vida mundanas: pois aqui você provavelmente será assaltado de forma mais violenta e perigosa. 2. Veja que você esteja bem provido de afetos conjugais: pois eles são necessários tanto para os deveres quanto para os sofrimentos de uma vida de casado. E você não deve entrar no estado sem as preparações necessárias. 3. Veja que você esteja bem provido de prudência e entendimento matrimonial, para que possa instruir e edificar sua família, e possa viver com eles como homem de conhecimento (1 Pe 3:7), e possa gerir todos os seus negócios com discrição (Sl 112:5). 4. Veja que você esteja provido de determinação e constância, para que não se aflija a si mesmo e aos seus parentes por arrependimentos tardios; e não venha a dizer: se eu soubesse, ou *non putaram* [eu não pensava]. A levandade e a mutabilidade não são preparativos adequados para um estado que apenas a morte pode mudar. Que o amor e as resoluções que o trouxeram a esse estado continuem com você até o fim. 5. Veja que você esteja provido de uma diligência proporcional à grandeza dos deveres assumidos. Uma mente preguiçosa é inadequada para quem se lança voluntariamente em tantos negócios; assim como uma mente covarde é inadequada para quem se alista como soldado para as guerras. 6. Veja que você esteja bem provido de paciência matrimonial; para suportar as enfermidades dos outros e passar pelas cruzes diárias de sua vida, que seus negócios e necessidades, e suas próprias enfermidades, inevitavelmente trarão. Casar-se sem toda essa preparação é tão tolo quanto ir para o mar sem os preparativos necessários para sua viagem, ou ir para a guerra sem armadura ou munição, ou

ir trabalhar sem ferramentas ou força, ou ir comprar carne no mercado quando não se tem dinheiro.

Direção 4. Tome cuidado especial para que a fantasia e a paixão não dominem a razão e o conselho dos amigos na escolha de sua condição ou da pessoa. Sei que você deve ter amor por aqueles com quem se une; mas esse amor deve ser racional, e tal que você possa justificar na prova mais severa, pelas evidências de valor e adequação na pessoa a quem você ama. Dizer que ama, mas não sabe por quê, é mais próprio de crianças ou loucos do que daqueles que estão entrando sobriamente em uma mudança de vida de tão grande importância para eles. Um amor cego que o faz pensar que uma pessoa é excelente e amável, quando aos olhos dos mais sábios que são imparciais ela não o é em nada, ou o faz supervalorizar a pessoa de quem você gosta, e ser apaixonado por alguém como se fosse uma criatura admirável, que aos olhos de outros é quase desprezível, isso não é senão o índice e a evidência de sua tolice. E embora você se deleite nisso e o honre com o nome de amor, não há ninguém que o conheça que lhe dará outro nome senão luxúria ou fantasia. E o casamento que é feito por luxúria ou fantasia nunca tenderá ao conteúdo sólido ou à verdadeira felicidade; mas ou ele se alimentará até a morte com o combustível que o acendeu, e então se apagará em vergonha eterna; ou então, mais ordinariamente, provará ser apenas uma labareda e se transformará em aversão e cansaço um do outro. E porque esta paixão da luxúria (chamada amor) é uma coisa tão embrutecedora e cegante (como o desejo de uma mulher grávida), é o dever de todos os que sentem qualquer toque dela se acender em seus corações, chamá-la

imediatamente ao julgamento e extingui-la eficazmente; e até que isso seja feito (se tiverem algum resquício de juízo ou razão), suspeitar de suas próprias apreensões e, muito mais, confiar no julgamento e conselho de outros.

Como curar o amor lascivo

Os meios para extinguir esta luxúria chamada amor, eu já expus amplamente antes. Vou agora apenas lembrá-lo destes poucos. 1. Mantenham-se separados e a uma distância suficiente da pessoa por quem você está doting [encantado]. A proximidade do fogo e do combustível causa a combustão. A fantasia e a luxúria são inflamadas pelos sentidos. Mantenha-se fora de vista e, com o tempo, a febre pode diminuir. 2. Não supervalorize a vaidade. Não pense alto de um casaco de seda, ou dos grandes nomes dos ancestrais, ou de dinheiro, ou terras, ou de um rosto pintado ou manchado, nem daquela beleza natural chamada formosura: não julgue as coisas como crianças, mas como homens: não faça papel de tolo magnificando ninharias e negligenciando o valor real e interior. Você se apaixonaria por uma flor ou um quadro dessa maneira? Pense em que estrago a varíola, ou qualquer outra doença definhante, fará com essa beleza tola que você tanto admira: pense em que espetáculo a morte a transformará; e como muitos milhares, outrora mais belos, transformaram-se agora em terra comum! E quantas milhares de almas estão agora no inferno, que por um corpo belo foram afogadas na luxúria e tentadas a negligenciar a si mesmas! E quão poucos no mundo você pode nomear que tenham sido muito melhores por causa disso! Que coisa infantil é encantar-se com um livro de contos

e mentiras porque ele tem uma capa bonita e dourada! E desvalorizar os escritos dos sábios porque têm um exterior simples e caseiro! 3. Governe seus pensamentos e não os deixe correr sem mestre conforme a fantasia comandar. Se a razão não pode afastar seus pensamentos de seguir um desejo e imaginação lascivos, não é de admirar que alguém que cavalga em um potro tão desenfreado seja lançado na lama. 4. Não viva ociosamente, mas deixe que os negócios de suas vocações ocupem seu tempo e empreguem seus pensamentos. Uma mente ociosa e carnal é a carcaça onde rasteja o verme da luxúria, e o ninho onde o diabo choca tanto este quanto muitos outros pecados perniciosos. 5. Por último e principalmente, não esqueça os interesses de suas almas: lembre-se de quão perto você está da eternidade e que trabalho você tem a fazer para sua salvação: não esqueça a presença de Deus, nem a aproximação da morte. Olhe frequentemente pela fé para o céu e o inferno, e mantenha a consciência sensível; e então eu lhe garanto que você encontrará outra coisa com que se ocupar além da luxúria, e assuntos maiores do que uma carcaça tola para ocupar seus pensamentos; e você sentirá aquele amor celestial dentro de você, que extinguirá o amor terreno e carnal.

Direção 5. Não seja apressado em sua escolha ou resolução, mas delibere bem e conheça profundamente a pessoa de quem tanto do conforto ou da tristeza de sua vida necessariamente dependerá. Onde o arrependimento não tem lugar, maior cuidado deve ser usado para evitá-lo. A razão exige que você conheça bem aqueles a quem confia apenas um segredo importante, muito mais com toda a sua honra ou bens; e, acima de tudo, alguém a quem você deve confiar tanto do conforto de

suas vidas e suas vantagens para uma vida melhor. Nenhum cuidado e cautela podem ser excessivos em um assunto de tão grande importância.

Direção 6. Não permita que motivos carnaís o convençam a se unir a uma pessoa ímpia; mas que o santo temor de Deus seja preferido em sua escolha antes de qualquer excelência mundana. Não se case com um porco por causa de um cocho de ouro; nem com uma alma feia por causa de um corpo atraente. Considere, 1. Caso contrário, você dará causa a grande suspeita de que você mesmo é ímpio: pois aqueles que conhecem verdadeiramente a miséria de uma alma não renovada, e a excelência da imagem de Deus, nunca podem ser indiferentes sobre se estão unidos ao piedoso ou ao ímpio. Preferir habitualmente as coisas temporais às espirituais, e nos atos predominantes do coração e da vida, é o caráter certo de uma alma sem graça! E aquele que, em um caso tão próximo, prefere deliberadamente as riquezas ou a beleza em outro, antes da imagem e do temor de Deus, dá um sinal muito perigoso de tal coração e vontade sem graça. Se você dá mais valor à beleza ou às riquezas do que à piedade, você tem a marca mais segura de que é ímpio. Se você não lhes dá mais valor, como chega a preferi-los deliberadamente? Como pôde fazer algo que detecta sua impiedade e o condena mais claramente? E não mostra você que ou não crê na palavra de Deus ou então que não o ama e não se importa com o interesse dele? Caso contrário, você tomaria os amigos dele como seus amigos e os inimigos dele como seus inimigos. Diga-me, você se casaria com um inimigo seu, antes de qualquer mudança e reconciliação? Estou confiante de que não. E pode você tão facilmente casar-se com

um inimigo de Deus? Se você não sabe que todos os ímpios e não santificados são inimigos dele, você não conhece, ou não crê na palavra de Deus; que lhe diz que "a inclinação da carne é inimizada contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser. Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus" (Rm 8:7-8). 2. Se vocês mesmos temem a Deus, seu fim principal no casamento será ter alguém que seja um ajudante para sua alma e o promova no caminho para o céu: mas se você se casar com uma pessoa que é ímpia, ou você não tem tal fim, ou então pode facilmente saber que não escolheu os meios com mais sabedoria do que se tivesse escolhido água para acender o fogo, ou uma cama de neve para se manter aquecido. Uma pessoa ignorante ou ímpia o ajudará na oração e na santa vigília, e o despertará para o amor de Deus e para uma mente celestial? E pode você tão voluntariamente perder todo o benefício espiritual, que deveria principalmente desejar e pretender? 3. Pelo contrário, em vez de um ajudante, você terá um impedimento contínuo: quando você deveria ir orar, terá alguém para puxá-lo de volta, ou para encher sua mente com diversões ou inquietações! Quando você deveria manter-se próximo de Deus em santas meditações, terá alguém para lançar pensamentos mundanos ou perturbar sua mente com vaidade ou vexação. Quando você deveria discorrer sobre Deus e as coisas celestiais, terá alguém para sufocar tal discurso e encher seus ouvidos com conversas ociosas, impertinentes ou mundanas. E um tal impedimento tão perto de você, em seu seio, será pior do que mil mais distantes. Assim como um coração ímpio, que é o que está mais próximo de nós, é o nosso maior impedimento, assim um marido ou esposa ímpio, que é o próximo a isso, é pior para nós do que muitos

vizinhos ímpios. E se você pensa que pode superar bem tais impedimentos, e que seu coração é tão bom que nenhum desses entraves pode segurá-lo, você apenas mostra que tem um coração orgulhoso e não humilhado, que está preparado para uma queda. Se você se conhece e conhece a maldade de seu coração, saberá que não precisa de impedimentos em nenhuma obra santa, e que todas as ajudas do mundo são pouco, e pouco demais, para manter sua alma no amor de Deus. 4. E tal companheiro ímpio será para você uma tentação contínua ao pecado. Em vez de despertá-lo para o bem, você terá alguém para despertá-lo para o mal, para a paixão, ou descontentamento, ou avareza, ou orgulho, ou vingança, ou sensualidade. E você já não pode pecar o suficiente sem tal tentador? 5. E que dor contínua será para você, se for crente, ter um filho do diabo em seu seio! E pensar quão longe vocês devem ser separados na morte! E em que tormentos aqueles devem jazer para sempre, que são tão queridos para você agora! 6. Sim, tais companheiros serão incapazes da parte principal do seu amor. Você pode amá-los como maridos ou esposas, mas não pode amá-los como santos e membros de Cristo. E quão grande falta isso fará em seu amor, sabem aqueles que sabem o que é este santo amor.

Pergunta: Mas como posso saber quem é piedoso, quando há tanta hipocrisia no mundo?

Resposta: Pelo menos você pode saber quem é ímpio se isso for palpavelmente descoberto. Não tomo um conhecimento estéril por impiedade, nem uma língua ágil por piedade: julgue-os pelo seu amor: tal como é o amor de um homem, tal é o

homem. Se eles amam a palavra, os servos e o culto de Deus, e amam uma vida santa, e odeiam o contrário, você pode unir-se a tais, embora seu conhecimento seja pequeno e suas habilidades sejam fracas; mas se eles não têm amor por essas coisas, mas preferem viver uma vida comum, descuidada e carnal, você pode muito bem evitá-los como ímpios.

Pergunta: Mas se pessoas ímpias podem se casar, por que não posso eu me casar com alguém que é ímpio?

Resposta: Embora cães e porcos possam se unir na geração, não se segue que homens ou mulheres possam se unir a eles. Perdoe a comparação (enquanto Cristo chama os ímpios de cães e porcos, Mt 7:6), ela apenas mostra a ruindade de sua consequência. Os incrédulos podem se casar, e ainda assim nós não podemos nos casar com incrédulos. "Não vos prendais a um jugo desigual com os incrédulos; pois que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas? E que concórdia há entre Cristo e Belial? Ou que parte tem o fiel com o infiel? E que consenso tem o templo de Deus com os ídolos? Porque vós sois o templo do Deus vivente — Por isso saí do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor; e não toqueis nada imundo", etc. (2 Co 6:14-17).

Pergunta: Mas não tenho dúvida de que eles podem ser convertidos: Deus pode chamá-los quando quiser: se houver apenas amor, eles serão facilmente ganhos para serem da mesma opinião daqueles que amam?

Resposta: 1. Então parece que, porque você ama uma pessoa ímpia, você será facilmente levado a ser ímpio. Se for assim, você já não é muito melhor. Se o amor não o atrairá para a mente deles para ser ímpio, por que deveria você pensar que o amor os atrairá para a sua mente para serem piedosos? Você é mais forte na graça do que eles no pecado? 2. Se você soubesse bem o que é a graça e o que é uma alma pecaminosa e não renovada, não pensaria ser assunto tão fácil converter uma alma. Por que há tão poucos convertidos, se é coisa tão fácil? Você não pode tornar-se melhor adicionando graus mais elevados à graça que tem: muito menos pode tornar outro melhor, dando-lhe a graça que ele não tem. 3. É verdade que Deus é capaz de convertê-los quando quiser; e é verdade que, pelo que eu saiba, isso pode ser feito. Mas o que tem isso? Você, em um caso tão pesado, contentar-se-á com uma mera possibilidade? Deus pode tornar rico um mendigo e, pelo que você sabe em contrário, ele o fará; e nem por isso você se casará com um mendigo: nem se casará com um leproso porque Deus pode curá-lo; por que então deveria se casar com uma pessoa ímpia porque Deus pode convertê-la? Veja isso feito primeiro, se você ama sua paz e segurança.

Pergunta: Mas e se meus pais me ordenarem casar com uma pessoa ímpia?

Resposta: Tendo Deus proibido, nenhum pai tem autoridade para ordenar que você faça tão grande mal a si mesmo, não mais do que para cortar sua própria garganta ou desmembrar seu corpo.

Pergunta: Mas e se eu tiver necessidade de casar e não conseguir ninguém senão uma pessoa ímpia?

Resposta: Se esse for realmente o seu caso, que sua necessidade seja real e você não consiga outro, creio que é lícito.

Pergunta: Mas não é melhor ter uma pessoa de boa natureza que seja ímpia do que uma pessoa de má natureza que seja religiosa, como muitas o são? E não pode um homem mau ser um bom marido?

Resposta: 1. Um homem mau pode ser um bom alfaiate, ou sapateiro, ou carpinteiro, ou marinho, porque não há virtude moral necessária para o bom desempenho de seu trabalho. Mas um homem mau não pode ser simplesmente um bom magistrado, ou ministro, ou marido, ou pai, porque há muita virtude moral necessária para seus deveres. 2. Uma natureza má, não mortificada e não domada, é inconsistente com a verdadeira piedade; tais pessoas podem falar e professar o que quiserem; mas "se alguém entre vós parece ser religioso, e não refreia a sua língua, mas engana o seu coração, a religião desse é vã" (Tg 1:26). 3. Eu não disse que a piedade sozinha é tudo o que você deve procurar; embora esta seja a primeira coisa, mais é necessário.

Direção 7. Próximo ao temor de Deus, escolha uma natureza ou temperamento que não seja excessivamente inadequado para você. Uma oposição de disposições será uma aflição contínua; e você terá uma guerra doméstica em vez de amor.

Especialmente certifique-se das seguintes qualidades: 1. Que haja uma natureza amorosa, e não egoísta, que não tenha consideração por outrem senão para seu próprio fim. 2. Que haja uma natureza competentemente quieta e paciente, e não intoleravelmente impertinente e difícil de agradar. 3. Que haja uma competência de inteligência; pois ninguém pode viver amorosa e confortavelmente com um tolo. 4. Que haja uma humildade competente; pois não se deve esperar quietude com os orgulhosos. 5. Que haja o poder de silenciar, tanto quanto o de falar; pois uma língua tagarela é uma aflição contínua.

Direção 8. Próximo à graça e à natureza, tenha um respeito devido e moderado à pessoa, educação e bens. 1. Tenha respeito à pessoa até o ponto em que não haja falta de saúde que torne sua condição excessivamente pesada; nem qualquer deformidade tal que possa impedir seus afetos. 2. E tenha respeito à linhagem e educação até o ponto em que não haja grande inadequação de mente, nem quaisquer opiniões preconceituosas na religião, que possam torná-los muito desiguais. Opiniões divergentes na religião são muito mais toleráveis em pessoas mais distantes do que em relações tão próximas. E aqueles que são criados muito alto em ociosidade e luxo devem ter uma obra profunda da graça para torná-los aptos para uma condição baixa e curar o orgulho e a sensualidade que são tomados como emblemas honrosos de sua fidalguia; e é pouco considerável quão ricos tais sejam; pois seu orgulho e luxo se igualarão a tudo, e estarão sempre em maior carência do que a pobreza honesta, contente e temperada.

Direção 9. Se Deus o chamar para o casamento, note as ajudas e confortos dessa condição, bem como os impedimentos e problemas; para que você possa alegremente servir a Deus nela, na expectativa de sua bênção. Embora a corrupção do homem tenha enchido esse e todo estado de vida com armadilhas e problemas, contudo, desde o princípio não foi assim; Deus o designou para ajuda mútua, e como tal pode ser usado. Assim como a vida de casado tem suas tentações e aflições, também tem seus benefícios peculiares, que você deve aceitar com gratidão e reconhecer perante Deus. Veja Ec 4:10-12.

1. É uma misericórdia em vista da propagação de um povo na terra para amar e honrar seu Criador, e para servir a Deus no mundo e desfrutá-lo para sempre. Não é pequena misericórdia ser pai de uma semente piedosa; e este é o fim da instituição do casamento (Mt 2:15). E isso os pais podem esperar, se não forem omissos de sua parte; embora às vezes seus filhos se provem ímpios.

2. É uma misericórdia ter um amigo fiel, que o ama inteiramente e é tão verdadeiro para você quanto você mesmo, a quem você pode abrir sua mente e comunicar seus assuntos, e que estaria pronto para fortalecê-lo, e dividir os cuidados de seus negócios e família com você, e ajudá-lo a carregar seus fardos, e confortá-lo em suas dores, e ser o companheiro diário de suas vidas e participante de suas alegrias e tristezas.

3. E é uma misericórdia ter um amigo tão próximo para ser um ajudante para sua alma; para unir-se a você na oração e outros exercícios santos; para vigiar sobre você e dizer-lhe de seus pecados e perigos, e para despertar em você a graça de Deus e lembrá-lo da vida futura, e alegremente acompanhá-lo nos caminhos da santidade. "A mulher prudente vem do Senhor" (Pv 19:14). Assim é dito: "O que acha uma

mulher acha uma coisa boa e alcançou o favor do Senhor" (Pv 18:22). Veja Pv 31:10-12, etc.

Direção 10. Que seu pacto matrimonial seja feito com entendimento, deliberação, de coração, no temor de Deus, com uma resolução fixa de cumpri-lo fielmente. Entenda bem todos os deveres de sua relação antes de entrar nela; e não corra para ela como meninos para uma brincadeira, mas com o senso de seu dever, como aqueles que se comprometem com uma grande quantidade de trabalho de grande importância para com Deus e para com o outro. Dirijam-se, portanto, de antemão a Deus em busca de conselho, e peçam fervorosamente sua orientação e sua bênção, e não corram sem ele ou antes dele. Conte com o pior e preveja todas as tentações que diminuiriam seus afetos ou o tornariam infiel ao outro; e veja que você esteja fortalecido contra todas elas.

Direção 11. Certifique-se de que Deus seja o fim último de seu casamento, e que você escolha principalmente esse estado de vida para que nele possa ser mais útil a ele; e que você dedique sinceramente a si mesmo e sua família a Deus; para que assim seja para você uma condição santificada. Nada além de fazer de Deus nosso guia e fim pode santificar nosso estado de vida. Aqueles que seguem sem fingimento o conselho de Deus, e visam a sua glória, e o fazem para agradá-lo, encontrarão Deus assumindo e abençoando sua relação. Mas aqueles que o fazem principalmente para agradar a carne, para satisfazer a luxúria e para aumentar seus bens, e para ter filhos que lhes sobrevivam para receber os frutos de seu orgulho e avareza, podem esperar colher nada melhor do que semeiam; e ter a carne, o mundo e o

diabo como senhores de sua família, de acordo com seu próprio desejo e escolha.

Direção 12. Em sua primeira conjunção (e pelo resto de suas vidas), lembre-se do dia de sua separação. E não pense que você está se estabelecendo em um estado de repouso, ou felicidade, ou continuidade, mas apenas assumindo um companheiro em suas viagens. Quer você viva em uma vida de casado ou de solteiro, lembre-se de que você está se apressando para a vida eterna, onde não há "casar nem dar-se em casamento" (1 Co 7:29-30). Você está indo tão rápido para outro mundo em um estado de vida quanto no outro. Vocês devem apenas ajudar um ao outro em seu caminho, para que sua jornada seja mais fácil para vocês, e para que possam encontrar-se felizes novamente na Jerusalém celestial. Quando os mundanos se casam, tomam isso como um estabelecer-se no mundo; e assim como as pessoas regeneradas começam o mundo de novo, começando a acumular um tesouro no céu, assim os mundanos chamam seu casamento de seu começo no mundo, porque então, como servos engajados ao mundo, dedicam-se a buscá-lo com maior diligência do que nunca. Eles apenas começam no casamento (como buscadores) aquela vida de tolice que, quando encontrou o que buscava, aquele homem rico terminou (Lc 12:18-20) com um "Isto farei: derrubarei os meus celeiros, e edificarei outros maiores, e ali recolherei todos os meus frutos e os meus bens; e direi à minha alma: Alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe e folga. Mas Deus lhe disse: Louco! esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será?".

Se você não quer morrer como tal louco, não se case nem viva como tal mundano.

Casos de Matrimônio.

Pergunta 1: O que se deve seguir como uma regra certa sobre os graus proibidos de consanguinidade ou afinidade? Visto que: 1. A lei de Moisés não está em vigor para nós. 2. E se estivesse, é muito obscuro se ela pode, por paridade de razão, ser estendida a mais graus do que os nomeados no texto. 3. E visto que a lei da natureza é tão dificilmente legível neste caso.

Resposta 1: É certo que os graus proibidos não são tão estrita e universalmente ilícitos que tal casamento não possa ser tornado lícito por qualquer necessidade. Pois os filhos de Adão legalmente se casaram com suas próprias irmãs.

1. Mas agora que o mundo está povoado, tais necessidades que justificariam tais casamentos devem ser necessariamente muito raras, e tais que provavelmente nunca encontraremos.
2. A lei da natureza é a que proíbe os graus que agora são ilícitos; e embora esta lei seja obscura quanto a alguns graus, não o é quanto a outros.
3. A lei de Deus para os judeus, Lv 18, não proíbe aqueles graus ali nomeados por qualquer razão própria dos judeus, mas como uma exposição da lei da natureza, e assim por razões comuns a todos.
4. Portanto, embora a lei judaica cesse (sim, ela nunca obrigou outras nações) formalmente como aquela lei política nacional; contudo, como foi a exposição de

Deus de sua própria lei da natureza, ela é de uso e obrigação consequente para todos os homens, até o dia de hoje; pois se Deus uma vez disse a apenas um homem: "Este é o sentido da lei da natureza", isso permanece verdadeiro, e todos devem acreditar; e então a própria lei da natureza, assim exposta, ainda obrigará.

5. O mundo é tão amplo para a escolha, e a necessidade de um casamento duvidoso é tão rara, e o problema tão grande, que a prudência diz a cada um que é pecado, sem uma necessidade absoluta, casar-se em um grau duvidoso; e, portanto, é mais seguro evitar todos os graus que pareçam ser iguais aos nomeados em Lv 18 e que tenham a mesma razão, embora não sejam nomeados.
6. Mas porque não é certo que, de fato, os casos não nomeados tenham a mesma razão (enquanto Deus não nos familiariza com todas as razões de sua lei), portanto, quando a coisa está feita, não devemos censurar os outros profundamente, nem nos preocupar demais com esses casos não nomeados e duvidosos. Devemos evitá-los de antemão, porque, do contrário, nos lançaremos em dúvidas e problemas desnecessariamente; mas quando já passou, o caso deve ser considerado conforme exporei adiante.

Pergunta 2: E se a lei da terra proibir mais ou menos graus do que Lv 18 proíbe?

Resposta: Se proibir menos, os demais devem, no entanto, ser evitados como proibidos por Deus. Se proibir mais, os proibidos devem ser evitados em obediência aos nossos governantes.

Pergunta 3: O casamento de primos-irmãos, isto é, de filhos de irmãos, ou filhos de irmãs, ou filhos de irmãos e irmãs, é ilícito?

Resposta: Creio que não; 1. Porque não é proibido por Deus. 2. Porque nenhum do mesmo nível é proibido; isto é, nenhum que em ambos os lados esteja a dois graus da raiz. Refiro o leitor para minhas razões a um tratado em latim de Charles Butler sobre este assunto, pois nelas descanso. Assim como todos os filhos dos filhos de Noé se casaram com seus primos-irmãos (pois não podiam casar em nenhum grau mais remoto), assim outros o fizeram desde então sem reprovação, e nenhum é proibido. 3. Mas é mais seguro fazer o contrário, porque há escolha suficiente além disso, e porque muitos teólogos sendo de opinião contrária, isso pode se tornar motivo de escrúpulo e problema posteriormente para aqueles que se aventurarem nisso sem necessidade.

Pergunta 4: O que o senhor gostaria que fizessem aqueles que se casaram com primos-irmãos e agora duvidam se foi lícito fazê-lo?

Resposta: Eu gostaria que eles lançassem fora tais dúvidas, ou pelo menos concluíssem que agora é seu dever viver pacificamente no estado em que estão; e um grande pecado para eles se separarem por tais escrúpulos. A razão é que, se não é certo que o grau seja lícito, pelo menos ninguém pode ter certeza de que é ilícito. E para marido e mulher quebrarem seus pactos e se separarem, sem uma causa necessária, é um grande pecado; e aquilo que ninguém pode provar ser um pecado, não é causa necessária ou lícita de divórcio. Os deveres matrimoniais são certamente ordenados aos casados, mas o casamento de primos-irmãos não é certamente proibido. Portanto, se foi pecado casar-se assim para aqueles que

duvidavam; ou se desde então caíram em dúvida se não foi pecado; ainda assim podem estar certos de que a continuação é um dever, e que tudo o que têm a fazer é arrepender-se de ter feito uma coisa duvidosa, mas não se separar, nem se abster de seus deveres pactuados. Não, nem devem permitir ou sofrer esses escrúpulos perturbadores, que impediriam o desincumbir alegre de seus deveres e o serviço confortável a Deus em suas relações.

Pergunta 5: O que devem fazer aqueles que se casaram naqueles graus que não são proibidos por nome em Lv 18 e, no entanto, estão à mesma distância da raiz que aqueles que são nomeados, e parecem ter a mesma razão de ilicitude?

Resposta: Se houver claramente uma paridade de grau, e também da razão da proibição, então não há dúvida de que devem se separar como incestuosos, e não continuar em um estado proibido. Mas porque os teólogos divergem se há em todas as instâncias uma paridade da razão da proibição, onde há uma distância igual quanto aos graus; e assim, nesses casos, alguns pensam ser um dever separar-se, e outros pensam ser suficiente arrepender-se de sua conjunção e não se separar, porque o caso é duvidoso (como mostra a controvérsia), não me aventurarei a lançar meu julgamento em um caso onde tantos e tais homens discordam; mas apenas aconselharei a todos que evitem tais dúvidas perturbadoras de antemão, e não por temeridade se lancem em perplexidades, quando não há necessidade; a menos que queiram chamar seus fins carnisais ou paixões pecaminosas de necessidade.

Pergunta 6: Mas se um homem se casar em um grau expressamente ali proibido, é em todos os casos pecado continuar nesse estado? Se a necessidade tornou tal casamento um dever para os filhos de Adão, por que a necessidade não

pode tornar a continuação lícita para outros? Como, suponha-se que o rei ou os pais o ordenem? Suponha-se que a mulher morrerá ou ficará louca de dor se não for assim? Suponha-se que alguém fez um voto de não se casar com outra pessoa e, no entanto, não consegue viver solteiro, etc.? Aqui devo supor que, se uma pessoa lasciva se casar com uma parenta para que possa ter variedade, sabendo de antemão que deve ser divorciada, a punição, e não a continuação no pecado, deve ser sua sentença; e se alguém que se casou com uma parenta estiver contente em ser divorciado, porque a odeia ou ama a mudança, a punição deve repreendê-lo, mas ele não deve continuar em incesto.

Resposta: 1. A necessidade natural justificou os filhos de Adão, e tal necessidade justificaria você agora. Sim, a bênção "Crescei e multiplicai-vos" não apenas permitiu, mas obrigou-os então a se casar, para repovoar a terra (quando, de outro modo, a humanidade logo teria cessado); mas assim não nos obriga agora que a terra está povoada. No entanto, não nego que, se um homem e sua irmã fossem lançados sozinhos em um deserto estrangeiro, onde justamente desesperassem de qualquer outra companhia, se Deus lhes ordenasse ali "Crescei e multiplicai-vos", isso os autorizaria a se casar. Mas, fora isso, não há necessidade disso e, portanto, não há licitude. Pois, 2. Uma necessidade viciosa não justifica o pecado. Se o homem ou a mulher que deveriam se abster ficarem loucos ou mortos de paixão, em vez de obedecer a Deus e negar e mortificar sua luxúria, não é um pecado que justificará o outro. O que é necessário é conformar suas vontades à lei de Deus; e se eles não quiserem, e então disserem que não podem, devem arcar com o que receberem por isso. 3. E não há necessidade imposta por aquele comando de rei ou pais que seja contra a lei de Deus. 4. Não, nem por um voto tampouco; pois um voto para quebrar a lei de Deus não é uma obrigação a ser mantida, mas a

ser arrependida; nem é a necessidade sem remédio aquela que alguém traz sobre si mesmo, ao jurar nunca se casar com outra pessoa; visto que a castidade pode ser mantida.

Pergunta 7: É lícito casar-se aquele que fez voto de castidade por toda a vida e de não se casar, e depois descobre a necessidade de se casar, para evitar a luxúria e a fornicação?

Resposta: Sei que muitos grandes teólogos absolveram facilmente aqueles que, sob o papismo, juraram castidade. A parte principal da solução da questão você deve buscar em minha solução do Caso de Votos, parte 3, cap. 5, tít. 2. No momento, bastará acrescentar o seguinte. 1. Tais votos de castidade que são absolutos, sem quaisquer exceções de alterações posteriores ou dificuldades que possam surgir, são feitos pecaminosamente, ou são ilícitos *quoad actum jurandi* [quanto ao ato de jurar].

1. Se pais ou outros impõem tais juramentos e votos a seus filhos ou súditos, ou os induzem a isso, é feito pecaminosamente por eles, e o *actus imperantium* [ato daqueles que comandam] também é ilícito.
2. No entanto, enquanto a *materia jurata* [matéria jurada] permanecer lícita, o voto obriga, e é perfídia quebrá-lo. Pois a pecaminosidade do ato de quem impõe prova apenas que tal comando não o obrigava a jurar. E um voto feito arbitrariamente, sem qualquer comando, no entanto obriga. E a pecaminosidade da realização do voto exige apenas arrependimento; (como se você o fez sem causa, precipitadamente, por maus motivos e para maus fins, ou em más circunstâncias, etc.). Mas, no entanto, aquele voto que você se arrepende de ter feito deve ser mantido, se a coisa jurada for algo lícito e o ato de jurar não for tornado uma nulidade (embora

tenha sido um pecado). E quando é uma nulidade, eu mostrei no lugar citado anteriormente.

3. Um voto de celibato ou castidade durante a vida, que tenha esta condição ou exceção expressa ou implícita na verdadeira intenção do votante (a menos que algo aconteça que torne pecado para mim não casar), pode, em alguns casos, ser um voto lícito; como para alguém que prevê grandes inconveniências no casamento e quer, por uma resolução firme, fortalecer-se contra as tentações e a mutabilidade.
4. Se não houve tal pensamento de exceção na pessoa que jurou, ainda assim, quando a coisa se torna ilícita, o voto não deve ser mantido; embora nos obrigue sob culpa por tê-lo feito pecaminosamente, Deus não nos ordena mantê-lo, porque juramos aquilo que ele nos proibiu não apenas de jurar, mas de fazer.
5. Ou os papistas supõem que tais exceções sejam sempre implícitas por seus votantes, ou pelo menos que estejam contidas na lei de Deus, ou então certamente nunca ousariam pretender que o papa tem poder para dispensar tais votos (como frequentemente fizeram para príncipes, homens e mulheres, para que pudessem ser tirados de um monastério para uma coroa). Pois se supõem que as pessoas, antes da dispensa, estão sob a obrigação de seu voto e obrigadas por Deus a mantê-lo, então seria uma blasfêmia muito grosseira e odiosa o papa reivindicar um poder de desobrigá-las e dissolver os comandos de Deus; e não apenas anticristianismo, mas antiteísmo, ou um colocar-se acima de Deus Todo-Poderoso, sob pretexto de sua própria comissão. Mas se eles apenas pretendem dissolver tais votos judicial ou decisivamente, julgando quando a pessoa não está mais obrigada a mantê-los pela lei de Deus, então supõem que a obrigação da lei de Deus cessou, antes que eles

judicialmente declarem que cessou. E se fosse apenas isso que o papa empreendesse, ele não teria poder para fazê-lo fora de sua própria paróquia, nem mais do que qualquer bispo legítimo tem em sua própria carga.

6. A matéria de um voto de celibato ou castidade é ilícita quando não pode ser mantida sem pecado maior do que aquele que a vida de castidade evita, e que seria evitado se ela fosse abandonada; ou sem a omissão de dever maior, e omissão de bem maior, do que aquele que a vida de castidade contém ou alcança. Para aprofundar isso, note-se que,
7. Não é qualquer grau de pecado que o casamento curaria que justificará a quebra de um voto de castidade. Como se eu tivesse alguns pensamentos ou instigações e irritações mais luxuriosas em uma vida de solteiro do que teria se me casasse. A razão é porque: 1. Nenhum homem vive sem algum pecado, e supõe-se que existam pecados maiores de outro tipo, que por uma vida de castidade eu evito. E a própria quebra do voto é uma questão maior do que um pensamento luxurioso.
8. Assim, não é qualquer grau de bem que pelo casamento eu possa alcançar ou fazer que o justificará contra um voto de castidade. Porque posso fazer e obter um bem maior pela castidade, e porque o mal do perjúrio não deve ser feito para que o bem seja feito por ele; até que eu possa provar que não é apenas bom em si mesmo, mas um dever *hic et nunc* [aqui e agora] para mim.
9. Um homem deveria antes quebrar seu voto de celibato do que cometer fornicção uma única vez, se houvesse necessidade de fazer um dos dois. Porque a fornicção é um pecado que nenhum voto autorizará qualquer homem a cometer.
10. Um homem deveria antes quebrar seu voto de celibato do que viver em tal luxúria constante ou ordinária que o

torne inapto para a oração e para uma vida santa, e o mantenha em perigo comum de fornicção, se houvesse necessidade de fazer um dos dois. A razão também é porque agora a matéria jurada tornou-se ilícita, e nenhum voto pode autorizar um homem a viver em pecado tão grande (a menos que houvesse algum pecado maior do outro lado que não pudesse ser evitado em uma vida de casado, o que é difícil de supor, por mais que os padres papistas pensem que a desobediência ao papa, e a incomodidade e desonra de uma vida de casado, etc., sejam um pecado maior do que a própria fornicção).

11. Se um príncipe jurar castidade, quando isso provavelmente colocará em perigo o reino por falta de uma sucessão segura e certa, ele está obrigado a quebrar esse voto; porque não pode legalmente abrir mão do direito do povo, nem fazer aquilo que é prejudicial a tantos.
12. Se o comando de um pai ou príncipe pode dissolver a obrigação de um voto de celibato, eu já respondi. Agora digo apenas isto: 1. Quando pais ou príncipes podem justamente ordená-lo, podemos justamente obedecê-los. Mas este não é um daqueles males acidentais que podem ser legalmente feitos, embora ilegalmente ordenados. 2. São os pais a quem Deus confiou mais deste cuidado e poder, sobre o casamento dos filhos, do que aos príncipes. 3. Pais, e não príncipes, não podem legalmente ordenar a quebra de tal voto (não anulado no início), exceto em casos que nos desobrigam, quer eles o façam ou não; de modo que a resolução do caso principal é suficiente para todos.
13. Aquele que por meios lícitos pode vencer sua luxúria, na medida mencionada anteriormente, não tem necessidade de violar seu voto de vida de solteiro.

14. Penso que não há um em vinte que tenha corpos tão inevitavelmente propensos à luxúria, que por meios devidos ela não possa ser vencida até certo ponto (embora não totalmente), sem casamento, fornicção, autopoluição deliberada ou pensamentos luxuriosos, violentos e vexatórios. Isto é: 1. Se eles se empregarem constante e diligentemente em uma vocação lícita, e não forem culpados de tal ociosidade que deixe espaço em suas mentes e imaginações para pensamentos vãos e imundos. Se seguirem tal vocação que lhes imponha a necessidade de manter seus pensamentos ocupados nela. 2. Se usarem tal abstinência e rusticidade em sua dieta, conforme seja adequado para domar as luxúrias desordenadas, sem destruir a saúde: e não apenas evitar a saciedade e a gula, e esportes e prazeres vãos, mas também usar jejum conveniente e domar o corpo por austeridades necessárias. 3. Se evitarem suficientemente toda companhia e visões tentadoras, e se mantiverem a uma distância adequada delas. 4. Se impuserem tal restrição aos seus pensamentos como podem fazer. 5. Se usarem tal qualidade de dieta e remédio que seja mais apta para a alteração daqueles distúrbios corporais que são a causa. 6. E, por último, se forem fervorosos em oração a Deus e viverem em meditações mortificadoras, especialmente em uma familiaridade constante com um Cristo crucificado, e com a sepultura, e com a sociedade celestial. Aquele que quebra seu voto para poupar-se do trabalho e do sofrimento desses meios desagradáveis, eu o considero pérfido, embora talvez tenha feito esse voto pecaminosamente. E não há maior número de pessoas desculpáveis pela continência após tal voto do que aquelas que têm corpos tão extraordinariamente luxuriosos que nenhum outro meio pode domar, e

aqueles mencionados anteriormente que têm acidentes extraordinários para tornar uma vida de solteiro ilícita.

15. Não se deve esquecer aqui que, se os homens confiarem apenas no casamento em si como a cura de sua luxúria, sem outros meios, luxúrias tão violentas que nada mais curará podem possivelmente permanecer muito sem cura depois. Pois os adúlteros são tão violentos em suas luxúrias quanto os solteiros, e muitas vezes acham tão difícil refreá-las. E, portanto, os casados, assim como os outros, precisam ter cuidado para vencer sua luxúria. E tanto mais porque neles é um pecado duplo.
16. Mas, contudo, quando todos os outros meios falham, o casamento é o meio designado por Deus para apagar aquelas chamas das quais os votos dos homens não podem, em casos de verdadeira necessidade, desobrigá-los.

CAPÍTULO 2

DIREÇÕES PARA A ESCOLHA CORRETA DE SERVOS E SENHORES

PARTE 1

Direções para a escolha correta de servos.

Sendo os servos partes integrantes da família, que contribuem muito para a santidade ou falta de santidade dela, e para a felicidade ou miséria dela, muito concerne aos senhores serem cuidadosos em sua escolha. E quanto mais difícil for encontrar

aqueles que são de fato desejáveis, mais cuidadoso e diligente nisso você deve ser.

Direção 1. Ordenar que você escolha aqueles que são mais aptos para o seu serviço é uma direção que a natureza e o interesse lhe darão, sem quaisquer persuasões de minha parte. E, de fato, não é mera honestidade ou piedade que fará um bom servo, nem fará o seu trabalho. Três coisas são necessárias para tornar um servo apto para você: 1. Força. 2. Habilidade. 3. Boa vontade. E nenhuma dessas duas servirá sem a terceira. Força e habilidade sem boa vontade não farão nada; habilidade e boa vontade sem força não podem fazer nada; força e boa vontade sem habilidade farão tão mal ou pior do que nada. Nada menos que todas farão de você um bom servo. Portanto, escolha um: 1. Que seja saudável. 2. Que tenha sido habituado a tal trabalho em que você deve empregá-lo. E, 3. Alguém que não seja de uma disposição que busca o prazer da carne, ou preguiçosa e lenta. Pois exigir trabalho de alguém que está doente parecerá crueldade; e esperar trabalho de alguém que não tem habilidade e não é exercitado parecerá tolice; e pessoas pesadas, carnisais e preguiçosas farão tudo com tanta má vontade, dor e cansaço, que pensarão que tudo é demais, e seu serviço será um fardo e desprazer contínuo para elas, e pensarão que você as prejudica ou as trata duramente, se você não as permitir em sua carnalidade e ociosidade. Sim, embora tivessem graça, um corpo fleumático, lento e pesado nunca será apto para o serviço diligente, tanto quanto um cavalo cansado para a viagem.

Direção 2. Se for possível, escolha aqueles que têm o temor de Deus, ou pelo menos aqueles que são tratáveis e dispostos a serem ensinados, e não aqueles que são ímpios, sensuais e profanos. Pois, 1. "Deus odeia todos os que praticam a iniquidade", Sl 5:5. E não tende à bênção ou segurança de sua família ter nela aqueles que são inimigos de Deus e odiados por

ele. Você não pode esperar uma bênção igual sobre os trabalhos deles, como pode sobre o serviço daqueles que o temem. O ímpio pode trazer uma maldição sobre as famílias onde está (se você o entreter deliberadamente); enquanto um José pode ser uma bênção até mesmo para a casa de um incrédulo. Um homem ímpio estará renovando aqueles crimes que serão a vergonha de sua família e uma dor para seus corações, se vocês mesmos tiverem qualquer amor a Deus; enquanto um servo piedoso orará por uma bênção de Deus sobre seus trabalhos, e ele mesmo está sob uma promessa de que "tudo quanto fizer prosperará", Sl 1:3. 2. Servos ímpios, em sua maioria, serão meros servos que trabalham apenas quando vigiados; eles farão pouco mais do que acharem necessário para escapar da repreensão e da culpa: alguns poucos deles, de fato, por amor aos seus senhores, ou por desejo de elogio, ou para tornar seus lugares melhores para si mesmos, serão diligentes e confiáveis; mas ordinariamente são enganadores e estudam mais para parecerem bons servos do que para sê-lo, e para esconder suas faltas do que para evitá-las; pois não fazem grande questão de consciência disso, nem respeitam o olhar de Deus: ao passo que um servo verdadeiramente piedoso fará todo o seu serviço em obediência a Deus, como se o próprio Deus o tivesse ordenado a fazê-lo, e como alguém que está sempre na presença daquele Senhor, cujo favor ele prefere a todo o mundo. Ele é mais cuidadoso em agradar a Deus, que lhe ordena ser fiel, do que em agradar a você parecendo melhor do que é: ele é movido mais para o seu dever pela recompensa que Deus lhe prometeu, do que pelo salário que espera de você: ele tem uma consciência terna e purificada, que o manterá em seu dever, tanto quando você não o sabe, quanto quando você está presente. 3. Ordinariamente, servos ímpios serão falsos, se tiverem apenas oportunidade de se enriquecer enganando você; especialmente aqueles que são encarregados de gastar dinheiro, em compras e vendas.

Enquanto eu não nomear pessoas específicas, creio que não é falta de confiança, mas meu dever, alertar os senhores em quem confiam, por minha experiência a partir das confissões daqueles que foram culpados. Muitos servos a quem Deus converteu ao seu amor e temor contaram-me como constantemente enganavam seus senhores em compras e vendas antes de sua conversão; até mesmo em somas de dinheiro tão grandes que alguns deles não foram capazes de restituir (quando os fiz saber que era seu dever fazê-lo, na medida de suas possibilidades): e alguns deles tiveram tanta inquietação de consciência até que fosse restituído, que fui obrigado a dar-lhes dinheiro para restituir, quando os convenci disso: de modo que sei por tais confissões que tal engano e roubo de seus senhores é uma coisa muito comum entre servos ímpios que têm oportunidade, e que, no entanto, passam por servos muito confiáveis e nunca são descobertos. 4. Também um servo ímpio será um tentador para os demais, e os atrairá para o pecado: especialmente para a lascívia secreta e comportamento incivil, se não para a fornicção real; e para folias, e divertimentos, e cursos carnavais: jurando, e tomando o nome de Deus em vão, e amaldiçoando, e mentindo, eles ensinarão seus filhos e outros servos a fazer o mesmo; e assim serão uma pestilência infecciosa em suas famílias. 5. E eles impedirão qualquer bem que você queira fazer aos outros. Se houver alguém em sua família sob convicções e em um caminho esperançoso para uma condição melhor, eles apagarão tudo, e os desencorajarão, e impedirão sua conversão; em parte por suas cavilações contraditórias, e em parte por seus escárnios, e em parte por sua conversa ociosa e diversiva, e em parte por seus maus exemplos, e aliciando-os a acompanhá-los em seu pecado. Ao passo que, pelo contrário, um servo piedoso estará atraindo o resto de sua família para a piedade, e impedindo-os do pecado, e persuadindo-os a serem fiéis em seu dever tanto para com Deus quanto para com você.

Direção 3. Contudo, não meça a piedade de um servo por seu mero conhecimento ou palavras, mas por seu amor e consciência. Muita loquacidade presunçosa sobre religião pode coexistir com um coração e vida não santificados; e muita fraqueza no conhecimento e na expressão pode coexistir com a sinceridade. Mas você pode julgar com segurança que são verdadeiramente piedosos: 1. Aqueles que amam a piedade, e amam a palavra e os servos de Deus, e odeiam toda a maldade. 2. E aqueles que fazem questão de consciência de cumprir seu dever e de evitar o pecado conhecido, tanto abertamente quanto em segredo.

Direção 4. Se a necessidade o obrigar a aceitar aqueles que são inaptos e maus, lembre-se de que há um dever maior incumbido a você, de portar-se para com eles de uma maneira diligente e convincente, de modo que tenda mais a torná-los melhores. Não os aceite como quem compra um cavalo ou um boi, com o propósito apenas de usá-los para o seu trabalho; mas lembre-se de que eles têm almas imortais das quais você assume o encargo.

PARTE 2

Direções para a escolha correta de senhores

Visto que a felicidade de um servo, a segurança de sua alma e o conforto de sua vida dependem muito da família e do lugar em que ele vive, muito concerne a todo servo prudente ser muito cuidadoso em qual lugar ou família ele fixa sua morada, e fazer a escolha mais sábia que puder.

Direção 1. Acima de tudo, certifique-se de não escolher por mero prazer carnal e sensualidade, e não tome como o melhor lugar para você aquele onde você possa ter mais de sua própria

vontade e prazer carnaís. Sei que servos carnaís e sem graça ouvirão esta direção com tão má vontade quanto um cão quando lhe é proibida sua carne ou carniça. Sei que falo contra a própria natureza deles e, portanto, contra seus próprios corações, e por isso eles pensarão que falo contra seu interesse e bem; e, portanto, posso persuadi-los a este curso cem vezes antes que acreditem em mim ou obedeçam ao meu conselho. Todos os servos ímpios e carnaís fazem destes os únicos sinais de um bom lugar ou serviço desejável para eles: 1. Se puderem fazer o trabalho que quiserem e evitar o que não gostam; se puderem fazer o que é fácil e não o que é difícil; e aquilo que é uma honra para eles e não o que parece inferior e vil. 2. Se puderem trabalhar quando quiserem e parar quando quiserem. 3. Se puderem levantar quando quiserem e ir para a cama quando quiserem. 4. Se puderem comer e beber o que quiserem e passar bem para o agrado de seus apetites. 5. Se puderem falar quando quiserem e o que tiverem vontade de falar. 6. Se puderem ter licença quando quiserem para esporte, e brincadeira, e serem lascivos e vãos, e desperdiçarem seu tempo, o que eles chamam de ser alegres. 7. Se puderem usar as melhores roupas e andar elegantes. 8. Se seus senhores forem liberais com eles, para manter tudo isso, e lhes derem o que eles gostariam de ter. 9. Se seus senhores e colegas de serviço os tratarem com respeito, e os elogiarem, e fizerem algo deles, e não os desonrarem, nem lhes disserem quaisquer palavras desagradáveis. 10. E se não forem incomodados com os preceitos da piedade, nem postos a aprender a Escritura, ou catequizados, nem chamados a prestar contas sobre o estado de suas almas, ou a base de suas esperanças para a vida futura, nem incomodados com muita oração, ou repetição de sermões, ou exercício ou discurso religioso, ou qualquer coisa que tenda à sua salvação; nem sejam restringidos de qualquer pecado que tenham vontade de cometer, nem repreendidos por ele quando o tiverem feito. Estas são as condições ou sinais de um bom

serviço para uma pessoa ímpia e carnal. O que é, em uma palavra, ter suas próprias vontades e desejos carnavais, e não serem contrariados pela vontade de seus senhores ou pela vontade de Deus: o que, na verdade, é ter as maiores ajudas para fazer a vontade do diabo e serem condenados.

Direção 2. Veja que seja seu primeiro e principal cuidado viver em um lugar onde você tenha as maiores ajudas e os menores impedimentos para agradar a Deus e salvar suas almas; e em um lugar onde você não terá liberdade para pecar, nem terá sua vontade carnal cumprida, mas será melhor instruído a conhecer e fazer a vontade de Deus, e sob ele a vontade de seus superiores. É a marca daqueles a quem Deus abandona ser entregues às suas próprias vontades, ou "aos desejos de seus próprios corações, para andarem em seus próprios conselhos", Sl 81:12. "Viver segundo a carne" é o caminho certo para a miséria sem fim, Rm 8:8, 13. Estar mais sujeito à vontade de Deus, com a maior mortificação e negação de nossas próprias vontades, é a marca da alma mais obediente e santa. Visto então que a santidade e a abnegação, o amor a Deus e a mortificação da carne são a vida da graça, e a saúde e retidão da alma, e o único caminho (sob Cristo) para a nossa salvação; você tem grande razão para pensar que o melhor lugar para você é aquele em que você tem mais ajudas para a santidade e a abnegação: e não apenas suportar pacientemente o rigor de seus superiores e o trabalho que eles lhe impõem para suas almas, mas também desejar e buscar tais ajudas como as maiores misericórdias sobre a terra. "Busquem primeiro o reino de Deus e a sua justiça: não trabalhem (primeiro) pela comida que perece, mas pela que dura para a vida eterna", Mt 6:33; Jo 6:27. Cuide primeiro que suas almas sejam providas, e tome como o melhor serviço aquele que mais o ajuda no serviço de Deus, para a sua salvação.

Direção 3. Se for possível, viva onde haja um ministro fiel, poderoso e convincente, cujo ensino público e conselho privado você possa utilizar para suas almas. Não viva, se puder evitar, sob um mestre ignorante, morto e inútil, que nunca lhe proporcionará qualquer ajuda considerável para elevar seus corações a uma conversação celestial. Mas visto que você deve passar os seis dias em seu trabalho, viva onde você tenha as melhores ajudas para passar o dia do Senhor, para o avivamento e conforto de suas almas; para que, na força desse alimento sagrado, você possa realizar alegremente seus trabalhos santificados nos dias da semana seguintes. Não seja como aquelas pessoas brutas que vivem como se não houvesse outra vida além desta; e, portanto, cuidam de conseguir um lugar onde seus corpos possam ser bem alimentados e vestidos, e possam ter facilidade, e prazer, e preferência no mundo; mas não se importam muito com qual mestre existe para ser seu guia para o céu; nem se alguma vez são seriamente avisados do mundo por vir, ou não.

Direção 4. Viva, se puder obter tão grande misericórdia, com superiores que temam a Deus e tenham cuidado de suas almas, bem como de seus corpos, e exijam que você faça o serviço de Deus tão bem quanto o deles: e não com senhores mundanos e ímpios, que o usarão como fazem com seus animais, para fazer o trabalho deles, e nunca cuidarão de promover sua salvação. Pois, 1. A maldição de Deus está nas famílias dos ímpios; e quem desejaria voluntariamente viver em uma casa que Deus amaldiçoou, tanto quanto em uma casa que é assombrada por espíritos malignos? Mas o próprio Deus habita com os piedosos e, por muitas promessas, assegurou-lhes o seu amor e bênção. "A maldição do Senhor está na casa do ímpio, mas ele abençoa a habitação dos justos", Pv 3:33. "Os ímpios são derrubados e já não existem, mas a casa dos justos permanecerá", Pv 12:7. "A casa dos ímpios será destruída, mas

a tenda dos retos florescerá", Pv 14:11; assim Pv 15:25. "O justo considera sabiamente a casa do ímpio: Deus derruba os ímpios por causa de sua maldade", Pv 21:12. Não entre em uma casa que está caindo. 2. Um senhor que teme a Deus ajudará a salvá-lo do pecado e do inferno, e ajudará suas almas para a vida eterna: ele pode fazer mais por você do que se o tornasse reis e governantes da terra. Ele o impedirá de pecar: ele o ensinará a conhecer a Deus e a se preparar para sua salvação. Ao passo que senhores ímpios antes o desencorajarão e, por zombarias ou ameaças, buscarão afastá-lo de uma vida santa, e usarão seu engenho, trabalho e autoridade para impedir sua salvação: ou, na melhor das hipóteses, cuidarão pouco de suas almas, mas pensarão que, se lhe fornecerem comida e salário, cumpriram sua parte. 3. Um senhor que teme a Deus não lhe fará mal, mas o amará como um cristão e seu conservo de Cristo, enquanto o comanda e emprega como seu próprio servo, o que não se pode esperar de homens ignorantes, ímpios e mundanos.

Direção 5. Contudo, escolha um serviço que você seja capaz de suportar, com o menor impedimento ao serviço de Deus e de suas almas. Nem uma vida de ociosidade, nem de excesso de negócios, deve ser escolhida, se você tiver escolha. Pois quando a mente está sobrecarregada com os cuidados de seu serviço, e seus corpos cansados com trabalho excessivo, você terá pouco tempo, ou coração, ou poder, para cuidar dos assuntos de suas almas com qualquer seriedade. Sim, o dia do Senhor será passado com pouco conforto, quando o cansaço dos dias da semana deixou o corpo apto para nada além de dormir. Um serviço que não lhe permite tempo algum para orar, ou ler a Escritura, ou cuidar de seu estado eterno, é uma vida mais adequada para animais do que para homens.

Direção 6. Se puder alcançá-lo, viva onde seus colegas de serviço temam a Deus, assim como o senhor da família. Pois os colegas de serviço costumam conversar uns com os outros com mais frequência e familiaridade do que seus senhores o fazem com qualquer um deles. E, portanto, se um senhor lhe der as instruções mais celestiais, a conversa ociosa e frívola dos colegas de serviço pode apagar tudo de suas memórias e corações. E a zombaria deles em relação a uma vida santa, ou seus maus exemplos, podem causar mais dano do que os preceitos dos governantes podem fazer bem. Ao passo que, quando os conselhos de um senhor são secundados pelo bom discurso e prática dos colegas de serviço, é um grande encorajamento para o bem e mantém o coração em um calor e resolução contínuos.

Direção 7. Se lhe faltar qualquer uma dessas acomodações, seja mais diligente em tal aproveitamento das demais, que possa compensar sua falta. Se você tem um bom mestre e um mau senhor, aproveite as ajudas de seu mestre mais diligentemente. Se você tem um mau senhor e bons colegas de serviço, ou um bom senhor e maus colegas de serviço, agradeça a Deus pelo que você tem e faça o melhor disso.

Direção 8. Se vocês mesmos desejam ser acomodados com os melhores senhores e tratamento, trabalhem para serem os melhores servos; e então é dois para um que vocês possam ter sua escolha. Bons servos são tão escassos e tão valorizados que os melhores lugares disputariam por você, se você se esforçasse para ser tal. Supere os outros no trabalho, na diligência, na confiabilidade, na obediência, na gentileza e na paciência, e então você poderá ter quase os lugares que desejar. Mas se vocês mesmos forem ociosos, e preguiçosos, e enganadores, e falsos, e desobedientes, e mal-educados, e teimosos, e contenciosos, e impacientes, e ainda assim

pensarem que devem ser respeitados e usados como servos bons e fiéis, é apenas uma expectativa tola. Pois que obrigação há sobre os outros, em termos de justiça, de dar-lhes aquilo que não merecem? De fato, se alguém for obrigado a mantê-lo por mera caridade, então você pode pleitear caridade com eles e não mérito; mas se eles o aceitam apenas como servo, não lhe devem nada além do que seu trabalho e virtudes merecerem.

CAPÍTULO 3

UMA DISPUTA OU ARGUMENTOS PARA PROVAR A NECESSIDADE DO CULTO E DA SANTIDADE DOMÉSTICA, OU DIREÇÕES CONTRA AS CAVILAÇÕES DOS PROFANOS E DE ALGUNS SECTÁRIOS QUE NEGAM SER ISSO ALGO EXIGIDO POR DEUS

Se o culto solene a Deus, em e por famílias como tais, é de instituição divina? Afirmativo.

Aquele excelente dito de Mirandula está frequentemente em minha mente: *Veritatem philosophia quærit, theologia invenit, religio possidet* [A filosofia busca a verdade, a teologia a encontra, a religião a possui]. Portanto, disputo com maior alacridade e deleite estes pontos que são diretamente religiosos, isto é, imediatamente práticos, do que aqueles que o são apenas remotamente; e embora eu lamente que vejamos entre nós qualquer divisão mais ampla *inter philosophum theologum et religiosum* [entre o filósofo, o teólogo e o religioso], do que entre a fantasia, o intelecto e a vontade, que nunca se encontram disjuntos em qualquer ato; ou melhor, do que entre os hábitos do conhecimento natural prático, e os hábitos do conhecimento sobrenatural prático, e as resoluções, afetos e esforços práticos, nos quais ambos os anteriores se devolvem; contudo, podemos com segurança e proveito distinguir onde seria mortal dividir. Se a disputa em nosso caso presente apenas tender a, e terminar em, um desempenho religioso, poderemos então dizer que não disputamos em vão; quando, pela experiência do deleite e proveito da obra de Deus,

percebermos que não o adoramos em vão: caso contrário, evidenciar por uma disputa que Deus deve ser adorado, e não o adorar depois de terminada, é apenas extrair nosso aprendizado e aguçar nossa inteligência para pleitear nossa condenação; como se o acusador precisasse de nossa ajuda, ou o Juiz de todo o mundo precisasse de evidências ou argumentos contra nós, a menos que os tivesse de nossa própria boca. Sobre o sentido dos termos, direi algo, tanto quanto ao sujeito quanto ao predicado, para que não lutemos no escuro; e ainda assim pouco, para não cansar a mim e a vós com trabalhos desnecessários.

1. Por culto a Deus não queremos dizer apenas, nem principalmente, a obediência como tal, ou o serviço em coisas comuns, chamado *Δουλεία* [Doulia - serviço comum]: mas queremos dizer um desempenho religioso de algumas ações sagradas, com a intenção de honrar a Deus como Deus; e isso mais diretamente do que em obras comuns de obediência. Isso sendo comumente chamado *Λατρεία* [Latria - adoração], é por Agostinho, e desde ele por todos os ortodoxos, apropriado somente a Deus; e, de fato, dá-lo a qualquer outro é contraditório à sua definição.

Este culto é de dois tipos, dos quais o primeiro é por excelência chamado culto, a saber: quando o honrar a Deus é tão diretamente o fim e todo o negócio da obra, que nossa própria vantagem ocorre apenas implicitamente e em evidente subordinação: tais são as obras benditas de louvor e ação de graças, que aqui começamos e no céu perpetuaremos. No entanto, vede um mistério mais admirável da verdadeira religião; nós, de fato, recebemos mais amplamente de Deus e desfrutamos mais plenamente de nossa própria felicidade nele, nestes atos de culto que dão tudo a Deus, do que nos outros,

nos quais buscamos mais diretamente algo dele. E esses são o segundo tipo de ações de culto, a saber: quando a substância ou matéria da obra é um buscar ou receber algo de Deus, ou entregar algo religiosamente em seu nome, e assim é mais diretamente para nós mesmos; embora Deus deva ser nosso fim último nisto também. Percebereis que faço disto três tipos. Dos quais o primeiro consiste em nossas abordagens religiosas a Deus por algo que nos falta; e é chamado de oração. O segundo consiste em nossas abordagens religiosas a Deus para receber algo dele; a saber: 1. Instruções, preceitos, promessas, ameaças, de sua boca, mensageiros, etc. 2. Os sinais sacramentais de sua graça no batismo e na ceia do Senhor. O terceiro é quando os oficiais de Cristo entregam solenemente em seu nome ou suas leis ou sacramentos. Suas leis, seja em geral pela pregação comum, ou por uma aplicação mais particular em atos de disciplina.

1. A palavra solene significa às vezes qualquer coisa usual, e assim alguns a derivam: *Solenne est quod fieri solet* [Solene é o que costuma ser feito]. Às vezes, aquilo que é feito apenas em um dia definido no ano; e assim alguns fazem *solenne* como sendo *quasi solum semel in anno* [quase que apenas uma vez por ano]. Mas vulgarmente é tomado, e assim o tomamos aqui, para ambos *celebre et usitatum* [célebre e usual], isto é, uma coisa que não é feita acidental e raramente, mas de forma estabelecida e ordinária, e isso com tal gravidade e seriedade honrosa como convém a um negócio de tal peso.
2. Por família queremos dizer, não uma tribo ou tronco de parentesco, habitando em muitas casas, como a palavra é tomada frequentemente na Escritura, mas quero dizer uma unidade doméstica.

Domus et familia [Casa e família], uma unidade doméstica e família, são de fato em economia noções um tanto diferentes, mas uma só coisa. *Domus* está para *familia* como *civitas* [cidade] para *respublica* [república]; a primeira é feita o sujeito da última, a última o *finis internus* [fim interno] da primeira. E assim, *Domus est societas naturæ consentanea, e personis domesticis, vitæ in dies omnes commode sustentandæ causa, collecta. Familia est ordo domus per regimen patris-familias in personas sibi subjectas* [A casa é uma sociedade adequada à natureza, composta por pessoas domésticas, reunidas com o propósito de sustentar convenientemente a vida todos os dias. A família é a ordem da casa por meio do governo do pai de família sobre as pessoas a ele sujeitas].

Onde se nota que para uma família completa devem concorrer quatro partes integrantes: *Pater-familias, mater-familias, filius, servus* [Pai de família, mãe de família, filho, servo]. Mas para a essência de uma família basta que haja a *pars imperans, et pars subdita* [parte que comanda e parte súdita], um chefe ou governante, seja pai, mãe, senhor ou senhora; e um ou mais governados sob este chefe.

Note-se, portanto, que o governante é uma parte essencial da família, e assim são alguns dos governados (a saber, que tais existam), mas não cada membro. Se, portanto, vinte filhos ou servos adorarem a Deus sem o pai ou senhor da família, estando ele mesmo presente ou em algum representante, não é um culto familiar em sentido estrito. Mas se o chefe da família em si mesmo (ou delegado ou representante) estiver presente, com qualquer um de seus filhos ou servos, embora todos os outros estejam ausentes, é ainda um dever familiar; embora a família esteja incompleta e mutilada (e assim o é o dever, portanto, se culpavelmente assim realizado).

1. Quando digo em e por uma família, não quero dizer que cada um deva fazer as mesmas partes da obra, mas que um (seja o chefe, ou algum por ele designado e representando-o) seja a boca, e os demais realizem suas partes recebendo instruções, ou concordando mentalmente nas orações e louvores por ele oferecidos. Por fim, por instituição divina quero dizer qualquer significação da vontade de Deus de que é dever dos homens realizar isso; seja uma significação por meios naturais ou sobrenaturais, direta ou por consequência, para que possamos ter certeza de que é a vontade de Deus. A suma da questão, então, é: se quaisquer ações sagradas a serem religiosas e ordinariamente realizadas para a honra de Deus pelo chefe da família, com os demais, são por determinação de Deus tornadas nosso dever? Meus pensamentos sobre esta questão reduzirei a estes tópicos e proporei nesta ordem: 1. Falarei do culto familiar em geral. 2. Dos tipos desse culto em especial. 3. Do tempo.

I. Sobre o primeiro, apresento meus pensamentos nestas proposições seguintes, para limitação e cautela, e então provo a conclusão principal.

Proposição 1. Não são todos os tipos de culto a Deus que ele designou para serem realizados pelas famílias como tais; havendo alguns próprios para assembleias mais públicas.

1. Mais particularmente, a administração dos sacramentos do batismo e da ceia do Senhor são próprios das igrejas ministeriais ou organizadas, e não comuns às famílias: pois como ambos são confiados apenas aos ministros do evangelho, e têm sido usados apenas por eles por muitos centenas de anos na igreja (exceto que alguns

permitiram que outros batizassem em caso de necessidade); assim, a ceia do Senhor foi designada para um símbolo e meio de uma comunhão mais pública do que a das famílias. E embora alguns conjecturem o contrário, a partir de sua primeira instituição, e pensem que, assim como há uma oração familiar e oração na igreja, ensino familiar e ensino na igreja, assim deveria haver sacramentos familiares e sacramentos na igreja, contudo isso é um erro. Pois embora Cristo a tenha administrado à sua família, não foi como uma família, mas como uma igreja. Pois aquilo que é apenas uma família pode possivelmente ser também uma igreja. Esta exposição temos da doutrina e prática dos apóstolos, e do costume constante de todas as igrejas, que nunca pensaram ser a ceia do Senhor um dever familiar, mas próprio de assembleias maiores, e administrável apenas por ministros ordenados. Nem as razões extraídas da circuncisão e da páscoa provarão o contrário: tanto porque as igrejas particulares não estavam então instituídas como agora, e portanto as famílias tinham mais o que fazer; quanto porque havia alguns deveres próprios das famílias na própria instituição daqueles sacramentos; e porque Deus lhes deu um poder naqueles que não deu aos chefes de família agora em nossos sacramentos.

2. Muitos milhares, por sua própria viciosidade e negligência, tornam-se incapazes, de modo que não podem realizar o que Deus tornou seu dever; contudo, permanece sendo seu dever: alguma incapacidade pode escusá-los em parte, mas não no todo.

Provarei agora que o culto solene a Deus em e por famílias como tais é de instituição divina.

Argumento 1. Se as famílias são sociedades de instituição divina, dotadas de vantagens e oportunidades especiais para o culto solene a Deus, não havendo proibição para assim usá-las; então o culto solene a Deus em e por famílias como tais é de instituição divina. Mas o antecedente é verdadeiro; portanto, o consequente também o é.

Quanto às partes do antecedente: 1. Que as famílias são sociedades de instituição divina, não necessita de prova.

1. Que elas são dotadas de vantagens e oportunidades especiais pode aparecer por uma enumeração de detalhes. (1) Há a vantagem da autoridade no governante da família, pela qual ele pode ordenar a todos os que estão sob ele no culto a Deus, sim, e pode infligir penalidades em filhos e servos que recusarem; sim, pode expulsar alguns da família se forem obstinados. (2) Ele tem a vantagem de um interesse singular na esposa e nos filhos, pelo qual pode trazê-los a isso voluntariamente, para que possam realizar um culto evangélico correto. (3) Ele tem a vantagem de uma dependência singular de todos para com ele para as provisões diárias; e de seus filhos para suas porções de sustento no mundo, pelo que pode ainda mais prevalecer com eles para a obediência; tendo ele o poder de recompensar, bem como de punir e ordenar. (4) Eles têm a oportunidade da coabitação, e assim estão sempre à mão, e mais juntos, e assim prontos para tais ocupações. (5) Sendo os mais próximos em relação, estão mais fortemente obrigados a promover a salvação uns dos outros e a ajudar-se mutuamente no serviço a Deus. (6) Eles têm, por este meio, uma vantagem contra todos os preconceitos e ciúmes que o estranhamento e os erros podem suscitar e nutrir entre aqueles que

vivem a uma distância maior, e assim podem unir-se mais cordialmente no culto a Deus. E sua proximidade de relação e afetos naturais os favorecem singularmente para uma conjunção mais afetuada, e assim para um culto a Deus mais vigoroso e aceitável, quando nele estão como que de um só coração e alma. (7) Se surgir qualquer mal-entendido ou outro impedimento, estando sempre à mão, têm oportunidade de removê-los e de satisfazer uns aos outros; e se houver qualquer desordem de entendimento, coração ou vida na família, o governante, pela familiaridade e convívio diário, está habilitado mais particularmente a ajustar suas repreensões e exortações, confissões e petições, de acordo com isso, o que nem mesmo os ministros nas congregações podem fazer tão bem. De modo que evidencie nesta enumeração que as famílias têm vantagens, sim, vantagens e oportunidades especiais e excelentes para o culto solene a Deus.

2. A última parte do antecedente era que eles não têm proibição de usar essas vantagens e oportunidades para o culto solene a Deus. Adiciono isto para que ninguém diga: embora tenham tais vantagens, Deus pode restringi-las para evitar algumas inconveniências maiores de outra forma; como ele restringiu as mulheres de falar nas assembleias. Mas, (1) Deus não as restringiu nem na lei da natureza, nem na lei escrita; portanto, de modo algum. Aquele que puder mostrá-lo em qualquer uma delas, que o faça. (2) Nunca li ou ouvi qualquer cristão instruído afirmar que Deus proibiu as famílias de adorá-lo solenemente e, portanto, julgo desnecessário provar uma negativa, quando não se conhece ninguém que sustente a afirmativa. De fato, para alguns tipos de culto, como pregar e expor a Escritura, alguns os proibiram; mas não a leitura, a

catequese, toda instrução, oração, louvores, cantar salmos, muito menos todo o culto solene inteiramente. Basta quanto ao antecedente.

Venho agora provar a consequência. As referidas vantagens e oportunidades são talentos dados por Deus, que aqueles que recebem são obrigados a melhorar fielmente para Deus; portanto, as famílias, tendo tais vantagens e oportunidades para o culto solene a Deus, são obrigadas a melhorá-las fielmente para Deus, no culto solene a ele. Quanto ao antecedente: 1. É inquestionável que estes são talentos, isto é, misericórdias passíveis de melhoria dadas por Deus. Pois como ninguém ousa negar que sejam misericórdias, assim ninguém ousa (espero) dizer que Deus não é o doador delas. E então, 2. Que tais talentos devem ser melhorados fielmente para Deus, de quem são recebidos, é claro em Mt 25, em todo o capítulo, especialmente vv. 14-31. E Lc 20:10, ele exige os frutos de sua vinha; e Mt 10:42, se ele nos confia um copo de água fria, ele o espera para um profeta quando o pede. E se ele nos confia riquezas exteriores, espera que "demos a quem pede" (Mt 5:42; Lc 6:30, 38; 11:41; 12:33). Seus mordomos devem prestar contas de sua mordomia (Lc 16:2). Cristo nos fala de todos os nossos talentos em geral (Lc 12:48), que "a qualquer que muito foi dado, muito lhe será exigido; e àquele a quem muito se confiou, muito mais lhe pedirão". E de nossas palavras em particular Cristo nos diz (Mt 12:36), que "de toda palavra ociosa que os homens falarem hão de dar conta no dia do juízo". Muito mais por negar o uso de nossas línguas e corações no culto a Deus, quando ele nos dá tais oportunidades. "Requer-se dos mordomos que cada um se ache fiel" (1Co 4:2). "Cada um administre aos outros o dom como o recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus. Se alguém falar, fale como as palavras de Deus", etc. (1Pe 4:10-11).

Muitas outras escrituras semelhantes provam o antecedente do entimema, e o conseqüente não necessita de prova.

Argumento 2. O culto solene a Deus em e por famílias como tais é exigido pela própria lei da natureza, portanto é de instituição divina. A consequência não pode ser negada por nenhum homem que não renuncie à razão e à própria natureza; negando que a lei da natureza seja a lei de Deus, a qual é, de fato, em parte pressuposta na lei sobrenatural, e em parte nela repetida, mas nunca por ela subvertida. Os positivos são mais mutáveis do que os naturais.

O antecedente manifesta-se assim: 1. A razão natural (ou a lei da natureza) exige que todos os homens melhorem fielmente todos os talentos que Deus lhes confiou, para sua honra; portanto, a razão natural (ou a lei da natureza) exige que Deus seja solenemente adorado nas famílias, tendo ele lhes dado tais vantagens, como as referidas, para esse fim. 2. A lei da natureza exige que todas as sociedades que têm a Deus como seu fundador ou instituidor devam, em suas capacidades máximas, ser dedicadas a ele que as fundou e instituiu: mas que Deus é o fundador e instituidor das famílias é conhecido pela própria luz da natureza; portanto, a lei da natureza exige que as famílias sejam, ao máximo de suas capacidades, dedicadas a Deus; e conseqüentemente, que o adorem solenemente, sendo elas capazes de fazê-lo. Não preciso provar a premissa maior, porque falo apenas a homens que possuem a lei da natureza nela mencionada; e portanto eles mesmos sabem que é verdadeira. No entanto, permitam-me deter-me na ilustração para lhes dizer os fundamentos dela. E, 1. Deus é o Alfa e o Ômega, o primeiro e o último, o principal eficiente e o fim último de tudo; e portanto das famílias. E portanto elas devem ser para ele, assim como são dele: pois "dele, e por ele, e para ele são todas as coisas". Este argumento extraído da natureza,

que não pode ter outro começo senão Deus, nem outro fim senão Deus. O 2. Extraio da intenção divina, na fabricação e ordenação de todas as coisas. Deus fez todas as coisas para si mesmo, e não pode ter um fim último abaixo de si mesmo. O 3. Extraio de seu *jus dominii* [direito de domínio], seu direito de propriedade que ele tem sobre todas as coisas, e assim sobre as famílias como tais; elas são todas absolutamente dele somente. E aquilo que é única ou absolutamente de um homem, deve ser para o seu uso, e empregado para sua honra e fins: muito mais aquilo que é de Deus, visto que o homem não é capaz de uma propriedade tão plena de qualquer coisa no mundo como Deus tem em todas as coisas. 4. Argumento *a jure imperii* [do direito de governo]. Se ele tem pleno direito de governo sobre as famílias, como famílias, então as famílias como famílias devem honrá-lo e adorá-lo de acordo com suas capacidades máximas. Mas ele tem pleno direito de governo absoluto sobre as famílias como famílias; portanto... A consequência da maior fundamenta-se nestas duas coisas: 1. Que o próprio Deus é o fim de seu próprio governo: isto é próprio de seu regime. Todo governo humano é dito pelos políticos como terminando ultimamente no bem público da sociedade. Mas o prazer e a glória de Deus é o fim de seu governo, e é, por assim dizer, o bem público ou universal. 2. No fato de que a natureza nos ensina que a honra suprema é devida a todos os que são governantes supremos; portanto, devem ter os títulos mais honrosos, de majestade, alteza, excelência, etc., e ações condizentes com esses títulos: Mt 1:6, "Se eu sou pai, onde está a minha honra? e, se eu sou senhor, onde está o meu temor?". O temor é frequentemente colocado por todo o culto a Deus. Se, então, não há família da qual Deus não seja o Pai ou Fundador, e o Senhor, ou Proprietário e Governante, então não há nenhuma que não deva honrá-lo e temê-lo, ou adorá-lo, e isso não apenas como indivíduos, mas como famílias; porque ele não é apenas o Pai e Senhor, o Proprietário e Governante

deles como homens, mas também como famílias. A honra é tão devida ao reitor quanto a proteção aos súditos, e em nosso caso muito mais. Deus não é um governante meramente titular, mas real. Todos os poderes na terra derivam dele, e são, de fato, o seu poder. Todos os governantes legítimos são seus oficiais, e ocupam seus lugares sob ele, e agem por ele. Como Deus, portanto, é o Soberano próprio de cada comunidade, e o Cabeça da igreja, assim é ele o Cabeça de cada família. Portanto, como cada comunidade deve prestar tal culto ou honra ao seu soberano terreno como é devido ao homem; assim cada sociedade deve, de acordo com suas capacidades, prestar culto divino e honra a Deus. E se alguém objetar que, por esta regra, as comunidades, como tais, devem se reunir para adorar a Deus, o que é impossível; respondo: Devem adorá-lo de acordo com suas capacidades naturais; e assim devem as famílias de acordo com as suas. O mesmo preceito geral obriga a uma maneira diversa de dever de acordo com as diversas capacidades do sujeito. As comunidades devem, ao menos em seus representantes, comprometer-se com Deus como comunidades, e adorá-lo da maneira mais conveniente de que sejam capazes. As famílias podem se reunir para a oração, embora uma nação não possa. Assim como uma associação de igrejas, chamada de igreja provincial ou nacional, é obrigada a adorar a Deus, bem como as congregações particulares, mas não em um só lugar; porque é impossível: a natureza limita e faz a diferença.

E para que a obrigação das famílias de honrar e adorar a Deus apareça ainda mais evidentemente, considere que o direito de propriedade e governo de Deus é duplo, sendo cada título pleno por si só. 1. Ele é nosso Proprietário e Governante pelo seu título de criação. 2. Assim o é pelo seu direito de redenção. Por ambos, ele é não apenas Senhor e Governante de pessoas, mas de famílias; sendo dele todas as sociedades; e o regime das

peçoas sendo exercido principalmente sobre elas em sociedades. "Todo o poder me foi dado no céu e na terra" (Mt 28:18); "e o Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o juízo" (Jo 5:22); "e que o Pai tinha depositado nas suas mãos todas as coisas" (Jo 13:3); "e portanto diante dele se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra" (seja com um dobrar de adoração, ou de reconhecimento forçado); "e toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai" (Fp 2:10-11). Dobrar-se e confessar Cristo voluntariamente para a glória de Deus é verdadeiro culto; todos devem fazer isso de acordo com suas diversas capacidades; e portanto as famílias de acordo com as suas.

Uma terceira consideração, que pensei em adicionar apenas para ilustração, pode bem servir como um argumento em si; e é esta:

Argumento 3. Se, além de todas as oportunidades e obrigações mencionadas, as famílias vivem na presença de Deus, e devem pela fé apreender essa presença, então é a vontade de Deus que as famílias como tais o adorem solenemente. Mas o primeiro é verdadeiro, portanto o segundo também.

A consequência da maior, que por si só requer prova, provo-a por um argumento *a fortiori* [com maior razão], a partir da honra devida a todos os governantes terrenos. Embora quando um rei, um pai, um senhor estão ausentes, tal honra atual, a ser apresentada a eles, não seja devida, porque não são capazes de recebê-la (a não ser *mediante aliqua persona, vel re* [por meio de alguma pessoa ou coisa] que carregue alguma representação do superior, ou relação com ele); contudo, quando estão presentes, é um súdito desdenhoso, um filho desobediente, aquele que não presta honra atual ou culto humano a eles. Ora, Deus está sempre presente, não apenas com cada pessoa como

tal, mas também com cada família como tal. Como se diz que ele anda entre os castiçais de ouro em suas igrejas, assim o faz nas famílias de todos por sua presença comum, e de seus servos por sua presença graciosa. Isso eles facilmente percebem por ele os dirigir e abençoar os assuntos de suas famílias. Se alguém disser: Não vemos a Deus, senão o adoraremos diariamente em nossas famílias. Resposta: A fé vê aquele que para os sentidos é invisível. Se um de vós tivesse um filho que fosse cego e não pudesse ver seu próprio pai, vós o consideráveis, por isso, desculpável se ele não honrasse seu pai, quando soubesse que ele estava presente? Sabemos que Deus está presente, embora a carne seja cega e não possa vê-lo.

Argumento 4. Se as famílias cristãs (além de todas as vantagens e obrigações mencionadas) são também sociedades santificadas para Deus, então é a vontade de Deus que as famílias, como tais, o adorem solenemente; mas as famílias cristãs são sociedades santificadas para Deus; portanto, etc.

A razão da consequência é porque as coisas santificadas devem, da forma mais eminente de que são capazes, ser usadas para Deus. Santificar uma pessoa ou coisa é separá-la e apartá-la de um uso comum ou impuro, e dedicá-la a Deus, para ser empregada em seu serviço. Alienar isto de Deus, ou não usá-lo para Deus, quando lhe é dedicado, ou santificado por sua própria eleição e separação do uso comum, é sacrilégio. Deus tem um duplo direito (de criação e redenção) sobre todas as pessoas. Mas um triplo direito sobre os santificados. O terrível julgamento de Ananias foi um triste exemplo da ira de Deus sobre aqueles que retêm dele o que lhe foi dedicado. Se as famílias cristãs como tais são santificadas para Deus, devem como tais adorá-lo em sua melhor capacidade.

Que as famílias cristãs são santificadas para Deus, provo assim:

1. Uma sociedade de pessoas santas deve necessariamente ser uma sociedade santa. Mas uma família de cristãos é uma sociedade de pessoas santas; portanto. 2. Encontramos na Escritura não apenas pessoas individuais, mas as sociedades de tais, santificadas para Deus. Dt 7:6, "Porque povo santo és ao Senhor teu Deus; o Senhor teu Deus te escolheu, para lhe seres o seu povo próprio, de todos os povos que há sobre a terra". Assim Dt 14:2, 21. Assim o corpo daquela comunidade entrou conjuntamente em aliança com Deus, e Deus com eles (Dt 29; 30; e 26:17-19), "Hoje declaraste ao Senhor que ele te será por Deus, e que andarás nos seus caminhos... e o Senhor hoje te declarou que lhe serás por seu próprio povo... para seres um povo santo ao Senhor". Assim cap. 28:9; Dn 8:24; 12:7. Josué, cap. 24, dedica a si mesmo e à sua casa ao Senhor: "eu e a minha casa serviremos ao Senhor". E Abraão pela circuncisão (a aliança, ou selo da aliança de Deus) consagrou toda a sua casa a Deus; e assim deveriam fazer todas as famílias depois dele (quanto aos machos, nos quais o todo era consagrado). E se, além da intenção tipificadora, não havia algo mais na santificação de todos os primogênitos para Deus, que, se vivessem, seriam os chefes das famílias, pode ser questionado.

A páscoa era um dever familiar, pelo qual eram ainda mais santificados para Deus. Sim, é especialmente de se observar como no Novo Testamento o Espírito Santo imita a linguagem do Antigo e fala do povo de Deus como de sociedades santas, como eram os judeus. Como em muitas profecias foi predito que nações e reinos o serviriam (do que falei mais em meu livro sobre o Batismo); e entre aqueles que deveriam "prantear sobre aquele a quem traspassaram" nos tempos do evangelho, quando o espírito de graça e de súplicas é derramado, estão "a família da casa de Davi à parte, e suas mulheres à parte; a família da casa de Natã à parte, e suas mulheres à parte; todas

as famílias restantes, cada família à parte, e suas mulheres à parte" (Zc 11:12-14). Assim Cristo envia seus discípulos para "batizar as nações", tendo-as feito discípulas; e "os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo". E como, em Êx 19:5-6, Deus diz dos judeus: "sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos... e vós me sereis um reino sacerdotal e o povo santo"; assim diz Pedro de todos os cristãos (1Pe 2:5-7, 9): "Vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo. Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz". Notai quão plenamente este texto prova tudo o que estamos tratando. Ele fala dos cristãos coletivamente, como em sociedades, e em sociedades de todos os tipos mais eminentes: "geração", que parece referir-se especialmente a tribos e famílias; "sacerdócio, nação, povo", que frequentemente compreende todas as ordens na nação. E em todos esses aspectos eles são santos, e peculiares, e escolhidos, para mostrar que o povo de Deus é santificado nessas relações e sociedades. E então notai o fim desta santificação; v. 5, "para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo"; v. 9, "para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou", etc.

Sim, parece que houve uma dedicação especial de famílias a Deus. E, portanto, lemos com tanta frequência de casas convertidas e batizadas: embora nenhum adulto fosse batizado, senão aqueles que pareciam crentes; contudo, quando professavam a fé, eram todos iniciados juntos como uma casa. E parece que o interesse e o dever do senhor eram considerados tão grandes para a conversão dos demais que, assim como ele não se contentava apenas com sua própria conversão, mas trabalhava imediatamente, mesmo antes de seu batismo, para

que sua casa se unisse a ele, para que toda a família de uma vez pudesse ser dedicada a Deus; assim Deus abençoava esta sua própria ordem e ordenança para esse fim: e onde ele impunha o dever aos senhores, geralmente dava sucesso, de modo que comumente toda a família era convertida e batizada com o chefe da família. Assim em At 18:8, "Crispo... creu no Senhor com toda a sua casa; e... foram batizados"; e At 16:31, Paulo promete ao carcereiro: "Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa"; e ele e todos os seus foram batizados logo em seguida; "naquela mesma hora da noite... crendo em Deus com toda a sua casa" (vv. 33, 34). E Lídia é descrita como uma "temente a Deus" (At 16:14); e v. 15, "foi batizada, ela e a sua casa". E o anjo disse a Cornélio que Pedro lhe diria "palavras pelas quais serás salvo, tu e toda a tua casa", os quais foram batizados consequentemente (At 11:14). E em 1Co 1:16, Paulo batizou a família de Estéfanos. E Cristo disse a Zaqueu que a salvação tinha vindo naquele dia à sua casa, e ele e toda a sua casa creram. Assim aquele nobre em Jo 4:53. Portanto, quando Cristo enviou seus discípulos, disse: "E, se a casa for digna, desça sobre ela a vossa paz; mas, se não for digna, torne para vós a vossa paz". De modo que, como é aparentemente o dever de todo soberano cristão fazer o que puder para tornar todo o seu povo povo de Deus; e assim dedicá-los a Deus como uma nação santa, em uma aliança nacional, como eram os israelitas: assim é o dever inquestionável de todo governante cristão de uma família melhorar seu interesse, poder e habilidades ao máximo, para trazer toda a sua família a ser povo de Cristo na aliança batismal, e assim dedicar toda a sua família a Cristo. Ainda mais, provo isto pelo fato de que os próprios crentes sendo todos santificados para Deus, deve necessariamente seguir-se que todas as suas relações lícitas, e especialmente todos os estados de relação ordenados, são também santificados para Deus; pois quando eles mesmos são dedicados a Deus, é absolutamente sem reserva, para servi-lo

com tudo o que têm, e em cada relação e capacidade que ele os colocar. Seria uma loucura pensar que um cristão totalmente dedicado a Deus quando é um homem privado, se fosse depois feito soldado, ministro, magistrado, rei, não estaria obrigado por sua dedicação agora a servir a Deus como soldado, ministro, magistrado, rei. Assim, aquele que é dedicado a Deus em um estado de solteiro, está obrigado a servi-lo como marido, pai, senhor, quando entra nesse estado: dedicamos tudo o que temos a Deus quando nos dedicamos a ele.

Além disso, a Escritura nos diz que para "os puros todas as coisas são puras" (Tt 1:15). E "todas as coisas são santificadas pela palavra de Deus e pela oração" (1Tm 4:5); o que ocorre na medida em que são tornadas os bens e desfrutes, ações e relações de um povo santificado, que são eles mesmos dedicados ou santificados a Deus: de modo que toda santificação refere-se ultimamente e principalmente a Deus; *Quod sanctum Deo sanctum est* [O que é santo para Deus, santo é]; embora se possa dizer subordinadamente que é santificado para nós. Visto, então, que está além de qualquer dúvida que todo cristão é um homem santificado e dedicado a Deus, e que sempre que qualquer homem é assim dedicado a Deus, ele é dedicado a servi-lo até a capacidade máxima em cada estado, relação ou condição em que se encontre, e com todas as faculdades que possui, segue-se que essas relações são santificadas para Deus, e nelas ele deve adorá-lo e honrá-lo.

Ainda mais, encontramos na Escritura que as relações familiares particulares são expressamente santificadas. A família completa consiste em três pares de relações: marido e mulher, pais e filhos, senhores e servos. Os maridos devem amar suas mulheres com um amor santo no Senhor, assim como "Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela

palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa" (Ef 5:25-27). "As mulheres sejam sujeitas a seus próprios maridos, como ao Senhor; e sejam sujeitas a eles, como a igreja está sujeita a Cristo" (Ef 5:22-24). "Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais no Senhor" (Ef 6:1). "E vós, pais... criai-os na doutrina e admoestação do Senhor" (Ef 6:4). "Vós, servos, obedeci a vossos senhores... como a Cristo, e como servos de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus; servindo de boa vontade como ao Senhor, e não como aos homens. Sabendo que cada um receberá do Senhor todo o bem que fizer, seja servo, seja livre. E vós, senhores, fazei o mesmo para com eles... sabendo que o Senhor deles e vosso está nos céus" (Ef 6:5-9). De modo que é evidente que cada relação familiar distinta é dedicada ou santa para Deus e deve ser usada ao máximo para Deus. Terei ocasião de fazer uso posterior destes textos para os tipos particulares de culto, embora agora faça uso deles para o culto em geral.

Argumento 5. Os diversos tipos de culto solene em e por famílias cristãs são encontrados, designados, usados e ordenados na Escritura; portanto, pode-se bem concluir sobre o culto em geral, visto que o gênero está em cada espécie. Mas este argumento me traz à segunda parte de minha tarefa; a saber: provar o ponto quanto a alguns tipos especiais de culto; o que mais apresso porque, ao fazê-lo, provo também o geral.

II. Sobre o culto a Deus em especial, falarei apenas de duas ou três das partes principais dele, que pertencem às famílias.

E, 1. sobre o ensino, no qual compreendo:

1. O ensino da letra da Escritura: (1) Lendo-a. (2) Ensinando outros a lê-la. (3) Fazendo-os aprendê-la de memória, o que é um tipo de catequese.

2. O ensino do sentido dela.
3. A aplicação do que é assim ensinado por repreensões familiares, admoestações e exortações.

Proposição 2. É a vontade de Deus que os governantes das famílias ensinem àqueles que estão sob eles a doutrina da salvação, isto é, a doutrina de Deus concernente à salvação, e os termos nos quais ela deve ser obtida, e os meios a serem usados para alcançá-la, e todos os deveres exigidos de nossa parte para esse fim.

Antes de vir à prova, receba estas cautelas: 1. Onde digo que os homens devem assim ensinar, implico que devem ser capazes de ensinar, e não ensinar antes de serem capazes; e se não forem capazes, é seu próprio pecado, tendo Deus lhes concedido meios para a habilitação. 2. Os homens devem medir seu ensino de acordo com suas habilidades, e não pretender mais do que têm, nem tentar aquilo que não podem realizar, incorrendo assim na culpa de orgulhosa presunção, profanação ou outro abuso de coisas sagradas. Por exemplo, homens que não são capazes de fazê-lo criteriosamente não devem presumir interpretar o original, ou dar o sentido de profecias obscuras e outros textos difíceis da Escritura, nem determinar controvérsias além de seu alcance. 3. No entanto, podem convenientemente estudar o que homens mais doutos e capazes dizem sobre tais casos; e dizer às suas famílias: este é o julgamento dos pais, ou concílios, ou deste e daquele teólogo douto. 4. Mas ordinariamente é o caminho mais seguro, humilde, sábio e ordenado para o mestre da família deixar as controvérsias e as Escrituras obscuras de lado, e ensinar as poucas doutrinas claras e necessárias comumente contidas nos catecismos, e dirigir em questões de prática necessária. 5. O ensino familiar deve estar em subordinação ao ensino ministerial, assim como as famílias são subordinadas às igrejas;

e portanto: (1) O ensino familiar deve dar lugar ao ensino ministerial, e nunca ser colocado contra ele; você não deve estar ouvindo o mestre de uma família quando deveria estar em uma igreja ouvindo o pastor; e se o pastor mandar chamar servos ou filhos para serem catequizados em qualquer lugar ou tempo adequado, o mestre não deve estar fazendo isso ele mesmo, nem impedi-los, mas eles devem ir primeiro ao pastor para serem ensinados; também se um pastor vier a uma família, o mestre deve dar lugar, e a família deve ouvi-lo primeiro. (2) E portanto, quando surgirem textos difíceis ou controvérsias, o mestre deve consultar o pastor para sua exposição, a menos que ocorra de o mestre da família ser mais instruído na Escritura do que o pastor, o que é raro, e mais raro deveria ser, visto que ministros indignos deveriam ser removidos, e homens privados que são dignos deveriam ser feitos ministros. E os pastores deveriam ser os homens mais capazes na congregação. Agora, para a prova (lembrando sempre que tudo o que prova ser dever do governante ensinar, deve necessariamente provar ser dever da família aprender, e dar ouvidos ao seu ensino para que possam aprender).

Argumento 1. De Dt 11:18-21: "Portanto, poreis estas minhas palavras no vosso coração e na vossa alma, e as atareis por sinal na vossa mão, para que estejam por frontais entre os vossos olhos. E ensiná-las-eis a vossos filhos, falando delas sentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te; e escrevê-las-eis nos umbrais de tua casa, e nas tuas portas; para que se multipliquem os vossos dias e os dias de vossos filhos". Palavras semelhantes estão em Dt 6:6-8, onde se diz: "e as ensinarás diligentemente a teus filhos". Assim também em Dt 4:9: "faze-as saber a teus filhos, e aos filhos de teus filhos".

Aqui há uma parte do dever familiar, a saber, ensinar aos filhos as leis de Deus, tão claramente ordenada quanto as palavras podem expressar.

Argumento 2. Daqueles textos que recomendam isso. Gn 18:18-19: "todas as nações da terra serão benditas nele. Porque eu o tenho conhecido, que ele há de ordenar a seus filhos e a sua casa depois dele, para que guardem o caminho do Senhor"; e não foi apenas uma ordem em sua morte sobre o que deveriam fazer quando ele morresse; pois, 1. Não se pode imaginar que um homem tão santo negligenciasse um dever durante toda a sua vida e o realizasse apenas na morte, e fosse louvado por isso. 2. Ele teria então grande causa para questionar a eficácia. 3. Como Deus ordena uma inculcação diligente de preceitos aos filhos, assim, sem dúvida, é uma prática condizente com tais preceitos que é aqui louvada; e não se menciona apenas o ensino, mas o ordenar, para mostrar que deve ser um aproveitamento da autoridade, bem como do conhecimento e da elocução.

Assim também em 2Tm 3:15. Desde a infância, Timóteo conheceu a Escritura pelo ensino de seus pais, como aparece em 2Tm 1:5.

Argumento 3. Ef 6:4: "criai-os na doutrina e admoestação do Senhor"; *παιδεία* [paideia], traduzido como doutrina [ou criação/nutrição], significa tanto instrução quanto correção, mostrando que os pais devem usar tanto a doutrina quanto a autoridade, ou força, com seus filhos para os assuntos do Senhor; e *νουθεσία* [nouthesia], traduzido como admoestação, significa tal instrução que coloca a doutrina na mente, e a impõe sobre eles, e armazena plenamente suas mentes com ela; e também significa repreensão e, às vezes, correção. E deve-se notar que os filhos devem ser criados nisso; a

palavra *ἐκτρέφετε* [ektrephete], que significa nutrir cuidadosamente, importa que, assim como você os alimenta com leite e alimento corporal, assim você deve tão cuidadosa e constantemente alimentá-los e nutri-los com a doutrina e admoestação do Senhor. É chamada de doutrina e admoestação do Senhor porque o Senhor a ordena, e porque é a doutrina concernente ao Senhor, e a doutrina do seu ensino, e a doutrina que conduz a ele.

Argumento 4. Pv 22:6: "Instrui o menino no caminho em que deve andar, e até quando envelhecer não se desviará dele".

Argumento 5. De todos aqueles lugares que ordenam aos filhos que deem ouvidos às instruções de seus pais. Pv 1:8: "Filho meu, ouve a instrução de teu pai, e não deixes a doutrina de tua mãe". Pv 6:20 é semelhante; e Pv 3:22, com muitos outros. Sim, o filho que fosse obstinado e rebelde contra a instrução e correção de um pai ou mãe, na glotonaria, embriaguez, etc., deveria ser levado ao magistrado e apedrejado até a morte (Dt 21:18-20). Ora, todas as Escrituras que exigem que os filhos ouçam seus pais implicam que os pais devem ensinar seus filhos; pois não há ouvir e aprender sem ensinar.

Mas para que você não diga que pais e filhos não são a família inteira (embora possam ser, e no caso de Abraão mencionado antes, a casa inteira é mencionada), o próximo tratará de outras relações.

Argumento 6. 1Pe 3:7: "Igualmente vós, maridos, coabitai com elas [vossas esposas] com entendimento"; e Ef 5:25-26: "Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a". E isso claramente implica que este

conhecimento deve ser usado para a instrução e santificação da esposa. 1Co 14:34-35: as mulheres devem "estar caladas nas igrejas; porque não lhes é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei. E, se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos". O que mostra que em casa seus maridos devem ensiná-las.

Argumento 7. Cl 3 :22-25; Ef 6:5-8: "Servos, obedecei em tudo a vossos senhores... como a Cristo", e servi-los como "servindo ao Senhor Cristo", e portanto os ministros devem comandar em Cristo.

Argumento 8. *A fortiori* [com maior razão], os companheiros cristãos devem "exortar-se uns aos outros todos os dias, durante o tempo que se chama Hoje, para que nenhum de vós se endureça pelo engano do pecado"; muito mais devem os governantes das famílias fazer isso com esposas, filhos e servos. 1Pe 4:11: "Se alguém falar, fale segundo as palavras de Deus"; muito mais para nossas próprias famílias. Cl 3 :16: "A palavra de Cristo habite em vós abundantemente, em toda a sabedoria, ensinando-vos e admoestando-vos uns aos outros"; e muito mais deve um homem fazer isso com a esposa, filhos e servos, do que com aqueles mais remotos.

Argumento 9. Aqueles que devem ser escolhidos diáconos ou bispos devem ser tais que governem bem seus próprios filhos e sua própria casa (1Tm 3:4, 12). Ora, note: 1. Que esta é uma daquelas virtudes cristãs que eles deveriam ter antes de serem feitos oficiais, portanto outros cristãos devem tê-la e realizá-la tão bem quanto eles. 2. É um governo religioso e santo, tal como um ministro deve exercer sobre seu rebanho, que é aqui mencionado, o qual é nas coisas de Deus e da salvação, ou então a comparação ou argumento não se adequaria; v. 5: "Porque, se alguém não sabe governar a sua própria casa, como

cuidará da igreja de Deus?". Mas sobre isso já se falou antes. Eu diria mais sobre este ponto, mas creio que está tão claro na Escritura que se torna desnecessário: passo, portanto, ao próximo.

Proposição 3. A disciplina familiar é parte do culto ou serviço solene a Deus designado em sua palavra. Isso não é chamado de culto em um sentido tão estrito quanto alguns dos demais, mas de forma mais remota; contudo, assim pode bem ser chamado, visto que: 1. É um ato de autoridade feito por comissão de Deus; 2. Sobre aqueles que o desobedecem, e como tais; 3. E para sua glória; sim, e deve ser feito com tanta solenidade e reverência quanto outras partes do culto.

Os atos desta disciplina são: 1. Negar a entrada de ímpios na família. 2. Corrigir; 3. Ou expulsar aqueles que estão nela. Serei breve nestes pontos.

1. O primeiro você encontra em 2Jo 10: "Se alguém vem ter convosco, e não traz esta doutrina, não o recebais em casa, nem tampouco o saudeis. Porque quem o saúda tem parte nas suas más obras".
2. O dever de corrigir, seja por punição corporal e sensível, seja pela retirada de algum benefício, é tão comumente exigido na Escritura, especialmente em relação aos filhos, que não me deterei nisso, para não falar em vão o que todos já sabem; e como Eli sofreu por negligenciar isso, vocês sabem.
3. A disciplina de expulsar os ímpios da família (refiro-me aos servos, que são membros separáveis) você pode encontrar no Sl 101:2, 3, 7, 8: "Andarei em minha casa com um coração sincero. Não porei coisa má diante dos vossos olhos... O que usa de engano não ficará dentro

da minha casa; o que profere mentiras não estará firme perante os meus olhos".

Proposição 4. A oração e os louvores solenes a Deus em e por famílias cristãs são de instituição divina.

1. Para prova disso, devo pedir que olhem para trás, para todos os argumentos que provaram o dever do culto em geral, pois eles provarão ainda mais especialmente este tipo de culto, visto que a oração e o louvor são, de todos, os chamados mais imediata e eminentemente de culto a Deus; (sob louvores compreendo salmos de louvor, e sob oração, salmos de oração); contudo, adicionemos mais alguns.

Argumento 1. É a vontade de Deus que os cristãos que têm ocasiões e oportunidades adequadas para oração e louvores devam aproveitá-las, mas as famílias cristãs têm ocasiões e oportunidades adequadas para oração e louvor, portanto é a vontade de Deus que elas as aproveitem.

A premissa maior é evidente em muitos preceitos das Escrituras. 1Tm 2:8: "Quero, pois, que os homens orem em todo o lugar, levantando mãos santas, sem ira nem contenda". 1Ts 5:17-18: "Orai sem cessar. Em tudo dai graças; porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco". Cl 4 :2: "Perseverai na oração, velando nela com ação de graças". Cl 3 :16-17: "ensinando-vos e admoestando-vos uns aos outros com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando ao Senhor com graça em vosso coração. E, quanto fizerdes por palavras ou por obras, fazei tudo em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai". Rm 12:12: "perseverai na oração". "Orando em todo o tempo com toda a oração e súplica no Espírito, e vigiando nisto com toda a perseverança e súplica

por todos os santos, e por mim; para que me seja dada... a palavra" (Ef 6:18-19). Muitos textos semelhantes poderiam ser nomeados, cada um dos quais oferece um argumento muito eficaz para os louvores familiares.

1. Se os homens devem orar em todo lugar (que seja conveniente), então certamente em suas famílias. Mas, etc. *Ergo* [Portanto].
 2. Se os homens devem orar sem cessar, então certamente em suas famílias.
 3. Se os homens devem em tudo dar graças, então certamente pelas misericórdias familiares e, então, de acordo com a natureza delas, juntos.
 4. Se os homens devem perseverar na oração e vigiar nela (por vantagens adequadas e contra impedimentos) e em ação de graças, então sem dúvida não devem omitir as vantagens singulares que são administradas nas famílias.
 5. Se devemos ser constantes na oração e súplica, etc., então sem dúvida na oração familiar, em nossas famílias, a menos que ali não seja lugar e aquilo não seja oração.
- Objeção: Mas isso não nos obriga mais à oração em nossas famílias do que em qualquer outro lugar.
- Resposta: Sim, obriga-nos a aproveitar todas as oportunidades adequadas; e temos oportunidades mais adequadas em nossas próprias famílias do que nas de outros homens, ou do que em reuniões ocasionais, ou do que em quaisquer sociedades comuns, exceto a igreja.

E aqui permitam-me dizer-lhes que é ignorância pedir por uma Escritura particular expressa que exija orar em famílias, como se pensássemos que os comandos gerais não compreendessem este particular e não fossem suficientes. Deus, em muita sabedoria, deixa fora de sua lei escrita a determinação expressa de algumas daquelas circunstancialidades, ou a aplicação de

preceitos gerais a alguns daqueles sujeitos, para os quais a razão comum e a luz da natureza bastam para determinar e aplicar. A Escritura nos dá o geral: "Orai em todo o tempo com toda a oração em todos os lugares", isto é, não omitam nenhuma vantagem e oportunidade adequada para a oração. E se Deus não tivesse dito nada mais do que isso sobre a oração na Escritura? Parece que alguns homens teriam dito: Deus não exigiu que orássemos de modo algum (quando ele exige que oremos sempre), porque ele não nos diz quando, onde, com que frequência, com quem, em quais palavras, etc. E assim teriam concluído que Deus em lugar nenhum nos ordena orar em secreto, nem orar em famílias, nem orar em assembleias, nem orar com os piedosos, nem com os ímpios, nem orar todos os dias, nem uma vez por semana; nem com um livro, nem sem um livro, e portanto não orar de modo algum. Como se o geral "Orai em todas as ocasiões adequadas" não fosse nada.

Mas esses homens devem saber que a natureza e a razão também são luz de Deus, e a Providência frequentemente determina tais sujeitos e adjuntos: e a lei geral, junto com estes, coloca tudo fora de dúvida. E se Deus lhe dissesse: Aquele que não provê para os seus, especialmente para os de sua casa, negou a fé e é pior que o infiel, e não lhe dissesse quem são suas famílias e quem não é, nem que provisão você deve fazer para eles, que comida, que roupas, ou com que frequência devem se alimentar, etc.; você diria que Deus não lhe ordenou alimentar ou vestir este filho ou aquele servo? É suficiente que Deus o encarregue de prover para suas famílias na Escritura; e que na natureza ele lhe diga quais são suas famílias, e que provisão fazer para elas, e com que frequência, e em que quantidade, etc. E assim, se Deus ordena que você ore em todos os lugares, e em todos os tempos, em todas as ocasiões (que sejam adequadas para a oração), e a experiência e a razão comum lhe dizem que as famílias oferecem tempos, lugares e

ocasiões mais adequados para a oração, não é isso suficiente, que existam tais estações, oportunidades e ocasiões para a oração familiar? Refiro-me às descobertas particulares delas no início, onde provei o dever do culto em geral a ser ali realizado. E refiro-me também à própria razão comum, não temendo a contradição de qualquer homem cuja impiedade não o tenha tornado irracional e prevalecido contra a luz comum da natureza. Este primeiro argumento geral seria suficiente, se os homens não fossem tão avessos ao seu dever que não podem conhecer porque não querem: mas adicionemos, portanto, mais alguns.

Argumento 2. Se existem muitas bênçãos de que a família necessita, e que ela realmente recebe de Deus, então é a vontade de Deus que a família ore por essas bênçãos quando necessitar delas, e dê graças por elas quando as tiver recebido: mas existem muitas bênçãos de que a família (como conjunto) necessita e recebe de Deus. Portanto, a família em conjunto, e não apenas membros particulares em secreto, deve orar por elas e dar graças por elas.

O antecedente está além de questão: 1. A continuidade da família como tal em existência. 2. Em bem-estar. 3. E assim a preservação e direção dos membros essenciais. 4. E a prosperidade de todos os assuntos familiares são instâncias evidentes: e descer a meros detalhes seria um tédio desnecessário. A consequência é provada por muitas Escrituras, que exigem que aqueles que carecem de misericórdias as peçam, e aqueles que as receberam sejam gratos por elas. Objeção: Assim eles podem fazer individualmente. Resposta: Não é apenas como pessoas individuais, mas como uma sociedade, que recebem a misericórdia; portanto, não apenas como pessoas individuais, mas como uma sociedade, devem orar e dar graças: portanto,

devem fazê-lo da maneira que seja mais adequada para uma sociedade fazê-lo, e isso é, juntos conjuntamente, para que seja de fato um sacrifício familiar, e para que cada parte possa ver que os demais se unem a elas. E especialmente para que o governante possa estar satisfeito nisso, a quem a supervisão dos demais é confiada: para ver que todos se unam na oração, o que em secreto ele não pode ver, não sendo adequado que a oração secreta tenha espectadores ou testemunhas, isto é, não seria secreta. Mas eu pretendia fazer disto outro argumento por si só; o qual, como já entramos nele, adicionarei a seguir.

Argumento 3. Se Deus encarregou o governante da família de ver que os demais o adorem naquela família, então o governante deve fazer com que eles se unam solene ou abertamente naquele culto. Mas Deus encarregou o governante da família de ver que os demais o adorem naquela família; portanto, etc.

A razão da consequência é porque, de outro modo, ele não pode com nenhuma conveniência ver que eles o façam. Pois, 1. Não é adequado que ele fique por perto enquanto eles oram secretamente. 2. Nem são eles capazes de fazê-lo vocalmente, na maioria das famílias, mas têm necessidade de um líder; não sendo algo a se esperar de cada mulher, criança e servo (que careceram de boa educação) que sejam capazes de orar sem um guia, de modo que seja adequado para outros ouvirem. 3. Levava quase todo o tempo do governante de muitas famílias ir a eles um após o outro, e ficar ao lado deles enquanto oram, até que todos terminassem: que homem em seu juízo pode pensar ser este um curso tão adequado quanto a família se unir, sendo o governante a boca?

O antecedente provo assim: 1. O quarto mandamento exige que o governante da família não apenas veja que ele mesmo

santifique o dia de sábado, mas também que seu filho e sua filha, e seu servo, e sua serva, seu gado (isto é, na medida em que são capazes), sim, e o estrangeiro que está dentro das suas portas, o façam. 2. Foi confiado ao encargo de Abraão ver que todos em sua família fossem circuncidados: assim foi depois para todo governante de uma família; a ponto de o anjo ameaçar Moisés quando seu filho não estava circuncidado. 3. O governante da família deveria ver que a "páscoa" fosse guardada por cada um em sua família (Êx 12:2, 3, etc.); e assim a "festa das semanas" (Dt 26:11-12). Tudo o que foi dito antes tende a provar isso, e muito mais poderia ser dito, se eu pensasse que seria negado.

Argumento 4. Se Deus prefere, e gostaria que preferíssemos, as orações e louvores de muitos em conjunto, antes das orações e louvores daquelas pessoas separadamente, então é a sua vontade que as pessoas particulares das famílias cristãs prefiram a oração e os louvores conjuntos aos disjuntos: mas o antecedente é verdadeiro, portanto o consequente também o é. Ou assim, tome-o como o mesmo argumento ou outro: Se é dever dos vizinhos, quando têm ocasião e oportunidade, unir-se em louvores de interesse comum, em vez de fazê-lo separadamente, então muito mais é este o dever das famílias: mas é o dever dos vizinhos; portanto, etc.

No primeiro argumento, a razão da consequência é porque deve-se tomar o caminho com o qual Deus mais se agrada. A razão da consequência no segundo é porque os membros da família são mais estreitamente relacionados que os vizinhos, e têm muito mais vantagem e oportunidade para a conjunção, e razões mais comuns para instá-los a isso, a partir da conjunção de seus interesses e assuntos.

Nada precisa de prova exceto o antecedente, o qual colocarei além de toda dúvida por estes argumentos. 1. Cl 3:16: "ensinando-vos e admoestando-vos uns aos outros com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando ao Senhor com graça em vosso coração". Aqui está um dever de louvor exigido para ser feito juntos, e não apenas à parte. Farei ainda uso posterior deste texto logo mais. 2. At 12:12: "muitos estavam reunidos e oravam" na casa de Maria, quando Pedro chegou à porta. Esta não era uma assembleia de toda a igreja, mas de uma pequena parte: eles julgaram melhor orar juntos do que sozinhos. 3. At 20:36: Paulo orou junto com todos os anciãos da igreja de Éfeso, quando os tinha consigo; e não escolheu antes deixar que cada homem orasse sozinho. 4. Tg 5:14-15: Tiago ordena ao doente que "chame os anciãos da igreja, e orem sobre ele... e a oração da fé salvará o doente", etc. Ele não diz mande chamá-los para que orem por você; mas ele quer que se unam ao fazê-lo. 5. As orações da igreja são preferidas às particulares com base nisso, e somos ordenados a não deixar a nossa congregação (Hb 10:25). 6. O lutar juntos em oração é desejado (Rm 15:30). 7. Mt 18:20: "Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles". 8. Portanto Cristo veio entre os discípulos quando estavam reunidos, após sua ressurreição: e enviou o Espírito Santo quando estavam reunidos (At 2). "E todos estes perseveravam unanimemente em oração e súplicas" (At 1:14, 24; 2:42). "E, tendo orado, moveu-se o lugar em que estavam reunidos; e todos foram cheios do Espírito Santo", etc. (At 4:31). 9. Não está isso implícito no fato de Cristo dirigir seus discípulos a orarem no plural: "Pai nosso", etc. "O pão nosso de cada dia nos dá hoje", etc.? 10. A própria necessidade das pessoas o prova, visto que poucas sociedades são tais que a maioria não seja incapaz de expressar suas próprias necessidades tão amplamente a ponto de afetar seus corações, tanto quanto quando outros o fazem, os quais estão melhor providos de afeto

e expressão. E este é um dos caminhos de Deus para a comunhão e comunicação da graça; que aqueles que têm muito possam ajudar a aquecer e acender aqueles que têm menos. A experiência nos diz o benefício disso. Como nem todo o corpo é um olho ou mão, assim não é uma língua, e portanto a língua da igreja e da família deve falar por todo o corpo: não que cada um não deva orar em secreto também: mas, (1) Ali o coração sem a língua pode melhor servir ao propósito. (2) Eles ainda devem preferir a oração conjunta. E, (3) A comunhão dos santos é um artigo do nosso credo, que nos obriga a reconhecer ser adequado fazer tanto da obra de Deus quanto pudermos em comunhão com os santos, não indo além de nossas vocações, nem caindo em confusão.

Argumento 5. É um dever receber todas as misericórdias que Deus nos oferece: mas para uma família ter acesso a Deus em orações e louvores conjuntos é uma misericórdia que Deus lhes oferece; portanto é dever deles aceitá-la. A premissa maior é clara na natureza e na Escritura: "Porque clamei e vós recusastes" é a grande agravação de Deus sobre o pecado dos rebeldes. "Quantas vezes quis eu ajuntar os vossos filhos... e vós não quisestes! Todo o dia estendi as minhas mãos", etc. Recusar uma bondade oferecida é desprezo e ingratidão. A menor é inegável por qualquer cristão que já soube o que eram orações e louvores familiares. Quem ousa dizer que não é misericórdia ter tal acesso conjunto a Deus? Quem não sente que a conjunção ajuda um pouco seus próprios afetos, aquele que faz questão de vigiar seu coração?

Argumento 6. Parte dos deveres das famílias é tal que eles aparentemente perdem sua principal vida e excelência se não forem realizados conjuntamente; portanto, devem ser assim realizados.

Refiro-me ao canto de salmos, que provei antes ser um dever comum de cristãos conjuntos, portanto de famílias. A melodia e a harmonia perdem-se pela nossa separação e, conseqüentemente, a alacridade e o avivamento que nossos afetos deveriam obter por meio disso. E se parte dos louvores de Deus deve ser realizada em conjunto, é fácil ver que o resto também deve ser. (Para não falar do ensino, que não pode ser feito sozinho).

Argumento 7. A oração e os louvores familiares são um dever reconhecido pela obra de ensino e santificação do Espírito; portanto são de Deus.

Eu não argumentaria de trás para frente, do ensino do Espírito para o comando da palavra, senão sob estas duas suposições: 1. Que o experimento é muito geral e inegável. 2. Que muitos textos da Escritura já foram trazidos para a oração familiar; e que este argumento serve apenas para secundá-los e prová-los verdadeiramente interpretados. O Espírito e a palavra sempre concordam: se, portanto, eu puder provar que o Espírito de Deus comumente inclina os corações dos homens a um amor e apreço por estes deveres, sem dúvida eles são de Deus. A santificação é uma transcrição dos preceitos da palavra no coração, escrita pelo Espírito de Deus. Basta quanto à consequência.

O antecedente consiste em duas partes: 1. Que os santificados têm em si inclinações para estes deveres. 2. Que estas inclinações são do Espírito de Deus. A primeira não necessita de prova, sendo uma questão de experiência. Apelo ao coração de cada cristão sadio e estável, se ele não sente uma convicção deste dever e uma inclinação para a realização dele. Nunca encontrei um que fosse de outra opinião, que eu saiba. Objeção: Muitos em nossos tempos são totalmente contra a

oração familiar, e são bons cristãos. Resposta: Não conheço nenhum deles. Confesso que outrora pensei que alguns eram muito bons cristãos, os quais agora são contra elas, mas agora eles parecem de outra forma, não apenas por isso, mas por outras coisas. Não conheço ninguém que tenha abandonado estes deveres sem que tenha adotado pecados vis em seu lugar, e abandonado outros deveres tanto quanto estes: que outros observem e julguem conforme encontrarem. 2. O poder da ilusão pode por um tempo fazer um cristão abster-se, como se fosse ilícito, daquilo para o qual sua própria nova natureza está inclinada. Como alguns pensam ser ilícito orar em nossas assembleias, e alguns unir-se nos sacramentos: e contudo têm um espírito dentro deles que inclina seus corações a isso ainda, e portanto o amam, e desejam que fosse lícito, mesmo quando se abstêm por um conceito de que é ilícito. E assim é possível que por um tempo alguns façam com os deveres familiares: mas como espero que estes em breve se recuperem, de minha parte considero todos os demais como sem graça: o preconceito e o erro como uma tentação podem proibir o exercício de um dever, quando contudo o Espírito de Deus opera no coração uma inclinação para esse dever ao santificá-lo. 2. E que estas inclinações são de fato do Espírito é evidente: 1. No fato de que elas vêm junto com todas as outras graças. 2. E pelos mesmos meios. 3. E são preservadas pelos mesmos meios, permanecendo ou caindo, aumentando ou diminuindo, com o resto. 4. E são para o mesmo fim. 5. E estão tão geralmente em todos os santos. 6. E são tão resistidas pela carne e pelo sangue. 7. E são tão condizentes com a palavra, que um cristão peca contra sua nova natureza quando negligencia os deveres familiares. E Deus, por seu Espírito, cria um desejo por eles e uma estima por eles em cada alma graciosa.

Argumento 8. A oração e os louvores familiares são um dever ordinariamente coroado com bênçãos admiráveis, divinas e

especiais: portanto são de Deus; a consequência é evidente. Pois embora a prosperidade comum e externa possa ser dada aos ímpios, que têm sua porção nesta vida, o mesmo não ocorre com a prosperidade da alma.

Para o antecedente, apelo de bom grado à experiência de todas as famílias santas do mundo. Quem quer que tenha usado estes deveres seriamente e não tenha encontrado os benefícios? Que famílias são aquelas em que a graça e a mentalidade celestial prosperam, senão aquelas que usam estes deveres? Comparem em todas as suas vilas, cidades e aldeias as famílias que leem as Escrituras, oram e louvam a Deus, com aquelas que não o fazem, e vejam a diferença: quais delas abundam mais em impiedade, em juramentos, e maldições, e xingamentos, e embriaguez, e prostituição, e mundanismo, etc.; e quais abundam mais em fé, e paciência, e temperança, e caridade, e arrependimento, e esperança, etc. A controvérsia não é difícil de decidir. Olhem para a nobreza e a fidalguia da Inglaterra; não veem diferença entre aqueles que foram criados em famílias que oram e os demais? Refiro-me a tomá-los (como dizemos) uns com os outros proporcionalmente. Olhem para os ministros da Inglaterra; foram as famílias que oram ou as famílias sem oração que mais contribuíram para o bom provimento das universidades?

Argumento 9. Todas as igrejas devem solenemente orar a Deus e louvá-lo: uma família cristã é uma igreja; portanto, etc.

A premissa maior está além de dúvida; a menor provo-a a partir da natureza de uma igreja em geral, que é uma sociedade de cristãos combinados para o melhor culto e serviço de Deus. Não digo que uma família, formalmente como família, seja uma igreja; mas cada família de cristãos deve, além disso, por tal combinação, ser uma igreja: sim, como cristãos eles estão

assim combinados, visto que o cristianismo os vincula a servir a Deus conjuntamente em suas relações. 2. A Escritura o expressa: 1Co 16:19: "Áquila e Priscila, com a igreja que está em sua casa, vos saúdam muito no Senhor". Ele não diz que se reúne em sua casa, mas que está nela. Assim em Fm 2: "e à igreja que está em tua casa". Rm 16:5: "Saudai também a igreja que está em sua casa". Cl 4:15: "Saudai aos irmãos que estão em Laodiceia, e a Ninfas e à igreja que está em sua casa". Embora alguns homens doutos considerem que estes se referem a parte das igrejas que se reuniam nessas casas, contudo Beza, Grotius e muitos outros reconhecem que se refere a uma família ou igreja doméstica, de acordo com aquilo de Tertuliano: *ubi tres licet laici ibi ecclesia* [onde houver três, ainda que leigos, ali está a igreja]; contudo, não digo que tal igreja familiar seja da mesma espécie que uma igreja particular organizada de muitas famílias. Mas não poderia (nem mesmo analogicamente) ser chamada de igreja se eles não pudessem e não devessem orar juntos e louvar a Deus juntos: para estes, portanto, conclui plenamente.

Argumento 10. Se os governantes devem ensinar às suas famílias a palavra de Deus, então devem orar com elas: mas devem ensiná-las; portanto, etc. O antecedente já foi plenamente provado por Escritura expressa; veja também Sl 78:4-6. Os ministros devem ensinar de casa em casa; portanto os próprios governantes devem fazê-lo (At 5:42; 20:20).

A consequência é provada como boa: 1. Os apóstolos oravam quando pregavam ou instruía cristãos em assembleias privadas (At 20:36 e outros lugares). 2. Temos necessidade especial da assistência de Deus na leitura das Escrituras, para conhecer sua mente nelas e para torná-las proveitosas para nós; portanto devemos buscá-la. 3. A reverência devida a um negócio tão santo o exige. 4. Somos ordenados "em tudo a

fazer conhecidas nossas petições a Deus com orações, súplicas e ações de graças, e isso com todo tipo de oração, em todos os lugares, sem cessar"; portanto, especialmente em tais ocasiões como a leitura das Escrituras e a instrução de outros: e creio que poucos homens que estão convencidos do dever de ler a Escritura e instruir solenemente suas famílias questionarão o dever de orar pela bênção de Deus sobre isso, quando se põem ao trabalho. Sim, a própria consciência de um cristão o provocará a começar tudo reverentemente com Deus, implorando sua aceitação, auxílio e bênção.

Argumento 11. Se os governantes das famílias estão obrigados a ensinar suas famílias a orar, então estão obrigados a orar com elas: mas estão obrigados a ensiná-las a orar; portanto, etc.

No argumento anterior, falo do ensinar em geral: aqui falo do ensinar a orar em especial. O antecedente da maior provo assim: 1. Eles estão obrigados a criá-los "na doutrina e admoestação do Senhor" (Ef 6:4); portanto, a ensiná-los a orar e louvar a Deus; pois "a doutrina e admoestação do Senhor" contém isso. 2. Eles estão obrigados a "ensiná-los o temor do Senhor" e a "instruí-los no caminho em que devem andar", e esse é, sem dúvida, o caminho da oração e do louvor a Deus.

A consequência parece aqui ser sólida, visto que os homens não podem ser bem e eficazmente ensinados a orar sem que se ore com eles, ou que eles ouçam; portanto, aqueles que devem ensiná-los a orar devem orar com eles. É como a música, que você não pode bem ensinar a ninguém sem tocar ou cantar para a pessoa; visto que o ensino deve ser pela prática: e na maioria das doutrinas práticas é assim em algum grau.

Se alguém questionar isto, apelo à experiência. Nunca conheci homem algum que fosse bem ensinado por outro a orar sem

praticar diante dele. Aqueles que conheceram algum assim podem ter mais coragem para objetar; mas eu não conheci: ou se conheceram, contudo uma coisa tão rara não deve ser tornada o caminho comum de nossos esforços, tanto quanto não deveríamos deixar de ensinar aos homens os artifícios mais curiosos por demonstração ocular porque alguns gênios os aprenderam por poucas palavras ou por sua própria invenção: são cruéis com os filhos e servos aqueles que não os ensinam a orar pela prática e pelo exemplo.

Argumento 12. De 1Tm 4:3-5: "alimentos que Deus criou para os fiéis... os receberem com ação de graças... porque pela palavra de Deus e pela oração é santificada".

Aqui note: 1. Que todo o nosso alimento deve ser recebido com ação de graças; não apenas com uma disposição de gratidão. 2. Que isso é repetido duas vezes aqui expressamente, sim, três vezes em sentido. 3. Que Deus os criou para serem assim recebidos. 4. Que isso é tornado uma condição da bondade, isto é, da bênção da criatura para o nosso uso. 5. Que se diz que a criatura é santificada pela palavra de Deus e pela oração; e, assim, era antes não santificada para nós. 6. Que a mesma coisa que é chamada de ação de graças nos dois versículos anteriores é chamada de oração no último; caso contrário, a consequência do apóstolo não poderia sustentar-se quando ele assim argumenta: É bom se for recebido com ação de graças, porque é santificado pela oração.

Daqui extrairéi estes dois argumentos: 1. Se as famílias devem com ação de graças receber seu alimento como vindo de Deus, então a ação de graças das famílias é um dever de instituição divina: mas o primeiro é verdadeiro, portanto o segundo também o é. O antecedente é claro: todos devem receber seu alimento com ação de graças; portanto as famílias devem. Elas

comem juntas; portanto devem dar graças juntas: e que a oração está incluída na ação de graças neste texto, eu manifestei antes.

É o dever das famílias usar meios para que todas as criaturas de Deus lhes sejam santificadas: a oração é o meio a ser usado para que todas as criaturas de Deus lhes sejam santificadas; portanto é o dever das famílias usar a oração.

Argumento 13. De 1Pe 3:7: "Igualmente vós, maridos, coabitai com elas com entendimento, dando honra à mulher, como vaso mais fraco; como sendo vós os seus co-herdeiros da graça da vida; para que não sejam impedidas as vossas orações". Aquela oração que é especialmente impedida pelo convívio ignorante e indelicado é a que se refere especialmente aqui neste texto: mas é a oração conjunta que é especialmente assim impedida; portanto, etc. Sei que a oração secreta e pessoal também é impedida pelas mesmas causas; mas não tão direta e notavelmente quanto a oração conjunta o é. Com que corações podem marido e mulher unir-se como uma só alma em oração a Deus, quando se maltratam e se exasperam mutuamente, e vêm quentes de repreensões e dissensões? Este parece o verdadeiro significado do texto. E assim, sendo a oração conjunta de marido e mulher provada como um dever (os quais às vezes constituem uma família), as mesmas razões incluirão também o resto da família.

Argumento 14. De Cl 3:16-17 a 4:2: "A palavra de Cristo habite em vós abundantemente, em toda a sabedoria, ensinando-vos e admoestando-vos uns aos outros com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando ao Senhor com graça em vosso coração. E, quanto fizerdes por palavras ou por obras, fazei tudo em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a

Deus Pai. Vós, mulheres, sede sujeitas...", etc. Cap. 4:2: "Perseverai na oração, velando nela com ação de graças".

Daqui posso buscar muitos argumentos para as orações familiares. 1. Parece ser das orações familiares principalmente que o apóstolo aqui fala; pois é às famílias que ele fala: pois nos vv. 16-17 ele fala de oração e ação de graças; e nas palavras seguintes ele fala a cada relação familiar: esposas, maridos, filhos, pais, servos, senhores; e nas palavras seguintes, continuando seu discurso às mesmas pessoas, ordena-lhes que "perseverem na oração, velando nela", etc. 2. Se os vizinhos estão obrigados a falar juntos com salmos, hinos e cânticos espirituais, com graça em seus corações ao Senhor, e a perseverar na oração e ação de graças; então as famílias muito mais, que são mais estreitamente relacionadas e têm mais necessidades e oportunidades, como foi dito antes. 3. Se tudo o que fizermos por palavras ou por obras devemos fazer tudo em nome do Senhor Jesus, dando graças; então as famílias precisam necessariamente unir-se em dar graças. Pois elas têm muitos negócios diários por palavras e por obras a serem feitos juntos e separadamente.

Argumento 15. De Dn 6:10: "Daniel, pois, quando soube que o edito estava assinado, entrou em sua casa (ora havia no seu quarto janelas abertas da banda de Jerusalém), e três vezes no dia se punha de joelhos, e orava, e dava graças diante do seu Deus, como também antes costumava fazer. Então aqueles homens se ajuntaram, e acharam a Daniel orando e suplicando diante do seu Deus". Aqui note: 1. A natureza do dever. 2. A necessidade dele. 1. Se não tivesse sido uma oração familiar aberta que Daniel aqui realizou, como poderiam eles saber o que ele dizia? Não é provável que ele falasse tão alto em segredo; nem é provável que o tivessem encontrado nisso. Um príncipe tão grande teria tido alguns servos em suas salas

externas para detê-los antes que chegassem tão perto. 2. E a necessidade desta oração é tal que Daniel não a omitiria por alguns dias para salvar sua vida.

Argumento 16. De Js 24:15: "Porém eu e a minha casa serviremos ao Senhor". Aqui note: 1. Que é uma unidade doméstica que está aqui empenhada: pois se alguém quisesse provar que isso se estende além, a toda a tribo de Josué ou parentela inferior, ainda assim sua casa estaria incluída de forma mais eminente. 2. Que é a mesma coisa que Josué promete para sua casa, a qual ele gostaria que todo o Israel fizesse pelas deles: pois ele se coloca como um exemplo para movê-los a isso.

Se as casas devem servir ao Senhor, então as casas devem orar a ele e louvá-lo: mas as casas devem servi-lo; portanto, etc. A consequência é provada pelo fato de que a oração e o louvor são partes tão necessárias do serviço a Deus, que nenhuma família ou pessoa pode ser dita, em geral, dedicada a servir a Deus, se não for dedicada a eles. Invocar a Deus é frequentemente colocado na Escritura por todo o culto a Deus, por ser uma parte muito eminente; e os ateus são descritos como aqueles que "não invocam ao Senhor" (Sl 14:4, etc.).

Argumento 17. A história de Cornélio, em At 10, prova que ele realizava o culto familiar: pois observe: 1. Que, no v. 2, diz-se que ele era "homem piedoso e temente a Deus com toda a sua casa, o qual fazia muitas esmolas ao povo, e de contínuo orava a Deus": e no v. 30, ele diz: "à hora nona orava em minha casa": e no v. 24, "tinha convidado os seus parentes e amigos mais íntimos": assim nos vv. 11, 14 [do cap. 11], "serás salvo, tu e toda a tua casa": de modo que, no v. 2, temer a Deus compreende a oração, e é usualmente colocado por todo o culto a Deus; portanto, quando se diz que ele temia a Deus com toda

a sua casa, está incluído que ele adorava a Deus com toda a sua casa: e que ele costumava fazê-lo conjuntamente com eles está implícito no fato de ele reunir seus parentes e amigos quando Pedro veio, não mencionando a convocação de sua unidade doméstica, por ser algo usual e suposto. E quando se diz que ele orava *ἐν τῷ οἴκῳ* [na casa], isso pode significar sua unidade doméstica, como a palavra é frequentemente tomada na Escritura. De qualquer modo, as circunstâncias mostram que ele o fazia.

Argumento 18. De 1 Tm 3:4, 5, 12: "Que governe bem a sua própria casa, tendo seus filhos em sujeição, com toda a modéstia (Porque, se alguém não sabe governar a sua própria casa, como cuidará da igreja de Deus?); os diáconos sejam maridos de uma só mulher, e governem bem a seus filhos e a suas próprias casas". Aqui note que se trata de um governo de suas casas de tal natureza que é da mesma espécie que o governo da igreja, *mutatis mutandis* [mudando o que deve ser mudado], e isso consiste em criá-los no culto a Deus e guiá-los nele; pois o apóstolo faz da falha em um, uma descoberta segura de sua inaptidão para o outro. Ora, governar a igreja é ensiná-los e guiá-los como sua boca em oração e louvores a Deus, bem como supervisionar suas vidas; portanto, é um governo de suas casas tal que é pré-requisito para prová-los aptos.

Aqueles que devem governar tão bem suas próprias casas, a ponto de provar em parte que não são inaptos para governar a igreja, devem governá-las por instruções santas e guiando-as como sua boca no culto a Deus. Mas aqueles mencionados em 1 Tm 3 devem governar assim suas casas; portanto, etc.

O governo da igreja pelo pastor consiste principalmente em ir adiante deles e guiá-los no culto a Deus; portanto, o mesmo

ocorre com o governo de suas próprias casas, que é tornado aqui uma qualificação de teste para sua aptidão. Embora ainda não alcance um nível tão alto, nem tantas coisas, e a conclusão não seja afirmativa — "Aquele que governa bem sua própria casa está apto para governar a igreja de Deus" — mas negativa — "Aquele que não governa bem sua própria casa, não está apto para governar a igreja de Deus"; isso ocorre porque: 1. Este é um grau inferior de governo, que não o provará apto para um superior. 2. E é apenas uma qualificação entre muitas que são necessárias. No entanto, é aparente que algum grau de aptidão é provado por meio disso, e isso a partir de uma semelhança entre as coisas. Quando Paulo compara o governo da casa ao governo da igreja, não se pode pensar que ele os considere totalmente heterogêneos: ele nunca teria dito: "Aquele que não pode governar um exército, ou regimento, ou uma cidade, como governará a igreja de Deus?". Concluo, portanto, que este texto mostra que é dever dos mestres de famílias governar bem suas próprias famílias no culto correto a Deus, *mutatis mutandis* [mudando o que deve ser mudado], assim como os ministros devem governar a igreja.

Argumento 19. Se as famílias têm necessidade especial de oração familiar conjuntamente, a qual não pode ser suprida de outra forma, então é a vontade de Deus que a oração familiar esteja em uso: mas as famílias têm tais necessidades; portanto, etc. O consequente não precisa de prova; o antecedente é provado por instâncias. As famílias têm necessidades familiares que são amplas demais para serem confinadas a um quarto secreto e, no entanto, mais privadas do que para serem trazidas constantemente às assembleias da igreja. 1. Há muitas ocasiões mundanas sobre suas vocações e relações que é adequado mencionarem entre si, mas inadequado mencionar diante de toda a congregação. 2. Há muitas desordens nos corações e vidas dos membros das famílias, e muitos erros e

desentendimentos que devem ser resolvidos em casa, e que a oração deve fazer muito para curar, e que, no entanto, não são adequados para serem trazidos aos ouvidos das assembleias da igreja. 3. E se fosse adequado mencionar todos em público, o número de tais casos seria tão grande que sobrecarregaria o ministro e confundiria o culto público; aliás, metade deles na maioria das igrejas não poderia ser mencionada. 4. E tais casos são de ocorrência ordinária e, portanto, teriam ordinariamente todas essas inconveniências.

E, no entanto, há muitos desses casos que não são adequados para serem confinados às nossas orações secretas de cada um por si; porque: 1. Eles frequentemente pecam juntos, o que torna adequado que confessem e lamentem juntos. 2. E algumas misericórdias que recebem juntos, é adequado que busquem e deem graças por elas juntos. 3. E muitos trabalhos que fazem juntos, é adequado que busquem uma bênção sobre eles juntos. 4. E a presença uns dos outros na confissão, petição e ação de graças tende ao aumento de seu fervor, ao aquecimento de seus corações e a empenhá-los mais no dever e contra o pecado; e é necessária pelos fundamentos estabelecidos anteriormente. Aliás, é um tipo de cisma familiar, em tais casos, separar-se uns dos outros e orar apenas em secreto; assim como é cisma eclesiástico separar-se das assembleias da igreja e orar apenas em famílias. A natureza e a graça deleitam-se na unidade e abominam a divisão. E a luz da natureza e da graça nos impele a fazer tanto da obra de Deus em unidade, concórdia e comunhão quanto pudermos.

Argumento 20. Se antes da entrega da lei a Moisés, Deus era adorado em famílias por sua própria determinação, e esta determinação ainda não foi revertida, então Deus deve ser adorado em famílias ainda. Mas o antecedente é certo; portanto, o conseqüente também o é.

Creio que ninguém nega a primeira parte do antecedente; que antes do dilúvio nas famílias dos justos, e depois até o estabelecimento de um sacerdócio, Deus era adorado em famílias ou unidades domésticas: é uma dúvida maior se então ele tinha qualquer outro culto público. Quando havia poucas ou nenhuma assembleia de igreja que fosse maior que as famílias, sem dúvida Deus era ordinariamente adorado em famílias. Todo governante de uma família era então como um sacerdote para sua própria família. Caim e Abel ofereceram seus próprios sacrifícios; assim fizeram Noé, Abraão e Jacó.

Se for objetado que tudo isso cessou quando o ofício do sacerdote foi instituído, negando assim a última parte do meu antecedente, respondo: 1. Embora alguns duvidem se o ofício do sacerdócio foi instituído antes do tempo de Arão, creio que não há grande dúvida a ser feita sobre isso; visto que encontramos um sacerdócio então entre outras nações, que o tinham ou pela luz da natureza, ou por tradição da igreja; e o sacerdócio de Melquisedeque (que foi um tipo de Cristo) é expressamente mencionado. De modo que, embora o culto familiar fosse então o mais usual, havia algum culto mais público. 2. Após a instituição do sacerdócio de Arão, o culto familiar continuou, como provei antes; sim, os dois sacramentos da circuncisão e da páscoa eram celebrados em famílias pelo mestre da casa; portanto, a oração certamente continuou nas famílias. 3. Se aquela parte do culto que foi depois realizada em sinagogas e assembleias públicas lhes foi apropriada, isso de modo algum prova que a parte que convinha às famílias como tais foi transferida para aquelas assembleias. Pelo contrário, é uma prova certa de que essa parte foi deixada para as famílias ainda, porque descobrimos que as assembleias públicas nunca a assumiram. Não encontramos entre elas nenhuma oração senão a oração da igreja; e nada que fosse ajustado às famílias como tais. Nem há

uma palavra na Escritura que fale de Deus revertendo seu comando ou ordem para a oração familiar, ou outro culto familiar próprio. Portanto, prova-se que continua obrigatório ainda.

Se eu já não tivesse me alongado demais, teria instado para este fim o exemplo de Jó, ao sacrificar diariamente por seus filhos; e de Ester guardando um jejum com suas servas (Et 4:16). E Jr 10:25: "Derrama a tua indignação sobre as nações que te não conhecem, e sobre as gerações [famílias] que não invocam o teu nome". É verdade que por "famílias" aqui se quer dizer tribos de pessoas, e por "invocar o seu nome" quer dizer sua adoração ao verdadeiro Deus. Mas, contudo, isso é dito de todas as tribos sem exceção, grandes e pequenas: e as tribos no início (como as de Abraão, Isaque, Jacó, etc.) estavam confinadas a famílias. E o argumento sustenta-se por paridade de razão para uma família propriamente dita: e o fato de invocar o nome de Deus ser colocado por seu culto nos confirma ainda mais, porque prova ser a parte mais eminente do culto, ou então o todo não seria significado por isso; pelo menos nenhuma razão pode imaginá-lo excluído. Basta para a prova da quarta proposição.

Objecções respondidas.

Objecção 1. Se tivesse sido um dever sob o evangelho orar em famílias, certamente o teríamos encontrado mais expressamente exigido na Escritura.

Resposta: 1. Já mostrei a vocês que é claramente exigido na Escritura: mas os homens não devem ensinar a Deus como falar, nem obrigá-lo a tornar tudo claro para mentes cegas e

pervertidas. 2. Aquelas coisas que foram claramente reveladas no Antigo Testamento, e que a igreja então mantinha sem qualquer contradição, mesmo dos próprios perseguidores de Cristo, poderiam muito bem ser passadas adiante no evangelho e tomadas como coisas supostas e reconhecidas. 3. Sendo os preceitos gerais ("orar sempre", "com toda a oração", "em todos os lugares", etc.) expressos no evangelho, e a luz da natureza fazendo a aplicação particular deles às famílias, que necessidade há de algo mais? 4. Esta razão é aparente por que a Escritura não fala disso mais expressamente. Antes do tempo de Cristo, o culto a Deus era menos espiritual e mais cerimonial do que foi depois; e, portanto, encontra-se menção mais frequente de circuncisão e sacrifícios do que de oração; e, no entanto, supunha-se sempre que a oração concorria. E após o tempo de Cristo na terra, a maioria das famílias cristãs foi perturbada pela perseguição, e os cristãos venderam tudo e viveram em comunidade: e também a história da Escritura visava descrever para nós o estado das igrejas, em vez de famílias particulares.

Objeção 2. O próprio Cristo não costumava orar com sua família; como aparece pelo fato de os discípulos pedirem que ele os ensinasse a orar, e pelo silêncio da Escritura neste ponto: portanto, não é um dever para nós.

Resposta: 1. O silêncio da Escritura não é prova de que Cristo não o usava. Nem todas as coisas que ele fez estão escritas. 2. O fato de ele lhes ensinar a oração do Senhor, e o desejo deles por uma regra comum de oração, poderia coexistir com sua oração usual com eles: pelo menos com seu hábito de orar com eles depois disso, embora a princípio não o usasse. 3. Mas é a consequência que eu principalmente nego. (1) Porque Cristo depois chamou seus servos para muitos deveres nos quais não os colocou a princípio, como sacramentos, disciplina,

pregação, oração mais frequente, etc., especialmente após a vinda do Espírito Santo. Como eles não entendiam muitos artigos da fé até então, não é de admirar que não entendessem muitos deveres até então; pois Cristo queria que fossem assim subitamente instruídos e mais plenamente santificados por um milagre, para que seu ministério fosse mais credível, sendo sua missão evidentemente divina, e eles estando além da suspeita de falsificação e engano. (2) E embora seja evidente que Cristo costumava abençoar o alimento e cantar hinos a Deus com seus discípulos (Lc 22:17, 18; Mc 14:22, 23, 26; Mt 26:27, 28, 30) e, portanto, é muito provável que orasse com eles frequentemente, como em Jo 17; contudo, não se poderia esperar que ele fosse ordinariamente a boca deles em tais orações que diariamente necessitavam. O caso dele e o nosso são excessivamente diferentes. Seus discípulos deviam diariamente confessar seus pecados, e serem humilhados por eles, e pedir perdão; mas Cristo não tinha nada disso a fazer. Eles deviam orar por graça mortificadora e ajuda contra o pecado; mas ele não tinha pecado para mortificar ou contra o qual orar. Eles deviam orar pelo Espírito e pelo aumento de suas graças imperfeitas; mas Cristo tinha plenitude e perfeição. Eles deviam orar por muitos meios para esses fins, e por ajuda ao usá-los, e por uma bênção sobre eles, para o que ele não tinha uso. Eles deviam dar graças pelo perdão e conversão, etc., pelo que Cristo não tinha ocasião de dar graças. De modo que, tendo um Sumo Sacerdote tão separado dos pecadores, eles tinham um que orava por eles; mas não um adequado para se unir a eles como sua boca para Deus, em orações familiares comuns, tais como eles precisavam; como os mestres devem fazer com suas famílias.

Objecção 3. Deus não exige orações vãs nem abomináveis; mas as orações familiares são ordinariamente vãs e abomináveis; portanto, etc. A premissa menor é provada assim: as orações

dos ímpios são abomináveis; a maioria das famílias é ímpia, ou tem pessoas ímpias; portanto, etc.

Resposta: 1. Isso comprovadamente não é nada contra as orações de famílias piedosas. 2. As orações de um mestre piedoso não são abomináveis nem vãs por causa da presença de outros que são ímpios. Caso contrário, as orações e bênçãos de Cristo mencionadas anteriormente teriam sido vãs ou abomináveis, porque Judas estava lá, que era um ladrão e hipócrita. E as orações dos apóstolos e de todos os ministros seriam assim em todas as igrejas tais como as de Corinto, Galácia e Éfeso são descritas como tendo sido. 3. Refiro-vos ao meu "Método para a Paz de Consciência" sobre até que ponto as orações dos ímpios são ou não são abomináveis. As orações dos ímpios enquanto ímpios são abomináveis; mas não enquanto expressam seu retorno a Deus e arrependimento de sua maldade. Não é a oração abominável que Deus ordena, mas a oração fiel e penitente. Vocês se equivocam, como se o homem ímpio não fosse a pessoa comandada a orar; ao passo que deveriam dizer antes: não é a oração abominável que lhe é ordenada. Ele é comandado a fazer orações tais que não sejam abomináveis; assim como Simão Mago, em At 8, a "arrepender-se" e "orar"; e a "buscar ao Senhor enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto, deixe o ímpio o seu caminho", etc. (Is 55:6, 7). Que o ímpio ore assim, e sua oração não será abominável. O comando de orar implica o comando de se arrepender e se afastar de sua maldade: pois o que é orar por graça, senão expressar a Deus seus desejos de graça? (Não é contar uma mentira a Deus, dizendo que desejam aquilo que odeiam). Portanto, quando os exortamos a orar, exortamo-los a tais desejos.

Objeção 4. Muitos mestres de famílias não podem orar em suas famílias sem um livro, e isso é ilícito.

Resposta: 1. Se sua incapacidade for natural, como a de um idiota, eles não estão aptos para governar famílias; se for moral e culpável, estão obrigados a usar os meios para superá-la; e, enquanto isso, a usar um livro ou formulário, em vez de não orar de modo algum em suas famílias.

Da Frequência e Estações do Culto Familiar.

A última parte do meu trabalho é falar do tempo adequado para o culto familiar. 1. Se deve ser todos os dias? 2. Se duas vezes ao dia? 3. Se de manhã e à noite? **Resposta:** 1. Ordinariamente deve ser todos os dias e duas vezes ao dia; e a manhã e a noite são ordinariamente as estações mais adequadas. 2. Mas extraordinariamente algum dever maior pode intervir, o qual pode, por aquele tempo, desobrigar-nos. E as ocasiões de algumas famílias podem tornar aquela hora adequada para uma, que é inadequada para outra. Por brevidade, unirei tudo na prova.

Argumento 1. Estamos obrigados a aproveitar todas as ocasiões e oportunidades adequadas para adorar a Deus. As famílias têm diariamente (manhã e noite) tais ocasiões e oportunidades; portanto, estão obrigadas a aproveitá-las.

Tanto a maior quanto a menor foram provadas antes. A experiência prova que pecados familiares são diariamente cometidos, e misericórdias familiares diariamente recebidas, e necessidades familiares diariamente ocorrem. E a razão nos diz: 1. Que é oportuno cada manhã dar graças a Deus pelo descanso da noite passada. 2. E implorar direção, proteção, provisões e bênção para o dia seguinte. 3. E que então nossas mentes estão mais livres de cansaço e preocupação mundana. E

assim a razão nos diz que a noite é uma estação adequada para dar graças a Deus pelas misericórdias do dia, e confessar os pecados do dia, e pedir perdão, e orar por descanso e proteção na noite. Como a natureza e a razão nos dizem com que frequência um homem deve comer e beber, e quanto tempo deve dormir, e que roupas deve usar; e a Escritura não precisa dizer-lhe os detalhes: assim, se a Escritura ordena sua oração em geral, Deus pode, pela providência, dizer-lhe quando e com que frequência você deve orar.

Argumento 2. A oração do Senhor nos orienta diariamente a fazer tais orações que pertencem às famílias; portanto, etc. "O pão nosso de cada dia nos dá hoje". Ela corre toda no plural. E a razão dela obrigará as famílias tanto quanto as pessoas individuais.

Argumento 3. De 1 Ts 5:17: "Orai sem cessar. Em tudo dai graças". Cl 4 :1, 2: "Vós, senhores, fazei o que é de justiça e equidade a vossos servos, sabendo que também vós tendes um Senhor nos céus. Perseverai na oração, e velai nela com ação de graças". Cl 3 :17: "E, quanto fizerdes por palavras ou por obras, fazei tudo em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai". Fp 4:6: "Não estejais inquietos por coisa alguma; antes as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus pela oração e súplica, com ação de graças". É fácil para um homem que está disposto ver que menos de duas vezes ao dia não responde ao comando de orar "sem cessar", "continuamente", "em tudo", "quanto fizerdes", etc.; as frases parecendo ir muito além disso.

Argumento 4. Daniel orava em sua casa três vezes ao dia; portanto, menos de duas vezes sob o evangelho é para nós desarrazoado.

Argumento 5. 1 Tm 5:5: "Ora, a que é verdadeiramente viúva e desamparada espera em Deus, e persevera em fazendas e orações, de noite e de dia". Noite e dia não pode ser menos que manhã e noite. E se você disser que isso não é oração familiar, respondo: 1. É todo tipo de oração pertencente a ela. 2. E se recomenda o menor, muito mais o maior.

Argumento 6. De Lc 6:12; 2:37; 18:7; At 26:7; 1 Ts 3:10; 2 Tm 1:3; Ap 7:15; Ne 1:6; Sl 88:1; Js 1:8; Sl 1:2; os quais mostram que noite e dia o próprio Cristo orava, e seus servos oravam, e meditavam, e liam a Escritura.

Argumento 7. Dt 6:7; 11:19, é expressamente ordenado que os pais ensinem aos seus filhos a palavra de Deus, quando se "deitarem e quando se levantarem"; e a paridade de razão, e a conjunção da palavra e da oração, provarão que devem também orar com eles ao deitar e ao levantar.

Argumento 8. Por amor à brevidade, ofereço-vos conjuntamente: Sl 119:164, Davi louvava a Deus sete vezes ao dia; e 145:2, "Cada dia te bendirei". Sl 5:3, "Pela manhã ouvirás a minha voz, ó Senhor; pela manhã apresentarei a ti a minha oração, e vigiarei": 59:16, "pela manhã louvarei com alegria a tua misericórdia": 88:13, "de manhã te antecipará a minha oração": 92:1, 2, "Bom é louvar ao Senhor, e cantar louvores ao teu nome, ó Altíssimo; para de manhã anunciar a tua benignidade, e todas as noites a tua fidelidade": 119:147, 148, "Antecipei o alvorecer da manhã, e clamei; esperei na tua palavra. Os meus olhos anteciparam as vigílias da noite, para meditar na tua palavra": 130:6, "A minha alma anseia pelo Senhor, mais do que os guardas pelo romper da manhã, sim, mais do que os guardas pelo romper da manhã". Os sacerdotes deviam oferecer "sacrifícios" e "graças a Deus cada manhã" (1 Cr 23:30; Êx 30:7; 36:3; Lv 6:12; 2 Cr 13:11; Ez 46:13-15; Am

4:4). E os cristãos são um "sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo" (1 Pe 2:5, 9). Expressamente diz Davi, Sl 55:17: "De tarde e de manhã e ao meio-dia orarei; e clamarei, e ele ouvirá a minha voz". Assim, de manhã e à tarde eram os sacrifícios e holocaustos oferecidos ao Senhor; e há pelo menos igual razão que o culto evangélico seja tão frequente: 1 Cr 16:40; 2 Cr 2:4; 13:11; 31:3; Ed 3:3; 2 Rs 16:15; 1 Rs 18:29, 36; Ed 9:5. E não há dúvida de que eles oravam com os sacrifícios. O que Davi insinua ao compará-los, Sl 141:2: "Suba a minha oração perante a tua face como incenso, e seja o levantar das minhas mãos como o sacrifício da tarde". E Deus pede oração e louvor como melhores que o sacrifício (Sl 50:14, 15, 23).

Amontoo todos estes para despacho, os quais mostram plenamente com que frequência os servos de Deus costumavam adorá-lo, e quão frequentemente Deus o espera. E todos confessarão que é razoável que, nos tempos do evangelho de maior luz e santidade, não fiquemos atrás deles nos tempos da lei; especialmente quando o próprio Cristo ora a noite toda, ele que tinha tão pouca necessidade em comparação conosco. E vocês podem observar que estas escrituras falam de oração em geral, e não a limitam ao segredo; e, portanto, estendem-se a toda oração, conforme a oportunidade. Nenhuma razão pode limitar todos estes exemplos ao tipo de oração mais secreto e menos nobre. Se apenas dois ou três estão reunidos em seu nome, Cristo está especialmente entre eles.

Se você disser que, por esta regra, devemos com a mesma frequência orar nas assembleias da igreja; respondo: a igreja não pode ordinariamente reunir-se com tanta frequência; mas quando puder ser feito sem uma grande inconveniência, não duvido que seria uma boa obra muitos se reunirem diariamente

com o ministro para oração, como podem fazer em algumas cidades ricas e populosas.

Fui mais tedioso neste assunto do que um cristão santo e faminto possivelmente pense ser necessário, o qual não precisa de tantos argumentos para persuadi-lo a banquetear sua alma com Deus e a deleitar-se nos exercícios frequentes de fé e amor; e se eu disse menos do que o outro tipo de leitores julgará necessário, saibam eles que, se abrirem seus olhos, e recuperarem seus apetites, e sentirem seus pecados, e observarem suas necessidades e perigos diários, e conseguirem apenas um coração que ame a Deus, estas razões então parecerão suficientes para convencê-los de uma obra tão doce, proveitosa e necessária; e se observarem a diferença entre famílias que oram e famílias que não oram, e cuidarem de suas almas e da comunhão com Deus, muito menos palavras que estas podem servir ao seu propósito. É um coração morto, sem graça e carnal que deve ser curado antes que esses homens fiquem bem satisfeitos; um apetite melhor ajudaria sua razão. Se Deus dissesse em geral a todos os homens: Vocês comerão com a frequência que lhes fizer bem; o estômago doente diria: Uma vez ao dia, e apenas um pouco, é suficiente, e tanto quanto Deus exige; enquanto outro diria: Três vezes ao dia é pouco. Um coração bom e saudável é uma grande ajuda na exposição da palavra de Deus, especialmente de seus mandamentos gerais. Aquilo que os homens não amam, mas do que estão cansados, não acreditarão facilmente ser seu dever. A nova natureza, e o amor santo, e os desejos, e a experiência de um crente sólido, tornam todos esses raciocínios tão desnecessários para ele que devo confessar que os escrevi principalmente para convencer o hipócrita carnal e tapar a boca dos inimigos contenciosos.

CAPÍTULO 4

DIRETRIZES GERAIS

PARA O GOVERNO SAGRADO DAS

FAMÍLIAS

A coisa principal necessária para o reto governo das famílias é a aptidão dos governantes e dos governados para isso, o que foi mencionado anteriormente nas diretrizes para a constituição. Mas se pessoas inaptas para suas relações se uniram em uma família, seu primeiro dever é arrepender-se de seu pecado e temeridade anteriores e, presentemente, converter-se a Deus e buscar aquela aptidão que é necessária para o reto desincumbir dos deveres de seus diversos lugares: e nos governantes das famílias, estas três coisas são da maior necessidade para isso: I. Autoridade. II. Habilidade. III. Santidade e prontidão de vontade.

Como manter a autoridade

I. Dir. Geral. Que os governantes mantenham sua autoridade em suas famílias. Pois, se uma vez ela for perdida e você for desprezado por aqueles que deveria governar, sua palavra não terá efeito sobre eles; você apenas cavalga sem rédea; seu poder de governar se vai quando sua autoridade é perdida. E aqui você deve primeiro entender a natureza, o uso e a extensão de sua autoridade; pois assim como suas relações são diferentes para com sua esposa, seus filhos e seus servos, também o é sua autoridade. Sua autoridade sobre sua esposa é apenas aquela necessária para a ordem de sua família, a gestão segura e prudente de seus negócios e sua coabitação confortável. O poder do amor e do interesse mútuo deve fazer mais do que comandos magistras. Sua autoridade sobre seus filhos é muito

maior; contudo, apenas aquela que, unida ao amor, é necessária para a boa educação e felicidade deles. Sua autoridade sobre seus servos deve ser medida pelo seu contrato com eles (nestes países onde não há escravos) em vista do seu serviço e da honra de Deus. Em outros assuntos, ou para outros fins, você não tem autoridade sobre eles. Para a manutenção desta sua autoridade, observe as seguintes subdiretrizes.

Direção 1. Faça sua família entender que sua autoridade vem de Deus, que é o Deus de ordem, e que, em obediência a Ele, eles são obrigados a obedecer a você. Não há poder que não venha de Deus; e não há nenhum que a criatura inteligente possa tanto reverenciar quanto aquele que vem de Deus. Todos os laços são facilmente quebrados e lançados fora (pela alma, pelo menos, se não pelo corpo) quando não são percebidos como divinos. Uma consciência iluminada dirá aos usurpadores ambiciosos: "Conheço a Deus e conheço seu Filho Jesus, mas quem sois vós?"

Direção 2. Quanto mais de Deus aparecer em você, em seu conhecimento, santidade e vida irrepreensível, maior será sua autoridade aos olhos de todos os seus inferiores que temem a Deus. O pecado o tornará desprezível e vil; e a santidade, sendo a imagem de Deus, o tornará honrado. Aos olhos dos fiéis, "o vil é desprezado, mas eles honram os que temem ao Senhor" (Sl 15:4). "A justiça exalta as nações" (e a pessoa), "mas o pecado é a vergonha de qualquer povo" (Pv 14:34). "Aos que me honram, honrarei, porém os que me desprezam serão vilipendiados" (1 Sm 2:30). Aqueles que se entregam a "paixões infames" e condutas vis (Rm 1:26) parecerão vis quando assim se tornarem. "Os filhos de Eli tornaram-se vis por seu pecado" (1 Sm 3:13). Sei que os homens devem discernir e honrar uma pessoa colocada em autoridade por Deus, embora sejam moral e naturalmente vis; mas isso é tão

difícil que raramente é bem feito. E Deus é tão severo contra os transgressores orgulhosos que costuma puni-los tornando-os vis aos olhos dos outros; pelo menos quando morrem, e os homens ousam falar livremente deles, seus nomes apodrecerão (Pv 10:7). Os exemplos dos maiores imperadores do mundo, tanto persas, romanos quanto turcos, dizem-nos que se (pela fornicção, embriaguez, glotonaria, orgulho e, especialmente, perseguição) eles se tornarem vis, Deus permitirá que, ao descobrir sua nudez, eles se tornem a vergonha e o escárnio dos homens; e pensará um mestre de família ímpio que manterá sua autoridade sobre os outros, enquanto se rebela contra a autoridade de Deus?

Direção 3. Não mostre sua fraqueza natural por paixões, ou palavras ou atos imprudentes. Pois, se eles pensarem desdenhosamente de suas pessoas, um pouco mais os levará a desprezar suas palavras. Há naturalmente no homem uma estima tão alta pela razão que os homens dificilmente são convencidos de que devem rebelar-se contra a razão para serem governados (por causa da ordem) pela tolice. Eles estão muito aptos a pensar que a razão mais correta deve governar. E, portanto, quaisquer expressões tolas ou fracas, ou quaisquer paixões desordenadas, ou quaisquer ações imprudentes, são muito aptas a torná-lo desprezível aos olhos de seus inferiores.

Direção 4. Não perca sua autoridade por negligenciar o uso dela. Se você permitir que filhos e servos, apenas por um pouco de tempo, tomem a frente, e tenham, digam e façam o que quiserem, seu governo não passará de um nome ou imagem. Um curso moderado entre um rigor senhorial e uma submissão suave, ou negligência no exercício do poder de seu lugar, melhor o preservará do desprezo de seus inferiores.

Direção 5. Não perca sua autoridade por excesso de familiaridade. Se você fizer de seus filhos e servos seus companheiros de brincadeira, ou iguais, e falar com eles, e permitir que falem com você, como seus companheiros, eles rapidamente se crescerão sobre você e manterão esse costume; e embora outro possa governá-los, eles dificilmente suportarão ser governados por você, mas desdenharão estar sujeitos onde uma vez foram iguais.

Sobre a habilidade em governar

II. Dir. Geral. Esforce-se pela prudência e habilidade no governar. Aquele que se propõe a ser mestre de uma família, propõe-se a ser seu governante; e não é pecado ou tolice pequena assumir tal lugar para o qual você é totalmente inapto, quando se trata de questão de tão grande importância. Você poderia discernir isso em um caso que não fosse o seu; como se um homem se propusesse a ser mestre de escola sem saber ler ou escrever; ou a ser médico, sem conhecer as doenças nem seus remédios; ou a ser piloto, sem saber como fazer o trabalho de um piloto; e por que não pode muito mais discernir isso em seu próprio caso?

Direção 1. Para obter a habilidade do governo sagrado, é necessário que você seja bem estudado na palavra de Deus; portanto, Deus ordenou aos próprios reis que "lessem na lei todos os dias de suas vidas" (Dt 17:18, 19); e que "ela não se apartasse de suas bocas, mas que nela meditassem dia e noite" (Js 1:8). E todos os pais devem ser capazes de "ensiná-la a seus filhos, e falar dela tanto em casa quanto fora, ao deitar e ao levantar" (Dt 6:6, 7; 11:18, 19). Todo governo de homens é apenas subsidiário ao governo de Deus, para promover a obediência às Suas leis. E é necessário que entendamos as leis às quais todos os preceitos e leis devem dar lugar e servir.

Direção 2. Entenda bem os diferentes temperamentos de seus inferiores e lide com eles como eles são, e conforme possam suportar; e não com todos da mesma forma. Alguns são mais inteligentes e alguns mais lentos; alguns são de disposições ternas e alguns endurecidos e impudentes; alguns serão melhor trabalhados pelo amor e pela gentileza; e alguns necessitam de rigor e severidade: a prudência deve ajustar seu trato às disposições deles.

Direção 3. Você deve colocar muita diferença entre as diferentes faltas deles e, conseqüentemente, adequar suas repreensões. Aqueles que têm mais obstinação e aqueles que falham em questões de maior peso devem ser repreendidos com maior severidade. Algumas faltas ocorrem tanto por mera incapacidade e fragilidade inevitável da carne que há pouco da vontade aparecendo nelas. Estas devem ser tratadas com mais suavidade, merecendo mais compaixão do que reprovação. Alguns são vícios habituais, e a própria natureza está mais desesperadamente depravada do que em outros. Estes devem ter mais do que uma correção particular. Devem ser mantidos em tal curso de vida que seja mais eficaz para destruir e mudar esses hábitos. E há alguns que são íntegros de coração e, nas coisas principais e mais momentosas, são culpados apenas de algumas faltas reais; e destas, algumas mais raras, outras mais frequentes; e se você não diversificar prudentemente suas repreensões de acordo com as faltas, você apenas os endurecerá e perderá seus objetivos; pois há uma justiça familiar que não deve ser derrubada, a menos que você queira derrubar suas famílias; assim como há uma justiça pública necessária para o bem comum.

Direção 4. Seja um bom marido para sua esposa, um bom pai para seus filhos e um bom mestre para seus servos, e que o amor tenha domínio em todo o seu governo, para que seus

inferiores possam facilmente descobrir que é do interesse deles obedecer a você. Pois o interesse e o amor-próprio são os governantes naturais do mundo. E é a maneira mais eficaz de obter obediência ou qualquer bem, fazer com que os homens percebam que é para o seu próprio bem, e engajar o amor-próprio a seu favor; para que vejam que o benefício será deles. Se você não lhes faz bem, mas é ranzinza, descortês e pão-duro com eles, poucos serão governados por você.

Direção 5. Se você quer ser habilidoso em governar os outros, aprenda primeiro a comandar exatamente a si mesmo. Pode você esperar ter os outros mais sujeitos à sua vontade e governo do que você mesmo? É apto para governar sua família no temor de Deus e em uma vida santa aquele que é ímpio e não teme a Deus em si mesmo? Ou é ele apto para guardá-los da paixão, ou da embriaguez, ou da glotonaria, ou da luxúria, ou de qualquer caminho de sensualidade, se não consegue guardar-se disso? Não desprezarão os inferiores tais repreensões que são por você mesmo contraditas em sua vida? Você sabe que isso é verdade em relação aos pregadores ímpios; e não é igualmente verdade em relação a outros governantes?

III. Dir. Geral. Vocês devem ser pessoas santas, se desejam ser governantes santos de suas famílias. As ações dos homens seguem a inclinação de suas disposições. Eles farão conforme o que são. Um inimigo de Deus não governará uma família para Deus; nem um inimigo da santidade (nem um estranho a ela) estabelecerá uma ordem santa em sua casa e gerirá seus negócios de maneira santa. Sei que é mais barato e fácil para a carne convocar outros à mortificação e santidade de vida do que trazer a nós mesmos a isso; mas, contudo, quando não é apenas um comando ou desejo que é necessário, mas um curso de governo santo e industrioso, as pessoas ímpias (embora

algumas possam ir longe) não possuem os fins e princípios que tal obra exige.

Direção 1. Para este fim, certifique-se de que suas próprias almas estejam inteiramente sujeitas a Deus, e que você obedeça às Suas leis com mais precisão do que espera que qualquer inferior obedeça aos seus comandos. Se você ousa desobedecer a Deus, por que deveriam eles temer desobedecer a você? Pode você vingar a desobediência com mais severidade, ou recompensar a obediência com mais generosidade do que Deus pode fazer? É você maior e melhor do que o próprio Deus?

Direção 2. Certifique-se de ajuntar seu tesouro no céu e faça do desfrute de Deus na glória o fim supremo e dominante, tanto dos negócios quanto do governo de sua família, e de todas as outras coisas que lhe foram confiadas. Dedique-se e tudo o mais a Deus, e faça tudo por Ele: faça tudo como passageiros para outro mundo, cujo negócio na terra é apenas providenciar o céu e promover seu interesse eterno. Se assim você for separado para Deus, você é santificado; e então separará tudo o que tem para o Seu uso e serviço, e isso, com a Sua aceitação, santificará tudo.

Direção 3. Mantenha a autoridade de Deus em sua família com mais cuidado do que a sua própria. A sua existe apenas para a d'Ele. Repreenda ou corrija mais asperamente aqueles que ofendem e desonram a Deus do que aqueles que ofendem e desonram a você mesmo. Lembre-se do triste exemplo de Eli; não faça pouco caso de qualquer pecado, especialmente dos grandes pecados, de seus filhos ou servos. É algo odioso negligenciar a causa de Deus e aceitar tudo com um "não foi bem feito", enquanto você se inflama de paixão pela perda de algum pequeno bem próprio. A honra de Deus deve ser a maior

em sua família; e o serviço d'Ele deve ter a preeminência sobre o seu; e o pecado contra Ele deve ser a ofensa mais intolerável.

Direção 4. Que o amor espiritual por sua família seja predominante, e que seu cuidado seja maior pela salvação das almas deles, e sua compaixão maior em suas misérias espirituais. Seja primeiro cuidadoso em prover-lhes uma porção no céu e em salvá-los de tudo o que os privaria dela; e nunca prefira as riquezas transitórias da terra às riquezas eternas deles. Nunca esteja tão ocupado com muitas coisas a ponto de esquecer que uma só coisa é necessária; mas escolha para si e para eles a melhor parte (Lc 10:42).

Direção 5. Não permita que sua família seja mantida em ociosidade e prazeres carnavais, nem que seja sobrecarregada com tal multidão de negócios que tomem e distraiam suas mentes, desviando-as e tornando-as inaptas para as coisas sagradas. Onde Deus lhe impõe uma necessidade de trabalhos excessivos, isso deve ser suportado com paciência e alegria; mas quando você os atrai desnecessariamente sobre si mesmo pelo amor às riquezas, você apenas se torna o tentador e atormentador de si mesmo e dos outros; esquecendo os terríveis exemplos daqueles que por este caminho se desviaram de Cristo e se traspassaram com muitas dores (1 Tm 6:10).

Direção 6. Tanto quanto possível, estabeleça uma ordem constante para todos os seus negócios, para que cada trabalho comum conheça seu tempo e a confusão não exclua a piedade. É uma grande ajuda em toda vocação fazer tudo em uma ordem definida e constante; isso torna o trabalho fácil, remove impedimentos e promove o sucesso; a distração em seus negócios causa uma distração em suas mentes no dever sagrado. Algumas vocações, eu sei, dificilmente podem ser lançadas em qualquer ordem ou método; mas outras podem, se

houver prudência e diligência. O serviço de Deus será assim mais bem feito, e seu trabalho será mais bem realizado, para o alívio de seus servos e a quietude de suas próprias mentes. Previsão e habilidade lhe poupariam abundância de trabalho e vexação.

CAPÍTULO 5

MOTIVOS ESPECIAIS PARA PERSUADIR OS HOMENS AO SANTO GOVERNO DE SUAS FAMÍLIAS.

Se fosse bem compreendido quais benefícios advêm do santo governo das famílias e quais males vêm de sua negligência, haveria poucos que caminham pelas ruas entre nós que pareceriam tão odiosos quanto aqueles governantes descuidados e ímpios que não conhecem nem se importam com um dever de tamanho peso. Enquanto fazemos todos como que sobrecarregados pelos frutos calamitosos desta negligência, julgo apropriado tentar se, com alguns, a causa pode ser removida, despertando as almas preguiçosas para realizarem o trabalho assumido.

Motivo 1. Considere que o santo governo das famílias é uma parte considerável do próprio governo de Deus sobre o mundo, e o contrário é uma grande parte do governo do diabo. Aprouve a Deus estabelecer tanto uma ordem natural quanto política no mundo, e honrar Suas criaturas para serem os instrumentos de Suas próprias operações; e embora Ele pudesse ter produzido todos os efeitos sem quaisquer causas inferiores, e pudesse ter governado o mundo por Si mesmo sozinho, sem quaisquer instrumentos (não sendo Ele como os reis, constrangidos a usar deputados e oficiais por causa de sua própria limitação natural e insuficiência), contudo, Ele Se agrada em tornar as causas inferiores participantes de efeitos tão excelentes, e tem prazer na estrutura e ordem das causas pelas quais Sua vontade é cumprida entre Suas criaturas. De modo que, assim como os diversos juizes nos condados governam como oficiais do rei, assim todo magistrado e mestre de família governa como um

oficial de Deus. E se o Seu governo por meio de Seus oficiais é derrubado ou negligenciado, é um desprezo ao próprio Deus, ou rebelião contra Ele. O que é todo o ateísmo prático, a rebelião e a impiedade do mundo senão uma rejeição do governo de Deus? Não é contra o ser de Deus em si considerado que Seus inimigos se levantam com oposição maligna e rebelde; mas é contra Deus como o Santo e Justo Governador do mundo, e especialmente deles mesmos. E como em um exército, se os cabos, sargentos e tenentes todos negligenciam seus ofícios, o governo do general ou dos coronéis é derrotado e de pouca força; assim, se os governantes das famílias e outros oficiais de Deus corromperem ou negligenciarem sua parte no governo, eles fazem o seu pior para corromper ou expulsar o governo de Deus da terra. E se Deus não governar em suas famílias, quem governará? O diabo é sempre o governador onde o governo de Deus é recusado; o mundo e a carne são os instrumentos de seu governo; o mundanismo e a vida carnal são o seu serviço: sem dúvida ele é o governante da família onde estes prevalecem e onde a fé e a piedade não têm lugar. E o que você pode esperar de tal mestre?

Motivo 2. Considere também que uma família sem governo e sem Deus é um meio poderoso para a condenação de todos os seus membros: é o barco ou navio comum que apressa as almas para o inferno; que está destinado ao abismo devorador: aquele que está na carruagem ou barco do diabo provavelmente irá com os demais, conforme o motorista ou o barqueiro desejar. Mas uma família bem governada é uma ajuda excelente para a salvação de todas as almas que nela estão. Assim como em uma família ímpia há tentações contínuas para a impiedade, para o juramento, a mentira, a maledicência, a lascívia e o desprezo a Deus; assim em uma família piedosa há provocações contínuas para uma vida santa, para a fé, o amor, a

obediência e a mente celestial: as tentações ao pecado são menores ali do que nas oficinas e locais de trabalho do pecado do diabo; a autoridade dos governantes, a conversa dos demais, os exemplos de todos, são grandes incentivos para uma vida santa. Como em um exército bem ordenado de homens valentes, todo covarde está tão vinculado pela ordem que não pode senão lutar e manter-se firme com os outros, e em uma debandada confusa o homem mais valente é derrubado pela desordem e deve perecer com o resto; da mesma forma em uma família santa e bem ordenada, um homem ímpio mal sabe como viver impiamente, mas parece ser quase um santo, enquanto está continuamente entre santos, e não ouve palavras profanas ou sujas, e é mantido nos exercícios constantes da religião pela autoridade e companhia daqueles com quem vive. Oh, quão fácil e limpo é o caminho para o céu em uma família tão graciosa e bem ordenada, em comparação com o que é para aqueles que habitam nas famílias distraídas de mundanos profanos e sensuais! Assim como há maior probabilidade de salvação das almas na Inglaterra, onde o evangelho é pregado e professado, do que em países pagãos ou maometanos; assim há uma probabilidade maior de salvação para aqueles que vivem nas casas e na companhia dos piedosos do que dos ímpios. Em uma, as vantagens da instrução, do comando, do exemplo e do crédito estão todas do lado de Deus; e na outra, estão do lado do diabo.

Motivo 3. Uma família santa e bem governada tende não apenas à segurança dos membros, mas também à facilidade e ao prazer de suas vidas. Viver onde a lei de Deus é a regra principal, e onde você pode ser ensinado diariamente nos mistérios do Seu reino, e ter as Escrituras abertas para você, e ser guiado como que pela mão nas veredas da vida; onde os louvores de Deus são celebrados diariamente, e Seu nome é invocado, e onde todos falam a linguagem celestial, e onde

Deus, Cristo e o céu são tanto o trabalho diário quanto a recreação; onde é a maior honra ser mais santo e celestial, e a maior disputa é quem será mais humilde, piedoso e obediente a Deus e aos seus superiores, e onde não há escárnios injuriosos contra a piedade, nem qualquer conversa profana e grosseira; que vida doce e feliz é esta! Não é o que mais se assemelha ao céu em qualquer lugar da terra? Mas viver onde o mundanismo, a profanidade, a lascívia e a sensualidade exercem todo o domínio, e onde Deus é desconhecido, e a santidade e todos os exercícios religiosos são motivo de desprezo e escárnio, e onde aquele que não jurar e viver profanamente torna-se o ódio e a zombaria dos demais, e onde os homens são conhecidos apenas por sua forma e faculdade de fala como sendo homens; ou melhor, onde os homens não se consideram homens, mas brutos, e vivem como se não tivessem almas racionais, nem quaisquer expectativas de outra vida, nem quaisquer empregos ou deleites superiores do que as preocupações transitórias da carne; que vida sórdida, repugnante, suja e miserável é esta! composta por uma mistura de bestial e diabólico. Viver onde não há comunhão com Deus, onde as marcas da morte e da condenação estão escritas, por assim dizer, nas portas, na face de suas vidas ímpias e mundanas, e onde ninguém entende a linguagem santa; e onde não há o menor antegozo das alegrias celestiais e eternas; o que é isso senão viver como a semente da serpente, alimentar-se de pó, e ser excomungado da face e do favor de Deus, e ser acorrentado na prisão da concupiscência e da malignidade, entre os seus inimigos, até que venha o julgamento que se apressa e que retribuirá a cada homem segundo as suas obras.

Motivo 4. Uma família santa e bem governada tende a criar uma posteridade santa e, assim, a propagar o temor de Deus de geração em geração. É mais confortável não ter filhos do que gerar e criar filhos para o diabo. Sua corrupção natural já é

vantagem suficiente para Satanás para engajá-los a si mesmo e usá-los para seu serviço: mas quando os pais também tomam o partido do diabo, e ensinam seus filhos por preceitos ou exemplo como servi-lo, e os afastam de Deus e de uma vida santa, e enchem suas mentes com falsos conceitos e preconceitos contra os meios de sua salvação, é como se tivessem vendido seus filhos ao diabo; não admira, então, se tiverem uma posteridade sombria, treinada para ser herdeira do inferno. Aquele que quer treinar filhos para Deus deve começar cedo, antes que os objetos sensíveis tomem posse profunda de seus corações e o costume aumente a depravação de sua natureza. O pecado original é como a figueira-da-índia arqueada, cujos ramos virados para baixo e criando raízes tornam-se todos árvores por si mesmos: os atos que procedem dessa viciosidade habitual tornam-se novamente hábitos viciosos: e assim a natureza pecaminosa, por seus frutos, aumenta a si mesma: e enquanto outras coisas se consomem ao procriar, tudo o que o pecado procria é adicionado a si mesmo, e sua procriação é sua alimentação, e cada ato confirma o hábito. E, portanto, nenhum meio em todo o mundo tende mais eficazmente à felicidade das almas do que a educação sábia e santa. Esta lida com o pecado antes que ele tenha lançado raízes profundas e curva a natureza enquanto ela ainda é um galho: evita o aumento da depravação natural e mantém fora aqueles enganos, opiniões corruptas e fantasias e luxúrias carnavais que, de outra forma, seriam úteis ao pecado e a Satanás para sempre; ela entrega o coração a Cristo cedo, ou pelo menos o traz como discípulo à Sua escola para aprender o caminho para a vida eterna; e para passar aqueles anos conhecendo os caminhos de Deus, os quais outros passam tornando-se piores, aprendendo o que deve ser desaprendido, e fortificando a guarnição de Satanás em seus corações, defendendo-a contra Cristo e Sua graça salvadora. Mas sobre isso falaremos mais adiante.

Motivo 5. Uma família santa e bem governada é a preparação para uma igreja santa e bem governada. Se os mestres de famílias fizessem sua parte e enviassem tais materiais polidos às igrejas como deveriam fazer, o trabalho e a vida dos pastores da igreja seriam indizivelmente mais fáceis e agradáveis; faria bem pregar a tal auditório, e catequizá-los, instruí-los, examiná-los e vigiar sobre eles, que estão preparados por uma educação sábia e santa, e entendem e amam a doutrina que ouvem. Assentar tais pedras polidas no edifício é um trabalho fácil e delicioso; quão ensináveis e tratáveis tais serão! e quão prosperamente os labores de seus pastores serão empregados sobre eles! e quão belas e formosas serão as igrejas compostas por tais pessoas! e quão pura e confortável será sua comunhão! Mas se as igrejas forem estábulos de feras imundas; se forem compostas por pessoas ignorantes e ímpias, que nada saboreiam senão as coisas da carne, e costumam adorar o que não conhecem, podemos culpar as famílias mal governadas por tudo isso. É por causa delas que os ministros pregam como para idiotas ou bárbaros que não podem entendê-los; e que devem estar sempre alimentando seus ouvintes com leite, e ensinando-lhes os princípios e catequizando-os na igreja, o que deveria ter sido feito em casa: sim, é por causa delas que há tantos lobos e porcos entre as ovelhas de Cristo, e que as coisas sagradas são administradas aos inimigos da santidade, e os piedosos vivem em comunhão com os odiadores de Deus e da piedade; e que a religião cristã é desonrada perante o mundo pagão pelas vidas piores que as dos pagãos dos que a professam; e as poluições das igrejas impedem a conversão do mundo incrédulo; enquanto aqueles que podem julgar nossa religião apenas pelas pessoas que a professam, julgam-na pelas vidas daqueles que são de coração inimigos dela. Quando os odiadores da cristandade e da piedade são os cristãos por cujas condutas o mundo infiel deve julgar o cristianismo, você pode facilmente imaginar que julgamento eles farão. Assim, os

pastores são desencorajados, as igrejas maculadas, a religião desonrada e os infiéis endurecidos pela desordem ímpia e negligência das famílias! Que universidades teríamos se todas as escolas de gramática negligenciassem seus deveres e enviassem seus alunos sem instrução, tal como os receberam! e se todos os tutores tivessem primeiro que ensinar seus alunos a soletrar e ler! Exatamente tais igrejas teremos, quando cada pastor tiver primeiro que fazer o trabalho que todos os mestres de famílias deveriam ter feito, e a parte de muitas dezenas, centenas ou milhares tiver que ser realizada por um só.

Motivo 6. Famílias bem governadas tendem a fazer um estado e uma comunidade felizes; uma boa educação é o primeiro e maior trabalho para formar bons magistrados e bons súditos, porque tende a formar bons homens. Embora um homem bom possa ser um mau magistrado, um homem mau não pode ser um magistrado muito bom. A ignorância, o mundanismo, a sensualidade ou a inimizade contra a piedade, que cresceram com eles em sua juventude, mostrar-se-ão em todos os lugares e relações em que vierem a estar. Quando uma família ímpia os tiver confirmado na maldade, agirão impiamente em todo estado de vida: quando um pai pérfido traiu seus filhos para o poder e serviço do diabo, eles o servirão em todas as relações e condições. Esta é a escola de onde vem toda a injustiça, as crueldades, as perseguições e as impiedades dos magistrados, e todas as murmurações e rebeliões dos súditos: este é o solo e o seminário onde a semente do diabo é semeada primeiro, e onde ele cultiva as plantas da cobiça, do orgulho, da ambição, da vingança, da malignidade e da sensualidade, até que as transplante para o seu serviço em vários ofícios na igreja e no estado, e em todos os lugares de inferioridade, onde possam dispersar seu veneno e resistir a tudo o que é bom, e lutar pelo interesse da carne e do inferno, contra o interesse do Espírito e de Cristo. Mas oh! que bênção para o mundo seriam eles que

virão preparados por uma educação santa para lugares de governo e de submissão! E quão feliz é aquela terra que é governada por tais superiores e composta por tais súditos preparados, que aprenderam primeiro a estar sujeitos a Deus e aos seus pais!

Motivo 7. Se os governantes das famílias desempenhassem fielmente seus deveres, seria um grande suprimento para quaisquer defeitos na parte do pastor, e um meio singular para propagar e preservar a religião em tempos de negligência pública ou perseguição. Portanto, as famílias cristãs são chamadas de igrejas, porque consistem em pessoas santas que adoram a Deus, e aprendem, amam e obedecem à Sua palavra. Se você vivesse entre os inimigos da religião, que proibissem os ministros de Cristo de pregar seu evangelho, e proibissem os servos de Deus de se reunirem em assembleias de igreja para o Seu culto; o sustento da religião, e o conforto e edificação dos crentes, repousariam então quase todos sobre o reto desempenho dos deveres familiares. Ali, os mestres poderiam ensinar a mesma verdade às suas casas, a qual os ministros estão proibidos de pregar nas assembleias: ali, vocês poderiam orar juntos tão fervorosa e espiritualmente quanto pudessem: ali, poderiam manter uma conversa e comunhão tão santas e uma disciplina tão rigorosa quanto quisessem: ali, poderiam celebrar os louvores de seu bendito Criador, Redentor e Santificador, e observar o dia do Senhor de maneira tão exata e espiritual quanto fossem capazes: poderiam ali provocar uns aos outros ao amor e às boas obras, e repreender cada pecado, e lembrar uns aos outros de se prepararem para a morte, e viverem juntos como passageiros para a vida eterna. Assim, as famílias santas podem manter a religião, e manter a vida e o conforto dos crentes, e suprir a falta da pregação pública naqueles países onde os perseguidores a proíbem e restringem, ou onde pastores incapazes ou infiéis a negligenciam.

Motivo 8. Os deveres de suas famílias são tais que você pode realizar com a maior paz, e com a mínima exceção ou oposição de outros. Quando você vai além, e deseja instruir outros, eles pensarão que você ultrapassa o seu chamado, e muitos suspeitarão que você assume demais para si; e se você apenas admoestar gentilmente um grupo como os de Sodoma, talvez digam: "Este indivíduo veio aqui como estrangeiro e agora quer ser juiz" (Gn 19:9). Mas sua própria casa é seu castelo; sua família é seu encargo; você pode ensiná-los tão frequentemente e tão diligentemente quanto quiser. Se a turba ímpia o desprezar por isso, ainda assim nenhuma pessoa sóbria o condenará, nem o incomodará por isso (se você não lhes ensinar mal algum). Todos os homens devem confessar que a natureza e a Escritura o obrigam a isso como seu trabalho inquestionável. E, portanto, você pode fazê-lo (entre pessoas sóbrias) com aprovação e tranquilidade.

Motivo 9. Famílias bem governadas são honrosas e exemplares para os outros. Mesmo os mundanos e ímpios costumam ter certa reverência por elas; pois a santidade e a ordem possuem algum testemunho que as recomenda nas consciências de muitos que nunca as praticaram. Uma família mundana, ímpia e desordenada é um covil de cobras, um lugar de assobios, maledicência, tolice e confusão: é como um deserto coberto de espinhos e ervas daninhas; mas uma família santa é um jardim de Deus; é embelezada com Suas graças, e ordenada pelo Seu governo, e frutífera pelas chuvas de Sua bênção celestial. E assim como o preguiçoso, que não quer ter o custo e o esforço de fazer um jardim de seu deserto espinhoso, pode contudo confessar que um jardim é mais belo, frutífero e deleitável, e se o desejar bastasse, seu deserto seria tal; da mesma forma os ímpios, que não querem ter o custo e o esforço de ordenar suas almas e famílias em santidade, podem contudo ver uma beleza naquelas que são assim ordenadas, e desejar a felicidade de

tais, se pudessem tê-la sem o trabalho e o custo da abnegação. E, sem dúvida, a beleza de tais famílias santas e bem governadas convenceu a muitos, e atraiu-os a uma grande aprovação da religião, e ocasionou-os, finalmente, a imitá-las.

Motivo 10. Por último, considere que famílias santas e bem governadas são abençoadas com a presença e o favor especial de Deus. Elas são Suas igrejas onde Ele é adorado; Suas casas onde Ele habita: Ele está comprometido tanto pelo amor quanto pela promessa a abençoar, proteger e prosperar essas famílias (Sl 1:3; 128). É seguro navegar naquele navio que está destinado ao céu e onde Cristo é o piloto. Mas quando você rejeita o governo d'Ele, você recusa a Sua companhia, e despreza o Seu favor, e perde a Sua bênção, ao desprezar a Sua presença, o Seu interesse e os Seus comandos.

De modo que é uma verdade evidente que a maioria dos males que agora infestam ou se apoderam da humanidade em toda a terra consistem ou são causados pelas desordens e pelo mau governo das famílias. Estas são as escolas e oficinas de Satanás, de onde procedem a ignorância bestial, a luxúria e a sensualidade, o orgulho diabólico, a malignidade e a crueldade contra os santos caminhos de Deus, que tanto desumanizaram a progênie de Adão. Estes são os ninhos nos quais a serpente choca os ovos da cobiça, inveja, discórdia, vingança, tirania, desobediência, guerras e derramamento de sangue, e toda a lepra do pecado que tão odiosamente contaminou a natureza humana, e todas as misérias pelas quais tornam o mundo calamitoso. Você se admira que existam pessoas e nações tão cegas e bárbaras como lemos sobre os turcos, tártaros, indianos e a maioria dos habitantes da terra? Uma educação ímpia é a causa de tudo, a qual, encontrando a natureza depravada, sublima e aumenta o veneno que deveria, pela educação, ter sido curado; e da maldade das famílias surge a maldade

nacional. Você se admira que tanta ignorância, e engano voluntário, e obstinação em erros, contrários aos sentidos comuns de todos os homens, possam ser encontrados entre professos cristãos, como grandes e pequenos, altos e baixos, através de todos os reinos papais, descobrem? Embora o orgulho, a cobiça e a maldade de um clero mundano e carnal sejam uma causa muito grande, contudo a negligência pecaminosa dos pais e mestres em suas famílias é tão grande, se não muito maior do que essa. Você se admira que mesmo nas igrejas reformadas existam tantos pecadores não reformados, de vidas bestiais, que odeiam a prática séria da religião que eles próprios professam? É a má educação em famílias ímpias que é a causa de tudo isso. Oh, portanto, quão grande e necessária obra é lançar sal nessas fontes corrompidas! Limpe e cure estas famílias viciadas, e você poderá curar quase todas as calamidades da terra. Dizer o que os imperadores e príncipes da terra poderiam fazer, se fossem sábios e bons, para o remédio desta miséria comum, é a conversa ociosa daquelas pessoas negligentes que condenam a si mesmas ao condenar os outros. Mesmo aqueles governantes e príncipes que são os pilares e patronos do paganismo, maometanismo, papismo e impiedade no mundo, receberam eles próprios aquele veneno de seus pais, em seu nascimento e educação, o qual os inclina a todo esse mal. A reforma da família é o caminho mais fácil e provável para uma reforma comum; pelo menos para enviar muitas almas ao céu e treinar multidões para Deus, mesmo que não atinja uma reforma nacional.

CAPÍTULO 6

MOTIVOS MAIS ESPECIAIS PARA UMA EDUCAÇÃO SANTA E CUIDADOSA DOS FILHOS

Como a parte principal do cuidado e governo familiar consiste na correta educação dos filhos, acrescentarei aqui alguns motivos mais especiais para estimular os pais ponderados a este dever; e embora a maior parte do que tenho a dizer sobre isso já tenha sido dita em meu "Descanso dos Santos", parte iii, cap. 14, seção 11, etc., e, portanto, será omitida aqui, contudo algo será inserido, para que a falta aqui não pareça grande demais.

Motivo 1. Considere quão profundamente a própria natureza o obriga ao maior cuidado e diligência para a educação santa de seus filhos. Eles são, por assim dizer, partes de vocês mesmos, e aqueles que a natureza ensina a amar e prover, e de quem cuidar mais, logo após vocês mesmos; e serão vocês negligentes com as principais preocupações deles? E descuidados com suas almas? Não mostrarão vocês de outra forma seu amor por seus filhos, do que qualquer fera ou ave mostra pelos seus filhotes, alimentando-os até que possam sair e se virar sozinhos para o sustento corporal? Não são cães ou feras que vocês trazem ao mundo, mas crianças que possuem almas imortais; e, portanto, é um cuidado e educação adequados às suas naturezas o que vocês lhes devem; exatamente aquilo que conduz mais eficazmente à felicidade de suas almas. A natureza lhes ensina algumas coisas naturais sem vocês, como ensina a ave a voar; mas ela confiou ao seu encargo e cuidado o ensino das coisas maiores e mais necessárias: se vocês pensarem que não têm nada a fazer senão

alimentá-los, e deixar todo o resto para a natureza, então eles não aprenderiam a falar; e se a própria natureza os condenaria se vocês não os ensinassem a falar, muito mais os condenará se não os ensinassem a entender tanto o que devem falar quanto fazer. Eles têm uma herança eterna de felicidade a alcançar; e é para isso que vocês devem criá-los. Eles têm uma miséria sem fim da qual escapar; e é isso que vocês devem lhes ensinar diligentemente. Se vocês não os ensinam a escapar das chamas do inferno, que agradecimento eles lhes devem por ensiná-los a falar e andar? Se vocês não os ensinam o caminho para o céu, e como podem ter certeza de sua salvação, que agradecimento eles lhes devem por ensiná-los como ganhar a vida por um curto tempo em um mundo miserável? Se vocês não os ensinam a conhecer a Deus, e como servi-Lo e serem salvos, vocês não lhes ensinam nada, ou algo pior que nada. Está em suas mãos fazer-lhes a maior bondade ou a maior crueldade de todo o mundo: ajudem-nos a conhecer a Deus e a serem salvos, e vocês farão mais por eles do que se os ajudassem a ser lordes ou príncipes: se vocês negligenciam as almas deles, e os criam na ignorância, no mundanismo, na impiedade e no pecado, vocês os traem ao diabo, o inimigo das almas, tão verdadeiramente como se os vendessem a ele; vocês os vendem para serem escravos de Satanás; vocês os traem àquele que os enganará e abusará deles nesta vida, e os atormentará na próxima. Se vocês vissem apenas uma fornalha ardente, muito mais as chamas do inferno, não pensariam que aquele homem ou mulher é mais digno de ser chamado de demônio do que de pai ou mãe, se pudesse ter no coração a coragem de lançar seu filho nela, ou de entregá-lo nas mãos de quem o fizesse? Que monstros de desumanidade são vocês, então, que leem na Escritura qual é o caminho para o inferno, e quem são aqueles que Deus entregará a Satanás para serem atormentados por ele; e ainda assim criam seus filhos nesse exato caminho, e não se dão ao trabalho de salvá-los dele! Que agitação vocês fazem

para lhes prover alimento e vestuário, e uma manutenção competente no mundo quando vocês morrerem! E quão pouco esforço fazem para preparar as almas deles para a herança celestial! Se vocês acreditam seriamente que existem tais alegrias ou tormentos para seus filhos (e para vocês mesmos) assim que a morte os remover daqui, é possível que vocês considerem isso como a menor das preocupações deles, e façam disso o menor e o último de seus cuidados, assegurar-lhes uma felicidade sem fim? Se vocês os amam, mostrem-nas naquelas coisas das quais depende o bem-estar eterno deles. Não digam que os amam e, no entanto, os guiem ao inferno. Se não os amam, ao menos não sejam tão impiedosos com eles a ponto de condená-los: não é o seu dizer "Deus nos livre" e "esperamos coisa melhor" que tornará as coisas melhores, ou servirá de desculpa para vocês. O que poderiam fazer de mais para condená-los, se estudassem fazê-lo tão maliciosamente quanto o próprio diabo? Vocês não podem fazer nada mais do que criá-los na ignorância, no descuido, no mundanismo, na sensualidade e na impiedade. O diabo não pode fazer mais nada para condenar nem a eles nem a vocês, senão tentando-os ao pecado e afastando-os da piedade. Não há outro caminho para o inferno. Ninguém é condenado por outra coisa senão por isso. E, no entanto, vocês os criarão em tal vida e dirão: "Deus nos livre, não desejamos condená-los"? Mas não é de admirar; pois vocês fazem com seus filhos o mesmo que fazem com vocês mesmos. Quem pode esperar que um homem seja razoável com seu filho, se ele é tão irracional consigo mesmo? Ou que aqueles pais tenham qualquer misericórdia das almas de seus filhos, se não têm misericórdia das suas próprias? Vocês não desejam condenar-se a si mesmos, mas o fazem se vivem vidas ímpias: e assim farão com seus filhos, se os treinarem na ignorância de Deus e no serviço da carne e do mundo. Vocês agem como alguém que ateasse fogo à sua própria casa e dissesse: "Deus nos livre, não pretendo queimá-

la"; ou como quem lança seu filho ao mar e diz que não pretende afogá-lo; ou o treina no roubo e na ladroagem e diz que não pretende que ele seja enforcado; mas se você pretende fazer dele um ladrão, é a mesma coisa, em efeito, que se pretendesse o seu enforcamento; pois a lei o determina e o juiz o pretenderá. Assim, se vocês pretendem treinar seus filhos na impiedade, como se não tivessem Deus nem almas com que se importar, podem muito bem dizer que pretendem que eles sejam condenados. E não seria um inimigo, sim, não seria o próprio diabo mais desculpável por tratar seus filhos com tamanha crueldade do que vocês, que são seus pais, que estão obrigados pela natureza a amá-los e evitar sua miséria? É odioso nos ministros que assumem o encargo das almas traí-las por sua negligência e serem culpados de sua miséria eterna; mas nos pais é mais antinatural e, portanto, mais inescusável.

Motivo 2. Considere que Deus é o Senhor e Proprietário de seus filhos, tanto pelo título da criação quanto da redenção: portanto, em justiça, vocês devem entregá-los a Ele e educá-los para Ele. De outra forma, vocês roubam de Deus Suas próprias criaturas e roubam de Cristo aqueles por quem Ele morreu, e isso para entregá-los ao diabo, o inimigo de Deus e deles. Não foi o mundo, a carne ou o diabo que os criou ou os remiu, mas Deus; e não é possível que qualquer direito seja construído sobre um título mais pleno do que fazê-los do nada e remi-los de um estado muito pior do que o nada. E depois de tudo isso, os próprios pais de tais crianças irão roubá-las de seu Senhor e Pai absoluto, e vendê-las à escravidão e ao tormento?

Motivo 3. Lembre-se de que no batismo deles você os dedicou a Deus; você os inseriu em um voto e pacto solene de serem inteiramente d'Ele e viverem para Ele. Nele, eles renunciaram à carne, ao mundo e ao diabo; nele, você prometeu criá-los virtuosamente, para levarem uma vida piedosa e cristã, para

que pudessem obedientemente guardar a santa vontade e os mandamentos de Deus, e andar nos mesmos todos os dias de suas vidas. E depois de tudo isso, você quebrará uma promessa tão solene e fará com que eles quebrem tal voto e pacto, criando-os na ignorância e na impiedade? Você entendeu e considerou o que fez na época? Quão solenemente vocês mesmos os comprometeram em um voto a Deus, para viverem uma vida mortificada e santa? E vocês farão tão solenemente em uma hora aquilo que, em toda a vida posterior deles com vocês, se esforçarão para destruir?

Motivo 4. Considere quão grande poder a educação dos filhos tem sobre todas as suas vidas futuras; exceto a natureza e a graça, não há nada que costuma prevalecer tanto com eles. De fato, a obstinação da viciosidade natural frequentemente frustra uma boa educação; mas se algum meio tem probabilidade de fazer o bem, é este; porém, a má educação é mais constantemente bem-sucedida em torná-los maus. Esta acalenta aquelas sementes de maldade que brotam quando eles chegam à idade adulta; isso faz com que tantos sejam orgulhosos, ociosos, amantes da carne, licenciosos, luxuriosos, cobiçosos e tudo o que é nulo. E tem uma tarefa árdua aquele que vem depois para erradicar esses vícios que uma educação ímpia tão profundamente enraizou. Pais ímpios servem ao diabo tão eficazmente nas primeiras impressões nas mentes de seus filhos que é mais do que magistrados e ministros e todos os meios de reforma podem fazer depois para recuperá-los daquele pecado para Deus. Ao passo que, se você primeiro engajassem os corações deles para Deus por uma educação religiosa, a piedade teria então todas aquelas vantagens que o pecado tem agora. "Ensina a criança no caminho em que deve andar, e mesmo quando for velho não se desviará dele" (Pv 22:6). A linguagem que você os ensina a falar quando são crianças, eles usarão por toda a vida, se viverem com aqueles que a usam. E

assim as opiniões que recebem primeiro, e os costumes aos quais se habituam no início, são muito dificilmente mudados depois. Não hesito em afirmar que uma educação piedosa é o primeiro e ordinário meio designado por Deus para a geração da fé real, e outras graças, nos filhos dos crentes: muitos podem ter a graça seminal antes, mas não podem ter fé, arrependimento, amor ou qualquer graça real antes de terem a própria razão em ato e exercício. E a pregação da palavra por ministros públicos não é o primeiro meio ordinário de graça, exceto para aqueles que estavam sem graça até chegarem a ouvir tal pregação; isto é, para aqueles em quem o primeiro meio designado foi negligenciado ou provou ser em vão: ou seja, é apenas o segundo meio para fazer o que não foi feito pelo primeiro. A prova é inegável; porque Deus designa os pais para ensinarem diligentemente a seus filhos a doutrina de Sua santa palavra, antes que eles cheguem ao ministério público: o ensino dos pais é o primeiro ensino; e o ensino dos pais é para este fim, tanto quanto o ensino público, inclusive para gerar fé, amor e santidade; e Deus não designa nenhum meio para ser usado por nós sobre o qual não possamos esperar Sua bênção. Portanto, é aparente que o meio ordinário designado para a primeira graça real é a instrução piedosa dos pais e a educação de seus filhos. E a pregação pública é designada para a conversão apenas daqueles que perderam a bênção do primeiro meio designado. Portanto, se você nega aos seus filhos a educação religiosa, você lhes nega o primeiro meio designado de sua fé e santificação reais; e então o segundo vem em desvantagem.

Motivo 5. Considere também quão muitas e grandes são as suas vantagens acima de todos os outros para o bem de seus filhos. Como, 1. Nada toca tanto a alguém como aquilo que se sabe vir do amor: quanto maior o amor percebido em sua instrução, maior o sucesso que você pode esperar. Ora, seus

filhos confiam mais no amor de seus pais do que no de quaisquer outros; se ministros e estranhos lhes falam com amor, eles não sabem dizer; mas do amor de seus pais eles não têm dúvida. 2. E o amor deles por vocês é uma preparação tão grande para o seu sucesso. Todos nós damos ouvidos àqueles que amamos ternamente, com maior atenção e disposição do que a outros. Eles não amam o ministro como amam seus pais. 3. Vocês os têm nas mãos cedo, antes que tenham recebido quaisquer opiniões falsas ou más impressões; antes que tenham qualquer pecado, exceto aquele que nasceu com eles: vocês devem fazer as primeiras impressões neles; vocês os têm enquanto são mais ensináveis, flexíveis e ternos, e oferecem menos resistência contra a instrução; eles não se levantam a princípio contra o seu ensino com presunção e objeções orgulhosas. Mas quando chegam ao ministro, são como um papel que já foi escrito ou impresso, inaptos para receber outra impressão; eles têm muito a ser desaprendido antes de poderem ser ensinados; e vêm com resistência orgulhosa e rígida para lutar contra a instrução, em vez de prontamente recebê-la. 4. Seus filhos dependem inteiramente de vocês para o sustento presente, e muito para o sustento e porções futuras; e, portanto, eles sabem que é do interesse deles obedecer e agradar a vocês; e como o interesse é a inclinação comum do mundo, assim é com seus filhos; vocês podem governá-los mais facilmente tendo este meio de segurá-los do que qualquer outro que não tenha esta vantagem. Eles sabem que não servem a vocês por nada. 5. Sua autoridade sobre seus filhos é inquestionável. Eles questionarão a autoridade de ministros, sim, e de magistrados, e lhes perguntarão quem lhes deu o poder de ensiná-los e de lhes dar ordens? Mas a autoridade dos pais está além de qualquer disputa. Eles não chamarão vocês de tiranos ou usurpadores, nem lhes pedirão para provar a validade de sua ordenação ou a ininterrupta sucessão. Portanto, pai e mãe, como o primeiro poder natural, são mencionados no quinto

mandamento antes de reis ou rainhas. 6. Vocês têm o poder da vara para forçá-los. "A estultícia está ligada ao coração da criança, mas a vara da correção a afastará dela" (Pv 22:15). E sua correção será melhor entendida como vinda do amor do que a do magistrado ou de qualquer outro. 7. Vocês têm a melhor oportunidade de conhecer tanto as doenças quanto o temperamento de seus filhos; o que é uma grande vantagem para escolher e aplicar o melhor remédio. 8. Vocês têm a oportunidade de vigiá-los e discernir todas as suas faltas a tempo; mas se um ministro lhes fala, ele não pode saber mais qual falta repreender do que o que os outros lhe dizem ou o que o próprio indivíduo confessa. Vocês também podem discernir que sucesso tiveram suas exortações anteriores, e se eles melhoraram ou ainda continuam no pecado, e se vocês devem proceder a remédios mais severos. 9. Vocês têm a oportunidade de falar com eles da maneira mais familiar; o que é melhor compreendido do que o discurso formal de um ministro no púlpito, que poucos deles notam ou entendem. Vocês podem estimular a atenção deles por meio de perguntas que os obriguem a responder, e assim despertá-los para uma consideração séria do que vocês dizem. 10. Vocês estão com eles tão frequentemente que podem repetir suas instruções e reforçá-las, de modo que o que não foi feito em um momento possa ser feito em outro; enquanto outros homens raramente podem falar com eles, e o que é falado tão raramente é facilmente negligenciado ou esquecido. 11. Vocês têm poder para colocá-los sob os melhores meios e para remover muitos impedimentos de seu caminho que costumam frustrar os esforços de outros homens. 12. O exemplo de vocês está perto deles e continuamente à vista, o que é um sermão contínuo e poderoso. Por todas estas vantagens, Deus os capacitou, acima de todos os outros, a serem instrumentos do bem de seus filhos e os primeiros e maiores promotores de sua salvação.

Motivo 6. Considere quão grande conforto seria para vocês terem filhos tais que possam confiantemente esperar que sejam filhos de Deus, tendo sido levados a conhecê-Lo, amá-Lo e servi-Lo através de seus próprios esforços em uma educação piedosa. 1. Vocês podem amar seus filhos por uma razão mais elevada do que por serem seus; inclusive por serem de Deus, adornados com Sua imagem e vivificados com uma vida divina celestial; e isto é amá-los com um tipo de amor mais elevado do que o mero afeto natural. Seria motivo de alegria para vocês ver seus filhos elevados a lordes ou príncipes; mas oh, quão maior causa de alegria é vê-los feitos membros de Cristo, vivificados por Seu Espírito e selados para a vida eterna! 2. Uma vez que seus filhos se tornem filhos de Deus, pela regeneração do Espírito, vocês podem estar muito mais livres de cuidados e preocupações por eles do que antes. Agora podem confiantemente entregá-los aos cuidados de seu Pai celestial, que é capaz de fazer por eles mais do que vocês podem desejar: Ele os ama melhor do que vocês podem amá-los; Ele está comprometido por promessa a protegê-los e prover para eles, e a cuidar para que todas as coisas cooperem para o seu bem. Aquele que veste os lírios do campo, e não permite que os leõezinhos ou os corvos fiquem sem provisão, proverá alimento conveniente para Seus próprios filhos (embora queira que vocês também cumpram seu dever para com eles, como seus filhos). Enquanto eles são filhos de Satanás e servos do pecado, vocês têm motivo para temer, não apenas para que não sejam expostos a misérias neste mundo, mas muito mais para que não sejam arrebatados em seu pecado para o inferno: seus filhos, enquanto são ímpios, são piores do que se estivessem entre lobos e tigres. Mas uma vez renovados pelo Espírito de Cristo, eles estão sob o encargo de toda a Santíssima Trindade e, abaixo de Deus, sob o encargo dos anjos: vivendo ou morrendo, estão seguros; pois o Deus eterno é sua porção e defesa. 3. Pode ser um conforto contínuo para

vocês pensar de quanta escravidão e calamidade seu filho foi liberto: pensar em quantos juramentos ele teria feito, e quantas mentiras e maldições teria proferido, e que vida bestial e carnal teria levado, quanto mal teria feito a Deus e aos homens, e quanto teria agradado ao diabo, e que tormentos no inferno teria de suportar como recompensa por tudo; e então pensar em quão misericordiosamente Deus evitou tudo isso; e que serviço ele pode prestar a Deus no mundo e, finalmente, viver com Cristo na glória: que alegria é esta para um pai ou mãe crente e ponderado, que toma as misericórdias de seus filhos como se fossem suas! 4. A religião ensinará seus filhos a serem mais obedientes a vocês mesmos do que a natureza pode lhes ensinar. Ensinará a eles a amá-los, mesmo quando vocês não tiverem mais nada para dar, tão bem como se tivessem a riqueza de todo o mundo: ensinará a eles a honrá-los, embora sejam pobres e desprezíveis aos olhos dos outros. Ensinará a eles a obedecê-los e, se vocês caírem em necessidade, a socorrê-los de acordo com o poder deles: os capacitará a confortá-los no tempo de sua doença e angústia; quando filhos ímpios serão como espinhos em seus pés ou olhos, e cortarão seus corações, e provarão ser uma dor maior do que quaisquer inimigos. Um filho gracioso suportará suas fraquezas, quando um Cam não cobrirá a nudez de seu pai: um filho gracioso pode orar por vocês, e orar com vocês, e ser uma bênção para sua casa; ao passo que um filho ímpio é mais apto para amaldiçoar, e provar ser uma maldição, para aqueles com quem vive. 5. E não é uma alegria excessiva pensar na felicidade eterna de seu filho? E que podem viver juntos no céu para sempre? Ao passo que a miséria prevista de um filho sem graça pode entristecê-los sempre que olharem para o seu rosto. 6. Por último, será um grande acréscimo à sua alegria pensar que Deus abençoou suas instruções diligentes e fez de você o instrumento de todo aquele bem que é feito em seus filhos, e de todo aquele bem que é feito por eles, e de toda a felicidade que

eles têm para sempre. Pensar que isto lhes foi transmitido por seu intermédio lhe dará uma parcela maior nos deleites disso.

Motivo 7. Lembre-se de que o pecado original e a miséria de seus filhos vêm através de vocês; e, portanto, em justiça, vocês que os arruinaram estão obrigados a fazer o seu melhor para salvá-los. Se vocês tivessem apenas transmitido uma lepra, ou alguma doença hereditária aos seus corpos, não teriam feito o máximo para curá-los? Oh, que pudessem fazer a eles tanto bem quanto lhes fazem mal! É mais do que o pecado de Adão que corre nas naturezas de seus filhos, sim, e que traz julgamentos sobre eles; e até o pecado de Adão não chega a eles senão através de vocês.

Motivo 8. Por último, considere quão excessivamente grande necessidade eles têm da máxima ajuda que vocês possam lhes prestar. Não é uma doença corporal, um inimigo fácil, uma miséria tolerável, para o que clamamos pela ajuda de vocês; mas é contra o pecado, e Satanás, e o fogo do inferno. É contra um corpo de pecado; não um, mas muitos; não pequenos, mas perniciosos, tendo se apoderado do coração; pecados profundamente enraizados, que não são facilmente arrancados. Todo o ensino, diligência e vigilância que vocês possam usar é apenas o mínimo necessário, e pode provar ser pouco demais. São vícios obstinados que os possuem; não são expulsos rápida nem facilmente; e os restos e raízes costumam estar sempre brotando de novo, quando vocês pensavam que tinham sido totalmente destruídos: oh, então, que sabedoria e diligência são requeridas para obra tão grande e necessária!

E agora permitam-me falar seriamente ao coração daqueles pais descuidados e ímpios que negligenciam a educação santa de seus filhos: sim, e àqueles professores da piedade que realizam superficialmente uma obra tão grande com alguns

deveres e palavras formais e costumeiros, que são quase uma omissão total. Oh, não sejam tão impiedosos com as almas que vocês ajudaram a trazer ao mundo! Não pensem tão baixamente delas, como se não valessem o seu trabalho. Não tornem seus filhos tão semelhantes aos seus animais, a ponto de não fazerem provisão senão apenas para a sua carne. Lembrem-se sempre de que não são animais, mas homens, que vocês geraram e deram à luz: eduquem-nos, então, e usem-nos como homens, para o amor e obediência de seu Criador: oh, apiedem-se e ajudem as almas que vocês macularam e arruinaram! Tenham misericórdia das almas que devem perecer no inferno, se não forem salvas neste dia de salvação! Oh, ajudem-nos, que têm tantos inimigos para assaltá-los! Ajudem-nos, que têm tantas tentações para atravessar; e tantas dificuldades para superar; e um julgamento tão severo para sofrer! Ajudem-nos, que são tão fracos e tão facilmente enganados e derrubados! Ajudem-nos rapidamente enquanto suas vantagens continuam; antes que o pecado os tenha endurecido, e a graça os tenha abandonado, e Satanás coloque uma guarnição mais forte em seus corações. Ajudem-nos enquanto são tratáveis, antes que cresçam a ponto de desprezar sua ajuda; antes que você e eles sejam separados, e suas oportunidades cheguem ao fim. Vocês não acham demais o seu esforço ano após ano para prover para os corpos deles: oh, não sejam cruéis com as suas almas! Não os vendam a Satanás, e isso por nada! Não os traiam ao inferno por sua negligência ímpia. Ou, se algum deles perecer, que não seja por causa de vocês, que estão tão obrigados a fazer-lhes o bem: a ruína das almas de seus filhos é uma obra muito mais adequada para Satanás do que para seus pais. Lembre-se de quão confortável é trabalhar com Cristo para a salvação de almas. Vocês consideram a vocação dos ministros honrosa e feliz; e assim o é, porque servem a Cristo em uma obra tão elevada: mas se vocês não a negligenciarem, podem fazer pelos seus filhos

mais do que qualquer ministro pode fazer. Este é o seu lugar de pregação; aqui Deus o chama a exercitar seus talentos, inclusive na instrução santa de suas famílias: seu encargo é pequeno em comparação com o do ministro; ele tem muitas centenas de almas para vigiar, que estão espalhadas por toda a paróquia; e vocês acharão muito instruir e vigiar sobre aqueles poucos de sua propriedade que estão sob o seu teto? Vocês podem falar odiosamente de ministros infiéis e traidores de almas; e não consideram quão odioso é um pai ou mãe traidor de almas? Se Deus lhe confia apenas talentos terrenos, tome cuidado com o modo como os usa, pois deve prestar contas de sua confiança; e quando Ele lhe confiou almas, inclusive as almas de seus filhos, você as trairá? Se quaisquer governantes apenas proibissem vocês de instruir e bem governar suas famílias, e os restringissem por uma lei, como teriam restringido Daniel de orar em sua casa (Dn 6), então vocês os considerariam monstros de impiedade e desumanidade; e clamariam por uma perseguição satânica, que tornaria os homens traidores das almas de seus filhos e afastaria toda religião da terra. E, no entanto, quão facilmente vocês podem negligenciar tais deveres, quando ninguém lhes proíbe, e nunca se acusam de qualquer impiedade ou desumanidade tão horrível? Que hipocrisia e parcialidade cega é esta! Como um ministro preguiçoso que clamaria contra a perseguição se fosse silenciado por outros, e ainda assim não se deixará provocar a ser trabalhoso, mas ordinariamente por sua preguiça silencia a si mesmo, e não faz disso um grande problema. Seria um pecado tão hediondo se outro os restringisse? E não é tão hediondo para vocês, que estão tão obrigados a isso, restringirem-se voluntariamente? Ó, então, não neguem esta diligência necessária aos seus filhos necessitados, assim como amam as almas deles, como amam a felicidade da igreja ou da comunidade, como amam a honra e o interesse de Cristo, e como amam a sua paz presente e eterna. Não vejam seus filhos

como escravos de Satanás aqui e tições do inferno para sempre, se qualquer diligência sua puder contribuir para evitá-lo. Não deem à consciência tal matéria de acusação contra vocês, a ponto de dizer: "Tudo isto foi por sua causa! Se você os tivesse instruído diligentemente, e vigiado sobre eles, e os corrigido, e feito a sua parte, é provável que nunca tivessem chegado a isto". Vocês lavram seus campos; vocês capinam seus jardins; quanto trabalho vocês têm com suas terras e gado! E não terão mais com as almas de seus filhos? Ai de nós, que criaturas eles serão se vocês os deixarem por conta própria! Quão ignorantes, descuidados, rudes e bestiais! Oh, em que estado lamentável os pais ímpios trouxeram o mundo! Ignorância e egoísmo, sensualidade bestial e malignidade diabólica cobriram a face da terra como um dilúvio, e afastaram a sabedoria, a abnegação, a piedade, a caridade, a justiça e a temperança quase para fora do mundo, confinando-as aos peitos de algumas poucas almas obscuras e humildes, que amam a virtude por amor à virtude, e esperam sua recompensa apenas de Deus, e esperam que, ao absterem-se da iniquidade, tornem-se presa de lobos (Is 59:15). A educação perversa desumanizou o mundo, e o subjugou a Satanás, e o tornou quase semelhante ao inferno. Ó, não se juntem aos filhos de Belial nesta desumanidade natural e horrorosa maldade!

CAPÍTULO 7

OS DEVERES MÚTUOS DE MARIDOS E ESPOSAS UM PARA COM O OUTRO

É a subversão perniciosa de todas as sociedades, e assim do mundo, que pessoas egoístas e ímpias entrem em todas as relações com o desejo de servir a si mesmas ali, e pescar tudo o que gratifique sua carne, mas sem qualquer senso do dever de sua relação. Elas refletem sobre qual honra, ou lucro, ou prazer sua relação lhes proporcionará, mas não sobre o que Deus e o homem requerem ou esperam delas. Todo o seu pensamento é o que terão, mas não o que serão e farão. Elas são muito sensíveis ao que os outros devem ser e fazer para elas; mas não ao que elas devem ser e fazer para os outros. Assim é com magistrados e com o povo, com muitos pastores e seus rebanhos, com maridos e esposas, com pais e filhos, com mestres e servos, e todas as outras relações. Ao passo que nosso primeiro cuidado deveria ser conhecer e realizar os deveres de nossas relações, e agradar a Deus nelas, e então buscar Sua bênção por via de recompensa encorajadora. Estudem e façam a sua parte, e Deus certamente fará a d'Ele.

Direção 1. O primeiro dever dos maridos é amar suas esposas (e as esposas seus maridos) com um amor conjugal verdadeiro e inteiro. "Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela. — Assim devem os maridos amar as suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo. Porque nunca ninguém odiou a sua própria carne; antes a alimenta e sustenta, como também o Senhor à igreja. — Assim também vós, cada um em particular, ame a sua própria mulher como a si mesmo" (Ef 5:25, 28, 29, 33). Veja Gn 2:24. É em uma relação de amor que vocês entraram. Deus fez disso

o seu dever para a sua ajuda e conforto mútuos; para que estejam tão dispostos e prontos a socorrer um ao outro, como a mão está para ajudar o olho ou outro membro companheiro, e para que sua conversa seja doce, e seus fardos leves, e suas vidas confortáveis. Se o amor for removido apenas por uma hora entre marido e esposa, eles estarão por esse tempo como um osso fora do lugar; não há alívio, nem ordem, nem trabalho bem feito até que sejam restaurados e colocados no lugar novamente. Portanto, certifiquem-se de que o amor conjugal seja mantido constantemente.

Subdiretrizes para manter o amor conjugal.

As subdiretrizes para manter o amor conjugal são tais como estas: **Direção** 1. Escolha primeiro alguém que seja verdadeiramente amável, especialmente nas virtudes da mente. 2. Não se case até ter certeza de que pode amar inteiramente. Não se deixe levar por fins sórdidos para se unir a alguém por quem tenha apenas afetos comuns. 3. Não seja apressado demais, mas conheça de antemão todas as imperfeições que possam tentá-lo posteriormente ao desgosto. Mas se esses deveres foram pecaminosamente negligenciados, ainda assim, 4. Lembre-se de que a justiça lhe ordena amar alguém que, por assim dizer, abandonou todo o mundo por você, e está contente em ser companheiro de seus trabalhos e sofrimentos, e ser um participante igual em todas as condições com você, e que deve ser seu companheiro até a morte. É pior do que desumanidade bárbara atrair alguém a um laço de amor e sociedade com você e depois dizer que não pode amá-la. Isso foi, por perfídia, atraí-la a uma armadilha para sua ruína. Que conforto pode ela ter em sua conversa com você, e cuidado, e trabalho, e sofrimentos necessários, se você lhe nega o amor conjugal? Especialmente

se ela não lhe nega amor, a desumanidade é ainda maior. 5. Lembre-se de que as mulheres são ordinariamente criaturas afetuosas e passionais e, como amam muito a si mesmas, esperam muito amor de você. E quando você se uniu a tal natureza, obrigou-se ao dever correspondente: e se o amor não gera amor, é um desprezo ingrato e injusto. 6. Lembre-se de que você está sob o comando de Deus; e negar o amor conjugal às suas esposas é negar um dever que Deus lhe impôs urgentemente. A obediência, portanto, deve comandar o seu amor. 7. Lembre-se de que vocês são relativamente, por assim dizer, uma só carne; você a atraiu para deixar pai e mãe para se apegar a você; vocês estão unidos para a procriação de filhos que devem carregar a imagem e a natureza de ambos; suas posses e interesses são, de certa forma, os mesmos. E, portanto, tal proximidade deve comandar afeição; aqueles que são como vocês mesmos devem ser amados mais facilmente como a vocês mesmos. 8. Observe mais o bem que há em suas esposas do que o mal. Não permita que a observação de suas faltas o faça esquecer ou negligenciar suas virtudes. O amor é acendido pela visão do amor ou da bondade. 9. Não faça das enfermidades faltas odiosas, mas desculpe-as tanto quanto legalmente puder, considerando a fragilidade do sexo e de seus temperamentos, e considerando também suas próprias enfermidades, e quanto suas esposas devem suportar de vocês. 10. Estimule mais neles o exercício daquilo que é melhor, e não estimule o que é mau; e então o bem aparecerá mais, e o mal ficará como que enterrado, e você manterá mais facilmente o seu amor. Há alguma impureza no melhor que há na terra; contudo, se você estiver diariamente remexendo na imundícia, não se admire se tiver o incômodo; e por isso pode agradecer a si mesmo: extraia a fragrância daquilo que é bom e deleitável nelas, e não, por sua própria imprudência ou irritabilidade, desperte o pior, e então descobrirá que até suas esposas faltosas parecerão mais amáveis para você. 11. Vença-as com amor; e

então, o que quer que sejam em si mesmas, serão amorosas para com você e, conseqüentemente, amáveis. O amor causará amor, como o fogo acende o fogo. Um bom marido é o melhor meio para fazer uma esposa boa e amorosa. Não as torne impertinentes por seu comportamento impertinente, para depois dizer que não pode amá-las. 12. Dê a elas exemplos de amabilidade em vocês mesmos; dê a elas o padrão de uma vida prudente, humilde, amorosa, mansa, abnegada, paciente, inofensiva, santa e celestial. Tente isto por um tempo e veja se não as envergonhará de suas faltas e as fará caminhar de modo mais amável elas mesmas.

Direção 2. Outro dever de maridos e esposas é a coabitação e (onde a idade não proibir) uma conjunção sóbria e modesta para a procriação: evitando a lascívia, a inoportunidade e tudo o que tende a corromper a mente e torná-la vã e suja, e impedi-la do emprego santo. E, portanto, a luxúria não deve ser acalentada nos casados; mas a mente deve ser levada a uma estrutura moderada, casta e sóbria; e o remédio não deve ser transformado em um aumento da doença, mas usado para extingui-la. Pois se a mente for deixada ao poder da luxúria, e apenas o casamento for confiado para a cura, em muitos se descobrirá uma cura insuficiente; e a luxúria continuará a rugir como antes, e será tanto mais desesperada e seu caso mais miserável quanto o seu pecado prevalecer contra o remédio. No entanto, sendo o casamento designado como remédio contra a luxúria, para evitar todo intercurso ilícito, o apóstolo descreveu claramente o seu dever: "É bom que o homem não toque em mulher; mas, por causa da fornicção, cada um tenha a sua própria mulher, e cada uma tenha o seu próprio marido. O marido pague à mulher a devida benevolência, e da mesma sorte a mulher ao marido. A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas tem-no o marido; e também da mesma sorte o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas tem-no

a mulher. Não vos defraudeis um ao outro, senão por consentimento mútuo por algum tempo, para vos aplicardes ao jejum e à oração; e depois ajuntai-vos outra vez, para que Satanás vos não tente pela vossa incontinência" (1 Co 7:2-5). Portanto, aquelas pessoas vivem contrariamente à natureza de sua relação, que vivem grande parte de suas vidas separadas, como muitos fazem por motivos mundanos; quando têm várias casas, posses ou negócios, e o marido deve viver em uma e a esposa em outra, por causa de sua conveniência; e só se reúnem uma vez por semana, ou em muitas semanas: quando isso é feito sem grande necessidade, é uma violação constante de seus deveres. E assim é para os homens irem comercializar ou viver no exterior, ou em outra terra, e deixarem suas esposas para trás; sim, embora tenham o consentimento de suas esposas; é um curso ilícito, exceto em caso de mera necessidade, ou serviço público, ou quando podem, com bons fundamentos, dizer que os benefícios tendem a ser maiores para a alma e o corpo do que a perda; e que estão confirmados contra o perigo da incontinência. Os ofícios que o marido e a esposa são obrigados a realizar um pelo outro são tais que, na maior parte, supõem sua coabitação, como os ofícios dos membros do corpo um para o outro, os quais não podem realizar se forem desmembrados e divididos.

Direção 3. Abomine não apenas o próprio adultério, mas tudo o que tende à falta de castidade e à violação de seu pacto matrimonial. O adultério é tão contrário ao vínculo conjugal e ao estado de vida que, embora *de facto* [de fato] não dissolva realmente o vínculo e anule o casamento; contudo desobriga tanto a parte inocente injustiçada que *de jure* [de direito] é para tal um fundamento suficiente para autorizar um divórcio. E Deus exigiu que fosse punido com a morte (Lv 20:10). Quando a luxúria é a causa principal do casamento, e quando as pessoas casadas não vivem no temor de Deus, mas mimam a carne e

vivem licenciosamente, não é de admirar que o casamento prove ser um remédio insuficiente contra tal luxúria acalentada. Tais pessoas carnis e bestiais estão sempre lançando combustível ao fogo; por pensamentos e falas lascivos e desenfreados, pela glotonaria, bebida, esportes e ociosidade, pela companhia vã e sedutora, e por não evitarem ocasiões, oportunidades e tentações, ardem tanto quando casadas como antes. E o diabo, que assopra este fogo em sua carne, os conduz e acomoda na satisfação de suas luxúrias; de modo que sua concupiscência brutal é como um fogo ardendo no mar; a própria água não o apagará. Uma mulher não satisfará sua bestialidade; e talvez eles detestem suas próprias esposas e corram atrás de outras, embora as suas próprias (aos olhos de qualquer homem imparcial) sejam as mais belas e amáveis, e suas prostitutas não passem de amontoados de sujeira deformados, impudentes e imundos. De modo que se pensaria que não tinham outra razão para amar e seguir coisas tão desprovidas de beleza senão apenas porque Deus o proíbe; como se o diabo o fizesse para mostrar seu poder sobre eles, que ele pode fazê-los fazer aquilo, como que em desprezo a Deus, que de outra forma eles mesmos abominariam. Uma vez que sua sensualidade e o seu abandono de Deus provocaram Deus a abandoná-los e entregá-los à fúria dessa sensualidade, um espírito imundo às vezes toma posse deles e os inclina inteiramente a chafurdar na imundícia: mal podem olhar para o rosto de uma pessoa atraente do outro sexo sem que pensamentos impuros surjam em seus corações; pensam em imundície quando estão sós; sonham com imundície à noite; falam de imundície com outros: as línguas dos cães que lambe as feridas de Lázaro não foram usadas em um emprego tão sujo como as deles. "Como cavalos bem fartos, levantam-se pela manhã; cada um rinchando à mulher do seu próximo" (Jr 5:8). "Publicam o seu pecado como Sodoma; não o escondem" (Is 3:9). E geralmente, quando são entregues a

este pecado sujo, ele corrompe totalmente suas consciências e os torna como blocos ou feras, insensíveis à sua miséria e à ira de Deus, e entregues a todas as outras vilanias, e até a odiar e perseguir a piedade, se não a própria civilidade. Alguns poucos adúlteros conheci que pecam tanto contra suas consciências que vivem em desespero contínuo; atormentados no senso de sua própria infelicidade e, no entanto, pecando ainda, como se o diabo fizesse deles um escárnio: e, contudo, estes são do tipo melhor, porque ainda resta algum testemunho de uma vida melhor em suas mentes; mas outros deles "tendo-se tornado insensíveis, entregaram-se à lascívia para cometerem com avidez toda sorte de impureza" (Ef 4:19). "Tendo os olhos cheios de adultério, e não cessando de pecar... como animais irracionais, por natureza feitos para serem presos e mortos" (2 Pe 2:10-12). Tomem cuidado, portanto, com as causas deste pecado odioso e de toda aparência dele; não permitam que seu olho ou pensamento vá atrás de um estranho, nem comecem uma brecha em seu pacto e fidelidade conjugal.

Direção 4. Marido e esposa devem ter deleite no amor, na companhia e na conversa um do outro. Não há nada em que o coração do homem se fixe tão desordenadamente quanto no deleite; e, no entanto, o deleite lícito que Deus lhes permitiu, eles podem transformar em aversão e desprezo. O deleite que o prenderia no pecado e o afastaria de seu dever e de Deus é o que lhe é proibido; mas este é um deleite que o auxilia em seu dever e o afasta do pecado. Quando marido e esposa sentem prazer um no outro, isso os une no dever, ajuda-os a realizar seu trabalho com facilidade e a carregar seus fardos; e não é a menor parte do conforto do estado matrimonial. "Alegra-te com a mulher da tua mocidade, como a corça amorosa e a gazela graciosa: que os seus seios te saciem em todo o tempo, e sejas tu sempre deslumbrado com o seu amor" (Pv 5:18, 19). Portanto, a esposa é chamada de "O desejo dos olhos" (Ez

24:16). Evitem, portanto, todas as coisas que possam torná-los desagradáveis ou pouco amáveis um ao outro; e usem todos os meios lícitos para cultivar a complacência e o deleite: não por vestes tolas, ridículas ou orgulhosas, nem por ações imodestas; mas pela limpeza, decência e comportamento amável. A sujeira, a falta de asseio, a conduta indecorosa, a fala tola e tudo o que é repugnante no corpo ou na mente devem ser evitados como tentações que impediriam aquele amor, prazer e contentamento que marido e esposa devem ter um no outro. No entanto, é uma pessoa carnal e tola aquela que não mantém o amor por mais tempo do que este é alimentado com todo esse cuidado. Se houver alguma deformidade no corpo, ou algo indecoroso no comportamento, ou se Deus os visitar com quaisquer feridas ou doenças repugnantes, eles devem, apesar de tudo, amar um ao outro, sim, e sentir prazer em sua convivência. Não é um amigo verdadeiro aquele que o abandona na adversidade; nem é uma afeição conjugal verdadeira aquela que é destruída por uma doença repugnante. O amor das mães pelos seus filhos as faz ter prazer neles, não obstante sua doença ou falta de asseio; e o mesmo deve o amor fazer entre um marido e sua esposa. Aquele que considera que sua própria carne está sujeita às mesmas doenças e que, em breve, poderá ser igualmente repugnante, fará conforme gostaria que lhe fizessem e não se afastará, no tempo da aflição dela, daquela que se tornou sua própria carne. Muito menos desculpável é o crime daqueles que, quando não têm nada de extraordinário para lhes causar desgosto ou desafeição, estão cansados da companhia um do outro e preferem estar nas casas de seus vizinhos do que na sua própria, e encontram mais prazer na companhia de um estranho do que na um do outro.

Direção 5. É um grande dever de maridos e esposas viverem em quietude e paz, evitando todas as ocasiões de ira e discórdia. Porque este é um dever de tão grande importância,

primeiro exporei a vocês a grande necessidade dele e, depois, darei diretrizes mais particulares para realizá-lo.

Contra a dissensão.

1. É um dever que a sua união ou relação próxima exige especialmente. Vocês brigarão consigo mesmos? Não podem concordar com sua própria carne? 2. Sua discórdia será sua dor e a vexação de suas vidas. Como um furúnculo, ferida ou fratura em seus próprios corpos, que os fará sofrer até ser curado; dificilmente manterão a paz em suas mentes quando a paz for quebrada tão perto de vocês, em sua família. Assim como vocês tomariam cuidado para não se ferirem, e assim como apressariam a cura quando feridos, devem tomar cuidado com qualquer quebra de paz e buscar curá-la rapidamente quando ela for rompida. 3. A dissensão tende a esfriar o amor de vocês; desentendimentos frequentes tendem a deixar um hábito de desgosto e aversão na mente. Ferir é separar; e estar amarrado por laços externos, quando seus corações estão separados, não é senão ser atormentado; e ter o interior de adversários, enquanto mantêm o exterior conjugal. Assim como a diferença entre minha casa e minha prisão é que na primeira eu habito voluntariamente e com prazer, mas na segunda estou confinado contra a vontade, tal será a diferença entre uma vida tranquila e uma intranquila em seu estado de casados; ela transforma sua habitação e deleite em uma prisão, onde vocês estão acorrentados àquelas calamidades das quais, em uma condição livre, poderiam fugir. 4. A dissensão entre marido e esposa

desordena todos os assuntos familiares; eles são como bois desigualmente jugados, que não conseguem realizar trabalho algum por lutarem um contra o outro. Nada é bem feito por causa da divergência daqueles que deveriam fazê-lo ou supervisioná-lo. 5. Isso os torna extremamente inaptos para o culto a Deus; vocês não estão aptos para orar juntos, nem para conversar sobre coisas celestiais, nem para serem ajudadores das almas um do outro: não preciso lhes dizer isso, vocês sentem por experiência. A ira e a amargura não permitem tanto exercício de amor e santa compostura de mente quanto cada um desses deveres exige. 6. A dissensão os incapacita de governar suas famílias corretamente. Seus filhos e servos tomarão vocês como exemplo; ou pensarão que estão em liberdade para fazer o que quiserem, quando virem vocês ocupados com tais conflitos entre si; e eles os considerarão inaptos para repreendê-los por suas faltas, ao verem vocês culpados de tais faltas e tolices próprias; antes, vocês se tornarão a vergonha e o escárnio secreto de sua família e se colocarão em desprezo. 7. Suas dissensões os exporão à malícia de Satanás e lhe darão vantagem para múltiplas tentações. Uma casa dividida não pode subsistir; um exército dividido é facilmente conquistado e transformado em presa para o inimigo. Vocês não podem prever em que abundância de pecados se colocam em perigo. Por tudo isso, podem ver para onde tendem as dissensões entre marido e esposa e como devem ser evitadas.

Diretrizes contra a dissensão.

II. Para evitá-las, observem estas subdiretrizes. 1. Mantenham seu amor conjugal em constante calor e vigor. O amor suprimirá a ira; vocês não podem ter uma mente amarga, por pequenas provocações, contra aqueles que amam ternamente; muito menos podem proceder a palavras injuriosas, ou à aversão e distanciamento, ou a qualquer abuso mútuo. Ou, se uma brecha e ferida for infelizmente feita, a qualidade balsâmica do amor a curará. Mas quando o amor esfria, pequenas questões exasperam e geram desgosto.

1. Tanto o marido quanto a esposa devem mortificar seu orgulho e paixão, que são as causas da impaciência; e devem orar e trabalhar por um espírito humilde, manso e tranquilo. Pois é o temperamento doentio do coração que causa as dissensões, mais do que as ocasiões ou o motivo da ofensa. Um coração orgulhoso se perturba e se provoca por cada palavra ou comportamento que pareça tender à sua desvalorização. Uma mente impertinente e ranzinza é como um membro ferido e ulcerado, que doerá se for tocado. Aquele que deve viver perto de uma mente tão ferida, doente e impaciente deve viver exatamente como a babá faz com a criança, que tem como tarefa balançá-la e acalentá-la para que fique quieta quando chora; pois zangar-se com ela não trará bem algum; e se você se casou com alguém de temperamento tão doente ou infantil, deve resolver suportar e tratá-lo adequadamente. Mas nenhum cristão deve suportar tal enfermidade vexatória em si mesmo, nem ser paciente com tal impaciência de mente. Uma vez que obtenham a vitória sobre si mesmos e alcancem a cura de sua própria impaciência, manterão facilmente a paz um com o outro.
2. Lembrem-se sempre de que ambos são pessoas doentes, cheias de enfermidades; e, portanto, esperem o fruto

dessas enfermidades um no outro; e não se espantem com isso, como se nunca soubessem disso antes. Se você tivesse se casado com alguém coxo, ficaria zangado com ela por mancar? Ou se tivesse se casado com alguém que tivesse uma úlcera pútrida, brigaria com ela porque ela cheira mal? Não sabia de antemão que se casava com uma pessoa de tais fraquezas, que lhe dariam motivo de provação e ofensa diária? Se não pudesse suportar isso, não deveria ter se casado com ela; se resolveu que poderia suportar na época, está obrigado a suportar agora. Resolvam, portanto, suportar um ao outro; lembrando que aceitaram um ao outro como pessoas pecadoras, frágeis e imperfeitas, e não como anjos, ou como irrepreensíveis e perfeitos.

3. Lembrem-se sempre de que são uma só carne; e, portanto, não se ofendam mais com as palavras ou falhas um do outro do que se fossem as suas próprias. Não brigue mais com sua esposa pelas faltas dela do que faz consigo mesmo pelas suas próprias; e do que faria se as dela fossem as suas. Isso lhe permitirá uma ira e um desagrado contra uma falta que tenda a curá-la; mas não aquela que tenda apenas a inflamar e irritar a parte doente. Isso transformará a ira em compaixão e em uma diligência rápida e terna para a cura.
4. Concordem de antemão que, quando um estiver no acesso de ira doentia, o outro deverá suportar silenciosa e gentilmente até que passe e vocês voltem a si novamente. Não se irem ambos ao mesmo tempo; quando o fogo se acender, apaguem-no com palavras e gestos gentis, e não lancem óleo ou combustível, respondendo de forma provocadora e ríspida, ou multiplicando palavras e retribuindo ira com ira. Mas lembrem-se de que agora o trabalho para o qual são chamados é o de abrandar, e não exasperar; de ajudar, e

não ferir; de curar o outro, em vez de vindicar a si mesmo; como se alguém caísse e se ferisse, sua tarefa é ajudá-lo a levantar, e não pisar sobre ele.

5. Olhem para frente e lembrem-se de que devem viver juntos até a morte, e devem ser companheiros da fortuna um do outro e confortos da vida um do outro, e então verão quão absurdo é discordarem e irritarem-se mutuamente. A ira é o princípio da vingança, e o desentendimento tende à separação. Portanto, aqueles que não devem se vingar não devem dar lugar à ira; e aqueles que sabem que não devem se separar não devem brigar.
6. Tanto quanto puderem, evitem todas as ocasiões de ira e desentendimento sobre os assuntos de suas famílias. Alguns, por sua preguiça, levam a si mesmos à carência; e então, sendo incapazes de suportá-la, contraem um hábito descontente e impertinente e, em sua impaciência, brigam e inquietam uns aos outros. Alguns mergulham em uma multidão de negócios e têm que lidar com tantas coisas e pessoas que uma ou outra está sempre os ofendendo, e então tornam-se impacientes uns com os outros. Alguns não têm habilidade nem diligência para gerir seus negócios corretamente; e assim as coisas dão errado e saem de ordem, e então sua impaciência volta-se um contra o outro. Evitem essas ocasiões, se quiserem evitar o pecado, e vejam que não lhes falte paciência para suportar aquilo que não pode ser evitado.
7. Se não puderem apagar rapidamente sua paixão, ao menos refreiem suas línguas; não digam palavras reprováveis ou provocadoras: falar acaloradamente sopra o fogo e aumenta a chama; fiquem apenas em silêncio, e mais cedo retornarão à sua serenidade e paz. Palavras torpes tendem a mais desagrado. Como disse

Sócrates quando sua esposa primeiro o xingou e depois jogou um vaso de água suja sobre ele: "Eu pensei que, quando ouvisse o trovão, viria a chuva"; assim vocês podem prever coisas piores a seguir quando palavras sujas e indecorosas começam. Se não podem facilmente aplacar sua ira, podem segurar suas línguas, se estiverem verdadeiramente dispostos.

8. Que a parte sóbria se digne a falar com doçura e a rogar à outra (a menos que seja com uma pessoa tão insolente que isso a torne pior). Geralmente, algumas advertências sóbrias e graves funcionarão como água na panela fervente. Diga ao seu cônjuge irado: "Você sabe que isso não deveria ocorrer entre nós; o amor deve abrandar isso, e isso deve ser objeto de arrependimento. Deus não o aprova, e nós não o aprovaremos quando este calor passar. Este estado de espírito é contrário a um estado de oração, e esta linguagem contrária a uma linguagem de oração; devemos orar juntos daqui a pouco; não façamos nada contrário à oração agora: água doce e amarga não saem da mesma fonte", etc. Algumas palavras calmas e condescendentes de razão podem deter a torrente e reviver a razão que a paixão havia vencido.
9. Confessem suas faltas um ao outro, quando a paixão tiver prevalecido sobre vocês; e peçam perdão um ao outro, e unam-se em oração a Deus pelo perdão; e isso colocará um compromisso maior sobre vocês na próxima vez para se refrearem: vocês certamente terão vergonha de fazer aquilo que confessaram e pelo qual pediram perdão a Deus e ao homem. Se praticarem estas dez diretrizes, a paz conjugal e familiar de vocês poderá ser preservada.

Direção 6. Um dever principal entre marido e esposa é, com especial cuidado, habilidade e diligência, ajudarem-se mutuamente no conhecimento, culto e obediência a Deus, visando à sua salvação. Porque este é um dever no qual vocês são os maiores auxílios e bênçãos um para o outro, se o realizarem, eu irei, 1. Tentar estimulá-los a fazer disso uma questão de consciência; e depois, 2. Dirigirei vocês sobre como fazê-lo.

I. Considerem, 1. Quão pouco condiz com o amor racional negligenciar as almas um do outro. Suponho que creiam que possuem almas imortais e uma vida interminável de alegria ou miséria para viver; e então não podem deixar de saber que sua grande preocupação e negócio é fazer uma provisão segura para essas almas e para a vida interminável. Portanto, se o amor de vocês não ajuda um ao outro nisto que é a sua principal preocupação, ele pouco vale e de pouco serve. Tudo neste mundo é valioso na medida em que é útil. Um amor inútil ou não proveitoso é um amor sem valor. É um amor trivial, infantil ou bestial aquele que os ajuda apenas em coisas triviais, infantis ou bestiais. Você ama sua esposa e, no entanto, a deixará no poder de Satanás, ou não ajudará a salvar sua alma? O quê! Amá-la e, no entanto, deixá-la ir para o inferno? E preferir que ela seja condenada do que ter o trabalho de buscar a salvação dela? Se ela estivesse apenas em dor ou miséria corporal, e você se recusasse a fazer sua parte para socorrê-la, ela consideraria isso como um amor frio e inútil, por mais gentil que você fosse em cumprimentos e futilidades. O próprio diabo ostenta um amor como esse; ele pode conceder aos homens prazeres, riqueza e honra, contanto que possa ver a perdição de suas almas. E se o seu amor por sua esposa ou marido não tende a questões maiores do que os prazeres desta vida, enquanto a alma é deixada a perecer no pecado, pensem seriamente quão pouco mais de bondade vocês lhes mostram

do que o diabo faz. Ó, podem ver o perigo de alguém que amam tão ternamente e não fazer nada mais para salvá-lo? Podem pensar na condenação de um amigo tão querido e não fazer tudo o que podem para impedi-la? Gostariam de ser separados deles no mundo para o qual estão indo? Não gostariam de viver com eles no céu para sempre? Nunca digam que os amam, se não trabalharem pela salvação deles. Se algum dia eles chegarem ao inferno, ou se algum dia vocês os virem lá, tanto eles quanto vocês confessarão então que não se comportaram como quem os amava. Não merece o nome de amor aquilo que pode deixar uma alma em miséria eterna.

O que diremos então daqueles que não apenas negam sua ajuda, mas são obstáculos para a santidade e a salvação um do outro! E, no entanto (o Senhor tenha misericórdia do pobre e miserável mundo!), quão comum é isso entre nós! Se a esposa for ignorante e ímpia, fará o seu pior para tornar ou manter seu marido tal como ela mesma é; e se Deus colocar quaisquer inclinações santas no coração dele, ela será para isso como água para o fogo, para apagá-lo ou mantê-lo sob controle; e se ele não for tão pecador e miserável quanto ela, terá pouca tranquilidade ou descanso. E se Deus abrir os olhos da esposa de um homem mau e lhe mostrar a amabilidade e a necessidade de uma vida santa, e ela apenas resolver obedecer ao Senhor e salvar sua alma, que inimigo e tirano o marido provará ser para ela (se Deus não o refrear); de modo que o próprio diabo dificilmente faz mais contra a salvação das almas deles do que maridos e esposas ímpios fazem um contra o outro.

1. Considerem também que não vivem de acordo com os fins do casamento, nem da humanidade, se não forem ajudadores das almas um do outro. Ajudar-se mutuamente apenas para o ventre é viverem juntos apenas como animais. Vocês foram designados para

viver juntos como "herdeiros da graça da vida" (1 Pe 3:7). "E os maridos devem amar suas esposas como Cristo amou a sua igreja, e a si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, santa e irrepreensível" (Ef 5:25-27). Aquilo que é o fim da sua própria vida e existência deve ser o fim de suas relações e de sua conversa diária.

2. Considerem também: se negligenciam as almas um do outro, que inimigos são um para o outro e como preparam suas dores eternas. Quando deveriam estar se preparando para seu encontro alegre no céu, estão acumulando para si mesmos um horror eterno. Que encontro e saudação terríveis terão perante o tribunal de Cristo, ou nas chamas do inferno, quando descobrirem ali quão perversamente agiram! Não é melhor estarem louvando a Deus juntos na glória do que estarem furiosos um contra o outro no horror de suas consciências, lançando no rosto um do outro acusações como estas? — "Ó marido cruel! Ó esposa impiedosa e enganadora! Foi por sua causa que cheguei a este fim miserável e lamentável! Eu poderia ter vivido com Cristo e Seus santos em alegria, e agora sou atormentado nestas chamas em desespero! Deus ordenou que você me desse o aviso, e me falasse do meu pecado e miséria, e nunca me deixasse descansar nele, mas que me instrísse e suplicasse, até que eu voltasse por meio de Cristo, para que não viesse a este lugar de tormento; mas você nunca sequer me falou de Deus e da minha salvação, a menos que fosse levemente em brincadeira ou em sua conversa comum! Se a casa estivesse pegando fogo, você teria sido mais zeloso em apagá-lo do que foi para salvar minha alma do inferno! Você nunca me falou seriamente da miséria

de um estado natural, não renovado! nem da grande necessidade de regeneração e de uma vida santa! nem jamais falou comigo do céu e do inferno, como questões de tal consequência deveriam ter sido mencionadas; mas manhã e noite a sua conversa nada mais era do que sobre o mundo e as coisas do mundo. Suas conversas ociosas, brincadeiras e discursos impertinentes, carnavais e inúteis foram o que preencheram todo o tempo; e não tivemos uma palavra sóbria sobre nossa salvação. Você nunca me predisse seriamente este dia; nunca orou comigo, nem leu a Escritura e bons livros para mim. Você não se esforçou para me ajudar a obter conhecimento, nem para humilhar meu coração endurecido por meus pecados, nem para me salvar deles, nem para me atrair ao amor de Deus e à santidade pela fé em Cristo: você não foi diante de mim com o bom exemplo de uma conduta santa e celestial; mas com o mau exemplo de uma vida ímpia, carnal e mundana. Você não se importou nem com a sua própria alma, nem com a minha; nem eu com a sua ou com a minha própria. E agora somos justamente condenados juntos, nós que não quisemos viver em santidade juntos!" Ó almas tolas e miseráveis, que por sua impiedade e negligência nesta vida, prepararão uma à outra para tal vida de angústia e horror sem fim!

Diretrizes para ajudarem-se mutuamente rumo à salvação.

Ó, portanto, resolvam sem demora viver juntos como herdeiros do céu e ser ajudadores das almas um do outro. Para tal fim, dar-lhes-ei estas subdiretrizes seguintes, as quais, se praticarem

fielmente, podem fazer de vocês bênçãos especiais um para o outro.

Direção 1. Se desejam ajudar a salvar a alma um do outro, cada um de vocês deve certificar-se de que cuida da sua própria; e reter uma apreensão profunda e viva daquelas grandes e eternas questões das quais devem falar aos outros. Não se pode esperar razoavelmente que tenha uma compaixão devida pela alma de outro aquele que não tem nenhuma pela sua própria; e que se submeta ao esforço necessário para ajudar outro rumo à salvação aquele que dá tão pouco valor à sua própria, a ponto de vendê-la pelo alívio e prazer básico e momentâneo da carne. Nem se deve esperar que um homem fale com qualquer peso e seriedade adequados sobre questões cujo peso seu coração nunca sentiu, e sobre as quais ele mesmo nunca foi sério. Primeiro, vejam que sintam profundamente aquilo que desejam falar com proveito; e que sejam o que persuadem o outro a ser; e que todo o seu conselho seja percebido como surgindo do fundo de seus corações, e que falem de coisas com as quais, por experiência, estejam bem familiarizados.

Direção 2. Aproveitem aquelas oportunidades que a proximidade e familiaridade comuns lhes proporcionam para falarem seriamente um com o outro sobre as coisas de Deus e de sua salvação. Quando se deitarem e se levantarem juntos, não permitam que os negócios mundanos ocupem toda a sua conversa; mas que Deus e suas almas tenham a primeira e a última, e pelo menos a mais livre e doce de suas falas, se não a maior parte dela. Quando tiverem falado de seus negócios comuns tanto quanto a natureza e a agilidade deles exigirem, deixem-nos de lado e falem juntos do estado e do dever de suas almas para com Deus, e de suas esperanças do céu, como quem toma estes como seu maior negócio. E não falem levemente,

ou sem reverência, ou de maneira ruda e briguenta; mas com gravidade e sobriedade, como quem está se aconselhando mutuamente sobre o maior assunto com que já tiveram de lidar no mundo.

Direção 3. Quando marido ou esposa estiver falando seriamente sobre coisas santas, que o outro seja cuidadoso em acalantar, e não em extinguir e pôr fim ao discurso. Há duas maneiras de acalantar tal discurso: a primeira é assumindo sua vez e mantendo uma proporção devida na conversa com sabedoria e gravidade; mas nem todos podem fazer isso; alguns são apenas aprendizes, e esses devem seguir a segunda maneira, que é pedir esclarecimento em assuntos sobre os quais duvidam ou não estão instruídos, e prolongar a conversa com perguntas pertinentes. As duas maneiras pelas quais tal discurso é silenciado são estas: a primeira é pelo silêncio constante do ouvinte; quando um homem fala como para um poste, que não lhe dá resposta nem faz qualquer pergunta pertinente, ele acabará por se cansar e desistirá; a segunda é por uma oposição ranzinza, contraditória e questionadora contra o que é falado, ou por interrupções e desvios; quando você entra imediatamente com alguma fala mundana ou impertinente, e desvia a conferência sóbria para algo que não edifica; e alguns que não querem parecer meramente profanos, vão e mundanos destruirão toda conferência santa e proveitosa mesmo por meio de um tipo de conversa religiosa; levando-o imediatamente para longe do exame do coração e do discurso celestial para alguma controvérsia, ou questão doutrinária, formal ou histórica que esteja suficientemente distante do coração e do céu. Tomem cuidado com estes caminhos, se quiserem ajudar um ao outro.

Direção 4. Vigiem os corações e as vidas um do outro, e trabalhem para discernir o estado das almas um do outro, e a

força ou fraqueza dos pecados e graças mútuos, e as falhas das vidas de cada um, para que assim possam aplicar um ao outro a ajuda mais adequada. Naquilo com que não estão familiarizados, não podem ser de grande ajuda; não podem curar doenças desconhecidas; não podem dar conselhos sábios e seguros sobre o estado das almas um do outro, se estiverem enganados a respeito delas. Deus colocou vocês o mais próximo possível um do outro, para que tivessem tanto interesse um no outro a ponto de estimulá-los a um cuidado amoroso, e tanto conhecimento mútuo a ponto de evitar mal-entendidos e, assim, a negligência ou o engano mútuo. E devem estar sempre providos daqueles remédios adequados que são mais necessários e apropriados ao caso de cada um. Se aquele pregador tende a ser monótono e sem sucesso por focar apenas na mera doutrina e pouco ou nada na aplicação direta e viva, podem conceber que será assim também com sua conversa familiar.

Direção 5. Vejam que nem lisonjeiem um ao outro por meio de um amor afetuoso e tolo, nem exasperem um ao outro por um tipo de repreensão apaixonada ou desdenhosa. Algumas pessoas estão tão cegas por uma afeição terna que mal conseguem ver no marido, na esposa ou nos filhos qualquer pecado ou miséria agravados; mas pensam que tudo o que fazem está bem, ou não tão mal quanto perceberiam em outrem; mas este é o mesmo caminho que os pecadores que amam a si mesmos seguem com suas próprias almas, para sua desilusão e perdição. Esta lisonja de si mesmos ou de outros não é senão o encanto do diabo para mantê-los afastados do arrependimento e da salvação eficazes; e o alívio de tais anodinos e narcóticos dura apenas um pouco. Por outro lado, alguns não conseguem falar um com o outro sobre suas faltas sem tal amargura de paixão ou desprezo que tende a fazer com que o estômago de quem recebe deteste o remédio e, assim, o

recuse ou o coloque para fora. Se as repreensões comuns a estranhos devem todas ser oferecidas em amor, muito mais entre as relações mais próximas.

Direção 6. Certifiquem-se de manter o verdadeiro amor conjugal um pelo outro e de não passarem a ter aversão pelas pessoas um do outro. Pois, se o fizerem, desprezarão os conselhos e repreensões mútuos. Aqueles que menosprezam, ou detestam, ou estão cansados um do outro, desdenharão as repreensões e desprezarão o conselho um do outro; ao passo que a afeição inteira dispõe grandemente para a aceitação correta da instrução.

Direção 7. Não desestimulem um ao outro de instruir ou repreender por meio de má aceitação, ou por reflexos rudes, ou por uma obstinada falta de reforma. Quando vocês não querem aprender, ou não querem se emendar, desestimulam seu instrutor e repreensor. Os homens tenderão a desistir quando forem recompensados com ingratidão e retuques rudes, ou quando perceberem que seu trabalho é todo em vão. E como o julgamento mais pesado de Deus que recai sobre alguém na terra é quando Ele retira Seu conselho e ajuda e deixa os pecadores inteiramente por conta própria, assim é a condição mais triste em suas relações quando a parte ignorante e pecadora é abandonada pela outra e deixada às suas próprias opiniões e caminhos; embora, de fato, não devesse ser assim, porque enquanto há vida há esperança.

Direção 8. Na medida em que forem capazes de instruir ou estimular um ao outro, busquem auxílios melhores: envolvam um ao outro na leitura dos livros mais convincentes e vivificantes, e na frequência ao ministério mais poderoso, e na conversa proveitosa com as pessoas mais santas. Não de modo a negligenciarem o seu dever um para com o outro cada vez

mais, mas para que todos os auxílios concorrentes possam ser mais eficazes. Quando perceberem que você lhes fala as mesmas coisas que os ministros e outros cristãos falam, isso será mais facilmente aceito.

Direção 9. Não escondam o estado de suas almas, nem ocultem suas faltas um do outro. Vocês são como uma só carne e devem ter um só coração: e assim como é perigosíssimo para um homem ser desconhecido de si mesmo, também é muito prejudicial para marido ou esposa ser desconhecido um do outro, naqueles casos em que necessitam de ajuda. É uma ternura tola de si mesmos quando escondem sua doença de seu médico ou de seu amigo prestativo; e quem deveria ser tão terno com você e prestativo a você como vocês devem ser um para com o outro? De fato, em alguns poucos casos, onde a revelação de uma falta ou segredo apenas tenderá a extinguir a afeição, e não a obter assistência do outro, é sabedoria escondê-lo; mas esse não é o caso comum. A abertura de seus corações um ao outro é necessária para sua ajuda mútua.

Direção 10. Evitem tanto quanto possível a contrariedade de opiniões na religião: pois, uma vez que tenham julgamentos diferentes em assuntos que consideram de grande importância, serão tentados a ter desafeição, desprezo ou a subestimar um ao outro; e assim a desprezar a ajuda que poderiam receber: e se caírem em várias seitas e seguirem vários mestres, dificilmente evitarão aquela discórdia e confusão que provarão ser uma grande vantagem para o diabo e um grande impedimento ao seu bem espiritual.

Direção 11. Se a diferença de julgamento em assuntos de religião ocorrer entre vocês, certifiquem-se de que seja gerida com santidade, humildade, amor e paz, e não com carnalidade, orgulho, falta de caridade ou discórdia. 1. Gerir suas diferenças

santamente é tomar Deus como o juiz, e remeter o assunto à Sua palavra, e visar à Sua glória e ao agrado de Sua vontade, e usar os Seus meios para a concórdia de seus julgamentos; o que consiste em esquadriñar a Escritura e consultar os pastores fiéis e capazes da igreja, e debater o caso sóbria e pacientemente, e orar juntos pela iluminação do Espírito. Pelo contrário, suas diferenças são carnalmente geridas quando razões carnis as geram ou alimentam; e quando correm atrás desta ou daquela seita ou partido, por admiração das pessoas; e não valorizam as pessoas por amor à verdade, mas medem a verdade pela opinião e estimativa das pessoas; e quando terminam suas diferenças por princípios e interesses egoístas e carnis: e daqui provém que, se o marido for papista ou estiver de outra forma em erro, é muito provável que a esposa passe a seguir a religião errônea dele, não por causa de qualquer evidência convincente, mas porque ele possui as faculdades mais fortes e tem oportunidade constante de persuadir, e porque o amor a prepara e inclina a seguir a opinião dele: e assim o homem, em vez de Deus, torna-se o senhor da fé de muitos.

2. Suas diferenças são geridas com humildade quando têm uma justa e modesta suspeita de seus próprios entendimentos, e debatem e praticam suas diferenças com mansidão e submissão; e não supervalorizam orgulhosamente todas as suas próprias apreensões, nem desprezam as razões do outro como se não fossem dignas de sua consideração.

3. Suas diferenças devem ser geridas em amor, não no sentido de que o mero amor deva fazê-los mudar para a opinião do outro, seja ela verdadeira ou falsa, mas que devem desejar muito ter a mesma mente e, se não puderem, devem tomar isso como uma dura aflição, e devem suportar os erros toleráveis um do outro, como suportam suas próprias enfermidades; para que não esfriem o amor nem alienem seus corações um do outro, mas apenas os provoquem a um cuidado terno, curativo e compassivo, e ao esforço para fazer o bem um ao outro.

4. E

devem gerir suas diferenças em quietude, sem quaisquer discussões e dissensões apaixonadas, para que nenhum fruto amargo seja gerado por isso em suas famílias, entre vocês mesmos. Assim todos os verdadeiros cristãos devem gerir suas diferenças em questões de religião; mas as pessoas casadas acima de todos.

Direção 12. Não sejam nem cegamente indulgentes com as faltas um do outro, nem tampouco censurarem demais o estado um do outro, para que Satanás não obtenha vantagem para alienar suas afeições mútuas. Não fazer caso das faltas daqueles a quem amam é amá-los tolamente, para o seu próprio prejuízo, e mostrar que não é pelas suas virtudes que os amam. E fazer uma questão grande demais das faltas um do outro não é senão ajudar o tentador a extinguir o seu amor e desviar seus corações um do outro. Assim, muitas mulheres boas que têm maridos culpados de muita frieza na religião, ou mundanismo, ou que caem em má companhia e desperdiçam seu tempo, tendem primeiro a ignorar qualquer possibilidade de qualquer semente de graça que possa haver neles e, depois, olhando para eles como pessoas ímpias, a diminuir demais seu amor e dever para com eles. É necessária grande sabedoria e vigilância neste caso para evitar que sejam levados a qualquer um dos extremos.

Direção 13. Se você é casado com alguém que é de fato um infiel ou uma pessoa ímpia, ainda assim mantenha todo o amor conjugal que é devido por causa da relação. Embora não possa amá-los como verdadeiros cristãos, ame-os como marido ou esposa. Até os pagãos são obrigados a amar aqueles que lhes são assim relacionados. O apóstolo determinou o caso (1 Co 7) que os cristãos devem cumprir seus deveres para com maridos ou esposas que são incrédulos. As faltas de outro não o desobrigam do seu dever. Assim como Satanás enganou alguns

por princípios de separação sobre a comunhão da igreja, para negarem quase todas as ordenanças de Deus a muitos a quem elas são devidas; assim ele engana algumas pessoas nas relações familiares e as afasta dos deveres que devem para o bem um do outro.

Direção 14. Unam-se em oração frequente e fervorosa. A oração força a mente a certa compostura e sobriedade, e afeta o coração com a presença e majestade de Deus. Orem também um pelo outro quando estiverem em secreto, para que Deus realize aquela obra que vocês mais desejam nos corações um do outro.

Direção 15. Por último, ajudem-se mutuamente através de uma vida exemplar. Sejam vocês mesmos aquilo que desejam que seu marido ou esposa seja; sobressaiam em mansidão, humildade, caridade, obediência, diligência, abnegação e paciência, tanto quanto sobressaem na profissão da religião. São Pedro diz que até aqueles que não são ganhos pela palavra podem ser ganhos sem ela pela conduta de suas esposas (1 Pe 3:1); isto é, a excelência da religião pode aparecer-lhes de tal forma, pelos frutos dela na conduta de suas esposas, que pode primeiro incliná-los a pensar bem e honradamente dela e, assim, a inquirir sobre a natureza e a razão dela, e a ouvir suas esposas; e tudo isso sem o ministério público. Uma vida de santidade não fingida, “celestialidade”, abnegação, mansidão, amor e mortificação é um sermão poderoso; o qual, se você estiver constantemente pregando diante daqueles que estão sempre perto de você, dificilmente falhará em um bom efeito. Obras são mais palpavelmente significativas e persuasivas do que as palavras sozinhas.

Direção 7. Outro grande dever conjugal é serem prestativos um ao outro para a saúde e o conforto de seus corpos. Não para

mimarem a carne um do outro, ou alimentarem os vícios do orgulho, da preguiça, da glotonaria ou da volúpia mútua; mas para promoverem a saúde e a alegria do corpo, a fim de torná-lo apto para o serviço da alma e de Deus. Tal fomento ou agrado da carne, que é ilícito a cada pessoa para consigo mesma, também é ilícito (ordinariamente) praticar para com o outro. Mas aquilo que você pode usar para si mesmo, pode usar também para sua esposa ou marido. Não para viverem acima de posses, nem como escravos de vossos ventres, servindo aos apetites um do outro por meio de iguarias finas; mas para serem cuidadosos com aquela saúde sem a qual vossas vidas se tornarão inúteis ou desconfortáveis; e isto deve proceder de um amor mútuo tal como tendes por vós mesmos; e isto tanto em tempos de saúde quanto de doença.

1. Na saúde, deveis ter o cuidado de prover um ao outro (não tanto o que agrada, mas) alimento saudável, e de afastar um ao outro daquilo que é prejudicial à saúde; dissuadindo-vos mutuamente da glotonaria e da ociosidade, os dois grandes assassinos da humanidade. Se os corpos dos pobres, na fome, no frio e na nudez devem ser socorridos, muito mais aqueles que se tornaram como vossa própria carne.
2. Também na doença, deveis cuidar ternamente um do outro; e não poupar custos ou esforços pelos quais a saúde mútua possa ser restaurada, ou vossas almas confirmadas, e vossos consolos cultivados. Não deveis ter aversão aos corpos um do outro nas doenças mais repugnantes, nem evitá-los por nojo; não mais do que faríeis com o vosso próprio. "O amigo ama em todo o tempo, e para a angústia nasce o irmão" (Pv 17:17); muito mais aqueles que estão tão proximamente vinculados para a saúde e para a doença, até que a morte os separe. É um pecado odioso cansar-se de um

amigo doente ou sofredor e desejar que Deus o leve, meramente para que você se livre do trabalho. E, usualmente, tais pessoas recebem a mesma medida que mediram aos outros; e aqueles de quem esperam ajuda e conforto talvez fiquem tão cansados deles e tão felizes por se livrarem deles.

Direção 8. Outro dever de maridos e esposas é serem prestativos um ao outro em seus negócios e propriedades mundanas. Não para fins mundanos, nem com uma mente mundana; mas em obediência a Deus, que deseja que trabalhem, bem como orem, pelo pão de cada dia, e determinou que no suor de seus rostos comeriam o pão; e que seis dias trabalhariam e fariam tudo o que tivessem para fazer; e que aquele que não quer trabalhar não deve comer. O cuidado de seus assuntos recai sobre ambos, e nenhum deles deve abandoná-lo e viver na ociosidade (a menos que um deles seja um *idiota* [incapaz mental], ou tão desprovido de juízo que seja inapto para o cuidado, ou tão doente ou coxo que seja inapto para o trabalho).

Direção 9. Além disso, deveis ser cuidadosos com a honra lícita e o bom nome um do outro. Não deveis divulgar, mas sim ocultar as falhas desonrosas um do outro (como Abigail, exceto em qualquer caso em que a compaixão ou a justiça exijam que as revele a alguém para cura, ou para esclarecer a verdade). A reputação mútua deve ser tão cara para vós quanto a vossa própria. É uma prática pecaminosa e infiel de muitos, tanto maridos quanto esposas, que entre seus companheiros revelam as faltas e enfermidades um do outro, as quais estão obrigados, por ternura, a cobrir. Como se não percebessem que, ao desonrarem um ao outro, desonram a si mesmos. O amor cobrirá uma multidão de faltas (1 Pe 4:8). Pelo contrário, muitas pessoas desafeiçoadas e impertinentes agravarão todas

as faltas um do outro pelas costas para estranhos; e às vezes os caluniarão e dirão mais do que a verdade. Muitos homens foram obrigados a limpar seu bom nome das calúnias de uma esposa ciumenta ou apaixonada; e um inimigo declarado não é capaz de causar tanto dano quanto aquela que está em seu seio, porque nela se acreditará facilmente, supondo-se que o conheça melhor do que qualquer outra pessoa.

Direção 10. É também uma grande parte do dever de maridos e esposas serem prestativos um ao outro na educação de seus filhos e no governo dos inferiores da família. Alguns homens lançam todo o cuidado dos filhos, enquanto são jovens, sobre suas esposas; e muitas mulheres, por sua paixão e indiscrição, tornam-se inaptas para ajudar seus maridos no governo tanto dos filhos quanto dos servos: mas esta é uma das maiores partes de seu ofício. Quanto à parte do homem, governar bem sua casa é um dever inquestionável. E isso não deve ser negado à esposa. "Quero, pois, que as que são jovens se casem, gerem filhos, governem a casa" (1 Tm 5:14). Bate-Seba ensinou a Salomão (Pv 31:1). Abigail cuidou melhor da casa de Nabal do que ele próprio. Aqueles que têm um interesse comum e são uma só carne devem ter uma participação conjunta no governo; embora seu poder não seja igual, e um possa supervisionar melhor alguns negócios, e o outro, outros negócios; contudo, em seus lugares, devem dividir o cuidado e ajudar-se mutuamente; e não como ocorre com muitas pessoas ímpias, que são elas mesmas a parte mais rebelde da família e a causa principal de que esta seja desgovernada e ímpia, ou em que uma parte impede a outra de manter a ordem ou de fazer qualquer bem.

Direção 11. Outra parte de seu dever é ajudarem-se mutuamente em obras de caridade e hospitalidade. Enquanto tiverem oportunidade de fazer o bem a todos, mas

especialmente aos da família da fé; e semear para o Espírito, para que do Espírito colham a vida eterna: sim, semear abundantemente para que colham abundantemente (Gl 6); para que, se forem capazes, suas casas ofereçam socorro e acolhimento para os necessitados; especialmente para os servos de Cristo, por amor ao Mestre deles; que prometeu que "Quem recebe um profeta em qualidade de profeta, receberá galardão de profeta; e quem recebe um justo na qualidade de justo, receberá galardão de justo. E qualquer que tiver dado só que seja um copo de água fria a um destes pequenos, em nome de discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão" (Mt 10:41, 42). A mulher de Suném nada perdeu pelo acolhimento de Eliseu, quando disse ao seu marido: "Eis que tenho percebido que este que sempre passa por nós é um santo homem de Deus. Façamos-lhe, pois, um pequeno quarto junto ao muro, e ponhamos-lhe ali uma cama, uma mesa, uma cadeira e um candeeiro; e há de ser que, quando ele vier a nós, se recolherá ali" (2 Rs 4:9, 10). Mas quão comum é agora as pessoas pensarem que tudo é pouco para si mesmas; e, se um deles é dedicado a obras de caridade, o outro é ganancioso e está sempre o impedindo.

Direção 12. Por último, é uma grande parte do dever de maridos e esposas serem ajudadores e consoladores um do outro em vista de uma morte segura e feliz. 1. No tempo da saúde, deveis frequentemente e seriamente lembrar um ao outro do tempo em que a morte fará a separação; e viver juntos em vossa conversa diária como aqueles que estão sempre esperando a hora da partida. Ajudai a despertar as almas um do outro, para preparar todas as graças que então se provarão necessárias, e a viver em uma preparação constante para vossa mudança. Repreendei um no outro tudo aquilo que será desagradável e amargo de rever no momento da morte. Se vedes um ao outro entorpecido e lento em vossas preparações,

ou vivendo em vaidade, mundanismo ou preguiça, como se tivésseis esquecido que logo morrereis, estimulai-vos mutuamente a fazer sem demora tudo o que a aproximação de tal dia exige. 2. E quando a morte estiver à mão, oh, quanta abundância de ternura, seriedade, habilidade e diligência é necessária para aquele que tem o último ofício de amor a realizar para a alma partinte de um amigo tão próximo! Oh, que necessidade haverá então de vossa ajuda mais sábia, fiel e diligente! Quando a natureza falha, e as dores da carne desviam a mente, e as tentações são mais fortes enquanto o corpo está mais fraco; quando um corpo definhante e uma mente duvidosa, temerosa e perturbada clamam por vossa compaixão e ajuda, oh, quanta habilidade e seriedade santa serão necessárias! Oh, que calamidade é ter um marido ou esposa carnal e não santificado, que não o ajudará a preparar-se para a morte, nem poderá dizer uma palavra séria de conselho ou conforto em uma hora derradeira: que nada pode fazer senão ficar ao lado e chorar por você; mas não tem uma palavra sensata a dizer sobre a vida para a qual você está indo, nem sobre o dever de uma alma que parte, nem contra as tentações e temores que então podem estar prontos para o sobrecarregar. Aqueles que estão totalmente despreparados e inaptos para morrerem eles mesmos pouco podem fazer para preparar ou ajudar o outro. Mas aqueles que vivem juntos como herdeiros do céu, e conversam na terra como companheiros de viagem para a terra da promessa, podem ajudar e encorajar as almas um do outro, e partir alegremente na morte, esperando encontrar-se novamente em breve na vida eterna.

Se não fosse para não ser excessivamente tedioso, eu falaria a seguir sobre o modo como maridos e esposas devem realizar seus deveres um para com o outro: como, 1. Que tudo deve ser feito em um amor tão pleno que torne o caso do outro para você como o seu próprio. 2. Que, portanto, tudo deve ser feito

em paciência e mútua tolerância. 3. E em familiaridade, e não com estranheza, distância, aspereza, nem cumprimentos afetados. 4. E em sigilo; onde eu deveria ter mostrado em que casos o sigilo pode ser quebrado e em quais não. 5. E em confiança na fidelidade um do outro, e não em suspeita, ciúme e desconfiança. 6. E em prudência, para gerir as coisas corretamente e prever e evitar impedimentos e inconveniências. 7. E em santidade, para que Deus possa ser o primeiro e o último, e tudo em todos. 8. E em constância, para que não cesseis vossos deveres um para com o outro até a morte. Mas a necessária abreviação não me permite dizer mais sobre estes.

CAPÍTULO 8

OS DEVERES ESPECIAIS DOS MARIDOS PARA COM SUAS ESPOSAS

Aquele que espera dever ou conforto de sua esposa deve ser fiel no cumprimento do dever de marido. A falha de vocês em seu próprio dever pode causar a falha de outrem para com vocês ou, pelo menos, irá de alguma outra forma afligi-los tanto, e será mais amarga para vocês no fim, do que se cem pessoas falhassem em seus deveres para com vocês. Um bom marido ou fará uma boa esposa, ou suportará com facilidade e proveito uma esposa ruim. Portanto, darei diretrizes para a sua própria parte do dever, como sendo aquilo em que a sua felicidade está mais interessada.

Direção 1. O marido deve assumir a parte principal do governo de toda a família, inclusive da própria esposa. E, portanto, 1. Ele deve esforçar-se para ser apto e capaz para esse governo que assume. Essa habilidade consiste: 1. Em santidade e sabedoria espiritual, para que ele esteja familiarizado com o fim para o qual deve conduzi-los, a regra pela qual deve guiá-los e as principais obras que eles devem realizar. Um homem ímpio e irreligioso é tanto um estranho quanto um inimigo da parte principal do governo familiar. 2. Sua habilidade consiste em um conhecimento devido das obras de sua vocação e dos trabalhos nos quais seus servos devem ser empregados. Pois aquele que é totalmente ignorante dos negócios deles será muito inapto para governá-los nisso; a menos que confie essa parte do governo à sua esposa ou a um administrador que esteja familiarizado com ela. 3. E ele deve estar familiarizado tanto com o temperamento comum e as enfermidades da humanidade, para que saiba quanto deve ser tolerado, quanto com o temperamento particular, as faltas e as virtudes daqueles

que deve governar. 4. E ele deve ter prudência para dirigir a si mesmo em todo o seu comportamento para com eles; e justiça, para lidar com cada um conforme merecem; e amor, para fazer-lhes todo o bem que puder, tanto para a alma quanto para o corpo. II. E sendo assim capaz, ele deve fazer disso o seu trabalho diário e, especialmente, certificar-se de que governa bem a si mesmo, para que o seu exemplo seja parte do seu governo sobre os outros.

Direção 2. O marido deve unir autoridade e amor de tal modo que nenhum deles seja omitido ou ocultado, mas ambos sejam exercidos e mantidos. O amor não deve ser exercido de forma tão imprudente que destrua o exercício da autoridade; e a autoridade não deve ser exercida sobre a esposa de forma tão magistral e imperiosa que destrua o exercício do amor. Assim como o seu amor deve ser um amor governante, os seus comandos devem ser todos comandos amorosos. Não perca a sua autoridade; pois isso apenas o incapacitará de realizar o ofício de marido para com a sua esposa, ou de senhor para com os seus servos. Contudo, ela deve ser mantida por meios que não sejam inconsistentes com o amor conjugal; e, portanto, não por ferocidade ou crueldade, por ameaças ou golpes (a menos que, por distração ou perda da razão, elas deixem de ser incapazes do tratamento de outra forma devido a uma esposa). Existem muitos casos de igualdade nos quais a autoridade não deve ser exercida; mas não há caso de desigualdade ou indignidade tão grande no qual o amor conjugal não deva ser exercido; e, portanto, nada deve excluí-lo.

Direção 3. É dever dos maridos preservar a autoridade de suas esposas sobre os filhos e servos da família. Pois elas são governantes conjuntas com eles sobre todos os inferiores. E as enfermidades das mulheres são aptas, muitas vezes, a expô-las ao desprezo: de modo que servos e filhos estarão propensos a

menosprezá-las e desobedecê-las, se o marido não intervier para preservar a honra e a autoridade delas. No entanto, isto deve ser feito com cautelas como estas: 1. Não justifique qualquer erro, vício ou fraqueza de suas esposas. Eles podem ser ocultados e desculpados tanto quanto possível, mas nunca assumidos ou defendidos. 2. Não instigue a obediência a qualquer comando ilícito delas. Ninguém tem autoridade para contradizer a lei de Deus, ou desobrigar alguém de Seu governo. Você apenas diminuirá sua própria autoridade perante pessoas de qualquer entendimento se justificar qualquer coisa que seja contra a autoridade de Deus. Mas se a coisa comandada for lícita, embora possa ter alguns inconvenientes, você deve repreender a desobediência dos inferiores e não permitir que menosprezem os comandos de suas esposas, nem que coloquem sua própria razão e vontade contra elas, dizendo: "Não o faremos". Como podem elas ajudá-lo no governo, se você permite que sejam desobedecidas?

Direção 4. Além disso, você deve preservar a honra, bem como a autoridade de suas esposas. Se elas têm quaisquer enfermidades desonrosas, estas não devem ser mencionadas por filhos e servos. Assim como no corpo natural cobrimos mais cuidadosamente as partes menos honrosas (pois as nossas partes decorosas não têm necessidade), (1 Co 12:23-24), assim deve ser aqui. Filhos ou servos não devem ter permissão para se comportarem de forma desdenhosa ou ruda para com elas, nem para desprezá-las, ou dizer-lhes palavras mal-educadas, orgulhosas ou desdenhosas. O marido deve defendê-las de toda injúria e desprezo.

Direção 5. O marido deve exceder a esposa em conhecimento e ser o seu mestre nos assuntos que pertencem à sua salvação. Ele deve instruí-la na palavra de Deus, dirigi-la em deveres particulares, ajudá-la a subjugar suas próprias corrupções e

trabalhar para confirmá-la contra as tentações; se ela duvidar de algo que ele possa resolver, ela deve pedir a solução a ele, e ele deve explicar-lhe em casa as coisas que ela não entendeu na congregação (1 Co 14:35). Mas se o marido for de fato um sujeito ignorante, ou se tornou incapaz de instruir sua esposa, ela não é obrigada a pedir-lhe em vão que lhe ensine aquilo que ele mesmo não entende. Aqueles maridos que desprezam a palavra de Deus e vivem em ignorância deliberada não apenas desprezam suas próprias almas, mas também suas famílias; e, tornando-se incapazes de seus deveres, são geralmente desprezados por seus inferiores: pois Deus disse em Sua mensagem a Eli: "Aos que me honram, honrarei, porém os que me desprezam serão vilipendiados" (1 Sm 2:30).

Direção 6. O marido deve ser o principal mestre da família. Ele deve instruí-los, examiná-los e regê-los sobre os assuntos de Deus, bem como sobre o seu próprio serviço, e cuidar para que o dia do Senhor e o culto sejam observados por todos os que estão dentro de suas portas. E, portanto, ele deve esforçar-se para ter o entendimento e a habilidade necessários para isso. E se ele for incapaz ou negligente, é o seu pecado e será a sua vergonha. Se a esposa for mais sábia e capaz, e isso recair sobre ela, será a desonra dele; mas se nenhum dos dois o fizer, o pecado, a vergonha e o sofrimento serão comuns a ambos.

Direção 7. O marido deve ser a voz da família em suas orações conjuntas diárias a Deus. Portanto, ele deve ser capaz de orar e também ter um coração que ora. Ele deve ser, por assim dizer, o sacerdote da casa; e, portanto, deve ser o mais santo, para que seja apto a estar entre eles e Deus, e para oferecer as orações deles a Ele. Se isto for lançado sobre a esposa, será a desonra dele.

Direção 8. O marido deve ser o principal provedor da família (ordinariamente). Supõe-se que ele é o mais capaz em mente e corpo, e é o principal gestor dos bens. Portanto, ele deve ser especialmente cuidadoso para que a esposa e os filhos nada careçam do que lhes é adequado, tanto quanto ele possa prover.

Direção 9. O marido deve ser o mais forte na paciência familiar; suportando a fraqueza e as paixões da esposa; não de modo a fazer pouco caso de qualquer pecado contra Deus, mas de modo a não dar grande importância a qualquer fragilidade contra si mesmo, e de modo a preservar o amor e a paz que devem ser como o temperamento natural de sua relação.

Direção 10. O modo de todos esses deveres também deve ser cuidadosamente observado. Como: 1. Que sejam feitos com prudência, e não com tolice, precipitação ou imponderação. 2. Que tudo seja feito com amor conjugal e ternura, como para com alguém que é frágil e o vaso mais fraco; e que ele não ensine, ordene ou repreenda a esposa da mesma maneira imperiosa que faria com um filho ou servo. 3. Que a devida familiaridade seja mantida, e que ele não guarde distância ou estranheza para com sua esposa. 4. Que o amor seja confiante, sem suspeitas vis e ciúmes sem causa. 5. Que tudo seja feito com mansidão, e não com paixão, rispidez e aspereza. 6. Que não haja ocultação injusta e sem causa de segredos que deveriam ser comuns a ambos. 7. Que não haja revelação tola de segredos a ela que possam tornar-se uma armadilha, e que ela não seja capaz de suportar ou guardar. 8. Que nenhum dos seus próprios assuntos, que devem ser mantidos em segredo, seja dado a conhecer a outros. O seu ensinar e repreender a ela deve ser, na maior parte, em segredo. 9. Que ele seja constante, e não se canse de seu amor ou dever. Isto, brevemente, quanto ao modo.

CAPÍTULO 9

OS DEVERES ESPECIAIS DAS ESPOSAS PARA COM OS MARIDOS

A esposa que espera conforto em um marido deve fazer consciência de todo o seu próprio dever para com ele: pois, embora seja dever dele ser gentil e fiel a ela, ainda que ela se prove indelicada e ranzinza, contudo, 1. Os homens são frágeis e propensos a falhar em deveres difíceis tanto quanto as mulheres. 2. E é assim ordenado por Deus que o conforto e o dever caminhem juntos, e vocês perderão o conforto se abandonarem o dever.

Direção 1. Sejam especialmente amorosas com seus maridos: suas naturezas lhes dão vantagem nisso; e o amor alimenta o amor. Esta é a sua retribuição especial por todos os problemas que suas enfermidades lhes causam.

Direção 2. Vivam em uma submissão e obediência voluntárias a eles. Se a suavidade ou condescendência deles os levar a renunciar à autoridade; e, por paz, eles se virem forçados a deixar que vocês façam suas vontades; lembrem-se, porém, de que foi Deus quem os designou para serem vossas cabeças e governantes. Se eles são tão tolos a ponto de serem incapazes, vocês não deveriam ter escolhido tais para governá-las; mas, tendo-os escolhido, vocês devem assisti-los com o vosso melhor entendimento, de uma maneira submissa, e não mandona ou dominadora. Um servo que tem um senhor tolo pode ajudá-lo sem se tornar o senhor. E não se enganem dando meros títulos de governo aos seus maridos, quando precisam em todas as coisas fazer as vossas próprias vontades; pois isto não passa de zombaria, e não obediência. Estar sujeito e obediente é tomar o entendimento e a vontade de outrem para

governar você, antes de (embora não sem) o seu próprio; e fazer com que os vossos entendimentos e vontades sigam a conduta daquele que as governa. A obstinação é contrária à submissão e à obediência.

Direção 3. Aprendam de vossos maridos como vossos mestres designados, e não sejam presunçosas e sábias aos vossos próprios olhos, mas peçam a eles as instruções que o vosso caso requerer. "As vossas mulheres estejam caladas nas igrejas; porque não lhes é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei. E, se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos" (1 Co 14:34-35). (A menos que o marido seja tão ignorante a ponto de ser totalmente incapaz: o que é pecado e vergonha dele. Pois é vão pedir-lhes aquilo que eles mesmos não sabem.)

Direção 4. Apliquem-se seriamente a emendar todas aquelas faltas que eles repreendem em vocês. Não recebam mal a repreensão: não se revoltem contra ela, como se eles lhes fizessem mal ou injustiça: é um péssimo sinal "odiar a repreensão" (Pv 12:1; 10:17; 15:10, 31, 32; 17:10). E o que significa o governo deles sobre vocês, se não querem emendar as faltas que são repreendidas, mas continuam impenitentes e ressentidas com a repreensão? É uma tolice miserável desejar ser lisonjeada e bajulada por qualquer pessoa, mas especialmente por alguém que é obrigado a ser fiel a você, e cuja intimidade deveria torná-la tão pronta a ouvir as suas faltas vinda dele quanto a conhecê-las por si mesma; e especialmente quando isso diz respeito à segurança ou benefício de vossas almas.

Direção 5. Honrem os vossos maridos de acordo com a superioridade deles. Não se comportem para com eles com irreverência e desprezo, em títulos, falas ou qualquer

comportamento: se o valor de suas pessoas não merece honra, contudo o seu lugar a merece. Não falem das enfermidades deles a outros pelas costas; como algumas comadres fofoqueiras costumam fazer, que não sabem que a desonra de seus maridos é a delas próprias, e que revelá-la sem causa a outros é sua dupla vergonha. Aqueles que as ouvem em silêncio dirão a outros, pelas vossas costas, quão tola e vergonhosamente vocês falaram contra os vossos maridos. Se Deus tornou o vosso amigo mais próximo uma aflição para você, por que deveria queixar-se a alguém que está mais distante? (A menos que seja a algum amigo especial e prudente, em caso de verdadeira necessidade, para conselho.)

Direção 6. Vivam em um contentamento alegre com a vossa condição; e tomem cuidado com um espírito impaciente e murmurador. É um fardo contínuo para um homem ter uma esposa impaciente e descontente. Muitos homens pobres podem facilmente suportar a pobreza por si mesmos, mas não são capazes de suportar a impaciência da esposa sob ela. Ouvi-la noite e dia reclamando, e falando com desconfiança, e vê-la viver inquietamente, é muito mais pesado do que a própria pobreza. Se a esposa pudesse suportar tão pacientemente quanto ele, seria apenas algo leve para ele. Sim, em caso de sofrimento por causa da justiça, a impaciência de uma esposa é uma provação maior para um homem do que todo o sofrimento em si; e muitos homens que poderiam facilmente ter sofrido a perda de seus bens, ou o banimento, ou a prisão por Cristo, traíram suas consciências e cederam ao pecado porque a esposa os entristeceu com impaciência e não podia suportar o que ele podia. Ao passo que uma esposa contente e alegre ajuda a tornar o homem alegre e contente em todo estado.

Direção 7. De maneira especial, esforcem-se para subjugar vossas paixões, e para falar e fazer tudo com mansidão e

sobriedade. Tanto mais porque a fraqueza do vosso sexo geralmente as sujeita mais às paixões do que os homens; e esta é a causa comum da inquietude do marido e a calamidade da vossa relação. É a vexação e a doença de vossas próprias mentes; vocês não se sentem à vontade enquanto estão apaixonadas. E então é a dor e inquietude de vossos maridos: e sendo provocados por vocês, eles as provocam mais; e assim a vossa inquietude aumenta, e vossas vidas tornam-se um fardo cansativo. De todas as formas, portanto, mantenham a paixão sob controle, e mantenham uma mente composta e paciente.

Direção 8. Tomem cuidado com uma disposição orgulhosa e contenciosa; e mantenham um temperamento humilde e pacífico. O orgulho as tornará turbulentas e inquietas com vossos maridos, e contenciosas com vossos vizinhos: torná-las-á tolas e ridículas, lutando por honra e precedência, e invejando aquelas que as excedem ou vão à frente. Em uma palavra, é o pecado do diabo, e faria de vocês uma vergonha e um problema para o mundo. Mas a humildade é a saúde, a paz e o ornamento da alma. "Um espírito manso e quieto... é precioso diante de Deus" (1 Pe 3:4). (Escrevam essas palavras em vosso quarto de dormir, nas paredes onde possam estar diariamente diante de vossos olhos.) "Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de entranhas de misericórdia, de benignidade, humildade, mansidão, longanimidade; suportando-vos uns aos outros, e perdoadando-vos uns aos outros" (Cl 3:12-13). Se este é o dever de todos para com todos, muito mais das esposas para com os maridos. "Semelhantemente vós jovens, sede sujeitos aos anciãos; e sede todos sujeitos uns aos outros, e revesti-vos de humildade; porque Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes" (1 Pe 5:5). Mulheres orgulhosas muitas vezes arruinam os bens dos maridos, a quietude e suas próprias almas.

Direção 9. Não apreciem uma extravagância infantil de vestuário, nem uma curiosidade vã, custosa ou problemática em qualquer coisa ao vosso redor. A falta de asseio e a sujeira são faltas, mas muito pequenas em comparação com este orgulho e curiosidade. Desonra o vosso sexo e a vós mesmas serem tão infantis a ponto de se preocuparem excessivamente com tais futilidades. Se precisam ser orgulhosas, orgulhem-se de algo que tenha valor e seja próprio de um ser humano: orgulhar-se da razão, da sabedoria, do aprendizado ou da bondade já é ruim o suficiente; mas isso ao menos é orgulhar-se de algo. Mas orgulhar-se de modas e roupas finas, de sinais de beleza e nudez, de banquetes suntuosos e quartos limpos, é orgulhar-se de vossa vergonha, e não de vossa virtude; e de algo pelo qual vocês não são sequer louváveis. E o custo, o tempo (oh, tempo precioso!) que elas mesmas e seus servos devem gastar em seus penteados, recepções e outras futilidades, serão a vergonha e a dor de suas almas sempre que Deus abrir seus olhos e as fizer saber quanto valia o tempo, e de que questões maiores elas deveriam ter se ocupado. Se pessoas vãs e vazias como vocês as elogiam por vossa bravura ou curiosidade, o mesmo não fará qualquer pessoa judiciosa e sóbria, cujo elogio muito vale. E, no entanto, devo aqui com tristeza notar que, quando alguns poucos que em outros assuntos parecem sábios e religiosos são eles mesmos um pouco maculados com esta curiosidade e orgulho infantis, e deixam cair palavras de desdém contra aqueles cujas vestes, habitações e recepções não são tão curiosas quanto as suas próprias; isto prova ser o maior mantenedor deste pecado, e o serviço mais notável ao diabo: pois então multidões alegarão isto para esta curiosidade e orgulho pecaminosos, dizendo: "Caso contrário, serei considerada vil ou sórdida; até fulano e sicrano falarão contra mim". Tomem cuidado, se precisam ser assim vocês mesmas, para que não falem contra outros que não são tão vãos e curiosos quanto vocês: pois a natureza do

homem é mais propensa ao orgulho e à vaidade do que à humildade e ao aproveitamento de seu tempo e custo em questões maiores; e enquanto pensam que falam apenas contra o que é indecoroso, tornam-se pregadores do diabo e prestam-lhe mais serviço do que imaginam. Vocês poderiam com a mesma sabedoria falar contra as pessoas por costumarem comer ou beber de menos, quando não há um entre a multidão que não viva ordinariamente em excesso; e assim o excesso obterá vantagem com isso.

Direção 10. Sejam especialmente cuidadosas no governo de vossas línguas; e que vossas palavras sejam poucas, e bem consideradas antes de as falarem. Uma diligência dupla é necessária nisso, porque é o erro mais comum do vosso sexo: uma língua relaxada e solta é uma desonra tão grande para vocês que nunca conheci uma mulher muito cheia de palavras que não fosse a lástima de seus amigos e o desprezo de outros; que, pelas costas, farão dela um escárnio, e falarão dela como de alguém de cérebro perturbado ou de pouco juízo; sim, embora a vossa fala seja boa, será tediosa e desprezível se for derramada desta forma e for barata demais. "Na multidão de palavras não falta pecado, mas o que refreia os seus lábios é sábio" (Pv 10:19). Vocês devem prestar contas em juízo por vossas "palavras ociosas" (Mt 12:36). Vocês aceitarão mal serem consideradas tolas e tornarem-se o escárnio daqueles que falam de vocês: julguem pela Escritura que ocasião vocês lhes dão. "Porque da muita ocupação vêm os sonhos, e a voz do tolo da multidão das palavras... Porque, como na multidão dos sonhos há vaidades, assim também nas muitas palavras" (Ec 5:3, 7). "As palavras da boca do sábio são cheias de graça, mas os lábios do tolo o devoram. O princípio das palavras da sua boca é a estultícia, e o fim do seu falar um desvario péssimo. O tolo multiplica as palavras" (Ec 10:12-14). Ao passo que uma mulher que é cautelosa e poupada em suas palavras é

comumente reverenciada e suposta ser sábia. De modo que, se não tivessem desígnio mais elevado nisso, senão meramente serem bem vistas e honradas pelos homens, dificilmente poderiam tomar caminho mais seguro do que deixar que vossas palavras sejam poucas e pesadas; embora evitar o pecado e a inquietude devesse prevalecer muito mais com vocês.

Direção 11. Sejam dispostas e diligentes em vossa parte apropriada do cuidado e trabalho da família. Assim como a provisão primária do sustento pertence mais ao marido, a provisão secundária dentro de casa pertence especialmente à esposa. Leiam repetidamente o capítulo trinta e um de Provérbios. Especialmente o cuidado de amamentar vossos próprios filhos, e ensiná-los, e vigiá-los quando são jovens; e também vigiar a família em casa, quando vossos maridos estão fora, é o vosso trabalho apropriado.

Pode uma esposa doar sem o consentimento do marido?

Direção 12. Não disponham dos bens de vosso marido sem o seu conhecimento e consentimento. Vocês não devem apenas considerar se a obra é boa na qual gastam, mas que poder têm para fazê-lo.

Pergunta: Mas uma mulher não pode dar nada, nem gastar nada na casa, sem o consentimento de seu marido?

Resposta: 1. Se ela tem o consentimento geral ou implícito dele, pode bastar; isto é, se ele permite que ela siga o seu julgamento; ou se ele confia tal proporção ao poder dela, para fazer com ela o que quiser. Ou, se ela sabe que, se ele soubesse, não seria contra. 2. Ou, se a lei, ou o consentimento

dele, lhe dá qualquer propriedade em qualquer parte de seus bens, ou a torna uma coproprietária, ela pode proporcionalmente dispor disso em um caso necessário. O marido é considerável, seja como proprietário, seja como o seu governante. Como proprietário, ele apenas pode dispor dos bens onde for o único proprietário: mas onde o consentimento ou a lei da terra torna a mulher coproprietária, ela não está impedida de dar por falta de propriedade. Mas então nenhuma lei a isenta do governo dele; e, portanto, ela não deve dar nada em via de desobediência, embora seja seu: exceto quando ele proíbe aquilo que é o dever dela, ou o que ele não tem poder para proibir. De modo que, em caso de copropriedade, ela pode dar sem ele, desde que não exceda a sua proporção; e também se for em caso de dever, onde ele não pode impedi-la; como para salvar as vidas dos pobres em extrema necessidade, fome, ou prisão, ou algo semelhante. 3. Mas se a coisa for inteiramente dela, excetuada da propriedade dele, e ela for a única proprietária, então ela não precisa pedir o consentimento dele de forma alguma, a não ser como ele é o seu guia, para dirigi-la ao melhor caminho de dispor disso: o que, se ele a proibir em vez de dirigi-la, ela não será por isso desculpável diante de Deus por abusar de sua confiança e talentos. 4. Concebo que *ad aliquid* [para algo], quanto a certos usos absolutamente necessários, a própria relação torna a mulher como uma coproprietária: como se o marido não lhe permitir tal alimento e vestuário que sejam necessários para preservar a vida e a saúde dela própria e de todos os seus filhos; ela é obrigada a fazê-lo sem ou contra a vontade dele (se puder, e se não for para um mal maior, e os bens forem dele, e ele for capaz), antes que deixar seus filhos contraírem tais doenças que aparentemente se seguirão com risco de vida; sim, e para salvar a vida de outrem que na fome está prestes a perecer: pois ela não é como uma estranha aos bens dele. Mas fora destes casos, se uma esposa secretamente desperdiçar ou der, ou gastar em

ostentação ou vaidade, ou colocar o seu juízo contra o do marido; e porque o considera muito rígido ou penurioso, por isso dispuser dos bens sem o seu consentimento; isto é roubo, desobediência e injustiça.

Pergunta 1: Mas como as coisas estão conosco na Inglaterra, a esposa tem uma copropriedade ou não?

Resposta: De três formas (pelo menos) ela pode ter uma propriedade. 1. Por uma reserva do que era seu antes; o que (embora alguns o questionem) pode em alguns casos ser feito no acordo de casamento. 2. Pela lei da terra. 3. Pelo consentimento ou doação do marido. O que a lei da terra diz no caso, deixo para os advogados; mas parece-me que as palavras dele no casamento, "Com todos os meus bens mundanos te doto", significam o seu consentimento em torná-la coproprietária: e o seu consentimento é suficiente para a colação de um título àquilo que era seu. A menos que alguém possa provar que a lei ou o costume expõe as palavras de outra forma (como uma formalidade vazia), e que no contrato isto era ou deveria ser conhecido por ela como sendo o sentido. E o fato de as leis permitirem à esposa a terça parte após a morte ou separação indica uma copropriedade anterior.

Pergunta 2: Se o marido vive de ganhos ilícitos, como trapaça, roubo, assalto em estrada, etc., não é a esposa culpada como coproprietária ao reter tais bens mal adquiridos, se ela o sabe? E ela é obrigada a acusar o marido ou a devolver tais bens?

Resposta: O dever dela é primeiro admoestar o marido de seu pecado e perigo, e buscar o seu arrependimento, enquanto isso renunciando a todo consentimento e recepção dos bens. E se ela não conseguir obter o seu arrependimento, restituição e reforma, ela tem um dever duplo a realizar; um é ajudar

aqueles a quem ele prejudicou e roubou a recuperarem seus bens (por meios prudentes e justos); o outro é evitar que ele roube outros no futuro. Mas como isto deve ser feito é a grande dificuldade.

1. Se ela prevê (ou pode prever) que, seja pelo desagrado do marido, seja pela vingança cruel da parte prejudicada, o mal de descobrir a fraude ou o roubo será maior do que o bem, então penso que ela não é obrigada a descobri-lo. Mas por algum caminho secreto e indireto, deve ajudar o dono a recuperar o que é seu; se puder ser feito sem um mal maior.
2. Para evitar o pecado dele e o sofrimento futuro de outros homens por causa dele, parece-me que ela está obrigada a revelar os propósitos pecaminosos do marido ao magistrado, se não puder prevalecer com ele de outra forma para que desista. Minhas razões são porque a guarda da lei de Deus, e da lei da terra, e da ordem e bem públicos, e o evitar o dano de nossos vizinhos por roubo ou fraude, e assim o interesse da honestidade e do direito, é de maior importância do que qualquer dever para com o marido, ou preservação de sua própria paz, o que parece ser contra isso. Mas então devo supor que ela vive sob um magistrado que tomará apenas uma vingança justa. Pois se ela sabe que as leis e o magistrado são tão injustos a ponto de punir com a morte uma falta que não a merece, ela não deve contar a tal magistrado, mas preservar a segurança de seus vizinhos por algum outro caminho de aviso.

Se alguém pensa que uma esposa em nenhum caso pode acusar um marido, com risco de vida ou de bens, que se lembrem: 1. Do que Deus obrigou os pais a fazerem contra as vidas de filhos incorrigíveis (Dt 21). 2. E que a honra de Deus, e as

vidas de nossos vizinhos, devem ser preferidas à vida de um infrator, e os bens deles antes dos bens dele apenas. 3. E que a luz da razão nos diz que uma esposa deve revelar uma traição contra o rei, que é tramada por um marido; e, portanto, também o roubo do tesouro do rei, ou o enganá-lo em qualquer assunto de grande importância. E, portanto, em devida proporção, as leis e o bem comum, e o bem-estar de nossos vizinhos, devem ser preservados por nós, ainda que contra a relação mais próxima; apenas toda a devida ternura pela vida e reputação do marido deve ser preservada no modo de proceder, tanto quanto condizer com o interesse da justiça e o bem comum.

Pergunta 3: Pode a esposa ir ouvir sermões quando o marido a proíbe?

Resposta: Existem alguns sermões que não devem ser ouvidos; existem alguns sermões que podem ser ouvidos, e devem, quando nenhum assunto maior nos desvia; e existem alguns sermões que devem ser ouvidos, quem quer que o proíba. Aqueles que não devem ser ouvidos são os que são heréticos (ordinariamente), e os que são supérfluos, e em tais momentos quando deveres maiores nos chamam por outro caminho. Aqueles que podem ser ouvidos são ou sermões ocasionais, ou palestras que não são de necessidade para nós mesmos, nem para o reconhecimento de Deus e de Seu culto público. Alguém que vive onde há sermões diários ou de hora em hora pode ouvi-los tantas vezes quanto condizer com sua condição e seus outros deveres; mas, neste caso, o comando de um marido, com os inconvenientes que se seguirão de desobedecê-lo, pode tornar um dever a abstenção. Mas que às vezes reconheçamos publicamente o culto de Deus e as ordenanças da igreja, e recebamos o ensino ministerial para nossa edificação, é de dupla necessidade; para que não neguemos a Deus, e para que não traiamos ou abandonemos nossas próprias almas. E isto é

especialmente necessário (ordinariamente) nos dias do Senhor, que são designados para estes usos necessários. E aqui o marido não tem poder para proibir a esposa, nem deveria ela (formalmente) obedecer à sua proibição. No entanto, assim como as afirmativas não obrigam *ad semper* [para sempre/em todo tempo], e nenhum dever é dever em toda ocasião; assim é possível que no dia do Senhor extraordinariamente se torne um dever abster-se de sermões ou sacramentos, ou outro culto público. E quando qualquer dever maior nos chama para longe; como para apagar um incêndio; e para salvar vidas de homens; e para salvar nosso país de um inimigo em tempo de guerra; e para salvar nossas próprias vidas (se soubéssemos que a assembleia seria assaltada), ou para preservar nossa liberdade para um serviço maior. Cristo nos colocou para aprender o significado desta lição: "Misericórdia quero, e não sacrifício". Em tal caso também um mal pode ser evitado, vindo até mesmo de um marido, pela omissão de um dever naquele tempo (quando não seria dever), pois isto não passa de uma transposição dele. Mas isto não é senão um ato de prudente autopreservação, e não um ato de obediência formal.

Pergunta 4: Se uma mulher tem um marido tão incorrigível no vício que, por longa prova, ela descobre que falar contra isso o torna pior e faz com que ele a maltrate, ela é obrigada a continuar sua dissuasão ou a abster-se?

Resposta: Aquilo que não é um meio para fazer algum bem não é aqui um dever; e não é meio aquilo que sabemos de antemão que provavelmente, se não certamente, não fará bem algum, ou fará mais mal. Não devemos, por cansaço, preguiça ou espírito crítico, considerar um caso como desesperado quando não é; nem devemos desistir tão facilmente com uma relação tão próxima, como faríamos com um estranho ou um vizinho. Contudo, a indulgência de Cristo de não nos expormos

a sermos despedaçados por cães, e Sua palavra pisoteada na lama por porcos, estende-se tanto a parentes quanto a outros. Mas então você deve observar que aquela que está justamente desencorajada de repreensões agudas pode ainda ter esperança de que persuasões gentis e humildes possam ter sucesso. E aquela que está desencorajada de repreensões abertas, ou frequentes, ou diretas, pode ainda ter esperança de que admoestações secretas, ou mais raras, ou mais distantes e gerais não sejam perdidas. E aquela que está desencorajada de uma forma de fazer-lhe bem pode ainda ter muitas outras formas (como pedir a algum ministro a quem ele reverencie que fale com ele; colocar algum livro adequado em sua mão, etc.). E aquela que está desencorajada no presente não deve desesperar totalmente, mas pode fazer mais algumas tentativas futuramente; seja em alguma doença, ou tempo de mortalidade, ou perigo, ou aflição, ou quando possivelmente o tempo e a consideração o tenham preparado melhor para ouvir. E, enquanto isso, ela deve continuar todo o afeto e dever conjugal, e um curso de vida convincente e cativante; o que pode provar ser a repreensão mais eficaz.

Pergunta 5: O que deveria uma mulher fazer em casos controvertidos de religião, quando o seu julgamento e o de seu marido diferem?

Resposta: 1. Alguns fazem controvérsia daquilo que, para todos os bons cristãos ou pessoas sóbrias, deveria estar fora de controvérsia; e algumas controvérsias são de fato de dificuldade real, se não insuperável. 2. Algumas controvérsias são sobre coisas importantes e necessárias, e outras sobre coisas de menor momento. 3. Algumas são sobre mera opinião, ou prática de outros homens, e algumas sobre a nossa própria prática.

(1.) Em todas as diferenças de julgamento, a esposa deve exercer tal autossuspeição, modéstia e submissão que signifiquem o seu devido senso, tanto da fraqueza de seu sexo quanto de sua sujeição ao marido. (2.) Em coisas indiferentes, ela deve na prática obedecer ao marido; a menos que quaisquer poderes superiores o proíbam, e isso em casos onde a autoridade deles seja maior. (3.) Ela pode modestamente dar as suas razões de discórdia. (4.) Ela não deve transformar isso em uma briga conflituosa, ou motivo de desafeição, nem alegar quaisquer diferenças contra os seus deveres conjugais. (5.) Em casos obscuros e difíceis, ela não deve ser peremptória, nem presunçosa, nem importuna; mas se ela tem fé (isto é, um pouco mais de conhecimento do que ele), que a tenha para si mesma, em quietude e silêncio; e busque mais informação para não errar. (6.) Ela não deve dizer falsidade alguma, nem cometer qualquer pecado conhecido, em obediência ao julgamento do marido. (7.) Quando ela suspeitar fortemente que seja pecado, não deve fazê-lo meramente em obediência a ele, mas buscar melhor satisfação. Pois ela tem certeza de que ele não tem poder para forçá-la ao pecado; e, portanto, não tem mais garantia do poder dele naquele ponto do que ela tem da licitude da coisa. (8.) Mas se ela provar estar no erro, pecará de qualquer lado até que se recupere. (9.) Se um marido estiver em erro perigoso, ela deve sabiamente, mas incansavelmente, buscar a reforma dele, por si mesma ou por outros.

Casos sobre Divórcio e Separação.

Pergunta 1. É lícito que marido e esposa fiquem ausentes um do outro por muito tempo? E por quanto tempo, e em quais casos?

Resposta: É lícito estarem ausentes, seja no caso de oração, que Paulo menciona, ou no caso de negócios necessários de seus bens, desde que não haja perigo para nenhum deles quanto à incontinência mental ou corporal, nem qualquer outro dano que seja maior do que os benefícios de sua ausência, nem os torne culpados da negligência de qualquer dever real. Portanto, os casos de diversas pessoas diferem muito de acordo com os diferentes temperamentos de suas mentes, corpos e negócios. Aquele que tem uma esposa de temperamento casto, contente e prudente, pode permanecer muitos meses ou anos em alguns casos, quando, tudo considerado, isso tende a mais bem do que mal: como os advogados, por suas vocações, são muitas vezes necessitados a seguir seus chamados em períodos de sessões judiciais; e os mercadores podem estar alguns anos ausentes em alguns casos ponderosos. Mas se você perguntar se o ganho de dinheiro é causa suficiente, respondo que é suficiente para aqueles cujas famílias devem ser assim mantidas, e cuas esposas são facilmente continentes, e assim o bem do seu ganho é maior do que qualquer perda ou perigo que venha disso. Mas quando a cobiça os leva a isso desnecessariamente, e suas esposas não podem suportar, ou em qualquer caso quando o dano que provavelmente se seguirá é maior do que o bem, é ilícito.

Pergunta 2. Podem marido e esposa ser separados pelo mero comando de príncipes, se estes fizerem uma lei que em certos casos eles devam se separar: como suponhamos para ministros, juízes ou soldados?

Resposta: Você deve distinguir entre o mero comando ou lei, e as razões e fins desse comando: e assim, entre um comando lícito e um ilícito. Em alguns casos, um príncipe pode justamente ordenar uma separação por um tempo, ou tal que provavelmente se torne perpétua, e em alguns casos ele não

pode. Se um rei ordena uma separação sem causa suficiente, de modo que você não tenha outro motivo senão a autoridade dele, e a questão é se formalmente você está obrigado à obediência: respondo, não; porque o que Deus uniu nenhum homem tem poder de separar. Nem pode príncipe, papa ou prelado dispensar o seu pacto matrimonial. Em tal caso, trata-se de um ato privado, porque Deus não lhes deu autoridade para isso; e, portanto, seus comandos ou leis são nulidades: apenas se um príncipe disser: "aquele que quiser ser juiz ou magistrado deverá separar-se de sua esposa", é lícito deixar o cargo e, assim, obedecer à lei. Mas se ele disser a todos os ministros do evangelho: "vocês devem abandonar suas esposas ou o seu ministério", eles não devem fazer nenhum dos dois, porque estão divinamente obrigados a ambos, e ele não tem poder para proibi-los, ou para dispensar essa obrigação.

Mas pode ocorrer que os fins do comando sejam tão grandes que o tornem lícito, e então ele deve ser obedecido tanto formalmente pela autoridade do príncipe, quanto finalmente pelas razões da coisa. Como se a segurança da comunidade exigisse que as pessoas casadas fossem soldados e que fossem para longe; sim, embora não haja probabilidade de retorno às suas famílias, e ao mesmo tempo não possam levar suas esposas consigo sem prejuízo ou perigo para o seu serviço; neste caso, os homens devem obedecer ao magistrado, e são chamados por Deus a abandonar suas esposas, como se fosse pela morte. Nem é isso qualquer violação do seu pacto matrimonial, porque este pretendia ou visava supor a exceção de qualquer chamado de Deus, o qual não pode ser resistido quando este impuser uma separação.

Pergunta 3. Podem os ministros deixar suas esposas para irem ao exterior pregar o evangelho?

Resposta: Se eles não puderem fazer a obra de Deus tão bem em casa, nem levar suas esposas consigo, nem serem dispensados de realizar essa parte do serviço por outros homens que não tenham tal impedimento; eles podem e devem deixar suas esposas para fazê-lo. Neste caso, o interesse da igreja e das almas de muitos deve sobrepor-se ao interesse da esposa e da família. Aqueles pastores que têm estações fixas não devem deixar nem o rebanho nem a família sem necessidade ou um chamado claro de Deus. Mas em vários casos, um pregador pode ser necessitado a ir para fora; como em caso de perseguição em casa, ou de alguma necessidade de partes estrangeiras ou remotas que não possa ser suprida de outra forma; ou quando alguma porta se abre para a conversão de infiéis, heréticos ou idólatras, e nenhum outro é tão apto para realizar essa obra, ou ninguém que queira. Em qualquer caso desse tipo, quando a causa de Deus em qualquer parte do mundo, *consideratis considerandis* [consideradas as coisas que devem ser consideradas], exigir a sua ajuda, um ministro deve deixar esposa e família, sim, e um rebanho particular, para fazê-lo. Pois nossas obrigações são maiores para com a igreja católica e o bem público; e o bem maior deve ser preferido. Se um rei ordena a um súdito ser embaixador na parte mais remota do mundo, e o bem público também o exige, se a esposa e os filhos não puderem ser levados com ele, devem ser deixados para trás, e ele deve ir. Assim deve um ministro consagrado de Cristo, para o serviço da igreja, recusar todos os embaraços que impediriam mais a sua obra do que os benefícios contrários compensariam. E esta exceção também foi suposta no contrato de casamento: que os interesses e confortos familiares devem dar lugar ao interesse público e às disposições de Deus.

E é por isso que os ministros não devem se aventurar precipitadamente no casamento, nem qualquer mulher que seja sábia aventurar-se a casar com um ministro, até que esteja

primeiro bem preparada para tais acidentes que possam separá-los por um tempo mais curto ou mais longo.

Pergunta 4. Pode alguém deixar uma esposa para salvar a própria vida, em caso de perseguição pessoal ou perigo?

Resposta: Sim, se ela não puder ser levada com ele; pois os meios que servem para o auxílio da vida supõem a preservação da própria vida: se ele viver, poderá servir mais a Deus e possivelmente retornar para sua esposa e família; mas se ele morrer, é removido de todos eles.

Pergunta 5. Podem marido e esposa se separar por mútuo consentimento, se descobrirem que é para o bem de ambos?

Resposta: Se você não fala de dissolver o vínculo de suas relações, mas de afastar-se quanto à coabitação, respondo: 1. Isso não deve ser feito por paixões e descontentamentos, para alimentar e satisfazer os temperamentos viciosos ou interesses um do outro; pois então tanto o consentimento quanto a separação são pecados deles. Mas se realmente existir tal incompatibilidade incurável entre eles, a ponto de suas vidas terem de ser necessariamente miseráveis pela coabitação, não vejo por que não possam viver separados; desde que (após todos os outros meios usados em vão) o façam por consentimento livre e deliberado. Mas se um deles, por astúcia ou crueldade, constranger o outro a consentir, é ilícito para o constrangedor. Nem deve a impaciência fazer com que qualquer um deles desespere sem fundamento da cura de qualquer incompatibilidade que seja realmente curável. Mas muitos casos tristes poderiam ser dados, nos quais a coabitação pode ser uma calamidade constante para ambos, e a distância pode ser o seu alívio, e auxiliá-los ambos no serviço de Deus e em suas preocupações corporais. Contudo, não digo que isso

não seja pecado; pois a incompatibilidade deles é o pecado deles: e Deus ainda os obriga a abandonar esse pecado que os torna incompatíveis; e, portanto, não lhes permite viver separados, sendo ainda dever deles viverem juntos em amor e paz: e dizerem que não podem, não os livra do dever. Contudo, aquela impotência moral pode fazer com que tal separação, como foi dita, seja um pecado menor do que sua coabitação conflituosa.

Pergunta 6. Não pode a própria relação ser dissolvida por mútuo e livre consentimento, de modo que possam se casar com outros?

Resposta: Quanto à relação, eles ainda estarão relacionados como aqueles que pactuaram viver em sociedade conjugal, e ainda lhes é permitido e são obrigados a isso, se os impedimentos fossem apenas removidos; e é apenas o exercício que está impedido. E eles não podem consentir em se casar com outros: 1. Porque a relação contratada foi para a vida (Rm 7:2), e a lei de Deus correspondentemente os obriga. Casamentos *pro tempore* [por um tempo], dissolúveis por consentimento, não são de instituição divina, mas contrários a ela. 2. Eles não sabem se os impedimentos de coabitação podem vir a ser removidos. 3. Se aquele que se casa com uma mulher inocente divorciada comete adultério, por paridade de razão (com vantagem) assim será aqui. Se você perguntar: e se um deles não puder se conter? Respondo: aquele que não tomou cuidado antes, deve ser paciente depois, e não tirar vantagem da sua própria tolice para a satisfação de suas luxúrias. Se ele fizer o que deve fazer no uso de todos os meios, poderá viver castamente. E, 4. O interesse público deve sobrepor-se ao privado, e aquilo que seria injusto em aspectos privados pode, pelo bem público, tornar-se um dever: parece injusto aqui entre nós que o condado inocente deva reembolsar

cada homem cujo dinheiro seja roubado na estrada entre o nascer e o pôr do sol; e, no entanto, porque isso engajará o condado à vigilância, é justo para o bem comum: e aquele que consente em ser membro de uma comunidade consente, por meio disso, em submeter o seu próprio direito ao interesse comum. Assim aqui: se todos tivessem permissão para se casar com outros quando consentissem em se separar, isso traria confusão total e encorajaria homens perversos a abusarem de suas esposas até forçá-las ao consentimento. Portanto, alguns devem carregar o fardo que sua tolice trouxe sobre si mesmos, antes que a ordem comum seja confundida.

Pergunta 7. O adultério dissolve o vínculo do casamento ou não? Amesius diz que sim: o Sr. Whateley, tendo dito o mesmo, depois se retratou pela persuasão de outros teólogos.

Resposta: A diferença é apenas quanto ao nome, e não quanto à matéria em si. A razão que moveu o Dr. Ames é que a pessoa lesada está livre; portanto, não está obrigada: portanto, o vínculo está dissolvido. A razão que o Sr. Whateley não pôde responder é que não é fornicação, mas lícito, se eles continuarem sua familiaridade conjugal após o adultério: portanto, esse vínculo não está dissolvido. Em tudo isso, é fácil perceber que um deles toma a palavra *vinculum* ou vínculo em um sentido, isto é, "pela obrigação do pacto de continuarem sua relação e deveres mútuos". E o outro a toma em outro sentido, isto é, "pela relação em si, conforme por ela lhes é permitida a familiaridade conjugal, se a pessoa lesada quiser continuá-la". O primeiro *vinculum* ou vínculo é dissolvido; o segundo não. Na questão prática estamos de acordo: que o homem lesado pode afastar uma esposa adúltera (de forma regular), se quiser; mas que, além disso, ele pode continuar a relação, se quiser. De modo que o seu consentimento continuado bastará para mantê-la como uma relação e exercício lícitos; e a sua vontade, ao

contrário, bastará para dissolver a relação e desobrigá-lo. (Ressalvada a ordem pública.)

Pergunta 8. Mas a parte lesada não é de modo algum obrigada a se separar, sendo deixada livre?

Resposta: Considerando a coisa simplesmente em si mesma, a pessoa é inteiramente livre para fazer o que lhe aprouver. Mas, apesar disso, acidentes ou circunstâncias podem tornar dever de um homem divorciar-se, e dever de outro continuar a relação; conforme for mais provável que resulte em mais bem ou mal. Às vezes pode ser um dever expor o pecado à vergonha pública, para a prevenção dele em outros; e também para livrar-se de uma calamidade. E às vezes pode haver tão grande arrependimento e esperança de melhores efeitos pelo perdão, que pode ser um dever perdoar: e a prudência deve pesar uma coisa com a outra, para discernir de que lado está o dever.

Pergunta 9. É apenas privilégio do homem poder afastar uma esposa adúltera? Ou também da mulher afastar-se de um marido adúltero? A razão da dúvida é porque Cristo menciona apenas o poder do homem (Mt 5 e 19).

Resposta: 1. A razão pela qual Cristo fala apenas do caso do homem é porque Ele foi instigado apenas a restringir o costume vicioso dos homens de afastarem suas esposas sem causa; não tendo ocasião para restringir as mulheres de deixarem seus maridos. Os homens, tendo o governo, abusavam dele para injúria da mulher; o que Cristo proíbe. E como é um ato de poder, diz respeito apenas ao homem; mas como é um ato de liberdade, parece-me que se supõe que a mulher tenha a mesma liberdade; visto que o pacto é violado para o seu prejuízo. E o apóstolo em 1 Coríntios 7 torna o caso do homem e da mulher igual no ponto de infidelidade e deserção. Confesso que é

perigoso estender o sentido da Escritura além da importância das palavras sob pretexto de uma paridade de razão (como muitos dos perjuros fazem com Lv 30 no caso de votos); para que a inteligência enganosa do homem não crie uma lei para si mesma como divina, sob pretexto de interpretar as leis de Deus: contudo, quando o texto claro fala apenas de um caso (isto é, de homens afastarem suas esposas), aquele que daí colher uma exclusão da liberdade da mulher parece, por acréscimo, ser o corruptor da lei. E onde o contexto mostra claramente uma paridade de razão, e essa razão é feita o fundamento da determinação no texto, ali é seguro expor a lei extensivamente de acordo. Certamente o pacto de casamento tem suas condições em ambas as partes: e algumas dessas condições são necessárias para o próprio ser das obrigações, embora outras sejam apenas precisas para o bem-estar das partes naquele estado. E, portanto, embora o "afastar" seja apenas parte do marido, como sendo o governante e usualmente o proprietário da habitação, o "partir" pode ser a liberdade da esposa. E não conheço razão para culpar aqueles países cujas leis permitem à esposa processar um divórcio, tanto quanto ao marido.

Pergunta 10. Pode o marido afastar a esposa sem o magistrado, ou a esposa partir do marido, sem um divórcio legal público ou licença?

Resposta: Onde as leis da terra cuidam da prevenção de injúrias e fazem qualquer determinação no caso (não contrária à lei de Deus), ali é dever de um cristão obedecer a essas leis: portanto, se você vive sob uma lei que proíbe qualquer afastamento ou partida sem sentença pública ou permissão, você não pode fazê-lo privadamente por sua própria vontade. Pois os governantes civis devem prover contra as injúrias privadas de qualquer um dos súditos. E se as pessoas pudessem

afastar ou partir por prazer, isso introduziria tanto injúria quanto muita fraqueza no mundo. Mas onde as leis dos homens deixam as pessoas em sua liberdade neste caso, elas precisam então olhar não mais além do que para as leis de Deus apenas. Mas usualmente a sentença do poder civil é necessária apenas em caso de apelação ou reclamação da parte lesada; e uma separação pode ser feita sem tal divórcio público, de modo que cada parte possa fazer uso do magistrado para se justificar se for injustiçada. Como, se o adultério não for publicamente conhecido, e a parte infratora preferir ser afastada privadamente do que publicamente (como José pretendia fazer com Maria), não vejo por que não seja lícito fazê-lo, caso a lei, ou a necessidade de fazer do ofensor um exemplo, não exijam o contrário, nem o escândalo ou outros acidentes o proíbam. Veja as notas eruditas de Grotius sobre Mt 5:31, 32, e sobre Mt 19 e 1 Co 7 sobre essas questões.

Pergunta 11. Não é o caso de sodomia ou bestialidade um fundamento para divórcio justificável tanto quanto o adultério?

Resposta: Sim, e parece estar incluído na própria palavra no texto (Mt 5:31, 32), que significa impureza; ou pelo menos está plenamente implícito na razão dela. Veja Grotius *ibid.* [no mesmo lugar] também sobre isso.

Pergunta 12. E se ambas as partes cometerem adultério? Pode qualquer uma delas afastar a outra, ou partir; ou devem elas, antes, perdoar-se mutuamente?

Resposta: Se o fazem ambos ao mesmo tempo, ambos perdem a liberdade de buscar qualquer compensação pela injúria; porque a injúria é igual (embora alguns queiram dar a vantagem ao homem): mas se um comete adultério primeiro, e o outro depois; então, ou o último infrator sabia do primeiro,

ou não. Se não, então parece tudo o mesmo como se tivesse sido feito ao mesmo tempo. Mas se sim, então o fizeram ou na suposição da dissolução da obrigação matrimonial, por estarem soltos do primeiro adúltero, ou então com o propósito de continuarem na primeira relação: no último caso, ainda é tudo o mesmo como se tivesse sido feito por eles ao mesmo tempo, e é uma perda de qualquer satisfação: mas no primeiro caso, embora o último adúltero tenha pecado, estando antes posto em liberdade, isso não renova a obrigação matrimonial: contudo, se o primeiro infrator desejar a continuação dela e o retorno da primeira parte lesada, a vergonha e a consciência do seu próprio pecado os repreenderão muito, se alegarem aquela injúria para a continuação da separação.

Pergunta 13. Mas e se alguém cometer adultério propositalmente, para ser separado do outro?

Resposta: Está no poder e escolha do outro se quer divorciar-se e partir, ou não, conforme ele veja que as consequências boas ou más preponderam.

Pergunta 14. A infidelidade não dissolve a relação ou obrigação; visto que não há comunhão entre a luz e as trevas, um crente e um infiel?

Resposta: Isso torna ilícito para um crente casar-se com um infiel (exceto em caso de verdadeira necessidade); porque eles não podem ter comunhão na religião. Mas não anula um casamento já feito, nem torna lícito partir ou divorciar-se; porque eles ainda podem ter mera comunhão conjugal. Como o apóstolo propositalmente determina o caso em 1 Coríntios 7.

Pergunta 15. A deserção de uma parte não desobriga a outra?

Resposta: 1. Deve-se considerar o que é a verdadeira deserção. 2. Se é uma deserção da própria relação para continuidade, ou apenas uma deserção temporária da coabitação ou congresso. 3. Qual é o temperamento e estado da parte desertada. 1. Às vezes é fácil, e às vezes difícil, discernir qual é a parte desertora. Se a esposa se vai do marido de forma injustificável, embora exija que ele a siga e diga que não o está desertando, ainda assim isso pode ser tomado por uma deserção, porque é o homem quem deve governar e escolher a habitação. Mas se o homem se vai, e a mulher se recusa a segui-lo, não é ele quem é, portanto, o desertor.

Pergunta: Mas e se o homem não tiver causa suficiente para se afastar, e a mulher tiver razões grandes e urgentes para não ir? Como suponhamos que o homem queira ir embora por ódio a um pregador capaz e a boas companhias, e a mulher, se o seguir, tiver de deixar todos esses auxílios e ir para entre pessoas ignorantes, profanas, heréticas ou infiéis; quem é o desertor então?

Resposta: Se ela for alguém que provavelmente fará bem aos infiéis, heréticos ou pessoas más com quem devem conviver, ela pode supor que Deus a chama a receber o bem fazendo o bem; ou se ela for uma cristã confirmada, bem estabelecida, e não muito provável de, seja por infecção ou por falta de auxílios, ser abalada e desviar-se, parece-me o caminho mais seguro seguir o seu marido. Ela perderá, de fato, as ordenanças públicas de Deus ao segui-lo: mas isso não lhe é imputável, por estar fora de sua escolha; e ela perderá os benefícios e negligenciará os deveres da ordenança conjugal, se não o seguir. Mas se for uma pessoa sob tais fraquezas que tornem sua remoção aparentemente perigosa quanto à sua perseverança e salvação, e o marido de modo algum possa ser convencido a mudar de ideia, o caso então é muito difícil sobre qual é o seu

dever e quem é o desertor. Antes, se ele apenas a levasse para um país onde sua vida provavelmente seria tirada (como sob a Inquisição Espanhola), a menos que o seu sofrimento fosse ser tão proveitoso a Cristo quanto a sua vida. De fato, estes casos são tão difíceis que não os decidirei; os inconvenientes (ou males antes) são grandes para qualquer lado que ela tome: mas inclino-me mais a julgar como segue: a saber, é considerável primeiro o que o casamento a obriga, simplesmente por sua própria natureza; e o que ele pode fazer depois, por qualquer contrato superadicionado, ou pela lei ou costume da terra, ou qualquer outro acidente. Quanto ao primeiro, parece-me que a obrigação de cada um é tanto primeiro para com Deus, e depois para com suas próprias almas e vidas; que o casamento como tal, que existe para auxílio mútuo, como um meio para fins mais elevados, não a obriga a abandonar toda a comunhão dos santos, e o lugar ou país onde Deus é legitimamente adorado, e a perder todos os auxílios do culto público, e a expor sua alma tanto à fome espiritual quanto à infecção, ao risco aparente de sua salvação (e talvez trazer seus filhos para a mesma miséria); nem Deus deu ao seu marido qualquer poder para lhe causar tanto dano, nem o pacto de casamento deve ser interpretado com essa intenção. Mas o que qualquer lei humana ou contrato, ou outro acidente que seja de maior consequência pública, possa fazer além do casamento em si, é um caso distinto que deve ter uma discussão particular.

Pergunta: Mas e se o marido quisesse apenas que ela o seguisse para o abandono de seus bens, arruinando a si mesma e aos filhos no mundo (como no caso de Galeacius Carracciolus, Marquês de Vico); sim, e se fosse sem justa causa?

Resposta: Se for para maior ganho espiritual (como no caso dele), ela está obrigada a segui-lo; mas se for aparentemente

tolo, para a ruína dela e de seus filhos sem qualquer causa, não vejo que o casamento simplesmente obrigue uma mulher a seguir assim um tolo na mendicância, ou para fora de uma vocação, ou para a sua ruína. Mas se for de todo um caso controvertido, se a causa é justa ou não, então o marido, sendo o governante, deve ser o juiz. Supõe-se que as leis da terra sejam justas, as quais permitem a uma mulher, por meio de curadores, assegurar alguma parte de seus bens anteriores contra a disposição do marido; muito mais pode ela, de antemão, assegurar a si mesma e aos filhos de serem arruinados pela tolice deliberada dele: mas ela não pode, por nenhum contrato, excetuar-se do verdadeiro governo dele.

Contudo, ela deve sempre considerar se pode viver de modo continente na ausência dele; caso contrário, os maiores sofrimentos devem ser suportados para evitar a incontinência.

Além disso, em todos estes casos, uma remoção temporária pode ser seguida por mais tempo do que uma transmigração perpétua, porque possui menos consequências más.

E se qualquer das partes renunciar à própria relação, trata-se de uma deserção mais plena e uma desoneração mais clara da outra parte do que uma mera remoção.

Pergunta 16. O que ocorre se um homem ou uma esposa sabem que o outro, por ódio, realmente pretende por veneno, ou outro assassinato, tirar-lhes a vida? Não podem partir?

Resposta: Não devem fazê-lo por uma suposição sem fundamento ou precipitada; nem por um perigo que, por outros meios lícitos, possa ser evitado (como pela vigilância, ou pelo magistrado, ou especialmente pelo amor e dever). Mas em perigo evidente, que de outra forma não parece que será

evitado, não duvido que possa ser feito, e deva sê-lo. Pois é um dever preservar nossas próprias vidas tanto quanto as de nossos vizinhos. E quando o casamento é contraído para auxílio mútuo, está naturalmente implícito que não terão poder para privar um ao outro da vida (embora algumas nações bárbaras tenham dado aos homens poder sobre as vidas de suas esposas). E o matar é o tipo mais grosseiro de deserção, e uma injúria e violação do pacto matrimonial maior do que o adultério; e pode ser evitado evitando-se a presença do assassino, se esse caminho for necessário. Nenhum dos fins do casamento pode ser alcançado onde o ódio é tão grande.

Pergunta 17. Se houver apenas um ódio fixo um pelo outro, é isso inconsistente com os fins do casamento? E a separação é lícita em tal caso?

Resposta: A parte que fere está obrigada a amar, e não a separar-se; e não pode ter liberdade por seu próprio pecado. E dizer: "Não posso amar", ou "minha esposa ou marido não é amável", não é desculpa suficiente; porque cada pessoa tem algo que é amável, nem que seja apenas a natureza humana; e isso deveria ter sido previsto antes de sua escolha. E assim como não é desculpa para um bêbado dizer: "Não posso deixar minha bebida", também não é para um adúltero ou para quem odeia outrem dizer: "Não posso amá-los"; pois isso nada mais é do que dizer: "Sou tão perverso que meu coração ou vontade está contra o meu dever". Mas o caso da parte inocente é mais difícil (embora comumente ambas as partes sejam culpadas e, portanto, ambas estejam obrigadas a retornar ao amor, e não a separar-se). Mas se o ódio não proceder para o adultério, ou assassinato, ou injúrias intoleráveis, você deve lembrar que o casamento não é um contrato por anos, mas para a vida, e que é possível que o ódio seja curado (por mais improvável que pareça). E, portanto, você deve cumprir o seu dever, e esperar,

e orar, e esforçar-se pelo amor e pela bondade para recuperar o amor, e então esperar para ver o que Deus fará; pois erros em sua escolha não autorizarão uma separação.

Pergunta 18. E se uma mulher tiver um marido que não lhe permite ler as Escrituras, nem ir ao culto de Deus público ou privado, ou que a espanca ou abusa de tal forma que não se possa esperar que a natureza humana, em tal caso, se mantenha apta para qualquer ação santa; ou se um homem tiver uma esposa que grita com ele quando ele está orando ou instruindo sua família, tornando-lhe impossível servir a Deus com liberdade, ou paz e conforto?

Resposta: A mulher deve (em momentos necessários, embora não quando ela queira) tanto ler as Escrituras quanto adorar a Deus, e sofrer pacientemente o que lhe for infligido. O martírio pode ser sofrido tão confortavelmente vindo de um marido quanto de um príncipe. Contudo, se nem o seu próprio amor, dever e paciência, nem a persuasão de amigos, nem a justiça do magistrado puderem livrá-la de tal crueldade desumana, que a incapacita totalmente para o seu dever para com Deus e o homem, não vejo por que ela não possa afastar-se de tal tirano. Mas o homem tem mais meios para restringir sua esposa de espancá-lo ou de fazer coisas intoleráveis; seja pelo magistrado, ou negando-lhe o que de outra forma ela poderia ter, ou por sua própria restrição violenta dela, conforme pertence a um governante conjugal e conforme as circunstâncias dirijam um homem prudente. Contudo, no caso de a incompatibilidade ou o pecado serem tão grandes que, após longa prova, não haja probabilidade de qualquer outra coabitação senão a que tenderá ao seu dano espiritual e calamidade, é o pecado menor deles viverem separados por mútuo consentimento.

Pergunta 19. Pode-se separar de um marido ou esposa que tenha lepra, ou que tenha a sífilis por suas práticas adúlteras, quando a vida da pessoa inocente é colocada em perigo por isso?

Resposta: Se for doença de uma pessoa inocente, o outro deve coabitar, e ternamente acalantar e confortar o doente; sim, de modo a arriscar um pouco as suas próprias vidas; mas não de modo a aparentemente as jogar fora, diante de um perigo que provavelmente não será evitado, a menos que a vida do outro ou algum bem maior provavelmente seja comprado com isso.

Mas se for a sífilis de um adúltero, a parte inocente está em liberdade pelo adultério do outro; e o salvamento de suas próprias vidas a isso se adiciona. Mas sem adultério, a doença sozinha não os desculpará da coabitação, embora possa do congresso.

Pergunta 20. Quem são os que podem ou não casar-se novamente quando estão separados?

Resposta: 1. Os que são liberados por divórcio devido ao adultério, sodomia, etc., do outro, podem casar-se novamente. 2. O caso de todos os outros é mais difícil. Os que se separam por consentimento, para evitar dano mútuo, não podem casar-se novamente; nem a parte que se afasta para autopreservação, ou para a preservação de bens, ou filhos, ou confortos, ou para liberdade de culto, como foi dito; porque se trata apenas de uma intermissão da fruição conjugal, e não de uma dissolução total da relação; e a parte inocente deve esperar para ver se há qualquer esperança de um retorno. Sim, Cristo parece resolvê-lo (Mt 5:31, 32) que é adúltero aquele que se casa com a parte inocente que foi afastada; porque vivendo o outro em adultério, a sua primeira relação contratada parece estar ainda em ser.

Mas Grotius e alguns outros pensam que Cristo quer dizer isso apenas do homem que, apressadamente demais, se casa com a mulher inocente divorciada, antes que se veja se ele se arrependerá e a reassumirá; mas como pode isso valer, se o marido após o adultério a libertar? Não pode, portanto, significar que a mulher deve permanecer solteira na esperança da reconciliação dele, até o momento em que o adultério dele com sua próxima esposa casada a desobrigue? Mas então deve ser tomado como uma lei para cristãos; pois o judeu que podia ter muitas esposas não desobriga uma ao tomar outra.

Uma deserção curta deve ser suportada na esperança; mas em caso de uma deserção ou rejeição muito longa ou total, se a parte lesada tiver uma luxúria indomável, o caso é difícil. Penso que há poucos que, por meios justos, não possam abster-se. Mas se houver algum que não possa (após todos os meios), sem tal tribulação que subverta sua paz e claramente ponha em risco sua continência, não ousa dizer que o casamento, naquele caso, seja ilícito para o inocente.

Pergunta 1. É lícito sofrer ou tolerar, sim, ou contribuir para a matéria de pecado conhecido em uma família, ordinariamente, na esposa, filho ou servo; e, conseqüentemente, em quaisquer outras relações?

Resposta: Nisto, alguns homens mornos tendem a cair no extremo da remissividade; e alguns jovens inexperientes, que nunca tiveram famílias, no extremo do rigor crítico, por não saberem do que falam.

Não é lícito, seja na família, comunidade, igreja ou em qualquer lugar, permitir o pecado, nem tolerá-lo, nem deixá-lo sem cura, quando está verdadeiramente em nosso poder curá-

lo. 2. De modo que toda a questão é: quando está ou não em nosso poder? Sobre o que responderei por alguns exemplos.

I. Não está em nosso poder fazer aquilo que somos naturalmente incapazes de fazer. Nenhuma lei de Deus nos obriga a impossibilidades. E a impotência natural aqui é encontrada nestes vários casos: 1. Quando somos superados em força; quando esposa, filhos ou servos são fortes demais para o mestre da casa, de modo que ele não pode corrigi-los, nem removê-los. Um rei não é obrigado a punir súditos rebeldes ou infratores quando estes são fortes demais para ele, e ele é incapaz, seja pelo número deles ou por outras vantagens. Se um pastor censura um infrator, e toda a igreja é contra a censura, ele não pode providenciar que seja executada, mas deve aquiescer em ter feito a sua parte, e deixar a culpa deles sobre eles mesmos.

1. Quando a coisa a ser feita é uma impossibilidade, ao menos moral. Como impedir que todas as pessoas de uma família, igreja ou reino jamais pequem: não está no poder delas mesmas reformarem-se até esse ponto; muito menos no de um governante reformá-las: assim como para nós mesmos, a perfeição é apenas desejada nesta vida, mas não alcançada; muito menos para os outros.
2. Quando as causas principais não cooperam conosco, e nós somos apenas causas morais subsidiárias; nós só podemos persuadir os homens a se arrependem, crerem e amarem a Deus e à bondade. Não podemos salvar os homens sem eles e contra eles mesmos. Seus corações estão fora de nosso alcance; portanto, em todos estes casos, somos naturalmente incapazes de impedir o pecado.

II. Não está em nosso poder fazer qualquer coisa que Deus nos proíba. Aquilo que é pecaminoso deve ser considerado fora de nosso poder neste sentido. Curar o pecado de uma esposa por tal crueldade ou rispidez que seja contrária à nossa relação conjugal e ao ofício do amor necessário, está fora de nosso poder, porque proibido, como contrário ao nosso dever; e assim para o demais.

III. Aquelas ações estão fora de nosso poder que são atos de autoridade superior à que temos. Um súdito não pode reformar por meio de ações que são próprias do soberano, nem um leigo por ações próprias do pastor, por falta de autoridade. Assim, um mestre de escola não pode fazer o que é próprio de um pai; nem o mestre de uma família o que é próprio do magistrado (como punir com a morte, etc.).

IV. Não temos poder para fazer aquilo que um poder superior nos proíbe (a menos que seja aquilo que Deus indispensavelmente nos ordena). A esposa não pode corrigir um filho ou servo, ou mandá-lo embora, quando o marido o proíbe. Nem o mestre de uma família punir um pecado de tal forma que o rei e as leis proibam por conta do interesse público.

V. Não temos poder para fazer aquilo, para a cura do pecado, que provavelmente fará mais mal do que bem; sim, talvez, que prove ser um dano pernicioso. Se a minha correção de um servo o fizesse matar-me, ou incendiar minha casa, não devo fazê-lo. Se minha repreensão aguda provavelmente fará mais mal, ou menos bem, do que um trato mais brando, se tenho razão para crer que a correção tornará o servo pior, não devo usá-la; porque temos o nosso poder para edificação, e não para destruição. Deus não nos amarrou apenas a falar tais e tais palavras, ou a usar esta ou aquela correção, mas a usar

repreensões e correções apenas naquele tempo, medida e maneira que a razão verdadeira nos diz que é mais provável atingir o seu fim. Fazê-lo, ainda que causasse tanto dano, com um *fiat justitia etsi pereat mundus* [faça-se justiça, ainda que pereça o mundo], é ser justo em demasia.

Sim, pecados grandes e hediondos podem ser suportados em famílias às vezes, para evitar um mal maior, e porque não há outros meios para curá-los. Por exemplo, uma esposa pode ser culpada de orgulho notório, e de zombaria maligna dos exercícios de religião, e de gritaria, mentira, calúnia, maledicência, cobiça, juramentos, maldições, etc., e o marido ser necessitado a suportar; não a ponto de não repreender, mas a ponto de não a corrigir, muito menos de a curar. Os teólogos costumam dizer que é ilícito para um homem bater em sua esposa: mas a razão não é que lhe falte autoridade para fazê-lo; mas, 1. Porque ele está por sua relação obrigado a uma vida de amor com ela; e, portanto, deve governar de modo que não tenda a destruir o amor: e, 2. Porque isso pode muitas vezes causar, de outra forma, mais dano a ela mesma e à família do que bem. Pode torná-la furiosa e desesperada, e torná-la desprezível na família, e diminuir a reverência dos inferiores, tanto para com a esposa quanto para com o marido, por viverem uma vida tão indecorosa.

Pergunta: Mas existe algum caso em que um homem possa suportar silenciosamente os pecados de uma esposa, ou outro inferior, sem repreensão, ou sem instá-los a emendar-se?

Resposta: Sim: no caso de: 1. Que a repreensão tenha sido tentada ao máximo: 2. E seja evidentíssimo pela experiência plena, que ela provavelmente causará muito mais mal do que bem.

A regra dada por Cristo estende-se tanto a famílias quanto a outros: não lançar pérolas aos porcos, nem dar o que é santo aos cães; porque é mais perturbador para a paz de um homem ter uma esposa que se volte contra ele e o despedace, do que um estranho. Assim como a igreja pode cessar de admoestar um pecador, após certo tempo de obstinação, quando a experiência encerrou suas esperanças presentes de levar a pessoa ao arrependimento, e sobre isso pode excomungá-lo; assim um marido pode ser levado ao mesmo desespero com uma esposa, e pode ser desobrigado da repreensão ordinária, embora a proximidade da relação o proíba de expulsá-la. E em tal caso onde a família e a vizinhança conhecem a intratabilidade e a obstinação da esposa, não é escândalo, nem sinal de aprovação, ou negligência do dever, que um homem se cale perante o pecado dela; porque eles a veem como presentemente incorrigível por esse meio: e é a repreensão mais aguda para uma tal pessoa não ser repreendida, e ser deixada só em seu pecado; como é o maior julgamento de Deus sobre um pecador deixá-lo a si mesmo e dizer: "Continue imundo".

E existem algumas mulheres cujas fantasias e paixões são naturalmente tão fortes, que me parece que em muitos casos elas não têm sequer o livre arbítrio natural ou poder para refreá-las; mas se em todos os outros casos agissem como em alguns, eu as tomaria por meros brutos, que não tivessem razão verdadeira; parecem naturalmente necessitadas a fazerem como fazem. Conheci a longa profissão de piedade, que em outros aspectos pareceu sincera, consistir em uma esposa com tal paixão furiosa e indomada, que ela não podia perante estranhos abster-se de atirar o que estava em sua mão no rosto do marido, ou de empurrar a vela acesa no rosto dele; e de caluniá-lo dos pecados mais sujos; e quando a paixão passava, confessar tudo como falso, e a sua raiva como a razão de sua fala e ações; e o

homem, embora ministro, de inteligência e força fora do comum, sentia-se forçado a suportar tudo sem retornos de violência até a morte dela. Aqueles que nunca conheceram tal caso por prova, podem dizer como tudo poderia ser curado facilmente; mas não podem aqueles que foram postos para a cura.

E existem algumas outras mulheres da mesma força incurável de imaginação e paixão, as quais em outros aspectos são muito piedosas e prudentes também, e sábias e conscientes demais para ferirem seus maridos com as mãos ou línguas, mas que são totalmente incapazes de abster-se de qualquer injúria da natureza mais alta para si mesmas; mas são tão totalmente impacientes de serem contrariadas em suas vontades, que isso provavelmente as lançaria na melancolia ou na loucura, ou em alguma doença mortal: e nenhuma razão serve para debater tais paixões. Em caso de orgulho, ou algum costume pecaminoso, elas não são capazes de suportar a repreensão, e de serem impedidas no pecado, sem perigo aparente de distração ou morte. Suponho que estes casos sejam poucos; mas o que fazer em tais casos quando ocorrem, é a presente questão.

Antes, a questão é ainda mais difícil: se para evitar tal inconveniência, pode-se contribuir para o pecado de outrem, fornecendo-lhes os meios de cometê-lo?

Resposta: 1. Nenhum homem pode contribuir para o pecado como pecado, formalmente considerado. 2. Nenhum homem pode contribuir para o pecado de outrem, para fins pecaminosos, nem de uma maneira proibida e pecaminosa em si mesmo. 3. Nenhum homem pode contribuir para o pecado de outrem, quando não está natural ou moralmente necessitado a isso, mas poderia abster-se.

Mas assim como é consistente com a santidade de Deus contribuir com aquelas misericórdias naturais e providenciais que Ele sabe que os homens usarão para o pecado, assim o é em alguns casos conosco, Suas criaturas, uns para com os outros. Deus dá a todos os homens suas vidas e tempo, sua razão e livre arbítrio, os quais Ele sabe que eles usarão para o pecado: Ele lhes dá aquela comida, bebida, riquezas, saúde e vigor de sentidos, que são os meios usuais do pecado e da ruína do mundo.

Objeção: Mas Deus não está sob nenhuma lei ou obrigação como nós estamos.

Resposta: A Sua própria perfeição está acima de toda lei, e não consistirá com um consentimento ou agir de qualquer coisa que seja contrária à santidade e à perfeição. Mas isto confesso: que muitas coisas são contrárias à ordem e ao dever da criatura, as quais não são contrárias ao lugar e à perfeição do Criador.

1. Quando o homem gera o homem, ele conscientemente contribui para uma natureza e vida pecaminosas; pois ele sabe que isso é inevitável, e que "o que é nascido da carne é carne" (Jo 3:6). E, no entanto, ele não peca ao fazê-lo, porque não está obrigado a evitar o pecado por meio da abstenção da procriação.
2. Quando alguém promove outrem ao cargo de magistratura, ministério, etc., sabendo que ele pecará nele, contribui acidentalmente para o seu pecado; mas de tal forma que não é culpável por fazê-lo.
3. Um médico tem que lidar com um paciente obstinado e intemperante, que quer satisfazer seu apetite, ou então, se lhe for negado, sua paixão aumentará sua doença e o matará. Nesse caso, ele pode legitimamente dizer: "deixe-o tomar um pouco", em vez de matá-lo, embora

ao fazê-lo contribua para o seu pecado; porque não passa de um não impedir aquilo que ele não pode impedir sem um mal maior. O pecado é apenas daquele que o escolhe.

E deve-se notar especialmente que aquilo que fisicamente é um ato positivo, e contribui para a matéria do pecado, ainda assim moralmente não passa de um não impedir o pecado por meio de uma retenção de materiais que não somos obrigados a reter (que é também o caso da contribuição de Deus para a matéria do pecado). Se o médico em tal caso, ou o pai de uma criança doente e obstinada, realmente lhes der aquilo que eles pecam ao desejar, esse dar é, de fato, um fomento do pecado que não pode ser legitimamente evitado, para que não causemos dano; e, portanto, é moralmente apenas um não impedi-lo, quando não podemos impedi-lo.

Se um homem tem uma esposa tão orgulhosa que enlouqueceria, ou perturbaria a ele e à sua família com fúria, se o orgulho dela não fosse satisfeito por algumas modas pecaminosas, futilidades ou excessos; se ele lhe der dinheiro ou materiais para fazê-lo, a fim de evitar a distração dela, isso é apenas como o caso supracitado do médico ou dos pais de uma criança doente.

Nesses casos, dar-vos-ei uma regra para caminhardes por vós mesmos e uma cautela sobre como julgar os outros.

1. Certificai-vos de não deixar nada por fazer que possais legitimamente fazer para a cura e prevenção dos pecados de outrem; e que não seja por falta de zelo contra o pecado, por indiferença ou preguiça, que deixais de impedi-lo, mas meramente por incapacidade.
2. Vede se, ao comparar o mal que provavelmente

seguirá o impedimento, não vos equivocais, mas estai certos de que é de fato um mal maior o que evitais ao não impedir aquele pecado particular. 3. Vede, portanto, que vosso próprio interesse carnal não pese convosco mais do que há causa; e que não considereis o mero sofrimento carnal um mal maior do que o pecado. 4. Contudo, aquela desonra que pode ser lançada sobre a religião, e o bem das almas, que pode ser impedido por um sofrimento corporal, podem entrar na comparação. 5. E vossos próprios deveres para com os corpos dos homens (como salvar a vida, a saúde ou a paz dos homens) devem ser contados com as coisas espirituais, e os materiais de um pecado podem, em alguns casos, ser administrados para o cumprimento de tal dever. Se soubésseis que um homem morreria se não lhe dêsseis água quente, e que ele se embriagaria se lha dêsseis; neste caso, vós fazeis apenas o vosso dever, e ele comete o pecado: vós fazeis o que é bom, e não estais obrigados a abster-vos disso porque ele o converterá em pecado, a menos que vejais que o dano causado por esse pecado provavelmente será tão grande (além do pecado em si) que vos desobrigue do dever de fazer o bem.

2. Quanto aos outros: (1.) Estimulai-os ao seu dever e não poupeis esforços. (2.) Mas não os censureis pelos pecados de suas famílias, até que estejais familiarizados com todo o caso. É comum entre censuradores precipitados e carnaís clamar contra alguns ministros ou cavalheiros piedosos, dizendo que suas esposas são tão orgulhosas e seus filhos e servos tão ruins quanto os outros. Mas estais certos de que está no poder deles remediar isso? A malícia e a precipitação julgam à distância coisas que os homens não entendem, e pecam ao falar contra o pecado.

Pergunta 2. Se um cavaleiro, por exemplo, de £500, ou £1000, ou £2000, ou £3000 por ano, pudesse honestamente poupar metade de suas rendas anuais para seus filhos e para usos caridosos, e sua esposa for tão orgulhosa e pródiga que gastará tudo com a manutenção da casa e excessos, e ficará furiosa, inquieta ou enlouquecerá se for impedida, qual é o dever do homem em tal caso?

Resposta: Trata-se apenas de um exemplo do caso mencionado anteriormente, e deve ser respondido a partir dele. 1. Supõe-se que ela seja incurável por todos os meios sábios e racionais de persuasão. 2. Ele deve comparar sabiamente a magnitude do mal que virá ao contrariá-la com o bem que pode advir da melhoria de seus bens e da abstenção daqueles excessos. Se a fúria, a distração ou a inquietude dela pudessem, por qualquer acidente, causar mais dano do que os bens dele podem fazer de bem, ele poderia considerar-se incapacitado de impedir o pecado; e, embora ele lhe dê o dinheiro que ela gasta mal, não está pecando, mas apenas não impedindo o pecado quando é incapaz. 3. Ordinariamente, algum grau pequeno ou tolerável de desperdício e excesso pecaminoso pode ser tolerado para evitar tais males que, de outra forma, se seguiriam; mas não demais. E embora nenhuma medida justa possa ser atribuída a que preço um homem pode legitimamente comprar sua própria paz e, conseqüentemente, sua liberdade para servir a Deus, ou a que preço ele pode salvar sua esposa da loucura ou de alguns danos mortais decorrentes de seu descontentamento, contudo o caso deve ser resolvido por tais considerações; e um homem prudente, que sabe quais provavelmente serão as conseqüências de ambos os lados, pode e deve determiná-lo de acordo. 4. Mas, ordinariamente, a vida, saúde ou preservação de uma mulher tão orgulhosa, luxuriosa e apaixonada não vale a pena ser salva por um preço tão alto quanto o desperdício de um patrimônio considerável, que poderia ser usado para socorrer

uma multidão de pobres e, talvez, salvar as vidas de muitos que são mais dignos de viver. E (1.) o dever de um homem de socorrer os pobres e prover para sua família é tão grande, (2.) e a prestação de contas que todos os homens devem dar do uso de seus talentos é tão estrita, que deve ser de fato uma razão muito grande para permitir que ele dê lugar a um desperdício muito grande. E, a menos que haja algo extraordinário no caso, seria melhor tratar tal mulher como uma louca em um hospício e, se ela quer ser louca, usá-la como os loucos são usados, do que um mordomo de Deus permitir que o diabo seja servido com os bens de seu Mestre.

Por último, devo incumbir o leitor de lembrar que ambos os casos são muito raros; e são poucas as mulheres tão sujeitas a danos tão grandes que não possam ser evitados a custos menores; e, portanto, a indulgência dada nestas decisões nada representa para a maior parte dos homens, nem deve ser estendida a casos comuns. Mas comumente os homens pecam em todos os lugares por omissão de um governo mais estrito de suas famílias e pela indulgência e remissividade pecaminosa de Eli; e embora uma esposa deva ser governada como esposa, e um filho como filho, contudo todos devem ser governados tão bem quanto os servos. E embora se possa dizer verdadeiramente que um homem não pode impedir aquele pecado que não pode impedir senão pelo pecado, ou contribuindo para um dano maior, deve-se concluir que todo homem está obrigado a impedir o pecado sempre que for capaz de impedi-lo legitimamente.

E, pelas mesmas medidas, devem ser julgadas as tolerâncias ou o não impedimento de erros e pecados sobre a religião na igreja e na comunidade: ninguém deve cometê-los ou aprová-los; nem abster-se de qualquer dever próprio para curá-los; mas não

é um dever aquilo que é destrutivo, o que seria um dever quando fosse um meio de edificação.

CAPÍTULO 10

OS DEVERES DOS PAIS PARA COM SEUS FILHOS

Sobre quão grande é a importância da educação sábia e santa dos filhos para a salvação de suas almas, o consolo de seus pais, o bem da Igreja e do Estado e a felicidade do mundo, eu já lhes falei em parte anteriormente; mas nenhum homem é capaz de expressá-la plenamente. E quão grande é a calamidade na qual o mundo caiu através da negligência desse dever, nenhum coração pode conceber; mas aqueles que pensam no estado em que se encontram as nações pagãs, infiéis e ímpias, e em quão rara a verdadeira piedade se tornou, e em quantos milhões devem jazer no inferno para sempre, conhecerão o suficiente desta negligência desumana para abominá-la.

Direção 1. Entenda e lamente o estado corrompido e miserável de seus filhos, o qual eles herdaram de você, e aceite com gratidão as ofertas de um Salvador para você e para eles; renuncie e dedique-os absolutamente a Deus em Cristo na sagrada aliança, e solenize esta dedicação e aliança pelo batismo deles. E, para este fim, entenda o mandamento de Deus para inserir seus filhos solenemente em aliança com Ele, e as misericórdias da aliança que lhes pertencem em decorrência disso (Rm 5:12, 16-18; Ef 2:1, 3; Gn 17:4, 13, 14; Dt 29:10-12; Rm 11:17, 20; Jo 3:3, 5; Mt 19:13, 14).

Você não pode se dedicar sinceramente a Deus sem dedicar a Ele tudo o que é seu e está sob seu poder; e, portanto, seus filhos, tanto quanto estiverem sob seu poder. E assim como a natureza lhe ensinou seu poder e seu dever de inseri-los, em sua infância, em qualquer aliança com o homem que seja

certamente para o bem deles (e, se eles recusarem as condições quando chegarem à idade adulta, perdem o benefício); assim a natureza lhe ensina, muito mais, a obrigá-los para com Deus para o bem muito maior deles, caso Ele os admita em aliança com Ele. E que Ele os admitirá em sua aliança (e que você deve inseri-los nela) está além de dúvida, pela evidência que a Escritura nos dá de que, desde o tempo de Abraão até Cristo, foi assim com todos os filhos de seu povo; aliás, ninguém pode provar que antes do tempo de Abraão, ou depois, Deus tenha tido uma igreja na terra da qual os bebês de seus servos (se os tivessem) não fossem membros dedicados em aliança a Deus, até os tempos recentes em que alguns começaram a questionar a legalidade disso. Assim como é um consolo para você se o rei concedesse aos seus filhos pequenos (que foram manchados pela traição do pai) não apenas a quitação total da mancha da ofensa, mas também títulos e propriedades de lordes, embora eles não entendam nada disso até que atinjam a maioridade; assim é motivo de muito mais consolo para você, em favor deles, que Deus em Cristo perdoe o pecado original deles, e os tome como seus filhos, e lhes dê direito à vida eterna, que são as misericórdias de Sua aliança.

Direção 2. Assim que forem capazes, ensine-lhes em que aliança eles estão, quais são os benefícios e quais as condições, para que suas almas possam consentir alegremente com ela quando a entenderem; e você poderá levá-los a renovar seriamente sua aliança com Deus em suas próprias pessoas. Mas darei a você toda a ordem de ensino, tanto para filhos quanto para servos, separadamente depois; e, por isso, passarei por tudo isso aqui, exceto aquilo que deve ser feito mais por meio de sua conversa familiar do que por um ensino mais solene.

Direção 3. Treine-os em obediência exata a você e quebre a vontade própria deles. Para esse fim, não permita que se comportem de forma irreverente ou desdenhosa para com você, mas que mantenham a devida distância. Pois a familiaridade excessiva gera desprezo e encoraja a desobediência. O costume comum dos pais é agradar seus filhos por tanto tempo, deixando-os ter o que desejam e o que querem, até que suas vontades se acostumem tanto a ser satisfeitas que não suportam que lhes sejam negadas; e assim não suportam nenhum governo, porque não suportam que suas vontades sejam contrariadas. Ser obediente é renunciar às próprias vontades e ser governado pela vontade dos pais ou governadores; acostumá-los, portanto, a ter suas próprias vontades é ensiná-los a desobediência, e endurecê-los e habituá-los a uma espécie de impossibilidade de obedecer. Fale-lhes frequentemente, de forma familiar e amorosa, sobre a excelência da obediência, e como isso agrada a Deus, e que necessidade eles têm de governo, e quão inaptos são para governar a si mesmos, e quão perigoso é para as crianças terem suas próprias vontades; fale frequentemente com grande desaprovação sobre a obstinação e a teimosia, e conte a outros, diante deles, o que aconteceu com crianças obstinadas.

Direção 4. Não os torne nem audaciosos demais com você, nem estranhos ou temerosos demais; e não os governe como servos, mas como filhos, fazendo-os perceber que você os ama ternamente e que todos os seus comandos, restrições e correções são para o bem deles, e não meramente porque você quer que seja assim. Eles devem ser governados como criaturas racionais, que amam a si mesmas e àqueles que as amam. Se eles perceberem que você os ama ternamente, eles o obedecerão de melhor vontade e serão levados mais facilmente a se arrepender de sua desobediência; e eles o obedecerão tanto de coração quanto em ações externas, tanto pelas suas costas

quanto diante de seu rosto. E o amor por você (que deve ser causado pelo seu amor por eles) deve ser um dos meios principais para levá-los ao amor de todo aquele bem que você lhes recomenda; e assim formar suas vontades sinceramente de acordo com a vontade de Deus, tornando-os santos. Pois, se você for muito estranho para eles e muito terrível, eles apenas o temerão e não o amarão muito; e então não amarão livros nem práticas que você lhes recomendar, mas, como hipócritas, buscarão agradá-lo diante de seus olhos e não se importarão com o que são em segredo e pelas suas costas. Além disso, isso os tentará a detestar seu governo e todo o bem que você os persuade a seguir, tornando-os como pássaros em uma gaiola, que vigiam uma oportunidade para fugir e obter sua liberdade. Eles estarão mais na companhia de servos e crianças ociosas, porque seu terror e estranheza os fazem não ter prazer na sua companhia. E o medo fará deles mentirosos, sempre que uma mentira parecer necessária para escapar. Pais que mostram muito amor aos seus filhos podem, com segurança, mostrar severidade quando eles cometem uma falta. Pois então eles verão que é apenas a falta deles que o desagrada, e não as suas pessoas; e seu amor os reconcilia com você quando são corrigidos; ao passo que uma correção menor de pais que são sempre estranhos ou zangados, e não mostram amor terno pelos seus filhos, irá aliená-los e não fará bem nenhum. A audácia excessiva das crianças as leva, antes que você perceba, ao desprezo pelos pais e a toda desobediência; e o medo e a estranheza excessivos as privam da maioria dos benefícios de seu cuidado e governo: mas o amor terno, com severidade apenas quando agem mal, e isso a uma distância reverente e conveniente, é a única maneira de lhes fazer bem.

Direção 5. Esforce-se muito para possuir o coração deles com o temor de Deus e uma reverência pelas Sagradas Escrituras; e então, qualquer dever que você lhes ordenar, ou qualquer

pecado que lhes proibir, mostre-lhes alguns textos claros e urgentes da Escritura para isso; e faça-os aprendê-los e repeti-los frequentemente, para que possam encontrar razão e autoridade divina em seus comandos: até que a obediência deles comece a ser racional e divina, será apenas formal e hipócrita. É a consciência que deve vigiá-los em particular, quando você não os vê; e a consciência é oficial de Deus, e não seu; e nada lhes dirá até que fale em nome de Deus. Esta é a maneira de trazer o próprio coração à sujeição e também de reconciliá-los com todos os seus comandos, quando virem que são, primeiramente, os comandos de Deus (sobre o que falaremos mais adiante).

Direção 6. Em todas as suas falas sobre Deus, sobre Jesus Cristo, sobre a Sagrada Escritura, sobre a vida por vir ou sobre qualquer dever santo, fale sempre com gravidade, seriedade e reverência, como se estivesse tratando das coisas mais grandiosas, temíveis e sagradas: pois, antes que as crianças cheguem a ter qualquer entendimento distinto de detalhes, é um começo esperançoso ter seus corações possuídos por uma reverência geral e alta estima pelas questões sagradas; pois isso continuamente manterá as consciências delas em respeito, ajudará seus julgamentos, as firmará contra o preconceito e o desprezo profano, e será como uma semente de santidade nelas. Pois o temor do Senhor é o princípio da sabedoria (Sl 111:10; Pv 9:10; 1:7). E a própria maneira de falar e o comportamento dos pais, expressando grande reverência às coisas de Deus, têm um poder muito grande de deixar uma impressão semelhante na criança: a maioria dos filhos de pais piedosos que chegaram a ser bons, estou convencido, pode lhe dizer isso por experiência (se os pais cumpriram seu dever neste ponto), que o primeiro bem que sentiram em seus corações foi uma reverência pelas coisas sagradas, que a fala e o comportamento de seus pais lhes ensinaram.

Direção 7. Fale sempre diante deles com grande honra e louvor sobre os santos ministros e o povo de Deus, e com desaprovação e aversão a cada pecado e aos homens ímpios. Pois isso também é algo que as crianças receberão rápida e facilmente de seus pais. Antes de poderem entender doutrinas específicas, elas podem aprender em geral que tipo de pessoas são as mais felizes ou as mais miseráveis, e são muito aptas a receber tal simpatia ou antipatia do julgamento de seus pais, o que tem grande influência em todo o bem ou mal subsequente de suas vidas. Se você as imbuir com pensamentos bons e honrosos sobre aqueles que temem a Deus, elas estarão sempre inclinadas a pensar bem deles e a não gostar daqueles que falam mal deles, a ouvir tais pregadores e a desejar ser tais cristãos; de modo que neste ponto e no anterior é onde as primeiras agitações da graça nas crianças são ordinariamente sentidas. E, portanto, por outro lado, é uma coisa perniciosa para as crianças quando ouvem seus pais falarem com desprezo ou leviandade sobre coisas e pessoas sagradas, e falarem irreverentemente sobre Deus, a Escritura e a vida por vir, ou falarem de forma depreciativa ou escarnecedora sobre ministros ou pessoas piedosas, ou fazerem piada com os deveres específicos de uma vida religiosa: essas crianças tendem a receber cedo em seus corações esse preconceito ou desprezo profano, o qual pode trancar as portas contra o amor de Deus e a santidade, e tornar sua salvação uma obra de dificuldade muito maior e de esperança muito menor. E por isso continuo dizendo que pais ímpios são os servidores mais notáveis do diabo em todo o mundo, e os inimigos mais sanguinários das almas de seus filhos. Mais almas são condenadas por pais ímpios (e, depois deles, por ministros e magistrados ímpios) do que por quaisquer outros instrumentos no mundo. E é por isso também que nações inteiras são tão geralmente levadas pela inimizade contra os caminhos de Deus; as nações pagãs contra o Deus verdadeiro, as nações

infiéis contra Cristo e as nações papistas contra a reforma e os adoradores espirituais: porque os pais falam mal aos filhos de tudo o que eles próprios não gostam; e assim transmitem a mesma aversão de geração em geração. "Ai dos que ao mal chamam bem e ao bem, mal; que fazem das trevas luz e da luz, trevas; que fazem do amargo doce e do doce, amargo!" (Is 5:20).

Direção 8. Que seja a parte principal do seu cuidado e trabalho em toda a educação deles fazer com que a santidade lhes pareça o estado de vida mais necessário, honroso, lucrativo, agradável, deleitoso e amável; e impedi-los de apreendê-la como desnecessária, desonrosa, prejudicial ou desconfortável. Especialmente atraia-os para o amor por ela, representando-a como adorável. E, portanto, comece com o que é mais fácil e agradável para eles (como a história das Escrituras e as vidas dos mártires e de outros homens bons, e algumas lições curtas e familiares). Pois, embora ao restringi-los do pecado você deva ir ao degrau mais alto no início e não pensar em afastá-los dele permitindo-lhes o menor grau (pois cada grau predispõe a mais, e nenhum deve ser permitido, e uma reforma geral é tanto a mais fácil quanto a absolutamente necessária); contudo, ao colocá-los na prática dos deveres religiosos, você deve levá-los por graus e não lhes exigir no início mais do que podem suportar, seja no aprendizado de doutrinas altas e espirituais demais para eles, seja em deveres que, pela qualidade ou quantidade, sejam excessivamente pesados; pois, se você uma vez voltar o coração deles contra a religião e fazê-la parecer uma escravidão e uma vida tediosa para eles, você estará tomando o caminho para endurecê-los contra ela. E, portanto, nem todas as crianças devem ser tratadas da mesma forma; assim como nem todos os estômagos devem ser forçados a comer da mesma forma. Se você forçar alguns a comer tanto a ponto de ficarem empanturrados, eles detestarão esse tipo de

comida enquanto viverem. Sei que a própria natureza, por ser corrupta, já possui uma inimizade contra a santidade, e sei que esta inimizade não deve ser tolerada de forma alguma nas crianças; mas, ao mesmo tempo, sei que representações distorcidas da religião e uma educação imprudente são o caminho para aumentá-la, e que, estando a inimizade no coração, é a mudança da mente e do amor que a supera, e não qualquer tipo de coação que não tenda a reconciliar a mente através do amor. Toda a habilidade dos pais para a educação santa de seus filhos consiste nisto: fazê-los conceber a santidade como a vida mais amável e desejável; o que se faz representando-a a eles em palavras e prática não apenas como a mais necessária, mas também como a mais proveitosa, honrosa e deleitosa. "Seus caminhos são caminhos de delícias, e todas as suas veredas são paz" (Pv 3:17).

Direção 9. Fale frequentemente com eles sobre a baixeza embrutecida e a pecaminosidade da sensualidade que busca o prazer da carne, e sobre a excelência superior dos prazeres da mente, que consistem na sabedoria e na prática do bem. Pois o seu maior cuidado deve ser salvá-los da satisfação da carne; o que não é apenas, em geral, a soma de toda a iniquidade, mas aquilo a que as crianças em especial são mais propensas. Pois a carne e os sentidos delas são tão vivos quanto os de qualquer outro; e elas carecem não apenas de fé, mas de razão clara para resistir; e assim (além de sua depravação natural) o costume de obedecer aos sentidos (que estão em plena força) sem a razão (que está na infância e é quase inútil) aumenta muito este pecado pernicioso. E, portanto, trabalhe constantemente para imprimir em suas mentes uma concepção odiosa de uma vida de prazeres carnis; fale amargamente com elas contra a glotonaria, a embriaguez e o excesso de brincadeiras; e deixe que ouçam ou leiam frequentemente a parábola do rico e

Lázaro no capítulo dezesseis de Lucas; e faça-as aprender de cor Rm 8:1, 5-9, 13; 13:13, 14, e repeti-los com frequência.

Direção 10. Para esse fim, e também para a saúde de seus corpos, mantenha uma guarda rigorosa sobre os apetites deles (os quais eles não são capazes de guardar por si mesmos): mantenha-os tão exatamente quanto puder nas regras da razão, tanto na quantidade quanto na qualidade de sua alimentação. No entanto, diga-lhes a razão de sua restrição, caso contrário eles se esforçarão secretamente ainda mais para quebrar seus limites. A maioria dos pais que conheci, ou de quem tive qualquer bom relato nesse ponto, é culpada de causar grande dano e perigo à saúde e às almas de seus filhos ao agradá-los e empanturrá-los com comida e bebida. Se eu os chamasse de demônios e assassinos de seus próprios filhos, eles pensariam que falei de forma muito dura; mas eu não gostaria que eles dessem tanto motivo para isso, ao destruir (tanto quanto neles reside) as almas e os corpos de seus filhos. Eles destroem suas almas ao acostumá-los à glotonaria e a serem governados pelos seus apetites; o que todo o ensino do mundo dificilmente superará depois, sem a graça especial de Deus. O que é todo vício e vilania no mundo senão a satisfação dos desejos da carne? E, quando estão habituados a isso, eles se enraízam em seu pecado e miséria. E destroem seus corpos ao permitir que satisfaçam seus apetites com frutas verdes e outras coisas prejudiciais; mas especialmente ao afogar e sobrecarregar a natureza com o excesso; e tudo isso é através dessa ignorância animalesca, unida à presunção, que os leva também a arruinar a si mesmos. Eles pensam que seu apetite é a medida do seu comer e beber, e que, se beberem apenas quando têm sede (como alguns bêbados fazem continuamente) e comerem apenas quando têm fome, não é excesso; e, porque não ficam doentes imediatamente ou não vomitam tudo de volta, os brutos pensam que isso não lhes faz mal, mas bem. Você os

ouvirá dizer, como loucos: "Garanto-lhes que não fará mal comer e beber quando tiverem vontade, isso os tornará fortes e saudáveis; não vejo que aqueles que fazem dieta tão rigorosa sejam mais saudáveis que os outros". Enquanto isso, o tempo todo eles estão sobrecarregando a natureza, destruindo a digestão e viciando todos os humores do corpo, transformando-os em um monte de esterco de fleuma e sujeira; que é o combustível que gera e alimenta quase todas as doenças que depois se apoderam deles enquanto vivem; e geralmente os leva a um fim prematuro (como abri mais plenamente antes, na parte 1, nas direções contra a glotonaria). Se, portanto, você ama as almas ou os corpos de seus filhos, use-os na temperança desde a infância, e não deixe que seus apetites ou vontades ansiosas, mas sua própria razão, seja o seletor e a medida de sua dieta. Acostume-os a comer moderadamente e (contanto que agrade moderadamente ao apetite deles ou não seja algo que a natureza deteste) que seja antes um tipo de dieta mais simples do que refinada; veja você mesmo a medida para eles e não permita que nenhum servo lhes dê mais, nem os deixe comer ou beber entre as refeições e fora de hora; e assim você ajudará a superar as inclinações sensuais deles e dará à razão o domínio sobre suas vidas; e você, sob Deus, fará tanto quanto qualquer outra coisa pode fazer para ajudá-los a ter um temperamento corporal saudável, o que será uma misericórdia muito grande para eles e os capacitará para o dever por toda a vida.

Direção 11. Quanto aos jogos e recreações, que sejam tais, e em tal medida, que sejam necessários para a saúde e a alegria deles; mas não tanto que desvie suas mentes de coisas melhores e os afaste de seus livros ou outros deveres, nem que os tente ao jogo de azar ou à avareza. As crianças devem ter jogos convenientes para a saúde do corpo e a vivacidade da mente; aqueles que exercitam bem seus corpos são os melhores, e não

aqueles que pouco as movimentam. Cartas e dados, e tais jogos ociosos, são em todos os sentidos os mais inadequados, pois tendem a prejudicar tanto o corpo quanto a mente. O tempo deles também deve ser limitado, para que a brincadeira não seja o seu trabalho; assim que tiverem o uso de qualquer razão e fala, devem ser ensinadas algumas coisas melhores, e não deixadas até os cinco ou seis anos de idade sem fazer nada, adquirindo o hábito de desperdiçar todo o seu tempo em brincadeiras. As crianças são capazes de aprender muito cedo algo que possa prepará-las para mais.

Direção 12. Use toda a sua sabedoria e diligência para erradicar o pecado do orgulho. E para esse fim, não faça como é comum com pais tolos: agradá-los tornando-os elegantes e, depois, dizendo-lhes quão elegantes são; mas use o costume de elogiar a humildade e a modéstia para eles, e fale de forma depreciativa sobre o orgulho e o luxo, para criar uma aversão a isso em suas mentes. Faça-os aprender textos da Escritura que falam de Deus abominando e resistindo aos soberbos, e de Seu amor e honra aos humildes. Quando virem outras crianças ricamente vestidas, fale disso para eles como sendo a vergonha delas, para que não desejem ser como elas. Fale contra a jactância e qualquer outra forma de orgulho a que estejam sujeitos; e, no entanto, dê-lhes o elogio por tudo o que for bem feito, pois isso é apenas o encorajamento devido a eles.

Direção 13. Fale a eles de forma depreciativa sobre a ostentação, a pompa e as riquezas do mundo, e sobre o pecado do egoísmo e da avareza, e vigie diligentemente contra isso e contra tudo o que os possa tentar a tal coisa. Quando virem grandes casas, comitivas e luxo, diga-lhes que essas são as iscas do diabo para seduzir pobres pecadores a amar este mundo, para que percam suas almas e o mundo por vir. Diga-lhes o quanto o céu excede tudo isso; e que os amantes do

mundo nunca entrarão lá, mas apenas os humildes, os mansos e os pobres de espírito. Conte-lhes sobre o rico glutão em Lucas 16, que se vestia de púrpura e seda e banqueteara deliciosamente todos os dias; mas quando foi para o inferno, não conseguiu uma gota de água para refrescar a língua, enquanto Lázaro estava nas alegrias do paraíso. Não faça como os ímpios, que seduzem seus filhos ao mundanismo e à avareza dando-lhes dinheiro e deixando-os apostar e jogar por dinheiro, e prometendo-lhes torná-los elegantes ou ricos, e falando com admiração de todos os que são ricos e grandes no mundo; mas diga-lhes quão mais feliz é um crente pobre e afaste tudo o que possa tentar as mentes deles à avareza. Ensine-lhes quão bom é amar seus irmãos como a si mesmos e dar a eles parte do que possuem, e elogie-os por isso; e desaprove-os quando forem gananciosos ao guardar ou acumular tudo para si mesmos: e tudo isso será pouco para curar este pecado pernicioso. Ensine-lhes textos como Sl 10:3: "Eles bendizem o avarento, a quem o Senhor abomina".

Direção 14. Vigie rigorosamente as línguas deles, especialmente contra a mentira, a ofensa, a conversa obscena e o tomar o nome de Deus em vão. E perdoe-lhes muitas faltas leves sobre assuntos comuns mais prontamente do que um único pecado desses contra Deus. Diga-lhes quão odiosos são todos esses pecados e ensine-lhes textos que os condenem expressamente; e nunca deixe passar nem trate como algo leve quando os encontrar culpados.

Direção 15. Mantenha-os tanto quanto possível longe de más companhias, especialmente de companheiros de folia ímpios. É um dos maiores perigos para a ruína das crianças no mundo; especialmente quando são enviadas para escolas comuns: pois dificilmente há alguma dessas escolas tão boa que não tenha muitas crianças rudes, ímpias e mal-educadas nela, que falarão

de forma profana e imunda, e farão de seus discursos obscenos e ofensivos um motivo de orgulho; além de brigas, jogos, deboches e negligência com as lições; e zombarão daquele que não fizer como eles, se não o baterem e abusarem dele. E há tal combustível na natureza para essas faíscas pegarem fogo que há pouquíssimas crianças que, ao ouvirem outras tomarem o nome de Deus em vão, ou cantarem canções indecentes, ou falarem palavras sujas, ou chamarem umas às outras por nomes injuriosos, não as imitem rapidamente: e, mesmo depois de você ter vigiado sobre elas em casa o mais rigorosamente possível, elas são infectadas lá fora com vícios tão animalescos que dificilmente serão curadas depois. Portanto, que aqueles que têm condições eduquem seus filhos preferencialmente em casa, ou em escolas privadas e bem ordenadas; e aqueles que não podem fazê-lo devem ser excessivamente vigilantes sobre eles e ordenar-lhes que se associem com os melhores; e falar a eles sobre o quanto essas práticas são odiosas e sobre a maldade daqueles que as usam; e falar de forma muito depreciativa sobre tais crianças ímpias: e, quando tudo estiver feito, será uma grande misericórdia de Deus se não forem arruinadas pela força do contágio, apesar de todos os seus antídotos. Aqueles que, portanto, arriscam seus filhos nas escolas e companhias mais rudes e, depois disso, os enviam a Roma e outros países profanos ou papistas para aprender as modas e costumes do mundo, sob o pretexto de que, de outro modo, ignorarão o curso do mundo e serão mal-educados, e não como outros de sua classe, podem pensar de si mesmos e de seus próprios raciocínios o que bem entenderem: de minha parte, eu preferiria fazer do meu filho um limpa-chaminés (se tivesse algum) do que ser culpado de fazer tanto para vendê-lo ou traí-lo ao diabo.

Pergunta: Mas não é lícito para um homem enviar seu filho para viajar?

Resposta: Sim, nestes casos: 1. No caso de ele ser um cristão maduro e confirmado, isto é, que não esteja em perigo de ser pervertido, mas seja capaz de resistir aos inimigos da verdade e de pregar o evangelho, ou de fazer o bem a outros; e, além disso, tenha negócios suficientes que o convidem a isso. 2. Ou se ele for em companhia de pessoas sábias e piedosas, e estas forem seus companheiros, e a probabilidade de seu ganho for maior que a de sua perda e perigo. 3. Ou se ele for apenas para países religiosos, entre homens mais sábios e instruídos do que aqueles com quem convive em casa, e tenha motivos suficientes para o seu percurso. Mas enviar pessoas jovens, inexperientes e instáveis para o meio de papistas e pessoas profanas e licenciosas (embora talvez alguma pessoa sóbria esteja em companhia delas), e isso apenas para ver os países e as modas do mundo, é uma ação que não condiz com nenhum cristão que conhece a depravação da natureza humana, a mutabilidade de mentes jovens e desguarnecidas, a sutileza dos enganadores, a contagiosidade do pecado e do erro, e o valor de uma alma; e que não queira fazer como alguns conjuradores ou bruxas, que chegam a vender uma alma ao diabo, com a condição de poder ver e conhecer as modas do mundo; as quais, infelizmente, eu posso conhecer o suficiente para entristecer meu coração, sem viajar tão longe para vê-las. Se outro país tiver mais de Cristo e estiver mais perto do céu, o convite é grande; mas se tiver mais pecado e inferno, eu preferiria conhecer o inferno, e os subúrbios dele também, pelo mapa da palavra de Deus, do que indo até lá. E, se tais crianças não voltarem como filhos confirmados do diabo, e não se tornarem a calamidade de seu país e da igreja, que agradeçam à graça especial, e não aos pais ou a si mesmos. Eles supervalorizam essa vaidade que chamam de "educação de berço", aqueles que arriscam a substância (isto é, a sabedoria celestial, a santidade e a salvação) para ir tão longe em busca de uma sombra tão vã.

Direção 16. Ensine seus filhos a conhecer a preciosidade do tempo e não permita que desperdicem uma hora sequer. Esteja sempre falando a eles sobre o quanto o tempo é algo precioso, quão curta é a vida do homem, quão grande é o seu trabalho e como nossa vida eterna de alegria ou miséria depende deste pouco tempo: fale de forma odiosa para eles sobre o pecado daqueles que brincam e desperdiçam o tempo ociosamente; e mantenha o controle de todas as horas deles e não permita que percam nenhuma por excesso de sono, ou excesso de brincadeiras, ou qualquer outro modo; mas envolva-os constantemente em algum emprego que valha o tempo deles.

Treine seus filhos em uma vida de diligência e trabalho, e não os acostume à facilidade e à ociosidade quando forem jovens. Nossos mendigos errantes, e muitos demais entre a nobreza, arruinam completamente seus filhos por este meio, especialmente o sexo feminino. Elas não são ensinadas em nenhuma profissão, nem exercitadas em qualquer emprego, exceto naqueles que servem para nada mais do que ornamento e recreação, na melhor das hipóteses; e, por isso, deveriam ter apenas horas de recreação, o que é apenas uma pequena proporção de seu tempo. De modo que, pelo pecado de seus pais, elas são cedo engajadas em uma vida de ociosidade, a qual depois é maravilhosamente difícil para elas superarem; e elas são ensinadas a viver como suínos ou vermes, que vivem apenas para viver e fazem pouco bem no mundo por estarem vivas: levantar-se, vestir-se, adornar-se, dar um passeio, e assim ir para o jantar, e de lá para as cartas ou dados, ou conversa fiada e papo furado, ou algum jogo, ou visita, ou recreação, e assim para a ceia, e para conversar novamente, e para a cama — esta é a vida lamentável de muitos demais que têm grandes obrigações para com Deus e assuntos maiores a tratar, se estivessem familiarizados com eles. E, se apenas interpuserem algumas palavras de oração hipócritas e sem vida,

pensam que passaram o dia piamente; sim, a saúde de muitos é totalmente arruinada por tal educação ociosa e carnal. De modo que a falta de uso as incapacita para qualquer movimento ou exercício considerável, o que é necessário para preservar a saúde. O coração de alguém se moveria de piedade ao ver como as casas de alguns das classes mais altas são como hospitais; e a educação tornou, especialmente, as mulheres como as coxas, ou doentes, ou acamadas; de modo que uma parte do dia que deveria ser gasta em algum emprego proveitoso é passada na cama, e o restante em fazer nada, ou pior que nada; e a maior parte de suas vidas é tornada miserável por doenças, de modo que, se suas pernas são usadas apenas para carregá-las por aí, elas ficam imediatamente sem fôlego, e são um fardo para si mesmas, e poucas delas vivem pouco mais que metade de seus dias. Enquanto que, pobres criaturas, se seus próprios pais não as tivessem traído para os pecados de Sodoma — orgulho, fartura de pão e abundância de ociosidade —, elas poderiam ter tido saúde e vivido como pessoas cristãs honestas, e suas pernas e braços poderiam ter servido para o uso, tanto quanto para a integridade e o ornamento.

Direção 17. Que a correção necessária seja usada com discrição, de acordo com as seguintes regras. 1. Que não seja tão rara (se necessária) a ponto de deixá-los sem temor e, assim, torná-la ineficaz; e que não seja tão frequente a ponto de desencorajá-los ou gerar neles um ódio pelos pais. 2. Que seja diferente de acordo com os diferentes temperamentos de seus filhos; alguns são tão ternos e timoratos, e aptos a serem desencorajados, que pouca ou nenhuma correção pode ser o melhor; e alguns são tão endurecidos e obstinados que deve ser uma correção frequente e severa que os impeça da licenciosidade e do desprezo. 3. Que seja mais por pecado contra Deus (como mentira, ofensa, fala imunda, profanidade,

etc.) do que por falhas em seus negócios mundanos. 4. Não os corrija em momentos de paixão, mas espere até que percebam que você está calmo; pois, caso contrário, eles pensarão que sua raiva, e não sua razão, é a causa. 5. Sempre mostre a eles a ternura do seu amor, e quão relutante você está em corrigi-los, se eles pudessem ser reformados de qualquer maneira mais fácil; e convença-os de que você faz isso para o bem deles. 6. Faça-os ler os textos da Escritura que condenam o pecado deles e, depois, aqueles que ordenam que você os corrija. Como, por exemplo, se a mentira for o pecado deles, leve-os primeiro a Pv 12:22: "Os lábios mentirosos são abominação ao Senhor, mas os que agem fielmente são o seu deleite". E Pv 13:5: "O justo odeia a mentira". Jo 8:44: "Vós sois do vosso pai, o diabo... quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira". Ap 22:15: "Ficarão de fora os cães... e todo aquele que ama e pratica a mentira". E, em seguida, leve-o a Pv 13:24: "O que poupa a vara odeia seu filho, mas o que o ama, cedo o disciplina". Pv 29:15: "A vara e a repreensão dão sabedoria, mas a criança entregue a si mesma envergonha a sua mãe". Pv 22:15: "A estultícia está ligada ao coração da criança, mas a vara da correção a afastará dela". Pv 23:13, 14: "Não retires a disciplina da criança; pois, se a fustigares com a vara, não morrerá. Tu a fustigarás com a vara e livrarás a sua alma do inferno". Pv 19:18: "Castiga o teu filho enquanto há esperança, e não te deixes levar pelos seus gritos". Pergunte a ele se ele gostaria que você, ao poupá-lo, desobedecesse a Deus, e o odiasse, e destruísse a alma dele. E, quando sua razão for convencida da razoabilidade de corrigi-lo, isso será muito mais bem-sucedido.

Direção 18. Deixe que o seu próprio exemplo ensine aos seus filhos aquela santidade, e mentalidade celestial, e irrepreensibilidade de língua e vida que você deseja que eles aprendam e pratiquem. O exemplo dos pais é o mais poderoso

para as crianças, tanto para o bem quanto para o mal. Se elas virem você viver no temor de Deus, isso fará muito para convencê-las de que é o curso de vida mais necessário e excelente, e que elas devem fazer o mesmo; e se virem você viver uma vida carnal, voluptuosa e ímpia, e ouvirem você amaldiçoar ou jurar, ou falar imundamente ou de forma injuriosa, isso as encorajará grandemente a imitá-lo. Mesmo que você fale muito bem a elas, elas acreditarão mais cedo em suas vidas ruins do que em suas boas palavras.

Direção 19. Escolha tal vocação e curso de vida para seus filhos que tenda mais à salvação de suas almas e à sua utilidade pública para a Igreja ou o Estado. Não escolha uma vocação que seja mais sujeita a tentações e obstáculos para a salvação deles, embora possa torná-los ricos; mas uma vocação que lhes permita algum lazer para se lembrarem das coisas de consequência eterna e oportunidades adequadas para obter o bem e fazer o bem. Se você os colocar como aprendizes ou servos, se for possível, coloque-os com homens que temem a Deus; e não com aqueles que os endurecerão em seu pecado.

Direção 20. Quando estiverem em idade de casar, e você achar necessário, procure para eles pessoas adequadas em tempo oportuno. Quando os pais esperam demais e não cumprem seus deveres nisto, seus filhos muitas vezes escolhem por si mesmos para sua própria ruína; pois escolhem não pelo julgamento, mas por afeto cego.

Tendo-lhes dito assim os deveres comuns dos pais para com seus filhos, eu deveria a seguir ter-lhes dito o que pertence especialmente a cada pai e mãe; mas, para evitar a prolixidade, desejo apenas que se lembrem especialmente destas duas direções: 1. Que a mãe, que está sempre presente com os filhos quando são pequenos, seja muito diligente em ensiná-los e

lembrá-los das coisas boas. Quando os pais estão fora, as mães têm oportunidades mais frequentes de instruí-los, e de estar sempre falando com eles sobre o que é mais necessário, e vigiando sobre eles. Este é o maior serviço que a maioria das mulheres pode prestar a Deus no mundo: muitas igrejas que foram abençoadas com um bom ministro podem agradecer à educação piedosa das mães; e muitos milhares de almas no céu podem agradecer ao cuidado e diligência santos das mães, como o primeiro meio eficaz. Mulheres boas, desta forma (pela boa educação de seus filhos), são ordinariamente grandes bênçãos tanto para a Igreja quanto para o Estado. (E assim alguns entendem 1 Tm 2:15, por "dar à luz", significando criar filhos para Deus; mas eu prefiro pensar que se refere a Maria dando à luz a Cristo, a semente prometida).

Por todos os meios, que as crianças sejam ensinadas a ler, mesmo que você seja muito pobre, e qualquer que seja o esforço que faça; ou então você as priva de uma ajuda singular para sua instrução e salvação. É uma pena extrema que uma Bíblia signifique não mais do que um pedaço de madeira para uma criatura racional, quanto a eles mesmos a lerem; e que tantos livros excelentes como existem no mundo sejam como algo selado ou insignificante para eles.

Mas, se Deus lhe negar filhos e lhe poupar de todo esse cuidado e trabalho, não se queixe, mas seja grato, acreditando que é o melhor para você. Lembre-se de quanta obrigação, e dores, e mágoa de coração Ele o livrou, e quão poucos prosperam bem, mesmo quando os pais fizeram o seu melhor: que vida de miséria as crianças devem passar aqui, e quão triste o medo do pecado e da condenação delas teria sido para você.

CAPÍTULO II

OS DEVERES ESPECIAIS DOS FILHOS PARA COM SEUS PAIS

Embora os preceitos para crianças não tenham tanta força quanto para os de idade mais madura, devido à incapacidade natural e às paixões e prazeres infantis que sobrepõem seu fraco grau de razão, ainda assim algo deve ser dito a elas, porque a medida de razão que possuem deve ser exercitada e, pelo exercício, aprimorada; e porque mesmo aqueles de anos mais maduros, enquanto tiverem pais, devem conhecer e cumprir seu dever para com eles; e porque Deus costuma abençoar até mesmo as crianças conforme elas cumprem seus deveres.

Direção 1. Certifique-se de amar ternamente seus pais; tenha prazer na companhia deles; não seja como aquelas crianças não naturais, que amam mais a companhia de seus companheiros de brincadeiras ociosas do que a de seus pais, e preferem estar fora em seus esportes do que à vista de seus pais. Lembre-se de que você recebeu seu ser por meio deles e saiu de seus lombos; lembre-se de quanta tristeza você lhes custou e de quanto cuidado eles têm com sua educação e provisão; e lembre-se de quão ternamente eles o amaram, e que tristeza será para os corações deles se você se perder, e quanto a sua felicidade os alegrará; lembre-se de que amor você lhes deve tanto por natureza quanto por justiça, por todo o amor deles por você e por tudo o que fizeram por você: eles consideram a sua felicidade ou miséria como uma das maiores partes da felicidade ou miséria de suas próprias vidas. Não os prive, então, da felicidade deles, privando-se da sua própria; não torne a vida deles miserável, arruinando a si mesmo. Embora eles o repreendam, o restrinjam e o corrijam, não diminua por

isso o seu amor por eles. Pois este é o dever deles, que Deus exige, e eles o fazem para o seu bem. É sinal de uma criança perversa aquela que ama menos seus pais porque eles a corrigem e não a deixam fazer a própria vontade. Sim, embora seus pais tenham muitas falhas, você ainda deve amá-los como seus pais.

Direção 2. Honre seus pais tanto em seus pensamentos quanto em suas falas e comportamento. Não pense neles de forma desonrosa ou desdenhosa em seus corações. Não fale de forma desonrosa, rude, irreverente ou atrevida, nem com eles, nem sobre eles. Não se comporte de maneira rude e irreverente diante deles. Sim, por mais pobres que seus pais sejam no mundo, ou fracos de entendimento, sim, mesmo que sejam ímpios, você deve honrá-los apesar de tudo isso; embora não possa honrá-los como ricos, sábios ou piedosos, você deve honrá-los como seus pais. Lembre-se de que o quinto mandamento tem uma promessa especial de bênção temporal: "Honra a teu pai e a tua mãe para que se prolonguem os teus dias na terra", etc. E, conseqüentemente, os que desonram os pais têm uma maldição especial mesmo nesta vida: e a justiça de Deus é ordinariamente vista na execução dela; os que desprezam e desonram seus pais raramente prosperam no mundo. Há cinco tipos de pecadores que Deus costuma alcançar com vingança ainda nesta vida: 1. Pessoas perjuradas e falsas testemunhas. 2. Assassinos. 3. Perseguidores. 4. Pessoas sacrílegas. E, 5. Os que maltratam e desonram seus pais. Lembre-se da maldição sobre Cam (Gn 9:22, 25). É algo terrível ver e ouvir como algumas crianças ímpias e mal-educadas falam de forma desdenhosa e rude com seus pais, e discutem e contendem com eles, e os contradizem, e falam com eles como se fossem seus iguais (e geralmente a culpa é dos próprios pais que os criam assim); e, por fim, chegam a maltratá-los e vilipendia-los. Leia Pv 30:17: "Os olhos de quem

zomba do pai, e de quem desdenha a obediência à mãe, os corvos do vale os arrancarão e os filhotes da águia os comerão".

Direção 3. Obedeça a seus pais em todas as coisas (que Deus não proíba). Lembre-se de que, assim como a natureza o tornou inapto para governar a si mesmo, Deus, na natureza, misericordiosamente providenciou governadores para você. Aqui, direi primeiro o que é a obediência e, depois, direi por que você deve ser assim obediente.

I. Obedecer a seus pais é fazer o que eles lhe ordenam e abster-se do que eles lhe proíbem, porque é a vontade deles que você faça assim. Você deve: 1. Ter em sua mente o desejo de agradá-los, alegrar-se quando puder agradá-los e entristecer-se quando os ofender; e então, 2. Não deve colocar sua inteligência ou sua vontade contra a deles, mas obedecer prontamente aos seus comandos, sem má vontade, murmuração ou disputa: embora você pense que seu próprio caminho é melhor e seus próprios desejos sejam razoáveis, sua própria inteligência e vontade devem ser submetidas às deles, senão como você os obedece?

II. Quanto aos motivos de sua obediência: 1. Considere que é a vontade de Deus que seja assim, e Ele os designou como Seus oficiais para governá-lo; e, ao desobedecê-los, você desobedece a Ele. Leia Ef 6:1-3: "Filhos, obedecerei a vossos pais no Senhor; pois isto é justo. Honra a teu pai e a tua mãe (que é o primeiro mandamento com promessa), para que te vá bem, e vivas muito tempo sobre a terra". Cl 3:20: "Filhos, obedecerei em tudo a vossos pais, porque isto é agradável ao Senhor". Pv 23:22: "Ouve a teu pai, que te gerou, e não desprezes a tua mãe, quando vier a envelhecer". Pv 13:1: "O filho sábio ouve a instrução do pai". Pv 1:8, 9: "Filho meu,

ouve a instrução de teu pai, e não deixes o ensino de tua mãe; porque serão como diadema de graça na tua cabeça e colares no teu pescoço". 2. Considere também que o governo de seus pais é necessário para o seu próprio bem; e é um governo de amor: assim como seus corpos teriam perecido se seus pais ou outros não tivessem cuidado de você quando não podia se ajudar; assim suas mentes seriam ignorantes e sem instrução, semelhantes aos brutos, se não tivesse outros para ensiná-lo e governá-lo. A natureza ensina os pintinhos a seguirem a galinha, e todas as coisas, quando jovens, a serem conduzidas e guiadas por suas mães; senão, o que seria delas? 3. Considere também que eles devem prestar contas a Deus por você; e, se o deixarem entregue a si mesmo, isso pode ser a destruição deles tanto quanto a sua, como o triste exemplo de Eli lhe diz. Não se rebele, portanto, contra aqueles que Deus, pela natureza e pela Escritura, colocou sobre você; embora o quinto mandamento exija obediência a príncipes, mestres, pastores e outros superiores, ele menciona apenas seu pai e sua mãe, porque eles são os primeiros de todos os seus governadores, aos quais você está mais obrigado pela natureza.

Mas talvez você diga que, embora as criancinhas devam ser governadas por seus pais, você já cresceu para uma idade mais madura e é sábio o suficiente para governar a si mesmo. Eu respondo: Deus não pensa assim; caso contrário, Ele não teria colocado governadores sobre você. E você é mais sábio que Ele? São poucos no mundo os que são sábios o suficiente para governar a si mesmos; senão Deus não teria colocado príncipes, magistrados, pastores e mestres sobre eles, como fez. Os servos da família são tão velhos quanto você e, no entanto, são inaptos para serem governantes de si mesmos. Deus o ama mais do que para deixá-lo sem mestre, sabendo que a juventude é precipitada e inexperiente.

Pergunta: Mas por quanto tempo os filhos estão sob o comando e governo de seus pais?

Resposta: Há vários atos e graus do governo dos pais, de acordo com seus diversos fins e usos. Alguns atos de seu governo são apenas para ensiná-lo a andar e falar; alguns para ensiná-lo seu trabalho e vocação; alguns para ensiná-lo as boas maneiras e o temor de Deus, ou o conhecimento das Escrituras; e alguns para estabelecê-lo em um curso de vida no qual você não precise mais da supervisão direta deles. Quando qualquer um desses fins é plenamente alcançado, e você tem tudo o que o governo de seus pais pode lhe proporcionar, então você passou dessa parte do governo deles. Mas você ainda lhes deve não apenas amor, honra e reverência, mas também obediência em todas as coisas em que eles ainda são designados para sua ajuda e orientação: mesmo quando você se casa e sai de casa, embora tenha a propriedade sobre seus próprios bens e eles não tenham uma responsabilidade tão estrita sobre você como antes, se eles lhe ordenarem seu dever para com Deus ou para com eles, você ainda é obrigado a obedecê-los.

Direção 4. Esteja contente com a provisão que seus pais lhe dão e com a forma como eles dispõem de você. Não murmure rebeldemente contra eles, nem se queixe do tratamento que recebe; muito menos tome qualquer coisa contra a vontade deles. É papel de um rebelde carnal, e não de um filho obediente, estar descontente e murmurar porque não come melhor, ou porque é privado de esportes e brincadeiras, ou porque não tem roupas melhores, ou porque não lhe é permitido dinheiro para gastar ou usar a seu próprio critério. Você não está sob governo? E o governo de pais, e não de inimigos? Suas luxúrias e prazeres são mais aptos para governá-lo do que o critério de seus pais? Seja grato pelo que você tem e lembre-se de que não o merece, mas o recebe

gratuitamente: é o seu orgulho ou sua sensualidade carnal que o faz murmurar assim, e não qualquer sabedoria ou virtude que esteja em você. Abata esse orgulho e essa mente carnal, e então você não será tão ávido por fazer as suas vontades. E se seus pais lidarem de forma muito dura com você, na comida, nas vestes ou nas despesas? Que mal isso lhe faz? Nada além de uma mente egoísta e sensual faria disso um grande problema. É cem vezes mais perigoso para suas almas e corpos serem criados com muito luxo e alimentados de forma excessiva e mimada do que serem criados com simplicidade e alimentados com dureza. Um tende ao orgulho, à glotonaria, à lascívia e à ruína da saúde e da vida; e o outro tende a uma vida humilde, mortificada e de renúncia, e à saúde e robustez do corpo. Lembre-se de como a terra se abriu e engoliu todos aqueles murmuradores rebeldes que reclamaram contra Moisés e Arão (Nm 16); leia isso e aplique ao seu caso; e lembre-se da história do rebelde Absalão e da tolice do pródigo (Lc 15); e não deseje estar sob o seu próprio comando, nem seja ávido para ter o desejo vão de seus corações realizado. Enquanto você se submete contente aos seus pais, você está no caminho de Deus e pode esperar a bênção Dele; mas quando você insiste em ser o senhor de si mesmo, pode esperar a punição dos rebeldes.

Direção 5. Humilhem-se e submetam-se a qualquer trabalho que seus pais lhes designarem. Tomem cuidado, como vocês amam suas almas, para que nem um coração orgulhoso os faça murmurar e dizer: "Este trabalho é um serviço muito baixo e vil para mim"; nem que uma mente e um corpo preguiçosos os façam dizer: "Este trabalho é muito difícil e cansativo para mim"; nem que uma mente tola e brincalhona os canse do livro ou do trabalho, para que possam estar em seus esportes, e digam: "Isto é muito tedioso para mim". É pouco ou nenhum dano que lhes possa acontecer pelo seu trabalho e diligência;

mas é uma coisa perigosa adquirir um hábito ou costume de ociosidade e busca de prazeres na juventude.

Direção 6. Estejam dispostos e sejam gratos por serem instruídos por seus pais, ou por qualquer um de seus professores, mas especialmente sobre o temor de Deus e as questões de sua salvação. Estas são as matérias para as quais vocês nasceram e vivem; estas são as coisas que seus pais têm o encargo primordial de lhes ensinar. Sem conhecimento e santidade, todas as riquezas e honras do mundo não valem nada; e todos os seus prazeres apenas os arruinarão. Oh, que consolo é para pais sensatos ver seus filhos dispostos a aprender, a amar a palavra de Deus, a guardá-la em seus corações, a falar dela, a obedecê-la e a se prepararem a tempo para a vida eterna! Se tais filhos morrem antes de seus pais, quão alegremente eles podem se despedir deles como se fossem para os braços de Cristo, que disse: "Porque dos tais é o reino dos céus" (Mt 19:14). E se os pais morrerem primeiro, quão alegremente podem deixar para trás uma descendência santa, que provavelmente servirá a Deus em sua geração, e os seguirá para o céu, e viverá com eles para sempre. Mas, vivam ou morram, que mágoa para os pais são os filhos ímpios, que não amam a palavra e o caminho de Deus, e não gostam de ser ensinados ou restringidos de seus próprios cursos licenciosos.

Direção 7. Submetam-se pacientemente à correção que seus pais lhes impuserem. Considerem que Deus lhes ordenou fazer isso, e isso para salvar suas almas do inferno; e que eles os odeiam se não os corrigirem quando houver causa; e que não devem poupar por causa do seu choro (Pv 13:24; 22:15; 29:15; 23:13, 14; 19:18). Não é o prazer deles, mas para a sua própria necessidade. Evite a falta e poderá escapar da correção. Quanto mais seus pais prefeririam vê-los obedientes do que ouvi-los chorar! A culpa não é deles, mas de vocês mesmos, que são

corrigidos. Irritem-se com vocês mesmos, e não com eles. É uma criança perversa aquela que, em vez de melhorar com a correção, odeia seus pais por causa dela e, assim, piora. A correção é um meio por designação de Deus; e, portanto, vão a Deus de joelhos em oração e implorem a Ele que a abençoe e a santifique para vocês, para que lhes faça bem.

Direção 8. Não escolham suas próprias companhias, mas usem as companhias que seus pais lhes designarem. Más companhias são a primeira ruína de uma criança no mundo. Quando, por amor ao esporte, vocês escolhem companheiros de brincadeiras que são ociosos, licenciosos e desobedientes, e que os ensinarão a amaldiçoar, jurar, mentir e falar imundamente, e os afastarão de seu livro ou dever, este é o caminho principal do diabo para o inferno. Seus pais são os mais aptos para escolher suas companhias.

Direção 9. Não escolha sua própria vocação ou profissão de vida sem a escolha ou o consentimento de seus pais. Você pode dizer a eles a que está mais inclinado, mas pertence mais a eles do que a você fazer a escolha; e é sua parte alinhar sua vontade à deles. A menos que seus pais escolham uma vocação para você que seja ilícita; e então você pode (com submissão humilde) recusá-la. Mas se for apenas inconveniente, você terá liberdade depois para mudá-la por uma melhor, se puder, quando não estiver mais sob a disposição e governo deles.

Direção 10. Não se casem sem o consentimento de seus pais. Aliás, se possível, que a escolha deles determine primeiro a pessoa, e não a sua própria: a juventude inexperiente escolhe pela fantasia e paixão, enquanto seus pais experientes escolherão pelo julgamento. Mas se eles tentarem forçá-los a se unirem a pessoas ímpias, que provavelmente tornarão suas vidas pecaminosas ou miseráveis, vocês podem humildemente

recusá-los. No entanto, devem permanecer solteiros enquanto, pelo uso dos meios corretos, puderem viver em castidade, até que seus pais mudem de ideia. Mas se, de fato, vocês tiverem uma necessidade absoluta de se casar, e seus pais não consentirem com ninguém a não ser com alguém de uma religião falsa, ou alguém que seja totalmente inadequado para vocês, em tal caso eles perdem sua autoridade nesse ponto, que lhes é dada para sua edificação, e não para sua destruição; e então vocês devem se aconselhar com outros amigos que sejam mais sábios e fiéis: mas se vocês permitirem que seus afetos tolos contradigam a vontade de seus pais e alegarem uma necessidade (de que não podem mudar seus afetos), como se sua tolice fosse incurável; isso nada mais é do que entrar pecaminosamente nesse estado de vida, que deveria ter sido santificado a Deus, para que Ele pudesse abençoá-lo para vocês.

Direção 11. Se seus pais estiverem em necessidade, é seu dever socorrê-los de acordo com sua capacidade; sim, e mantê-los totalmente, se houver necessidade. Pois não é possível, por tudo o que você possa fazer, que jamais esteja em termos de igualdade com eles, ou que jamais os recompense pelo que recebeu deles. É uma desumanidade vil, quando os pais chegam à pobreza, os filhos os despacharem com uma pequena mesada e os fazerem viver quase como seus servos, enquanto vocês têm riquezas e fartura para si mesmos. Seus pais ainda devem ser mantidos por você como seus superiores, e não como inferiores. Veja que eles vivam tão bem quanto vocês; sim, mesmo que não tenha obtido suas riquezas por meio deles, ainda assim, pelo seu próprio ser, você é devedor a eles por mais do que isso.

Direção 12. Imite seus pais em tudo o que for bom, tanto quando estiverem vivos quanto quando estiverem mortos. Se

eles foram amantes de Deus, de Sua palavra e serviço, e daqueles que O temem, que o exemplo deles o provoque, e que o amor que você tem por eles o engaje nesta imitação. Um filho perverso de pais piedosos é uma das criaturas mais miseráveis do mundo. Com que horror eu olho para tal pessoa! Quão perto está tal miserável do inferno! Quando pai ou mãe foram eminentes em piedade, e diariamente os instruíram nos assuntos de sua salvação, e oraram com eles, e os alertaram, e oraram por eles, e depois de tudo isso os filhos se tornarem avarentos ou bêbados, ou libertinos, ou profanos, e inimigos dos servos de Deus, e zombarem ou negligenciarem o caminho de seus pais religiosos, isso faria alguém tremer ao olhar no rosto de tais miseráveis. Pois, embora ainda haja alguma esperança para eles, infelizmente ela é tão pouca que eles estão quase desesperados; quando estão endurecidos sob os meios mais excelentes, e a luz os cegou, e seu conhecimento dos caminhos de Deus apenas tornou seus corações mais contrários a eles, que meios restam para fazer o bem a tais resistentes da graça de Deus como estes? O mais provável é algum julgamento pesado e terrível. Oh, que dia lamentável será para eles quando todas as orações, lágrimas, ensinamentos e bons exemplos de seus pais religiosos testemunharem contra eles! Como eles serão confundidos diante do Senhor! E que pensamento triste é para o coração de pais santos e diligentes pensar que todas as suas orações e esforços devem testemunhar contra seus filhos sem graça e afundá-los mais profundamente no inferno! E, no entanto, infelizmente, quantos desses espetáculos lamentáveis existem diante de nossos olhos! E quão profundamente sofre a Igreja de Deus pela malícia e maldade dos filhos daqueles pais que lhes ensinaram melhor e caminharam diante deles em uma vida santa e exemplar! Mas se os pais forem ignorantes, supersticiosos, idólatras, papistas ou profanos, seus filhos são suficientemente apressados em imitá-los. Então eles podem dizer: "Nossos antepassados eram

desta opinião, e esperamos que eles estejam salvos; e preferimos imitá-los do que a tais reformadores inovadores como vocês". Como disseram a Jeremias: "Quanto à palavra que nos anunciaste em nome do Senhor, não te ouviremos. Mas... queimaremos incenso à Rainha do Céu... como nós e nossos pais, nossos reis e nossos príncipes temos feito nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém; porque então tínhamos fartura de comida, e estávamos bem, e não vimos mal algum: mas desde que deixamos de queimar incenso à Rainha do Céu... temos tido falta de tudo e temos sido consumidos pela espada e pela fome" (Jr 44:16-18). Assim, eles caminham "segundo a imaginação de seus corações, e após os Baalins (o culto falso) que seus pais lhes ensinaram" (Jr 9:14). "E esquecem o nome de Deus como seus pais o esqueceram" (Jr 23:27). "Eles e seus pais transgrediram até o dia de hoje" (Ez 2:3). Sim, "Eles endurecem a sua cerviz, e fazem pior do que seus pais" (Jr 7:26). Assim, no erro e no pecado, eles podem imitar seus antepassados, quando deveriam antes lembrar que custou a Cristo o Seu sangue "para resgatar os homens de sua vã conversa recebida por tradição de seus pais" (1 Pe 1:18, 19). E eles deveriam confessar penitentemente, como em Dn 9:8: "Ó Senhor, a nós pertence a confusão de rosto, aos nossos reis, aos nossos príncipes e aos nossos pais, porque pecamos contra ti", e no versículo 16. E como no Sl 106:6: "Pecamos com nossos pais", etc. Diz Deus em Jr 16:11-13: "Eis que vossos pais me deixaram... e não guardaram a minha lei; e vós fizestes pior do que vossos pais: portanto, vos lançarei fora", etc. Jr 44:9, 10: "Esquecesteis já as maldades de vossos pais, e as maldades dos reis de Judá, e as vossas próprias maldades? Não se humilharam até o dia de hoje". Veja o versículo 21. Zc 1:4: "Não sejais como vossos pais, aos quais clamavam os primeiros profetas, dizendo: Convertei-vos agora de vossos maus caminhos, mas eles não ouviram". Ml 3:7: "Desde os dias de vossos pais vos desviastes dos meus estatutos, e não os

guardastes. Voltai para mim, e eu voltarei para vós". Ez 20:18: "Não andeis nos estatutos de vossos pais". Assim também nos versículos 27, 30, 36. Não siga seus pais em seu pecado e erro, mas siga-os onde eles seguem a Cristo (1 Co 11:1).

CAPÍTULO 12

OS DEVERES ESPECIAIS DAS CRIANÇAS E JOVENS PARA COM DEUS

Embora eu coloque o seu dever para com seus pais em primeiro lugar, porque é o primeiro a ser aprendido, contudo seu dever para com Deus imediatamente é seu maior e mais necessário dever. Aprenda bem os seguintes preceitos.

Direção 1. Aprenda a entender a aliança e o voto que em seu batismo você fez com Deus o Pai, o Filho e o Espírito Santo, seu Criador, Redentor e Regenerador: e quando você o entender bem, renove essa aliança com Deus em sua própria pessoa, e entregue-se absolutamente a Deus, como seu Criador, Redentor e Santificador, seu Proprietário, seu Governador e seu Pai e felicidade. O batismo não é uma cerimônia ociosa, mas o ingresso solene na aliança com Deus, na qual você recebe as maiores misericórdias e se vincula aos maiores deveres. É apenas o ingresso naquele caminho no qual você deve caminhar por toda a sua vida, e o ato de declarar a Deus aquilo que você deve estar sempre cumprindo. E embora seus pais tivessem autoridade para prometer por você, é você quem deve cumprir; pois foi você quem eles obrigaram. Se perguntar por que autoridade eles o obrigaram em aliança com Deus, eu respondo: pela autoridade que Deus lhes deu na natureza e na Escritura; assim como eles o obrigam a ser súdito do rei, ou como inserem seus nomes em qualquer aliança, por arrendamento ou outro contrato, que seja para seu benefício; e eles o fazem para o bem, para que você possa ter parte nas bênçãos da aliança; e se você se queixar disso e recusar seu próprio consentimento quando chegar à maioridade, você perde os benefícios. Se você acha que eles lhe fizeram mal, pode sair da aliança quando quiser, se quiser renunciar ao reino dos céus.

Mas é muito mais sábio ser grato a Deus por seus pais terem sido o meio de uma bênção tão grande para você, e fazer novamente, de forma mais expressa por si mesmo, o que eles fizeram por você; e assumir abertamente com gratidão a aliança na qual está engajado, e viver no cumprimento e nos consolos dela todos os seus dias.

Direção 2. Lembre-se de que você está entrando no caminho para a vida eterna, e não em um lugar de felicidade ou permanência. Presentemente, portanto, coloque seu coração no céu e faça disso o projeto de toda a sua vida: viver no céu com Cristo para sempre. Ó feliz de você, se Deus a tempo o ensinar completamente a saber o que é que deve fazê-lo feliz; e se em sua primeira partida, seu objetivo for correto e seu rosto estiver voltado para o céu! Lembre-se de que, assim que começa a viver, você está se apressando para o fim de sua vida: assim como uma vela, assim que começa a queimar, e a ampulheta, assim que é virada, está se gastando e se apressando para o seu fim; assim, assim que você começa a viver, sua vida está em consumo e correndo para sua hora final. Como um corredor, assim que inicia sua corrida, está se apressando para o fim dela; assim é a sua vida, mesmo em sua juventude. É outro tipo de vida que você deve viver para sempre, e não esta vida carnal, insignificante e lastimável. Prepare-se, portanto, rapidamente para aquilo que Deus o enviou aqui para se preparar. Ó feliz de você, se começar cedo e seguir com resolução alegre até o fim! É uma sabedoria abençoada ser sábio a tempo, e conhecer o valor do tempo na infância, antes que qualquer parte dele seja desperdiçada e perdida nas bobagens do mundo. Então você poderá tornar-se sábio de fato, e estará entesourando entendimento e crescendo em um doce conhecimento com o Senhor, enquanto outros estão retrocedendo e diariamente criando trabalho para um arrependimento triste ou para o desespero final. Ec 12:1: "Lembra-te do teu Criador nos dias da

tua mocidade, antes que venham os maus dias, e cheguem os anos em que dirás (de todas as coisas aqui de baixo): Não tenho neles prazer".

Direção 3. Lembre-se de que vocês têm naturezas corrompidas para serem curadas, e que Cristo é o Médico que deve curá-las; e o Espírito de Cristo deve habitar em vocês e torná-los santos, e dar-lhes um novo coração e natureza, que amará a Deus e ao céu acima de toda a honra e prazeres do mundo: não descanse, portanto, até descobrir que nasceu de novo, e que o Espírito Santo o tornou santo e vivificou seu coração com o amor de Deus e de seu querido Redentor. A velha natureza ama as coisas deste mundo e os prazeres desta carne; mas a nova natureza ama o Senhor que o criou, o remiu e o renovou, e as alegrias infinitas do mundo por vir, e aquela vida santa que é o caminho para lá.

Direção 4. Cuidem-se para não amar os prazeres da carne, no comer ou beber excessivo, ou no brincar. Não coloquem seus corações em seu ventre ou em seu esporte; que sua comida, sono e brincadeiras sejam moderados. Não se envolvam com cartas ou dados, ou quaisquer esportes viciantes ou desregrados: não joguem por dinheiro, para que isso não desperte desejos gananciosos e os tente a serem excessivamente ávidos nisso, e a mentir, discutir e brigar com outros. Não usem nem alimentos nem esportes que não sejam para sua saúde; um apetite voraz seduz as crianças a devorar frutas verdes e a roubar os pomares de seus vizinhos, e de uma só vez arruinar tanto a alma quanto o corpo. E um amor excessivo pelo brincar faz com que elas corram entre maus companheiros, percam seu tempo e destruam o amor pelos seus livros, por seu dever e pelos seus próprios pais, e por tudo o que é bom. Você deve comer, dormir e brincar para a saúde, e não para o prazer inútil e prejudicial.

Direção 5. Submetam suas próprias vontades e desejos à vontade de Deus e de seus superiores, e não busquem ansiosamente qualquer coisa que Deus ou seus pais lhes neguem. Não sejam como aquelas crianças carnavais e obstinadas, que são importunas por qualquer coisa que sua fantasia ou apetite deseje, e choram ou ficam descontentes se não a têm. Não diga "eu preciso ter isto ou aquilo", mas esteja contente com qualquer coisa que seja a vontade de Deus e de seus superiores. É a maior miséria e perigo no mundo ter todas as suas próprias vontades e ser entregue ao desejo do seu coração.

Direção 6. Cuidado com o costume de palavras tolas, sujas, ofensivas, mentiras ou quaisquer outras palavras pecaminosas. Você acha que é um assunto pequeno, mas Deus não pensa assim; não é motivo de piada pecar contra o Deus que o criou: são os tolos que fazem esporte com o pecado (Pv 14:9; 10:23; 26:19). Uma mentira, uma maldição, um juramento, uma palavra obscena, ofensiva ou escarnecedora, é pior do que toda a dor que sua carne já suportou.

Direção 7. Cuidado com tais companhias e colegas de brincadeiras que o seduziriam e tentariam a qualquer um desses pecados, e escolha companhias que o ajudem no temor de Deus. E se outros zombarem de você, não se importe mais com isso do que com o balançar de uma folha ou o latido de um cão. Cuidado com companhias devassas e perversas, se você se importa com a salvação de sua alma. Se você os ouvir ofender, mentir, jurar ou falar imundamente, não se envergonhe de dizer a eles que Deus o proíbe de manter companhia com pessoas como eles (Sl 119:63; Pv 13:20; 18:7; 1 Co 5:12; Ef 5:11).

Direção 8. Cuidado com o orgulho e a avareza. Não deseje ser elegante, nem ter tudo para si; mas seja humilde e manso, e

amem-se uns aos outros, e fiquem tão contentes que os outros sejam satisfeitos quanto vocês mesmos.

Direção 9. Amem a palavra de Deus e todos os bons livros que os tornariam mais sábios e melhores; e não leiam livros de entretenimento fútil, nem livros de contos, nem livros de romances, nem quaisquer histórias ociosas. Quando crianças ociosas estiverem em brincadeiras e tolices, que seja o seu prazer ler e aprender os mistérios da sua salvação.

Direção 10. Lembrem-se de santificar o dia do Senhor. Não gastem nada dele em brincadeiras ou ociosidade: reverenciem os ministros de Cristo e prestem atenção ao que eles lhes ensinam, e lembrem-se de que é uma mensagem de Deus sobre a salvação de suas almas. Peçam aos seus pais, quando chegarem em casa, para ajudarem seus entendimentos e memórias em qualquer coisa que não entenderam ou esqueceram. Amem todos os exercícios sagrados do dia do Senhor, e que eles sejam mais agradáveis para vocês do que sua comida ou brincadeira.

Direção 11. Sejam tão cuidadosos em praticar tudo quanto em ouvir e ler. Lembrem-se de que tudo é apenas para torná-los santos, para amar a Deus e obedecê-Lo: cuidado para não pecar contra o seu conhecimento e contra os avisos que lhes são dados.

Direção 12. Quando crescerem, pela orientação de seus pais, escolham tal profissão ou vocação que lhes permita as maiores ajudas para o céu e tenha os menores obstáculos, e na qual vocês possam ser mais úteis a Deus antes de morrerem. Se vocês apenas praticarem estas poucas direções (que seus próprios corações devem dizer que não têm mal nenhum em nenhuma delas), que pessoas felizes vocês serão para sempre!

CAPÍTULO 13

OS DEVERES DOS SERVOS PARA COM SEUS SENHORES

Se os servos desejam ter vidas confortáveis, devem aprovar a si mesmos e ao seu serviço diante de Deus, pois é dele que devem receber seus consolos; o que pode ser feito seguindo estas direções.

Direção 1. Reverencie a providência de Deus que o chama para a vida de servo, e não murmure contra o seu trabalho ou sua condição inferior; mas conheça as suas misericórdias e seja grato por elas. Embora talvez você tenha mais trabalho que seus senhores, não tem, contudo, menos preocupações que eles? A maioria dos servos poderia ter vidas mais tranquilas, se não fosse por seus corações ingratos e descontentes. Você não é perturbado com a preocupação de providenciar o aluguel do proprietário, ou comida, bebida e salários para os servos, nem com as necessidades e desejos de esposas e filhos, nem com as falhas e malvadezas daqueles que você deve usar ou confiar; nem com as perdas e adversidades a que seus senhores estão sujeitos. Seja grato a Deus, que, por um pouco de trabalho físico, o livra do fardo de todas essas preocupações.

Direção 2. Aceite sua condição como tendo sido escolhida para você por Deus, e considere-se como servo Dele, e seu trabalho como sendo Dele, e faça tudo como ao Senhor, e não apenas para o homem; e espere de Deus sua recompensa principal. Caso contrário, você não passará de um servo que age apenas para ser visto e um hipócrita, se o temor de Deus não governar sua consciência; e se você fosse o melhor servo do mundo para seus senhores, mas não fizesse tudo em obediência a Deus, seria apenas um serviço baixo e não lucrativo; se você acredita

que existe uma distância infinita entre Deus e o homem, pode conceber que diferença há entre servir a Deus e ao homem: seu salário é toda a sua recompensa vinda do homem, mas a vida eterna é a recompensa de Deus; e pelo mesmíssimo trabalho e esforço pelo qual um homem recebe apenas o salário anual, outro recebe a vida eterna (embora não por mérito, mas pela generosidade de nosso Senhor) (Rm 6:23); porque ele o faz em amor e obediência àquele Deus que prometeu esta recompensa. "Vós, servos, obedeci em tudo a vossos senhores segundo a carne, não servindo apenas sob vigia, como para agradar a homens, mas em singeleza de coração, temendo a Deus. E tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como ao Senhor e não aos homens, sabendo que recebereis do Senhor a recompensa da herança, porque a Cristo, o Senhor, servis. Mas quem fizer agravo receberá o agravo que fizer; e não há acepção de pessoas" (Cl 3:22-25). O mesmo está em Ef 6:5-8. Tanto Deus respeita o coração que a mesmíssima ação tem sucessos e recompensas tão diferentes conforme é feita para fins diferentes e a partir de princípios diferentes: seu serviço mais humilde pode ser assim santificado e aceitável a Deus.

Direção 3. Seja consciencioso e fiel ao realizar todo o trabalho e dever de um servo. Não negligencie os negócios que lhe competem, nem os faça com preguiça, engano ou pela metade. Assim como é roubo ou engano para um homem no mercado vender a outro a totalidade de sua mercadoria e, após terminar, reter e defraudá-lo de uma parte; o mesmo ocorre com um servo que vende seu tempo e trabalho a outro, ao defraudá-lo de parte daquele tempo e serviço que lhe vendeu. Não pense, portanto, que não é pecado desperdiçar uma hora que não é sua, ou fazer porcamente o trabalho que você se comprometeu a realizar. A preguiça e a falta de consciência tornam os servos enganadores: tais pessoas não se importam como fazem seu trabalho, desde que consigam fazer seus senhores acreditarem

que foi bem feito: são hipócritas em seu serviço, pois têm mais cuidado em parecer servos zelosos e confiáveis do que em sê-lo de fato; e em esconder suas falhas e preguiça do que em evitá-las; como se fosse tão fácil escondê-las também de Deus, que resolveu punir todo o mal que fazem aos seus senhores (Cl 3:25). Se conseguem apenas vadiar e descansar, e seus senhores não o sabem, nunca se perturbam com isso como um pecado contra Deus: a preguiça e a mentalidade carnal os cegam de tal modo que pensam não ser pecado descansar tanto quanto podem, desde que mantenham uma aparência justa e suave perante seus senhores, e façam seus negócios de qualquer jeito, contanto que "quebre o galho": enquanto que, se seus senhores retivessem qualquer parte de seus salários, ou lhes impusessem mais trabalho do que o adequado, seriam facilmente convencidos de que isso seria um pecado. Se o seu trabalho for tal que prejudique sua saúde (como por umidade ou frio, etc.), você pode prever isso e evitá-lo em sua escolha de lugares: mas se for apenas do trabalho em si que você se queixa, isso é sinal de uma pessoa carnal e infiel; desde que não seja excessivo a ponto de prejudicar sua saúde, nem fira suas almas, negando-lhe lazer para o seu dever para com Deus. O próprio Senhor ordena que você seja obediente em singeleza de coração, como a Cristo, não apenas quando vigiado; e tudo o que fizer, que o faça de coração, sabendo que qualquer coisa boa que cada um fizer, isso receberá do Senhor (Ef 6:5, 6, 8; Cl 3:23).

Direção 4. Seja mais cuidadoso com o seu dever para com os seus senhores do que com o dever ou comportamento deles para com você. Seja muito mais cuidadoso sobre o que fazer do que sobre o que receber; e em ser um bom servo do que em ser tratado como um bom servo. Não que você não possa modestamente esperar o que lhe é devido e ser tratado como os servos devem ser tratados; mas o seu dever deve ser muito

mais considerado; pois se o seu senhor o prejudicar, esse é o pecado dele, e não o seu: Deus não se ofenderá com você pelas falhas de outro, mas pelas suas próprias; não por ser injustiçado, mas por praticar a injustiça: e é melhor sofrer a maior injustiça do que ofender a Deus cometendo o menor pecado.

Direção 5. Seja íntegro e fiel em tudo o que for confiado ao seu encargo: não disponha de nada que pertença ao seu senhor sem o consentimento dele; embora você possa pensar que é algo muito razoável ou bem intencionado, lembre-se de que nada disso é seu: se você quiser socorrer os pobres, ou agradar um colega de serviço, ou fazer um favor a um vizinho, faça-o com o que é seu, e não de outro, a menos que tenha a permissão dele. Seja tão econômico para com seu senhor como seria para si mesmo. Não desperdice os bens dele mais do que faria se fossem seus. Não diga como fazem os servos falsos: "Meu senhor é rico o suficiente, isso não lhe fará falta, e por isso podemos ser ousados e não precisamos ser tão poupadores e econômicos". A questão não é o que ele deveria fazer, mas o que você deve fazer. Se você pegar qualquer bem ou dinheiro de seu vizinho rico para dar aos pobres, poderá ser enforcado como ladrão, tanto quanto se o roubasse para si mesmo. Tirar qualquer coisa de outro contra a vontade dele é roubar ou furtar: por menor que seja o valor, mesmo que seja apenas o valor de um centavo que você rouba ou defrauda de outrem, o pecado não é pequeno: aliás, agrava o pecado o fato de você presumir quebrar a lei de Deus por tal ninharia e arriscar sua alma por algo tão pequeno: embora seja tirado de alguém que possa muito bem dispensá-lo, isso não serve de desculpa para você; não é seu. Especialmente que pensem nisso os servos encarregados de compras e vendas, ou de mantimentos. Se você defraudar seus senhores porque pode ocultar o ato, acredite: Deus, que o sabe, o revelará; e se você se arrepender

disso, deve fazer a restituição de tudo o que alguma vez lhes roubou dessa forma, se tiver algo com que fazê-lo; e se não tiver nada, deve com tristeza e vergonha confessar a eles e pedir perdão: mas se não se arrepender, pagará mais caro por isso no inferno do que este valor representa. Objeção: Mas o Senhor não elogiou o administrador injusto? (Lc 16:8). **Resposta:** Sim, pela sua astúcia em prover para si mesmo, mas não pela sua injustiça. Ele apenas lhe ensina ali que, se os mundanos perversos têm astúcia para prover para esta vida, muito mais você deve ter a astúcia de fazer provisão para a vida por vir. É a fidelidade que é o dever de um administrador (1 Co 4:2).

Direção 6. Honre seus senhores e comporte-se para com eles com o respeito e a reverência que o seu lugar exige. Não se comporte de maneira rude ou desdenhosa para com eles, em palavras ou atos. Não seja tão orgulhoso a ponto de desdenhar manter a distância e a reverência devidas. Você deveria se envergonhar de ser servo se se envergonha de se comportar como tal. Não use linguagem atrevida, provocadora ou desdenhosa; não fique retrucando em contendas audaciosas e justificando a si mesmo quando suas falhas são repreendidas. Note as palavras do apóstolo: "Exorta os servos a que se sujeitem a seus senhores, e em tudo agradem, não contradizendo, não defraudando, antes mostrando toda a boa fidelidade, para que em tudo ornem a doutrina de Deus, nosso Salvador" (Tt 2:9, 10). E 1 Tm 6:1-4: "Todos os servos que estão debaixo do jugo estimem a seus senhores por dignos de toda a honra" (sim, mesmo que sejam infiéis ou pobres), "para que o nome de Deus e a sua doutrina não sejam blasfemados" (Pois os homens perversos dirão: 'É esta a sua religião?' quando servos que professam a religião são desobedientes, irreverentes e infiéis). "E os que têm senhores crentes não os desprezem, por serem irmãos; antes os sirvam melhor, porque eles, que

participam do benefício, são fiéis e amados. Isto ensina e exorta. Se alguém ensina outra doutrina, e não se conforma com as sãs palavras... é soberbo, e nada sabe".

Direção 7. Não realize seus negócios de má vontade ou murmurando, mas tome-os como o seu prazer. Uma mente relutante perde a recompensa de Deus e a aceitação do homem. O ressentimento e a má vontade tornam seu trabalho de pouco valor, por mais bem feito que seja. "Servindo de boa vontade, como ao Senhor" (Ef 6:7; Cl 3 :23).

Direção 8. Obedeça a seus senhores em todas as coisas (que Deus não proíba e que a posição deles os capacite a lhe ordenar); e não coloque suas próprias opiniões e vontades contra os comandos deles. Não é obediência se você não fizer mais de seus comandos do que aquilo que concorda com suas próprias opiniões e vontades. E se você achar que outro caminho é melhor, ou outro trabalho é melhor, ou outro momento é melhor; cabe a você governar ou obedecer? Se o trabalho não é seu, mas de outro, que a vontade dele e não a sua seja cumprida, e realize o serviço dele do modo dele. É o comando de Deus: "Servos, obedecei em tudo a vossos senhores" (Cl 3 :22).

Direção 9. Não revele nenhum dos segredos de seus senhores ou da família. Não fale a outros sobre o que é dito ou feito em casa; não seja excessivamente familiar em casas de outros homens, onde você possa ser tentado a falar dos negócios de seus senhores; muitas palavras, embora bem-intencionadas, podem ter efeitos maléficos. Aquele servo é inadequado para a família de um homem sábio se ele tem algum confidente fora de casa a quem deve contar tudo o que ouve ou vê em casa; pois o seu confidente tem outro confidente, e assim um homem

será traído por aqueles de sua própria casa (Mq 7:6), como Cristo o foi por Judas.

Direção 10. Não se queixe da simplicidade das provisões da família. Se você não tem o que é necessário para sua saúde, mude-se para outro lugar assim que puder, sem difamar o lugar onde você está. Mas se você tem o seu pão de cada dia, isto é, sua comida necessária e saudável, por mais grosseira que seja, sua murmuração por falta de pratos mais deliciosos é apenas uma vergonha para você, e mostra que seus corações estão afundados em seus ventres, e que vocês são pessoas de mentalidade carnal (Fp 3:18, 19).

Direção 11. Ore diariamente por uma bênção sobre seus trabalhos e sobre a família, tanto privadamente quanto com os demais. Um servo que ora pode alcançar de Deus mais do que todo o seu trabalho vale; e seus trabalhos têm mais chance de serem abençoados do que os trabalhos de uma pessoa ímpia e que não ora. Você não é digno de participar das misericórdias da família se não se unir em orações por essas misericórdias.

Direção 12. Submeta-se de boa vontade ao ensino e governo de seus senhores sobre a adoração correta a Deus e para o bem de suas próprias almas. Bendiga a Deus se você vive com senhores religiosos que o instruirão e o catequizarão, e orarão com você, e o impedirão de quebrar o dia do Senhor e de outros pecados, e o examinarão sobre seu progresso, e vigiarão suas almas, e o repreenderão severamente quando você fizer o que é mau. Alegre-se com as instruções deles e não murmure contra elas, como fazem os servos ignorantes e ímpios. Estas poucas direções cuidadosamente seguidas tornarão seu serviço melhor para você do que senhorios e reinos o são para os ímpios.

CAPÍTULO 14

OS DEVERES DOS SENHORES PARA COM SEUS SERVOS

Se você deseja ter bons servos, certifique-se de ser um bom senhor e de cumprir seu próprio dever; então, ou seus servos cumprirão o deles, ou todas as falhas deles resultarão em um bem maior para você.

Direção 1. Lembre-se de que em Cristo eles são seus irmãos e conservos; e, portanto, não os governe tiranicamente, mas com ternura e amor; e não lhes ordene nada que seja contra as leis de Deus ou o bem de suas almas. Não use de ira e fúria desumana com eles, nem de repreensões ou castigos excessivamente severos ou desnecessários. Aponte as falhas no momento certo, com prudência e sobriedade, quando suas paixões estiverem calmas e quando houver maior probabilidade de fazer o bem. Se for pouco demais, eles se tornarão audaciosos em praticar o mal; se for excessivo, frequente ou passional, eles o desprezarão e o desdenharão, e isso impedirá totalmente o arrependimento deles: eles estarão ocupados em culpá-lo por sua precipitação e violência, em vez de culparem a si mesmos pela falta.

Direção 2. Providencie-lhes trabalho conveniente e para o qual sejam aptos; não de tal tipo ou quantidade que prejudique a saúde deles ou os impeça dos meios necessários para sua salvação; nem tão pouco que alimente a preguiça deles ou os leve a perder seu tempo precioso. É crueldade colocar sobre o seu cavalo mais do que ele pode carregar, ou fazer seus bois trabalharem até ficarem pele e osso. Pv 12:10: "O justo olha pela vida dos seus animais", quanto mais pela de seu servo. Especialmente, não coloque seus servos em qualquer trabalho

que ponha em risco sua saúde ou vida, sem verdadeira necessidade para um fim maior. Tenha piedade e poupe-os mais em sua saúde do que no trabalho em si. O trabalho torna o corpo robusto; mas contrair resfriados profundos ou andar com os pés molhados tende à doença e à morte. E deveria a vida de outro homem ser desperdiçada para o seu proveito? Faça como gostaria que fizessem com você, se fossem servos e estivessem no lugar deles; e que os trabalhos deles não sejam tão grandes que não lhes permitam tempo para orar antes de iniciá-los, ou que os cansem tanto a ponto de torná-los inaptos para a oração, ou para a instrução, ou para a adoração no dia do Senhor, e que os deixem como blocos de madeira, mais aptos para deitar e dormir ou descansar do que para orar, ouvir ou dar atenção a qualquer coisa boa. E, no entanto, tome cuidado para não permitir que fiquem ociosos, como muitos grandes homens fazem com seus criados, para a ruína de suas almas e corpos. A ociosidade em si não é um pecado pequeno e gera e alimenta muitos outros: o tempo deles é perdido por ela; e eles se tornam inaptos para qualquer emprego honesto ou curso de vida para ajudar a si mesmos ou a outros.

Direção 3. Providencie-lhes comida e alojamento saudáveis, e salários tais que o serviço deles mereça, ou conforme você lhes prometeu. Seja agradável ou desagradável, que a comida e o alojamento sejam saudáveis. É uma opressão e injustiça tão odiosa defraudar um servo ou trabalhador de seu salário (sim, ou dar-lhe menos do que ele merece) que creio não precisar falar muito contra isso entre cristãos. Leia Tiago 5:1-5, e espero que seja o suficiente.

Direção 4. Não acostume seus servos a serem tão audaciosos e familiares com você a ponto de serem tentados a desprezá-lo; nem tão estranhos e distantes que o privem da oportunidade de falar com eles para o seu bem espiritual, ou que o deixem

justamente exposto a ser censurado como excessivamente autoritário e orgulhoso. Ambos os extremos têm efeitos ruins; mas o primeiro é o mais comum e é a causa de desassossego em muitas famílias.

Direção 5. Lembre-se de que você tem um encargo pelas almas em sua família e é como um sacerdote e mestre em sua própria casa; e, portanto, certifique-se de mantê-los na adoração constante de Deus, especialmente no dia do Senhor, em público e em particular; e que você lhes ensine as coisas que concernem à salvação deles (conforme orientado posteriormente). E ore por eles diariamente, tanto quanto por você mesmo.

Direção 6. Vigie sobre eles para que não ofendam a Deus: não tolere a impiedade ou o pecado grosseiro em sua família. Leia o Salmo 101. Não seja como aqueles senhores ímpios que apenas cuidam para que o seu próprio trabalho seja feito e dizem para Deus cuidar Ele mesmo de Seu trabalho, e não se importam com as almas de seus servos porque não se importam com as suas próprias; e não se importam se Deus é servido por outros porque eles mesmos não O servem (exceto com um serviço labial hipócrita).

Direção 7. Mantenha seus servos longe de más companhias e evite que sejam tentações uns para os outros, tanto quanto puder. Se você permitir que frequentem tavernas, ou assembleias desregradas, ou companhias lascivas ou malignas, quando eles mesmos forem infectados, trarão a infecção para casa, e toda a casa poderá sofrer com isso. E quando Judas se torna familiar com os fariseus, ele será seduzido por eles a trair seu Mestre. Você não pode ser responsabilizado por seus servos se permitir que eles fiquem muito tempo fora de casa.

Direção 8. Vá adiante deles como exemplo de santidade e sabedoria, e de todas aquelas virtudes e deveres que você deseja ensinar-lhes. Um senhor ignorante ou que jura, amaldiçoa, ofende e é ímpio ensina efetivamente seus servos a serem assim; e, se suas palavras ensinam o contrário, ele pode esperar pouca reverência ou sucesso.

Direção 9. Suporte pacientemente aquelas fragilidades toleráveis a que a falta de habilidade, o temperamento corporal ou outra enfermidade os sujeitam contra a vontade deles. Uma mente disposta é uma desculpa para muitas fragilidades; muito deve ser relevado quando não provém de obstinação ou negligência grosseira: não dê uma importância maior a cada fraqueza ou falha do que a causa exige. Não espere que ninguém seja perfeito na terra; conte com o fato de que você terá servos da linhagem de Adão, que têm naturezas corrompidas e fraquezas corporais, e muitas coisas que devem ser suportadas. Considere quão falhamente você serve ao seu Mestre celestial, e quanto Ele suporta diariamente o que há de errado em você, e de quantas falhas e descuidos você é culpado em seu próprio emprego, e em quantos você cairia se estivesse no lugar deles. Ef 6:9: "E vós, senhores, fazei o mesmo para com eles, deixando as ameaças, sabendo que o Senhor deles e vosso está no céu, e que para com Ele não há acepção de pessoas". Cl 4:1: "Vós, senhores, dai a vossos servos o que é de justiça e equidade", etc.

Direção 10. Certifique-se de que eles se comportem bem para com seus colegas de serviço: do que falarei em breve.

Direções àqueles senhores em colônias estrangeiras que possuem negros e outros escravos; sendo uma solução de vários casos sobre eles.

Direção 1. Entenda bem até onde se estende o seu poder sobre os seus escravos e quais limites Deus estabeleceu a ele.

Como, 1. Diferencie suficientemente os homens dos brutos. Lembre-se de que eles são de uma espécie tão boa quanto a sua; isto é, são criaturas racionais tanto quanto você, e nascidos para tanta liberdade natural quanto você. Se o pecado deles os escravizou a você, ainda assim a natureza os fez seus iguais. Lembre-se de que eles têm almas imortais e são igualmente capazes de salvação como vocês. E, portanto, você não tem poder para fazer nada que impeça a salvação deles. Nenhum pretexto de seus negócios, necessidade, conveniência ou poder pode autorizá-lo a mantê-los tão presos ao trabalho a ponto de não lhes permitir tempo e épocas devidas para aquilo que Deus estabeleceu como dever deles.

1. Lembre-se de que Deus é o Proprietário absoluto deles, e que você possui apenas uma propriedade derivada e limitada sobre eles. Eles não podem ser seus além do que você tem o consentimento de Deus, que é o Senhor deles e seu; e, portanto, o interesse de Deus neles e por meio deles deve ser atendido primeiro.
2. Lembre-se de que eles e vocês estão igualmente sob o governo e as leis de Deus. E, portanto, todas as leis de Deus devem ser primeiro obedecidas por eles, e você não tem poder para ordenar-lhes que omitam qualquer dever que Deus lhes ordena, nem que cometam qualquer pecado que Deus lhes proíbe; nem pode você, sem rebelião ou impiedade, esperar que seu trabalho ou comandos sejam preferidos aos de Deus.
3. Lembre-se de que Deus é o Pai reconciliado e terno deles, e se eles forem tão bons, os ama tanto quanto a você. E, portanto, você deve tratar o mais humilde deles de nenhuma outra forma senão como convém que o

amado de Deus seja tratado; e de nenhuma outra forma senão aquela que possa estar de acordo com a devida significação do seu amor a Deus, amando aqueles que são Dele.

4. Lembre-se de que eles são os remidos de Cristo, e que Ele não lhe vendeu o direito Dele sobre eles. Assim como Ele comprou as almas deles por um preço inestimável, também não deu o fruto de Seu sangue para estar absolutamente sob sua disposição. Portanto, use-os de modo a preservar o direito e o interesse de Cristo neles.

Direção 2. Lembre-se de que você é um depositário de Cristo, ou o guardião das almas deles; e que, quanto maior for o seu poder sobre eles, maior é o seu encargo sobre eles e o seu dever para com eles. Assim como você deve mais a um filho do que a um trabalhador diarista ou a um servo contratado, porque, sendo mais "seu", ele está mais confiado ao seu cuidado; assim também, pela mesma razão, você deve mais a um escravo, porque ele é mais seu; e poder e obrigação andam juntos. Assim como Abraão deveria circuncidar todos os seus servos que foram comprados com dinheiro, e o quarto mandamento exige que os senhores cuidem para que todos os que estão dentro de suas portas observem o dia do sábado; assim você deve exercitar tanto o seu poder quanto o seu amor para trazê-los ao conhecimento e à fé em Cristo, e à justa obediência aos comandos de Deus.

Aqueles, portanto, que impedem seus negros e escravos de ouvirem a palavra de Deus e de se tornarem cristãos, porque pela lei eles seriam então ou libertos, ou perderiam parte de seu serviço, professam abertamente rebelião contra Deus e desprezo por Cristo, o Redentor das almas, e um desprezo pelas

almas dos homens; e, de fato, declaram que seu lucro mundano é seu tesouro e seu deus.

Se isto chegar às mãos de qualquer um de nossos compatriotas em Barbados, ou outras ilhas ou colônias, que dizem ser comumente culpados deste pecado mais hediondo, sim, e de viver disso, eu os imploro a considerar ainda o seguinte: 1. Quão maldito crime é igualar homens e animais! Não é esta a sua prática? Você não os compra e os usa meramente para o mesmo fim que usa seus cavalos? Para trabalhar para sua conveniência, como se fossem mais baixos que você e feitos para servi-lo?

1. Você não vê como se insulta e se condena ao vilipêndiá-los como selvagens e criaturas bárbaras? Alguma vez fizeram algo mais selvagem do que usar não apenas os corpos dos homens como animais, mas as almas deles como se tivessem sido feitas para nada mais senão para dar movimento aos seus corpos em sua lida mundana? Alguma vez os mais bárbaros canibais fizeram algo mais cruel ou odioso do que vender tantas almas ao diabo por um pequeno ganho mundano? Alguma vez os mais malditos miseráveis da terra fizeram algo mais rebelde e contrário à vontade do Deus misericordioso do que afastar essas almas de Cristo, da santidade e do céu, por um pouco de dinheiro, almas que foram feitas e remidas para os mesmos fins e pelo mesmo preço precioso que as suas? Seus pobres escravos alguma vez cometeram vilanias como estas? Não é o miserável mais baixo e o selvagem mais bárbaro aquele que comete a maior e mais desumana maldade? E as deles são comparáveis a estas suas?

2. O próprio exemplo de tal crueldade, além de afastá-los do cristianismo, não tende diretamente a ensinar a eles e a todos os outros a odiar o cristianismo, como se ele ensinasse os homens a serem tanto piores que cães e tigres?
3. Você não percebe como Deus o tem perseguido com pragas? E não pode a consciência lhe dizer que é por sua desumanidade para com as almas e corpos de tantos? Lembre-se do incêndio recente na ponte em Barbados: lembre-se do afogamento de seu governador e dos navios no mar, e dos muitos julgamentos que o alcançaram; e, no presente, a terrível mortalidade que há entre vocês.
4. O exemplo e o aviso dos países vizinhos não se levantarão em juízo contra você e o condenarão? Você não pode deixar de ouvir quão odioso o nome espanhol se tornou (e com isso, infelizmente, também o nome cristão entre os índios ocidentais) por suas crueldades mais desumanas em Hispaniola, Jamaica, Cuba, Peru, México e outros lugares, o que é descrito por Josep. a Costa [José de Acosta], um jesuíta deles mesmos; e embora eu saiba que a crueldade daqueles que assassinaram milhões excede a sua, que não mata os corpos dos homens, contudo a sua é do mesmo tipo, na mercadoria que você faz com o diabo pelas almas deles, enquanto você, que deveria ajudá-los com todo o seu poder, os impede de ter acesso aos meios de sua salvação. E, pelo contrário, que honra é para aqueles da Nova Inglaterra, que não tomam sequer o solo nativo deles senão por compra! Que não escravizam nenhum deles, nem os tratam cruelmente, mas lhes mostram misericórdia, e têm um grande cuidado, custo e trabalho pela salvação deles! Oh, quanta diferença entre a vida do santo Sr. Eliot e a sua! A dele, que trabalhou tantos

anos para salvá-los, e traduziu a Bíblia Sagrada para a língua deles, juntamente com outros livros; e a daqueles homens bons em Londres que formam uma corporação para o avanço de sua obra; e a daqueles que contribuíram tão largamente para ela; e a sua, que vende as almas dos homens para seu proveito!

5. E que consolo você terá ao final naquele dinheiro que é obtido a tal preço? Não perecerão o seu dinheiro e você juntos? Não terá você algo pior que a lepra de Geazi com ele; sim, pior que a morte de Acã por apedrejamento; e tão ruim quanto o enforcamento de Judas, a menos que o arrependimento o evite? Você não se lembra das terríveis palavras em Judas 11: "Ai deles! Porque entraram pelo caminho de Caim, e foram levados pelo engano do prêmio de Balaão". E 2 Pe 2:3, 14, 15: "Por avareza... farão de vós negócio... Tendo o coração exercitado na avareza, filhos de maldição; os quais, deixando o caminho direito, erraram seguindo o caminho de Balaão, filho de Bosor, que amou o prêmio da injustiça; mas teve a repreensão da sua transgressão: o mudo animal de carga, falando com voz humana, impediu a loucura do profeta". Quando cada um de vocês ouvir: "Louco! Esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será?" (Lc 12:19-21); não cortará profundamente em seus tormentos perpétuos lembrar que você obteve aquele pouco lucro traindo tantas almas para o inferno? Para que homens no mundo Tiago fala, se não para vocês? Tg 5:1-4: "Eia, pois, agora vós, ricos, chorai e pranteai, por vossas misérias, que sobre vós hão de vir. As vossas riquezas estão podres, e as vossas vestes estão comidas de traça. O vosso ouro e a vossa prata se enferrujaram; e a sua ferrugem dará testemunho contra vós, e comerá como fogo a vossa carne. Entesourastes para os últimos

dias. Eis que o jornal [salário] dos trabalhadores que ceifaram as vossas terras, e que por vós foi retido por fraude, clama; e os clamores dos que ceifaram entraram nos ouvidos do Senhor dos exércitos". Quanto mais o clamor das almas traídas!

E aqui podemos oportunamente responder a estes casos. **Pergunta 1:** É lícito para um cristão comprar e usar um homem como escravo? **Pergunta 2:** É lícito usar um cristão como escravo? **Pergunta 3:** Que diferença devemos fazer entre um servo livre e um escravo?

À **Pergunta 1** eu respondo: Existe uma escravidão à qual alguns homens podem ser legalmente submetidos; e existe uma escravidão à qual ninguém pode ser submetido; e existe uma escravidão à qual apenas o criminoso pode ser submetido, por meio de penalidade.

1. Nenhum homem pode ser submetido a tal escravidão como a que foi negada na primeira direção, isto é, tal que venha a prejudicar o interesse e serviço de Deus, ou a salvação do homem. 2. Nenhum homem, a não ser como punição justa por seus crimes, pode ser tão escravizado a ponto de ser privado daquelas liberdades, benefícios e consolos que o amor fraternal obriga todo homem a conceder a outro para o seu bem, tanto quanto estiver em nosso poder, tudo considerado. Isto é, o mesmo homem é um servo e um irmão, e, portanto, deve ser tratado ao mesmo tempo como ambos. 3. Embora a pobreza ou a necessidade façam um homem consentir em vender-se a uma vida de menor miséria para escapar de uma maior, ou da própria morte; contudo, não é lícito para qualquer outro tirar vantagem da necessidade dele para trazê-lo a uma condição que o

torne miserável, ou na qual não exerceremos tanto amor quanto possa tender à sua santificação, consolo e salvação: porque nenhuma justiça convém a um cristão ou a um homem que não esteja conjugada com uma medida devida de caridade.

Mas, 1. Aquele que o merece por meio de penalidade pode ser tratado penalmente. 2. Aquele que roubou e não pode restituir pode ser forçado a pagar trabalhando como servo; e em ambos os casos, mais pode ser feito contra a folga ou liberdade de outrem do que por mero contrato ou consentimento. Aquele que pode enforcar um infrator flagrante não lhe faz injustiça se o submeter a uma escravidão que seja menos penal que a morte. 3. Mais também pode ser feito contra inimigos capturados em uma guerra justa do que poderia ser feito contra o inocente por consentimento necessitado. 4. Um certo grau de servidão ou escravidão é lícito pelo consentimento necessitado do inocente. Isto é, tanto quanto (1.) Não prejudique nenhum interesse de Deus. (2.) Nem da humanidade, quebrando as leis das nações. (3.) Nem a própria pessoa, impedindo sua salvação ou os meios necessários para ela; nem aqueles consolos da vida que a natureza dá ao homem como homem. (4.) Nem a comunidade ou sociedade onde vivemos.

À **Pergunta 2** eu respondo: 1. Assim como os homens devem ser amados de formas variadas de acordo com os vários graus de amabilidade neles, também vários graus de amor devem ser exercidos para com eles; portanto, cristãos bons e reais devem ser tratados com mais amor e ternura fraternal do que outros. 2. Também é adequado que se mostre tanta misericórdia aos infiéis a fim de salvar suas almas, que eles sejam convidados ao cristianismo por encorajamentos adequados; e assim, que saibam que, se se tornarem cristãos, terão mais privilégios e proventos do que os inimigos da verdade e da piedade terão. É,

portanto, bem feito por príncipes que criam leis de que escravos infiéis serão homens livres quando forem devidamente batizados. 3. Mas, contudo, um cristão nominal que, por maldade, perde sua vida ou liberdade, pode ser tornado escravo penalmente tanto quanto os infiéis. 4. E um cristão pobre e necessitado pode vender-se a um estado de servidão mais duro do que escolheria, ou do que poderíamos de outra forma colocá-lo. Mas, 5. Ir como piratas e capturar pobres negros ou pessoas de outra terra, que nunca perderam a vida ou a liberdade, e torná-los escravos e vendê-los, é um dos piores tipos de roubo no mundo; e tais pessoas devem ser consideradas inimigas comuns da humanidade; e aqueles que os compram e os usam como animais, para sua mera conveniência, e traem, destroem ou negligenciam suas almas, são mais dignos de serem chamados de demônios encarnados do que de cristãos, embora não sejam cristãos aqueles a quem eles tanto maltratam.

À Pergunta 3 eu respondo: Que a solução deste caso deve ser colhida do que já foi dito. Um servo e um escravo voluntário eram ambos homens livres até se venderem ou se contratarem; e uma pessoa criminosa era um homem livre até perder sua vida ou liberdade. Mas, depois, a diferença é esta: 1. Um servo livre é meu servo apenas na medida em que sua própria aliança o tornou tal; o que se supõe ser (1.) Para um certo tipo e medida de trabalho, conforme o significado de seu contrato. (2.) Por um tempo limitado, expresso no contrato, seja um ano, dois, três ou sete.

1. Um escravo por mero contrato é aquele que (1.) Geralmente se vende absolutamente à vontade de outro quanto ao seu trabalho, tanto em tipo quanto em medida; onde, contudo, supõe-se que as limitações de Deus e da natureza citadas depois (e antes) tenham

- lugar entre cristãos. (2.) Ele é aquele que se vende para tal trabalho durante a vida.
2. Um escravo por justa penalidade está sujeito a tanta servidão quanto o magistrado lhe julgar, o que pode ser (1.) Não apenas tal trabalho, como dito anteriormente, conforme o seu senhor queira impor. (2.) E isso por toda a vida. (3.) Mas pode ser também sujeito a açoites e severidades que não poderiam ser legalmente infligidos a outro.
 3. As limitações de uma escravidão necessária por contrato ou consentimento devido à pobreza são estas: (1.) A alma de tal pessoa deve ser cuidada e preservada, mesmo que ela consinta no contrário. Ela deve ter tempo para aprender a palavra de Deus e tempo para orar, e deve descansar no dia do Senhor e empregá-lo no serviço de Deus; deve ser instruída, exortada e guardada do pecado. (2.) Ela não pode ser forçada a cometer nenhum pecado contra Deus. (3.) Não se lhe pode negar (ainda que consinta sob pressão) os consolos desta vida que são necessários para o seu serviço alegre a Deus em amor e gratidão, de acordo com a paz do estado evangélico; e que são chamados pelo nome de nosso pão de cada dia. Ninguém pode negar a um escravo nada disso, a menos que ele seja um escravo criminoso e punido.
 4. E mesmo o escravo mais criminoso não pode ser forçado a pecar, nem se lhe pode negar as ajudas necessárias para sua salvação. Mas ele pode ser batido penalmente e ter parte de seu pão de cada dia negada, desde que não seja feito de forma mais rigorosa do que a verdadeira justiça exige.

Pergunta: Mas e se os homens comprarem negros ou outros escravos de pessoas que temos justa causa para acreditar que os

roubaram por pirataria, ou os comprarem daqueles que não têm poder para vendê-los, e não os contratarem ou comprarem pelo seu próprio consentimento, ou pelo consentimento daqueles que tinham poder para vendê-los, nem os tomarem cativos em uma guerra justa, o que devem fazer com eles depois?

Resposta: 1. É um pecado hediondo comprá-los, a menos que seja por caridade para libertá-los. 2. Tendo-o feito, sem dúvida estão imediatamente obrigados a libertá-los; porque, por direito, o homem é dono de si mesmo e, portanto, ninguém mais pode ter título justo sobre ele.

Pergunta: Mas não posso vendê-lo novamente e recuperar meu dinheiro, visto que o deixo apenas como o encontrei?

Resposta: Não; porque quando você tomou posse dele e assumiu uma pretensa propriedade, então a injustiça que lhe é feita é praticada por você; o que antes era apenas por outrem. E embora o erro não seja maior do que o que o outro lhe fez, sendo agora feito por você, é o seu pecado.

Pergunta: Mas não posso devolvê-lo àquele de quem o comprei?

Resposta: Não; pois isso é apenas prejudicá-lo ao entregá-lo a outrem para continuar a injustiça. Dizer como Pilatos: "Estou inocente do sangue deste justo", não será prova de sua inocência; sim, a lei de Deus o obriga ao amor e a obras de amor e, portanto, você deve fazer o seu melhor para libertá-lo. Aquele que é obrigado a ajudar a salvar um homem que caiu nas mãos de ladrões pela estrada, se comprasse aquele homem como escravo dos ladrões, não poderia depois entregá-lo aos ladrões novamente. Mas prossigamos nas direções.

Direção 3. Atenda às suas próprias necessidades através de seus escravos de tal modo que prefira o interesse de Deus e a felicidade espiritual e eterna deles. Ensine-lhes o caminho para o céu e faça tudo pelas almas deles o que anteriormente direcionei você a fazer por todos os seus outros servos. Embora você possa fazer alguma diferença no trabalho, na dieta e no vestuário deles, não faça nenhuma quanto ao fomento de sua salvação. Se forem infiéis, use-os de modo que tenda a ganhá-los para Cristo e ao amor pela religião, mostrando-lhes que os cristãos são menos mundanos, menos cruéis e passionais, e mais sábios, caridosos, santos e mansos do que quaisquer outras pessoas. Ai daqueles que, por sua crueldade e avareza, escandalizam até escravos e impedem sua conversão e salvação!

Direção 4. Por quanto a dureza da condição deles torna suas vidas desconfortáveis, e Deus os colocou abaixo de vocês, por tanto mais que sua caridade se compadeça deles, e trabalhe para diminuir seu fardo e adoçar suas vidas a eles, tanto quanto sua condição permitir. E lembre-se de que mesmo um escravo pode ser um daqueles vizinhos que você é obrigado a amar como a si mesmo, e a fazer a ele como gostaria que lhe fizessem, se o seu caso fosse o dele. Se você fizer isso, não precisará de mais direção para o alívio dele.

Direção 5. Lembre-se de que você não pode exigir mais de um escravo inocente do que exigiria ou poderia exigir de um servo comum, se ele estivesse sob sua vontade e não tivesse, por contrato, excetuado algo quanto ao trabalho ou tratamento que, de outra forma, você consideraria justo e adequado ter exigido dele.

Direção 6. Se forem infiéis, não sejam apressados demais em batizá-los quando o desejarem, nem lentos demais. Não tão

apressados a ponto de forçá-los a isso antes que entendam o que é a aliança batismal, ou antes que você veja qualquer probabilidade de que sejam sérios ao fazer tal aliança. Nem tão lentos a ponto de deixá-los sozinhos para que definham suas vidas no estado daqueles que estão fora da igreja. Mas apresse-os a aprender e desperte seus desejos, e cuide deles como as igrejas antigas cuidavam de seus *catechumens* [catecúmenos]; e quando você os vir aptos pelo conhecimento, crença, desejo e resolução de se consagrarem a Deus nos termos da santa aliança, então os incentive a serem batizados. Mas se você sentir uma diminuição de seus desejos pela conversão deles porque perderia o serviço deles (muito mais se algum dia teve o desejo de que não fossem convertidos, o que é puro diabolismo), que isso seja motivo de sua profunda humilhação e arrependimento.

Direção 7. Faça com que seu objetivo principal ao comprar e usar escravos seja ganhá-los para Cristo e salvar suas almas. Não se esforce nisso apenas superficialmente, após ter consultado primeiro sua própria conveniência; mas faça disso mais o seu fim do que a própria conveniência; e que a salvação deles seja muito mais valorizada por você do que o serviço deles: e comporte-se para com eles como quem percebe que foi remido juntamente com eles por Cristo da escravidão de Satanás, e que poderá viver com eles na liberdade dos santos na glória.

CAPÍTULO 15

OS DEVERES DOS FILHOS E DOS CONSERVOS UNS PARA COM OS OUTROS

Não é fácil decidir se os bons governadores ou os bons companheiros de serviço, em uma família, são a maior ajuda e benefício para cada um dos subordinados. Pois os servos passam tanto tempo juntos e são tão livres e familiares uns com os outros que têm mais oportunidades de serem úteis entre si, desde que tenham habilidades e disposição. É necessário, portanto, que conheçam seu dever uns para com os outros, tanto para praticar quanto para receber aquele bem que, de outra forma, se perderia.

Direção 1. Amem-se uns aos outros sinceramente como a vocês mesmos; evitem toda contenda e desentendimento, ou qualquer coisa que enfraqueça o amor mútuo; especialmente diferenças sobre interesses pessoais em termos de lucro, provisões ou reputação. Cuidado com o espírito de inveja, que fará seus corações se levantarem contra aqueles que são preferidos à sua frente ou que são tratados melhor que vocês. Lembrem-se do pecado e da miséria de Caim e tomem-no como aviso. Deem lugar aos outros e, em honra, prefiram os outros, não buscando ser preferidos a eles (Rm 12:10, 16). Deus se agrada em exaltar os humildes que se humilham e em abater aqueles que se exaltam. Quando o interesse da carne consegue fazê-los odiar ou brigar uns com os outros, que sinal terrível de uma mente carnal isso é! (Rm 8:6, 13).

Direção 2. Tomem cuidado com o uso de palavras provocadoras uns contra os outros. Pois estas são as foles para

soprar aquilo que o apóstolo chama de "fogo do inferno" (Tg 3:6). Uma língua imunda incendeia o curso da natureza e, portanto, pode incendiar uma família (Tg 3:5, 6). "Onde há inveja e espírito faccioso, aí há perturbação e toda obra perversa" (Tg 3:16). Se vocês se irem, refreiem suas línguas "e não pequeis; não se ponha o sol sobre a vossa ira. Não deis lugar ao diabo" (Ef 4:26, 27). "Toda amargura, e ira, e cólera, e gritaria, e blasfêmia e toda malícia sejam tiradas de entre vós. Antes sede uns para com os outros benignos, misericordiosos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus vos perdoou em Cristo" (Ef 4:31, 32). "Os maldizentes não herdarão o reino de Deus" (1 Co 6:10).

Direção 3. Ajudem-se mutuamente com amor e boa vontade em seus trabalhos; e não tenham má vontade uns dos outros, dizendo: "fulano faz menos que eu"; mas estejam tão prontos para ajudar o outro quanto gostariam de ser ajudados. É muito amável ver uma família de tais filhos e servos, onde todos consideram os interesses dos outros como seus e não são egoístas uns contra os outros. "Oh! quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união!" (Sl 133:1).

Direção 4. Tomem cuidado para não se tornarem tentadores, levando uns aos outros ao pecado e à miséria. Seja unindo-se em libertinagem, ou prejudicando seus senhores, ou em farras secretas e depois mentindo para esconder; ou para que a familiaridade imodesta não leve aqueles de sexos diferentes a uma armadilha. Abundância de pecado e miséria seguiu-se a tal familiaridade tentadora entre homens e mulheres que eram companheiros de serviço. A proximidade lhes dá oportunidade, e o diabo os provoca a aproveitar a oportunidade; e de brincadeiras imodestas e lascivas, e palavras castas, procedem finalmente para mais luxúria, para sua própria ruína. Não tragam a palha para o fogo, se não querem que ela queime.

Direção 5. Vigiem uns aos outros para a preservação mútua contra o pecado e as tentações em que vocês correm mais perigo. Concordem em dizer uns aos outros as suas falhas, não com orgulho ou paixão, mas em amor; e resolvam aceitar isso com gratidão uns dos outros. Se alguém falar de modo tolo e ocioso, ou lascivo e imodesto, ou contar uma mentira, ou tomar o nome de Deus em vão, ou negligenciar seu dever para com Deus ou o homem, ou agir com infidelidade em sua confiança ou trabalho, que o outro seriamente lhe diga de seu pecado e o chame ao arrependimento. E que aquele que é culpado não receba mal a correção, nem responda com raiva ao repreensor, nem justifique ou escuse a falta, nem lhe jogue na cara imediatamente as falhas dele; mas humildemente lhe agradeça e prometa melhora. Oh, quão felizes poderiam ser os servos se vigiassem fielmente uns aos outros!

Direção 6. Quando estiverem juntos, e o trabalho permitir, que o discurso de vocês seja tal que tenda à edificação e ao bem espiritual de quem fala ou de quem ouve. Há algum trabalho que deve ser pensado e falado enquanto é feito, e não permitirá tempo livre para pensar ou falar de outras coisas até que termine; mas grande parte do trabalho da maioria dos servos pode ser tão bem feita mesmo que pensem e falem juntos sobre coisas celestiais; além de todos os outros momentos quando o trabalho acaba. Oh, aproveitem esse tempo para falar do bem uns aos outros! É provável que algum de vocês tenha mais conhecimento que os outros; que os demais peçam seu conselho e instruções, e que ele se empenhe em fazer-lhes bem: ou, se forem iguais em conhecimento, estimulem a graça que há em vocês, se tiverem alguma; ou estimulem seus desejos por ela, se não tiverem nenhuma. Não desperdicem seu tempo precioso em vaidade; não multipliquem o pecado das palavras ociosas. Oh, que carga jaz sobre muitas almas que não a sentem, na culpa desses dois pecados: perda de tempo e

palavras ociosas! Ser culpado dos mesmos pecados repetidamente, todos os dias, e fazer deles uma prática constante, e isso contra o seu próprio conhecimento e consciência, é um caso mais grave do que muitos pensam; ao passo que, se vivessem juntos como herdeiros do céu, e provocassem uns aos outros ao amor de Deus e ao dever sagrado, e falassem com deleite sobre a palavra de Deus e a vida por vir, que bênçãos poderiam ser uns para os outros! E o serviço e trabalho de vocês seria uma vida santificada e confortável para todos. "Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, mas só a que for boa para promover a edificação, para que dê graça aos que a ouvem. E não entristeçais o Espírito Santo de Deus" (Ef 4:29, 30). "Mas a fornicção, e toda a impureza ou avareza, nem ainda se nomeie entre vós, como convém a santos; nem torpezas, nem parvoíces, nem chocarrices, que não convêm; mas antes, ações de graças" (Ef 5:3, 4). Sobre isso, falaremos mais adiante.

Direção 7. Suportem pacientemente as falhas uns dos outros para com vocês mesmos, e escondam aquelas falhas cuja abertura não fará bem, mas apenas provocará discórdia; mas não escondam aquelas falhas que serão alimentadas pelo ocultamento, ou cujo ocultamento tenda ao prejuízo de seu senhor ou de outrem. Pois está em seu poder perdoar uma falta contra você mesmo, mas não contra Deus ou contra outro. E para saber quando deve revelar e quando não, você deve prever sabiamente qual caminho provavelmente fará mais bem ou mal. E se ainda estiver em dúvida, abra o assunto primeiro a algum amigo secreto que seja sábio para aconselhá-lo se deve ser revelado adiante ou não.

Direção 8. Se a fraqueza, ou doença, ou necessidade afligir um irmão, ou irmã, ou companheiro de serviço, sejam gentis e prestativos a eles conforme o seu poder. "Não amemos de

palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade" (1 Jo 3:18).

CAPÍTULO 16

DIREÇÕES PARA A CONVERSAÇÃO SANTA ENTRE COMPANHEIROS DE SERVIÇO OU OUTROS

Porque este é um dever a ser realizado com tanta frequência, e porque a paz e a edificação dos cristãos estão muito envolvidas nele, darei algumas breves direções sobre o assunto.

Direção 1. Trabalhe principalmente por um coração cheio e vívido, que tenha o sentimento daquelas coisas das quais suas línguas devem falar. Pois: 1. Tal coração será como uma fonte que está sempre correndo e alimentará continuamente os riachos. Coisas forçadas e fingidas têm curta duração; a fala afetada e forçada do hipócrita é exercida apenas entre aqueles onde pode servir ao seu orgulho e fins carnaís; em outros momentos e em outra companhia, ele tem outra língua como os demais homens. É como uma inundação súbita que logo passa; ou como o curvar de um arco, que volta ao seu lugar assim que é solto. 2. E aquilo que vem do coração será sério e sincero, e terá mais probabilidade de fazer bem aos outros; pois as palavras realizam seu trabalho em nós não apenas significando o assunto que é falado, mas também significando os afetos de quem fala. E aquilo que despertará afetos deve expressar afeto ordinariamente. Se não vier do coração de quem fala, não é tão provável que vá ao coração de quem ouve. Um pregador fervoroso e um discurso fervoroso e sensível sobre coisas santas penetram no fundo do coração e fazem aquele bem que palavras melhor compostas, mas sem vida, não fazem.

Direção 2. Contudo, apesar de tudo isso, quando seus corações estiverem frios, maçantes e estéreis, não pensem que suas

línguas devem, por isso, negligenciar seu dever e calar-se de todo o bem até que seus corações melhorem; mas forcem suas línguas a cumprir seu dever, se elas não o fizerem livremente sem coação.** Pois: 1. O dever é dever, quer você esteja bem disposto a ele ou não: se todo dever cessasse quando os homens estão mal dispostos a ele, nenhum homem perverso estaria obrigado a nada que fosse verdadeiramente santo. 2. E se o coração e a língua estão ambos obrigados, é pior omitir ambos do que um só. 3. E pode haver sinceridade em um dever, mesmo quando o coração está frio e maçante. 4. E começar a cumprir o seu dever o melhor que puder é a maneira de superar a sua apatia e inaptidão; quando você força sua língua no início a falar do que é bom, as palavras que você fala ou ouve podem ajudar a trazê-lo para uma disposição melhor. Muitos homens começaram a orar com frieza e ganharam fervor antes de terminar; e muitos homens foram de má vontade ouvir um sermão e voltaram para casa com a alma convertida. 5. E quando vocês se colocam no caminho do dever, estão no caminho da graça prometida.

Objeção: Mas não é agir como hipócrita deixar minha língua ir à frente do meu coração e falar coisas com as quais meu coração não está afetado?

Resposta: Se você fala falsa e dissimuladamente, você age como hipócrita; mas você pode se forçar a falar do bem sem qualquer falsidade ou hipocrisia. As palavras significam, como eu lhe disse, o assunto falado e a mente de quem fala. Agora, o seu falar das coisas de Deus não revela mais da sua mente do que isto: que você as considera verdadeiras e que deseja que aqueles a quem você fala as considerem; e tudo isso é verdade; portanto, não há hipocrisia nisso. De fato, se você dissesse aos ouvintes que você mesmo está profundamente afetado por essas coisas, quando não está, isso seria hipocrisia. Mas um

homem pode exortar outro a ser bom sem professar ser bom ele mesmo; sim, mesmo confessando ser mau. Portanto, nem todos os bons discursos de um homem perverso são hipocrisia; muito menos o bom discurso de um cristão sincero que está apático e frio naquele discurso. E se um dever tivesse alguma hipocrisia nele, não é o dever, mas a hipocrisia que Deus desaprova e que você deve abandonar: assim como se houver frieza em um dever, é a frieza, e não o dever, que deve ser culpada e evitada. E omitir totalmente o dever é pior do que fazê-lo com alguma frieza ou hipocrisia, desde que esta não seja a característica predominante do dever.

Objeção: Mas se não for fruto do Espírito, não é aceitável a Deus; e aquilo a que forço minha língua não é nenhum dos frutos do Espírito. Portanto, devo esperar até que o Espírito me mova.

Resposta: 1. Há muitos deveres feitos pela razão e pelas assistências comuns de Deus que são melhores do que a omissão total deles seria. Do contrário, nenhum homem não santificado deveria ouvir a palavra, ou orar, ou socorrer os pobres, ou obedecer ao seu príncipe ou governantes, ou cumprir qualquer dever para com filhos ou vizinhos, porque tudo o que não é fruto da graça especial do Espírito é pecado; e sem fé é impossível agradar a Deus; e nem todos os homens têm fé (Hb 11:6; 2 Ts 3:2). 2. É um conceito perturbado dos *quakers* e de outros fanáticos pensar que a razão e o Espírito de Deus não são princípios conjuntos no mesmo ato. O Espírito trabalha no homem como em um animal ou em uma pedra? Ele faz você falar como um relógio que bate sem saber o quê? Ou toca na alma do homem como em um instrumento musical que não tem conhecimento da melodia nem prazer nela? Não, o Espírito de Deus pressupõe a natureza e trabalha no homem como homem, estimulando o seu próprio

entendimento e vontade a fazerem as suas partes. De modo que quando, contra todo o remanescente de apatia e relutância que há em você, você consegue se forçar a cumprir seu dever, é porque o Espírito de Deus o assiste a tomar essa resolução e usar essa força. Pois assim o Espírito luta contra a carne (Gl 5:17; Rm 7:16-18). Embora se confesse que há mais do Espírito onde não há relutância, resistência ou necessidade de força.

Direção 3. Por todos os meios, trabalhe para estar guarnecido de entendimento nas questões de Deus. Pois: 1. Uma pessoa que tem entendimento possui uma mina de matéria santa em si mesma e nunca está totalmente desprovida de assunto para uma boa conversa. Ele é o bom escriba, instruído para o reino de Deus, que tira do seu tesouro coisas novas e velhas (Mt 13:52). 2. E uma pessoa que tem entendimento falará discretamente, e assim ajudará muito o sucesso de seu discurso, e não o tornará ridículo, desprezível ou ineficaz por meio de sua indiscrição. Mas, ainda que você seja ignorante e careça de entendimento, nem por isso fique em silêncio; pois, embora sua habilidade seja mínima, sua necessidade é máxima. Que a necessidade, portanto, o constranja a pedir instrução, como ela constrange o necessitado a implorar pelo que lhe falta. Mas não poupe esforços para aumentar seu conhecimento.

Direção 4. Se o seu próprio entendimento e coração não lhe fornecerem matéria, recorra àquelas múltiplas ajudas que Deus lhe concede.** Como: 1. Você pode discorrer sobre o último sermão que ouviu, ou algum pregado recentemente que o tocou de perto. 2. Ou sobre algo no último livro que leu. 3. Ou sobre algum texto da Escritura óbvio aos seus pensamentos. 4. Ou sobre alguma providência notável (sim, ou comum) que tenha ocorrido recentemente. 5. Ou sobre alguns exemplos de bem ou mal que estejam frescos diante de você. 6. Ou sobre a forma

correta de cumprir o dever em que você está ocupado, ou qualquer ajuda semelhante.

Direção 5. Não fale de controvérsias vãs e inúteis, nem frequentemente de assuntos pequenos e circunstanciais que pouco contribuem para a edificação. Pois pode haver conversas ociosas sobre questões de religião, assim como sobre outras coisas menores. Especialmente, cuide para que as querelas do tempo presente não envolvam seus pensamentos e falas em excesso, em um curso de inutilidade ou contenda.

Direção 6. Preparem-se antecipadamente com assunto para a conversação mais edificante e nunca saiam de casa vazios. E que o assunto seja usualmente: 1. Coisas de peso, e não questões pequenas. 2. Coisas certas, e não coisas incertas. Particularmente, os temas mais adequados para a conversa comum de vocês são estes: 1. O próprio Deus, com Seus atributos, relações e obras. 2. O grande mistério da redenção do homem por Cristo; Sua pessoa, ofício, sofrimentos, doutrina, exemplo e obra; Sua ressurreição, ascensão, glória, intercessão e todos os privilégios de Seus santos. 3. A aliança da graça, as promessas, os deveres, as condições e as ameaças. 4. As operações do Espírito de Cristo sobre a alma, e cada graça do Espírito em nós; com todos os sinais, auxílios e obstáculos a ela. 5. Os caminhos e as ciladas de Satanás, e de todos os nossos inimigos espirituais; as tentações particulares em que corremos perigo; o que são e como evitá-las, e quais são os auxílios mais poderosos contra elas. 6. A corrupção e o engano do coração; a natureza e as operações, efeitos e sinais da ignorância, incredulidade, hipocrisia, orgulho, sensualidade, mundanismo, impiedade, injustiça, intemperança, falta de caridade e qualquer outro pecado; com todos os auxílios contra todos eles. 7. Os muitos deveres para com Deus e o homem que temos de realizar, tanto internos quanto externos, e como fazê-

los, e quais são os principais obstáculos e auxílios. (Como na leitura, audição, meditação, oração, doação de esmolas, etc.). E os deveres de nossas relações e diversos cargos, com os pecados contrários. 8. A vaidade do mundo e o engano de todas as coisas terrenas. 9. As poderosas razões usadas por Cristo para nos atrair à santidade, e a loucura irracional de tudo o que é trazido contra ela, pelo diabo ou por homens perversos. 10. Sobre os sofrimentos que devemos esperar e para os quais devemos estar preparados. 11. Sobre a morte e os preparativos que então serão achados necessários; e como se aprontar para tão grande mudança. 12. Sobre o dia do julgamento, e quem será então justificado e quem será condenado. 13. Sobre as alegrias do céu, o emprego, a companhia, a natureza e a duração. 14. Sobre as misérias dos condenados e os pensamentos que eles então terão de sua vida anterior na terra. 15. Sobre o estado da igreja na terra e o que devemos fazer em nossos lugares pelo bem dela. Não há matéria suficiente em todos esses pontos grandiosos e pesados para a meditação e conversação de vocês a cada hora?

Direção 7. Tomem cuidado com a presunção orgulhosa na conversa de vocês. Não falem com uma confiança superciliosa e censuradora. Que os fracos não pretendam ser mais sábios do que são. Estejam mais prontos a falar por meio de perguntas, como aprendizes, do que como instrutores de outros, a menos que tenham certeza de que eles têm muito mais necessidade de serem ensinados por vocês do que vocês por eles. É comum que novatos na religião moldem todo o seu discurso em um tom de ensino, ou se tornem pregadores antes de entenderem. É algo repugnante e lamentável de se ouvir (e, no entanto, comum demais) um sujeito inexperiente, sem fundamento e presunçoso tagarelar de modo autoritário e censurar com confiança a doutrina, ou as práticas, ou as pessoas daqueles que são muito melhores e mais sábios que ele. Se vocês

encontrarem este espírito orgulhoso e censurador, repreendam-no primeiro e leiam para eles Tiago 3; e se continuarem, afastem-se deles e evitem-nos, pois não sabem de que tipo de espírito são: não servem ao Senhor Jesus, o que quer que pretendam ou pensem de si mesmos, mas são orgulhosos, nada sabendo, senão delirando acerca de questões e causando divisões na igreja de Deus, e prestes a cair na condenação do diabo (1 Tm 3:6; 6:3-5; Rm 16:17; Lc 9:55).

Direção 8. Que o mais sábio no grupo, e não o mais fraco, tenha a maior parte da conversa; contudo, se alguém que tem uma língua mais habilidosa que os demais fizer quaisquer determinações em pontos duvidosos e controvertidos, tomem cuidado com uma aceitação apressada do julgamento dele, por mais plausíveis ou prováveis que suas razões pareçam; mas anotem todas essas opiniões como dúvidas e apresentem-nas aos seus mestres, ou a alguns outros homens imparciais e capazes, antes de aceitá-las. Caso contrário, aquele que tem mais inteligência e lábia no grupo poderia arrastar todos os demais para qualquer erro ou heresia que quisesse e subverter a fé deles ao calar suas bocas.

Direção 9. Que o assunto da fala de vocês seja adequado ao fim, ou seja, ao bem de vocês mesmos ou de outros que vocês buscam. O mesmo tema que é adequado para um grupo é muito inadequado para outros. Homens instruídos e homens ignorantes, homens piedosos e homens profanos, não são adequados para o mesmo tipo de discurso. O remédio deve ser cuidadosamente ajustado à doença.

Direção 10. Que a fala de vocês seja oportuna, quando a prudência lhes disser que não é provável que cause mais mal do que bem. Há um tempo para o prudente se calar e abster-se até de boas conversas (Am 5:17; Sl 39:1, 2). "Não lanceis

pérolas aos porcos, nem deis coisas santas aos cães, pois vocês sabem que eles se voltarão e os despedaçarão" (Mt 7:6). Sim, e entre as próprias pessoas boas, há um tempo para falar e um tempo para calar (Ec 3:7). Pode haver possivelmente tal excesso que tenda a cansar os ouvintes; e pode-se empurrar mais do que eles conseguem digerir; e o enfado pode fazê-los detestar o assunto depois. Vocês não devem dar a ninguém mais do que podem suportar; e também os assuntos de seus negócios e vocações devem ser tratados em seu tempo e lugar próprios.

Direção 11. Que toda a fala de vocês sobre coisas santas seja com a maior seriedade e reverência que forem capazes. Por melhores que sejam as palavras, a leviandade e a grosseria podem torná-las profanas. Não se deve falar de Deus e de coisas santas de maneira comum; mas a gravidade da fala de vocês deve dizer aos ouvintes que vocês não as consideram questões pequenas ou comuns. Se servos e outros que vivem próximos uns dos outros conversassem e falassem como os oráculos de Deus, quão santas, celestiais e felizes seriam tais famílias ou sociedades!

CAPÍTULO 17

DIREÇÕES PARA CADA MEMBRO PARTICULAR DA FAMÍLIA SOBRE COMO PASSAR CADA DIA COMUM DA SEMANA

Tende a tornar uma vida santa mais fácil para nós quando conhecemos o curso e o método comum de nossos deveres, e cada coisa cai em seu lugar apropriado; assim como ajuda o lavrador ou o comerciante saber o curso comum de seu trabalho, para que não precise sair dele, a menos em casos extraordinários. Portanto, darei aqui algumas breves direções para o gasto santo de cada dia.

Direção 1. Proporcione corretamente o tempo do seu sono (se estiver em seu poder), para que não desperdice preguiçosamente as suas preciosas horas da manhã na cama. Que o tempo do seu sono seja racionalmente ajustado à sua saúde e ao seu trabalho, e não de modo sensual ao seu prazer preguiçoso. Cerca de seis horas é adequado para pessoas saudáveis, sete horas para as menos saudáveis e oito para as mais fracas e idosas, ordinariamente. As horas da manhã são para a maioria as mais preciosas de todo o dia para todos os nossos deveres; especialmente os servos que têm pouco tempo devem aproveitá-las então para a oração, se possível, para não ficarem sem nenhuma.

Direção 2. Que Deus tenha seus primeiros pensamentos ao acordar: elevem seus corações a Ele com reverência e gratidão pelo descanso da noite passada, e brevemente entreguem-se a Ele para o dia seguinte; e acostumem-se a isso tão constantemente que suas consciências os repreendam quando

pensamentos comuns tentarem entrar primeiro. E se você tem um companheiro de cama com quem falar, que sua primeira fala seja condizente com seus pensamentos. Será uma grande ajuda contra as tentações que, de outra forma, poderiam surpreendê-lo, e um compromisso santo de seus corações com Deus para todo o dia.

Direção 3. Resolva que o orgulho e as modas da época nunca o tentarão a um traje tal que o faça demorar a se vestir pela manhã; mas use roupas que sejam rápidas de colocar. É uma ostentação cara (ou decência, como eles insistem em chamar) a que custa todos os dias uma hora ou um quarto de hora de tempo extraordinário: eu preferiria andar como os índios selvagens do que ter que prestar contas daquelas horas da manhã, como muitas damas e outros galantes têm que fazer.

Direção 4. Se vocês são pessoas de posição, podem empregar um filho ou servo para ler um capítulo da Bíblia enquanto se vestem e tomam seu café da manhã (se tomarem). Caso contrário, podem empregar esse tempo em alguma meditação proveitosa ou conversa com os que estão ao redor, tanto quanto as necessidades permitirem: como pensar ou falar sobre a misericórdia de uma noite de descanso, e sobre o tempo renovado, e quantos passaram aquela noite no inferno, e quantos na prisão, e quantos em um alojamento mais frio e duro, e quantos em dor e doença graves, cansados de suas camas e de suas vidas, e quantas almas naquela noite foram chamadas de seus corpos para comparecer perante o Deus temível; e pensem quão rápido os dias e noites rolam! E quão velozmente seu último dia e noite chegarão! E observem o que falta na prontidão de sua alma para tal momento, e busquem isso agora mesmo, sem demora.

Direção 5. Se deveres mais necessários não o chamarem para fora, que a oração secreta sozinho, ou com o seu companheiro de quarto, ou ambos, preceda as orações comuns da família; e não a atrase sem motivo, mas, se puder ser, que seja a primeira coisa, antes de qualquer outro trabalho do dia. No entanto, não seja formal e supersticioso com as suas horas, como se Deus o tivesse amarrado absolutamente a um horário específico; nem pense que é seu dever orar uma vez em segredo, uma vez com o companheiro de quarto e uma vez com a família toda manhã, quando deveres mais necessários o impedirem. Aquela hora que é melhor para um, é a pior para outro: para a maioria, a oração privada é mais oportuna assim que se levantam e vestem; para outros, alguma outra hora pode ser mais livre e adequada. E aquelas pessoas que não têm deveres mais necessários podem fazer bem em orar em todas as oportunidades antes mencionadas; mas a leitura e a meditação devem ter seu tempo permitido também; e os trabalhos de suas vocações devem ser seguidos com afinco; e servos e pessoas pobres que não estão livres, ou que têm necessidade de prover para suas famílias, não podem lícitamente tomar tanto tempo para a oração quanto alguns outros podem; especialmente os idosos e fracos que não podem seguir uma profissão podem tomar mais tempo. E os ministros, que têm muitas almas para cuidar e trabalho público a fazer, devem tomar cuidado para não negligenciar nada disso, para que possam estar mais tempo e mais vezes em oração privada. Lembre-se sempre de que, quando dois deveres estão diante de você ao mesmo tempo e um deve ser omitido, você deve preferir aquele que, tudo considerado, é o maior; e entenda o que torna um dever o maior. Geralmente, é maior aquele que tende ao maior bem; contudo, às vezes é maior naquele momento o que não pode ser feito em outra hora, quando outros podem. Orar, em si mesmo considerado, é melhor do que arar, ou ir ao mercado, ou conversar; e contudo estes podem ser maiores do que a oração

em suas épocas próprias, porque a oração pode ser feita em outra hora, quando estes não podem.

Direção 6. Que o culto doméstico seja realizado constante e oportunamente, duas vezes ao dia, naquela hora que for mais livre de interrupções; não o atrasando sem justa causa. Mas sempre que for realizado, certifique-se de que seja feito com reverência, seriedade e de forma espiritual. Se um dever maior não impedir, comece com uma breve invocação do nome de Deus, implorando Sua ajuda e bênção por meio de Cristo; e então leia alguma parte da Sagrada Escritura em ordem; e ou ajude os ouvintes a entendê-la e aplicá-la, ou, se você for incapaz para isso, leia algum livro proveitoso para eles com tais fins; e cantem um salmo (se houver gente suficiente para fazê-lo adequadamente) e fervorosamente derramem suas almas em oração. Mas se ocasiões inevitáveis não permitirem tudo isso, faça o que puder, especialmente na oração, e faça o restante em outra hora; mas não pretenda necessidade contra qualquer dever, quando se trata apenas de má vontade ou negligência. A realização vívida dos deveres familiares é um meio principal para manter o poder e o interesse da piedade no mundo; o qual todo decai quando estes se tornam mortos, superficiais e formais.

Direção 7. Renove a intenção real e a lembrança do seu fim último quando se dedicar ao trabalho do dia ou iniciar qualquer negócio notável no mundo. Que a Santidade Ao Senhor esteja escrita em seus corações em tudo o que fizerem. Não façam nenhum trabalho que não possam atribuir a Deus e dizer verdadeiramente que Ele o incumbiu; e não façam nada no mundo para qualquer outro fim último senão para agradá-Lo, glorificá-Lo e desfrutá-Lo. E lembrem-se de que tudo o que fizerem deve ser feito como um meio para esses fins, e como alguém que está, por esse caminho, indo para o céu. Todo o seu

trabalho deve ser como o trabalho de um viajante, que é todo voltado para o fim da jornada; e todo o seu respeito ou afeto por qualquer lugar ou coisa em seu caminho deve ser em relação à conquista do fim; como um viajante ama um bom caminho, um bom cavalo, uma boa estalagem, uma capa seca ou boa companhia; mas nada deve ser amado aqui como seu fim ou lar. Elevam seus corações ao céu e digam: "Se este trabalho e caminho não tendessem para lá direta ou indiretamente, não seriam trabalho ou caminho para mim". Tudo o que fizerdes, fazei tudo para a glória de Deus (1 Co 10:31).

Direção 8. Sigam os trabalhos de sua vocação com afinho e diligência. Disso seguirão muitas vantagens: 1. Vocês mostrarão que não são preguiçosos e servos de sua carne, como aqueles que não conseguem negar o descanso dela; e vocês promoverão a mortificação de todos os desejos e luxúrias carnis, que são alimentados pela folga e pela ociosidade. 2. Vocês manterão pensamentos ociosos fora de suas mentes, os quais enxameiam nas mentes de pessoas ociosas. 3. Vocês escaparão da perda de tempo precioso, do qual pessoas ociosas são culpadas diariamente. 4. Vocês estarão em um curso de obediência a Deus, enquanto o preguiçoso está em constante pecado de omissão. 5. Vocês podem ter mais tempo de sobra para exercícios santos se seguirem seu trabalho de perto enquanto estiverem nele; ao passo que pessoas ociosas não conseguem ter tempo para oração ou leitura porque o perdem vadiando no trabalho e deixam seus negócios sempre atrasados. 6. Vocês podem esperar a bênção de Deus para a provisão confortável para vocês e suas famílias, e para terem o que dar aos que precisam, enquanto o preguiçoso passa necessidade e é lançado pela sua carência em abundância de tentações, e não tem nada com que fazer o bem. 7. E isso também tenderá à saúde de seus corpos, o que os tornará mais aptos para o

serviço de suas almas. Enquanto a preguiça desperdiça tempo, saúde, bens, inteligência, graça e tudo o mais.

Direção 9. Conheçam profundamente suas corrupções e tentações, e vigiem contra elas o dia todo; especialmente o tipo mais perigoso de suas corrupções e aquelas tentações que sua companhia ou negócio inevitavelmente colocarão diante de vocês.** Estejam sempre vigiando e trabalhando contra os pecados mestres e radicais: a incredulidade, a hipocrisia, o egoísmo, o orgulho, a sensualidade ou busca pelo prazer da carne, e o amor desordenado pelas coisas terrenas. Cuidem para que, sob pretexto de diligência em sua vocação, não sejam atraídos para a mentalidade terrena e preocupações excessivas ou planos gananciosos para subir no mundo. Se vocês forem negociar ou lidar com outros, cuidem do egoísmo, que deseja tirar ou economizar dos outros o máximo que puderem para vocês mesmos e para sua própria vantagem; cuidem de tudo o que cheira a injustiça ou falta de caridade em todos os seus tratos com os outros. Se vocês conversam com faladores vãos, estejam sempre prevenidos contra a tentação da vaidade da fala. Se conversam com pessoas iradas, estejam sempre fortificados contra as provocações delas. Se conversam com pessoas lascivas, ou com aquelas que estão tentando os do outro sexo, mantenham aquela modéstia e distância necessária e pureza de fala que as leis da castidade exigem. Se vocês têm servos que estão sempre falhando, estejam tão prevenidos contra a tentação que as falhas deles não tornem vocês faltosos, e que vocês não façam nada que seja indecoroso ou injusto, mas apenas aquilo que tenda à correção deles. Se vocês são pobres, estejam sempre prevenidos contra as tentações da pobreza, para que ela não traga sobre vocês um mal muito maior que ela mesma. Se vocês são ricos, sejam mais diligentes em fortificar seus corações contra aquelas tentações mais perigosas das riquezas, das quais muito poucos escapam. Se

conversam com lisonjeadores ou com aqueles que os admiram muito, fortifiquem-se contra o orgulho que incha. Se conversam com aqueles que os desprezam e insultam, fortifiquem-se contra o orgulho impaciente e vingativo. Esses trabalhos no início serão muito difíceis, enquanto o pecado tiver qualquer força; mas quando vocês adquirirem uma apreensão habitual do perigo venenoso de cada um desses pecados e da tendência de todas as tentações, seus corações prontamente e facilmente as evitarão, sem muito cansaço, reflexão e cuidado; assim como um homem passa longe de uma casa infectada com a peste, ou sai do caminho se encontra uma carroça ou qualquer coisa que possa feri-lo.

Direção 10. Quando estiverem sozinhos em seus trabalhos, aproveitem o tempo em meditações práticas e frutíferas (não especulativas e estéreis); especialmente no trabalho do coração e no trabalho do céu.** Que suas meditações principais sejam sobre a bondade infinita e as perfeições de Deus, e a vida de glória, que no amor e louvor a Ele vocês devem viver para sempre; e a seguir que Cristo, e os mistérios da graça na redenção do homem, sejam o assunto de seus pensamentos; e depois disso seus próprios corações e vidas, e o restante antes expresso no capítulo 16, direção 6. Se vocês forem capazes de realizar meditações de forma metódica, será melhor; mas se não puderem fazer isso sem tanto esforço que os confunda, distraia e os lance na melancolia, é melhor que suas meditações sejam mais curtas e fáceis, como orações ejaculatórias; mas que sejam usualmente operativas para fazer algum bem aos seus corações.

Direção 11. Se vocês trabalham em companhia de outros, estejam munidos de assunto, habilidade, resolução e zelo para aproveitar o tempo em conversas proveitosas e para evitar distrações, conforme orientado no capítulo 16.

Direção 12. O que quer que estejam fazendo, acompanhados ou sozinhos, que o dia seja gasto na excitação e exercício interior das graças da alma, tanto quanto em deveres externos corporais. E para esse fim saibam que não há dever externo que não deva ter alguma graça interna para animá-lo, ou então não passa de uma imagem ou carcaça, inaceitável para Deus. Quando vocês estão orando e lendo, ali devem ser exercitadas as graças da fé, do desejo, do amor, do arrependimento, etc.: quando estão sozinhos, a meditação pode ajudar a atuar qualquer graça conforme acharem mais necessário: quando estão conversando com outros, devem exercitar o amor por eles, e o amor por aquela verdade sobre a qual conversam, e outras graças conforme o assunto exigir: quando são provocados ou estão sob sofrimento, têm a paciência para exercitar. Mas, especialmente, deve ser o negócio principal diário de vocês, pelo exercício da fé, manter seus corações aquecidos no amor de Deus e de seu querido Redentor, e nas esperanças e pensamentos deleitosos do céu. Como os meios são variados e admitem deliberação e escolha, porque devem ser usados apenas como meios, e não todos de uma vez, mas às vezes um e às vezes outro, enquanto o fim permanece o mesmo e além da deliberação ou escolha; assim todas aquelas graças que são apenas meios devem ser usadas assim variadamente, e com deliberação e escolha; enquanto o amor de Deus e da vida eterna deve ser o teor e a constituição constante da mente, como sendo a graça final, que consiste no exercício de todas as outras graças mediadoras. Nunca se contentem apenas com o trabalho dos lábios ou exercício corporal, nem com pensamentos estéreis, a menos que seus corações também estejam empregados em um curso de dever, e suspiros santos por Deus, ou movimento em direção a Ele, ou na parte interna sincera do dever que realizam para com os homens: justiça e amor são graças que vocês devem sempre exercitar para com todos com quem têm de lidar no mundo. O amor é chamado o

cumprimento da lei (Rm 13:10); porque o amor de Deus e do homem é a alma de cada dever externo, e uma causa que produzirá estes como seus efeitos.

Direção 13. Mantenham uma alta estima pelo tempo; e sejam a cada dia mais cuidadosos para não perderem nada de seu tempo do que são para não perderem nada de seu ouro ou prata; e se recreações vãs, vestimentas, banquetes, conversas ociosas, companhias inúteis ou o sono forem qualquer um deles tentações para roubar-lhes qualquer parte de seu tempo, aumentem proporcionalmente sua vigilância e firmes resoluções contra eles. Não sejam mais cuidadosos em escapar de ladrões e salteadores do que em escapar daquela pessoa, ou ação, ou curso de vida que os roubaria de qualquer parte de seu tempo. E para a remissão do tempo, vejam especialmente não apenas que nunca estejam ociosos, mas também que estejam fazendo o maior bem que puderem, e não prefiram um menor a um maior.

Direção 14. Comam e bebam com temperança e gratidão; pela saúde, e não por prazer inútil. Quanto à quantidade, evitem o excesso com o maior cuidado; pois muitos excedem, para cada um que consome pouco demais. Nunca satisfaçam o seu apetite em comida ou bebida quando isso tender ao detrimento de sua saúde. Pv 31:4, 6: "Não é dos reis beber vinho, nem dos príncipes desejar bebida forte... Daí bebida forte ao que está prestes a perecer, e o vinho aos amargurados de espírito". Ec 10:16, 17: "Ai de ti, ó terra, quando teu rei é criança, e cujos príncipes comem de manhã! Bem-aventurada tu, ó terra, quando teu rei é filho de nobres, e cujos príncipes comem a tempo, para refazer as forças, e não para bebedice!" Então devem também os homens mais pobres cuidar-se da intemperança e do excesso. Que sua dieta se incline mais para o tipo comum que para o refinado, e para o barato que para o

custoso, e para a abstinência moderada que para a fartura. Eu aconselharia os homens ricos, especialmente, a escreverem em letras grandes nas paredes de suas salas de jantar ou salas de estar estas duas sentenças: Ez 16:49, "eis que esta foi a iniquidade de sodomia, soberba, fartura de pão e abundância de ociosidade houve nelas, e ela nunca fortaleceu a mão do pobre e do necessitado". Lc 16:19, 25: "Havia um certo homem rico, que se vestia de púrpura e de linho finíssimo, e vivia todos os dias regalada e esplendidamente... Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida". Paulo chorava quando mencionava aqueles "cujo fim é a perdição; cujo deus é o ventre, e cuja glória é para confusão deles, que só pensam nas coisas terrenas, sendo inimigos da cruz" (Fp 3:18, 19). Oh, não vivam segundo a carne, para que não morram (Rm 8:13; Gl 6:8; 5:21, 23, 24).

Direção 15. Se qualquer tentação prevalecer contra você, e você cair em quaisquer pecados além das fraquezas comuns, lamente-o imediatamente, e confesse não apenas a Deus, mas aos homens, quando a confissão conduzir mais ao bem do que ao mal; e levante-se por um arrependimento verdadeiro e completo, imediatamente, sem demora.** Não poupe a carne, e não tape a brecha superficialmente, e não tente amenizar a ferida com desculpas, mas levante-se rapidamente, custe o que custar; pois certamente custará mais continuar ou permanecer impenitente. E quanto às suas fraquezas comuns, não as considere leves demais, mas confesse-as e lute diariamente contra elas; e examine que força você obtém contra elas, e não as agrave pela impenitência e pelo desprezo.

Direção 16. Todos os dias olhe para os deveres especiais de suas diversas relações: quer sejam maridos, esposas, pais, filhos, senhores, servos, pastores, povo, magistrados ou súditos, lembrem-se de que cada relação tem seu dever especial

e sua vantagem para a prática de algum bem; e que Deus exige a sua fidelidade neles, tanto quanto em qualquer outro dever. E que nestes a sinceridade ou hipocrisia de um homem é geralmente mais testada do que em quaisquer outras partes de nossas vidas.

Direção 17. À noite, volte à adoração a Deus, na família e em segredo, como foi orientado para a manhã. E faça tudo com seriedade, como diante de Deus, e no sentido de suas necessidades; e que seja o seu deleite receber instruções da Sagrada Escritura, e louvar a Deus, e clamar pelo Seu nome por meio de Cristo.

Direção 18. Se você tiver quaisquer obstáculos extraordinários em um dia que o impeçam em seu dever para com Deus e o homem, compense com diligência no dia seguinte; e se tiver quaisquer auxílios extraordinários, faça uso deles e não os deixe passar. Como, por exemplo, se for dia de palestra, ou um sermão fúnebre, ou se você tiver oportunidade de conversar com homens de valor extraordinário; ou se for um dia de humilhação ou ação de graças; deve-se esperar que você reúna uma medida dupla de força por tais auxílios extraordinários.

Direção 19. Antes de se entregarem ao sono, é ordinariamente um curso seguro e necessário fazer uma revisão das ações e misericórdias do dia que passou; para que possam ser especialmente gratos por todas as misericórdias especiais, e humilhados por seus pecados, e possam renovar seu arrependimento e resoluções de obediência, e possam examinar a si mesmos, se suas almas estão melhorando ou piorando, e se o pecado diminui e a graça aumenta, e se estão melhor preparados para sofrimentos e para a morte. No entanto, não desperdiciem tempo demais nos relatos comuns de sua vida, como aqueles que negligenciam seu dever enquanto estão

examinando a si mesmos sobre como o realizam, e se angustiam com a longa análise de suas fraquezas comuns. Mas, por um arrependimento geral (contudo sincero), lamentem suas falhas diárias inevitáveis e recorram a Cristo para um perdão diário e graça renovada; e no caso de pecados ou misericórdias extraordinárias, certifiquem-se de estarem extraordinariamente humilhados ou agradecidos. Alguns pensam que é melhor manter um catálogo diário ou diário de seus pecados e misericórdias. Se fizerem isso, não sejam minuciosos demais na enumeração daqueles que são objeto de retorno diário; pois será apenas uma tentação para desperdiçar seu tempo e negligenciar deveres maiores, e para torná-los habituados e insensíveis a tais pecados e misericórdias quando os mesmos vierem a ser recitados repetidamente dia após dia. Mas que as misericórdias comuns sejam registradas de modo mais geral, e os pecados comuns geralmente confessados (sem que nenhum deles seja por isso menosprezado); e que as misericórdias extraordinárias e os pecados maiores tenham uma observação mais particular. E lembrem-se, ainda, de que pecados e misericórdias que não convém que outros conheçam são mais seguramente confiados à memória do que à escrita; e creio que um coração bem humilhado e agradecido não deixaria facilmente a memória deles escapar.

Direção 20. Quando se dispuserem a dormir, novamente confiem-se a Deus por meio de Cristo, e clamem pela Sua proteção, e encerrem o dia com algum exercício santo de fé e amor. E se vocês forem pessoas que necessariamente precisam ficar acordadas à noite, que suas meditações sejam santas e exercidas sobre aquele assunto que for mais proveitoso para suas almas. Mas não posso dar isso como uma direção comum, porque o corpo precisa de sono, do contrário ficará inapto para o trabalho, e todos os pensamentos sobre coisas santas devem ser sérios; e todos os pensamentos sérios impedirão o sono, e

aqueles que acordam à noite o fazem involuntariamente e não gostariam de perder as esperanças de dormir, o que tais meditações sérias fariam. Nem posso aconselhá-los (ordinariamente) a se levantarem à noite para orar, como fazem os devotos papistas. Pois isso é apenas servir a Deus com uma cerimônia irracional e prejudicial; e é de se admirar até onde tais homens irão em cerimônia, quando não se deixam levar a uma vida de amor e adoração espiritual. A menos que os homens colocassem irracionalmente o serviço de Deus em orar nesta hora em vez de naquela, poderiam ver quão imprevidentemente e pecaminosamente perdem seu tempo, vestindo-se e despindo-se duas vezes, e nos intervalos de seu sono, quando poderiam poupar todo esse tempo ficando acordados por mais tempo ou levantando-se mais cedo para o mesmo emprego. Além da tendência que isso tem para a destruição da saúde, pelo frio e interrupção do descanso necessário; visto que Deus não aprova o enfraquecimento do corpo, nem a destruição de nossa saúde, nem o encurtamento da vida (não mais do que o assassinato ou a crueldade para com os outros); mas apenas nos chama a negar nossos prazeres sensuais e desnecessários, e a usar o corpo de modo que ele seja o mais útil possível para a alma e para Ele.

Apresentei brevemente estas vinte direções para o uso correto de cada dia, para que aqueles que precisam delas e não conseguem se lembrar das direções maiores e mais particulares possam, ao menos, ter estas poucas gravadas em suas mentes e torná-las a prática diária de suas vidas; o que, se fizerem sinceramente, não podem imaginar o quanto conduzirá à santidade, produtividade e tranquilidade de suas vidas, e à sua morte pacífica e confortada.

CAPÍTULO 18

DIREÇÕES PARA A ORDEM DOS DEVERES SANTOS

Direções para a santificação do Dia do Senhor nas famílias

Direção 1. Esteja bem resolvido contra as objeções daqueles homens carnaís que gostariam de fazê-lo acreditar que a santificação do dia do Senhor é algo desnecessário. Quanto ao nome, se deve ser chamado de "sábado cristão", não vale muito a pena discutir: sem dúvida, o nome "Dia do Senhor" é aquele que lhe foi dado pelo Espírito de Deus (Ap 1:10), e os cristãos antigos às vezes o chamavam de "O Sábado", por alusão, assim como usavam os nomes "sacrifício" e "altar": a questão não é tanto sobre o nome, mas sobre a coisa em si; se devemos passar o dia em exercícios santos, sem distrações desnecessárias. E para firmar suas consciências nisso, você tem todas estas evidências à mão:

1. Pela confissão de todos, você tem a lei da natureza para lhe dizer que Deus deve ser adorado abertamente, e que algum tempo determinado deve ser designado para Sua adoração. E, quer o quarto mandamento esteja formalmente em vigor ou tenha sido revogado, contudo concorda-se comumente que a paridade de razão e a equidade geral dele servem para nos informar que é a vontade de Deus que um dia em sete seja o mínimo que destinemos a esse uso: tendo sido isso julgado uma proporção adequada pelo próprio Deus (desde a criação, e com base na comemoração da criação), e estando os cristãos não menos obrigados a tomar um espaço de

tempo tão grande, eles que têm tanto a criação quanto a redenção para comemorar, e uma maneira de adoração mais excelente a realizar.

2. É confessado por todos os cristãos que Cristo ressuscitou no primeiro dia da semana, e apareceu aos Seus discípulos congregados naquele dia, e derramou o Espírito Santo sobre eles naquele dia; e que os apóstolos designaram, e as igrejas cristãs observaram, suas assembleias e comunhão ordinariamente naquele dia; e que esses apóstolos foram cheios dos dons extraordinários do Espírito Santo para que pudessem infalivelmente familiarizar a igreja com a doutrina e a vontade de Jesus Cristo, e deixá-las registradas para as eras sucessoras; e assim foram encarregados por ofício, e capacitados por dons, para estabelecer as ordens da igreja evangélica, assim como Moisés fez com as questões do tabernáculo e da adoração de então; e assim, que suas leis ou ordens assim estabelecidas eram as leis ou ordens do Espírito Santo (Jo 20:1, 19, 26; At 2:1; 20:7; 1 Co 16:1, 2; Ap 1:10; Mt 28:19, 20; Jo 16:13-15; Rm 16:16; 2 Ts 2:15).
3. Também é confessado que a igreja universal, desde os dias dos apóstolos até agora, tem constantemente santificado o dia do Senhor em memória da ressurreição de Cristo, e isso conforme a vontade de Cristo entregue a eles por meio dos apóstolos; de modo que não me lembro de qualquer cristão ortodoxo, ou herege, que jamais tenha se oposto, questionado ou duvidado disso, até os séculos recentes. E como uma descoberta histórica do fato, esta é uma boa evidência de que ele foi de fato estabelecido pelos apóstolos; e, conseqüentemente, por Cristo, que lhes deu sua comissão e os inspirou pelo Espírito Santo.

4. É confessado que esta ainda é a prática da igreja universal; e aqueles que consideram ser apenas de designação eclesiástica, alguns deles referem-se a eclesiásticos extraordinários como os apóstolos inspirados, e todos eles consideram a designação como obrigatória para todos os membros da igreja.
5. As leis da terra onde vivemos o ordenam, e o rei, por proclamação, urge a sua execução: e os cânones, e as homilias, e a liturgia mostram que a santa observação do dia do Senhor é o julgamento e a vontade dos governadores da igreja. Leia as homilias sobre o tempo e o lugar da adoração. Sim, elas exigem que o povo diga quando o quarto mandamento é lido: "Senhor, tem misericórdia de nós e inclina nossos corações a guardar esta lei". E o comando da autoridade não é uma obrigação desprezível.
6. É concedido por todos que mais do que isso é devido a Deus; e a vida que há em cada cristão lhe diz que é uma misericórdia muito grande para nós, não apenas para os servos, mas até para todos os homens, que um dia em sete possam se desonerar de todos os cuidados e negócios do mundo, que podem impedir sua santa comunhão com Deus e uns com os outros, e aplicar-se inteiramente a aprender a vontade de Deus. E a natureza nos ensina a aceitar a misericórdia quando ela nos é oferecida, e não a discutir contra a nossa própria felicidade.
7. A experiência comum nos diz que onde o dia do Senhor é observado de forma mais santa e cuidadosa, o conhecimento e a religião prosperam melhor; e que mais almas são convertidas naqueles dias do que em todos os outros dias somados; e que o povo é, conseqüentemente, mais edificado; e que onde quer que o dia do Senhor seja ordinariamente negligenciado ou

mal gasto, a religião e a civilidade decaem, e há uma diferença visível e lamentável entre esses lugares e famílias e os demais.

8. A razão e a experiência nos dizem que, se os homens fossem deixados por conta própria sobre que tempo deveriam designar para a adoração pública de Deus, na maioria dos lugares seria tão pouco, e tão desordenado e incerto, que a religião seria, em grande parte, banida do mundo hoje cristão. Portanto, havendo necessidade de uma lei universal para isso, é provável que tal lei exista; e, se for assim, ela não pode vir de ninguém senão de Deus, o Criador, Redentor e Espírito Santo, não havendo outro governador e legislador universal para impô-la.
9. Todos devem confessar que é mais desejável, por uma questão de unidade e concórdia, que todos os cristãos realizem suas assembleias santas em um único e mesmo dia, e que todos de uma vez, por todo o mundo, adorem a Deus e busquem Sua graça, do que fazê-lo alguns em um dia e outros em outro.
10. E todos com quem já conversei confessam que, se o gasto santo do dia do Senhor não for necessário, ele é ao menos lícito; e, portanto, quando há tanto a ser dito em favor da necessidade dele também, santificá-lo é o caminho mais seguro, visto que isso não pode ser um pecado, mas o contrário pode sê-lo; e a licença é encorajamento suficiente para aceitar tão grande misericórdia. Tudo isso reunido satisfará um homem que tenha qualquer senso espiritual das preocupações de sua própria alma e das almas alheias.

Objeção: Mas você dirá que, além do nome, ainda é uma controvérsia se o dia inteiro deve ser gasto em exercícios santos, ou apenas o tempo que for adequado para a comunhão

pública, não sendo encontrado na antiguidade que as igrejas costumassem observá-lo além disso.

Resposta: Nenhum homem sensato nega que obras de necessidade para a preservação de nossas próprias vidas ou das vidas de outros, ou da saúde, ou de bens, possam ser feitas no dia do Senhor: de modo que, quando dizemos que o dia inteiro deve ser gasto de forma santa, não excluimos o comer e o dormir, nem as ações necessárias ligadas à adoração; assim como se diz que os sacerdotes no templo violavam o sábado (isto é, o descanso externo) e eram inculpáveis. Caso contrário, que se trata do dia inteiro é evidente nos argumentos produzidos: as histórias antigas e os cânones da igreja não falam de apenas uma parte do dia, mas de todo ele: todos confessam que, quando o trabalho ou esportes pecaminosos são proibidos, o são para o dia inteiro, e não apenas para uma parte. E quanto ao que é alegado sobre o costume da igreja antiga, respondo: 1. As igrejas mais antigas passavam quase todo o dia em adoração pública e comunhão: começavam pela manhã e continuavam sem se separar até a noite. Sendo a primeira parte do dia gasta no ensino dos catecúmenos, estes eram então dispensados, e a igreja continuava reunida em pregação e oração, mas especialmente naqueles ofícios de louvor e eucarísticos que acompanham a celebração do sacramento do corpo e sangue de Cristo. Eles não consideravam então (como os glutões fazem agora) que era jejum abster-se de um jantar, quando ceavam, sim, festejavam à noite; não sendo comum entre os romanos fazerem refeição alguma ao meio-dia. E aqueles que passavam o dia todo juntos em adoração pública e comunhão, você pode ter certeza de que não passavam parte dele em danças, nem em peças teatrais, nem em negócios mundanos. 2. E a história da igreja nos dá poucos relatos sobre o que pessoas particulares faziam em privado, nem se poderia esperar isso. 3. Quem nos trouxe qualquer prova de que a igreja

jamais aprovou passar qualquer parte do dia em esportes, ou ociosidade, ou negócios mundanos desnecessários? Ou que quaisquer igrejas (ou pessoas dignas de consideração) realmente o passassem assim? 4. A menos que a prova deles venha daqueles muitos cânones de nossa própria igreja e de outras, que ordenam a sua santa observação e proíbem esses jogos e trabalhos nele; o que, confesso, sugere que havia alguns que precisavam de leis para os restringir da violação dele. 5. Novamente digo que, visto que poucos homens terão a ousadia de dizer que peças e jogos, ou a ociosidade, são um dever naquele dia, bastará a um cristão santo e grato se ele tiver apenas a permissão de passar o dia todo para o bem de sua alma e daqueles ao seu redor; e se ele puder estar lendo e meditando na palavra de Deus, e orando e louvando a Ele, e instruindo sua família, enquanto outros desperdiçam esse tempo em vaidade; especialmente para servos e homens pobres, que têm pouco outro lazer durante todo o ano para buscar conhecimento ou usar tais auxílios para sua salvação. Assim como para um homem pobre que é mantido com fome durante toda a semana, a simples liberdade de banquetear-se com seu senhor no dia do Senhor o satisfaria sem uma lei que o constrangesse a isso; o mesmo ocorre aqui com uma alma faminta.

Direção 2. Lembre-se de que o trabalho do dia é, em geral, manter o conhecimento e a religião no mundo, e assumir e honrar nosso Criador, Redentor e Regenerador abertamente diante de todos; e ter comunhão com Deus por meio de Cristo no Espírito, recebendo e exercitando Sua graça, visando à nossa comunhão com Ele na glória. Que esses sejam, portanto (bem compreendidos), os seus objetivos, e neles esteja você exercitado o dia todo, e não se detenha hipocritamente no descanso corporal e nos deveres externos. Lembre-se de que é um dia para o trabalho do coração, tanto quanto para o

exercício da língua, dos ouvidos e dos joelhos; e que o seu principal negócio é com o céu; siga o seu coração, portanto, o dia todo, e veja que ele não esteja ocioso enquanto seu corpo se exercita: nada é feito se o coração nada faz.

Direção 3. Lembre-se de que o trabalho especial do dia é celebrar o memorial da ressurreição de Cristo, e de toda a obra da redenção do homem por meio Dele. Trabalhe, portanto, com toda a diligência, no senso de seu pecado e miséria naturais, para despertar o senso vivo do maravilhoso amor de Deus e de nosso Redentor, e para passar o dia todo nos exercícios especiais de fé e amor. E, visto que é o festival semanal cristão, ou dia de ação de graças pela maior misericórdia do mundo, passe-o como um dia de ação de graças deve ser passado, especialmente em louvores alegres ao nosso Senhor; e que os exercícios de humilhação e instrução do dia sejam todos subordinados a esses exercícios de louvor. Sei que muito tempo deve ser gasto no ensino e no aviso aos ignorantes e ímpios, porque a pobreza e os trabalhos deles os impedem de outras oportunidades desse tipo, e devemos falar com eles então ou nunca. Mas, se não fosse por essa mera necessidade deles, e se pudéssemos igualmente falar com eles em outros dias da semana, as igrejas deveriam passar todo o dia do Senhor em tais louvores e ações de graças que fossem adequados aos fins da instituição. Mas, visto que isso não se pode esperar, creio ser desejável que o costume antigo das igrejas fosse mais imitado, e o sermão da manhã sendo adequado ao estado dos mais ignorantes e não convertidos, que o restante do dia fosse gasto nos exercícios de ação de graças para a alegria e encorajamento dos crentes, e em doutrina adequada ao estado deles. E contudo devo acrescentar que um pregador habilidoso fará ambas as coisas juntas, e declarará o amor e a graça de nosso Redentor de tal modo que, por uma aplicação adequada,

possa tanto atrair os ímpios quanto confortar aqueles que já estão santificados, e elevar seus corações em louvor a Deus.

Direção 4. Lembre-se de que o dia do Senhor é designado especialmente para a adoração pública e para a comunhão pessoal das igrejas nele: veja, portanto, que passe tanto tempo do dia quanto puder nesta adoração pública e comunhão da igreja; especialmente na celebração daquele sacramento que é designado para o memorial da morte de Cristo até que Ele venha (1 Co 11:25, 26). Este sacramento na igreja primitiva era celebrado todo dia do Senhor; sim, e com mais frequência, até ordinariamente em todos os outros dias da semana quando as igrejas se reuniam para a comunhão. E poderia ser assim agora, sem qualquer impedimento à pregação ou à oração, se todas as coisas fossem ordenadas como deveriam ser; pois aquelas orações, instruções e exortações que são mais adequadas a esta ação eucarística seriam as orações e sermões mais adequados para a igreja nos dias do Senhor. Enquanto isso, cuide para que tanto do dia quanto for gasto na comunhão da igreja e adoração pública seja por você aproveitado de acordo; e não esteja, naquele momento, ocupado com seus cultos secretos ou familiares, mas reserve apenas aquelas horas para tais deveres privados em que a igreja não está reunida; e lembre-se do quanto o amor dos santos deve ser exercitado nesta comunhão e, portanto, trabalhe para manter vivo esse amor, sem o qual ninguém pode celebrar o dia do Senhor de acordo com o fim da instituição.

Direção 5. Entenda quão grande misericórdia é o fato de você ter permissão para assim esperar em Deus para o recebimento e exercício da graça, e para afastar os pensamentos e negócios perturbadores do mundo, e que oportunidade é colocada em sua mão de obter mais em um único dia do que este mundo pode lhe oferecer em toda a sua vida. E, portanto, venha com alegria,

como quem vai receber uma misericórdia tão grande, e com desejo por ela, e com esperança de ser bem-sucedido, e não com má vontade, como quem vai para uma tarefa desagradável, como corações carnis que não amam a Deus, nem Sua graça ou serviço, e estão cansados de tudo o que fazem, e alegres quando termina, como o boi que é desatrelado do jugo. "Se desviares o teu pé do sábado, de fazeres a tua vontade no meu santo dia, e se chamares ao sábado deleitoso e santo dia do Senhor, digno de honra, e se o honrares, não seguindo os teus caminhos, nem pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falar as tuas próprias palavras, então te deleitarás no Senhor" (Is 58:13, 14). O afeto que você tem pelo dia do Senhor mostra muito o temperamento do coração: uma pessoa santa alegra-se quando ele chega, amando-o pelos exercícios santos do dia; um coração ímpio e carnal alegra-se com ele apenas pelo seu descanso carnal, mas está cansado dos deveres espirituais.

Direção 6. Evite ambos os extremos, tanto da profanidade quanto da superstição, na questão do seu descanso externo: e para esse fim, observe: 1. Que o trabalho não é para o dia, mas o dia para o trabalho santo; como Cristo diz: "O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado" (Mc 2:27). Ele é designado para o nosso bem, e não para o nosso dano. 2. O descanso exterior não é designado por si mesmo, mas como um meio para a liberdade da mente em ocupações interiores e espirituais; e, portanto, todos os trabalhos e discursos exteriores e comuns são ilícitos se, de qualquer modo, distraírem a mente e impedirem nossa assistência externa ou interna a Deus, bem como nossa edificação. 3. E (seja o que for para os judeus) nenhuma palavra ou ação comum é ilícita se não representar impedimento para esta comunhão, adoração e edificação espiritual. 4. Sim, aquelas coisas que são necessárias para o sustento da natureza e para salvar a vida ou a saúde, ou os bens

e propriedades de nós mesmos ou de nossos vizinhos, são deveres necessários naquele dia: não todas aquelas obras que são verdadeiramente caritativas (pois pode ser uma obra de misericórdia construir hospitais, ou fazer roupas para os pobres, ou lavrar a terra deles), mas aquelas obras de misericórdia que não podem ser adiadas para outro dia, e aquelas que não impedem os deveres do dia. 5. A mesma palavra ou ação no dia do Senhor que é ilícita para um homem pode ser lícita para outro, por não ser um impedimento, mas sim um dever para ele: como Cristo diz: "Os sacerdotes no templo violam ou profanam o sábado (isto é, o descanso externo, mas não o mandamento) e ficam sem culpa" (Mt 12:5). E o cozinheiro pode legalmente ser empregado em preparar a carne, quando seria pecado para outro fazê-lo voluntariamente sem necessidade. 6. Sendo o dia do Senhor para ser guardado como um dia de ação de graças, a preparação de tal carne que seja adequada para um dia de ação de graças não deve ser motivo de escrúpulo: os cristãos primitivos, no tempo dos apóstolos, tinham seus banquetes de amor constantemente (com a ceia do Senhor ou depois) na noite do dia; e eles não poderiam festejar sem preparar a carne. 7. Contudo, aquilo que é lícito em si mesmo deve ser feito de modo que seja compatível com o cuidado e a compaixão pelas almas dos servos que são empregados nisso, para que não sejam privados de mais do seu benefício espiritual do que o estritamente necessário. 8. Também aquilo que é lícito deve, às vezes, ser evitado quando, por meio de escândalo, possa tentar outros que são relaxados ou fracos a fazerem o que é ilícito: não que o simples desagrado dos errôneos deva nos desviar do caminho certo, mas o escândalo contra o qual se fala na Escritura é o ato de colocar uma tentação diante de homens fracos para fazê-los pecar. 9. Cuidado com esse temperamento hipócrita e censurador que transforma a observação santa do dia em uma abstinência cerimoniosa de coisas lícitas; e censura

como ímpios aqueles que não pensam da mesma forma e não se abstêm de tais coisas tão bem quanto eles. Note a diferença entre Cristo e os fariseus neste ponto: grande parte da contenda deles com Ele era sobre a observação externa do sábado; porque Seus discípulos debulhavam o trigo para comer no dia de sábado, e porque Ele curava no sábado e ordenava ao homem curado: "toma o teu leito e anda"; e eles diziam: "Seis dias há em que se deve trabalhar; vinde, pois, nesses dias para serdes curados" (Lc 6:1, 5, 6; 13:12, 14-16; Jo 5:17, 18; Mc 1:21, 24; 2:23-28; 3:2, 3, 5; 6:2, 5; Lc 14:1, 3, 5, 6; Jo 5:9, 10, 16; 7:22-24; 9:14, 16). E um homem que seja desse espírito deles pensará que os fariseus estavam certos. Sem dúvida, Cristo poderia ter escolhido outro dia para curar; mas Ele sabia que as obras que mais declaravam o poder de Deus, e O honravam diante de todos, e confirmavam o evangelho, eram as mais adequadas para o dia de sábado. Cuidado, portanto, com o cerimonialismo e o espírito censurador dos fariseus. Se você vir um homem caminhando ao ar livre no dia do Senhor, não o censure até saber se ele o faz por profanidade ou negligência: você não sabe se isso é necessário para a saúde dele, e se ele pode aproveitar o tempo em meditação santa. Se ouvir alguns dizerem uma palavra a mais do que você julga necessário sobre coisas comuns, ou fazerem mais em relação à comida e às roupas do que você julga adequado, não os censure até ouvir a razão deles. Um escrúpulo sobre tais observâncias externas, quando os deveres santos do dia não são em nada prejudicados por aquela coisa, e um espírito de censura para com aqueles que não são tão escrupulosos, é uma religião cerimoniosa e farisaica demais para cristãos espirituais e caridosos. E os extremos de algumas pessoas piedosas nesse sentido têm dado ocasião para que os *quakers* e os buscadores tratem e usem todos os dias da mesma forma, e para que os profanos desprezem a santificação do dia do Senhor.

Direções mais particulares para a ordem dos deveres santos

Direção 1. Lembre-se do dia do Senhor antes que ele chegue, prepare-se para ele e evite aquelas perturbações que o impediriam e o privariam do benefício. Para a preparação: 1. "Seis dias trabalharás e farás tudo o que tens para fazer". Despache todos os seus negócios para que eles não estejam presentes para impedi-lo e perturbá-lo; e cuide para que seus servos façam o mesmo. 2. Sacuda os pensamentos de coisas mundanas e limpe sua mente de prazeres e cuidados mundanos. 3. Traga à memória a doutrina que lhe foi ensinada no último dia do Senhor (e se você tem servos, faça com que eles se lembrem dela) para que esteja preparado para receber a próxima. 4. Vá para a cama em tempo oportuno para que você e seus servos não sejam forçados a dormir até tarde na manhã seguinte, nem fiquem com sono no dia do Senhor. 5. Que suas meditações sejam preparatórias para o dia. Arrependa-se dos pecados da semana passada tão detalhada e seriamente quanto puder; e busque perdão e paz por meio de Cristo, para que não compareça diante do Senhor com culpa ou perturbação em suas consciências.

Direção 2. Que seus primeiros pensamentos não sejam apenas santos, mas adequados às ocasiões do dia. Com alegria, lembre-se para que dia de misericórdias você acordou, e quão cedo seu Redentor ressuscitou dos mortos naquele dia, e em que trabalho excelente você será empregado.

Direção 3. Levante-se tão cedo naquele dia quanto faz nos outros dias. Não seja como a geração carnal que santifica o dia do Senhor apenas como um porco o faz, dormindo, ficando à toa e de barriga cheia. Não pense que seus negócios mundanos

são mais dignos de seu levantar precoce do que sua ocupação espiritual.

Direção 4. Que o seu tempo de vestir-se seja gasto em alguma meditação ou conversa proveitosa, ou ouvindo alguém ler um capítulo; e que não seja longo, para não detê-lo de seu dever.

Direção 5. Se você puder ter tempo livre, vá primeiro à oração secreta; e se vocês são servos e têm algum negócio necessário a fazer, despachem-no rapidamente, para que possam estar livres para o trabalho melhor.

Direção 6. Que o culto doméstico venha a seguir e não seja feito de qualquer jeito superficialmente, mas seja sério e reverente, e adeque tudo à natureza ou fim do dia. Especialmente desperte a si mesmo e aos seus servos para considerar o que têm a fazer em público e para irem com corações preparados e santificados.

Direção 7. Entre na santa assembleia com reverência e alegria, e comporte-se como quem vem ali para tratar com o Deus vivo sobre as questões da vida eterna. E vigie seus corações para que não divaguem, nem durmam, nem desprezem as questões sagradas em que estão ocupados. E guarde seus olhos para que não levem embora seus corações; e não deixe seus corações ociosos por um momento, mas seriamente empregados o tempo todo: e quando hipócritas e cristãos desequilibrados estiverem reclamando das imperfeições do orador, ou da congregação, ou do modo de adoração, empenhe-se você diligentemente em vigiar seu coração e em melhorar o que ouve.

Direção 8. Assim que chegar em casa, enquanto o jantar está sendo preparado, será um tempo oportuno tanto para a oração secreta quanto para a meditação; para repassar o que ouviu,

aplicá-lo ao seu coração e implorar a ajuda de Deus para o proveito disso e o perdão pelas suas falhas públicas.

Direção 9. Que o tempo da refeição seja gasto na lembrança alegre ou na menção do amor do seu Redentor; ou em algo adequado à companhia e ao dia.

Direção 10. Após o jantar, reúna suas famílias e cantem um salmo de louvor e, por meio de exame ou repetição, ou ambos, faça-os lembrar o que lhes foi ensinado publicamente.

Direção 11. Então vá novamente à congregação (ao início) e comporte-se como antes.

Direção 12. Quando chegar em casa, reúna suas famílias e, primeiro, peça a assistência e aceitação de Deus; então cantem um salmo de louvor; e depois repitam o sermão que ouviram; ou, se não houve nenhum, leiam um de algum livro vívido e proveitoso; e então orem e louvem a Deus: e tudo com a santa seriedade e alegria que é adequada ao trabalho e ao dia.

Direção 13. Então, enquanto a ceia está sendo preparada, dediquem-se à oração secreta e à meditação; seja em seus quartos ou caminhando, conforme acharem mais proveitoso: e que seus servos não tenham nada que os impeça do mesmo privilégio, a não ser o que for de necessidade.

Direção 14. Na ceia, passem o tempo conforme dito anteriormente (no jantar): lembrando-se sempre de que, embora seja um dia de ação de graças, não é um dia de glotonaria, e que você não deve ter uma dieta pesada demais, para não ficar pesado e sonolento, e inapto para o dever santo.

Direção 15. Após a ceia, examine seus filhos e servos sobre o que aprenderam o dia todo, cantem um salmo de louvor e concluam com oração e ação de graças.

Direção 16. Se houver tempo depois, tanto você quanto eles podem em segredo revisar os deveres, as misericórdias e as falhas do dia, e se recomendarem por oração nas mãos de Deus para a noite seguinte: e assim se entregarem ao descanso.

Direção 17. E para encerrar tudo, que seus últimos pensamentos sejam santos, no sentido agradecido pela misericórdia que recebeu, e pela bondade de Deus revelada pelo nosso Mediador, confiando confortavelmente suas almas e corpos em Suas mãos, e ansiando pela sua aproximação maior de Sua glória e pelo ver e desfrutar plenamente Dele para sempre.

Apresentei brevemente esta ordem de deveres para a memória daqueles que têm oportunidade de observá-la: mas se o lugar e a condição de alguém lhe negarem oportunidade para alguns destes, ele deve fazer o que puder: mas cuide para que a negligência carnal não cause a sua omissão. E agora apelo à razão, à consciência e à experiência, se este emprego não é mais adequado aos princípios, fins e esperanças de um cristão do que a ociosidade, ou a conversa vã, ou as cartas, os dados, a dança ou o frequentar tavernas, ou os negócios e discursos mundanos? E se isso não conduziria grandemente ao aumento do conhecimento, da santidade e da honestidade? E se existe algum mundano ou sensualista voluptuoso entre todos eles que não preferiria ser encontrado assim ao morrer; ou olhar para trás, quando o tempo tiver passado e se ido, para o dia do Senhor assim gasto, do que como os ociosos, carnavais e ímpios os gastam?

CAPÍTULO 19

DIREÇÕES PARA O OUVIR PROVEITOSO DA PALAVRA PREGADA

Omitindo aquelas direções que concernem aos modos externos de adoração (pelas razões mencionadas na parte 3 e conhecidas por todos que me conhecem e ao tempo e lugar em que vivo), darei a vocês tais direções sobre o manejo pessoal e interno de seu dever conforme considero mais necessário para sua edificação. E vendo que seu dever e benefício residem nestes quatro pontos gerais: 1. Que você ouça com entendimento. 2. Que você se lembre do que ouve. 3. Que você seja devidamente afetado por isso. 4. E que você o pratique sinceramente: eu o direcionarei mais particularmente em ordem a todos esses fins e deveres.

Direções para o entendimento da Palavra que você ouve

Direção 1. Leia e medite muito nas Sagradas Escrituras em particular, e então você será mais capaz de entender o que é pregado sobre elas em público, e de provar a doutrina, se ela vem de Deus. Enquanto que, se você não for familiarizado com as Escrituras, tudo o que for tratado ou alegado a partir delas será tão estranho para você que você será pouco edificado por isso (Sl 1:2; 119; Dt 6:11, 12).

Direção 2. Viva sob o ensino mais claro, distinto e convincente que você possivelmente puder obter. Há uma diferença indescritível quanto à edificação dos ouvintes entre um pregador criterioso, claro, distinto e habilidoso e um que é ignorante, confuso, genérico, seco e que apenas amontoa

um *cento* [colcha de retalhos] ou mistura confusa de algumas falas mal digeridas para preencher a hora. Se na filosofia, na medicina, na gramática, no direito e em toda arte e ciência existe uma diferença tão grande entre um mestre e outro, isso deve necessariamente ocorrer também na teologia. Pregadores ignorantes, que não entendem o que eles mesmos dizem, dificilmente farão de vocês homens de entendimento; assim como pregadores errôneos dificilmente farão de vocês ortodoxos e santos.

Direção 3. Não venha ouvir com um coração descuidado, como se fosse ouvir um assunto que pouco lhe interessa, mas venha com um senso do peso indescritível, da necessidade e das consequências da palavra santa que você irá ouvir: e quando você entender o quanto está interessado nela, e verdadeiramente a amar como a palavra da vida, isso ajudará grandemente o seu entendimento de cada verdade específica. Aquilo que um homem não ama e do qual não percebe a necessidade, ele ouvirá com tão pouco respeito e atenção que não causará nenhuma impressão considerável em sua mente. Mas um bom entendimento da excelência e necessidade, despertando o amor e a atenção séria, tornaria os detalhes fáceis de serem compreendidos; quando, caso contrário, você será como uma garrafa tapada ou de gargalo estreito, que mantém fora aquilo que você deseja colocar dentro. Sei que o entendimento deve preceder os afetos; contudo, o entendimento das preocupações e do valor de suas próprias almas deve primeiro obter tal cuidado sério com sua salvação e um respeito geral pela palavra de Deus conforme é necessário para o seu entendimento posterior das instruções específicas que você ouvirá depois.

Direção 4. Não permita que pensamentos vãos ou a negligência sonolenta impeçam sua atenção. Se você não notar

o que lhe é ensinado, como haveria de entender e aprender? Aplique-se a isso como se fosse pela sua vida: seja tão fervoroso e diligente em prestar atenção e aprender quanto você gostaria que o pregador fosse ao ensinar. Se um pregador sonolento e descuidado é ruim, um ouvinte sonolento e descuidado não é bom. Diz Moisés: "Aplicai o vosso coração a todas as palavras que hoje testifico entre vós... Porque esta palavra não é para vós coisa vã, antes é a vossa vida" (Dt 32:46, 47). Você gostaria que Deus estivesse atento às suas orações em suas aflições; e por que não será então atento às palavras Dele, quando "o que desvia os seus ouvidos de ouvir a lei, até a sua oração será abominável" para Deus? "Todo o povo estava mui atento a ouvir Cristo" (Lc 19:48). Quando Esdras leu a lei "desde a manhã até ao meio-dia... os ouvidos de todo o povo estavam atentos ao livro da lei" (Ne 8:3). Quando Paulo continuou seu exercício e fala no dia do Senhor até a meia-noite, um jovem que adormeceu caiu morto como um aviso para aqueles que dormem quando deveriam ouvir a mensagem de Cristo (At 20:9). Portanto, você está dispensado naquele dia dos negócios mundanos, "para que possais estar com o Senhor sem distração" (1 Co 7:35). A atenção de Lídia às palavras de Paulo acompanhou a abertura de seu coração e sua conversão (At 16:14).

Direção 5. Observe especialmente o propósito, o rumo e a doutrina principal do sermão. Tanto porque isso é o principal que o pregador gostaria que fosse notado, quanto porque o entendimento disso ajudará muito a entender todo o restante, que depende disso e a isso se refere.

Direção 6. Observe mais aquelas coisas que são de maior peso e interesse para suas almas. E não se prenda a alguns pequenos ditos, e discursos laterais, ou sentenças engenhosas; como

crianças que trazem para casa alguns pedaços e palavras com que apenas brincam.

Direção 7. Aprendam primeiro seus catecismos em casa, e os grandes pontos essenciais da religião contidos no credo, na oração do Senhor e nos dez mandamentos. E em seu ouvir, primeiro trabalhe para obter um entendimento mais claro destes; e então os ramos menores que crescem a partir destes serão melhor compreendidos. Você dificilmente poderá dedicar cuidado e esforço excessivos no aprendizado desses grandes pontos essenciais. É o mais proveitoso de todos os seus estudos. Duas coisas adicionais eu aconselho aqui que você evite: 1. A escalada apressada a pontos menores (que alguns chamam de mais elevados) antes de ter bem recebido estes; e o recebimento desses pontos mais elevados de forma independente, sem o devido respeito por aqueles de que dependem. 2. O alimentar-se de controvérsias secas e estéreis, e o deleitar-se na palha de palavras tilintantes e coisas impertinentes e não edificantes, ou discursos sobre formalidades e circunstâncias.

Direção 8. Medite no que ouvir quando chegar em casa até que o entenda melhor (Sl 1:2).

Direção 9. Pergunte, onde tiver dúvida, àqueles que podem resolver e ensiná-lo. Mostra uma mente descuidada e um desprezo pela palavra de Deus na maioria das pessoas e servos o fato de nunca virem pedir a resolução de uma dúvida, de uma semana ou ano para outro, embora tenham pastores ou senhores que têm habilidade, tempo e disposição para ajudá-los. "Quando Cristo estava só, os que estavam junto Dele com os doze interrogaram-No acerca da parábola" (Mt 13; Mc 4:10).

Direção 10. Leia muito aqueles livros santos que tratam melhor da doutrina que você deseja entender.

Direção 11. Ore fervorosamente por sabedoria e pela iluminação do Espírito (Ef 1:18; At 26:18; Tg 1:5).

Direção 12. A prática consciente do que você já sabe é uma ajuda excelente para o entendimento (Jo 12:7, 17).

Direções para a lembrança do que você ouve

Aquela falta de memória que provém da idade e da decadência da natureza não tem cura; nem deveria qualquer servo de Cristo se perturbar excessivamente com isso, visto que Cristo não expulsará Seus servos por isso, mais do que o faria pela velhice ou qualquer doença: mas para aquela falta de memória que é curável e que é uma falha, darei as seguintes direções.

Direção 1. Ajuda muito a memória ter um entendimento pleno da matéria falada que você deseja lembrar. E a ignorância é um dos maiores obstáculos para a memória. A experiência comum lhe diz isto: quão facilmente você consegue lembrar de qualquer discurso que entende perfeitamente (pois seu próprio conhecimento por invenção reviverá sua memória); e quão difícil é lembrar quaisquer palavras que são insignificantes ou que não entendemos. Portanto, trabalhe principalmente por um entendimento claro conforme as últimas direções.

Direção 2. Um afeto profundo e despertado é uma ajuda muito poderosa para a memória. Lembramos facilmente de qualquer coisa em que nossas propriedades ou vidas dependem, enquanto as ninharias são negligenciadas e logo esquecidas.

Portanto, trabalhe para levar tudo aos seus corações, de acordo com as direções seguintes.

Direção 3. O método é uma ajuda muito grande para a memória. Portanto, familiarize-se com o método do pregador; e então você é colocado em uma trilha ou caminho do qual não sairá facilmente. E é por isso que os ministros não devem apenas ser metódicos e evitar discursos prolixos, confusos e envolvidos, bem como aquele orgulho malicioso de esconder seu método, mas devem usar o mesmo método tantas vezes quanto o assunto permitir, e escolher aquele método que seja mais fácil para os ouvintes entenderem e lembrarem, e trabalhar para fazê-los perceber sua trilha.

Direção 4. Os números são uma grande ajuda para a memória. Como se as razões, os usos, os motivos, os sinais, as direções forem seis, sete ou oito; quando você sabe exatamente o número, isso o ajuda muito a lembrar qual era o primeiro, o segundo, o terceiro, etc.

Direção 5. Nomes também e palavras sinalizadoras são uma grande ajuda para a memória. Pode-se lembrar de uma palavra quem não consegue lembrar de toda a sentença; e aquela única palavra pode ajudá-lo a lembrar muito do restante. Portanto, os pregadores devem elaborar a força de cada razão, uso, direção, etc., tanto quanto possível, em alguma palavra enfática. (E alguns, de forma muito proveitosa, elaboram cada uma dessas palavras para começar com a mesma letra, o que é bom para a memória, desde que não seja forçado demais e não os coloque em inconveniências maiores). Como se eu fosse direcioná-lo aos auxílios principais para a sua salvação e nomeasse: 1. Pregação Poderosa. 2. Prece. 3. Prudência. 4. Piedade. 5. Persistência. 6. Paciência. 7. Perseverança. Embora eu abrisse cada um destes extensamente, os próprios nomes ajudariam a

memória dos ouvintes. É isto que faz com que ministros que se importam mais com as almas de seu povo do que em agradar ouvidos curiosos sigam a estrada comum da doutrina, razões, usos, motivos, auxílios, etc., e deem aos seus usos os mesmos títulos de informação, reprovação, exortação, etc. E contudo, quando o assunto nos direcionar a algum outro método, os ouvintes não devem se ofender conosco: pois um único método não servirá exatamente para cada assunto, e devemos ter relutância em prejudicar o texto ou a matéria.

Direção 6. É uma grande ajuda para a memória, frequentemente durante o tempo de audição, repassar e repetir para si mesmo os nomes ou cabeçalhos que foram falados. A mente do homem pode fazer duas coisas ao mesmo tempo: você pode tanto ouvir o que é dito quanto recordar e repetir para si mesmo o que já passou: não para se demorar muito nisso, mas para, frequente e rapidamente, nomear, *e.g.* [por exemplo], as razões, os usos, os motivos, etc. Para mim, esta tem sido (ao lado do entendimento e do afeto) a maior ajuda de todas as que usei; pois, de outra forma, ouvir um cabeçalho apenas uma vez e não pensar mais nele até o sermão acabar nunca me serviria para guardá-lo.

Direção 7. Não tente agarrar mais do que você é capaz de segurar, para não perder tudo. Se houver mais detalhes do que você possivelmente possa lembrar, segure alguns que mais lhe interessam e deixe o restante; talvez outro prefira pegar aqueles que você deixou para trás. No entanto, não diga que é culpa do pregador nomear mais do que você pode carregar: pois: 1. Então ele teria de omitir muito mais a sua ampliação e a maior parte do seu sermão; pois é provável que você deixe a maior parte para trás. 2. Outro pode lembrar mais do que você. 3. Nem tudo está perdido quando as palavras são esquecidas: pois

isso pode gerar um hábito de entendimento e promover a resolução, o afeto e a prática.

Direção 8. Escrever é uma ajuda fácil para a memória, para aqueles que podem usá-la. Alguns questionam se devem usá-la, porque isso impediria seu afeto. Mas isso deve ser determinado de forma diferente conforme a diferença de assuntos e de ouvintes. Alguns sermões servem todos para trabalhar sobre os afetos no momento, e a vantagem presente é preferível à consulta posterior: mas alguns devem nos beneficiar mais na digestão e revisão posteriores. E alguns ouvintes conseguem escrever muito com facilidade e pouco impedem seu afeto; e alguns escrevem tão pouco e são impedidos tanto que isso não compensa a perda deles. Alguns conhecem tão plenamente tudo o que é dito que não precisam de notas; e alguns que são ignorantes precisam delas para consulta.

Direção 9. Consulte o que você lembra, ou o que escreveu, quando chegar em casa; e fixe-o rapidamente antes que se perca; e ouça outros que consigam repeti-lo melhor. Ore sobre o assunto e converse sobre ele com outros.

Direção 10. Se você esquecer as palavras exatas, contudo lembre-se do rumo principal de tudo; e obtenha aquelas resoluções e afetos aos quais elas visam. E então você não perdeu o sermão, embora tenha perdido as palavras; assim como não perdeu seu alimento aquele que o digeriu e o transformou em carne e sangue.

Direções para as resoluções e afetos santos no ouvir

O entendimento e a memória são apenas a passagem para o coração, e a prática nada mais é que a expressão do coração: portanto, como trabalhar sobre o coração é o negócio principal.

Direção 1. Viva sob o pregador mais convincente, vívido e sério que você possivelmente puder. É uma questão de grande importância para todos, mas especialmente para corações apáticos e sem sensibilidade. Não dê ouvidos àquela geração terrena que lhe diz que, porque Deus pode abençoar o mais fraco, e porque é sua própria culpa se você não lucra com o mais fraco, por isso você não deveria fazer diferença, mas sentar-se sob um homem ignorante, mudo ou sem sensibilidade. Teste primeiro se eles aceitariam de tão boa vontade um servo ruim, ou um médico ruim, quanto um bom, porque Deus pode abençoar o trabalho do mais fraco? Teste se eles não gostariam que seus filhos fossem devidamente reprovados ou corrigidos porque é culpa deles mesmos que precisem disso? E se eles não tomariam remédio após um excesso, embora seja culpa deles mesmos o terem ficado doentes? É verdade que todo o nosso pecado é nossa própria culpa; mas a questão é: Qual é a cura mais eficaz? Qual homem que está vivo e desperto não sente uma diferença muito grande entre um pregador morto e um vívido?

Direção 2. Lembre-se de que os ministros são os mensageiros de Cristo e vêm a você no interesse Dele e em Seu nome. Ouça-os, portanto, como Seus oficiais e como homens que têm mais a ver com o próprio Deus do que com o orador. É a frase do Espírito Santo: "Todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos Daquele com quem temos de lidar" (Hb 4:13). É com Deus que você tem de lidar e, portanto, comporte-se de acordo. Veja Lc 10:16; 1 Ts 4:8; 1 Co 4:1.

Direção 3. Lembre-se de que este Deus está instruindo você, e alertando você, e tratando com você sobre nada menos que a salvação de sua alma. Venha ouvir, portanto, como que pela sua salvação. Pode esse coração ser apático quando considera bem que é sobre o céu e o inferno que Deus está tratando com ele?

Direção 4. Lembre-se de que você tem apenas um pouco de tempo para ouvir; e você não sabe se ouvirá novamente. Ouça, portanto, como se fosse a sua última vez. Pense ao ouvir os chamados de Deus e as ofertas de graça: "Não sei se esta poderá ser a minha última vez; como eu ouviria se tivesse a certeza de morrer amanhã?". Tenho certeza de que será em breve, e pode ser hoje, por tudo o que sei.

Direção 5. Lembre-se de que todos esses dias e sermões devem ser revisados, e você deve responder por tudo o que ouviu, se ouviu com amor ou com má vontade e cansaço, com atenção diligente ou com descuido; e a palavra que você ouve o julgará no último dia. Ouça, portanto, como aqueles que estão indo para o julgamento para prestar contas do seu ouvir e obedecer (Jo 12:48).

Direção 6. Faça do seu trabalho, com diligência, aplicar a palavra conforme a ouve e trabalhar seu próprio coração para aquelas resoluções e afetos adequados aos quais ela se dirige. Não jogue tudo sobre o ministro, como aqueles que não irão mais longe do que são carregados como que por força: isto é mais adequado para os mortos do que para os vivos. Você tem trabalho a fazer tanto quanto o pregador e deveria estar o tempo todo tão ocupado quanto ele: por mais indefeso que o bebê seja, ele deve sugar quando a mãe lhe oferece o peito; se você deve ser alimentado, contudo você deve abrir a boca e digerir, pois outro não pode digerir por você; nem pode o mais santo,

sábio e poderoso ministro converter ou salvar você sem você mesmo, nem livrar um povo do pecado e do inferno que não queira mover-se para sua própria libertação. Portanto, esteja o tempo todo trabalhando e abomine um coração ocioso no ouvir, tanto quanto um ministro ocioso.

Direção 7. Remoa o assunto e recorde tudo quando chegar em casa em segredo e, pela meditação, pregue tudo novamente para si mesmo. Se foi entregue friamente pelo pregador, considere você o grande peso da matéria e pregue-o mais fervorosamente ao seu próprio coração. Você deveria amar a si mesmo mais do que a ninguém e ser quem melhor conhece sua própria condição e necessidades.

Direção 8. Ore sobre tudo isso a Deus e ali lamente um coração estúpido, e eleve suas queixas ao Céu contra ele. O nome e a presença de Deus possuem um poder vivificante e despertador.

Direção 9. Vá a Cristo pela fé, para a vivificação do Seu Espírito. Sua vida está escondida Nele, sua Raiz e Cabeça; e Dele tudo deve ser transmitido: aquele que tem o Filho tem a vida; e porque Ele vive, nós viveremos também. Suplique-Lhe que glorifique o poder de Sua ressurreição, levantando os mortos; e que abra o seu coração e fale a você pelo Seu Espírito, para que você seja ensinado por Deus, e seu coração seja Sua epístola, e as tábuas onde a lei eterna está escrita (Cl 3 :3, 4; Jo 15:1-5; 11:25; 14:19; Fp 3:7, 8; At 16:14; Jo 6:45; 2 Co 3:3, 6, 17, 18; Hb 8:10; 10:16; Jr 31:33).

Direção 10. Faça consciência de ensinar e provocar os outros. Tenha piedade das almas dos ignorantes ao seu redor. Deus muitas vezes abençoa a graça que é mais aproveitada ao fazer o Seu serviço; e o nosso estoque é como o azeite da mulher, que

aumentava enquanto ela o derramava, e acabava quando ela parava (1 Rs 17:12, 14, 16). Fazer o bem é o melhor caminho para receber o bem: aquele que, por piedade de um homem pobre que está quase morrendo de fome, simplesmente começar a esfregá-lo para aquecê-lo, obterá calor para si mesmo, e ambos serão ganhadores.

Direções para pôr em prática o que ouvimos

Sem isso, o restante é vão ou falso e, portanto, algo deve ser dito a esse respeito.

Direção 1. Familiarize-se com as falhas de seus corações e de suas vidas, e venha com o propósito de obter orientações e ajuda contra essas falhas específicas. Você não saberá de qual remédio precisa, muito menos como usá-lo, se não souber o que o aflige. Saiba quais deveres você omite ou realiza descuidadamente, e saiba de quais pecados você é mais culpado, e diga ao sair de casa: "Vou a Cristo em busca de remédio para minha própria doença. Espero ouvir algo antes de voltar que possa me ajudar mais contra este pecado e me capacitar melhor para o meu dever, ou me estimular de forma mais eficaz". Seria provável que homens que não conhecem sua doença, ou que a amam e não querem que ela seja curada, pratiquem as orientações de Cristo?

Direção 2. As três direções mencionadas anteriormente continuam pressupostas, a saber: que a palavra tenha primeiro feito sua parte em seus entendimentos, memória e corações. Pois aquela palavra que não é compreendida, nem de modo algum lembrada, nem produziu resoluções e afetos, não pode

ser praticada. É o trabalho devido sobre o coração que deve prevalecer para a reforma da vida.

Direção 3. Quando você entender o que é, em termos de prática, que o pregador busca alcançar, observe especialmente os usos e as razões motivadoras, e defenda-os em seus próprios corações; e deixe a consciência estar pregando novamente tudo o que o ministro prega a você. Vocês consideram assassinos de almas aqueles que silenciam pregadores capazes e fiéis, e também aqueles pregadores que se silenciam e não alimentam o rebanho confiado aos seus cuidados; e vocês acham que é pouca coisa silenciar sua própria consciência, que deve ser o pregador que deve aplicar tudo ao íntimo, antes que se chegue à resolução ou à prática? Mantenha a consciência o tempo todo em atividade, pregando aos seus corações tudo aquilo que vocês ouvem com os seus ouvidos; e incentivem-se a uma resolução rápida. Lembrem-se de que todo o corpo da teologia é prático em seu fim e tendência; portanto, não sejam meros ouvintes teóricos, mas considerem, em cada palavra que ouvirem, a qual prática ela tende, e guardem isso no lugar mais profundo de sua memória. Se vocês esquecerem todas as palavras das razões e motivos que ouvirem, certifiquem-se de lembrar qual prática eles foram trazidos para lhes exigir. Por exemplo, se você ouviu um sermão contra a falta de caridade, o espírito crítico ou o ato de ferir os outros, embora esqueça todas as razões e motivos em particular, ainda assim lembre-se de que você foi convencido durante a audição de que a falta de caridade crítica e prejudicial é um grande pecado, e que você ouviu razões suficientes para se resolver contra isso. E deixe a consciência pregar o sermão até o fim, não permitindo que ele morra em uma mera convicção; mas decida-se, e deixe de vacilar antes de se retirar: e, acima de todo o sermão, lembre-se das direções e ajudas para a prática, com as quais o método mais correto geralmente encerra o sermão.

Direção 4. Quando chegar em casa, deixe a consciência também repetir o sermão para você em segredo. Entre Deus e você mesmo, considere o que foi entregue na mensagem do Senhor que mais dizia respeito à sua alma? Qual pecado foi reprovado do qual você é culpado? Qual dever foi exigido que você omite? E ali medite seriamente no peso e nas razões da coisa; e não resista à luz, mas leve tudo a uma resolução fixa, se até então você estava irresoluto: não se prendendo com votos perigosos sobre coisas duvidosas, ou votos peremptórios sem dependência de Cristo para obter força; mas resolvendo firmemente e comprometendo-se cautelosamente com o dever; não com evasivas e reservas carnaís, mas com dependência humilde da graça, sem a qual, por você mesmo, você não é capaz de fazer nada.

Direção 5. Ouça os pregadores mais práticos que você conseguir encontrar. Não aqueles que têm os conceitos mais finos, ou o estilo mais limpo, ou as palavras mais elegantes; mas aqueles que estão constantemente instando você à santidade de coração e de vida, e levando cada verdade à prática: não que a doutrina falsa possa sustentar de algum modo uma vida santa, mas a doutrina verdadeira não deve ser deixada no pórtico ou nas portas, mas ser levada para casa e usada para o seu fim apropriado, e assentada no coração, e colocada como o peso sobre o relógio, onde possa colocar todas as engrenagens em movimento.

Direção 6. Tenha cuidado especialmente com dois tipos de falsos mestres: os libertinos antinomianos e os fariseus "autonomianos" [que legislam para si mesmos]. Os primeiros gostariam de edificar seus pecados sobre Cristo; não defendendo o pecado em si, mas derrubando muitas das principais ajudas contra ele, desarmando-nos das armas pelas quais ele deveria ser destruído e insultando os verdadeiros

pregadores da obediência como "legalistas", que pregam as obras e chamam os homens ao fazer, quando eles estão pregando a obediência a Cristo, seu Rei, nos termos e pelos motivos que são usados pelo próprio Cristo e Seus apóstolos. Não entendendo corretamente a verdadeira doutrina da fé em Cristo, da justificação e da graça livre (que eles pensam que ninguém mais entende além deles), eles a pervertem e a tornam inimiga do ofício real de Cristo, da santificação e dos deveres necessários de obediência.

O outro tipo anula os mandamentos de Deus pelas suas tradições e, em vez da prática santa das leis de Cristo, gostaria de levar o mundo a ferro e fogo a praticar todas as suas futilidades supersticiosas; de modo que os poucos preceitos claros e necessários da lei do Rei universal ficam submersos no corpo maior de sua lei canônica; e as cerimônias impostas pelo papa são tantas em comparação com as instituições de Cristo que a adoração a Deus e a obra do cristianismo são corrompidas por isso, e tornadas outra coisa. O trigo se perde em um monte de palha por aqueles que querem ser legisladores para si mesmos e para toda a igreja de Cristo.

Direção 7. Associe-se aos cristãos mais santos, sérios e práticos. Não com os ímpios, nem com os teóricos estéreis que não falam de nada além de suas controvérsias e do caminho ou interesse de suas seitas (as quais chamam de "igreja"), nem com os fariseus externos, formais e cerimoniais que defendem o lavar dos copos, o dízimo da hortelã e a tradição de seus pais enquanto odeiam e perseguem a Cristo e Seus discípulos; mas caminhe com os mais santos, irrepreensíveis e caridosos, que vivem com base naquela verdade da qual outros apenas falam, e que buscam agradar a Deus pela "sabedoria que é primeiramente pura, depois pacífica e gentil" (Tg 3:17, 18), enquanto outros estão contendendo por suas diversas

seitas, ou buscando agradar a Cristo matando-O, censurando-O ou caluniando-O em Seus servos (Jo 16:2, 3; Mt 25:40, 45).

Direção 8. Mantenha um registro justo de sua prática; examine-se ao final de cada dia e semana sobre como você gastou seu tempo e praticou o que lhe foi ensinado; e julgue-se diante de Deus de acordo com o que encontrar. Sim, você deve prestar contas a si mesmo a cada hora sobre o que está fazendo e como o faz; se está no trabalho de Deus ou não: e seus corações devem ser vigiados e acompanhados como servos infiéis e como estudantes vadios, e impulsionados a cada dever como um cavalo lento ou cansado.

Direção 9. Acima de tudo, dedique seu coração às meditações mais profundas sobre o maravilhoso amor de Deus em Cristo, e a doçura e excelência de uma vida santa, e a glória certa e incompreensível à qual ela tende, para que suas almas fiquem apaixonadas pelo seu querido Redentor e por tudo o que é santo, e o amor e a obediência possam ser como algo natural para você. E então a prática da doutrina santa será fácil para você, quando for o seu deleite.

Direção 10. Tome cuidado para não receber preconceitos infundados ou desnecessários contra a pessoa do pregador. Pois isso afastará o seu coração e o trancará contra a doutrina dele. E, portanto, abomine o espírito de falta de caridade, crueldade e facção, que sempre se inclina a suprimir, ou vilipendiar e desonrar todos aqueles que não são do seu caminho e para o seu interesse; e não seja tão cego a ponto de não observar que o próprio projeto do diabo, ao levantar divisões entre os cristãos, é poder usar as línguas ou as mãos de uns contra os outros para vilipendiar a todos, e torná-los odiosos uns aos outros, e incapacitar uns aos outros de atrapalhar o reino dele e fazer qualquer serviço considerável a Cristo. De modo que, quando

um ministro de Cristo deveria estar ganhando almas, ou ele é proibido, ou é desprezado, e os ouvintes estão dizendo: "Ah, ele é tal ou tal coisa", de acordo com os nomes de injúria que o inimigo de Cristo e do amor lhes ensinou.

CAPÍTULO 20

DIREÇÕES PARA A LEITURA PROVEITOSA DAS SAGRADAS ESCRITURAS

Visto que a diversidade de temperamentos e entendimentos dos homens é tão excessivamente grande que é impossível que qualquer coisa seja agradável e adequada para alguns sem que seja detestada e questionada por outros; e visto que nas Escrituras há muitas coisas difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis torcem para sua própria destruição (2 Pe 3:16); e a palavra é para alguns cheiro de morte para morte (2 Co 2:16); você, portanto, precisa ter cuidado ao lê-la. E como Cristo diz: "Vede como ouvis" (Lc 8:18), eu digo: Vede como ledes.

Direção 1. Não traga um coração mau de incredulidade. Abra a Bíblia com santa reverência como o livro de Deus, ditado pelo Espírito Santo. Lembre-se de que a doutrina do Novo Testamento foi revelada pelo Filho de Deus, que foi enviado propositalmente do céu para ser a luz do mundo e para dar a conhecer aos homens a vontade de Deus e os assuntos de sua salvação. Reflita bem: se Deus lhe enviasse um livro ou uma carta por meio de um anjo, com quanta reverência você o receberia! Com quanto cuidado o leria detalhadamente e o consideraria acima de todos os livros do mundo! E quanto mais você deveria fazer isso com aquele livro que é ditado pelo Espírito Santo e registra a doutrina do próprio Cristo, cuja autoridade é maior que a de todos os anjos! Não o leia, portanto, como um livro comum, com um coração comum e irreverente, mas no temor e amor de Deus, o autor.

Direção 2. Lembre-se de que é a própria lei de Deus pela qual você deve viver e pela qual será julgado ao final. E, portanto, leia com a plena resolução de obedecer a tudo o que ela ordenar, embora a carne, os homens e os demônios a contradigam. Que não haja exceções secretas em seu coração para esquivar-se de qualquer um de seus preceitos e evitar aquela parte da obediência que a carne considera difícil ou custosa.

Direção 3. Lembre-se de que é a vontade e o testamento do seu Senhor, e a aliança de promessas mais plenas e graciosas, sobre a qual todos os seus consolos e todas as suas esperanças de perdão e vida eterna estão edificados. Leia-a, portanto, com amor e grande deleite. Valorize-a mil vezes mais do que você faria com as cartas de seu melhor amigo, ou as escrituras pelas quais você detém suas terras, ou qualquer outra coisa de pouca importância. Se a lei era para Davi mais doce que o mel, e melhor que milhares de ouro e prata, e era o seu deleite e meditação o dia todo, oh, o que o doce e precioso evangelho deveria ser para nós!

Direção 4. Lembre-se de que é uma doutrina de coisas invisíveis e dos maiores mistérios; e, portanto, não se aproxime dela com arrogância como um juiz, mas com humildade como um aprendiz ou discípulo; e se algo lhe parecer difícil ou improvável, suspeite do seu próprio entendimento desprovido de recursos, e não da sagrada palavra de Deus. Se um aprendiz em qualquer arte ou ciência suspeitar de seu professor e de seus livros sempre que estiver estagnado ou encontrar algo que lhe pareça improvável, seu orgulho manteria a posse da sua ignorância, e sua tolice seria provavelmente incurável.

Direção 5. Lembre-se de que é uma lei e doutrina universal, escrita para os mais ignorantes tanto quanto para os curiosos; e,

portanto, deve ser adequada em clareza à capacidade dos simples e, contudo, ter matéria para exercitar as mentes mais sutis; e que Deus quis que o estilo cheirasse mais à fraqueza inocente dos instrumentos do que à matéria. Portanto, não se ofenda nem se perturbe quando o estilo parecer menos polido do que você pensaria convir ao Espírito Santo; nem com a simplicidade de algumas partes ou o caráter misterioso de outras; mas adore a sabedoria e a terna condescendência de Deus para com Suas pobres criaturas.

Direção 6. Não traga uma mente carnal, que saboreia apenas as coisas da carne e é escravizada por aqueles pecados que a Escritura condena: "Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser" (Rm 8:7, 8). "Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente" (2 Co 2:14): e a inimizade é uma má expositora. Ela questionará tudo e encontrará falhas na palavra que encontra tantas falhas em você. Ela odiará aquela palavra que vem para privá-lo do seu pecado mais doce e amado. Ou, se você tem tal mente carnal e inimizade, não acredite nela, assim como um inimigo parcial e perverso não deve ser acreditado contra o próprio Deus, que entende melhor o que escreveu do que qualquer um de seus inimigos tolos.

Direção 7. Compare um lugar da Escritura com outro, e exponha os mais obscuros com a ajuda dos mais claros, e as expressões mais raras pelas mais frequentes e comuns, e os pontos mais duvidosos por aqueles que são mais certos; e não o contrário.

Direção 8. Não presuma na força do seu próprio entendimento, mas ore humildemente a Deus por luz; e antes e depois de ler a

Escritura, ore fervorosamente para que o Espírito que a ditou possa expô-la a você, guardá-lo da incredulidade e do erro, e guiá-lo à verdade.

Direção 9. Leia algumas das melhores anotações ou expositores que, estando mais familiarizados com o fraseado da Escritura do que você, podem ajudar a esclarecer o seu entendimento. Quando Filipe perguntou ao eunuco que lia Isaías 53: "Entendes tu o que lê? ele disse: Como poderei entender, se alguém não me ensinar?" (At 8:30, 31). Faça uso de seus guias, se você não quiser errar.

Direção 10. Quando você estiver estagnado por qualquer dificuldade que o supere, anote-a e apresente-a ao seu pastor, e peça a ajuda dele, ou (se o ministro daquele lugar for ignorante e incapaz) vá a alguém que Deus tenha equipado para tal trabalho. E se, depois de tudo, algumas coisas permanecerem ainda obscuras e difíceis, lembre-se de sua imperfeição e espere em Deus por mais luz, e use com gratidão todo o restante da Escritura que é claro. E não pense como os papistas, que os homens devem abster-se de lê-la por medo de errar, não mais do que os homens devem abster-se de comer por medo de veneno, ou do que os súditos devem ser mantidos ignorantes das leis do rei por medo de entendê-las mal ou abusar delas.

CAPÍTULO 21

DIREÇÕES PARA A LEITURA DE OUTROS LIVROS

Porque Deus fez dos excelentes e santos escritos de Seus servos a bênção singular desta terra e desta era; e muitos podem ter um bom livro, em qualquer dia ou hora da semana, mas não podem ter, de modo algum, um bom pregador; aconselho a todos os servos de Deus que sejam gratos por tão grande misericórdia, e que façam uso dela e leiam muito: pois a leitura, para a maioria, conduz mais ao conhecimento do que o ouvir, porque você pode escolher os assuntos e os tratados mais excelentes que desejar; e pode dedicar-se frequentemente a isso, e pode ler de novo e de novo o que esquecer, e pode levar o tempo que precisar para fixar o conteúdo em sua mente: e para muitíssimos ela faz mais do que o ouvir também para mover o coração, embora o ouvir em si tenha vantagem nisso, porque livros vívidos podem ser obtidos mais facilmente que pregadores vívidos. Especialmente estes tipos de pessoas deveriam ler muito: 1. Senhores de famílias, que têm mais almas para cuidar além da própria. 2. Pessoas que vivem onde não há pregação, ou onde ela é tão ruim ou pior que nada. 3. Pessoas pobres, servos e crianças, que são forçados em muitos dias do Senhor a ficar em casa enquanto outros têm a oportunidade de ouvir. 4. E pessoas desocupadas que têm mais lazer que os outros. A todos estes, mas especialmente aos senhores de famílias, darei aqui algumas direções.

Direção 1. Pressuponho que você mantenha os livros do diabo fora de suas mãos e de sua casa. Refiro-me a cartas [de baralho], contos ociosos, livros de teatro, romances ou livros de amor, histórias falsas e enfeitiçantes, os livros sedutores de todos os falsos mestres e os livros de injúria ou escárnio que os

homens de diversas seitas e facções escrevem uns contra os outros, com o propósito de ensinar os homens a se odiarem e a banirem o amor: pois onde se permite que estes corrompam a mente, todos os escritos graves e úteis são bloqueados; e é um espanto ver quão poderosamente estes envenenam as mentes das crianças e de muitas outras cabeças vazias. Também livros que são escritos pelos "filhos de Corá" para gerar desgosto e descontentamento nas mentes do povo contra seus governantes, tanto magistrados quanto ministros. Pois há algo nos melhores governantes para as línguas dos homens sediciosos se prenderem e agravarem aos ouvidos do povo; e há algo até em pessoas piedosas que as tenta muito facilmente a se inflamarem e se desequilibrarem antes que percebam; e elas não preveem o mal ao qual isso tende.

Direção 2. Quando você ler para sua família ou para outros, que seja de forma oportuna e grave, quando o silêncio e a atenção o encorajarem a esperar sucesso; e não quando as crianças estiverem chorando ou falando, ou os servos agitados para perturbá-lo. A distração é pior nos maiores negócios.

Direção 3. Escolha livros que sejam mais adequados ao seu estado ou ao daqueles para quem você lê. É pior que inútil ler livros para confortar mentes perturbadas para aqueles que estão estupidamente seguros e têm corações endurecidos, obstinados e não humilhados. É tão ruim quanto dar remédios ou emplastros contrários à necessidade do paciente e que alimentam a doença. O mesmo ocorre ao ler livros de estilo ou assunto elevado demais para ouvintes apáticos e ignorantes. Costumamos dizer: o que é alimento para um homem é veneno para outro. Não basta que a matéria seja boa, mas ela deve ser condizente com o caso para o qual é usada.

Direção 4. Para uma família comum, comece com aqueles livros que, ao mesmo tempo, informam o julgamento sobre os fundamentos e despertam os afetos para recebê-los e aproveitá-los. Tais como tratados sobre regeneração, conversão ou arrependimento: para esse fim, escrevi eu mesmo: *O Chamado aos Não Convertidos*; *O Tratado da Conversão*; *Direções para uma Conversão Sólida*; *Um Tratado do Julgamento*; *Um Sermão contra Tratar Cristo com Desprezo*; *Cristianismo Verdadeiro*; *Um Sermão de Arrependimento*; *Agora ou Nunca*; *Um Santo ou um Bruto*; entre outros; os quais menciono não como se iguallassem a outros, mas como aqueles pelos quais sou mais responsável. Sobre este assunto, estes são excelentes: as obras de R. Allen; Whateley sobre o *Novo Nascimento*; Swinnock sobre a *Regeneração*; os cinco sermões de Pinks; a maioria dos sermões de Hooker; a *Doutrina da Fé* de J. Rogers; *O Caminho do Homem Simples para o Céu* de Dent; a maioria das obras de Perkins e Bolton, e muitas outras semelhantes.

Direção 5. Depois destes, leia aqueles livros que são mais adequados ao estado de jovens cristãos para o seu crescimento na graça, e para o seu exercício de fé, amor e obediência, e para a mortificação do egoísmo, orgulho, sensualidade, mundanismo e outros pecados mais perigosos. Meus próprios livros sobre este assunto são: *Direções para Cristãos Fracos*; *O Descanso dos Santos*; *Um Tratado de Auto-renúncia*; outro sobre *Os Malefícios da Auto-ignorância*; *A Vida de Fé*; *Sobre Crucificar o Mundo*; *A Irrracionalidade da Incredulidade*; *Sobre o Regozijo Correto*, etc. Para este uso, estes são excelentes: as obras de Hildersham; as de Dr. Preston; de Perkins; de Bolton; de Fenner; de Gurnall; os sermões de Anthony Burgess; Lockier sobre Colossenses; com abundância de outros com os quais Deus nos abençoou.

Direção 6. Ao mesmo tempo, trabalhe para metodizar o seu conhecimento; e, para esse fim, leia primeiro e aprenda algum catecismo curto, e depois um maior (como o de Ball ou o Catecismo Maior da Assembleia); e, a seguir, algum corpo de teologia (como a *Medula da Teologia* de Amesius e *Casos de Consciência*, que estão em inglês). E que o catecismo seja mantido na memória enquanto você viver, e o restante seja profundamente compreendido.

Direção 7. Em seguida, leia (para si mesmo ou para as famílias) as exposições maiores do Credo, da Oração do Senhor e dos Dez Mandamentos; tais como Perkins, Bispo Andrews sobre os Mandamentos, e Dod, etc.; para que o seu entendimento seja mais pleno, detalhado e distinto, e suas famílias não parem em generalidades que não são compreendidas.

Direção 8. Leia muito aqueles livros que o direcionam em um curso de comunhão diária com Deus e na ordenação de todas as suas conversas. Como as *Direções* de Reyner; *A Prática da Piedade*; as de Palmer; de Scudder; as *Direções* de Bolton; e minha *Vida Divina*.

Direção 9. Para paz, conforto e aumento do amor de Deus, leia *A Alma Deserta* de Symmond, etc.; e sua *Vida de Fé*; todas as obras de Dr. Sibbs; os *Cordiais* de Harsnet; as obras do Bispo Hall, etc.; meu *Método para a Paz* e *O Descanso dos Santos*, etc.

Direção 10. Para o entendimento do texto da Escritura, tenha à mão ou Deodate, ou a Assembleia de Teólogos, ou as Anotações Holandesas; com as *Breves Observações* de Dr. Hammond, ou as de Dickson e Hutchinson.

Direção 11. Para protegê-lo contra a febre do zelo sem caridade e do cisma, e das contendas barulhentas e crueldades por causa da religião, leia diligentemente *O Pacificador* do Bispo Hall (e outros de seus livros); o *Irenicon* de Burrough; *Estratagemas de Satanás* de Acontius; e minha *Unidade Católica*; *Igreja Católica*; *Concórdia Universal*, etc.

Direção 12. Para estabelecê-lo contra o papismo, nos fundamentos mais sólidos, sem correr para o extremo oposto, leia *Credo Ecclesiam* de Dr. Challoner, etc.; Chillingworth; Dr. Field sobre a *Igreja*, etc.; e meu *Católico Verdadeiro*; e minha *Chave para Católicos*; e minha *Religião Segura*; e *Mortalha para o Papismo*; e a *Disputa com o Sr. Johnson*.

Direção 13. Para preparação especial para a aflição, sofrimentos, doença e morte, leia *A Vara* de Hughes; *O Poder de Cristo sobre as Doenças* de Lawrence; as *Cartas* de S. Rutherford, etc.; meu *Tratado de Auto-renúncia*; *A Última Obra do Crente*; *O Último Inimigo, a Morte*; e a quarta parte de meu *Descanso dos Santos*. Não acrescentarei mais, para que não pareçam muitos.

CAPÍTULO 22

DIREÇÕES PARA O ENSINO CORRETO DE FILHOS E SERVOS, DE MODO QUE TENHA MAIOR PROBABILIDADE DE SUCESSO

Suponho aqui que aqueles com quem você lida sejam totalmente ignorantes; e, portanto, vou orientá-lo sobre o que fazer, desde o primeiro começo de seu ensino e do aprendizado deles. E peço-lhe que estude este capítulo mais do que muitos dos outros; pois é uma perda indescritível que recai sobre a igreja e as almas dos homens por falta de habilidade, vontade e diligência de pais e senhores nesta matéria.

Direção 1. Faça com que seus filhos mais novos aprendam as palavras, embora ainda não sejam capazes de entender a matéria. E não pense como alguns fazem, que isso serve apenas para torná-los hipócritas e ensiná-los a tomar o nome de Deus em vão: pois não é vaidade nem hipocrisia ajudá-los primeiro a entender as palavras e os sinais, visando ao entendimento precoce da matéria e do significado. Do contrário, ninguém poderia ensinar-lhes qualquer idioma, nem ensiná-los a ler quaisquer palavras que sejam boas, porque eles devem primeiro entender as palavras antes do significado. Se uma criança aprende a ler em uma Bíblia, não é tomar o nome ou a palavra de Deus em vão, embora ela não a entenda; pois é visando ao aprendizado para entendê-la; e não é vão o que se destina a um uso tão bom: se você os deixar sem ensino até que cheguem aos vinte anos de idade, eles deverão então aprender as palavras antes de poderem entender a matéria. Não os deixe, portanto, como filhos das trevas, por medo de torná-los hipócritas. Será uma maneira excelente de remir o tempo deles

ensinando-lhes primeiro aquilo que são capazes de aprender: uma criança de cinco ou seis anos pode aprender as palavras de um catecismo ou da Escritura antes de ser capaz de entendê-las. E então, quando chegarem aos anos de entendimento, essa parte do trabalho estará feita, e eles não terão nada a fazer senão estudar o significado e o uso daquelas palavras que já aprenderam. Ao passo que, se você os deixar totalmente sem ensino até então, eles deverão então gastar muito tempo para aprender as mesmas palavras que poderiam ter aprendido antes; e a perda de tanto tempo não é uma perda ou pecado pequeno.

Direção 2. A maneira mais natural de ensinar às crianças o significado da palavra de Deus e os assuntos de sua salvação é por meio de conversas familiares adequadas às suas capacidades: comece isso cedo com elas enquanto estão no colo da mãe, e use-o frequentemente. Pois elas são rapidamente capazes de algum entendimento sobre assuntos maiores, bem como sobre os menores; e o conhecimento deve entrar por graus lentos: não espere até que suas mentes estejam preocupadas com vaidade e brinquedos (Pv 22:6).

Direção 3. Por todos os meios, que seus filhos aprendam a ler, por mais pobre que você seja, qualquer que seja o esforço que faça.** E se você tiver servos que não sabem ler, deixe-os aprender ainda (em horas vagas), se tiverem alguma capacidade e disposição. Pois é uma misericórdia muito grande poder ler as Sagradas Escrituras e quaisquer bons livros por si mesmos, e uma miséria muito grande não saber nada além do que ouvem de outros. Eles podem ler em quase qualquer momento, quando não puderem ouvir.

Direção 4. Deixe seus filhos, quando pequenos, lerem muito a história das Escrituras. Pois embora isso, por si só, não seja suficiente para gerar neles qualquer conhecimento salvador,

contudo os atrai ao deleite na leitura da Bíblia, e então eles se dedicarão a ela frequentemente quando a amarem; de modo que todos estes benefícios se seguirão: 1. Fará com que amem o livro (mesmo que seja apenas com um amor comum). 2. Fará com que gastem seu tempo nele, quando, de outra forma, prefeririam estar brincando. 3. Irá familiarizá-los com a história bíblica, que lhes será muito útil posteriormente. 4. Irá conduzi-los gradualmente ao conhecimento da doutrina, que está entretecida em toda a história.

Direção 5. Cuidado para não transformar todas as suas instruções familiares em um curso costumeiro e formal, por meio de leituras simples e repetição de sermões dia após dia, sem aplicação pessoal e familiar. Pois ordinariamente se vê que eles se tornarão sonolentos, insensíveis e habituados sob um curso de dever tão monótono e distante (embora a matéria seja boa), quase como se você nada lhes tivesse dito. O seu trabalho, portanto, deve ser penetrar no íntimo deles e despertar suas consciências para saberem que o assunto lhes diz respeito muito de perto, e forçá-los a fazerem aplicação disso para si mesmos.

Direção 6. Que ninguém adote uma maneira formal de pregação para suas famílias, a menos que sejam pregadores eles mesmos ou homens aptos para o ministério: em vez disso, gaste o tempo lendo para eles os livros mais poderosos e falando com eles de modo mais familiar sobre o estado e os assuntos de suas almas. Não que eu considere ilícito para um homem pregar para sua família no mesmo método que um ministro faz para o seu povo; pois sem dúvida ele pode ensiná-los da maneira mais proveitosa que puder; e aquilo que é o melhor método para um discurso formal no púlpito é geralmente o melhor método em uma família. Mas minhas razões contra essa maneira de pregação ordinariamente são

estas: 1. Porque são pouquíssimos os senhores de famílias que são capazes para isso (mesmo entre aqueles que pensam que são); e então eles ignoradamente abusam da Escritura, de modo que tende muito à desonra de Deus. 2. Porque dificilmente há algum deles que não possa ler, ao mesmo tempo, livros tão vívidos e proveitosos para suas famílias, que tratam daquelas coisas de que eles têm mais necessidade de ouvir, de uma maneira muito mais edificante do que eles mesmos seriam capazes (a menos que sejam tão pobres que não consigam obter tais livros). 3. Porque a maneira familiar é a mais edificante; e falar seriamente com crianças e servos sobre as grandes preocupações de suas almas comumente os move mais do que sermões ou discursos formais. No entanto, porque há uma estação para ambos, você pode às vezes ler algum livro poderoso para eles e às vezes falar familiarmente com eles. 4. Porque muitas vezes isso provém do orgulho, quando os homens colocam sua fala em um método de pregação para mostrar suas habilidades, e com a mesma frequência alimenta o orgulho.

Direção 7. Que a maneira de ensiná-los seja muito frequentemente interlocutória, ou por meio de perguntas. Embora, quando você tiver tantas ou tais pessoas presentes que tal familiaridade não seja oportuna, então a leitura, a repetição ou discursos formais possam ser melhores; mas em outros momentos, quando o número ou a qualidade da companhia não impedir, você descobrirá que as perguntas e o discurso familiar são melhores. Pois: 1. Isso os mantém acordados e atentos, quando sabem que devem dar alguma resposta às suas perguntas; o que discursos formais dificilmente conseguirão com os apáticos e lentos. 2. E isso ajuda poderosamente na aplicação; de modo que eles a assimilam muito mais facilmente e percebem-se interessados nela.

Direção 8. Contudo, com prudência, tome cuidado para não dizer nada a ninguém na presença de outros que tenda a expor sua ignorância ou pecado, ou os segredos de seus corações, ou que de algum modo tenda a envergonhá-los (exceto na repreensão necessária do obstinado). Se for a ignorância comum deles que será exposta ao questioná-los, você pode fazê-lo diante de seus servos ou dos próprios filhos, que são familiares entre si, mas não quando estranhos estiverem presentes. Mas, se for sobre o estado secreto de suas almas que você os examina, deve fazê-lo individualmente, quando a pessoa estiver sozinha. Para que o envergonhá-los e perturbá-los não os faça odiar a instrução e os prive de todo o benefício dela.

Direção 9. Quando você for ensinar-lhes a doutrina da religião, comece com a aliança batismal, como a soma de tudo o que é essencial ao cristianismo; e aqui ensine-lhes brevemente toda a substância disso de uma só vez. Pois embora tal conhecimento geral seja obscuro, e não distinto e satisfatório, contudo é necessário no início; porque eles devem ver as verdades postas em conjunto: pois não entenderão nada verdadeiramente se entenderem apenas de forma independente por partes fragmentadas. Portanto, abra para eles a soma da aliança ou da religião cristã de uma só vez, embora diga pouco no início sobre as diversas partes. Ajude-os a entender o que é ser batizado no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. E aqui você deve abrir para eles nesta ordem. Você deve ajudá-los a saber quem são os pactuantes, Deus e o homem: e, primeiro, a natureza do homem deve ser aberta, porque ele é conhecido primeiro, e Deus nele, que é Sua imagem. De modo familiar, diga-lhes: "Que o homem não é como um animal que não tem razão, nem livre-arbítrio, nem qualquer conhecimento de outro mundo, nem qualquer outra vida para viver senão esta; mas ele tem um entendimento para conhecer a Deus, e uma vontade

para escolher o bem e recusar o mal, e uma alma imortal que deve viver para sempre: e que todas as criaturas inferiores foram feitas para o seu serviço, assim como ele foi feito para o serviço de seu Criador. Diga-lhes que nem o homem, nem nada do que vemos, poderia fazer a si mesmo; mas Deus é o Criador, Preservador e Dispositor de todo o mundo. Que este Deus é infinito em poder, sabedoria e bondade, e é o Proprietário, Governante e Benfeitor, Felicidade e Fim do homem. Que o homem foi feito para ser totalmente devotado e entregue a Deus como seu Proprietário, e para ser totalmente governado por Ele como seu Governador, e para ser totalmente dedicado ao Seu amor e louvor como seu Pai, sua Felicidade e Fim. Que o tentador tendo afastado o homem deste estado abençoado de vida, na queda de Adão o mundo caiu sob a ira de Deus e teria se perdido para sempre, não fosse o fato de que Deus, em Sua misericórdia, nos providenciou um Redentor, o próprio Filho eterno de Deus; que, sendo um com o Pai, aprouve-Lhe assumir a natureza do homem, e assim é tanto Deus quanto homem em uma só pessoa; que, nascido de uma virgem, viveu entre os homens, e cumpriu a lei de Deus, e venceu o tentador e o mundo, e morreu como um sacrifício pelos nossos pecados, para nos reconciliar com Deus. Que, nascendo todos os homens com naturezas corrompidas e vivendo em pecado até que Cristo os recupere, não há agora esperança de salvação senão por Ele. Que Ele pagou a nossa dívida, e fez satisfação pelos nossos pecados, e ressuscitou dos mortos, e conquistou a morte e Satanás, e ascendeu e é glorificado no céu; e que Ele é o Rei, Mestre e Sumo Sacerdote da igreja. Que Ele fez uma nova aliança de graça e perdão, e a ofereceu nas Escrituras e por Seus ministros ao mundo; e que aqueles que forem sinceros e fiéis nesta aliança serão salvos, e os que não forem serão irremediavelmente condenados, porque rejeitam este Cristo e esta graça, que é o último e único remédio. E aqui abra para eles a natureza desta aliança: que Deus Se oferece para ser o

nosso Deus reconciliado, Pai e Felicidade; e Cristo para ser o nosso Salvador, para perdoar os nossos pecados, reconciliar-nos com Deus e renovar-nos pelo Seu Espírito; e o Espírito Santo para ser o nosso Santificador, para nos iluminar, regenerar e confirmar; e que tudo o que é exigido de nossa parte é um consentimento tão sincero que aparecerá na realização de nossos esforços sérios. Ou seja, que nos entreguemos totalmente para sermos renovados pelo Espírito Santo, para sermos justificados, ensinados e governados por Cristo, e por Ele sermos levados novamente ao Pai, para amá-Lo como nosso Deus e Fim, e para viver para Ele e com Ele para sempre. Mas, visto que as tentações do diabo, os atrativos deste mundo enganador e os desejos da carne são os grandes inimigos e obstáculos em nosso caminho, devemos também consentir em renunciar a todos esses, e deixá-los ir, e negar a nós mesmos, e contentar-nos apenas com Deus e com o que Ele julgar adequado nos dar, e tomá-Lo no céu como toda a nossa porção. E aquele que consente sinceramente com esta aliança é um membro de Cristo, um filho de Deus justificado e reconciliado, e um herdeiro do céu e, assim continuando, será salvo; e aquele que não o fizer será condenado. Esta é a aliança na qual, no batismo, entramos solenemente com Deus o Pai, o Filho e o Espírito Santo, como nosso Pai e Felicidade, nosso Salvador e nosso Santificador". Isso, em alguma explicação breve como esta, você deve abrir para eles de modo familiar, repetidamente.

Direção 10. Quando você tiver aberto a aliança batismal para eles, e os fundamentos do cristianismo, faça com que aprendam o credo, a oração do Senhor e os dez mandamentos. E diga-lhes as utilidades disso: que, tendo o homem três faculdades na alma — seu entendimento, sua vontade e seu poder executivo —, todas estas devem ser santificadas e, portanto, deve haver uma regra para cada uma; e que, conseqüentemente, o credo é a

regra resumida para nos dizer no que nossos entendimentos devem crer; a oração do Senhor é a regra resumida para nos direcionar sobre o que nossas vontades devem desejar e nossas línguas devem pedir; e os dez mandamentos são as regras resumidas de nossa prática: e que a Sagrada Escritura, em geral, é a regra mais ampla e perfeita de tudo; e que todos os que desejarem ser tomados como cristãos verdadeiros devem ter uma crença geral e implícita em todas as Sagradas Escrituras, e uma crença, desejo e prática sincera, particular e explícita, de acordo com os credos, a oração do Senhor e os dez mandamentos.

Direção 11. Em seguida, ensine-lhes um catecismo curto (de memória) que abra estes pontos um pouco mais plenamente, e depois um catecismo maior. Os catecismos breve e maior da Assembleia são muito bem adaptados para este uso. Eu mesmo publiquei um bem resumido que, em oito artigos ou respostas, contém todos os pontos essenciais da crença, e em uma resposta, o consentimento da aliança, e em mais quatro artigos ou respostas, contém todas as partes substanciais do dever cristão; as respostas são, algumas delas, longas para crianças; mas se eu conhecesse qualquer outro que tivesse tanto em tão poucas palavras, eu não ofereceria este a vocês, pois sou consciente de suas imperfeições. Mas existem pouquíssimos catecismos que diferem na substância; qualquer que seja o que aprendam, que tenham a sua ajuda para entendê-lo conforme avançam, e que o mantenham na memória até o fim.

Direção 12. A seguir, exponha a eles de forma mais distinta as partes específicas da aliança e do catecismo. E aqui, considero este método o mais proveitoso para uma família: 1. Leia para eles as melhores exposições que você conseguir sobre o credo, a oração do Senhor e os dez mandamentos, que não sejam longas demais a ponto de confundi-los, nem tão breves que

sejam difíceis de entender. Para um resumo, o livro *True Watch* [A Vigília Verdadeira] do Sr. Brinsley é bom; mas para ler para eles, obras como *Perkins sobre o Credo*, *Dr. King sobre a Oração do Senhor* e *Dodd sobre os Mandamentos* são adequadas; de modo que você possa ler um artigo, uma petição e um mandamento de cada vez, repetindo essas leituras diversas vezes. 2. Além disso, em sua conversa familiar com eles, explique claramente um tema ou artigo da religião por vez, e outro na vez seguinte, e assim por diante até chegar ao fim. E aqui: (1) Exponha em um discurso a natureza do homem e a criação. (2) Em outro (ou antes deste), a natureza e os atributos de Deus. (3) Em outro, a queda do homem e especialmente a corrupção de nossa natureza, conforme ela consiste em uma inclinação desordenada para as coisas terrenas e carnavais, e uma relutância, aversão ou inimizade contra Deus, a santidade e a vida por vir; e a natureza do pecado; e a impossibilidade de ser salvo até que este pecado seja perdoado e essas naturezas renovadas e restauradas ao amor de Deus e da santidade, em vez deste amor ao mundo e aos prazeres carnavais. (4) No próximo discurso, abra para eles a doutrina da redenção em geral e a encarnação, naturezas e pessoa de Cristo, particularmente. (5) No seguinte, exponha a vida de Cristo, o Seu cumprimento da lei e o Seu vencer o tentador, Sua vida humilde e desprezo pelo mundo, e o fim de tudo, e como Ele é exemplar e imitável para nós. (6) No próximo, exponha toda a humilhação e sofrimento de Cristo, as pretensões de Seus perseguidores e os fins e usos de Seu sofrimento, morte e sepultamento. (7) No próximo, exponha Sua ressurreição, as provas e os usos dela. (8) No seguinte, exponha Sua ascensão, glória e intercessão por nós, e os usos de tudo isso. (9) No próximo, exponha Seus ofícios reais e proféticos em geral, e o Seu estabelecimento da aliança da graça com o homem, a natureza dessa aliança e seus efeitos. (10) No seguinte, exponha as obras ou o ofício do Espírito Santo em geral, como

dado por Cristo para ser Seu agente nos homens na terra e Sua grande testemunha para o mundo; e, particularmente, exponha o dom extraordinário do Espírito aos profetas e apóstolos para plantar as igrejas e ditar e selar as Sagradas Escrituras; e mostre a eles a autoridade e o uso das Sagradas Escrituras. (11) No próximo, exponha a eles as obras comuns do Espírito Santo como iluminador, renovador e santificador das almas, e em que ordem Ele faz tudo isso por meio do ministério da palavra. (12) No seguinte, exponha a eles o ofício, o uso e o dever do ministério comum e o dever deles para com os ministros, especialmente como ouvintes, e a natureza e o uso da adoração pública, e a natureza e comunhão dos santos e das igrejas. (13) No próximo, exponha a eles a natureza e o uso do batismo e da ceia do Senhor. (14) No seguinte, exponha a eles a brevidade da vida e o estado das almas na morte e após a morte, e o dia do julgamento, e a justificação dos justos e a condenação dos ímpios naquele dia. (15) No próximo, exponha a eles as alegrias do céu e as misérias dos condenados. (16) No seguinte, exponha a eles a vaidade de todo prazer, lucro e honra deste mundo, e o método das tentações e como vencê-las. (17) No próximo, exponha a eles a razão e o uso de sofrer por Cristo e da auto-renúncia, e como se preparar para a doença e a morte. E, depois disso, repasse também a oração do Senhor e os dez mandamentos.

Direção 13. Após todas as suas instruções, faça com que eles lhe deem brevemente um relato, em suas próprias palavras, do que entendem e lembram de tudo; ou então, na próxima vez, que prestem contas do que foi ensinado antes. E encoraje-os por tudo o que for bem feito em seus esforços.

Direção 14. Esforce-se em tudo para manter uma atenção despertada e séria, e sempre imprimir nos corações deles as coisas mais grandiosas. E para esse fim, quanto ao conteúdo do

seu ensino e conversa, que nada esteja tanto em suas bocas quanto: 1. A natureza e as relações de Deus. 2. Um Cristo crucificado e glorificado, com toda a Sua graça e privilégios. 3. As operações do Espírito na alma. 4. A loucura dos pecadores e a vaidade do mundo. 5. E a glória e alegria infinitas dos santos, e a miséria dos ímpios após a morte. Que esses cinco pontos sejam frequentemente enfatizados e sejam a vida de todo o restante do seu discurso. E então, quanto à maneira de falar com eles, que seja sempre com tal mistura de familiaridade e seriedade que consiga prender a atenção séria deles, queiram eles ou não. Fale com eles como se eles ou você estivessem morrendo, e como se você visse Deus, o céu e o inferno.

Direção 15. Pegue cada um deles às vezes sozinhos e ali descreva a eles a obra da renovação, e pergunte-lhes se tal obra já foi realizada neles. Mostre-lhes as verdadeiras marcas da graça e ajude-os a testarem a si mesmos; inste-os a dizerem verdadeiramente se o amor deles por Deus ou pela criatura, pelo céu ou pela terra, pela santidade ou pelo prazer carnal, é maior; e o que é que possui seus corações, cuidado e esforço principal. Se você os achar regenerados, ajude a fortalecê-los; se os achar desanimados demais, ajude a confortá-los; e se os achar não regenerados, ajude a convencê-los, depois a humilhá-los, então a mostrar-lhes o remédio em Cristo e, por fim, a mostrar-lhes o dever para que tenham parte em Cristo, conduzindo tudo ao fim que você deseja ver; mas faça tudo isso com amor, gentileza e em caráter privado.

Direção 16. Algumas perguntas pertinentes que, pela resposta, os obriguem a ensinar a si mesmos ou a julgar a si mesmos, serão às vezes de grande utilidade. Tais como estas: "Você não sabe que deve morrer em breve? Você não acredita que imediatamente suas almas devem entrar em uma vida infinita de alegria ou miséria? As riquezas e honras mundanas, ou os

prazeres carnis, serão agradáveis para você então? Você preferiria ser então um santo ou um pecador ímpio? Não preferiria você ser então um dos mais santos que o mundo desprezou e maltratou, do que um dos maiores e mais ricos entre os ímpios? Quando o tempo tiver passado e você tiver que prestar contas dele, não preferiria você que ele tivesse sido gasto em santidade, obediência e diligente preparação para a vida por vir, do que em orgulho, prazer e mimos à carne? Como você conseguiu dar um jeito de esquecer sua vida eterna por tanto tempo? Ou de dormir tranquilamente em um estado não regenerado? E se você tivesse morrido antes da conversão, o que você acha que teria acontecido com você e onde você estaria agora? Você acha que algum daqueles que estão no inferno está contente por ter sido ímpio? Ou sente agora qualquer prazer em suas diversões e pecados passados? O que você acha que eles fariam se tivessem que fazer tudo de novo? Você acha que, se um anjo ou santo do céu viesse decidir a controvérsia entre o piedoso e o ímpio, ele falaria contra uma vida santa e celestial, ou defenderia uma vida frouxa e carnal? De qual lado você acha que ele ficaria? Deus não sabia o que estava fazendo quando fez as Escrituras? Ele, ou um escarnecedor ímpio, deve ser mais levado em conta? Você acha que cada homem no mundo não desejará, ao final, ter sido um santo, custasse o que custasse?". Esse tipo de perguntas instiga a consciência e convence muito.

Direção 17. Faça com que aprendam um texto mais claro e pertinente para cada dever grande e necessário, e contra cada pecado grande e perigoso; e que o repitam frequentemente para você. Como Lc 13:3, 5: "Se não vos arrependerdes, todos de igual modo perecereis". Jo 3:5: "Aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus". Também Mt 18:3; Rm 8:9; Hb 12:14; Jo 3:16; Lc 18:1, etc. O mesmo contra

a mentira, o juramento, o tomar o nome de Deus em vão, o prazer carnal, a glotonaria, o orgulho e o restante.

Direção 18. Conduza todas as suas convicções a uma resolução de esforço e melhora, e faça com que eles às vezes lhe prometam fazer aquilo de que você os convenceu; e, às vezes, diante de testemunhas. Mas que isso seja feito com estas cautelas necessárias: 1. Que você não exija uma promessa em qualquer ponto duvidoso, ou sobre o qual você não os tenha convencido primeiro. 2. Que você não exija uma promessa em coisas que ultrapassam a força atual deles; como você não deve mandá-los prometer crer, ou amar a Deus, ou ser terno de coração ou ter mentalidade celestial; mas que prometam cumprir aqueles deveres que tendem a isso, como ouvir a palavra, ler, orar, meditar, manter boas companhias ou evitar tentações, etc. 3. Que você não faça isso com muita frequência (ou no mesmo tom nos outros métodos), para que eles não as considerem meras palavras de rotina e o costume os ensine a desprezá-las. Mas, feito de forma oportuna e prudente, as promessas deles criarão neles um grande compromisso.

Direção 19. Ensine-os como orar, por meio de fórmulas ou sem elas, conforme for mais adequado à facilidade e às habilidades deles; e você mesmo, ou alguém que possa informá-lo, deve ouvi-los orar às vezes, para que você conheça o espírito deles e como progridem.

Direção 20. Coloque nas mãos deles os livros que lhes sejam mais adequados e envolva-os na leitura quando estiverem sozinhos; e pergunte-lhes o que entendem e lembram deles. E não os prenda, sem necessidade, tão pesadamente ao trabalho a ponto de não lhes permitir tempo para leitura por conta própria; mas incentive-os a trabalharem com mais empenho para que tenham algum tempo quando o trabalho estiver concluído.

Direção 21. Faça com que ensinem uns aos outros quando estiverem juntos. Que a conversa deles seja proveitosa. Que aqueles que leem melhor estejam lendo às vezes para os demais, instruindo-os e promovendo sua edificação. A familiaridade entre eles pode torná-los muito úteis uns aos outros.

Direção 22. Não os canse com coisa demais de uma só vez, mas dê a eles conforme consigam receber. Garrafas de gargalo estreito não devem ser enchidas como vasos mais largos.

Direção 23. Trabalhe para tornar tudo doce e agradável para eles; e, para esse fim, às vezes misture a leitura de alguma história proveitosa; como o *Livro dos Mártires*, a *Martirologia* de Clarke e suas *Vidas*.

Direção 24. Por fim, atraia-os com gentilezas e recompensas. Seja gentil com seus filhos quando eles agirem bem e seja tão liberal com seus servos quanto sua condição permitir. Pois isso torna suas pessoas aceitáveis primeiro, e então suas instruções serão muito mais aceitáveis. A natureza ensina-os a amar aqueles que os amam e lhes fazem bem, e a ouvir de boa vontade aqueles que amam. Um pequeno presente de vez em quando pode significar muito para o benefício posterior de suas almas.

Direção 25. Se alguém disser que há complicação demais nestas direções e que poucos conseguem segui-las, peço-lhes que consultem a Cristo, que morreu por eles, para saber se as almas não são preciosas e não valem toda essa complicação? ** E que considerem quão pequeno é todo este trabalho em comparação com o fim eterno; e que se lembrem de que tudo é ganho e prazer, e um deleite para aqueles que têm corações santos; e que se lembrem de que os efeitos para a igreja e para

o reino de tal governo santo das famílias compensariam plenamente todo o esforço.

CAPÍTULO 23

DIREÇÕES PARA A ORAÇÃO

Direções para a oração em geral

Aquele que trata deste dever da oração como ele merece deve transformá-lo na segunda parte do corpo da teologia e conceder-lhe um tratado mais amplo e exato do que o que pretendo aqui: pois já lhe disse anteriormente que, assim como temos três faculdades naturais — entendimento, vontade e poder executivo —, estas são qualificadas no piedoso com fé, amor e obediência; e possuem três regras específicas: o credo, para nos mostrar no que devemos crer e em que ordem; a oração do Senhor, para nos mostrar o que e em que ordem devemos desejar e amar; e o decálogo, para nos dizer o que e em que ordem devemos fazer (embora estes sejam parentes tão próximos entre si que as mesmas ações, sob diversos aspectos, pertencem a cada uma das regras). Assim como os mandamentos devem ser cridos e amados, bem como obedecidos; e a matéria da oração do Senhor deve ser crida como boa e necessária, bem como amada e desejada; e a crença, o amor e o desejo são ordenados e fazem parte de nossa obediência; contudo, apesar de tudo isso, eles não são formalmente a mesma coisa, mas diversos. E como dizemos que o coração ou a vontade é o homem, por ser a faculdade que comanda; assim, moralmente, a vontade, o amor ou o desejo é o cristão; e, portanto, a regra do desejo ou da oração é uma parte principal da verdadeira religião. A parte interna deste dever eu toquei em parte anteriormente (Parte 1, Capítulo 3). E a parte relativa à igreja eu lhe disse por que ignorei (Parte 2), por não ter sido deixada pelo governo onde vivemos à

discussão de ministros privados (exceto apenas para persuadir os homens a obedecerem ao que está estabelecido e ordenado). Portanto, porque omiti o último ponto e apenas toquei levemente no primeiro, serei mais extenso sobre ele neste lugar, para o qual (por várias razões) o reservei.

Direção 1. Certifique-se de entender o que é a oração: nada mais que expressar ou atuar nossos desejos perante outrem, para movê-lo ou de algum modo induzi-lo a concedê-los. A verdadeira oração cristã é a expressão ou atuação crente e séria de nossos desejos lícitos perante Deus, por meio de Jesus, nosso Mediador, com a ajuda do Espírito Santo, como um meio de obter Dele a concessão desses desejos. Aqui note: 1. Que o desejo interior é a alma da oração. 2. As expressões ou atuações internas deles são como o corpo da oração. 3. Para os homens, deve ser o desejo expresso de modo que eles possam entendê-lo; mas para Deus, a atuação interna dos desejos é uma oração, porque Ele o entende. 4. Mas não é a atuação do desejo, simplesmente em si mesma, que constitui uma oração; pois alguém pode ter desejos e não oferecê-los a Deus com o coração ou a voz; mas são os desejos, enquanto de algum modo oferecidos a Deus, ou representados, ou atuados em direção a Ele, como um meio de obter Sua bênção, que são oração de fato.

Direção 2. Certifique-se de entender os fins e o uso da oração. Alguns pensam que ela não tem utilidade, a não ser apenas para mover Deus a estar disposto àquilo a que antes Ele estava indisposto; e, portanto, por Deus ser imutável, pensam que a oração é algo inútil. Mas a oração é útil: 1. Como um ato de obediência ao comando de Deus. 2. Como o cumprimento de uma condição sem a qual Ele não nos prometeu Sua misericórdia, e para a qual Ele a prometeu. 3. Como um meio de atuar, expressar e aumentar nossa própria humildade,

dependência, desejo, confiança e esperança em Deus, e assim nos tornar capazes e aptos para a misericórdia, nós que de outra forma seríamos incapazes e inaptos. 4. E assim, embora Deus não seja mudado por ela em Si mesmo, contudo a mudança real que é operada por ela em nós mesmos infere uma mudança em Deus por mera relação ou denominação extrínseca; sendo Ele Alguém que está, conforme o teor de Sua própria lei e aliança estabelecidas, comprometido a rejeitar ou punir o descrente, o que não ora e o desobediente, e depois comprometido a acolher ou perdoar os que são fielmente desejosos e obedientes: e assim, esta é uma mudança relativa ou, ao menos, denominativa. De modo que, na oração, a fé e o fervor estão tão longe de serem inúteis que eles prevalecem tanto pela coisa desejada ao nos qualificar para ela, como se de fato movessem a mente de Deus para uma mudança real: assim como aquele que está em um barco e, com seu gancho, se agarra à margem, consegue verdadeiramente pelo seu esforço aproximar-se da margem, tal como se tivesse puxado a margem para si.

Direção 3. Trabalhe, acima de tudo, para conhecer esse Deus a quem você ora. Conhecê-Lo como seu Criador, seu Redentor e seu Regenerador; como seu Proprietário, seu Governante e seu Pai, Felicidade e Fim; como todo-suficiente para o seu alívio, na infinitude do Seu poder, Sua sabedoria e Sua bondade; e conhecer sua própria dependência Dele; e entender Sua aliança ou promessas, e sob quais termos Ele está comprometido e resolvido a dar Suas misericórdias ou a negá-las. "Aquele que se aproxima de Deus deve crer que Ele existe e que se torna galardoador dos que O buscam" (Hb 11:6). "Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo... mas como invocarão Aquele em quem não creram?" (Rm 10:13, 14).

Direção 4. Trabalhe, quando estiver prestes a orar, para despertar em sua alma a crença mais vívida e séria daquelas

coisas invisíveis às quais suas orações se referem; e para orar como se você as estivesse vendo o tempo todo; até mesmo como se visse Deus em Sua glória, visse o céu e o inferno, os glorificados e os condenados, e Jesus Cristo, seu Mediador, intercedendo por você nos céus. Como você oraria se seus olhos contemplassem tudo isso, assim esforce-se para orar enquanto crê neles: e diga a si mesmo: "Não são eles tão certos como se eu os visse? Não foram dados a conhecer pelo Filho e pelo Espírito de Deus?".

Direção 5. Trabalhe por um conhecimento constante de si mesmo, de seus pecados e múltiplas carências e necessidades; e também para tomar nota real e especial de seu caso quando for orar. Se você não adquirir um conhecimento constante prévio de seu próprio caso, não pode esperar conhecê-lo corretamente de súbito ao ir orar: e, no entanto, se você não examinar realmente seu coração e vida quando for orar, sua alma não será humilhada e carecerá daquele senso vivo de suas necessidades que deve colocar vida em suas orações. Saiba bem o que é o pecado, e o que são a ira de Deus, o inferno e o julgamento, e qual pecado você cometeu, e qual dever você omitiu e no qual falhou, e quais carências e corrupções ainda estão em você, e de qual misericórdia e graça você necessita, e então tudo isso o fará orar, e orar com propósito e com todo o seu coração. Mas quando os homens são estrangeiros deliberados para si mesmos, e nunca olham seriamente para trás ou para dentro para ver o que está errado e faltando, nem olham para a frente para ver o perigo que está diante deles, não é de se admirar que seus corações estejam mortos e apáticos, e que eles estejam tão inaptos para orar quanto um homem dormindo para trabalhar.

Direção 6. Cuide para odiar a hipocrisia, e não deixe que seus lábios ajam contra ou sem o seu coração; mas que seu coração

seja a fonte de todas as suas palavras: que você não ame o pecado e não tenha relutância em deixá-lo quando parece orar contra ele; e que você verdadeiramente deseje a graça que pede, e não peça por aquilo que você não gostaria de ter: e que você esteja pronto a usar os meios lícitos para obter as misericórdias que pede; e não seja como aqueles desejadores preguiçosos, que oram a Deus para lhes dar colheita farta enquanto jazem na cama e não querem nem arar nem semear; ou que Lhe pedem para salvá-los do fogo, ou da água, ou do perigo, enquanto correm para dentro dele ou não se dão ao trabalho de sair do caminho. Oh, que abundância de miseráveis oferece orações hipócritas e zombeteiras a Deus! Blasfemando-O com isso, como se Ele fosse um ídolo e não conhecesse a hipocrisia deles e não esquadrinhasse os corações! Infelizmente, quão comumente os homens oram em público "para que o restante de suas vidas de agora em diante seja puro e santo", homens que odeiam a pureza e a santidade no íntimo, e escarnecem e se opõem àquilo pelo qual parecem orar! Como Agostinho confessa sobre si mesmo antes de ser convertido, que orava contra seu pecado imundo e, contudo, tinha medo de que Deus atendesse às suas orações. Assim, muitos oram contra os pecados dos quais não gostariam de ser libertos, ou não usariam o meio necessário para sua conquista e libertação. "Qualquer que profere o nome de Cristo aparte-se da iniquidade" (2 Tm 2:19). "Se eu atender à iniquidade no meu coração, o Senhor não me ouvirá" (Sl 66:18; veja Ez 14:3, 4, 14). Infelizmente, quão fácil é para uma pessoa ímpia aprender a dizer algumas palavras decoradas e repeti-las sem qualquer senso do que fala, enquanto a língua é estranha ao coração e não fala conforme os desejos dele!

Direção 7. Esquadrinhe seu coração e vigie-o cuidadosamente, para que alguma vaidade amada não o afaste do trabalho em mãos, nem desvie seus pensamentos ou preocupe seus afetos,

de modo que lhe faltem quando você deveria usá-los. Se a mente estiver fixada em outros assuntos, a oração será algo sem coração e sem vida; infelizmente, que trabalho morto e lastimável é a oração daquele que tem o coração enredado no amor ao dinheiro, ou em qualquer projeto ambicioso ou ganancioso! Os pensamentos seguirão facilmente os afetos.

Direção 8. Certifique-se de não pedir nada que seja desagradável à vontade de Deus e que não seja para o seu bem ou de outrem, ou para a honra de Deus; e, portanto, tome cuidado para que um julgamento errôneo, ou desejos carnavais, ou paixões não corrompam suas orações e as transformem em pecado. Se os homens orarem ignorantemente a Deus para que lhes faça mal, é uma misericórdia para eles se Deus apenas perdoar e negar tais orações, e um juízo se as conceder. E é algo fácil para o interesse carnal, ou a parcialidade, ou a paixão, cegar o julgamento e, conseqüentemente, corromper as orações dos homens. Um homem ambicioso ou ganancioso será facilmente levado a orar pela concessão de seus desejos pecaminosos, pensando que seria para o seu bem. E dificilmente há uma pessoa herética ou errônea que não pense que seria bom que o mundo todo fosse reduzido à sua opinião e que todos os opositores dela fossem derrubados: há poucos antinomianos zelosos, anabatistas ou quaisquer outros divisores da igreja que não coloquem suas opiniões usualmente em suas orações e pleiteiem com Deus pelo interesse de suas seitas e erros; e é provável que os judeus, que tinham um zelo perseguidor por Deus (Rm 10:2), orassem conforme aquele zelo, tanto quanto perseguiam; assim como é provável que o próprio Paulo orasse contra os cristãos enquanto os perseguia ignorantemente. E aqueles que pensam que prestam serviço a Deus matando Seus servos, sem dúvida orariam contra eles, como os papistas e outros fazem hoje em dia. Seja especialmente cuidadoso, portanto, para que seus julgamentos

e desejos sejam sãos e santos antes de oferecê-los a Deus em oração. Pois é um abuso vilíssimo contra Deus pedir a Ele que faça o trabalho do diabo; e, como fazem as pessoas mais maliciosas e errôneas, chamá-Lo para ajudá-las contra Ele mesmo, Seus servos e Sua causa.

Direção 9. Venha sempre a Deus na humildade que convém a um pecador condenado, e na fé e ousadia que convém a um filho e a um membro de Cristo: não faça nada sob o menor conceito ou confiança de um mérito próprio; mas seja tão confiante em cada pedido lícito como se você visse seu Mediador glorificado intercedendo por você com o Seu Pai. A esperança é a vida da oração e de todo esforço, e Cristo é a vida da esperança. Se você orar e pensar que não obterá melhora alguma com isso, suas orações terão pouca vida. E não há esperança de sucesso senão por meio do nosso poderoso Intercessor. Portanto, que tanto um Cristo crucificado quanto glorificado estejam sempre diante de seus olhos na oração; não em uma imagem, mas nos pensamentos de uma mente crente. Em vez de um crucifixo, que alguma sentença da Sagrada Escritura seja escrita diante de você onde você costuma orar, como Jo 20:17: "Vai para meus irmãos e dize-lhes: Eu subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus". Ou Hb 4:14: "Tendo, pois, um grande Sumo Sacerdote que penetrou nos céus, Jesus, Filho de Deus"; versículos 15, 16: "Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado. Cheguemos, pois, com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia", etc. Hb 6:19, 20: "A qual temos como âncora da alma, segura e firme, e que penetra até ao interior do véu, onde Jesus, nosso precursor, entrou por nós". Hb 7:25: "Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles". Jo 14:13, 14:

"E tudo quanto pedirdes em meu nome eu o farei". Cristo e a promessa devem ser a base de toda a sua confiança e esperança.

Direção 10. Trabalhe arduamente com seus corações o tempo todo para mantê-los em uma disposição reverente, séria e fervorosa, e não permita que se tornem remissos e frios, transformando a oração em mero trabalho labial e formalidade sem vida, ou em um fervor hipócrita, afetado e aparente, quando o coração está insensível embora a voz seja fervorosa. O coração se tornará facilmente apático, habituado e hipócrita se não for vigiado com cuidado e seguido e estimulado com diligência. "A oração feita por um justo pode muito em seus efeitos" (Tg 5:16). Uma oração fria mostra um coração que é frio em desejar aquilo que é pedido e, portanto, está inaptuado para receber a misericórdia: Deus fará você saber que a Sua misericórdia não é desprezível, mas digna de suas orações mais fervorosas.

Direção 11. Para a matéria e a ordem de seus desejos e orações, tome a oração do Senhor como sua regra especial; e trabalhe para entendê-la bem. Para aqueles que conseguem fazer uso de uma explicação tão breve, darei uma pequena ajuda.

Breve Explicação do Método da Oração do Senhor.

O restante das direções gerais sobre a oração, creio eu, será melhor estruturado na resolução das seguintes dúvidas.

Pergunta 1: A oração do Senhor é apenas um diretório ou uma forma de palavras a ser usada por nós na oração?

Resposta: 1. Ela é principalmente a regra para guiar nossos desejos internos e as expressões externas deles; tanto quanto à matéria — o que devemos desejar — quanto à ordem — o que devemos desejar primeiro e acima de tudo. 2. Mas essa regra é dada em uma forma de palavras, muito aptas para expressar a referida matéria e ordem. 3. E essa forma pode ser usada adequadamente no tempo devido por todos, e mais necessariamente por alguns. 4. Mas nunca foi intenção que fossem as únicas palavras que devemos usar, não mais do que o credo é a única forma de palavras que devemos usar para expressar a doutrina da fé, ou o decálogo as únicas palavras para expressar nosso dever.

Pergunta 2: Qual a necessidade de quaisquer outras palavras de oração, se a oração do Senhor é perfeita?

Resposta: Porque ela é apenas um resumo perfeito, contendo apenas os tópicos gerais; e é necessário ser mais específico em nossos desejos; pois os universais existem nos particulares; e aquele que apenas nomeia o geral, e depois outro e mais outro geral, lembra-se de poucos dos particulares. Aquele que disser: "Pequei e quebrei todos os teus mandamentos", confessa genericamente cada pecado; mas não é verdadeiro arrependimento se não for particular por este, aquele e aquele outro pecado; pelo menos quanto aos maiores que podem ser lembrados. Aquele que disser: "Creio em toda a palavra de Deus, ou creio em Deus Pai, Filho e Espírito Santo", pode saber pouco do que está na palavra de Deus ou o que esses

gerais significam, e portanto nossa fé deve ser mais particular. Assim, os desejos pela graça devem ser particulares também: caso contrário, bastaria pedir misericórdia no geral. Se você disser que Deus sabe o que essas palavras gerais significam, embora nós não saibamos, eu respondo: este é o argumento tolo dos papistas para as orações em latim. Deus conhece nossos desejos sem quaisquer expressões ou orações, e Ele conhece nossas necessidades sem nossos desejos. Mas não se segue que orações ou desejos sejam desnecessários. O exercício do nosso próprio arrependimento e desejo nos torna pessoas aptas a receber o perdão e a graça desejada, enquanto os impenitentes, e aqueles que não a desejam, são inaptos. E não é verdadeiro arrependimento quando você diz: "Sinto muito por ter pecado", mas não sabe, ou não se lembra, em que pecou, nem qual é o seu pecado; e assim não se arrepende de fato de nenhum pecado. E assim não é desejo verdadeiro aquele que não alcança as graças particulares e necessárias que devemos desejar; embora eu saiba que algumas poucas mentes muito rápidas e abrangentes podem em um momento pensar em muitos particulares ao usar apenas palavras gerais; e sei que algumas coisas menores e menos necessárias podem ser passadas por alto de modo geral; e assuntos maiores em tempo de pressa, ou quando nós, além desses gerais, também usamos pedidos particulares.

Pergunta 3: É lícito orar usando uma forma escrita de palavras?

Resposta: Nada além de uma ignorância muito grande pode fazê-lo realmente duvidar disso. Deus proibiu isso em algum lugar? Você dirá que basta o fato de Ele não ter ordenado. Respondo que, em geral, Ele ordenou a todos aqueles a quem isso tende à edificação, quando lhe ordena que tudo seja feito para edificação; mas Ele não deu nenhum comando particular,

nem proibição. Da mesma forma, Ele não ordenou que você ore em inglês, francês ou latim; nem que cante salmos nesta ou naquela melodia, nem segundo esta ou aquela versão ou tradução; nem que pregue neste ou naquele método particularmente; nem que sempre pregue sobre um texto; nem que use notas escritas; nem que componha uma forma de palavras, aprenda-as e as pregue após estarem compostas, com centenas de coisas semelhantes que são indubitavelmente lícitas; sim, e necessárias para alguns, embora não para outros. Se você compuser toda a sua oração com sentenças das Escrituras, isso é orar em uma forma de palavras prescritas e, no entanto, tão lícito e adequado quanto qualquer uma de suas próprias palavras. Os salmos são, em sua maioria, formas de oração ou louvor que o Espírito de Deus ditou para o uso da igreja e de pessoas particulares. Seria fácil encher muitas páginas com raciocínios mais extensos e respostas a todas as objeções falaciosas que são trazidas contra isso; mas não vou cansar o leitor nem a mim mesmo a esse ponto.

Pergunta 4: Mas são lícitas aquelas formas que são prescritas por outros, e não por Deus?

Resposta: Sim; caso contrário, seria ilícito para uma criança ou aluno usar uma forma prescrita por seus pais ou mestre. E pensar que uma coisa lícita torna-se subitamente ilícita porque um pai, mestre, pastor ou príncipe a prescreve ou ordena, é um conceito do qual não farei a injustiça de supor meu leitor culpado. De fato, se um usurpador, que não tem autoridade sobre nós em tais assuntos, a prescreve, não estamos obrigados à obediência formal, isto é, a fazê-lo por causa do comando dele; mas ainda assim posso estar obrigado a isso por outros motivos; e embora o comando dele não me obrigue, isso não torna a coisa em si ilícita.

Pergunta 5: Mas é lícito fazer oração espontânea, sem uma forma de palavras premeditada?

Resposta: Nenhum cristão de entendimento competente duvida disso. Devemos premeditar sobre nossas necessidades, nossos pecados e as graças e misericórdias que desejamos, e o Deus com quem falamos; e devemos ser capazes de expressar essas coisas sem quaisquer expressões repugnantes e inadequadas. Mas se as palavras são pré-planejadas ou não, é algo que Deus não o obrigou por nenhuma lei, assim como não obrigou se o pregador ou os ouvintes usarão notas de sermão, ou se suas Bíblias serão manuscritas ou impressas.

Pergunta 6: Se ambos os caminhos são lícitos, qual é o melhor?

Resposta: Se você deve se unir a outros na igreja, o melhor para você é o que o pastor usar na ocasião: pois é ofício dele, e não seu, formular as orações que ele eleva a Deus. E se ele escolher uma forma (seja por ser mais condizente com suas habilidades ou com o povo, ou por concórdia com outras igrejas, ou por obediência aos governantes, ou para evitar algum inconveniente maior), você deve unir-se a ele, ou não se unir ali de modo algum. Mas se for em particular, onde você mesmo é o orador, deve tomar o caminho que for mais para sua própria edificação (e para a de outros, se houver ouvintes unindo-se a você). Um homem pode ser tão desacostumado à oração (por ter sido criado na ignorância), ou ter memória ou expressão tão lentas, que não consegue se lembrar da décima parte de suas necessidades particulares sem a ajuda de uma forma escrita, como conseguiria com ela; nem consegue expressá-las de modo tão tocante para si mesmo ou para outros; aliás, talvez nem em palavras toleráveis. E uma forma para tal homem pode ser um dever; como para um homem de visão

fraca ler com óculos, ou para um pregador lento usar palavras e notas preparadas. Já outro homem pode não ter necessidade de tais auxílios; aliás, quando ele está habituado no entendimento e sentimento de seus pecados e necessidades, e tem uma língua acostuada a expressar sua mente mesmo nesses assuntos com prontidão e facilidade, isso atrapalhará grandemente o fervor dos afetos de tal homem, se ele se prender a palavras premeditadas: dizer o contrário é falar contra o senso comum e a experiência de tais oradores e seus ouvintes. E que aqueles que ainda zombam disso como oração incerta e impensada observem a si mesmos, se não conseguem, quando têm fome, pedir pão, ou pedir ajuda ao seu médico, advogado, proprietário ou qualquer outro, tão bem sem uma forma aprendida ou estudada como com ela? Quem não sabe que é verdade o que diz o novo filósofo (*Descartes, Paixões da Alma, parte I, art. 44*): *Et cum inter loquendum solum cogitamus de sensu illius rei, quam dicere volumus, id facit ut moveamus linguam et labra celerius et melius, quam si cogitaremus ea movere omnibus modis requisitis ad proferenda eadem verba; quia habitus quem acquisivimus cum disceremus loqui, &c. [E quando, ao falar, pensamos apenas no sentido da coisa que queremos dizer, isso faz com que movamos a língua e os lábios de forma mais rápida e melhor do que se pensássemos em movê-los de todas as maneiras exigidas para proferir as mesmas palavras; porque o hábito que adquirimos quando aprendemos a falar, etc.]*. Desviar os pensamentos de forma muito solícita da matéria para as palavras não apenas mata as orações de muitos e as transforma em uma forma morta, mas também as torna mais secas e estéreis mesmo quanto às próprias palavras. A pesada acusação e as palavras amargas e desdenhosas que têm sido tão comuns nesta era, de uns contra a oração sem forma estabelecida e de outros contra a oração com livro ou forma, é um sintoma ou diagnóstico tão desonroso da doença da igreja que deve ser

motivo de vergonha e tristeza para a parte mais sã e compreensiva. Pois não se pode negar que isso prova que o entendimento e a caridade dos homens estão ambos excessivamente baixos.

Pergunta 7: Devemos sempre orar de acordo com o método da oração do Senhor, e é pecado fazer de outro modo?

Resposta: 1. A oração do Senhor é primeiramente uma regra para os seus desejos; e é pecado se os seus desejos não seguirem esse método. Se você não começar em seus desejos com Deus, como seu fim último, e se primeiro não desejar a Sua glória, e depois o florescimento de Seu reino, e depois a obediência às Suas leis, e nisto o bem-estar público do mundo, antes e acima do seu benefício particular. E é pecado se você não desejar o seu pão de cada dia (ou o suporte necessário da natureza) como uma misericórdia inferior visando às suas misericórdias espirituais superiores; e se você não desejar o perdão do pecado como um meio para sua santidade, dever e felicidade futuros; e se você não desejar estes como um meio para a glória de Deus, e não tomar os Seus louvores como a parte mais elevada de suas orações. Mas para expressar esses desejos, ocasiões particulares podem justificar você a começar muitas vezes em outra ordem: como quando você ora pelos enfermos, ou pede orientações, ou uma bênção antes de um sermão ou algum trabalho específico, você pode começar e terminar com o assunto que está diante de você, como as orações de homens santos em todas as eras fizeram. 2. Você deve distinguir também, assim como entre desejos e expressões, entre uma oração universal e uma particular. Uma contém todas as partes da oração e a outra trata apenas de algum assunto ou parte, ou apenas de alguns poucos; sendo esta última apenas um ou poucos tópicos, as petições particulares não podem possivelmente ser proferidas no

método de uma oração universal que tenha todas as partes. Não há uma única petição na oração do Senhor que não possa ser transformada em uma oração por si mesma; e então ela não pode ter as outras petições como partes. 3. E você deve distinguir entre o caso equilibrado e comum de um cristão e seu caso extraordinário, quando alguma razão especial, afeto ou acidente o chama a olhar principalmente para algum ponto particular. No seu caso equilibrado e comum, toda oração universal deveria ser expressa no método da oração do Senhor; mas em casos de razão e indução especial, pode ser de outro modo.

Pergunta 8: Devemos orar sempre que o Espírito nos mover, e apenas então, ou conforme a razão nos guiar?

Resposta: Há dois tipos de movimentos do Espírito: um é por inspiração ou impulso extraordinário, como Ele moveu os profetas e apóstolos para revelar novas leis, ou preceitos, ou eventos, ou para realizar algumas ações sem respeito a qualquer outro comando além da própria inspiração. Os cristãos não devem esperar isso agora, porque a experiência nos diz que isso cessou; ou, se alguém pretender que ainda não cessou na predição de eventos e direção em algumas coisas de outra forma indiferentes, contudo é certíssimo que cessou quanto à legislação; pois o próprio Espírito já nos deu aquelas leis que Ele declarou serem perfeitas e imutáveis até o fim do mundo. O outro tipo de trabalho do Espírito não é criar novas leis ou deveres, mas guiar-nos e vivificar-nos no cumprimento daquilo que já é nosso dever pelas leis já feitas. E estes são os movimentos que todos os cristãos verdadeiros devem agora esperar. Por meio dos quais você pode ver que o Espírito e a razão não devem ser aqui desvinculados, muito menos opostos. Assim como a razão não basta sem o Espírito, por estar obscurecida e adormecida, assim o Espírito não trabalha na

vontade senão por meio da razão: Ele não move o homem como um animal ou uma pedra, para fazer uma coisa sem saber o porquê, mas, pela iluminação, dá a ele a razão mais sólida para fazê-la. E o dever é primeiro dever antes de o realizarmos; e quando, pelo nosso próprio pecado, perdemos os movimentos ou a ajuda especial do Espírito, o dever não deixa de ser dever, nem nossa omissão de ser pecado. Se o Espírito de Deus o ensina a discernir a ocasião mais adequada para a oração, considerando seus afazeres e quando você está mais livre, isso não deve ser negado como sendo obra do Espírito só porque é racional (como imaginam os entusiastas fanáticos). E se você for movido a orar em meio a um acúmulo de negócios, ou em qualquer momento em que a razão possa provar que não é o seu dever, mas o seu pecado, a mesma razão prova que não foi o Espírito de Deus que o moveu a isso: pois o Espírito no coração não é contrário ao Espírito na Escritura. Dedique-se ao dever que o Espírito na Escritura lhe ordena, e então você poderá ter certeza de que obedece ao Espírito; caso contrário, você o desobedece. Sim, se seus corações estiverem frios, a oração é um meio mais provável de aquecê-los do que a omissão dela. Perguntar se você pode orar enquanto seus corações estão frios e relutantes é como perguntar se você pode trabalhar ou chegar perto do fogo antes de estar aquecido. É mais provável que o Espírito de Deus o ajude no dever do que na negligência dele.

Pergunta 9: Pode um homem orar sem ter desejo algum pela graça pela qual ele ora?

Resposta: Não; porque não é oração, mas dissimulação; e a dissimulação não é dever. Aquele que pede por aquilo que não gostaria de ter mente para Deus em sua hipocrisia. Mas se um homem tem apenas desejos frios e comuns (embora não alcancem aquilo que os provaria como evidências da

verdadeira graça), ele pode orar e expressar esses desejos que possui.

Pergunta 10: Pode um homem orar se duvida de seu interesse em Deus e não ousa chamá-Lo de Pai como Seu filho?

Resposta: 1. Existe um interesse comum em Deus, que toda a humanidade possui, visto que Ele é bom para todos: e como Sua misericórdia por meio de Cristo é oferecida a todos; e assim aqueles que não são regenerados são Seus filhos pela criação e pela participação de Sua misericórdia; e eles podem tanto chamá-Lo de Pai quanto orar a Ele, embora ainda sejam não regenerados. 2. Deus tem um interesse em você, mesmo quando você não tem um interesse especial Nele: portanto, Seu comando deve ser obedecido, o qual ordena que você ore. 3. Dúvidas infundadas não o desobrigarão do seu dever; caso contrário, os homens poderiam livrar-se de quase toda a sua obediência.

Pergunta 11: Pode um homem perverso ou não regenerado orar, e ele é aceito? Ou não é sua oração abominável para Deus?

Resposta: 1. Um homem perverso, enquanto homem perverso, não pode orar de outra forma senão perversamente, isto é, ele pede apenas coisas ilícitas de serem pedidas, ou coisas lícitas para fins ilícitos; e isto continua sendo abominável para Deus. 2. Um homem perverso pode ter em si algum bem que procede da graça comum; e ele pode ser obrigado a exercitar isso, e assim, pela oração, expressar seus desejos na medida em que são bons. 3. As orações perversas de um homem perverso nunca são aceitas, mas as orações de um homem perverso que visam coisas boas, vindas da graça comum, são aceitas na medida em que são alguns meios que conduzem à sua reforma;

e embora sua pessoa continue não justificada, e estas orações sejam pecaminosas, contudo a omissão total delas é um pecado maior. 4. Um homem perverso é obrigado a se arrepender e orar ao mesmo tempo (At 8:22; Is 55:6, 7). E sempre que Deus lhe ordena pedir graça, Ele lhe ordena desejar graça; e ordenar-lhe que ore é ordenar-lhe que se arrependa e tenha uma mente melhor: portanto, aqueles que repreendem os ministros por persuadirem homens perversos a orar, os repreendem por persuadi-los ao arrependimento e aos bons desejos. Mas se eles oram sem aquele arrependimento ao qual Deus e os homens os exortam, o pecado é deles: mas nem todo o seu trabalho é perdido se seus desejos ficam aquém da sinceridade salvadora; eles estão sob obrigações de muitos deveres, os quais tendem a trazê-los para mais perto de Cristo, e que eles podem realizar sem a graça especial e salvadora.

Pergunta 12: Pode um homem perverso fazer a oração do Senhor, ou ser exortado a usá-la?

Resposta: 1. A oração do Senhor, em seu sentido pleno e próprio, deve ser proferida por uma pessoa penitente, crente e justificada; pois, no sentido pleno, ninguém mais pode chamá-Lo de "nosso Pai" (embora em um sentido limitado o perverso possa); e eles não podem desejar a glória de Deus, e a vinda de Seu reino, nem o fazer da Sua vontade na terra como é feita no céu, e isto sinceramente, sem a verdadeira graça (especialmente aqueles inimigos da santidade, que acham rigor excessivo fazer a vontade de Deus na terra dez mil graus abaixo do que é feito no céu). Nem podem eles elevar sinceramente uma única petição daquela oração conforme o sentido próprio; não, nem mesmo orar pelo pão de cada dia como um meio de seu sustento enquanto fazem a vontade de Deus e buscam primeiro Sua glória e Seu reino. Mas, contudo, é possível que eles

profiram estas palavras a partir de desejos comuns que não são tão ruins quanto desejo nenhum.

Pergunta 13: É idolatria orar aos santos ou anjos? Ou é sempre pecaminoso?

Resposta: Não gosto de ser excessivamente briguento com as devoções de outros homens; mas: 1. Não vejo como a oração a um anjo ou a um santo falecido possa ser escusada de pecado. Porque isso supõe que eles estejam presentes em todos os lugares, ou que sejam oniscientes, e conheçam o coração, sim, que conheçam ao mesmo tempo os corações de todos os homens; ou então quem fala pretende saber quando o santo ou anjo está presente e o ouve, e quando não; e porque a Escritura em nenhum lugar indica que Deus queira que oremos a tais santos ou anjos; mas indica o suficiente para nos satisfazer do contrário. 2. Mas nem toda oração a eles é idolatria, mas algumas são, e por isso devemos distinguir, se quisermos julgar com justiça. (1) Orar aos santos ou anjos como sendo supostamente onipresentes, oniscientes ou onipotentes é idolatria pura e simples. (2) Orar a eles para que perdoem nossos pecados contra Deus, ou para nos justificar, santificar, remir ou salvar do inferno, ou qualquer coisa que pertença apenas a Deus fazer, não é melhor que idolatria. (3) Mas orar a eles apenas para fazerem aquilo que pertence ao ofício de guardião ou de caridade que lhes foi confiado, e pensar que, embora não sejam onipresentes nem oniscientes, nem você saiba se eles o ouvem neste momento ou não, contudo você arriscará suas orações na incerteza, sendo apenas tanto trabalho perdido; isso eu considero pecaminosamente supersticioso, mas não idolatria. (4) Mas orar aos santos ou pecadores vivos por aquilo que lhes cabe dar não é pecado algum.

Pergunta 14: Um homem está obrigado a orar ordinariamente em sua família?

Resposta: Respondi a isso afirmativamente antes e o provei; um grão de graça responderia a isso melhor do que os argumentos podem fazer.

Pergunta 15: O mesmo homem deve orar secretamente se já orou em sua família ou com outros?

Resposta: 1. Distinga entre aqueles que foram os oradores e aqueles que não foram; e, 2. Entre aqueles que têm lazer em relação a deveres maiores ou mais urgentes e aqueles que não têm. E assim: (1) Aqueles que estão livres da urgência de todos os outros deveres que, naquele momento, são maiores, devem orar tanto na família quanto em segredo; especialmente se não foram eles próprios os oradores, geralmente terão mais necessidade da oração secreta; porque seus corações em público podem fraquejar mais facilmente, e muito de seu caso pessoal pode ser omitido. (2) Mas aqueles que têm deveres maiores e mais urgentes podem contentar-se naquele momento apenas com a oração familiar (com orações ejaculatórias secretas, especialmente se foram os oradores); tendo ali elevado os mesmos pedidos que fariam em segredo.

Pergunta 16: É melhor manter horas marcadas para a oração ou aproveitar o momento que for mais adequado no presente?

Resposta: Ordinariamente, horários marcados provarão ser os momentos mais adequados; e deixar o horário indeterminado e incerto colocará tudo fora de ordem, multiplicará os impedimentos e atrapalhará o dever. Mas, contudo, quando casos extraordinários tornam o horário comum inadequado, um momento mais apropriado deve ser tomado.

Pergunta 17: É lícito unir-se em orações familiares (ou da igreja) com homens ímpios?

Resposta: Junto ambos os casos, pois as situações pouco diferem; visto que o pastor tem o governo do povo na adoração da igreja, assim como o senhor da família o tem na adoração familiar. Você pode escolher no início se será um membro da igreja ou da família (se não nasceu nela como um privilégio); mas quando você é membro de uma delas, deve ser governado como membro. E quanto ao caso: 1. Você deve distinguir entre homens assumidamente perversos e aqueles que pecam contra a sua profissão de fé. 2. E entre uma família (ou igreja) que é totalmente perversa e aquela que é mista de bons e maus. 3. E entre aqueles homens perversos cuja presença é o seu pecado porque você tem poder para removê-los, e aqueles cuja presença não é o seu pecado nem a questão está sob seu poder. 4. E entre alguém que ainda pode escolher de qual família será e alguém que não pode. E assim respondo: (1) Se for culpa do senhor da família (ou dos pastores da igreja) que tais homens perversos estejam lá e não sejam expulsos, então é pecado deles unirem-se a eles, porque é dever deles removê-los; mas esse não é o caso dos conservos (ou do povo), que não têm poder. (2) Se homens perversos professam sua perversidade, após advertência suficiente, você deve declaradamente rejeitar a comunhão com eles; e então você está moralmente separado e desonerado, quando não tem poder para se separar localmente. (3) É pecado seu fugir do seu dever porque um homem perverso está lá, a quem você não tem poder de remover. (4) Há muitas orações que um homem perverso é obrigado a elevar a Deus; e você não deve omitir seu dever porque ele realiza o dele, ainda que de forma faltosa; creio que você deveria ter mais escrúpulos em unir-se ou conversar com alguém que abandona a oração (que é o pecado maior) do que com alguém que ora. (5) Mas se você é livre para escolher, deve ser culpado

se não escolher uma família (ou igreja) melhor (sendo as outras coisas iguais): especialmente se toda a companhia for perversa.

Pergunta 18: Mas e se o senhor de uma família (ou pastor) for herético ou ímpio?

Resposta: Você deve distinguir entre as faltas pessoais dele e as faltas de sua performance ou adoração. Suas faltas pessoais (como jurar ou embriaguez, etc.) você deve desautorizar, e não deve escolher um senhor (ou pastor) que seja assim enquanto tiver escolha e puder ter um melhor; mas, fora isso, é lícito unir-se a ele na prática do bem, embora não no mal. Mas se a falta do seu dever em si mesma for intolerável, você não deve se unir a ele. Ora, ela é intolerável nestes casos: 1. Caso ele seja totalmente incapaz de expressar uma oração, tornando-a "não oração". 2. Caso ele direcione suas orações contra a piedade, a verdade conhecida, a caridade e a paz, transformando suas orações em meros instrumentos de maldade para dar vazão à heresia ou malícia, e fazendo mais mal do que bem aos outros.

Pergunta 19: Podemos orar de forma absoluta por misericórdias externas, ou apenas condicionalmente?

Resposta: Você deve distinguir: 1. Entre uma condição referida ao objeto, quando não temos certeza se aquilo é uma misericórdia ou não, e uma condição intrínseca da concessão. 2. Entre uma condição de oração e uma condição de expectativa. 3. Entre a submissão à vontade de Deus e um desejo ou oração condicional. E assim respondo: (1) É necessário, quando não temos certeza se a coisa em si é boa ou não, que oremos com uma condicionalidade subjetiva: "Concede isto se for bom"; ou: "Se não for bom, não peço por isso". Pois pressupõe-se na oração que saibamos que a coisa

pedida é boa. (2) Mas quando sabemos que a coisa é uma misericórdia e um bem, podemos pedir de forma absoluta. (3) Mas não podemos crer que receberemos tudo com uma expectativa absoluta, o que pedimos de forma absoluta. Pois sendo a oração a expressão do desejo, aquilo que pode ser absolutamente desejado, embora não absolutamente prometido, pode ser absolutamente pedido em oração (como o nosso aumento ou força na graça, ou a conversão de nossos parentes, etc.). (4) Contudo, tudo isso deve ser pedido com submissão à vontade de Deus: mas isso não torna a oração propriamente uma forma condicional de orar; pois quando a natureza da oração é, por assim dizer, mover a vontade de Deus, não é tão próprio dizer: "Senhor, fazê-lo se já for a Tua vontade"; ou: "Senhor, agrada-te em fazer isto se for o Teu prazer"; como dizer: "Senhor, concede esta misericórdia; mas se a negares, é meu dever me submeter". Assim Cristo mencionou tanto a condicionalidade subjetiva quanto a submissão de Sua vontade: "Se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres" (Mt 26:39). Como se Ele dissesse: "A natureza exige que eu, com uma simples nolição [ato de não querer], não deseje o sofrimento e, se for consistente com os fins desejados do meu mediadorado, que deseje evitá-lo; mas visto que isso não pode ser, minha vontade deliberada ordena que esta vontade simples de autopreservação se submeta à Tua vontade mais perfeita". Mas se alguém chamar esta (submissão) de uma condição, a questão não é importante.

Pergunta 20: Podemos orar por tudo o que podemos legalmente desejar?

Resposta: Não: pois a oração não é apenas uma expressão de desejo, mas também um meio para alcançar a coisa desejada. E algumas coisas podem ser legalmente desejadas (ao menos com

uma simples veleidade) as quais não podem ser buscadas, porque não devem ser esperadas, onde Deus disse que não as concederá. Pois é vão buscar o que você não tem esperança de encontrar: como desejar ver a conversão de todo o mundo, ou passar para o céu como Enoque sem morrer, são desejos lícitos (por uma simples veleidade); mas, comparando todas as coisas, não é lícito desejá-los peremptoriamente, sem submissão; e, portanto, não se deve pedir. É a expressão de um desejo comparativo e determinado que é propriamente chamada de oração, sendo o uso de meios para a obtenção daquele desejo; e tudo o que eu puder desejar dessa forma, posso pedir em oração; pois se não houver esperança nisso, não posso desejá-lo dessa forma. Mas o desejo por meio de simples veleidade não pode ser colocado em uma oração propriamente dita quando não há esperança. Devo ter um desejo simples (com submissão) de alcançar uma perfeição sem pecado aqui, mesmo nesta hora; mas porque não há esperança, não posso deixar que isso proceda a um desejo determinado e peremptório baseado em um julgamento deliberado, nem a uma oração propriamente dita. E contudo estas veleidades podem ser expressas na oração, embora não possuam a natureza plena de uma oração. Objeção: Mas a de Cristo não foi uma oração? (Mt 26:39).

Resposta: Ou Cristo como homem tinha certeza de que o cálice não deveria passar Dele, ou Ele tinha incerteza. Se você pudesse provar que Ele tinha incerteza, então é uma oração propriamente dita (com submissão à vontade de Seu Pai); mas se Ele tinha certeza de que o cálice não passaria Dele, então foi apenas analogicamente uma oração, sendo apenas uma representação de Sua veleidade ao Pai, e não de Sua vontade determinada, nem foi um meio para atingir aquele fim: e de fato foi tal que como se dissesse: "Pai, se estivesse de acordo com os fins do meu ofício e com a Tua vontade, eu te pediria

isto; mas porque não está, eu me submeto". E isso tanto nós podemos fazer.

Pergunta 21: Como então podemos orar pela salvação de todo o mundo? Deve ser para todos os homens coletivamente? Ou apenas para alguns, não excluindo nenhuma pessoa numericamente denominada?

Resposta: Exatamente como Cristo orou neste texto citado, devemos expressar nossa simples veleidade disso a Deus, como algo que em si mesmo é o mais desejável (assim como o passar do cálice era para Cristo): mas não podemos expressar uma volição determinada, por meio de uma oração completa, tal como tenha qualquer tendência como meio para atingir esse fim; porque temos certeza de que a vontade de Deus é contrária a isso, ou que isso não acontecerá.

Pergunta 22: Podemos orar pela conversão de todas as nações do mundo ao cristianismo, com uma oração esperançosa?

Resposta: Sim: Pois não temos certeza de que cada nação não será assim convertida, embora seja improvável.

Pergunta 23: Podemos orar com esperança, por meio de uma oração propriamente dita (como meio para obtê-lo), para que um reino inteiro possa ser todo verdadeiramente convertido e salvo?

Resposta: Sim: pois Deus não nos disse de modo algum que isso não acontecerá; embora seja algo improvável, não é impossível; e, portanto, sendo grandemente desejável, pode ser pedido em oração. Embora Cristo nos tenha dito que Seu rebanho é pequeno e poucos encontram o caminho da vida, isso pode ser compatível com a salvação de um reino.

Pergunta 24: Podemos orar pela destruição dos inimigos de Cristo, ou do evangelho, ou do rei?

Resposta: Não com relação àquilo que é chamado de vontade antecedente de Deus, pois por essa devemos primeiro orar pela conversão deles (e restrição até então); mas com relação à chamada vontade consequente de Deus, podemos; isto é, devemos primeiro orar para que sejam restringidos e convertidos e, em segundo lugar, para que, se não o forem, sejam destruídos.

Pergunta 25: O que se deve pensar daquilo que alguns chamam de fé particular na oração? Se eu puder crer firmemente que uma oração lícita será concedida na espécie pedida, não posso ter certeza por uma fé divina de que assim será?

Resposta: A crença tem relação com um testemunho ou revelação. A oração pode ser autorizada como lícita se a coisa for desejável e houver qualquer possibilidade de obtê-la, embora não haja certeza ou promessa direta; mas a fé ou expectativa deve ser autorizada pela promessa. Se Deus lhe prometeu a coisa pedida, você pode crer que a receberá: caso contrário, sua fé particular é uma fantasia, ou um crer em si mesmo, e não um crer em Deus que nunca lhe prometeu a coisa. Objeção: "E tudo o que pedirdes na oração, crendo, o recebereis" (Mt 21:22).

Resposta: Há dois tipos de fé: um é a crença ordinária, que diz respeito a promessas e misericórdias comuns: o texto só pode ser entendido disso no seguinte sentido: "Tudo o que eu lhes prometi, vocês receberão, se pedirem com fé". Mas isso nada tem a ver com aquilo que não foi prometido. A outra fé era extraordinária, voltada para a realização de milagres: e essa fé

era uma confiança interior potente, que não estava no poder da pessoa quando ela quisesse, mas era dada como uma inspiração pelo Espírito de Deus quando um milagre devia ser realizado; e parece ser disto que o texto fala. E isso foi construído sobre esta promessa extraordinária, que foi feita não a todos os homens em todas as eras, mas àqueles tempos em que o evangelho devia ser selado e entregue por milagres; e especialmente aos apóstolos. De modo que, nestes tempos, não existe tal promessa de realizarmos milagres como eles tinham para crer, nem um poder para exercer esse tipo de fé extraordinária. Portanto, um forte conceito (mesmo que venha em uma oração fervorosa) de que algo acontecerá, o qual não podemos provar por nenhuma promessa ou profecia, não deve de modo algum ser chamado de ato de fé divina, nem deve ser confiado.

Pergunta 26: Mas não devemos acreditar que cada oração lícita é aceita e ouvida por Deus?

Resposta: Sim: mas não que ela deva ser concedida na coisa exata pedida, a menos que assim prometido: mas você pode acreditar que sua oração não foi perdida e que ela será um meio para aquilo que tende ao seu bem (Rm 8:28; Is 45:19).

Pergunta 27: Com que fé devo orar pelas almas ou corpos de outros homens; pela conversão ou pelas vidas deles?

Resposta: Um homem piedoso pode orar por parentes perversos ou outros com mais esperança do que eles mesmos podem orar por si enquanto permanecem ímpios: mas, contudo, não com qualquer certeza de prevalecer na coisa que pede; pois não lhe foi peremptoriamente prometido. Caso contrário, Samuel teria prevalecido por Saul, e Isaque por Esaú, e Davi por Absalão, e o povo bom por todos os perversos; e então

nenhum pai piedoso teria seus filhos perdidos; não, nem ninguém no mundo pereceria, pois as pessoas piedosas oram por todos eles. Mas aquelas orações não são perdidas para aquele que as eleva.

Pergunta 28: Com que fé podemos orar pela continuação da igreja e do evangelho em qualquer nação?

Resposta: A resposta anterior serve para esta; nossa esperança pode estar de acordo com os graus de probabilidade: mas não podemos acreditar nisso como uma certeza por fé divina, porque não foi prometido por Deus.

Pergunta 29: Como podemos saber quando nossas orações são ouvidas por Deus e quando não são?

Resposta: De duas maneiras: às vezes pela experiência, quando a coisa em si nos é realmente dada; e sempre pela promessa, quando pedimos por aquilo que Deus nos ordena pedir ou promete conceder; pois temos certeza de que as promessas de Deus são todas cumpridas. Se pedirmos por objetos dos sentidos (como alimento, vestuário, saúde, etc.), o sentido nos dirá se nossas orações foram concedidas na mesma espécie que pedimos; mas se a questão for sobre objetos da fé, é a fé que deve lhe dizer que suas orações foram concedidas; mas, contudo, fé e razão fazem uso de evidências ou sinais. Por exemplo, se eu oro por perdão de pecado e salvação, a promessa me assegura que esta oração foi concedida se eu for uma pessoa penitente, crente e regenerada, caso contrário não; portanto, apenas a fé me assegura que tais orações foram concedidas, supondo que eu discirna a evidência de minha regeneração, arrependimento e fé em Cristo. Assim, se a questão for se minha oração por outros, ou por misericórdias temporais, foi respondida de outra forma e conduz ao meu bem

por outro caminho, apenas a fé deve lhe dizer isso a partir da promessa, com a ajuda das evidências. Há milhões de orações que se descobrirão todas respondidas na morte e no julgamento, as quais não sabíamos terem sido respondidas de modo algum exceto pelo crer nisso.

Pergunta 30: O que deveria fazer um cristão de habilidades fracas, que é seco e estéril de assunto, e mal sabe o que dizer na oração, estando pronto a se levantar de joelhos quase assim que começou?

Como ter suprimento constante de assunto

Resposta: 1. Ele não deve ser um estranho para si mesmo, mas estudar bem seu coração e vida: e então encontrará tal multidão de corrupções internas a lamentar, e tal multidão de necessidades a serem supridas, e fraquezas a serem fortalecidas, e desordens a serem retificadas, e pecados reais a serem perdoados, que poderá encontrar trabalho suficiente para confissões, queixas e petições por muitos dias seguidos, se a expressão for tão pronta quanto o assunto. 2. Que ele estude a Deus e obtenha o conhecimento de Sua natureza, atributos e obras: e então encontrará assunto suficiente para agravar seu pecado e para guarnecer-se com o santo louvor de Deus dia após dia. Assim como aquele que conhece tudo o que está em um livro pode discorrer extensamente sobre ele, enquanto quem não sabe o que há nele tem pouco a dizer; assim aquele que conhece a Deus e Suas obras (e a si mesmo, seus pecados e carências) está familiarizado com o melhor livro de orações e tem sempre um monte cheio de assunto diante de si, sempre que vem falar com Deus. 3. Que ele estude o mistério da redenção do homem, e a pessoa, o ofício, a aliança e a graça de Cristo; e não lhe faltará assunto para oração ou louvor. Uma criança, se vê apenas a mochila de um mascate aberta, onde há

abundância de coisas que ela deseja, aprenderá sem livro a dizer: "Ó pai, compre-me isto e dê-me aquilo", etc. Assim fará a alma que vê os tesouros e riquezas de Cristo. 4. Que ele conheça a extensão da lei de Deus e o significado dos dez mandamentos: se ele souber apenas quais pecados são proibidos em cada mandamento e quais deveres são exigidos, poderá encontrar assunto suficiente para confissão e petição: e, portanto, a visão de uma exposição breve dos mandamentos, como você pode encontrar na obra *True Watch* do Sr. Brinsley e nas *Tables* de Dr. Downname e Sr. Whateley, será uma guarnição imediata para tal uso, especialmente em dias de humilhação. O mesmo ocorrerá se tiver um entendimento particular do credo e da oração do Senhor, o que lhe fornecerá muito assunto. 5. Estude bem as tentações que você carrega consigo em sua carne, que encontra no mundo e que são sugeridas pelo tentador; e pense nos muitos deveres que tem a fazer e nos muitos perigos e sofrimentos a enfrentar, e você nunca ficará desprovido de assunto para suas orações. 6. Observe as passagens diárias da providência, para consigo mesmo e para com os outros; note como as coisas andam com sua alma todos os dias, e ouça como anda a igreja de Deus, e note também como anda com seus vizinhos, e com certeza encontrará assunto suficiente para a oração. 7. Pense nas alegrias celestiais para as quais você está indo, e as ruas da Nova Jerusalém serão grandes o suficiente para a fé nelas caminhar. 8. Para as palavras, familiarize-se com o fraseado da Escritura e encontrará provisões para todas as ocasiões. Leia o livro do Dr. Wilkins chamado *The Gift of Prayer* [O Dom da Oração], ou o *Watch* do Sr. Brinsley, ou o *Abba, Father* do Sr. E. Parr. 9. Mantenha o coração em uma disposição reverente, séria e viva, e ele será uma fonte contínua para guarnecer você com assunto; enquanto um coração morto e estéril possui uma língua seca e sonolenta. 10. Una-se tão frequentemente quanto puder com aqueles que são cheios e copiosos na oração; pois o

exemplo e o uso serão auxílios muito grandes. 11. Não apague o Espírito de Deus que deve assisti-lo. 12. Em caso de necessidade, use aqueles livros ou formas que são mais completos do que você mesmo conseguiria ser até atingir a capacidade de fazer melhor sem eles. Leia também as direções na parte 1, capítulo 6, tópico 2, para saber mais.

Pergunta 31: Como deve um cristão manter o fervor comum na oração?

Como manter o fervor na oração

Resposta: 1. Certifique-se de que o conhecimento e a fé lhe forneçam matéria; pois, assim como o fogo se apaga se não houver combustível, o fervor decairá quando você estiver seco e mal souber o que dizer, ou não crer bem naquilo que entende. 2. Não sobrecarregue o corpo, seja por comer e beber demais, seja por trabalhos exaustivos; pois um corpo ativo ajuda muito na atividade da mente; e a pessoa mais santa será capaz de exercitar apenas debilmente seu fervor sob um corpo apático ou lânguido. 3. Não se lance subitamente à oração vindo de uma multidão de outros negócios, ou antes que suas últimas preocupações ou conversas mundanas sejam limpas de suas mentes. No estudo e na oração, quão certa é a verdade: *Non bene fit quod occupato animo fit* [Não se faz bem o que se faz com a mente ocupada] (Jerônimo, Epístola 143, a Paulino). Aquele trabalho não é bem feito quando realizado com uma mente pré-ocupada ou ocupada com outros assuntos: a mente deve estar totalmente livre de todos os outros pensamentos ou negócios presentes para orar ou estudar bem. 4. Mantenha um coração e uma consciência ternos, que não sejam insensíveis às suas próprias preocupações; pois todas as suas orações serão necessariamente sonolentas se o coração e a consciência estiverem endurecidos, cauterizados ou adormecidos. 5.

Dedique mais esforço aos seus corações do que às suas línguas. Lembre-se de que o sucesso do seu trabalho reside principalmente neles. Não tolere a preguiça deles; trate-os como faria com seu filho ou servo que dormisse ao seu lado na hora da oração; você não os deixaria roncando, mas os sacudiria até despertá-los. Assim faça com seus corações quando os encontrar apáticos. 6. Viva como na presença contínua de Deus; mas esforce-se para perceber Sua presença especial quando estiver prestes a falar com Ele: pergunte aos seus corações como eles se comportariam se vissem o Senhor, ou apenas o menor de Seus santos anjos? 7. Que a fé seja invocada para ver o céu e o inferno como abertos o tempo todo diante de você; tal visão certamente o manterá sério. 8. Mantenha a morte e o julgamento em sua contínua lembrança e expectativa: lembre-se de como todas as suas orações serão revistas no futuro. Não conte com uma vida longa: lembre-se de que esta oração, por tudo o que você sabe, pode ser a sua última; mas certamente você não tem muito tempo para orar: ore, portanto, como um homem que está morrendo deve fazer. 9. Estude bem a necessidade indescritível de suas almas. Se você não prevalecer pedindo perdão, graça e preservação, você estará arruinado e perdido para sempre. Lembre-se de que a necessidade repousa sobre você, o céu ou o inferno estão ao final, e você está orando por mais do que mil vidas. 10. Estude bem a excelência indescritível daquelas misericórdias pelas quais você ora: Oh, pense em quão abençoada vida seria se você pudesse conhecer mais a Deus, amá-Lo mais e viver uma vida irrepreensível e celestial, e então viver com Cristo no céu para sempre! Estude essas misericórdias até que as chamas do amor deem vida às suas orações. 11. Estude bem os enormes encorajamentos que você tem para orar e ter esperança; se sua esperança decair, seu fervor decairá. Pense no amor inconcebível de Deus, na misericórdia espantosa demonstrada a você em seu Redentor e nos auxílios do Espírito Santo, e em

como Cristo está agora intercedendo por você. Pense nisso até que a fé alegre seu coração; e, nessa alegria, que o louvor e a ação de graças tenham ordinariamente uma parte considerável em suas orações; pois cansará o coração estar sempre focado em seus próprios desajustes, e o desencorajará olhar para nada além de suas enfermidades; além disso, um temperamento triste e desanimado não será tão vívido quanto um temperamento agradecido, louvável e alegre: pois *laetitia loquax res est, atque ostentatrix sui* [a alegria é algo eloquente e que se mostra por si mesma]. Mas *tristes non eloquentes sunt: maxime si ad aegritudinem animi accedat corporis aegritudo* [os tristes não são eloquentes; especialmente se à doença da alma se acrescenta a doença do corpo] (Jerônimo, Epístola 31, a Teófilo de Alexandria). 12. Que a imagem de um Cristo orante e sofredor, e de Seus santos orantes, esteja (não em uma parede diante de seus olhos, mas) gravada em suas mentes. Não é desejável ser conformado a eles? Eles teriam mais necessidade de orar importunamente do que você? 13. Seja muito cauteloso no uso de formas prontas, para não se tornar apático e mecânico, e para que, antes que perceba, suas línguas passem a agir sem os seus corações. O coração tende a se acomodar quando não sente uma instigação urgente. Embora a presença de Deus deva bastar sem o olhar do homem, contudo, com homens imperfeitos, o coração é melhor mantido em seu dever quando ambos os fatores concorrem. E, portanto, a maioria é mais cautelosa com suas palavras do que com seus pensamentos; assim como as crianças aprenderão melhor sua lição quando sabem que seus mestres as ouvirão, do que quando pensam que não o farão. Ora, no uso de uma forma de oração, um coração sonolento não é discernido pelo homem, mas apenas por Deus; pois as palavras já estão prontas à mão e podem ser ditas pela mente mais apática e descuidada; mas quando você é levado a expressar seu próprio desejo sem tais auxílios, você é obrigado a estar tão atento ao que faz que deve

moldar seus desejos em expressões adequadas, caso contrário, sua apatia ou falta de atenção serão observadas até pelos homens; você será como alguém que teve sua carruagem, cavalo ou muletas retirados; se tiver pernas, deverá usá-las, ou então ficar parado. E para aqueles que são capazes, é frequentemente um grande benefício ser obrigado a usar a habilidade que possuem; embora para outros seja uma perda ser privado de seus auxílios. Não digo isso contra a licitude de uma forma de oração, mas para alertá-los sobre as tentações que existem nesse caminho. 14. Una-se frequentemente aos cristãos mais sérios e fervorosos; pois o fervor deles ajudará seus corações a arder e o carregará junto com eles. 15. Não destrua o fervor adulterando-o e transformando-o em uma seriedade de fala afetada e em voz alta, quando isso não passa de uma cobertura hipócrita para um coração gélido e vazio.

Pergunta 32: Podemos esperar ser melhor atendidos por causa de algo em nós mesmos ou em nossas orações? Não seria isso confiar neles, quando deveríamos confiar apenas em Cristo?

Resposta: Não devemos confiar neles para nada que seja a parte de Cristo e não deles; mas, quanto à parte que lhes cabe, é um dever confiar neles (por mais que pessoas briguentas abusem ou criem caso com as palavras): e aquele que desconfia da oração naquilo que é o seu ofício próprio orará com pouco propósito. Aquele que pensa que a oração fiel, fervorosa, importuna e inteligente não é mais eficaz com Deus para obter misericórdia do que o balbuciar do hipócrita, ou as orações ignorantes, descuidadas, incrédulas e sonolentas do negligente, ou não se importará com o modo como ora, ou se ora de todo. Embora nossas pessoas e orações não tenham nada que seja meritório diante de Deus no que diz respeito à justiça comutativa, nem como algo coordenado com os méritos de Cristo, contudo elas possuem condições sem as quais Deus não

as aceitará, e são "meritórias" em subordinação ao mérito de Cristo, no que diz respeito à justiça governativa paternal conforme a aliança da graça; assim como um filho obediente merece mais amor, louvor e recompensa de seu pai do que o desobediente; era assim que os antigos pais da igreja comumente usavam a palavra "mérito".

Pergunta 33: Como devem ser qualificados a pessoa e a oração para serem aceitas por Deus?

Resposta: Existem vários graus de aceitação de Deus. I. Aquela que provém apenas da graça comum pode ser aceita como melhor do que nenhuma. II. Aquela que tem uma promessa de algum sucesso, especialmente quanto ao perdão e à salvação, deve: 1. Vir de uma pessoa penitente, crente e santa. 2. Proceder de um desejo verdadeiro e ser sincera; e ter fé e arrependimento renovados em certa medida. 3. Ser elevada com confiança no mérito e na intercessão de Cristo. 4. Ser apenas por coisas lícitas. 5. E para um fim lícito. III. Aquela que é extraordinariamente aceita e bem-sucedida deve ser extraordinária em todos esses aspectos: na santidade da pessoa, na fé renovada, na fervorosa importunidade e no amor santo.

Direções especiais para a oração em família

Direção 1. Que ela seja feita preferencialmente pelo próprio senhor da família do que por qualquer outro, se ele for competentemente capaz, mesmo que outros sejam mais habilidosos; mas se ele for totalmente inapto, que seja feita por outro em vez de não ser feita; e por alguém que seja mais aceitável aos demais e que tenha maior probabilidade de fazer o bem.

Direção 2. Que a oração seja adequada ao caso daqueles que se unem a ela e à condição da família; e não apenas algumas palavras gerais ditas por rotina, que servem a todos os tempos e pessoas da mesma forma.

Direção 3. Que não seja tão curta a ponto de terminar antes que os corações se aqueçam e as necessidades sejam expressas (como se você tivesse uma tarefa indesejada a despachar e quisesse logo terminar); nem tão tediosa a ponto de torná-la um fardo desagradável para a família.

Direção 4. Não permita que a frieza e a apatia de quem fala embalem a família no sono; mas mantenha desperto o seu próprio coração, para que possa manter os demais acordados e forçá-los à atenção.

Direção 5. Ore em horas tais que a família esteja menos distraída, sonolenta, cansada ou ausente.

Direção 6. Que outros deveres concorram, sempre que possível, para auxiliar na oração: como a leitura e o canto de salmos.

Direção 7. Faça tudo com a maior reverência a Deus que possivelmente puder; não uma reverência aparente, mas real; para que mais de Deus do que do homem apareça em cada palavra que você disser.

Direção 8. Quanto mais os ouvintes estiverem interessados nela, mais consideração você deve ter com a adequação de suas expressões; pois, diante de outros, as palavras devem ser cuidadas, para que eles não se escandalizem e Deus e a oração não sejam desonrados. E se você não puder fazê-lo competentemente sem auxílio, use uma forma bem composta.

Direção 9. Que a oração familiar não seja usada no horário da oração pública na igreja, nem preferida a esta, mas prefira a oração pública, mesmo que o modo fosse mais imperfeito que o seu.

Direção 10. Ensine seus filhos e servos a orarem eles mesmos, para que não fiquem sem oração quando estiverem entre aqueles que não sabem orar. João e Cristo ensinaram seus discípulos a orar.

Direções especiais para a oração secreta

Direção 1. Que seja em um lugar tão secreto quanto você possa convenientemente, para não ser perturbado. Que seja feito de modo que outros não sejam testemunhas disso, se você puder evitar; e contudo, não tome como seu dever manter oculto que você ora secretamente; pois isso será uma armadilha e escândalo para eles.

Direção 2. Que sua voz seja adequada à sua própria ajuda e benefício, se ninguém mais o ouvir. Se for necessário para o prosseguimento ordenado de seus próprios pensamentos, ou para o aquecimento de seus próprios afetos, você pode usar a voz; mas se outros estiverem ao alcance da audição, é muito inadequado.

Direção 3. Em segredo, que a matéria de suas orações seja aquilo que é mais peculiarmente de sua própria preocupação, ou aquelas coisas secretas que não são adequadas para a oração pública, ou que lá foram ignoradas; contudo, nunca esquecendo o interesse mais elevado de Cristo, do evangelho, do mundo e da igreja.

Direção 4. Seja menos solícito com as palavras em segredo do que com os outros, e dedique seu cuidado ao coração; pois é isso que Deus mais estima em suas orações.

Direção 5. Não permita que, por má vontade carnal, você negligencie a oração secreta quando tiver tempo; nem se prenda supersticiosamente a um tempo exato, quer você esteja apto ou livre de deveres maiores, ou não. Mas demore-se mais quando estiver mais apto e desocupado, e seja mais breve quando não estiver. Ceder a cada relutância carnal é o pecado de um lado; e resolver gastar tanto tempo, quando você apenas se cansa, e o sono, os negócios ou o desequilíbrio tornam a oração algo sem vida, é o pecado do outro lado. Evite ambos.

Direção 6. Uma pessoa melancólica que seja inapta para muita solidão e exames de coração deve ser muito mais breve, e talvez orar menos vezes em segredo, do que outros cristãos capazes de suportar isso; e deve, em vez daquilo que não consegue fazer, dedicar-se mais ao que consegue: como unir-se a outros e fazer orações ejaculatórias mais curtas, além de outros deveres; mas sem diminuir sua piedade no essencial sob qualquer pretexto de curar a melancolia.

CAPÍTULO 24

BREVES DIREÇÕES PARA FAMÍLIAS SOBRE O SACRAMENTO DO CORPO E SANGUE DE CRISTO

Omitindo aquelas coisas que concernem à administração pública deste sacramento, darei aqui apenas algumas breves direções para o seu dever privado a esse respeito.

Quais são os fins do sacramento?

Direção 1. Entenda bem os fins próprios para os quais este sacramento foi instituído por Cristo; e tome cuidado para não usá-lo para fins para os quais ele nunca foi designado. Os fins verdadeiros são estes: 1. Ser uma comemoração solene da morte e paixão de Jesus Cristo, para mantê-la, por assim dizer, diante dos olhos da igreja, em Sua ausência corporal, até que Ele venha (1 Co 11:24-26). 2. Ser uma renovação solene da santa aliança que foi iniciada no batismo, entre Cristo e quem recebe; e nessa aliança ocorre, da parte de Cristo, uma entrega solene de Si mesmo primeiro e, com Si mesmo, os benefícios do perdão, reconciliação, adoção e direito à vida eterna. E da parte do homem, é a nossa aceitação solene de Cristo com Seus benefícios, sob os Seus termos, e um entregar de nós mesmos a Ele, como Seus remidos, ao Pai como nosso Pai reconciliado, ao Filho como nosso Lorde e Salvador, e ao Espírito Santo como nosso Santificador, com gratidão professada por tão grande benefício. 3. É designado para ser um meio objetivo vivo pelo qual o Espírito de Cristo deve trabalhar para despertar, exercitar e aumentar o arrependimento, a fé, o desejo, o amor, a esperança, a alegria, a gratidão e a nova obediência dos crentes; por meio de uma representação viva do

mal do pecado, do amor infinito de Deus em Cristo, da firmeza da aliança ou promessa, da grandeza e certeza da misericórdia dada, e da bem-aventurança comprada e prometida a nós, e das grandes obrigações que nos são impostas. E que nisto os crentes possam ser solenemente chamados ao exercício mais sério de todas essas graças, e possam ser estimulados e auxiliados a despertarem a si mesmos para esta comunhão com Deus em Cristo, e a orarem por mais graça como que através de um Cristo sacrificado. 4. É designado para ser a profissão solene dos crentes de sua fé, amor, gratidão e obediência a Deus Pai, Filho e Espírito Santo, e de sua permanência firme na religião cristã. E um distintivo da igreja perante o mundo. 5. E é designado para ser um sinal e meio da unidade, amor e comunhão dos santos, e de sua prontidão em comunicar uns com os outros.

Os fins falsos e equivocados que você deve evitar são estes: 1. Você não deve, com os papistas, pensar que o fim dele é transformar pão em "não pão" e vinho em "não vinho", e torná-los realmente o corpo e sangue verdadeiros de Jesus Cristo. Pois, se os sentidos (que dizem a todos os homens que aquilo ainda é pão e vinho) não merecem crédito, então não podemos crer que jamais houve um evangelho, ou um apóstolo, ou um papa, ou um homem, ou qualquer coisa no mundo. E o apóstolo chama-o expressamente de pão três vezes, em três versículos seguidos, após a consagração (1 Co 11:26-28). E ele nos diz que o uso dele é (não tornar o corpo do Senhor realmente presente, mas) "anunciar a morte do Senhor até que Ele venha"; isto é, como um sinal visível de representação e comemoração, para estar no lugar de Sua presença corporal até que Ele venha.

1. Nem deve você, com os papistas, usar este sacramento para sacrificar Cristo novamente de forma real ao Pai, para propiciá-Lo pelos vivos e mortos, e aliviar as

almas no purgatório e livrá-las de lá. Pois Cristo, tendo morrido uma vez, não morre mais, e sem matá-Lo não há como sacrificá-Lo. Por ter oferecido a Si mesmo uma única vez, Ele aperfeiçoou para sempre os que são santificados, e agora não resta mais sacrifício pelo pecado: tendo terminado a obra de sacrifício na terra, Ele agora passou para os céus, para comparecer perante Deus pelos Seus remidos.

2. Nem é nada melhor que uma impiedade odiosa receber o sacramento para confirmar algumas confederações ou juramentos de segredo para rebeliões ou outros projetos ilícitos; como fizeram os conspiradores da "trama da pólvora" na Inglaterra.
3. Nem é outra coisa senão profanação ímpia desses mistérios sagrados o fato de o sacerdote constranger ou permitir que pessoas notoriamente ignorantes e ímpias os recebam; seja para fazê-las acreditar que são de fato filhas de Deus, ou para ser um meio que homens ímpios devam usar para se tornarem piedosos, ou que infiéis ou pessoas impenitentes devam usar para ajudá-las ao arrependimento e à fé em Cristo. Pois, embora haja nele aquilo que pode se tornar um meio de sua conversão (como um ladrão que rouba uma Bíblia ou um livro de sermões pode ser convertido por ele), contudo não deve ser usado por quem recebe com esse fim. Pois isso seria contar uma mentira a Deus como meio de sua conversão; pois todo aquele que vem receber um perdão selado professa, com isso, arrependimento, como também deve fazer pelas palavras adjuntas; e todo aquele que toma, come e bebe o pão e o vinho professa realmente, com isso, que toma e aplica o próprio Cristo pela fé: e, portanto, se ele não faz nenhuma dessas coisas, mente abertamente a Deus; e mentiras e falsas alianças não são os meios designados para a conversão.

Não que o ministro seja um mentiroso ao entregá-lo: pois ele apenas sela e entrega condicionalmente a aliança e os benefícios de Deus ao recebedor, para serem dele se ele verdadeiramente se arrepender e crer; mas o próprio recebedor mente, se não se arrepender e crer de fato, conforme ali professa fazer.

4. Também é uma profanação ímpia do sacramento se algum sacerdote, por amor ao lucro torpe, o der àqueles que não deveriam recebê-lo, para que ele possa obter suas taxas ou ofertas; ou para que o sacerdote receba dinheiro que foi legado para rezar uma missa por esta ou aquela alma.
5. E é uma profanação odiosa do sacramento usá-lo como uma liga ou vínculo de facção, para reunir pessoas em um partido e prendê-las firmemente a ele, para que dependam do sacerdote, e para que sua facção e interesse sejam fortalecidos com isso, e ele pareça ter muitos seguidores.
6. E é um abuso perigoso recebê-lo para que você possa ser perdoado, ou santificado, ou salvo, meramente pelo trabalho realizado (*ex opere operato*) ou apenas pelo exercício externo. Como se Deus estivesse ali obrigado a lhe dar graça, enquanto você não se esforça com o seu próprio coração para estimulá-lo ao amor, ao desejo, à fé ou à obediência, por meio dos recursos que estão diante de você; ou como se Deus fosse perdoá-lo e salvá-lo por comer tanto pão e beber tanto vinho, quando o cânone o ordena; ou como se o sacramento transmitisse graça da mesma forma que se supõe que amuletos funcionem, ao se dizer certas palavras.
7. Por fim, não é um fim designado deste sacramento que quem o recebe professe com isso estar certo da sinceridade de seu próprio arrependimento e fé (pois ele não é conduzido com base em tal certeza apenas pelo

recebedor; muito menos pelo ministro que o entrega). Mas apenas ele professa que, tanto quanto pode discernir ao observar seu próprio coração, ele está verdadeiramente disposto a ter Cristo e Seus benefícios nos termos em que são oferecidos; e que ele consente com a aliança que ali deve renovar. Não pense, portanto, que o sacramento foi instituído para qualquer um desses fins (equivocados).

Quais são as partes do sacramento?

Direção 2. Entenda distintamente as partes do sacramento, para que possa usá-las distintamente e não fazer o que você não sabe. Este sacramento contém estas três partes: 1. A consagração do pão e do vinho, que o torna o corpo e sangue representativos de Cristo. 2. A representação e comemoração do sacrifício de Cristo. 3. A comunhão: ou comunicação por parte de Cristo e recepção por parte do povo.

I. Na consagração, a igreja primeiro oferece as criaturas do pão e do vinho para serem aceitas por Deus para este uso sagrado. E Deus as aceita e as abençoa para este uso; o que Ele significa tanto pelas palavras de Sua própria instituição quanto pela ação de Seus ministros e pela bênção deles. Sendo eles os agentes de Deus para o povo neste aceitar e abençoar, assim como são os agentes do povo para Deus ao oferecerem ou dedicarem as criaturas a este uso.

Esta consagração, tendo um respeito especial a Deus Pai, nela reconhecemos Suas três grandes relações: 1. Que Ele é o Criador e, portanto, o Proprietário de todas as criaturas; pois as oferecemos a Ele como Suas. 2. Que Ele é o nosso Governador justo, cuja lei foi aquela que Adão e nós quebramos, e que exigiu satisfação, e recebeu o sacrifício e a expiação, e

dispensou a execução estrita e própria daquela lei, e nos governará daqui em diante pela lei da graça. 3. Que Ele é nosso Pai ou Benfeitor, que nos deu livremente um Redentor e a aliança da graça, cujo amor e favor perdemos pelo pecado, mas desejamos e esperamos ser reconciliados por Cristo.

Assim como o próprio Cristo foi encarnado e verdadeiro Cristo antes de ser sacrificado a Deus, e foi sacrificado a Deus antes que esse sacrifício fosse comunicado para vida e nutrição das almas; assim, no sacramento, a consagração deve primeiro tornar a criatura o corpo e sangue de Cristo representativos; e então o sacrifício desse corpo e sangue deve ser representado e comemorado; e então o corpo e sangue sacrificados devem ser comunicados aos recebedores para sua vida espiritual.

II. A comemoração respeita principalmente (mas não apenas) a Deus o Filho. Pois Ele ordenou que estas representações consagradas suprissem, em seu modo e medida, o lugar de Sua presença corporal enquanto Seu corpo está no céu; e que assim, como que em efígie, em representação, Ele pudesse estar ainda crucificado perante os olhos da igreja; e eles pudessem ser afetados como se tivessem visto a Ele na cruz. E que, pela fé e oração, pudessem, por assim dizer, oferecê-Lo a Deus; isto é, pudessem mostrar ao Pai aquele sacrifício, feito uma vez pelo pecado, no qual confiam, e pelo qual esperam toda a aceitação de suas pessoas diante de Deus, e esperam ser ouvidos quando imploram por misericórdia e Lhe oferecem oração ou louvores.

III. Na comunicação, embora o sacramento tenha respeito ao Pai como o Doador principal, e ao Filho como tanto o Dom quanto o Doador, contudo ele tem um respeito especial ao Espírito Santo, por ser aquele Espírito dado na carne e no sangue que vivifica as almas; sem o qual a carne nada

aproveitará; e cujas operações devem transmitir e aplicar os benefícios salvadores de Cristo a nós (Jo 6:63; 7:39).

Sendo estas três as partes do sacramento como um todo, compreendendo aquela ação sagrada e participação que lhe é essencial, as partes materiais, chamadas de "relato" e "correlato", são: 1. Substanciais e qualitativas. 2. Ativas e passivas. 1. As primeiras são o pão e o vinho como sinais, e o corpo e sangue de Cristo, com Suas graças e benefícios, como as coisas significadas e dadas. 2. As segundas são as ações de partir, derramar e entregar da parte do ministro (após a consagração), e o tomar, comer e beber pelos recebedores como o sinal. E a coisa significada é a crucificação ou sacrifício de Cristo, e a entrega de Si mesmo com Seus benefícios ao crente, e a aceitação e uso agradecidos do referido dom por parte do recebedor. A estas adicione a forma relativa e os fins, e você terá a definição deste sacramento.

Direção 3. Olhe para o ministro como o agente ou oficial de Cristo, que foi comissionado por Ele para selar e entregar a você a aliança e seus benefícios; e tome o pão e o vinho como se ouvisse o próprio Cristo dizendo a você: "Toma o Meu corpo e sangue, e o perdão e a graça que por eles são comprados". É uma grande ajuda na aplicação ter a misericórdia e o perdão trazidos a nós pela mão de um oficial comissionado de Cristo.

Direção 4. Em sua preparação prévia, tome cuidado com estes dois extremos: 1. Que você não venha profanamente e descuidadamente, com corações comuns, como para um trabalho comum. Pois Deus será santificado naqueles que se aproximam Dele (Lv 10:3); e aqueles que comem e bebem indignamente, não discernindo o corpo do Senhor do pão comum, mas comendo como se fosse uma refeição comum,

comem a morte para si mesmos em vez da vida. 2. Tome cuidado para que seus equívocos sobre a natureza deste sacramento não o possuam com tais medos de receber indignamente e dos perigos decorrentes, que possam desestabilizar totalmente e tornar inaptas suas almas para os exercícios alegres de fé, amor, louvor e ação de graças para os quais você é convidado. Muitos que são escrupulosos quanto a recebê-lo em qualquer postura que não seja a de banquete, são pouco cuidadosos e escrupulosos quanto a recebê-lo em qualquer disposição mental que não seja a de um banquete.

O primeiro extremo é causado pela profanidade e negligência, ou por ignorância crassa da natureza do trabalho sacramental. O segundo extremo é frequentemente causado pelo seguinte: 1. Por colocar este sacramento a uma distância maior das outras partes da adoração de Deus do que há motivo; de modo que o excesso de reverência sobrecarrega as mentes de alguns com terrores. 2. Por estudar mais as palavras terríveis sobre comer e beber condenação para si mesmos se o fizerem indignamente, do que todas as expressões de amor e misericórdia com que esse banquete abençoado é guarnecido. De modo que, quando as visões do amor infinito deveriam arrebatá-los, eles estão estudando a ira e a vingança para aterrorizá-los, como se viessem a Moisés e não a Cristo. 3. Por não entender o que torna um recebedor digno ou indigno, mas tomando suas fraquezas involuntárias como uma indignidade condenável. 4. Por recebê-lo tão raramente a ponto de torná-lo estranho para eles e aumentar seu medo; ao passo que, se fosse administrado todo dia do Senhor, como ocorria nas igrejas primitivas, isso os familiarizaria melhor com ele e curaria aquele medo que provém da estranheza. 5. Por imaginar que ninguém que careça da garantia de sua própria sinceridade possa receber com fé. 6. Por contrair um mau hábito de religiosidade equivocada, colocando tudo em focar em si mesmos e chorar por suas

corrupções, e não em estudar o amor de Deus em Cristo e viver nos louvores diários de Seu nome e em ações de graças alegres por Suas misericórdias excedentes. 7. E se, além de tudo isso, o corpo contrair um distúrbio melancólico, fraco ou temeroso, ele deixará a mente capaz de quase nada além de medo e perturbação, mesmo nos trabalhos mais doces. De muitos casos assim acontece que o sacramento da ceia do Senhor se tornou mais terrível e desconfortável para uma abundância de cristãos tão desequilibrados do que qualquer outra ordenança de Deus; e aquilo que mais deveria confortá-los é o que mais os perturba.

Pergunta 1: Mas este sacramento não é mais santo e temível, e não deveria ter mais preparação do que outras partes da adoração?

Resposta: Quanto ao grau, de fato, ele deve ter uma preparação muito cuidadosa; e não podemos compará-lo bem com outras partes da adoração, como louvor, ação de graças, aliança com Deus, oração, etc., porque todas essas outras partes estão aqui compreendidas e realizadas. Mas, sem dúvida, Deus também deve ser santificado em toda a Sua outra adoração, e o Seu nome não deve ser tomado em vão. E quando este sacramento era recebido todo dia do Senhor, e frequentemente em outros dias da semana, supunha-se que os cristãos vivessem continuamente em um estado de preparação geral, e não estivessem tão longe de uma preparação particular devida quanto muitos pobres cristãos pensam que estão.

Pergunta 2: Com que frequência o sacramento deveria ser administrado agora, para que não caia nem no desprezo nem na estranheza?

Resposta: Ordinariamente, em igrejas bem disciplinadas, deveria ser ainda todo dia do Senhor: pois: 1. Não temos razão para provar que o exemplo e a designação dos apóstolos neste caso fossem próprios apenas para aqueles tempos, mais do que o louvor e a ação de graças diários sejam próprios a eles; e poderíamos muito bem negar a obrigação de outras instituições, ou ordens apostólicas, como esta. 2. É uma parte da ordem estabelecida para a adoração no dia do Senhor; e omiti-la mutila e altera a adoração do dia; e ocasiona a omissão da ação de graças e do louvor, e das vivas comemorações de Cristo, que deveriam ser então mais realizadas; e assim os cristãos, pelo uso, tornam-se habituados à tristeza e a uma religião fúnebre e melancólica, e tornam-se desconhecedores de muito da adoração e do espírito do evangelho. 3. Com isso, as lamentáveis corrupções dos papistas nesta ordenança cresceram, até mesmo por um excesso de reverência e medo, que o receber raramente aumenta, até que chegaram a adorar o pão como o seu Deus. 4. Pela raridade da comunhão, os homens são seduzidos a pensar que toda a comunhão própria das igrejas reside naquele sacramento, e a serem mais profanamente ousados em abusar de muitas outras partes da adoração. 5. Existem meios melhores (pelo ensino e disciplina) para guardar o sacramento do desprezo do que a omissão ou o deslocamento dele. 6. Todo dia do Senhor não é mais frequente do que os cristãos necessitam. 7. A frequência os ensinará a viver preparados, e não apenas a fazer muito alvoroço uma vez por mês ou por trimestre, enquanto o mesmo trabalho é negligenciado durante todo o restante do ano; assim como quem vive em constante expectativa da morte viverá em constante preparação; enquanto quem a espera apenas em alguma doença grave será então assustado a fazer algumas preparações aparentes, que não são o hábito de sua alma, mas são postas de lado novamente quando a doença passa.

Mas, contudo, devo acrescentar que, em algumas igrejas não disciplinadas, e em algumas ocasiões, ele pode ser omitido por mais tempo ou usado com menos frequência: nenhum dever é um dever em todos os momentos; e, portanto, casos extraordinários podem levantar tais impedimentos que nos impeçam por muito tempo deste e de muitos outros privilégios. Mas a falha comum de nossos corações imperfeitos, que tendem a se tornar mecânicos e apáticos, não é um bom motivo para que ele seja raro; não mais do que o seria para que outros deveres especiais de adoração e comunhão da igreja fossem raros. Leia bem as epístolas de Paulo aos Coríntios e você descobrirá que eles eram então tão ruins quanto os cristãos verdadeiros são agora, e que mesmo neste sacramento eles eram muito culpáveis; e, no entanto, Paulo não busca curá-los fazendo com que comunhem com menos frequência.

Pergunta 3: Todos os membros da igreja visível devem ser admitidos a este sacramento ou comungar?

Resposta: Nem todos devem buscá-lo ou tomá-lo, porque muitos podem conhecer sua própria inaptidão quando a igreja ou os pastores não a conhecem; mas todos os que vêm e o buscam devem ser admitidos pelos pastores, exceto crianças, idiotas, pessoas ignorantes ou heréticos que não sabem o que devem receber e fazer, e aqueles que são notoriamente perversos ou escandalosos e não manifestaram seu arrependimento. Mas, então, pressupõe-se que ninguém deveria ser contado entre os membros adultos da igreja, exceto aqueles que assumiram pessoalmente sua aliança batismal por uma profissão crível de verdadeiro cristianismo.

Pergunta 4: Pode um homem que possui conhecimento, civilidade e dons comuns vir e tomar este sacramento, se ele

souber que ainda é desprovido de verdadeiro arrependimento e de outra graça salvadora?

Resposta: Não; pois ele sabe, então, que é alguém incapaz disso em seu estado atual.

Pergunta 5: Pode um homem ímpio receber este sacramento, alguém que não saiba ser ímpio?

Resposta: Não; pois ele deveria sabê-lo, e sua ignorância pecaminosa de sua própria condição não transformará seu pecado em dever, nem escusará suas outras faltas diante de Deus.

Pergunta 6: Um cristão sincero deve participar, mesmo estando incerto de sua sinceridade e em dúvida contínua?

Resposta: Duas preparações são necessárias para este sacramento: a preparação geral, que é um estado de graça, e esta o cristão que duvida possui; e a preparação particular, que consiste em sua aptidão real no momento; e toda a questão reside nesta última. Para saber isso, você deve distinguir, ainda, entre o dever imediato e o mais remoto, e entre os graus de dúvida nos cristãos. 1. O dever imediato mais próximo do cristão que duvida é usar os meios para ter suas dúvidas resolvidas, até que conheça seu caso; e então seu próximo dever é receber o sacramento. Ambos continuam sendo seu dever, a serem realizados nesta ordem. Se ele disser: "Não consigo me decidir, mesmo tendo feito o meu melhor", certamente é algum pecado próprio que o mantém nas trevas e impede sua certeza; e, portanto, o dever não deixa de ser dever. A lei de Cristo ainda o obriga tanto a obter convicção quanto a participar; e a falta tanto do conhecimento de seu estado quanto do recebimento do sacramento são seu pecado contínuo, se ele

permanecer nisso por muito tempo devido a esses escrúpulos, embora seja uma enfermidade pela qual Deus não o condenará (pois supõe-se que ele esteja em estado de graça).

Mas você dirá: "E se ele ainda não conseguir decidir se tem verdadeira fé e arrependimento ou não? O que ele deve fazer enquanto estiver em dúvida?". Respondo: uma coisa é perguntar qual é o seu dever neste caso; outra é perguntar qual é o pecado menor ou menos perigoso. O dever dele continua sendo tanto obter o conhecimento de seu coração quanto comungar; mas, enquanto ele peca (por enfermidade) ao falhar no primeiro, seria melhor também omitir o outro ou não? Para resolver bem isso, você deve discernir: 1. Se o julgamento que ele faz de si mesmo inclina-se mais a pensar e esperar que ele seja sincero em seu arrependimento e fé, ou que não seja. 2. E se as consequências tendem a ser boas ou más para ele. Se suas esperanças de ser sincero forem tão grandes ou maiores que seus medos do contrário, então não há uma consequência tão ruim a ser temida que deva impedir sua comunhão; o melhor caminho é fazê-lo e esperar em Deus no uso de Sua ordenança. Mas se a convicção de sua falta de graça for maior que as esperanças de sua sinceridade, então ele deve observar como provavelmente será afetado se comungar. Se ele perceber que isso provavelmente esclarecerá sua mente e aumentará suas esperanças ao atuar sua graça, ainda é melhor ir. Mas se ele perceber que seu coração provavelmente será sobrecarregado de horror e afundará no desespero, ao incorrer na suposta culpa de um recebimento indigno, então será pior fazê-lo do que omiti-lo. Conheci muitos cristãos temerosos assim, que se viram obrigados a ausentar-se por muitos anos do sacramento porque, se o recebessem enquanto estivessem convencidos de sua total indignidade, seriam engolidos pelo desespero e pensariam que haviam tomado sua própria condenação

(conforme diz o vigésimo quinto artigo da Igreja da Inglaterra sobre os que recebem indignamente).

Portanto, o pecado principal de tal recebedor que duvida não é o fato de receber apesar da dúvida; pois a dúvida não nos escusará da omissão pecaminosa de um dever (nem deste, nem da oração ou da ação de graças). Apenas a prudência exige que tal pessoa se abstenha daquilo que, devido ao seu próprio desequilíbrio, seria um meio para o seu desespero e ruína; assim como um remédio ou alimento, por melhor que seja, não deve ser tomado se for matar quem o toma. As ordenanças de Deus não são designadas para nossa destruição, mas para nossa edificação; e assim devem ser usadas conforme tendam a esse fim. Contudo, aos cristãos que estão neste caso e não ousam comungar, devo fazer esta pergunta: "Como vocês ousam recusar isso por tanto tempo?". Aquele que consente com a aliança pode vir ousadamente e sinalizar seu consentimento, e receber a aliança selada de Deus; pois o consentimento é a sua preparação, ou a condição necessária do seu direito. Se você não consente, você recusa toda a misericórdia da aliança. E você ousa viver em tal estado? Suponha que um perdão seja oferecido a um ladrão condenado, mas de tal modo que, se ele depois o jogar na lama ou se tornar traidor, morrerá de uma morte mais cruel; ele escolheria antes morrer do que aceitá-lo, dizendo: "Tenho medo de abusar dele"? Recusar a aliança de Deus é morte certa; mas consentir é a sua preparação e a sua vida.

Pergunta 7: Mas e se os superiores obrigarem tal cristão a comungar, sob pena de excomunhão e prisão; o que ele deve escolher?

Resposta: Se ele pudesse fazê-lo sem dano à sua própria alma, deveria obedecê-los (supondo que o que lhe ordenam seja algo

bom em si mesmo). Mas eles têm seu poder para edificação, e não para destruição, e ele deve valorizar sua alma acima de seu corpo; portanto, está fora de questão que é um dano menor ser excomungado, e jazer e morrer na prisão, do que lançar sua alma no desespero, fazendo aquilo que ele pensa ser um pecado gravíssimo e que seria sua condenação. Mas todos os meios devem ser usados para curar o erro de seu próprio entendimento.

Pergunta 8: O caso de um hipócrita que não se reconhece como tal e o de um cristão sincero que não se reconhece como sincero não são o mesmo quanto à comunhão, quando ambos estão igualmente em dúvida?

Resposta: Não: pois "ser" e "ver" são coisas que devem ser distinguidas. O primeiro tem a graça no "ser", embora não a "veja"; e, portanto, tem direito às bênçãos da aliança; e, por isso, permanece ao mesmo tempo obrigado tanto a discernir seu título quanto a vir e tomá-lo. Portanto, se ele vem com dúvida, seu pecado não está em receber, mas na maneira de receber, no fato de fazê-lo com dúvida; e, conseqüentemente, será um pecado maior não receber de modo algum, exceto no último caso mencionado, onde as conseqüências tendem a ser piores para ele. Mas o outro não tem verdadeiro arrependimento, fê ou amor no "ser"; e, portanto, não tem direito às bênçãos da aliança; e, no presente, é obrigado a discernir que não tem a graça e a arrepender-se disso. O seu pecado não é duvidar de seu título, mas exigir e tomar aquilo para o qual não tem título; e, portanto, é um pecado maior nele tomar do que adiar visando sua recuperação e preparação. Sim, mesmo em termos de consolo, há uma disparidade: pois embora o cristão verdadeiro tenha terrores muito maiores que os hipócritas quando se considera um recebedor indigno (por ser mais sensível e zeloso quanto ao peso do assunto),

geralmente, no meio de todos os seus medos, há alguns testemunhos secretos em seu coração sobre o amor de Deus, que são um cordial de esperança que o impede de afundar no desespero, e possuem mais vida e poder neles do que todas as falsas convicções do hipócrita sobre sua própria sinceridade.

Pergunta 9: Onde reside o pecado de um hipócrita e de uma pessoa ímpia, se eles receberem o sacramento?

Resposta: O pecado reside em: 1. Mentira e hipocrisia; no fato de ele professar arrepender-se sinceramente de seu pecado, estar resolvido a uma vida santa, crer em Cristo, aceitá-Lo nos termos da aliança, entregar-se a Deus como seu Pai, Salvador e Santificador, e renunciar à carne, ao mundo e ao diabo; quando, na verdade, ele nunca fez nada disso, mas secretamente o abomina em seu coração e não se deixa convencer a fazê-lo. Assim, toda essa profissão, o seu próprio ato de pactuar e o seu recebimento — por ser um sinal de pacto professado — nada mais são do que uma completa mentira. E o que significa mentir ao Espírito Santo, o caso de Ananias e Safira nos diz. 2. É usurpação vir e reivindicar benefícios para os quais ele não tem título. 3. É uma profanação desses mistérios sagrados serem usados dessa forma; e é um tomar o nome de Deus em vão, que é um Deus zeloso e será santificado por todos os que se aproximam Dele (Lv 10:3). 4. E é um dano à igreja de Deus, à comunhão dos santos e à honra da religião cristã que tais hipócritas ímpios se intrometam como membros; assim como é para o exército do rei quando espiões inimigos se infiltram entre eles, ou para o seu banquete de casamento ter um convidado em trapos (Mt 22:11, 12).

Objeção: Mas não é mentira, porque eles pensam que dizem a verdade em sua profissão.

Resposta: Isso se deve à sua negligência pecaminosa e ao autoengano: e mentiroso é quem fala uma falsidade que ele pode e deve saber que é uma falsidade, embora não o saiba. Existe o mentiroso por precipitação e negligência, bem como o de propósito deliberado.

Pergunta 10: Todo recebimento indigno torna o homem sujeito à condenação? Ou que tipo de "dignidade" é essa que é tão ameaçada?

Resposta: Existem três tipos de indignidade (ou inaptidão), e três tipos de julgamento correspondentes a serem temidos. 1. Existe a indignidade total de um infiel, ou de um hipócrita ímpio e impenitente. E a condenação ao fogo do inferno é a punição que tais devem esperar, se a conversão não a impedir. 2. Existe uma indignidade devida a algum crime grande e escandaloso no qual uma pessoa regenerada cai; e isso deve impedi-la do sacramento por um tempo, até que se arrependa e abandone seu pecado. E se ela vier antes de se levantar de sua queda por um arrependimento particular (como os coríntios que pecaram no próprio uso do sacramento), pode esperar algum julgamento temporal notável no presente; e, se o arrependimento não o impedisse, poderia temer a punição eterna. 3. Existe aquela medida de indignidade que consiste nas enfermidades comuns de um santo; e isso não deve de modo algum detê-lo do sacramento, porque é acompanhado de uma dignidade maior; sim, embora sua fraqueza apareça no momento e na maneira de seu recebimento; contudo, correções comuns podem seguir-se a essas enfermidades comuns. (O abuso crasso do próprio sacramento eu incluo na segunda categoria).

Pergunta 11: Qual é a preparação particular necessária para um comungante apto?

Resposta: Isso me leva à próxima direção.

Direção 5. Que sua preparação para este sacramento consista nos seguintes detalhes. 1. No seu dever com sua própria consciência e coração. 2. No seu dever para com Deus. 3. E no seu dever para com o seu próximo.

Marcas de sinceridade

I. O seu dever com o seu coração consiste nestes detalhes: 1. Que você faça o seu melhor no exame minucioso de seu coração sobre o seu estado e a sinceridade de sua fé, arrependimento e obediência; para saber se seu coração é verdadeiro para com Deus na aliança que você deve renovar e selar. Isso pode ser feito por meio destas perguntas e discernido por estes sinais:

(1) Se você verdadeiramente se detesta por todos os pecados de seu coração e vida, e se sente uma ofensa e um fardo maior para si mesmo, por causa de suas imperfeições e corrupções, do que todo o resto do mundo (Ez 6:9; 20:43; 36:31; Rm 7:24).

(2) Se você não possui pecado que não deseje verdadeiramente conhecer; e nenhum pecado conhecido do qual não deseje verdadeiramente se livrar; e se deseja isso tanto que preferiria estar perfeitamente livre do pecado do que de qualquer aflição no mundo (Rm 7:18, 22, 24; 8:18).

(3) Se você ama a luz que esquadrinha e reforma, até mesmo as partes mais perscrutadoras da palavra de Deus, e os livros e sermões mais confrontadores, para que por eles você seja

levado a conhecer a si mesmo, visando à sua paz estabelecida e reforma (Jo 3:19-21).

(4) Se você ama verdadeiramente aquele grau de santidade nos outros que você ainda não alcançou, e ama a Cristo em Seus filhos com um amor tão sincero que o leve a socorrê-los conforme suas habilidades e a sofrer por amor a eles, quando for o seu dever (1 Jo 3:14, 16; 1 Pe 1:22; 3:8; Tg 2:12-15; Mt 25:40, etc.).

(5) Se você pode dizer verdadeiramente que não há grau de santidade tão alto que você não o deseje, e que preferiria ser perfeito no amor de Deus e na obediência à Sua vontade do que ter todas as riquezas e prazeres deste mundo (Rm 7:18, 21, 24; Sl 119:5; Mt 5:6). E se preferiria ser um dos santos mais puros do que um dos príncipes mais renomados e prósperos da terra (Sl 15:4; 16:2; 84:10; 65:4).

(6) Se você depositou de tal modo seu tesouro e suas esperanças no céu que está resolvido a tomar apenas isso por sua porção; e que as esperanças do céu e o interesse de sua alma têm a preeminência em seu coração contra tudo o que estiver em competição com isso (Cl 3 :1, 3, 4; Mt 6:20, 21).

(7) Se o maior cuidado de seu coração e o esforço de sua vida são servir e agradar a Deus, e desfrutá-Lo para sempre, mais do que qualquer coisa mundana (Mt 6:23; Jo 5:26; 2 Co 5:1, 6-9).

(8) Se é seu desejo e esforço diário mortificar a carne e dominar sua oposição rebelde ao Espírito; e se você prevalece a ponto de não viver, caminhar e ser guiado pela carne, mas que o curso e o rumo de sua vida sejam espirituais (Rm 8:1, 6-10, 13; Gl 5:17, 21, 22).

(9) Se o mundo e toda a sua honra, riqueza e prazer lhe parecem algo tão pequeno e desprezível que você os estima como esterco e nada em comparação com Cristo, o amor de Deus e a glória? E se está resolvido que prefere abrir mão de tudo do que de sua parte em Cristo? E o que costuma prevalecer no momento da provação, em sua escolha deliberada? (Fp 3:7-9, 13, 14, 18-20; 1 Jo 2:15; Lc 14:26, 30, 33; Mt 13:19, 21).

(10) Se você está resolvido a seguir um curso de santidade e obediência, e a usar os meios que Deus lhe der a conhecer como o caminho para agradá-Lo e para subjugar sua corrupção; e contudo, sentindo as fragilidades de seu coração e o fardo de seus pecados, confia em Cristo como sua justiça diante de Deus e no Espírito Santo, cuja graça apenas pode iluminar, santificar e confirmá-lo (At 11:23; Sl 119:57, 63, 69, 106; 1 Co 1:30; Rm 8:9; Jo 15:5; 2 Co 12:9). Por esses sinais, você pode testar seu estado com segurança.

1. Quando isso for feito, você deve também testar a força e a medida de sua graça; para que perceba sua fraqueza e saiba qual ajuda deve buscar em Cristo. E para descobrir quais corrupções internas e inclinações pecaminosas ainda são mais fortes em você, para que saiba o que lamentar, e pelo que pedir perdão e ajuda contra. Meu livro chamado *Directions for weak Christians* [Direções para Cristãos Fracos] lhe dará conselhos mais completos sobre isso.
2. Você deve também fazer um exame rigoroso de sua vida e revisar seus tratos com Deus e com os homens, em segredo e em público, especialmente nos últimos tempos, desde a última renovação de sua aliança com Deus; e ouvir o que Deus e a consciência têm a dizer

sobre seus pecados e todas as suas gravidades (Sl 139:23; 1 Co 11:28).

3. E você deve trabalhar para que seu coração seja afetado por sua condição, conforme você a descobre; para ser humilhado pelo que é pecaminoso, desejar ajuda contra sua fraqueza e ser grato pela graça que discerne.
4. Por fim, você deve considerar todo o trabalho que deve realizar, e todas as misericórdias que vai receber, e quais graças são necessárias para tudo isso, e como devem ser usadas; e, conseqüentemente, buscar todas essas graças e prepará-las para o exercício ao qual serão convocadas. Nomearei os detalhes em breve.

II. O seu dever para com Deus em sua preparação para este sacramento é: 1. Prostrar-se diante Dele em confissão humilde e penitente, e lamentação de todos os pecados que você descobrir; e implorar Seu perdão em segredo, antes de vir tê-lo publicamente selado e entregue. 2. Olhar para Ele com aquela gratidão, amor e alegria que convêm a quem vai receber Dele tão grande misericórdia; e pedir humildemente aquela graça que possa prepará-lo e vivificá-lo para e na obra.

III. O seu dever para com os outros nesta sua preparação é: 1. Perdoar aqueles que lhe fizeram mal, confessar sua falta àqueles a quem você prejudicou, pedir-lhes perdão e fazer-lhes reparação e restituição tanto quanto estiver em seu poder; reconciliar-se com aqueles com quem você brigou; e cuidar para amar seus vizinhos como a si mesmo (Mt 5:23-26, 44; Tg 5:16). 2. Buscar o conselho de seus pastores, ou de pessoas aptas, em casos que sejam difíceis demais para você mesmo resolver e onde precise de ajuda especial. 3. Admoestar amorosamente aqueles que você sabe que pretendem comungar indignamente e vir em sua impiedade e pecado crasso não arrependido: que você não mostre tal ódio pelo seu irmão a

ponto de permitir o pecado sobre ele (Lv 19:17); mas diga-lhe suas faltas, como Cristo orientou (Mt 18:15-17). E faça sua parte para promover a disciplina de Cristo e manter pura a igreja. Veja 1 Co 5 integralmente.

Direção 6. Quando você vier à santa comunhão, não permita que a consideração excessivamente escrupulosa da pessoa do ministro, ou da companhia, ou das imperfeições da ministração perturbe suas meditações, nem afaste sua mente da elevada e séria ocupação do dia. Hipócritas que colocam sua religião em exercícios corporais ensinaram muitos cristãos fracos a adotar escrúpulos desnecessários e a voltarem seus olhos e observação excessivamente para as coisas fora deles.

Pergunta: Mas não deveríamos ter nenhuma consideração pela devida celebração destes mistérios sagrados, e pelo ministro, pelos comungantes e pelo modo de administração?

Resposta: Sim, você deve ter tanta consideração por eles: 1. A ponto de ver que nada esteja errado por sua falha, o que estiver em seu poder emendar. 2. E que você não se una no cometimento de qualquer pecado conhecido. Mas: 1. Não tome cada pecado de outro como pecado seu, e não pense que você é culpado daquilo que há nos outros e que você não pode emendar; ou que você deve abandonar a igreja e a adoração a Deus por causa dessas corrupções das quais você não é culpado, ou negar suas próprias misericórdias porque outros as usurpam ou abusam delas. 2. Se você suspeitar que algo que lhe é imposto seja pecaminoso para você, teste-o antes de vir até aqui; e não deixe sua mente aberta à perturbação quando ela deveria estar totalmente ocupada com Cristo.

Pergunta 1: Podemos legitimamente receber este sacramento de um ministro ímpio e indigno?

Resposta: A quem quer que você possa legalmente confiar a orientação de sua alma, como seu pastor, você pode legalmente receber o sacramento; sim, e em alguns casos de outros também. Pois, caso você vá a uma igreja da qual não é membro, pode legalmente unir-se em comunhão com aquela igreja, naquele momento, como um estrangeiro, embora eles tenham um pastor tão faltoso que você não poderia legitimamente confiar-lhe a conduta comum de sua alma. Pois é falha deles, e não sua, que não escolheram um melhor; e (em alguns casos) tal falha não justificará você a evitar a comunhão com eles. Mas você não deve receber, se o souber, de um herético que ensine qualquer erro contra a essência do cristianismo. 2. Nem de um homem tão totalmente ignorante da fé ou dever cristão, ou tão totalmente incapaz de ensiná-lo a outros, a ponto de ser notoriamente incapaz para o ministério. 3. Nem de um homem declaradamente ímpio, ou que se dedica a pregar contra a própria piedade. Estes você nunca deve reconhecer como ministros de Cristo, pois são totalmente incapazes disso. Mas cuide para não tomar por tais aqueles que não o são. E há mais três tipos dos quais você não deve receber quando tiver escolha, nem tomá-los por seus pastores; mas, em caso de necessidade imposta por outros, é lícito e seu dever fazê-lo. São eles: 1. Usurpadores que se fazem seus pastores sem um chamado legítimo, e talvez expulsem à força os pastores legítimos da igreja. 2. Pregadores fracos, ignorantes, frios e sem vida, que são toleráveis em caso de necessidade, mas não se comparam a homens mais dignos. 3. Ministros de vidas escandalosas e viciosas. É pecado em você preferir qualquer um destes a um melhor e escolhê-los quando você tem escolha; mas é pecado, por outro lado, se você não se submeter antes a um destes do que ficar totalmente sem nenhum. Você não assume as faltas deles em tal caso ao se submeter ao ministério deles.

Pergunta 2: Podemos comungar com pessoas indignas, ou em uma igreja sem disciplina?

Resposta: Você deve distinguir aqui para não errar; e isso: 1. Entre pessoas tão indignas que não são cristãs e aquelas que são cristãs culpáveis e escandalosas. 2. Entre alguns membros e toda a sociedade, ou a parte que lhe dá o nome. 3. Entre o pecado professado e assumido e o pecado rejeitado por uma aparência de penitência. 4. E entre um caso de liberdade, quando tenho a escolha de uma sociedade melhor; e um caso de necessidade, quando devo comungar com a sociedade pior ou com nenhuma. E assim respondo:

1. Você não deve comungar de modo algum neste sacramento com uma sociedade que não professa o cristianismo, se todo o corpo, ou a parte que lhe dá o nome, for tal: isto é: (1) Com aqueles que nunca fizeram profissão de cristianismo. (2) Ou que apostataram dele. (3) Ou que assumem abertamente qualquer heresia inconsistente com a fé ou dever essencial de um cristão. (4) Ou que são notoriamente ignorantes sobre o que é o cristianismo.
2. É dever dos pastores e governadores da igreja afastar transgressores notórios e escandalosos até que mostrem arrependimento; e dever do povo auxiliá-los por meio de repreensão privada e informando à igreja quando houver causa. Portanto, se for por negligência de seu dever que a igreja está corrompida e sem disciplina, o pecado é seu, quer você receba com eles ou não.
3. Se você preferir escolher uma igreja corrompida e sem disciplina para comungar, quando tem a escolha de uma melhor, *caeteris paribus* [em igualdade de condições], a falta é sua.

Mas, pelo contrário, não é seu pecado, mas seu dever, comungar com aquela igreja que tem um verdadeiro pastor e onde a parte que dá nome aos membros é capaz de comunhão na igreja, embora possam alguns infiéis, pagãos ou pessoas incapazes intrometer-se violentamente, ou pessoas escandalosas serem admitidas por negligência da disciplina; caso você não tenha a escolha de manter comunhão pessoal com uma igreja melhor, e caso também você não seja culpado da corrupção, mas, por meio de protesto oportuno e modesto, deixe claro seu desacordo com tal intrusão e corrupção. Pois aqui os motivos e fins de uma separação legítima são removidos; porque ela não tende à honra de Deus, nem à reforma deles, nem ao seu benefício; pois todos estes são mais contrariados ao não se manter comunhão com igreja nenhuma do que com uma igreja corrompida. E esta deve ser preferida a nenhuma, tanto quanto uma melhor deve ser preferida a esta.

Pergunta 3: Mas e se eu não puder comungar a menos que me conforme a um gesto imposto, como ajoelhar-se ou sentar-se?

Resposta: 1. Quanto a sentar-se ou ficar de pé, sem dúvida é lícito em si mesmo; do contrário, a autoridade não deveria ser obedecida se o ordenasse; e a igreja teria pecado ao abster-se de ajoelhar no ato de receber por tantos centenas de anos depois de Cristo; como é evidente que fizeram, pelos cânones dos concílios gerais (Nicéia I e Trulano) que universalmente proibiram adorar ajoelhado em qualquer dia do Senhor no ano, e em qualquer dia da semana entre a Páscoa e o Pentecostes; e pelos pais da igreja, Tertuliano, Epifânio, etc., que consideram isso uma tradição apostólica ou universal. 2. E quanto ao ajoelhar-se, nunca ouvi nada que provasse ser ilícito; se houver algo, deve ser ou alguma palavra de Deus, ou a natureza da ordenança, a qual se supõe ser contrariada. Mas: 1. Não há palavra de Deus para nenhum gesto, nem contra nenhum gesto:

o exemplo de Cristo nunca poderá ser provado como tendo a intenção de nos obrigar nisso mais do que em muitas outras circunstâncias que se confessa não serem obrigatórias; como o fato de Ele ter entregado apenas a ministros, e apenas a uma família, a doze pessoas, e após a ceia, e numa noite de quinta-feira, e num cenáculo, etc.: e o gesto Dele não era o sentar-se como o nosso. 2. E quanto à natureza da ordenança, ela é mista: e se é lícito receber um perdão do rei de joelhos, não sei o que pode tornar ilícito receber um perdão selado de Cristo (por Seu embaixador) de joelhos.

Pergunta 4: Mas e se eu não puder recebê-lo senão de acordo com a administração do Livro de Oração Comum, ou alguma outra forma de oração imposta? É lícito aceitá-lo assim?

Resposta: Se for ilícito recebê-lo quando administrado com o Livro de Oração Comum, é ou: 1. Por ser uma forma de oração. 2. Ou porque essa forma possui algum conteúdo proibido. 3. Ou porque essa forma é imposta. 4. Ou porque é imposta para algum fim e consequência malignos. 1. Que não é ilícito por ser uma forma já foi provado antes e, na verdade, não precisa de prova para quem é criterioso. 2. Nem por qualquer mal nesta forma específica; pois nesta parte o Oração Comum é geralmente aprovado. 3. Nem porque é imposto: pois um comando não torna ilícito para nós o que era lícito antes; mas torna lícitas e deveres muitas coisas que, de outro modo, seriam ilícitas acidentalmente. 4. E com as intenções dos comandantes temos pouco a ver; e quanto às consequências, elas devem ser pesadas de ambos os lados; e as consequências de nossa recusa não serão consideradas leves.

No geral, devo dizer aqui a todo o povo de Deus, na amarga tristeza de minha alma, que finalmente é tempo de discernirem aquela tentação que tem feito, em quase todas as eras da igreja,

este sacramento de nossa união ser a grande ocasião ou instrumento de nossas divisões; e que a verdadeira humildade, o conhecimento de nós mesmos e o amor sincero a Cristo e uns aos outros mostrariam a alguns homens que foi apenas o seu orgulho, preconceito e ignorância que os fizeram pensar tão terrivelmente da maneira de adorar de outros homens; e que, em todos os lados entre cristãos verdadeiros, a maneira de sua adoração não é tão odiosa quanto o preconceito, a facção e a parcialidade a representam; e que Deus aceita o que eles rejeitam. E eles deveriam ver como o diabo arruinou o povo comum por este meio; ensinando cada um a esperar a salvação por pertencer àquele partido que ele considera a igreja certa, e por adorar daquela maneira que ele e seu partido consideram a melhor: e o preconceito é algo tão maravilhoso que cada partido, por causa dele, é levado a considerar ridículo e vil aquilo que o outro partido considera o melhor.

Pergunta 5: Mas e se minha consciência não estiver satisfeita, e eu ainda estiver em dúvida, não devo me abster? Visto que "o que tem dúvidas, se come, está condenado, porque não come por fé; e tudo o que não é de fé é pecado" (Rm 14:23).

Resposta: O apóstolo ali não fala de comer no sacramento, mas de comer carnes das quais ele duvida se são lícitas, mas tem certeza de que é lícito abster-se delas. E em caso de dúvida sobre coisas indiferentes, o lado mais seguro é abster-se, porque pode haver pecado no fazer, mas não pode haver nenhum, do outro lado, no abster-se. Mas em caso de deveres, sua dúvida não o desobrigará; do contrário, os homens poderiam abandonar a oração, o ouvir a palavra de Deus, o crer e o obedecer aos seus governantes, e o sustentar suas famílias, bastando que fossem cegos o suficiente para duvidar disso. 2. Sua consciência errônea não é uma legisladora e não pode transformar em dever a obediência a ela: pois Deus é o seu Rei,

e o ofício da consciência é discernir a lei Dele e instá-lo à obediência, e não criar leis próprias para você; de modo que, se ela fala falsamente, ela não o obriga, mas o engana; ela apenas serve para *ligare* [enredar ou prender] você, mas não para *obligare* [tornar obrigatório] ou transformar um pecado em dever: ela o lança em uma necessidade de pecar mais ou menos até que você abandone o erro; mas no caso de deveres como estes, é pecado fazê-los com uma consciência que duvida, mas (ordinariamente) é um pecado maior abster-se.

Objeção: Mas alguns teólogos escrevem que, sendo a consciência oficial de Deus, quando ela erra, o próprio Deus me obriga por meio dela a seguir aquele erro, e o mal que ela exige torna-se o meu dever.

Resposta: Um erro perigoso, que tende à subversão de almas e reinos, e altamente desonroso para Deus. Deus estabeleceu como seu dever conhecer a vontade Dele e fazê-la; e se você O confunde ignorantemente, você lançará a culpa sobre Ele e O arrastará para a participação em seu pecado, quando Ele lhe proíbe tanto o erro quanto o pecado? E Ele proibiria e ordenaria a mesma coisa ao mesmo tempo? Naquele exato momento, Deus está tão longe de obrigá-lo a seguir seu erro que Ele ainda o obriga a abandoná-lo e fazer o contrário. Se você disser "não posso", respondo que sua impotência é uma impotência pecaminosa; e você pode usar os meios nos quais a graça Dele pode ajudá-lo: e Ele não mudará Sua lei, nem transformará vocês em reis e governantes de si mesmos em lugar Dele, só porque vocês são ignorantes ou impotentes.

Direção 7. No momento da administração, acompanhe o ministro durante toda a obra e mantenha seu coração próximo de Jesus Cristo, no exercício de todas aquelas graças que são adequadas às diversas partes da administração. Não pense que

todo o trabalho deve ser do ministro: deve ser um dia ocupado para você, e seu coração deve estar envolvido com tanta diligência quanto suas mãos estão em seu trabalho comum; mas não em uma diligência penosa e cansativa, mas em ocupação tão deleitosa quanto convém aos convidados do Deus do céu, em banquete tão doce e no recebimento de dons tão inestimáveis.

Aqui devo mostrar-lhe distintamente: I. Quais são as graças que você deve ali exercitar. II. O que há objetivamente apresentado diante de você no sacramento para exercitar todas essas graças. III. Em quais momentos da administração cada um desses trabalhos internos deve ser realizado.

I. As graças a serem exercitadas são estas (além daquele temor santo e reverência comuns a toda adoração): 1. Um senso humilde da odiosidade do pecado e de nossa condição arruinada em nós mesmos, e um descontentamento contra nós mesmos, uma auto-aversão e um arrependimento que derrete pelos pecados que cometemos; tanto contra o nosso Criador quanto contra o amor e a misericórdia de um Redentor, e contra o Espírito Santo da graça. 2. Um desejo de fome e sede pelo Senhor Jesus e Sua graça, e pelo favor de Deus e comunhão com Ele, que ali são representados e oferecidos à alma. 3. Uma fé viva em nosso Redentor, Sua morte, ressurreição e intercessão; e um confiar nossas almas miseráveis a Ele, como nosso Salvador e socorro suficiente; e uma aceitação sincera Dele e de Seus benefícios nos termos oferecidos por Ele. 4. Um júbilo e alegria no senso daquela misericórdia indescritível que aqui nos é oferecida. 5. Um coração agradecido para com Aquele de quem a recebemos. 6. Um amor fervoroso por Aquele que, por tal amor, busca o nosso amor. 7. Uma esperança triunfante da vida eterna, que nos foi comprada e selada. 8. Uma disposição e resolução de renunciar a nós

mesmos e a todo este mundo, e sofrer por Aquele que sofreu por nossa redenção. 9. Um amor aos nossos irmãos, aos nossos vizinhos e aos nossos inimigos, com prontidão para socorrê-los e perdoá-los quando nos fazem mal. 10. E uma resolução firme de obediência futura ao nosso Criador, Redentor e Santificador, de acordo com a nossa aliança.

II. Ao nomear essas graças, nomeei seus objetos, os quais você deve observar tão distintamente quanto puder, para que sejam operativos. 1. Para ajudar sua humilhação e arrependimento, você traz ali uma alma carregada e miserável para receber perdão e alívio; e vê diante de si o sacrificado Filho de Deus, que fez de Sua alma uma oferta pelo pecado e tornou-Se maldição por nós para nos salvar, a nós que éramos amaldiçoados. 2. Para despertar seus desejos, você tem os dons mais excelentes e as misericórdias mais necessárias apresentadas a você que este mundo é capaz de conceber; até mesmo o perdão do pecado, o amor de Deus, o Espírito da graça e as esperanças da glória, e o próprio Cristo, com quem tudo isso é dado. 3. Para exercitar sua fé, você tem Cristo aqui primeiro representado como crucificado diante de seus olhos; e então, com Seus benefícios, livremente dado a você e oferecido à sua aceitação, com uma ordem para que não O recuse. 4. Para exercitar seu deleite e alegria, você tem este Salvador e esta salvação oferecidos; e tudo o que sua alma pode desejar posto diante de você. 5. Para exercitar sua gratidão, o que poderia fazer mais do que um dom tão grande, tão caro comprado, tão certamente selado e tão livremente oferecido? 6. Para exercitar seu amor a Deus em Cristo, você tem a manifestação mais plena de Seu amor atrativo, oferecida até aos seus olhos, ao paladar e ao coração, que uma alma na terra pode razoavelmente esperar; em tal condescendência maravilhosa que a grandeza e a estranheza dela ultrapassam a crença de um homem natural. 7. Para exercitar suas esperanças de vida

eterna, você tem o preço dela aqui posto diante de você; você tem o dom dela aqui selado para você; e você tem aquele Salvador representado em Seu sofrimento, que agora está lá reinando, para que você Se lembre Dele como quem aguarda Sua vinda gloriosa para julgar o mundo e glorificá-lo com Ele mesmo. 8. Para exercitar sua auto-renúncia e resolução para o sofrimento, e o desprezo pelo mundo e pelos prazeres carnaís, você tem diante de si tanto o maior exemplo quanto a maior obrigação que jamais puderam ser oferecidos ao mundo; quando você vê e recebe um Cristo crucificado, que tão estranhamente negou a Si mesmo por você, e deu tão pouco valor ao mundo e à carne. 9. Para exercitar seu amor aos irmãos, sim, e aos inimigos, você tem o exemplo Dele diante dos olhos, que amou você até a morte quando você era inimigo; e você tem os Seus santos servos diante dos olhos, que são amáveis Nele por meio das operações de Seu Espírito, e nos quais Ele quer que você mostre seu amor por Ele mesmo. 10. E para excitar sua resolução de obediência futura, você vê o duplo título Dele ao governo sobre você, como Criador e como Redentor; e você sente as obrigações da misericórdia e da gratidão; e você deve renovar uma aliança com Ele para esse fim; inclusive abertamente, onde toda a igreja serve de testemunha. Portanto, veja que há objetos poderosos diante de você para despertar todas essas graças, e que elas são apenas aquelas que a obra exige que você exercite naquele momento.

III. Mas para que você esteja mais pronto quando chegar o momento da prática, eu o guiarei, por assim dizer, pela mão através de todas as partes da administração, e lhe direi quando e como exercitar cada graça; e aquelas que devem ser unidas, eu as tratarei em conjunto, para que uma distinção desnecessária não o perturbe.

1. Quando você for chamado e estiver indo para a mesa do Senhor, exercite sua humildade, desejo e gratidão, e diga em seu coração: "O quê! Senhor, chamas Tu um miserável como eu? A mim, que tantas vezes desprezei Tua misericórdia, e deliberadamente Te ofendi, e preferi a imundícia deste mundo e os prazeres da carne a Ti? Infelizmente, é a Tua ira no inferno o que eu mereço; mas se o amor escolhe um convidado tão indigno, e a misericórdia será honrada sobre tal pecado e miséria, eu venho, Senhor, ao Teu chamado. Venho com alegria; que a Tua vontade seja feita; e que aquela misericórdia que me convida me torne aceitável e me acolha graciosamente; e que eu não venha sem a veste nupcial, nem me lance irreverentemente sobre as coisas sagradas, nem transforme Tuas misericórdias em minha perdição".
2. Quando o ministro estiver confessando o pecado, prostre suas próprias almas no senso de sua indignidade, e tenha diante de seus olhos seus pecados particulares, com suas hediondas gravidades. Os são não precisam de médico, mas sim os doentes. Mas aqui não preciso colocar palavras em suas bocas ou mentes, porque o ministro vai adiante de vocês, e seus corações devem concordar com as confissões dele, e incluir também os pecados secretos que ele omitir.
3. Quando você olhar para o pão e o vinho providenciados e oferecidos para este uso santo, lembre-se de que é o Criador de todas as coisas, de quem você vive, cujas leis você ofendeu; e diga em seu coração: "Ó Senhor, quão grande é a minha ofensa! Eu, que quebrei as leis Daquele que me criou e de quem toda a criação depende! Recebi de Ti o meu ser e o meu pão de cada dia; e deveria eu ter Te retribuído com desobediência?

Pai, pequei contra o céu e perante Ti, e já não sou digno de ser chamado Teu filho".

4. Quando as palavras da instituição forem lidas, e o pão e o vinho forem solenemente consagrados, ao serem separados para aquele uso sagrado, e a aceitação e a bênção de Deus forem suplicadas, admire a misericórdia que nos preparou um Redentor e diga: "Ó Deus, quão maravilhosa é a Tua sabedoria e o Teu amor! Quão estranhamente glorificas a Tua misericórdia sobre aqueles pecados que Te deram a oportunidade de glorificar a Tua justiça! Até Tu, nosso Deus, a quem ofendemos, de Teu próprio tesouro satisfizeste a Tua própria justiça, e nos deste um Salvador por tal milagre de sabedoria, amor e condescendência que nem homens nem anjos jamais serão capazes de compreender plenamente; de tal maneira amaste o mundo pecador que deste o Teu Filho, para que todo aquele que Nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Ó Tu que nos preparaste um remédio tão completo e um dom tão precioso, santifica estas criaturas para serem o corpo e o sangue representativos de Cristo, e prepara o meu coração para tão grande dom e para uma obra tão elevada, santa e honrosa".
5. Ao contemplar o pão e o vinho consagrados, discirna o corpo do Senhor e reverencie-o como o corpo e o sangue representativos de Jesus Cristo; e tome cuidado para não profaná-lo, olhando para ele como pão e vinho comuns: embora não ocorra transubstanciação, mas continue sendo pão e vinho reais em seu ser natural, ele é o corpo e o sangue de Cristo em representação e efeito. Olhe para ele como o pão da vida consagrado, que, com o Espírito vivificante, deve nutri-lo para a vida eterna.

6. Quando você vir o partir do pão e o derramar do vinho, deixe que o arrependimento, o amor, o desejo e a gratidão trabalhem assim dentro de você: "Ó amor maravilhoso! Ó pecado odioso! Quão misericordioso, Senhor, tens sido para com os pecadores! E quão cruéis fomos nós para conosco e para contigo! Poderia o amor baixar-se mais? Poderia Deus ser misericordioso a um preço tão alto? Poderia o meu pecado ter cometido um ato mais horrendo do que matar o Filho de Deus? Quão pequena coisa me tentou para aquilo que custou tão caro antes de ser perdoado! Quão caro pagou o meu Salvador por aquilo que eu poderia ter evitado a um custo tão baixo! Por quão baixo preço valorizei o Seu sangue, quando pequei e pequei novamente por nada! Isto é obra minha! Meus pecados foram os espinhos, os cravos, a lança! Pode o assassino de Cristo ser um pequeno infrator? Ó justiça temível! Era eu e outros pecadores semelhantes que merecíamos sofrer a punição, nós que éramos culpados do pecado, e ser combustível para as chamas inextinguíveis para sempre. Ó sacrifício precioso! Ó pecado odioso! Ó Salvador gracioso! Como pode o coração apático e estreito do homem ser devidamente afetado por coisas tão transcendentais? Ou o céu fazer sua devida impressão sobre uma polegada de carne? Terei eu novamente um entendimento cego sobre tal amor? Terei algum pensamento favorável ao pecado? Terei algum pensamento sem temor sobre a justiça? Ó quebra ou derrete este coração endurecido, para que ele seja de algum modo conformado ao meu Senhor crucificado! As lágrimas de amor e de verdadeiro arrependimento são mais fáceis do que as chamas das quais sou redimido. Ó esconde-me nestas feridas, e lava-me neste sangue precioso! Este é o sacrifício no qual confio; esta

é a justiça pela qual devo ser justificado e salvo da maldição da Tua lei violada! Assim como aceitaste isso, ó Pai, pelo mundo, sobre a cruz, contempla-o ainda em favor dos pecadores; e ouve o Seu sangue que clama a Ti por misericórdia aos miseráveis, e perdoa-nos, e aceita-nos como Teus filhos reconciliados, somente por amor deste Cristo crucificado! Não podemos Te oferecer outro sacrifício pelo pecado; e de nenhum outro necessitamos".

7. Quando o ministro se dirigir a Deus em oração, pela eficácia deste sacramento, para que nele Ele nos dê Cristo e Seus benefícios, e nos perdoe, nos justifique e nos aceite como Seus filhos reconciliados, una-se de coração e com fervor a esses pedidos, como quem conhece a necessidade e o valor de tal misericórdia.
8. Quando o ministro lhe entregar o pão e o vinho consagrados, olhe para ele como o mensageiro de Cristo, e ouça-o como se o próprio Cristo, por meio dele, lhe dissesse: "Toma este meu corpo partido e o meu sangue, e alimenta-te dele para a vida eterna; e toma com ele a minha aliança selada, e nela o testemunho selado do meu amor, e o perdão selado de teus pecados, e um dom selado de vida eterna: que assim seja, se você consente sinceramente com a minha aliança e se entrega a mim como um dos meus redimidos". Assim como ao entregar a posse de uma casa ou terras, quem entrega dá uma chave, um ramo e um pedaço de terra, e diz: "Eu lhe entrego esta casa, e eu lhe entrego esta terra"; assim o ministro, pela autoridade de Cristo, entrega a você Cristo, o perdão e o direito à vida eterna. Aqui está uma imagem de um Cristo sacrificado por designação do próprio Deus, que você pode usar legalmente; e mais do que uma imagem: é um instrumento de investidura, pelo qual estas

misericórdias supremas são solenemente entregues a você em nome de Cristo. Que seus corações, portanto, digam com alegria e gratidão, com fê e amor: "Ó generosidade incomparável do Deus eterno! Que presente é este! E para que pecadores indignos! E irá Deus baixar-se tanto ao homem? E aproximar-Se tanto dele? E assim reconciliar Seus inimigos desprezíveis? Irá Ele perdoar gratuitamente tudo o que fiz, e acolher-me em Sua família e amor, e alimentar-me com a carne e o sangue de Cristo? Eu creio; Senhor, ajuda a minha incredulidade. Eu aceito humilde e agradecidamente Teus dons! Abre Tu o meu coração, para que eu possa aceitá-los com ainda mais alegria e gratidão. Visto que Deus glorificará Seu amor e misericórdia por dons tão incompreensíveis como estes, contempla, Senhor, um miserável que necessita de toda esta misericórdia! E sendo esta a oferta de Tua graça e aliança, minha alma de bom grado Te aceita como meu Deus e Pai, como meu Salvador e meu Santificador. E aqui me entrego a Ti, como um ser por Ti criado, remido e (espero) regenerado; como Tua propriedade, Teu súdito e Teu filho, para ser salvo e santificado por Ti, para ser amado por Ti e para Te amar para todo o sempre. Ó sela esta aliança e este perdão pelo Teu Espírito, o qual selas e me entregas no Teu sacramento; para que, sem reservas, eu seja inteiramente e para sempre Teu!"

9. Quando você vir os comungantes recebendo-o junto com você, que seus próprios corações se unam aos santos em amor, e diga: "Quão boas são as tuas tendas, ó Jacó! Quão amável é a família do Senhor! Quão bom e suave é a união dos irmãos! Quão caros para mim são os membros preciosos do meu Senhor! Embora ainda tenham todos os seus defeitos e fraquezas, os quais Ele perdoa, e assim devemos fazer nós também. Minha

bondade, ó Senhor, não Te alcança; mas se estende aos Teus santos, aos excelentes da terra, nos quais está o meu prazer. A porção dos meus bens que exigires, eu darei voluntariamente aos pobres, e se prejudiquei alguém, estou disposto a restituir. E visto que amaste a mim, sendo eu Teu inimigo, e me perdoaste uma dívida tão grande, perdoo de coração aqueles que me fizeram mal e amo os meus inimigos. Ó guarda-me em Tua família todos os meus dias, pois um dia em Teus átrios é melhor do que mil, e os porteiros em Tua casa são mais felizes que os mais prósperos entre os ímpios" (Nm 24:5; Sl 16:2-3; Sl 84:10).

10. Quando o ministro retornar graças e louvor a Deus, desperte suas almas para a maior alegria; e suponha que você visse as hostes celestiais de santos e anjos louvando o mesmo Deus na presença de Sua glória; e pense consigo mesmo que você pertence à mesma família e sociedade que eles, e está aprendendo o trabalho deles, e em breve chegará à perfeição deles: esforce-se, portanto, para imitá-los em amor e alegria; e que suas próprias almas sejam derramadas em louvores e ações de graças. E quando você tiver o próximo tempo livre para seus pensamentos privados (como quando o ministro estiver exortando você ao seu dever), exercite seu amor, gratidão, fé, esperança, auto-renúncia e resolução para a obediência futura, em alguns suspiros da alma como estes: "Ó meu Deus gracioso, ultrapassaste toda a compreensão humana em Teu amor! É este o Teu tratamento para com pródigos indignos? Temi que a Tua ira, como um fogo consumidor, tivesse devorado uma alma tão culpada; e que tivesses lançado sobre mim toda a minha loucura. Mas, enquanto eu me condenava, Tu me perdoaste e justificaste; e me surpreendeste com os abraços mais

doces do Teu amor! Vejo agora que os Teus pensamentos estão acima dos nossos pensamentos, e os Teus caminhos acima dos nossos caminhos, e o Teu amor excede o amor do homem, ainda mais do que os céus estão acima da terra. Por quão caro preço remiste um miserável que merecia a Tua vingança eterna! Com que banquete tão precioso e doce me acolheste, a mim que merecia ser lançado fora com os praticantes da iniquidade! Desprezarei eu algum dia mais tal amor? Não vencerá ele a minha rebeldia e derreterá o meu coração frio e endurecido? Serei eu salvo do inferno e não serei grato? Os anjos estão admirando estes milagres de amor; e não os admirarei eu? O amor deles por nós faz com que se alegrem enquanto observam o nosso banquete celestial; e não deveria ele ser mais doce para nós, que somos os convidados que dele se alimentam? Meu Deus, quão caro compraste o meu amor! Quão estranhamente o mereceste e o buscaste! Nada é tanto minha dor e vergonha quanto o fato de eu poder retribuir tal amor com nada mais que um amor pouco fervoroso e infrutífero. Oh, que acréscimo seria a toda esta preciosa misericórdia se Tu me desses um coração para responder a estes Teus convites, para que o Teu amor, assim derramado, pudesse atrair o meu, e minha alma pudesse se inflamar ao aproximar-se destas Tuas chamas! E que o amor, despertado pelo senso do amor, pudesse ser toda a minha vida! Oh, que eu pudesse amar-Te tanto quanto eu gostaria de amar-Te! Sim, tanto quanto Tu queres que eu Te ame! Mas esta é uma felicidade grande demais para a terra! Contudo, Tu me mostraste o lugar onde posso alcançá-la! Meu Senhor está lá em plena posse; Ele que me deixou estes penhores, até que venha e nos leve para Si, e nos banqueteie lá na alegria de nosso Mestre. Ó lugar

abençoado! Ó companhia feliz que vê a Sua glória e se enche com as correntes daqueles rios de consolo! Sim, felizes somos nós, a quem chamaste do nosso estado tenebroso e miserável, e nos fizeste herdeiros daquela felicidade, e passageiros para ela, e expectantes dela, sob a condução de um guia tão seguro! Ó, então Te amaremos sem estas pausas pecaminosas e defeitos, em outra medida e de outra maneira do que fazemos agora; quando revelares e comunicares Teu amor atrativo, em outra medida e maneira que não agora! Até lá, meu Deus, sou devotado a Ti; por direito e aliança, sou Teu! Minha alma aqui dá testemunho contra mim mesmo de que meus defeitos de amor não têm desculpa: Tu mereces tudo, ainda que eu tivesse o amor de todos os santos do céu e da terra para Te dar. O que este mundo tem a ver com meus afetos? E o que é esta carne sórdida e corruptível para que seus desejos e prazeres chamem para baixo a minha alma e a tentem a negligenciar o meu Deus? O que há em todos os sofrimentos que o homem possa me impor que eu não deva aceitar alegremente por amor Daquele que me redimiui do inferno por tais sofrimentos voluntários e inigualáveis? Senhor, visto que Te importas, e de tal modo Te importas com um verme tão vil, meu coração, minha língua, minha mão confessam que sou totalmente Teu. Ó, permite-me viver para ninguém mais senão para Ti, e para o Teu serviço, e para os Teus santos na terra! E ó, não me deixes mais retornar à iniquidade! Nem me arriscar naquele pecado que matou o meu Senhor! E agora que escolheste uma morada tão humilde, ó não Te tornes estranho ao coração que tão livremente escolheste! Ó faz dele a residência diária do Teu Espírito! Vivifica-o por Tua graça; adorna-o com Teus dons; emprega-o em Teu amor; deleita-o em

Sua assistência a Ti; restaura-o com Tuas alegrias e com a luz do Teu semblante; e destrói esta carnalidade, egoísmo e incredulidade: e que o mundo veja que Deus fará um palácio do coração mais humilde quando o escolhe para o lugar de Sua própria morada".

Direção 8. Quando chegar em casa, revise a misericórdia que recebeu, o dever que cumpriu e a aliança que fez. E: 1. Entregue-se a Deus em louvor e oração para o aperfeiçoamento da obra Dele. 2. Tome cuidado com os seus corações para que não esfriem, e para que as coisas do mundo ou distrações triviais não apaguem as impressões sagradas que Cristo deixou, e para que não esfriem rapidamente para o seu antigo estado apático e sonolento. 3. E veja que suas vidas sejam movidas pela graça que você recebeu aqui, para que até mesmo aqueles com quem você convive percebam que você esteve com Deus. Especialmente quando as tentações o atraírem novamente para o pecado; e quando as ofensas de amigos ou inimigos o provocarem; e quando você for chamado a testificar seu amor por Cristo através de qualquer obra custosa ou sofrimento; lembre-se então do que esteve tão recentemente diante de seus olhos e sobre seu coração, e o que você resolveu, e que aliança fez com Deus. No entanto, não julgue o fruto do seu recebimento tanto pelo sentimento, quanto pela fé; pois mais é prometido do que você já possui.

CAPÍTULO 25

ORIENTAÇÕES PARA CRISTÃOS TEMEROSOS E PERTURBADOS, QUE ESTÃO PERPLEXOS COM DÚVIDAS SOBRE SUA SINCERIDADE E JUSTIFICAÇÃO

Tendo orientado as famílias nos deveres de suas relações e na adoração correta a Deus, falarei algo sobre os deveres especiais de alguns cristãos que, em relação ao estado de sua alma e corpo, têm necessidade especial de ajuda e aconselhamento. Como: 1. O cristão que duvida e está perturbado. 2. O cristão em declínio ou que está retrocedendo. 3. O pobre. 4. O idoso. 5. O enfermo. 6. E aqueles que estão junto aos enfermos e moribundos. Embora estes pudessem parecer pertencer antes à primeira parte, contudo, porque eu gostaria que essas orientações estivessem aqui reunidas, as quais os diversos tipos de pessoas nas famílias mais necessitam, escolhi reservá-las antes para este lugar. Os deveres especiais dos fortes, dos ricos, dos jovens e dos saudáveis, eu omito, porque vejo o livro crescer em tamanho, e você pode colhê-los do que foi dito antes sobre vários desses assuntos. E as orientações que darei primeiro aos cristãos que duvidam serão apenas alguns breves memoriais, porque já realizei esse trabalho em meu "Direções ou Método para a Paz de Consciência e Consolo Espiritual"; e muito já foi dito aqui anteriormente, nas orientações contra a melancolia e o desespero.

Direção 1. Descubra a causa especial de suas dúvidas e problemas, e incline a maior parte de seus esforços para remover essa causa. A mesma cura não servirá para toda alma que duvida, nem mesmo para cada um que tenha as

mesmíssimas dúvidas; pois as causas podem ser variadas, embora as dúvidas sejam as mesmas; e as dúvidas continuarão enquanto a causa permanecer.

1. Em algumas pessoas, a causa principal é um temperamento de corpo e mente timorato, fraco e passional; o que em alguns (especialmente no sexo mais fraco) é uma doença tão natural que não há esperança de cura total; embora devamos dirigir e apoiar tais pessoas da melhor forma possível. Essas pessoas têm uma cabeça tão fraca e paixões tão poderosas, que a paixão é a vida delas; e, de acordo com a paixão, julgam a si mesmas e a todos os seus deveres. Elas costumam estar muito elevadas ou muito abatidas; cheias de alegria ou afundando no desespero; mas geralmente o medo é sua paixão predominante. E quão inimigos da quietude e da paz são os medos intensos, é facilmente observado em todos os que os possuem. Evidências garantidoras não aquietarão tais mentes temerosas, nem qualquer razão as satisfará. As orientações para essas pessoas devem ser as mesmas que dei anteriormente contra a melancolia e o desespero. Especialmente que a pregação, os livros e os meios de que se utilizam sejam antes aqueles que tendem a informar o julgamento, estabelecer a vontade e guiar a vida, do que aqueles que, pela maior fervura, tendem a despertá-las para tais paixões ou afetos que elas são incapazes de gerenciar.
2. Em outros, a causa de seus problemas é a melancolia, que há muito observe ser a causa mais comum entre as pessoas piedosas que permanecem em longas e graves dúvidas; onde esta é a causa, até que seja removida, outros remédios pouco fazem; mas sobre isso já falei extensamente antes.

3. Em outros, a causa é um hábito de descontentamento, irritabilidade e impaciência; por causa de algumas carências ou provações no mundo: porque não têm o que desejariam ter, suas mentes tornam-se ulceradas, como um corpo que está doente ou ferido, que carrega consigo a dor e o ardor; e eles estão sempre se queixando da dor que sentem, mas não daquilo que cria a ferida e causa a dor. A cura para estes consiste ou em agradá-los para que tenham sua vontade em todas as coisas (como se nina crianças e se lhes dá o que pedem para aquietá-las), ou, preferencialmente, em ajudar a curar sua impaciência e estabelecer suas mentes contra seus descontentamentos infantis e pecaminosos (sobre os quais já se falou).
4. Em outros, a causa é o erro ou a grande ignorância sobre o teor do pacto da graça, e a redenção operada por Jesus Cristo, e a obra da santificação e suas evidências; eles não sabem em que termos Cristo lida com os pecadores no perdão do pecado, nem quais são os sinais infalíveis da santificação: é o ensino sólido e o aprendizado diligente que devem ser a cura para estes.
5. Em outros, a causa é uma vida negligente ou o pecado frequente, mantendo as feridas da consciência sempre sangrando; eles estão constantemente irritando a ferida e não permitem que ela cicatrize: ou vivem em injúrias e contendas, ou malícia, ou alguma luxúria secreta, ou fraude, ou de alguma forma forçam e prejudicam suas consciências; e Deus não lhes dará sua paz e consolo até que se reformem. É uma misericórdia que estejam inquietos, e não entregues a uma consciência cauterizada, que perdeu a sensibilidade.
6. Em outros, a causa de suas dúvidas é colocar sua religião excessivamente na humilhação e em um contínuo debruçar-se sobre seus corações,

negligenciando ou ignorando as partes mais altas e principais da religião, a saber, os estudos diários do amor de Deus e das riquezas da graça em Jesus Cristo, e, por meio disso, despertando a alma para amar e deleitar-se em Deus. Quando fizerem disso a maior parte de sua religião e ocupação, isso trará às suas almas um sabor mais doce.

7. Em outros, a causa é tal fraqueza de faculdades, confusão de pensamentos e escuridão mental, que não são capazes de examinar a si mesmos, nem de saber o que há neles; quando fazem a si mesmos qualquer pergunta sobre seu arrependimento ou amor a Deus, ou qualquer graça, são obrigados a responder como estranhos, e dizer que não sabem dizer se o fazem ou não. Essas pessoas devem fazer mais uso do que as outras do julgamento de algum guia capaz e fiel.
8. Mas, acima de todas as outras, a causa mais comum de incerteza é a fraqueza ou pequenez da graça: quando ela é tão pequena que está próxima de ser nada, não é de admirar que seja dificilmente e raramente discernida: portanto,

Direção 2. Não negligenciem o autoexame, mas trabalhem para adquirir habilidade para gerenciar corretamente uma obra tão grande; contudo, que seu cuidado e diligência sejam muito maiores para obter a graça, usá-la e aumentá-la, do que para testar se já a possuem ou não. Pois, no exame, quando você já tiver tomado um rumo correto para se resolver e, ainda assim, estiver em dúvida tanto quanto antes, o seu excessivo debruçar-se sobre essas questões de teste lhe fará pouco bem e o tornará pouco melhor, mas o tempo e o trabalho podem ser quase perdidos: ao passo que todo o trabalho que você dedica a obter, usar e aumentar a graça é empregado proveitosamente para um bom propósito; e tende, primeiro, à sua segurança e salvação e,

depois disso, à sua mais fácil certeza e consolo. Não há outro caminho no mundo para ter certeza de que você tem a graça do que obter tanta que seja facilmente discernida e se mostre por si mesma, e exercitá-la muito para que venha à observação: quando você tiver uma crença forte, terá facilidade em ter certeza de que crê: quando tiver um amor fervoroso por Cristo e pela santidade, e pela palavra, caminhos e servos de Deus, facilmente terá a garantia de que os ama. Quando você odiar fortemente o pecado e viver em obediência universal e constante, discernirá facilmente seu arrependimento e obediência. Mas a graça fraca terá fraca garantia e pouco consolo.

Direção 3. Dediquem-se com toda a habilidade e diligência a destruir cada pecado de coração e de vida, e façam com que seu principal cuidado e ocupação seja cumprir seu dever, e agradar e honrar a Deus em seu lugar, e fazer todo o bem que puderem no mundo: e confiem suas almas a Deus, enquanto esperam nele em seu caminho. Se você vive em pecado deliberado e negligência, não se recuse a ser repreendido e liberto! Se você acalenta suas luxúrias sensuais e carnaís, e coloca seu coração ansiosamente no mundo, ou defende sua falta de paz e paixão, ou negligencia seu próprio dever para com Deus ou o homem, e não faz consciência de uma verdadeira reforma, não serão as indagações por sinais de graça que o ajudarão à garantia. Você pode queixar-se por muito tempo antes de ter alívio, enquanto tal espinho estiver em seu pé. A consciência deve ser melhor utilizada antes de falar uma palavra de paz sólida e bem fundamentada a você. Mas quando você se dedica com todo o cuidado e habilidade a cumprir seus deveres e agradar ao seu Senhor, ele não permitirá que seu trabalho seja em vão: ele cuidará de sua paz e consolo, enquanto você cuida de seu dever: e, neste caminho, você pode confiar nele com ousadia:

apenas não pense mal ou falsamente da bondade daquele Deus a quem você estuda servir e agradar.

Direção 4. Certifique-se de que, em qualquer condição que esteja, você compreenda, se apegue e melhore os fundamentos gerais de consolo, que são comuns à humanidade, na medida em que lhes são dados a conhecer: e eles são três, que são o fundamento de todo o nosso consolo. 1. A bondade e misericórdia de Deus em sua própria natureza. 2. A suficiência da satisfação ou sacrifício de Cristo. 3. A universalidade, gratuidade e certeza do pacto ou promessa de perdão e salvação a todos os que, por impenitência e incredulidade finais, não continuem obstinadamente a rejeitá-lo (ou a todos os que verdadeiramente se arrependem e creem). (1.) Não pense de forma mesquinha e pobre da bondade infinita de Deus: até mesmo a Moisés ele proclamou seu nome na segunda entrega da lei: "O Senhor, o Senhor Deus, misericordioso e piedoso, tardio em irar-se e grande em beneficência e verdade; que guarda a misericórdia em milhares; que perdoa a iniquidade, e a transgressão e o pecado" (Êx 34:6, 7). Sua misericórdia está sobre todas as suas obras; ela é grande e atinge os céus; ela é firme e dura para sempre; "e ele se agrada daqueles que esperam na sua misericórdia" (Sl 147:11; 100:5; 33:18; 57:10; 108:4). (2.) Não atenuar os méritos e o sacrifício de Cristo; mas saiba que homem algum jamais foi condenado por falta de um Cristo que morresse e fosse um sacrifício por seu pecado, mas apenas por falta de arrependimento e fé nele (Jo 3:16). (3.) Não negue a universalidade da promessa condicional de perdão e salvação a todos a quem ela é oferecida e que a aceitem nos termos de quem a oferece. E se você apenas sentir esses três fundamentos firmes e constantes sob você, isso encorajará toda alma disposta. O amor de Deus foi a causa de nossa redenção por Cristo; a redenção foi o fundamento da promessa ou novo

pacto: e aquele que constrói sobre este triplo fundamento está seguro.

Direção 5. Ao tentar testar seu direito particular às bênçãos da aliança, certifique-se de compreender bem a condição da aliança; e busque o cumprimento dessa condição em si mesmo, como a evidência infalível de seu direito: e saiba que a condição nada mais é do que um consentimento sincero ao pacto; ou tal crença no evangelho que o torne verdadeiramente disposto a todas as misericórdias oferecidas no evangelho, e aos deveres exigidos em ordem a essas misericórdias; e que nada prive qualquer homem que ouve o evangelho de Cristo, do perdão e da salvação, senão a má vontade obstinada ou a recusa da misericórdia e dos deveres necessários anexos. Entenda bem isso e, então, examine o pacto da graça (que consiste apenas em tomar Deus por seu Deus e felicidade, seu Pai, seu Salvador e seu Santificador): e então pergunte ao seu coração se há aqui alguma coisa de que você não esteja disposto; e indisposto em um grau predominante, quando isso é maior do que sua disposição: e se verdadeiramente você está disposto a estar em aliança com seu Deus, Salvador e Santificador nestes termos, saiba que seu consentimento, ou disposição, ou aceitação da misericórdia oferecida, é o seu verdadeiro cumprimento da condição de seu direito e, consequentemente, a evidência infalível de seu direito; assim como o consentimento matrimonial é uma condição de direito à pessoa e aos privilégios: e, portanto, se você encontrar isso, suas dúvidas estão respondidas; você encontrou uma evidência tão boa quanto a Escritura nos apresenta; e se isso não o aquietar e satisfazer, você não entende o assunto; nem é a razão ou a evidência que pode satisfazê-lo até que você esteja melhor preparado para entendê-las. Mas se realmente você estiver indisposto e não consentir com os termos da aliança, então, em vez de duvidar, tenha a certeza de que ainda não foi

santificado; e seu trabalho agora é considerar melhor os termos e benefícios, e aquelas razões irracionais que o tornam indisposto; até que veja que sua felicidade depende desse assunto, e que você tem todos os motivos do mundo para estar disposto, e nenhuma razão verdadeira para reter seu consentimento; e quando a luz dessas considerações tiver prevalecido para o seu consentimento, o ajuste está feito e sua evidência é segura.

Direção 6. Não julgue seu coração e evidências por qualquer relance ou sentimento repentino, mas por um exame sóbrio e deliberado, quando sua mente estiver em um estado claro e composto; e, conforme você se encontrar então, registre o julgamento ou a descoberta, e não creia em cada aparência repentina e impensada, ou medo passional, contra esse registro. Caso contrário, você nunca estará quieto ou resolvido; mas será levado de um lado para o outro pelo sentido presente. O caso é de peso e não deve ser decidido por um aspecto repentino, nem por uma mente dispersa ou descomposta; se você chamar seu entendimento despreparado ou perturbado subitamente para uma obra tão grande, não se admire se for enganado. Você não deve julgar as cores quando seu olho está injetado de sangue, ou quando olha através de um vidro colorido, ou quando o objeto está longe. É como fazer o cálculo de uma conta longa e difícil, que deve ser feita deliberadamente como um trabalho de tempo; e quando for assim feita, e as somas subscritas, se depois você questionar essa conta novamente, deve levar o mesmo tempo para fazê-lo, e isso quando estiver tão calmo e disponível quanto antes, e não desestabilizar uma conta exata por uma visão repentina ou um pensamento sobre algum detalhe particular. Assim, você não deve confiar em exames e decisões sobre o estado de sua alma, exceto naqueles que, em longa e calma deliberação, chegaram a uma conclusão.

Direção 7. Ao fazer isso, não negligencie o uso da assistência de um guia capaz e fiel, na medida em que sua própria fraqueza o torne necessário. Sua dúvida mostra que você não é suficiente para resolvê-la satisfatoriamente por si mesmo; a questão então é: que ajuda um homem mais sábio pode lhe dar? Ora, ele pode lhe abrir mais claramente a verdadeira natureza da graça, e as marcas que são infalíveis, e a extensão da graça e o teor da aliança; e ele pode ajudá-lo a rastrear seu coração e observar as descobertas do bem ou do mal nele; ele pode mostrar seus erros e ajudá-lo na aplicação, e contar muito de suas próprias experiências e das de outros; e ele pode fazer uma forte conjectura sobre o seu caso em particular, se for alguém que conhece o curso de sua vida e é intimamente familiarizado com você; pois o pecado e a graça são coisas expressivas e operantes, como a vida, que ordinariamente se agitará, ou o fogo, que será visto: embora o julgamento deles não possa ser infalível a seu respeito, e embora por um tempo a hipocrisia possa escondê-lo do conhecimento de outro, contudo *ficta non diu* [o que é fingido não dura muito], etc., ordinariamente a natureza será vista, e o que está dentro de você se mostrará; de modo que seus conhecidos familiares, que veem sua vida em particular e em público, podem fazer uma conjectura muito forte sobre o seu estado, se você realmente se dedica a agradar a Deus com sinceridade ou não. Portanto, se possível, escolha um homem para ajudá-lo que seja: 1. Capaz; 2. Fiel; e 3. Bem familiarizado com você; e não subestime o julgamento dele.

Direção 8. Quando você não puder alcançar a certeza do seu caso, não subestime nem negligencie o consolo que uma mera probabilidade pode lhe proporcionar. Sei que uma certeza em um caso tão pesado deve ser ansiosamente desejada e buscada ao máximo. Mas, ainda assim, não é pequeno o consolo que uma probabilidade ou esperança pode lhe render. Marido e

mulher estão incertos todos os dias se um deles pode matar o outro; e, no entanto, podem viver confortavelmente juntos, porque é uma coisa improvável; e embora seja possível, não é muito de se temer. Nem todos os consolos dos cristãos dependem de sua garantia; são poucos os cristãos no mundo que alcançam uma garantia clara; pois todos os papistas, luteranos e arminianos estão sem qualquer certeza de sua salvação, porque pensam que ela não pode ser obtida; e todos aqueles jansenistas ou protestantes que seguem o julgamento de Agostinho estão sem garantia de salvação, embora possam ter garantia de sua justificação e santificação; porque o julgamento deles é que os justificados e santificados (embora não os eleitos) podem cair. E daqueles que sustentam a doutrina da perseverança, quão poucos encontramos que podem dizer que têm certeza de sua sinceridade e salvação. Ai, nem um em muitos. E, no entanto, muitos milhares destes vivem em alguma paz de consciência, quietude e consolo, na esperança e nas probabilidades que alcançaram.

Direção 9. Resolva dedicar-se muito aos grandes e deleitosos deveres de ação de graças e ao louvor a Deus; e gastar uma parte considerável (ordinariamente) de todas as suas orações nisso; especialmente gastar o dia do Senhor principalmente nestes deveres. E assim você terá três grandes vantagens: 1. Os próprios atos de amor, agradecimento e alegria o ajudarão ao consolo de uma forma mais direta do que argumentos e autoexame o fariam; até mesmo por meio do sentimento, como o fogo o aquece. 2. O costume de exercitar essas graças mais doces habituará sua alma a isso e, com o tempo, desgastará a impressão mais triste. 3. Deus mais o reconhecerá nesses deveres mais elevados.

Direção 10. Observe bem até que ponto suas dúvidas o ajudam ou o impedem em sua santificação. Na medida em que elas

afastam seu coração de Deus, e do amor e da doçura de uma vida santa, e o tornam inapto para a gratidão e a obediência alegre; nessa medida você pode estar certo de que Satanás é gratificado por elas, e Deus desagradado, e, portanto, elas devem ser resistidas: mas na medida em que elas o mantêm humilde e obediente, e o tornam mais ternamente temeroso do pecado, e apressam seus desejos por Cristo e pela graça, nessa medida Deus as usa para o seu benefício. E, portanto, não seja excessivamente impaciente sob elas, mas espere em Deus no uso de seus meios, e ele dará seus consolos na estação mais adequada. Muitos tiveram doce garantia em sua morte, ou em seus sofrimentos por Cristo, quando mais precisavam, que foram obrigados a viver muito tempo antes sem ela. Especialmente cuide: 1. Para não perder a garantia por sua própria negligência. 2. E para que suas dúvidas não produzam maus efeitos, afastando seu coração de Deus ou desencorajando-o em seu serviço; e então você pode tomá-las como uma prova de sua paciência, e elas certamente terão um fim feliz.

CAPÍTULO 26

ORIENTAÇÕES PARA CRISTÃOS EM DECLÍNIO OU QUE ESTÃO RETROCEDENDO: E SOBRE A PERSEVERANÇA

O caso dos que retrocedem é tão terrível e, no entanto, os erros de muitos cristãos são tão comuns ao pensarem injustamente que estão retrocedendo, que este assunto deve ser tratado com o maior cuidado. E quando eu tiver dado primeiro algumas orientações para a cura, darei a seguir algumas a outros para a prevenção de tão triste estado.

Direção 1. Compreenda bem em que consiste o retrocesso, seus tipos e graus, para que você possa discernir com mais certeza e exatidão se este é, de fato, o seu caso ou não. Para este fim, apresentarei aqui: I. Os diversos tipos de pessoas que retrocedem. II. Os diversos passos ou graus do retrocesso. III. Os sinais disso.

I. Existem, em geral, três tipos de pessoas que retrocedem. 1. Aqueles que declinam da verdade pelo erro de seu entendimento. 2. Aqueles que se afastam da bondade de Deus e da santidade pela corrupção de sua vontade e afetos. 3. Aqueles que se afastam da obediência a Deus e de uma conduta íntegra pela pecaminosidade de suas vidas.

O primeiro tipo contém: 1. Aqueles que declinam para a infidelidade a partir da fé; e duvidam da verdade da palavra de Deus. 2. Aqueles que declinam apenas para o erro quanto ao significado das Escrituras, embora não duvidem da verdade

delas. Este julgamento corrompido logo corromperá tanto o coração quanto a vida.

O segundo tipo (os que retrocedem no coração) contém: 1. Aqueles que apenas perdem seus afetos pelo bem; sua complacência e desejo; e perdem sua aversão e zelo contra o pecado. 2. E também aqueles que perdem a própria resolução da vontade, e tornam-se irresolutos sobre o que fazer, se não resolvidos a fazer o mal e a omitir o que é bom.

O terceiro tipo (os que retrocedem na vida) compreende: 1. Aqueles que caem do dever para com Deus ou o homem. 2. E aqueles que caem em pecados positivos e se voltam para a sensualidade, na volúpia, no mundanismo ou no orgulho.

II. 1. Os que retrocedem no julgamento às vezes caem por graus lentos e, às vezes, subitamente de uma vez. Aqueles que caem por graus, alguns começam na falha do entendimento; mas a maioria começa na falha ou falsidade do coração, e a vontade corrompida corrompe o entendimento.

O método de cair em heresia ou seitas

I. Aqueles que caem por graus através da falha do entendimento são aquelas almas simples que nunca foram bem fundamentadas na verdade: e alguns deles raciocinam a si mesmos para o erro ou a incredulidade; e outros (o que é mais comum) são levados a isso pela astúcia e diligência de sedutores. E quanto aos graus, eles começam primeiro a duvidar de alguns argumentos que anteriormente lhes pareciam válidos; e então duvidam da própria verdade; ou então ouvem algum argumento de um sedutor que, por sua própria fraqueza, são incapazes de responder; e então cedem a ele, pensando que está correto, porque não veem o que se pode dizer contra ele, e

não sabem o que outros sabem em contrário, nem quão facilmente outro pode refutá-lo. E uma vez que são levados a uma suspeita de um ponto que anteriormente sustentavam, rapidamente suspeitam de todo o resto; passam a uma suspeita e desafeição pelas pessoas que antes mais valorizavam. E então passam a ter uma alta estima pelas pessoas e pelo partido que os seduziu; e pensam que aqueles que são mais sábios em uma coisa, são mais sábios no resto: e assim estão preparados para receber todos os erros que seguem aquele primeiro que receberam. E, em seguida, unem-se à seita que os seduziu; e se separam da parte sóbria e unida da igreja: e assim crescem em uma importunidade zelosa pelo aumento de seu partido, e perdem sua caridade para com aqueles que são contra o seu caminho; e corrompem sua moral, pensando que toda desonestidade é lícita quando parece necessária para promover o interesse de sua seita, que eles pensam ser o interesse da verdade e de Deus. E, por fim, é provável que se cansem dessa seita e deem ouvidos a outra, e outra; até que, no fim, cheguem a um destes períodos: ou se estabelecem no papismo, como a religião mais fácil, sendo atraídos por sua pretensão de antiguidade, estabilidade, unidade e universalidade; ou então voltam-se para o ateísmo ou infidelidade, e tomam toda religião por um mero engano; ou então (se mantiveram um coração honesto em suas andanças anteriores) Deus lhes mostra sua loucura e os traz de volta à unidade e à caridade, e os faz ver a vaidade daqueles raciocínios que antes os seduziram, e que outrora pensaram ser alguma luz espiritual e celestial. Este é o curso comum do erro, quando o entendimento é a causa mais notável. Mas, às vezes, um enganador prevalece com eles subitamente, por tais falsas aparências de verdade que eles são incapazes de refutar. Mas, ainda assim, uma mente mal preparada e desprovida é a causa principal.

(2.) Mas aqueles cujos julgamentos são conquistados pela inclinação perversa de suas vontades são geralmente hipócritas carnis e mundanos, que nunca conquistaram a mente e o interesse carnis, nem venceram o mundo, nem jamais se familiarizaram com a natureza e a vida celestiais, nem com o poder do amor divino; e estes, tendo feito uma mudança de sua profissão através da mera convicção de seus entendimentos, e benefício da educação ou governo, ou as vantagens da religião no país onde vivem, sem um coração renovado e santo, a inclinação de seus corações prevalece facilmente contra a luz de seus entendimentos; e porque eles desejariam que aquelas doutrinas fossem verdadeiras, as quais os salvam de sofrimentos, ou lhes dão liberdade para uma vida carnal, ambiciosa e mundana, por isso eles, por graus, convencem seus entendimentos a recebê-las.

1. Os que retrocedem no coração caem por diversos graus e meios; pois os métodos de Satanás nem sempre são os mesmos. Alguns deles caem através da corrupção de seus julgamentos; pois cada erro tem muita influência sobre o coração. Alguns são tentados subitamente a algum pecado grosseiro ou sensual; e assim os erros de suas vidas afastam seus corações de Deus. Não que algum pecado do coração ou da vontade não vá sempre primeiro, mas, ainda assim, o declínio extraordinário e a depravação do coração podem às vezes ser causados pelos erros do julgamento ou da vida. Mas, às vezes, o início e o progresso são quase observáveis no próprio apetite e na vontade: e aqui a inclinação para o mal (isto é, para o bem sensual ou carnal) e o declínio do verdadeiro bem espiritual quase sempre andam juntos. E é mais usualmente por este método e por estes graus:
2. O diabo geralmente começa com a fantasia e o apetite, e representa alguma coisa mundana e carnal como muito

agradável e desejável. 2. Em seguida, ele faz com que essa complacência seduza os pensamentos; de modo que eles estejam muito e frequentemente pensando nesse prazer. 3. Depois disso, a vontade é atraída a gostar dele, e ele deseja poder desfrutá-lo (sejam riquezas, ou habitações agradáveis, ou companhia agradável, ou comidas ou bebidas agradáveis, ou acomodações carnavais, ou vestuário, ou honra, ou comando, ou facilidade, ou luxúria, ou esportes e recreações, ou qualquer outra coisa). 4. Em seguida, o entendimento é atraído para o projeto, e fica calculando e planejando como isso pode ser obtido, e todos os meios lícitos são primeiro considerados para que, se possível, o negócio seja realizado sem o risco da alma. 5. Depois disso, esforços são usados para esse fim, por meios que se supõem lícitos, e a consciência é aquietada com o conceito de inocuidade e segurança. 6. Por esta altura, o homem está engajado em sua causa e curso carnavais, e assim a dificuldade de retornar aumenta; e a inclinação do coração torna-se mais forte para o prazer sensual do que antes. 7. E então ele é levado a prosseguir seu projeto por qualquer meio, por mais pecaminoso que seja; se possível, fazendo-se acreditar por alguns raciocínios ou outros que tudo ainda é lícito; ou se o caso for muito palpável para ser assim disfarçado, a consciência, por fim, é adormecida, cauterizada e estupidificada, para que possa silenciar sob tudo; até que a graça ou a vingança despertem o pecador e o façam pasmar com sua loucura e estupidez. Este é o método mais comum da recaída do coração para o mal positivo.

E por tais graus o coração declina do amor de Deus e da bondade: como, 1. Os pensamentos são desviados para alguma

vaidade carnal que é amada excessivamente; e os pensamentos de Deus são menos frequentes e mais curtos do que costumavam ser. 2. E, ao mesmo tempo, os pensamentos de Deus tornam-se menos sérios e agradáveis, e mais mortos e sem vida. 3. E então os meios que deveriam inflamar o amor são usados com mais entorpecimento, remissão e indiferença. 4. E então a consciência, sendo ferida com a culpa de omissões e comissões deliberadas (estando familiarizada com os projetos carnis do coração), desperta um medo secreto do desagrado de Deus. E isso, não sendo forte o suficiente para restringir o homem do pecado, torna seu pecado maior e o torna muito relutante em se aproximar de Deus, ou pensar seriamente nele, ou invocá-lo; e transforma o amor em terror e aversão. 5. E se Deus não parar e recuperar o pecador, ele em seguida ficará totalmente cansado de Deus, e sem amor por uma vida santa, e o trocará por seus prazeres mundanos e carnis. 6. E depois disso, ele aceitará alguma doutrina infiel, ateuista ou libertina, que possa aquietá-lo em seu curso de pecado, justificando-o, e conformará seu julgamento ao seu coração. 7. E depois disso, ele odiará a Deus, e seus caminhos e servos, e se tornará um perseguidor deles; até que a vingança o lance no inferno, onde a dor e o desespero aumentarão seu ódio; mas seu prazer carnal e perseguição maliciosa terão fim para sempre.

Os que retrocedem na vida e na prática recebem a primeira infecção no coração; e a vida não declina mais do que o coração declina: mas, ainda assim, distingo este tipo do outro, como o efeito da causa; e tanto mais porque alguns poucos declinam muito no coração, mas parecem manter muita integridade de vida aos olhos dos homens: e isso geralmente é feito por estes graus:

(1.) No retrocesso do homem para o pecado positivo (como sensualidade ou mundanismo), estando o coração preparado

como antes. 1. O julgamento raciocina mais remissivamente contra o pecado do que antes; e a vontade opõe-se a ele com menos resolução, e com maior fraqueza e indiferença. 2. Então o pecador prova a isca e primeiro aproxima-se do pecado tanto quanto ousa, e abraça as ocasiões e oportunidades de pecar, enquanto ainda pensa em não ceder mais. E, neste caso, ele fica tanto tempo discutindo com o tentador, e dando-lhe ouvidos, e olhando para a isca, até que finalmente cede; e tendo brincado por muito tempo à beira do abismo, sua luxúria violenta ou apetite o empurram para dentro. 3. Quando ele pecou (contra o conhecimento), fica perturbado por um tempo, e toma isso por verdadeiro arrependimento: e quando cresce em alguma esperança de que o primeiro pecado lhe foi perdoado, torna-se mais ousado para se aventurar no mesmo novamente; e pensa que o segundo pode ser tão bem perdoado quanto o primeiro. 4. Na mesma ordem, ele cai nele repetidas vezes, até que se torne um costume. 5. E por esta altura ele o ama mais, e deseja que fosse lícito, e que não houvesse perigo nele. 6. E então ele se julga interessado em provar que é lícito para aquietar a consciência, para que ela não o atormente; e, portanto, ouve de bom grado o que os justificadores de seu pecado podem dizer a favor dele, e faz-se acreditar que as razões são de peso. 7. E então ele peca sem remorso.

(2.) Assim no retrocesso dos homens da prática da religião: 1. O coração está alienado e indisposto como dito anteriormente. 2. E então a vida do dever decai, e murcha em direção a uma formalidade morta; como um corpo em consumo, a compleição vívida, a força e a atividade decaem. 3. Depois disso, ele pode frequentemente omitir um dever, especialmente em segredo, onde ninguém o sabe; até que, por graus, torne-se mais raro nele. 4. Tudo isso ele toma por uma enfermidade perdoada, que consiste com um estado de graça; e, portanto, pouco se preocupa com isso. 5. Depois disso, ele perde toda a vida e

consolo da religião, e não sente falta de nenhum dever quando o omitiu, mas fica feliz por ter escapado dele, e quando ele termina, como um boi quando está fora do jugo. 6. Em seguida, ele começa a dar ouvidos àqueles que falam contra tanto alvoroço na religião, como se fosse uma coisa desnecessária e inútil. 7. E se Deus o abandonar, ele em seguida se arrepende de sua diligência anterior e estabelece-se, ou em um curso morto de tal serviço labial costumeiro que não lhe custa nada, ou então em total mundanismo e impiedade, e talvez, por fim, em malignidade e perseguição.

Sinais de declínio

III. Embora os sinais ou sintomas de declínio possam ser colhidos do que já foi dito, acrescentarei mais alguns. 1. Você está declinando quando se torna mais ousado com o pecado, ou com as ocasiões dele e tentações a ele, do que era em seu estado mais vigilante. 2. Quando você faz pouco caso daquelas corrupções e enfermidades internas que outrora lhe pareciam graves e quase intoleráveis. 3. Quando você se estabelece em um curso de profissão ou religiosidade que custa pouco à sua carne, em trabalho, reprovação ou sofrimento dos ímpios, mas deixa de fora a parte difícil e dispendiosa, e parece ser muito religioso no resto. 4. Quando você está quieto e contente no uso diário e costumeiro das ordenanças, embora não encontre lucro ou aumento na graça por meio delas, ou comunhão com Deus. 5. Quando você se torna estranho a Deus e a Jesus Cristo, e tem pouca conversa com ele no Espírito: e seus pensamentos sobre ele são poucos, frios e sem vida; e sua religião reside toda em conversar com homens bons, e bons livros, e deveres externos. 6. Quando você se torna negligente com seu coração e estranho a ele, e encontra pouco trabalho a fazer com ele de dia em dia, seja testando-o, ou vigiando-o, ou estimulando-o, ou mortificando suas corrupções; mas sua

ocupação na religião é principalmente externa e em exercícios exteriores. 7. Sim, embora seu próprio coração e deveres ocupem muito de seu cuidado e pensamentos, você está do lado perdedor se as maravilhas do amor e da graça em Cristo não ocuparem mais de seus pensamentos, ou se você não se dedicar mais ao estudo de um Cristo crucificado e glorificado do que de seu próprio coração perturbado. 8. Nem tudo está bem com você quando as ajudas e vantagens espirituais são menos apreciadas e valorizadas, e você se torna mais indiferente aos sermões, orações e sacramentos, sem os quais outrora não podia viver; e os usa apenas como meros deveres por necessidade, e não como meios, com qualquer grande esperança de benefício e sucesso. 9. Quando você se torna excessivamente atento ao olhar do homem e excessivamente negligente ao olhar de Deus; e é muito mais cuidadoso com as palavras e o exterior de suas orações e discursos do que com o espírito e a parte interna e o modo deles; e se veste com precisão quando aparece em público, como quem quer parecer muito bom aos homens, mas anda em casa com o traje mais sórdido de um coração e vida frios e negligentes. 10. Quando você se torna mais fervoroso sobre algumas questões menores e controversas na religião, ou zeloso pelo interesse de alguma opinião privada e partido que escolheu, mais do que pelo interesse das verdades comuns e da causa de Cristo. 11. Quando, ao unir-se a outros, você aprecia mais o refinamento da fala do que o espírito, o peso e a excelência da matéria; e é impaciente ao ouvir as verdades mais saudáveis, se o orador manifestar qualquer enfermidade pessoal na entrega delas; e fica cansado e exausto se não for atraído pela novidade, variedade ou elegância da fala. 12. Quando você se torna mais indiferente quanto às suas companhias e valoriza menos a companhia de cristãos sérios e piedosos do que antes, e sente-se quase tão satisfeito com a companhia e o discurso comuns. 13. Quando você se torna mais impaciente com a reprovação

pelo pecado e não gosta que lhe digam nada em você que esteja errado; mas ama mais aqueles que mais o aplaudem. 14. Quando a renovação de seu arrependimento tornou-se um trabalho sem vida e apressado; quando, na preparação para o dia do Senhor, ou sacramento, ou outras ocasiões, você não faz um exame considerável de si mesmo, ou não dá maior importância aos pecados que encontra em sua conta do que se estivesse quase reconciliado com eles. 15. Quando você se torna mais sem caridade e censor com os irmãos que diferem de você em pontos toleráveis; e menos zeloso com o nome ou bem-estar dos outros, e não ama o seu próximo como a si mesmo, e não faz como gostaria que lhe fizessem. 16. Quando você se torna menos compassivo com o mundo ímpio e menos atento ao interesse comum da igreja universal e de Jesus Cristo em toda a terra, e torna-se mais estreito, de espírito privado, e confina seu cuidado a si mesmo ou ao seu partido. 17. Quando as esperanças do céu e o amor de Deus não podem satisfazê-lo, mas você está sedento por algum contentamento mundano, e cresce ansioso em seus desejos, e o mundo torna-se mais doce para você e mais amável aos seus olhos. 18. Quando o sentido, o apetite e o prazer carnal tornaram-se mais poderosos em você, e você lhes dá grande importância, e não pode negá-los sem muito esforço e pesar, como se tivesse realizado um grande feito por não viver como um animal. 19. Quando você é mais orgulhoso e impaciente, e menos capaz de suportar o desdém, o desprezo e as injúrias dos homens, ou a pobreza, ou os sofrimentos por Cristo; e dá maior importância às suas perdas, ou provações, ou injustiças, do que convém a alguém que está morto para a carne e para o mundo. 20. Por último, quando você prefere habitar na terra do que estar no céu; e está mais relutante em pensar na morte, ou em preparar-se para ela e esperá-la, e tem menos amor pela vinda de Cristo, e está pronto a dizer desta vida pecaminosa na carne: é bom estar

aqui. Todos estes são sinais de um estado de declínio, embora você ainda não tenha chegado à apostasia.

Sinais de um estado sem a graça.

Mas os sinais de um estado de fato mortal e condenável encontram-se nos seguintes graus: 1. Quando um homem prefere ter prosperidade mundial do que o favor e a fruição de Deus no céu. 2. Quando o interesse da carne pode mais com ele do que o interesse de Deus e de sua alma, e mais governa e dispõe de seu coração e de sua vida. 3. Quando ele prefere viver na sensualidade do que na santidade; e prefere ter permissão para viver como lhe apraz do que ter um Cristo e o Espírito Santo para santificá-lo e curá-lo; ou, pelo menos, não quer ser curado nos termos propostos no evangelho. 4. Quando ele não ama os meios que o recuperariam (enquanto tais). Quanto mais você se aproxima disso, mais perigoso é o seu caso.

Sinais perigosos de impenitência.

E os seguintes sinais são, portanto, de uma significação muito perigosa. 1. Quando o prazer da prosperidade e dos deleites pecaminosos supera tanto os prazeres da santidade que você se sente perturbado e cansado nos deveres sagrados, e à vontade e alegre quando tem seus deleites pecaminosos. 2. Quando nenhuma persuasão de um ministro ou amigo pode levá-lo a arrepender-se tão profundamente de seus pecados abertos e escandalosos a ponto de assumir a vergonha em uma livre confissão deles (mesmo em assembleia pública, se for justamente chamado a isso), para condenar a si mesmo, dar aviso aos outros e glorificar ao Deus santíssimo; mas você não quer acreditar que tal confissão vergonhosa seja seu dever, porque não quer fazê-la. 3. Quando você não consegue levar

seu coração a uma resolução plena de abandonar seu pecado; mas, embora a consciência o preocupe e o condene por isso, você apenas se propõe levemente a melhorar no futuro, mas não se resolve no presente. 4. Quando você não se deixa persuadir a consentir com os meios necessários e eficazes para sua recuperação; como abster-se da isca, da tentação e da ocasião do pecado. Muitos bêbados me disseram que estavam dispostos a ser reformados; mas quando eu lhes pedia que consentissem em não beber vinho ou cerveja por tantos meses, e em manter-se fora do lugar, e em confiar o governo de si mesmos por tantos meses às suas esposas ou a algum outro amigo que vivesse com eles, e em não beber nada além do que eles lhes dessem; eles não consentiam com nada disso, e assim mostravam a hipocrisia de sua disposição professada de melhorar. 5. Quando o pecado se torna fácil, e a consciência torna-se paciente com ele e quieta sob ele. 6. Quando o julgamento toma o partido do pecado, e a língua defende-o, justifica-o ou o atenua, em vez de se arrepender dele.

Estes são sinais perigosos de uma alma impenitente, não perdoada e miserável. E o homem está em um caminho perigoso para isso: 1. Quando ele se mergulhou em tais compromissos com o pecado que não pode deixá-lo sem que isso lhe custe muito caro: como ser uma vergonha confessá-lo, ou sua ruína no mundo abandoná-lo, ou quando uma grande quantidade de custo e trabalho deve ser perdida, a qual seus projetos ambiciosos ou cobiçosos lhe custaram: será difícil romper com dificuldades tão grandes. 2. Quando Deus o deixa em paz no pecado e o faz prosperar nele, ou não o perturba nem o aflige muito. Este também é um caso perigoso.

Falsos sinais de declínio.

Por tudo isso, você pode perceber que não são sinais de um estado de retrocesso aqueles que alguns pobres cristãos temem que sejam. Como: 1. Quando a pobreza os obriga a dedicar mais de seu tempo, pensamentos e palavras aos trabalhos de suas vocações do que algumas pessoas mais ricas fazem. 2. Quando a idade ou a doença faz com que suas memórias decaiam; de modo que não conseguem se lembrar de um sermão tão bem quanto antes. 3. Quando a idade ou a doença retira a rapidez e o vigor de seus espíritos; de modo que não têm os afetos vivos na oração, ou na conferência sagrada, ou na meditação, ou na leitura, ou na audição, como tinham anteriormente. Mas (embora estejam tão resolvidos como sempre por Deus, contra o pecado e a vaidade, contudo) estão mais frios e lentos, e têm menos zelo, fervor e deleite nos exercícios sagrados. 4. Quando a idade, ou a fraqueza, ou a melancolia, decaiu ou confundiu suas imaginações e emaranhou seus pensamentos, de modo que não conseguem ordená-los e comandá-los como podiam anteriormente. 5. E quando a idade ou a melancolia enfraqueceu suas faculdades e dons; de modo que têm entendimentos mais lentos e são menos capazes de se expressar na oração, na pregação ou na conferência do que antes. Todas essas são apenas mudanças corporais e tais impedimentos da alma que dependem delas, e não devem ser tomados como sinais de uma alma que declina na santidade e é menos aceita por Deus.

Direção 2. Quando você conhecer as marcas de quem retrocede, venha para a luz e esteja disposto a conhecer a si mesmo, se esta é a sua condição ou não, e não cubra tolaemente sua doença. Pergunte se é com você como em tempos passados, quando a luz de Deus brilhava sobre você e você se deleitava nos caminhos dele: quando você odiava o pecado e amava a santidade; e alegrava-se com a companhia dos herdeiros da vida: quando a palavra de Deus lhe era agradável; e quando

you derramava sua alma a ele em oração e ações de graças: quando você se alegrava com o dia do Senhor e era vivificado e confirmado sob o ensino e a exortação de seus ministros: quando você via a riqueza e os prazeres mundanos como brinquedos e tolices infantis, em comparação com o contentamento das almas santas: quando você tinha fome e sede de Cristo e da justiça; e preferia estar no céu para desfrutar de seu Deus e estar livre do pecado do que desfrutar de todos os prazeres e prosperidade deste mundo. E quando era sua ocupação diária preparar-se para a morte e viver na expectativa do descanso eterno que Cristo prometeu. Se este foi outrora o seu caso, pergunte se ainda é assim? Ou que alterações foram feitas em seu coração e em sua vida?

Direção 3. Se você se encontrar em um caso de retrocesso, por todos os meios procure o despertar de sua alma, pela consideração séria do perigo e da miséria de tal estado. Para esse fim, apresentarei aqui alguns desses pensamentos despertadores (pois a segurança é o seu maior perigo).

1. Considere que retroceder de Deus foi o pecado dos demônios. "E aos anjos que não guardaram o seu primeiro estado, mas deixaram a sua própria habitação, ele os reserva em prisões eternas na escuridão para o juízo do grande dia" (Jd 6). E permitirão que eles os seduzam para a sua própria condenação?
2. Foi o pecado de nossos primeiros pais, Adão e Eva, revoltar-se contra Deus e perder sua santidade. E haverá algum pecado que devamos evitar com mais cuidado do que aquele pelo qual todo o mundo tanto sofreu? Cada uma das criaturas para as quais você olha, e cada dor e miséria que você sente, faz você lembrar desse pecado e o chama a tomar cuidado pelo aviso de seus primeiros

país, para que não permita que seu coração seja afastado de Deus.

3. É uma parte do inferno que você está escolhendo na terra. "Apartai-vos de mim, malditos", é a sentença sobre os condenados (Mt 25:41; 7:23). E você se condenará ao afastar-se de Deus, e isso quando ele o chama e o obriga a vir a ele? Estar separado de Deus é metade da miséria dos condenados.
4. Você está retrocedendo para o caso em que estava nos dias de seu estado não convertido. E que estado de escuridão, tolice, ilusão, pecado e miséria era aquele! Se era bom ou tolerável, por que você se afastou dele? E por que o lamentou tanto? E por que gritou tão fervorosamente por libertação? Mas se era tão ruim quanto você então percebeu que era, por que se volta novamente para ele? Gostaria de estar novamente no caso em que estava? Gostaria de perecer nele? Ou gostaria de passar por todas aquelas dores de coração e terrores novamente? Não posso dizer-lhe, como Paulo aos gálatas: "Ó pecadores insensatos! Quem vos fascinou para que tão depressa vos voltásseis?" (Gl 3:1-4). Quem viu o que vocês viram do pecado, de Deus, de Cristo, do céu e do inferno?
5. Sim, é um estado muito mais deplorável para o qual você está caminhando do que aquele em que estava antes. Pois a culpa de um apóstata é muito maior do que se ele nunca tivesse conhecido a verdade. E sua recuperação é mais difícil e de menor esperança: porque ele está "duas vezes morto, desarraigado" (Jd 12). "Porque, se depois de terem escapado das corrupções do mundo, pelo conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, forem outra vez envolvidos nelas e vencidos, tornou-se-lhes o último estado pior do que o primeiro. Porque melhor lhes fora não conhecerem o

caminho da justiça, do que, conhecendo-o, desviarem-se do santo mandamento que lhes fora dado. Mas sobreveio-lhes o que por um verdadeiro provérbio se diz: O cão voltou ao seu próprio vômito, e a porca lavada ao espojadouro no lamaçal" (2Pe 2:20-22). "Porque, se pecarmos voluntariamente (pela apostasia), depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não resta mais sacrifício pelos pecados, mas uma certa expectativa terrível de juízo, e ardor de fogo, que há de devorar os adversários" (Hb 10:26, 27). Sei que isso fala apenas da apostasia total de Cristo (sendo tal pessoa digna "de muito maior castigo do que aquele que despreza a lei de Moisés", versículos 28, 29), mas é uma coisa terrível caminhar para um estado tão desesperado. Um hábito é mais fácil de introduzir sobre uma negação do que sobre uma privação; naquele que nunca o teve, do que naquele que o perdeu totalmente.

6. Contra quanta abundância de experiência você peca em seu retrocesso! Você teve experiência do mal do pecado, e do ardor do arrependimento, e do engano de tudo o que se pode dizer para pecar; e da bondade de Deus, e da segurança e doçura da religião: e pecará contra tão grande experiência? Se o seu cavalo cair uma vez em areia movediça, dificilmente será forçado a entrar nela novamente; e você será menos sábio?
7. Que abundância de promessas e pactos, que você fez a Deus, você viola em seu retrocesso! Quantas vezes em seus medos, perigos e doenças, nos sacramentos e dias de humilhação, você se vinculou novamente a Deus! E você esquecerá tudo isso e pecará contra eles?
8. Por que multidões de misericórdias Deus o obrigou! Misericórdias antes de seu arrependimento, e misericórdias que o levaram a se arrepender, e misericórdias desde então! Quão misericordiosamente

ele o manteve fora do inferno! Quão misericordiosamente ele suportou você em todos os seus pecados! E sustentou você enquanto você o provocava! E perdoou tudo o que você fez contra ele (se você foi um crente verdadeiramente penitente)! Quão misericordiosamente ele o ensinou, o santificou e o consolou; e providenciou abundantemente para você! E, no entanto, você o abandona e volta à loucura? Por qual de todas as suas misericórdias é que você assim o retribui indignamente? Não consegue lembrar como ele lidou com você e não se envergonhar de seus retrocessos? Não derrete o seu coração olhar para trás para o amor dele e pensar em sua conduta ingrata?

9. Ora, de que multidão de misericórdias presentes você foge! Não lhe diz a sua consciência que é mais seguro e melhor para você ser fiel a Cristo do que voltar ao pecado? Você se despedirá de seu Deus, de seu Redentor e de seu Consolador? Você renunciará ao seu direito ao perdão e à proteção, e a todas as promessas da graça? Você dirá adeus a todos os consolos de um santo? Não treme ao pensar em tal dia? Você abandona tudo isso quando abandona a Deus.
10. Sim, olhe diante de você, homem, e considere que coisas maiores lhe são prometidas do que as que você já desfrutou. Cristo o está conduzindo à felicidade eterna na visão de Deus. E você abandonará o seu Guia, e romperá com ele, e renunciará a todas as suas esperanças de vida eterna?
11. Considere por que coisa você está prestes a correr um risco tão grande? Não é por algum ganho ou honra mundana, ou algum prazer carnal, esporte ou facilidade? E não sabe há muito tempo o que tudo isso é? O que eles fizeram por você? Ou o que farão algum dia? Pode haver algo no mundo mais sem causa e

irracional do que o seu abandono de Deus e o seu retrocesso do caminho da santidade? O mundo ou o pecado darão mais por você do que Deus dará? Ou serão melhores para você aqui e no além? O que você desejaria em Deus, ou em seu Salvador, que você pensa que lhe falta? É algo que o mundo possa suprir, o qual nada tem em si mesmo senão o que vem dele? Que mal Deus, ou o serviço dele, lhe fez, para que agora você o abandone e retroceda? Pelo bem de sua alma, homem, pense em alguma resposta razoável para tais perguntas, antes de se aventurar em um curso que você achou tão ruim e perigoso anteriormente! Que toda a malícia da terra ou do inferno diga o pior que puder contra Deus e a santidade, isso nunca justificará a sua revolta!

12. Considere que abundância de trabalho e sofrimento é toda perdida, se você se afastar de Cristo. Toda a sua audição, meditação e oração resultaram nisso? Todo o seu autoexame e sofrimentos por Cristo e pela piedade resultaram nisso? Hb 10:32-34: "Lembraí-vos, porém, dos dias passados, em que, depois de serdes iluminados, suportastes grande combate de aflições. Em parte fostes feitos espetáculo com vitupérios e tribulações, e em parte fostes companheiros dos que assim foram tratados... Não rejeiteis, pois, a vossa confiança, que tem uma grande e galardoadora recompensa". Você deveria ter deixado Cristo em paz, se não pretendia segui-lo até o fim: é menos tolo aquele que fica sentado do que aquele que primeiro se cansa e depois volta atrás. O mendigo ocioso não é tão tolo quanto o lavrador que ara e semeia e, por fim, perde sua colheita por falta do trabalho de colhê-la e levá-la para casa. Todas as suas dores e sofrimentos serão perdidos no final, por nada?

13. Deus não está tão apressado em expulsá-lo, tendo ele justa causa; e por que então você deveria estar apressado em se afastar dele? Se ele estivesse, o que teria sido de você há muito tempo? Sim, que abundância de ocasiões você lhe deu, quando ele nunca lhe deu nenhuma! Seus pecados testemunharam e clamaram contra você! Misericórdias abusadas testemunharam contra você! E, no entanto, ele não o expulsou! Satanás levantou-se diante de Deus para acusá-lo, e feliz ele ficaria de vê-lo totalmente abandonado por Deus, e, no entanto, ele não o abandonou totalmente: mesmo enquanto você o está abandonando, ele o está protegendo, sustentando e provendo para você! Ele o abandonou quando você estava em doença, carência e perigo? Se tivesse, você não estaria aqui agora. E você começará a fugir dele? E se Cristo lhe oferecesse uma carta de divórcio e dissesse: Visto que você tem tão pouco interesse em mim ou em meu serviço, siga o seu curso e procure outro mestre; eu o desonero de todas as suas relações comigo, siga o seu próprio caminho e fique com o que conseguir com isso. Seria esta uma notícia bem-vinda para você? Ou você ousaria aceitá-la e partir?
14. Se você de fato retroceder pelos prazeres da carne, ou pelas promoções ou lucros do mundo, terá menos prazer neles agora do que tinha anteriormente, ou do que os não convertidos têm. Pois aqueles que pecam nas trevas não conhecem o seu perigo e, portanto, não pecam com tanto terror como você pecará daqui em diante. Você conheceu o perigo, confessou a loucura; as razões da palavra de Deus nunca serão esquecidas, nem suas convicções serão totalmente apagadas: você estará lembrando as antigas bondades de Cristo, e seus propósitos, promessas e caminhos anteriores; e estará

pensando tanto nos dias que passaram quanto nos dias que virão, e prevendo sua terrível prestação de contas: de modo que você pecará em tais terrores que terá um gosto do inferno no próprio exercício de seu pecado, e será atormentado antes do tempo. E valerão o mundo e o pecado a pena de serem desfrutados em tais termos?

15. Ou você espera recuperar-se de seu retrocesso por um segundo arrependimento, ou então pretende continuar. Se você for tão feliz a ponto de ser recuperado, sabe com quanta dor e terror isso provavelmente será realizado? Quando você pensar em seus retrocessos e no que fez ao revoltar-se após tais convicções, promessas, misericórdias e experiências, será muito difícil evitar o desespero. Você lerá passagens como Hb 6:4-6; 10:26-29 com tanto horror que dificilmente se convencerá de que há alguma esperança: você estará pronto a pensar que pecou contra o Espírito Santo, e que pisou o sangue da aliança e ultrajou o Espírito da graça. E pensará que não há como nascer de novo duas vezes! Ou, se for restaurado à vida, dificilmente será restaurado aos seus consolos aqui, se o seu retrocesso for muito grande. Mas, de fato, o perigo é excessivamente grande para que você nunca seja recuperado, se uma vez estiver "duas vezes morto, desarraigado" (Jd 6); e para que Deus finalmente o abandone! E então quão desesperado será o seu caso!
16. Não é o exemplo dos que retrocedem muito terrível, o qual Deus estabeleceu para o aviso de seus servos, como monumentos de sua ira? Lc 17:32: "Lembra-vos da mulher de Ló", diz Cristo àqueles que estão prestes a perder suas propriedades, bens ou vidas, ao tentar salvá-los! Quão assustadora é a lembrança de um Caim, de um Judas, de um Saul, de um Joás (2Cr 24:2), de um Juliano! Quão triste é ouvir alguém como Spira,

especialmente em sua morte, gritando sobre seu retrocesso no horror de sua alma! E ver tais pessoas prontas a acabar com a própria vida!

17. Considere que não há ninguém que tanto desonre a Deus quanto aquele que retrocede. Supõe-se que outros pequem por ignorância; mas vocês, por suas vidas, fazem algo tão ruim quanto proferir tal blasfêmia contra o Senhor; como se dissessem: Pensei uma vez que Deus era o melhor mestre, e seus servos os homens mais sábios e felizes, e a piedade a melhor e mais segura vida; mas agora experimentei ambos, e descobri por experiência que o diabo é um mestre melhor, e seus servos são os homens mais felizes, e o mundo e a carne dão o mais verdadeiro contentamento da mente. Esta é a blasfêmia clara de suas vidas. E reflita como Deus suportaria isso!
18. Não há ninguém que tanto endureça o ímpio em seu pecado, e promova a condenação das almas, quanto aquele que retrocede. Se você quisesse levar suas ovelhas ou gado para dentro de uma casa, aqueles que entram primeiro atraem os outros depois deles; mas aqueles que saem correndo novamente fazem todos os outros ficarem com medo e fugirem. Um apóstata que foi notado pela religião e depois se afasta novamente, desencoraja muitos que viriam: pois ele, por assim dizer, diz-lhes por sua prática: Mantenham distância e não se envolvam com uma vida religiosa; pois eu a experimentei e descobri que uma vida de mundanismo e carnalidade é melhor. E as pessoas pensarão consigo mesmas: Tal homem experimentou uma vida religiosa e a abandonou novamente; e, portanto, ele teve algum motivo para isso e sabia o que fazia. "Ai do mundo, por causa dos escândalos! Mas ai daquele homem por quem vem o escândalo!" (Mt 18:7; Lc 17:1). Quão terrível é

pensar que as almas dos homens devam jazer no inferno e você ser a causa disso! "Melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma mó de atafona, e se submergisse na profundidade do mar" (Mt 18:6, 7; Lc 17:2).

19. Não há ninguém que seja um terror tão grande para os cristãos fracos quanto estes que retrocedem. Pois eles ficam pensando até onde tais pessoas foram antes de caírem; e aqueles que pensam que a verdadeira graça pode ser perdida, dizem: Ai de mim, como permanecerei de pé, quando tais que eram melhores e mais fortes do que eu caíram? E aqueles que pensam que a verdadeira graça não pode ser perdida, ficam igualmente perplexos e dizem: Até onde pode um hipócrita ir, que depois cai! Quão piedosamente este homem viveu! Quão tristemente ele se arrependeu! Quão irrepreensivelmente ele andou! Quão fervorosa e constantemente ele orou! Quão proveitosamente ele falou! Quão caridosa e utilmente ele viveu! E eu, que fico muito aquém dele, tanto quanto posso discernir, não posso ter garantia de que sou sincero até ter certeza de que vou além do que ele jamais foi. Ai de você, que assim perplexa as consciências dos fracos e impede os consolos dos crentes!
20. Você é a maior dor para os ministros fiéis de Cristo. Você não pode conceber que ferida isso dá ao coração e aos consolos de um ministro, quando ele teve muito trabalho para a sua conversão e, depois disso, alegrou-se ao vê-lo vir para o rebanho de Cristo; e depois disso, trabalhou muitos anos para edificá-lo, e sofreu muitas carrancas dos ímpios por sua causa; ver todo o seu trabalho, por fim, dar em nada, e toda a sua glória em você tornar-se sua vergonha, e todas as suas esperanças em você frustradas! Digo-lhe, isto é mais doloroso para

o coração dele do que qualquer perda ou provação externa que pudesse ter-lhe acontecido: não é a perseguição que é a sua maior dor, contanto que não impeça o bem das almas: são pessoas como você que são seus piores perseguidores, que frustram seus trabalhos e o roubam de suas alegrias; e as dores dele um dia lhe custarão caro. A vida e os consolos de seus pastores fiéis estão muito em suas mãos (2Co 7:3). 1Ts 3:8: "Porque agora vivemos, se estais firmes no Senhor".

21. Você é mais traiçoeiro com Cristo do que seria com um amigo comum. Você abandonaria seu amigo sem causa? Especialmente um amigo antigo e provado? E especialmente quando, ao abandoná-lo, você abandona a si mesmo? Pv 27:10: "Não abandones o teu amigo, nem o amigo de teu pai". Pv 17:17: "Em todo o tempo ama o amigo; e para a angústia nasce o irmão". Se o seu amigo estivesse em aflição, você o abandonaria? E você abandonará o seu Deus, que não precisa de você, mas supre as suas necessidades? Rute foi mais fiel a Noemi (Rt 1:16, 17), pois resolveu: "Aonde quer que tu fores irei eu, e onde quer que pousares, ali pousarei eu... onde quer que morreres morrerei eu...". E Deus mereceu menos de você?
22. Ora, você lida pior com Deus do que os servos do diabo lidam com ele: ai, eles são constantes demais com ele. A razão não os mudará, nem os mandamentos de Deus, nem as ofertas de vida eterna, nem os medos do inferno; nada os mudará, até que o Espírito de Deus o faça. E você será menos constante com o seu Deus?
23. Considere também que o seu fim está tão próximo que você teria apenas um pouco mais de tempo para resistir; e você poderia saber que poderia manter seus prazeres mundanos apenas por um pouco de tempo. E é uma

coisa lamentável ver um homem que suportou o pior embate da batalha, e correu até estar quase no fim da corrida, perder tudo por falta de um pouco mais; e ver um homem vender seu Deus, sua alma e o céu pelo prazer carnal, quando talvez ele não tenha um ano ou mês, ou, pelo que sabe, um dia mais para desfrutá-lo. Para um homem cansar-se e desistir da oração, justo quando a misericórdia está à mão! E cansar-se e desistir de uma vida santa, quando seu trabalho e sofrimentos estão quase no fim! Quão triste será este dia para você, se a morte nesta noite for enviada para buscar a sua alma! Então de quem serão todos aqueles prazeres pelos quais você vendeu a sua alma? (Lc 12:19-21). Se você soubesse que tinha apenas um mês ou um ano de vida, não teria resistido esse ano? Você não sabe se terá uma semana. Isto é como a triste história de um estudante em uma de nossas universidades que, precisando de dinheiro e seu pai demorando a enviar-lhe, esperou tanto tempo até que, por fim, resolveu não esperar mais, mas roubar para tê-lo em vez de ficar sem; e assim saiu, e roubou e assassinou o primeiro homem que encontrou, que acabou sendo o mensageiro de seu pai, que lhe trazia o dinheiro pelo qual ele o roubou e matou; o que, quando percebeu por uma carta que encontrou no bolso dele, confessou por remorso de consciência e foi enforcado; quando mais algumas horas de paciência poderiam ter salvo sua inocência e sua vida. E assim é com muitos miseráveis que retrocedem, que são cortados, não como Zinri e Cosbi no ato de seu pecado, mas logo depois; e desfrutam o prazer pelo qual abandonaram seu Deus por apenas um pouco de tempo.

Direção 4. Quando você for despertado para ver a terribilidade de um estado de recaída, retorne imediatamente e voe para Cristo para reconciliar sua alma culpada com Deus; e pare e não dê nem mais um passo em seu pecado, nem faça qualquer demora em retornar à sua fidelidade. É um caso triste demais para se continuar nele. Se você ousa demorar ainda mais e pecar deliberadamente de novo, você ainda é impenitente e seu coração está endurecido; e se o Senhor não tiver misericórdia de você, para chamá-lo rapidamente, você está perdido para sempre.

Direção 5. Fuja apressadamente das ocasiões de seu pecado e da companhia que o enreda nele. Se você soubesse que eles eram ladrões que pretendiam assassiná-lo, você iria embora; se soubesse que eles tinham chagas de peste correndo neles, você iria embora. E não irá embora quando sabe que eles são servos do diabo, que o infectariam com este pecado e o enganariam em sua salvação? Não diga: Esta companhia não é lícita, e aquele prazer não é lícito?, etc. Se for provável que seduza seu coração ao pecado, é ilícito para você, seja o que for para os outros; não é lícito destruir a sua alma.

Direção 6. Saia por meio de um arrependimento sólido e profundo, e envergonhe-se por uma livre confissão, e não minimize o assunto, e não lide gentilmente com o seu pecado, e não seja zeloso com o seu interesse carnal, e não cubra a ferida superficialmente, mas vá até o fundo, e não se engane com uma cura aparente. Muitos são arruinados por se arrependerem pela metade, e por se recusarem a assumir a vergonha por uma livre confissão, e por não se comprometerem com uma reforma completa por uma resolução abertamente professada. Favorecer a si mesmos e poupar a carne, quando a ferida deveria ser lancetada e examinada até o fundo, faz com que muitos pereçam, enquanto supunham que tinham sido curados.

Direção 7. Comande os seus sentidos e, pelo menos, abstenha-se dos atos externos de pecado, enquanto sua consciência considera mais o assunto. O bêbado não pode dizer que não tem poder para fechar a boca: deixe o copo proibido em paz; ninguém o obriga; você pode abster-se dele se quiser. O mesmo posso dizer de outros pecados de sensualidade. Comande sua mão, sua boca, seu olho, e guarde essas entradas e instrumentos do pecado.

Direção 8. Envolver algum amigo fiel para ajudá-lo em sua vigília. Abra todo o seu caso a alguém que seja apto para ser seu guia ou ajudante; e resolva que, sempre que for tentado ao pecado, irá imediatamente contar-lhe antes de cometê-lo; e peça-lhe que lide francamente com você; e dê-lhe poder para usar quaisquer vantagens que possam ser para o seu bem.

Direção 9. Pratique as suas primeiras obras e dedique-se seriamente a todos os deveres de uma vida santa; e incorpore-se na sociedade dos santos: pois o emprego santo e a companhia santa são preservativos muito grandes contra todo pecado.

Direção 10. Vá imediatamente aos seus companheiros de pecado e lamente por ter se unido a eles, e avise-os e peça-lhes seriamente que se arrependam; e se eles não quiserem, renuncie ao curso e à companhia deles, e diga-lhes o que Deus lhe mostrou do pecado e do perigo. Se realmente você quer retornar, assim como com Pedro você caiu, assim com Pedro saia e chore amargamente; e quando você for convertido, fortaleça seus irmãos e ajude a recuperar aqueles com quem você pecou (Lc 22:32).

Adapte a maioria destas orientações àqueles que recaem em pecados de sensualidade, em vez daqueles que caem no

ateísmo, infidelidade ou heresia; porque já falei contra esses pecados; e as orientações ali dadas mostram o caminho para a recuperação de tais pessoas.

***Orientações para prevenir o Retrocesso,
ou para a Perseverança.***

A apostasia e o retrocesso são estados que são mais facilmente prevenidos do que curados; e, portanto, desejo que aqueles que estão de pé usem as seguintes orientações, para que não caiam.

Direção 1. Esteja bem fundamentado na natureza e nas razões de sua religião. Pois não é o mais alto zelo e resolução que o fará perseverar, se o seu julgamento não estiver munido de razões suficientes para refutar os contraditores e evidenciar a verdade, e dizer-lhe por que você deve perseverar. Falo isso com dor e vergonha que não podem ser escondidas: o número de cristãos que são bem versados nas razões e métodos do cristianismo, e são capazes de provar o que sustentam ser verdade e de refutar os opositores, é tão pequeno que me aflige muito pensar que trabalho os ateus e infiéis fariam se uma vez jogassem abertamente o seu jogo e fossem deixados soltos para fazer o seu pior! Se eles ridicularizarem e se opuserem à imortalidade da alma, e à vida futura, e à verdade das Escrituras, e à obra da redenção, e ao ofício de Cristo; ai de mim, quão poucos são capazes de resistir-lhes, dando qualquer razão suficiente de sua esperança! Aprendemos com os papistas que tem a fé mais forte aquele que crê com menos razão; e fomos (verdadeiramente) ensinados que negar os nossos fundamentos é o crime horrível da infidelidade; e, portanto, porque é um crime tão horrível negá-los ou questioná-los, pensamos que não precisamos estudar para

prová-los: e assim a maioria aceitou seu fundamento por confiança (e de fato mal são capazes de suportar a prova dele), e gastaram seus dias na superestrutura e em aprender a provar os pontos controversos e menos necessários. Tanto que temo que haja mais pessoas capazes de provar os pontos que um antinomiano ou um anabatista negam do que de provar a imortalidade da alma, ou a verdade da Escritura, ou o cristianismo; e de disputar sobre uma cerimônia, ou forma de oração, ou governo da igreja, do que de disputar por Cristo contra um infiel. De modo que o trabalho deles está preparado em suas mãos, e não é uma grande vitória vencer tais almas cruas e instáveis.

Direção 2. Leve cada verdade sagrada em que você crê para o seu próprio coração e vida; e veja que tudo seja digerido em amor e prática santos. Quando o seu alimento é transformado em nutrição vital, em carne e sangue, não é expelido por qualquer coisa que o faça passar mal e revire o seu estômago; como pode acontecer antes de ser digerido, distribuído e incorporado. A verdade que é apenas conhecida superficialmente é como a comida que não está digerida no estômago: mas a verdade que é transformada no amor de Deus e de uma vida santa é transformada em uma nova natureza e não será abandonada tão facilmente.

Direção 3. Cuidado com as doutrinas de presunção e segurança, e cuidado para não cair, pensando que é tão impossível cair que você está fora de todo perigo. O pacto da graça encoraja você suficientemente a obedecer e esperar, contra as tentações ao desespero e ao abandono dos meios: mas não encoraja ninguém a presumir ou pecar, ou a abandonar os meios como coisas desnecessárias. Lembre-se de que, se você algum dia quiser permanecer de pé, o medo de cair deve ajudá-lo a permanecer; e se você algum dia quiser perseverar, deve

ser por ver o perigo de retroceder, a ponto de ficar com medo e apressar-se nos meios que são necessários para preveni-lo. Não é mais certo que você perseverará do que é certo que usará os meios de perseverar: e um dos meios é, ao ver o seu perigo, ser despertado para o medo e a cautela para escapá-lo. Porque é minha intenção nesta direção salvar os homens de perecerem pela segurança baseada no abuso da doutrina da perseverança, espero que ninguém se ofenda por eu apresentar estes antídotos.

1. Considere que a doutrina da perseverança nada tem em si para encorajar a segurança. As próprias controvérsias sobre ela podem levá-lo a concluir que um pecado certo não deve ser construído sobre uma doutrina controversa. Até o tempo de Agostinho, é difícil encontrar quaisquer escritores antigos que afirmassem claramente a perseverança certa de qualquer pessoa. Agostinho e Próspero defendem a perseverança certa de todos os eleitos, mas negam a perseverança certa de todos os que são regenerados, justificados ou santificados; pois pensavam que mais pessoas eram regeneradas e justificadas do que eram eleitas, das quais algumas permaneciam (todos os eleitos) e as demais caíam: de modo que confesso que nunca li um pai antigo, ou escritor cristão, que algum dia defendesse a certeza da perseverança de todos os justificados por muitos séculos, se não mil anos depois de Cristo. E uma doutrina que foi desconhecida pela igreja por tanto tempo não tem aquela certeza, ou aquela necessidade, para encorajá-lo a qualquer presunção ou segurança. As igrejas foram salvas por muitos séculos sem acreditar nela.
2. A doutrina da perseverança é contra a segurança, porque une o fim e os meios: pois aqueles que ensinam

que os justificados nunca cairão totalmente da graça, também ensinam que eles nunca cairão totalmente na segurança, ou em qualquer pecado reinante; pois isto é cair da graça. E ensinam que eles nunca cairão totalmente do uso dos meios necessários para sua preservação; nem do evitar cauteloso do perigo de suas almas: Deus não decreta simplesmente que você perseverará; mas que você será mantido em perseverança pelo medo do seu perigo e pelo uso cuidadoso dos meios; e que você perseverará nestes, bem como em outras graças. Portanto, se você cair na segurança e no pecado, você cai da graça e mostra que Deus nunca decretou ou prometeu que você nunca cairia.

3. Considere quão longe muitos foram que caíram: as instâncias de nossos tempos são muito superiores a quaisquer que eu possa nomear da história. Homens que pareciam andar humildemente e santamente, temendo todo pecado, irrepreensíveis em suas vidas, zelosos na religião por vinte ou trinta anos seguidos, caíram ao ponto de negar a verdade ou a certeza das Escrituras, a divindade de Cristo, se não o próprio cristianismo. E muitos que não caíram totalmente, caíram, no entanto, em pecados tão graves que os tornam um aviso terrível para todos nós, para que tomemos cuidado com a presunção e a segurança carnal.
4. A graça não é, em sua natureza, uma coisa que não possa perecer ou ser perdida. Pois: 1. É uma qualidade separável. 2. Adão a perdeu. 3. Nós perdemos um grande grau dela com muita frequência; e os graus restantes são da mesma natureza. Não é apenas possível em si mesma perdê-la, mas fácil demais; e não é possível sem a graça cooperante mantê-la.

5. A graça não nos é natural: amar o nosso conforto, honra e amigos é natural; mas amar a Cristo e seus caminhos e servos santos não nos é natural: de fato, quando o fazemos, são as nossas faculdades naturais que o fazem, mas não como naturalmente dispostas a isso, mas como inclinadas pela cura da graça sobrenatural. Comer, beber e dormir não esquecemos, porque a própria natureza nos lembra deles; mas o aprendizado e os hábitos adquiridos podem ser perdidos, se não estiverem profundamente enraizados, e comumente conclui-se quanto à natureza deles que *habitus infusi habent se ad modum acquisitorum* [os hábitos infusos comportam-se à maneira dos adquiridos].
6. A graça é, por assim dizer, uma estranha ou recém-chegada em nós. Ela está lá há pouco tempo e, portanto, somos inexperientes e pouco familiarizados com o uso e a melhoria corretos dela, e somos mais propensos a esquecer o nosso dever, ou a negligenciá-lo, ou a fazer ignorantemente aquilo que tende à sua destruição.
7. A graça habita em um coração que não está totalmente despojado daqueles objetos que são contra o seu trabalho, nem liberto daqueles princípios que têm inimidade contra ela. O amor ao mundo e à carne estava no coração antes do amor a Deus e à santidade, e a ignorância estava antes do conhecimento, e o orgulho antes da humildade, e o egoísmo antes da abnegação. Estes não estão totalmente erradicados; lidamos tão gentilmente com eles (como os israelitas com os cananeus, jebuseus e outros habitantes da terra) que eles são deixados para nos provar e para serem espinhos em nossos lados. E a guarnição não está livre de perigo quando tem um inimigo sempre alojado dentro dela. Nossos inimigos estão na casa conosco, deitam-se e levantam-se conosco, e estão tão perto de nós quanto

nossa carne e ossos: nunca podemos estar onde eles não estão, nem deixá-los para trás, para onde quer que vamos ou o que quer que façamos. Não é de admirar que o irmão seja contra o irmão, e o pai contra o filho, quando somos tão contra nós mesmos. E ainda estamos seguros?

8. E o número de armadilhas que ainda estão diante de nós, e dos inimigos sutis e maliciosos de nossas almas, pode facilmente nos convencer de que não estamos totalmente livres de perigo. Quão sutil e diligente é o diabo! Quanto seus servos o imitam! Cada criatura ou pessoa com quem temos que lidar, e cada misericórdia comum que recebemos, tem matéria de perigo nela, que nos chama ao medo e à vigilância.
9. A perseverança nada mais é do que a nossa continuação na graça que recebemos: e esta graça consiste tanto em ato quanto em hábito: e o hábito é para a ação; e o ato é o que aumenta e continua o hábito. E o medo de Deus, e a crença em suas ameaças, e o arrependimento, e a vigilância, e a obediência diligente, são uma grande parte desta graça. E os atos são nossos, realizados por nós mesmos, com a ajuda de Deus: Deus não crê, não se arrepende e não obedece em nós, mas faz com que nós mesmos o façamos. Portanto, tornar-se frio, seguro e pecaminoso, sob o pretexto de que temos a certeza de perseverar, isto é cessar de perseverar e cair, porque temos a certeza de perseverar e não cair: o que é uma mera contradição.
10. Por último, reflita bem sobre o significado de todos estes textos da Escritura e a razão pela qual o Espírito Santo nos fala desta maneira. Cl 1 :21-23: "E a vós... agora também vos reconciliou... para perante ele vos apresentar santos... se, na verdade, permanecerdes fundados e firmes na fé, e não vos moverdes da

esperança do evangelho". Jo 15:4-6: "Estai em mim, e eu em vós... Se alguém não estiver em mim, será lançado fora, como a vara, e secará... Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes". Hb 4:1: "Temamos, pois, que, porventura, deixada a promessa de entrar no seu descanso, pareça que algum de vós fica para trás". Jd 21: "Conservai-vos a vós mesmos no amor de Deus". 1Co 10:4, 5, 12: "Bebiam da pedra espiritual que os seguia; e a pedra era Cristo. Mas Deus não se agradou da maior parte deles... Aquele, pois, que pensa estar em pé, veja não caia". Rm 11:20, 21: "Não te ensoberbeças, mas teme. Porque, se Deus não poupou os ramos naturais, teme que não te poupe a ti também". Gl 5:4: "Da graça decaístes". Mt 10:22: "Aquele que perseverar até ao fim será salvo" (Mt 24:13). Hb 3:6, 14: "Cuja casa somos nós, se tão somente conservarmos firme a confiança e a glória da esperança até ao fim. Porque nos tornamos participantes de Cristo, se retivermos firmemente o princípio da nossa confiança até ao fim". Hb 4:11: "Procuremos, pois, entrar naquele descanso, para que ninguém caia no mesmo exemplo de desobediência". Ap 2:25, 26: "O que tendes, retende-o até que eu venha. E ao que vencer, e guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei poder sobre as nações" (Ap 3:2, 3; 2:4).

Cuidado, portanto, com aquela doutrina que lhe diz que os pecados futuros já lhe foram todos perdoados antes de serem cometidos, e que você está justificado deles, e que é ilícito ter medo de cair, porque isso seria impossível, etc. Pois nenhum pecado é perdoado antes de ser cometido (embora o remédio esteja providenciado), pois então ele ainda não é pecado; e você não está justificado de nenhum pecado além do que ele

foi perdoado. Suponha que Deus decrete, ou apenas preveja o ato mais livre e contingente, e haverá uma impossibilidade lógica na ordem da consequência de que seja de outra forma do que ele assim decreta ou prevê. Mas isso não infere nenhuma impossibilidade natural na coisa em si; pois Deus não decreta nem prevê que a queda de tal homem será impossível, mas apenas *non futurum* [não futura].

Direção 4. De maneira especial, cuidado com a companhia e a doutrina dos enganadores; sim, embora pareçam homens muito religiosos, e estejam eles mesmos primeiro enganados, e pensem que estão certos. E cuidado para não cair em um partido dividido, que se separa da generalidade das pessoas verdadeiramente sábias e piedosas. Pois isso tem sido uma introdução comum ao retrocesso: a falsa doutrina tem um poder imenso sobre o coração. E aquele que consegue separar uma das ovelhas do resto do rebanho tem uma vantagem considerável para levá-la embora (Rm 16:16, 17).

Direção 5. Seja muito vigilante contra o pecado do orgulho, especialmente o orgulho dos dons, ou do conhecimento, ou da santidade, que alguns chamam de orgulho espiritual; pois Deus está empenhado em abater os orgulhosos. "A soberba precede a destruição, e a altivez do espírito precede a queda" (Pv 16:18). Satanás assaltou nossos primeiros pais pelo mesmo caminho por onde ele mesmo caiu; e seu sucesso o encoraja a tentar o mesmo caminho com a posteridade deles. E, ai de nós, quão grandemente ele tem tido sucesso em todas as eras do mundo até agora!

Direção 6. Cuidado com um coração dividido e hipócrita, que nunca foi firmemente resolvido por Deus, sob a expectativa do pior e sob termos de abnegação, nem nunca foi bem desprendido do amor a este mundo presente, nem creu

firmemente na vida futura. Pois não é de admirar que caia da graça aquele que nunca teve graça senão a comum, que nunca renovou sua alma. Não é de admirar que amigos de coração falso nos abandonem quando o interesse deles o exige; nem que a semente que nunca teve profundidade de terra não produza fruto, senão o que murchará quando surgir a perseguição, ou que aquilo que é semeado entre espinhos seja sufocado (Mt 13). Sente-se e calcule quanto lhe custará ser cristão, e não receba a Cristo por engano ou com reservas.

Direção 7. Cuidado para que o mundo, ou qualquer coisa nele, não roube novamente o seu coração e lhe pareça doce demais. Se seus amigos, ou habitações, ou terras e riquezas, ou honras, começarem a tornar-se excessivamente agradáveis e forem amados além da conta, seus pensamentos serão imediatamente levados após eles e desviados de Deus, e todo afeto santo será amortecido e decairá, e a graça cairá em um estado de definhamento. É o amor ao dinheiro que é a raiz de todos os males; e o amor a este mundo que é o inimigo mortal do amor de Deus. Mantenha o mundo longe de seu coração, se quiser manter suas graças.

Direção 8. Mantenha um governo e uma vigilância estritos sobre seu apetite e sentidos carnis. Pois o afrouxar das rédeas às luxúrias carnis e o ceder à importunidade dos desejos sensuais é a maneira mais comum de desperdiçar a graça e afastar-se de Deus.

Direção 9. Mantenha-se tão longe quanto puder das tentações e de todas as ocasiões e oportunidades de pecar. Não confie em sua própria força; e não seja tão temerário a ponto de se lançar em perigos desnecessários. Nenhum homem está seguro por muito tempo estando à beira da ruína: se o fogo e a palha

estiverem muito tempo perto um do outro, é provável que alguma faísca os atinja por fim.

Direção 10. Incorpore-se na comunhão dos santos e caminhe com aqueles que vão em direção ao céu, e envolva-se no uso constante de todos os meios que Deus lhe designou para sua perseverança; especialmente cuidado com uma vida ociosa, preguiçosa e improfícua: e mantenha suas graças no exercício mais vivo; pois o preguiçoso é irmão do desperdiçador; e a ociosidade consome ou corrompe nossa saúde e força espiritual, tanto quanto a corporal. Dedique-se diligentemente ao trabalho enquanto é dia, e faça todo o bem que puder em seu lugar: pois são os atos que preservam e aumentam os hábitos; e uma religião que consiste apenas em não fazer mal é tão sem vida e corrupta que perecerá rapidamente.

Direção 11. Mantenha sempre diante de seus olhos o caso deplorável de quem retrocedeu (que expus anteriormente). Oh, que horror está esperando para apoderar-se de suas consciências! Quantos deles conhecemos que, em seus leitos de morte, ficaram rugindo na angústia de suas almas, gritando: "Estou totalmente abandonado por Deus, porque eu o abandonei! Não há misericórdia para um miserável apóstata como eu: oh, que eu nunca tivesse nascido, ou tivesse sido qualquer coisa antes que um homem! Maldito seja o dia em que dei ouvidos ao conselho dos ímpios e em que agradei a esta carne corruptível, para a ruína total da minha alma! Oh, que tudo pudesse ser feito de novo! Tome aviso por um pecador louco e embrutecido, que perdeu sua alma por aquilo que eu sabia que nunca me daria satisfação, e que se afastou de Deus quando o tinha achado bom e gracioso". Oh, não se prepare para tais dores como estas, ou piores que estas, em desespero sem fim.

Direção 12. Não faça pouco caso dos começos de seu retrocesso. São muito poucos os que caem totalmente de uma vez; a miséria rasteja por graus imperceptíveis. Você pensa que é pouca coisa encurtar um dever, omitir outro e ser negligente em outro; e entreter alguns pensamentos agradáveis do mundo; ou primeiro olhar para o fruto proibido, depois tocá-lo e depois prová-lo; mas estes são os caminhos para aquilo que não é pequeno. Um pensamento, ou um olhar, ou um gosto, ou um deleite começou com muitos aquilo que nunca parou até que os envergonhasse aqui e os condenasse para sempre.

CAPÍTULO 27

ORIENTAÇÕES PARA OS POBRES

Não há condição de vida tão baixa ou pobre que não possa ser santificada, frutífera e confortável para nós, se nosso próprio mal-entendido, ou pecado e negligência, não a poluírem ou amargurarem para nós: se cumprirmos o dever de nossa condição fielmente, não teremos causa para murmurar dela. Portanto, orientarei aqui os pobres nos deveres especiais de sua condição; e se eles apenas os realizarem conscientemente, isso provará ser uma bondade maior para eles do que se eu pudesse livrá-los de sua pobreza e dar-lhes tantas riquezas quanto desejassem. Embora eu duvide que isso seria mais agradável para a maioria, e eles me dariam mais agradecimentos por dinheiro do que por ensiná-los como carecer dele.

Direção 1. Compreenda primeiro o uso e a estimativa de todas as coisas terrenas: que elas nunca foram feitas para serem sua porção e felicidade, mas sua provisão e auxílio no caminho para o céu. E, portanto, não devem ser estimadas nem desejadas simplesmente por si mesmas (pois assim nada é bom senão Deus), mas apenas como meios para o bem maior. Portanto, nem a pobreza nem as riquezas devem ser simplesmente motivo de alegria por si mesmas, como qualquer parte de nossa felicidade; mas aquela condição deve ser desejada e motivo de alegria quando nos oferece os maiores auxílios para o céu, e somente aquela condição deve ser lamentada e rejeitada quando mais nos impede do céu e de nosso dever.

Direção 2. Veja, portanto, que você realmente tome todas essas coisas como assuntos em si mesmos indiferentes e de pequena importância para você; e como não dignos de muito amor, ou

cuidado, ou tristeza, além do que conduzem a coisas maiores. Somos como corredores em uma corrida, e o céu ou o inferno será o nosso fim; e, portanto, ai de nós se, ao olharmos para o lado, ou voltarmos atrás, ou pararmos, ou brincarmos com esses assuntos, ou nos sobrecarregarmos com o lixo mundano, perdermos a corrida e perdermos nossas almas. Oh, senhores, que assuntos maiores do que pobreza ou riquezas temos para cuidar! Podem aquelas almas que em breve estarão no céu ou no inferno ter tempo para dedicar quaisquer pensamentos sérios a essas impertinências? Devemos sequer "olhar para as coisas temporais que se veem, em vez das coisas eternas que não se veem?" (2Co 4:18). Ou devemos lamentar sob essas leves aflições, que podem ser tão aproveitadas a ponto de "produzir para nós um peso eterno de glória mui excelente?" (v. 17). Nossa vida presente "não consiste na abundância das coisas que possuímos" (Lc 12:15); muito menos a nossa vida eterna.

Direção 3. Portanto, cuidado para não julgar o amor de Deus, ou sua felicidade ou miséria, por suas riquezas ou pobreza, prosperidade ou adversidade, sabendo que elas vêm igualmente a todos, e o amor ou o ódio não devem ser discernidos por elas; exceto apenas o amor comum de Deus, visto que são misericórdias comuns ao corpo. Se um cirurgião não deve ser tomado por alguém que o odeia porque lhe tira sangue, nem um médico porque purga seu paciente, nem um pai porque corrige seu filho; muito menos Deus deve ser julgado um inimigo para você, ou sem misericórdia, porque a sabedoria dele, e não a sua loucura, dispõe de você e proporciona seus bens. Uma mente carnal julgará sua própria felicidade e o amor de Deus por coisas carnis, porque não saboreia as misericórdias espirituais: mas a graça dá ao cristão outro julgamento, sabor e desejo; assim como a natureza coloca o homem acima da comida e dos prazeres de um animal.

Direção 4. Creia firmemente que Deus é, em todos os sentidos, mais apto do que você para dispor de seus bens e de você. Ele é infinitamente sábio e sabe o que é melhor e mais adequado para você: ele sabe de antemão que bem ou mal qualquer estado de fartura ou carência lhe fará: ele conhece todas as suas corrupções e qual condição mais conduzirá a fortalecê-las ou destruí-las, e quais serão suas maiores tentações e armadilhas, e qual provará ser seu estado mais seguro; muito melhor do que qualquer médico ou pai sabe como prescrever a dieta de seu paciente ou de seu filho. E o amor e a bondade dele são muito maiores para você do que os seus são para si mesmo; e, portanto, ele não faltará na disposição de lhe fazer o bem: e a autoridade dele sobre você é absoluta e, portanto, a disposição que ele faz de você deve ser inquestionável. "É o Senhor; faça o que bem lhe parecer" (1Sm 3:18). A vontade de Deus deve ser o descanso e a satisfação de suas vontades (At 21:14).

Direção 5. Creia firmemente que, ordinariamente, as riquezas são muito mais perigosas para a alma do que a pobreza, e um impedimento maior para a salvação dos homens. Creia na experiência; quão poucos dos ricos e governantes da terra são homens santos, celestiais, abnegados e mortificados! Creia em nosso Salvador: "Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas! Porque é mais fácil entrar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus. E os que ouviram isto disseram: Quem poderá, pois, salvar-se? E ele respondeu: As coisas que são impossíveis aos homens são possíveis a Deus" (Lc 18:24, 25, 27). Assim, você vê que a dificuldade de salvar os que são ricos é tão grande que, para os homens, é uma coisa impossível, mas apenas para a onipotência de Deus é possível. Assim diz 1Co 1:26: "Porque, vede, irmãos, a vossa vocação, que não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os

nobres que são chamados". Creia nisso, e isso evitará muitos erros perigosos.

Direção 6. Daqui você pode perceber que, embora nenhum homem deva orar absolutamente nem por riquezas nem por pobreza, contudo, das duas, é mais racional ordinariamente orar contra as riquezas do que por elas, e ficar antes perturbado quando Deus nos faz ricos do que quando nos faz pobres. (Refiro-me a isso em relação a nós mesmos, conforme qualquer uma delas pareça conduzir ao nosso próprio bem ou mal; embora para fazer o bem aos outros, as riquezas sejam mais desejáveis). Isso não pode ser negado por nenhum homem que crê em Cristo: pois nenhum homem sábio ansiará pelo impedimento de sua salvação, ou orará a Deus para tornar a sua salvação uma coisa tão difícil quanto um camelo passar pelo fundo de uma agulha; quando a salvação é um assunto de momento tão indizível, e nossa força é tão pequena, e as dificuldades já são tantas e tão grandes.

Objeção: Mas Cristo não nega que as dificuldades para os pobres possam ser igualmente grandes.

Resposta: Para algumas pessoas particulares, por outros motivos, pode ser assim; mas está claro no texto que Cristo fala comparativamente de tais dificuldades que os ricos tinham mais do que os pobres.

Objeção: Mas então, como somos obrigados a ser gratos a Deus por nos dar riquezas ou abençoar nossos trabalhos?

Resposta: 1. Você deve ser grato por elas porque, em sua própria natureza, são boas, e é por acidente, através de sua própria corrupção, que se tornam tão perigosas. 2. Porque você pode fazer o bem com elas aos outros, se tiver coração para

usá-las bem. 3. Porque Deus, ao dá-las a você em vez de a outros, significa (se você é filho dele) que elas são mais adequadas para você do que para outros. Em um hospício e entre crianças tolas, é uma bondade manter o fogo, as espadas e as facas fora do caminho delas; mas, ainda assim, são úteis para pessoas que têm o uso da razão. Mas nossa loucura em assuntos espirituais é tão grande que temos pouca causa para sermos ávidos demais por aquilo que estamos inclinados a abusar tão perigosamente, e que prova ser a ruína da maioria dos que o possuem.

Direção 7. Veja que sua pobreza não seja fruto de sua ociosidade, glotonaria, embriaguez, orgulho ou qualquer outro pecado que agrade à carne. Pois se você a traz sobre si mesmo dessa forma, nunca poderá esperar que ela seja santificada para o seu bem, até que um arrependimento sólido o tenha desviado do pecado: nem você é objeto digno de muita piedade dos homens (exceto como você é um pecador miserável). Aquele que prefere ter sua facilidade e prazer, embora com carência, do que ter fartura e carecer de sua facilidade e prazer, é lamentável que tenha algo melhor do que escolhe.

1. A preguiça e a ociosidade são pecados que naturalmente tendem à carência, e Deus fez com que fossem punidos com a pobreza; como você pode ver em Pv 12:24, 27; 18:9; 21:25; 24:34; 26:14, 15; 6:11; 20:13. Sim, ele ordena que, se alguém (que é capaz) "não quiser trabalhar, não coma também" (2Ts 3:10). No suor do seu rosto comerão o seu pão (Gn 3:19); e "seis dias trabalharão e farão toda a sua obra". Sustentar sua ociosidade é um pecado em outros. Se você quer agradar sua carne com a facilidade, ela deve ser desagradada com a carência; e você deve sofrer o que escolhe.

2. A glotonaria e a embriaguez são devoradores tão bestiais da misericórdia e abusadores da humanidade que a vergonha e a pobreza são sua punição e cura. Pv 23:20, 21: "Não estejas entre os bebedores de vinho, nem entre os comilões de carne. Porque o bebedor e o comilão cairão em pobreza; e a sonolência faz trazer vestidos rotos". Não é lícito a ninguém alimentar os apetites gananciosos de tais pessoas: se elas escolhem um curto excesso antes de uma competência mais longa, que tenham sua escolha.
3. O orgulho também é um pecado consumista e desperdiçador: ele sacrifica as misericórdias de Deus ao diabo, servindo-o por meio delas, em seu pecado primogênito. Pessoas orgulhosas devem gastar em pompa e ostentação para se exibirem aos olhos dos outros; em edifícios, entretenimentos, roupas finas e curiosidades: e a pobreza é também tanto a punição adequada quanto a cura deste pecado: e é crueldade alguém salvá-las disso e resistir a Deus, que, ao humilhá-las, toma o caminho para lhes fazer o bem (Pv 11:2; 29:23; 16:18).
4. A falsidade também, e o engano, e o ganho injusto tendem à pobreza; pois Deus frequentemente, mesmo nesta vida presente, entra assim em juízo com o injusto. A riqueza mal adquirida é como fogo no colmo, e traz muitas vezes uma maldição secreta e destruição sobre todo o resto. O mesmo se pode dizer da falta de misericórdia para com os pobres; que é frequentemente amaldiçoada com a pobreza, enquanto os liberais são abençoados com a fartura (Pv 11:24, 25; Is 32:8; Sl 73:21, 22, 25, 26, 34, 35).

Direção 8. Esteja familiarizado com as tentações especiais dos pobres, para que possa estar equipado para resisti-las. Cada

condição tem suas próprias tentações, contra as quais as pessoas nessa condição devem estar especialmente fortificadas e vigiar; e nisso consiste muito da sabedoria e segurança de um cristão.

Tentação 1. Uma tentação da pobreza será levá-lo a pensar mais alto das riquezas e honras do que deveria; a fazê-lo pensar que os ricos são muito mais felizes do que são. Pois o mundo é como todos os outros enganadores; é mais estimado onde é menos conhecido. Aqueles que nunca experimentaram uma vida de riqueza, fartura e prosperidade, tendem a admirá-la e pensar que é mais esplêndida e melhor do que é. E assim você pode ser levado a amar o mundo excessivamente pela carência, tanto quanto outros homens pela fartura. Contra isso, lembre-se de que é tolice admirar o que você nunca provou nem conheceu; e observe se todos os homens não o vilipendiam, aqueles que o provaram até o fim: homens moribundos chamam-no de nada melhor que vaidade e engano. E é um orgulho rebelde em você contradizer tanto a sabedoria de Deus a ponto de pensar mais alto daquela condição que ele julgou pior para você; e apaixonar-se por aquilo que ele lhe nega.

Tentação 2. Os pobres também serão tentados ao cuidado excessivo com suas necessidades e assuntos mundanos; eles pensarão que a necessidade o exige neles e os desculpará. Tanto cuidado é o seu dever quanto for necessário para a correta execução do seu trabalho. Cuide de como cumprir seus próprios deveres; mas não seja cuidadoso demais com o evento, que pertence a Deus. Se você cuidar do que deve ser e fazer, Deus cuidará suficientemente do que você terá. E, sendo assim, se você fizer fielmente o seu negócio, seu outro cuidado nada acrescentará ao sucesso, nem o tornará mais rico, mas apenas afligirá e inquietará sua mente. É aos pobres, tanto

quanto aos ricos, que Deus ordenou que não andassem ansiosos por coisa alguma e que lançassem todo o seu cuidado sobre ele.

Tentação 3. A pobreza também o tentará à murmuração, impaciência e descontentamento, e a desentender-se com os outros; o que, por ser uma das principais tentações, falarei por si só logo adiante.

Tentação 4. Também você será tentado a cobiçar mais: Satanás faz da pobreza uma armadilha para levar muitas criaturas necessitadas a uma cobiça maior do que a de muitos ricos; ninguém tem sede mais ávida por mais; e, no entanto, sua pobreza os cega, de modo que não conseguem ver que são cobiçosos, ou então a desculpam como algo justificável. Eles pensam que não desejam mais do que o necessário, e que não é cobiça se não desejam supérfluos. Mas você não cobiça mais do que Deus lhe distribui? E não está descontente com a porção dele? E não sabe ele melhor o que é necessário para você e o que é supérfluo? O que é cobiça, então, se isto não for?

Tentação 5. Também você será tentado a invejar os ricos e a censurá-los em assuntos onde você é juiz incompetente. É comum os pobres falarem dos ricos com inveja e censura; chamam-nos de cobiçosos apenas porque são ricos, especialmente se não lhes dão nada; quando não sabem que tipos de despesas necessárias eles têm, nem sabem a quantos outros eles são liberais, com os quais você não tem familiaridade. Até que veja as contas deles, você é inapto para censurá-los.

Tentação 6. Os pobres também serão tentados a usar meios ilícitos para suprir suas necessidades. Quantos, pela tentação da necessidade, foram tentados a condescender com pecadores, e ferir suas consciências, e mentir e lisonjear por favor ou

promoção, ou para enganar, ou roubar, ou trapacear! Um preço caro! Comprar a comida que perece com a perda ou risco da vida eterna; e perder suas almas para prover para sua carne!

Tentação 7. Também você será tentado a negligenciar sua alma e omitir seus deveres espirituais e, como Marta, a estar perturbado com muitas coisas, enquanto a única coisa necessária é esquecida; e você pensará que a necessidade desculpará tudo isso; sim, alguns pensam que serão salvos porque são pobres e dizem: Deus não os punirá nesta vida e na outra também. Mas, ai de nós, vocês são mais inescusáveis que os ricos se forem ímpios e descasados da vida futura. Pois aquele que amará uma vida de pobreza e miséria melhor do que o céu, merece de fato ficar sem ele, muito mais do que aquele que prefere uma vida de fartura e prosperidade a ele. Deus o ensinou por sua providência a saber que você deve ou ser feliz no céu, ou em lugar nenhum; se você quer ser mundano e trocar o céu por sua parte na terra, que pobre negócio você provavelmente fará! Amar trapos, e labuta, e carência, e tristeza, melhor do que a alegria e felicidade eterna, é o tipo mais irracional de impiedade no mundo. É verdade que você não é chamado a gastar tantas horas dos dias da semana em leitura e meditação como alguns que têm maior lazer; mas você tem motivos para buscar o céu e colocar seu coração nele tanto quanto eles; e deve pensar nisso quando estiver em seu trabalho, e aproveitar as oportunidades para seus deveres espirituais que lhe são permitidas. A pobreza não desculpará a impiedade em ninguém! Nada é tão necessário quanto o serviço de Deus e sua salvação; e, portanto, nenhuma necessidade pode desculpá-lo disso. Leia o caso de Maria e Marta (Lc 10:41, 42). Alguém pensaria que seus corações deveriam estar totalmente voltados para o céu, vocês que não têm outra coisa senão ele em que confiar. Os pobres têm menos impedimentos que os ricos no caminho para a vida eterna! E

Deus não salvará homem algum porque ele é pobre; mas condenará pobres e ricos que forem ímpios.

Tentação 8. Outra grande tentação dos pobres é negligenciar a educação santa de seus filhos; de modo que, na maioria dos lugares, não há ninguém tão ignorante, e rude, e pagão, e relutante em aprender, como as pessoas mais pobres e seus filhos: eles nunca os ensinam a ler, nem lhes ensinam nada para a salvação de suas almas; e pensam que sua pobreza será uma desculpa para tudo; quando a razão lhes diz que ninguém deveria ser mais cuidadoso em ajudar seus filhos para o céu do que eles, que nada lhes podem dar na terra.

Direção 9. Esteja familiarizado com os deveres especiais dos pobres; e realize-os cuidadosamente. São estes:

1. Que seus sofrimentos o ensinem a desprezar o mundo; será uma pobreza feliz se apenas ajudar a desmamar seus afetos de todas as coisas abaixo; para que você dê ao mundo tão pouco valor quanto ele merece.
2. Seja eminentemente voltado para as coisas celestiais; quanto menos você tem ou espera nesta vida, mais fervorosamente busque uma melhor. Você é, pelo menos, tão capaz dos tesouros celestiais quanto os maiores príncipes; Deus propositalmente estreita sua condição no mundo para que possa forçar seu coração para cima, para si mesmo, e ensiná-lo a buscar primeiro aquilo que de fato vale a pena buscar (Mt 6:33, 19-21).
3. Aprenda a viver somente de Deus; estude sua bondade, e fidelidade, e autossuficiência; quando você não tiver um lugar nem um amigo no mundo a quem possa confortavelmente recorrer para alívio, retire-se para Deus, e confie nele, e habite tanto mais com ele. Se sua

pobreza tiver apenas este efeito, será melhor para você do que todas as riquezas do mundo.

4. Seja laborioso e diligente em suas vocações: tanto o preceito quanto a necessidade o chamam a isso; e se você o serve alegremente no trabalho de suas mãos, com uma mente celestial e obediente, será tão aceitável a ele como se você tivesse gasto todo esse tempo em exercícios mais espirituais; pois ele prefere ter a obediência do que o sacrifício; e todas as coisas são puras e santificadas para os puros; se você serve a Deus alegremente no trabalho mais humilde, é tanto mais aceitável para ele quanto mais houver sujeição e submissão em sua obediência.
5. Seja humilde e submisso a todos. Um homem pobre e orgulhoso é duplamente odioso; e se a pobreza curar seu orgulho e ajudá-lo a ser verdadeiramente humilde, não será pequena misericórdia para você.
6. Você é especialmente obrigado a mortificar a carne e manter seus sentidos e apetites em sujeição; porque você tem auxílios maiores para isso do que os ricos; você não tem tantas iscas de luxúria, e lascívia, e gluttonaria, e volúpia como eles.
7. Suas carências corporais devem fazê-lo lembrar-se mais sensivelmente de suas carências espirituais; e ensiná-lo a valorizar as bênçãos espirituais: pense consigo mesmo: se um corpo faminto, frio e nu é uma calamidade tão grande, quanto maior é uma alma culpada e sem graça, um coração morto ou doente! Se a comida corporal e o necessário são tão desejáveis, oh, quão desejável é Cristo e seu Espírito, e o amor de Deus e a vida eterna!
8. Você deve, acima de todos os homens, ser um cuidadoso remidor do seu tempo; especialmente do dia do Senhor; seus trabalhos ocupam tanto do seu tempo

que você deve ser o mais cuidadoso em agarrar cada oportunidade para sua alma! Levante-se mais cedo para conseguir meia hora para o dever sagrado; e medite em coisas santas em seus trabalhos, e passe o dia do Senhor em especial diligência, e alegre-se com tais estações; e que a escassez preserve seus apetites.

9. Esteja disposto a morrer; visto que o mundo lhe dá um entretenimento tão frio, esteja mais contente em deixá-lo ir quando Deus o chamar; pois o que há aqui para reter seu coração?
10. Acima de todos os homens, você deve ser o mais destemido quanto aos sofrimentos vindos dos homens e, portanto, fiel a Deus e à consciência; pois você não tem grande coisa de honra, ou riquezas, ou prazer a perder: assim como você não teme um ladrão quando não tem nada para ele lhe roubar.
11. Seja especialmente cuidadoso em preparar seus filhos também para o céu: providencie-lhes uma porção que é melhor do que um reino; pois você pouco pode providenciar para eles no mundo.
12. Seja exemplar na paciência e no contentamento com seu estado: pois essa graça deve ser a mais forte em nós quando é a mais exercitada; e a pobreza o chama ao exercício frequente desta.

Direção 10. Esteja especialmente munido com aquelas razões que devem mantê-lo em um contentamento alegre com seu estado; e que possam suprimir cada pensamento de ansiedade e descontentamento. Como: 1. Considere, como dito anteriormente, que esta é a melhor condição para você, a que melhor o ajuda para o céu; e Deus sabe melhor o que lhe fará bem ou mal. 2. Que é rebelião queixar-se da vontade de Deus; que deve dispor de nós e deve ser o nosso descanso. 3. Olhe para a vida de Cristo, que escolheu uma vida de pobreza por

amor a você; e não tinha um lugar onde reclinar a cabeça. Ele não era um dos ricos e voluptuosos do mundo; e você está entristecido por ser conformado a ele? (Fp 3:7-9). 4. Olhe para todos os seus apóstolos, e servos mais santos, e mártires. Não foram eles tão grandes sofredores quanto você? 5. Considere que os ricos em breve serão todos tão pobres quanto você: nus vieram ao mundo e nus devem sair; e um pouco de tempo faz pouca diferença. 6. Não é maior consolo morrer rico do que pobre; mas geralmente muito menos; porque quanto mais agradável o mundo é para eles, mais lhes dói deixá-lo. 7. Todos os homens gritam que o mundo é vaidade no final. Quão pouco ele é valorizado por um homem moribundo! E quão tristemente ele o abandonará! 8. O tempo é muito curto e incerto no qual você deve desfrutá-lo; temos apenas mais alguns dias para caminhar por aqui e logo partiremos. Ora, de quão pequena importância é se um homem é rico ou pobre, ele que está pronto para entrar em outro mundo! 9. O amor a este mundo, desviando o coração de Deus, é a causa comum da condenação dos homens; e não é o mundo mais propenso a ser amado excessivamente quando o entretém com prosperidade do que quando o trata como um inimigo? Você está descontente porque Deus assim ajuda a salvá-lo do pecado mais condenável? E porque ele não torna o seu caminho para o céu mais perigoso? 10. Você pouco conhece os problemas dos ricos. Aquele que tem muito, tem muito o que fazer com isso, e muito com que se preocupar; e muitas pessoas com quem lidar, e mais vexames do que você imagina. 11. É apenas a carne que sofre; e isso promove a sua mortificação. 12. Você ora apenas pelo pão de cada dia e, portanto, deve estar contente com ele. 13. Não são Deus, e Cristo, e o céu suficientes para você? Deveria aquele homem estar descontente, ele que deve viver no céu? 14. Não é a sua luxúria, em vez de sua razão bem informada, que se queixa? Apenas nomeio todas estas razões por brevidade: você pode ampliá-las em suas meditações.

CAPÍTULO 28

ORIENTAÇÕES PARA OS RICOS

Já disse tanto sobre isso na parte 1, sobre a cobiça ou mundanismo, e sobre as boas obras, e em meu livro sobre a "Abnegação" e naquele sobre "Crucificar o Mundo", que minha razão me ordena brevidade neste lugar.

Direção 1. Lembre-se de que as riquezas não fazem parte da sua felicidade; ou que, se você não tiver nada melhor, você é um homem arruinado. Você ousa dizer que elas são adequadas para fazê-lo feliz? Ousa dizer que as tomará como sua porção? E que estará contente em ser descartado quando elas o abandonarem? Elas não reconciliam com Deus; não salvam de Sua ira; não curam uma consciência ferida: elas podem agradar sua carne e adornar seu funeral, mas não retardam, nem santificam, nem adoçam a morte, nem o tornam melhor ou mais feliz que o pobre. As riquezas nada mais são do que uma provisão farta para a carne tentadora e corruptível. Quando a carne está no pó, não é mais rica. Todos os que abundaram em riqueza, desde os dias de Adão até agora, estão nivelados com os mais baixos no pó.

Direção 2. Sim, lembre-se de que as riquezas não são a menor tentação e perigo para as suas almas. Elas o deleitam e agradam? Por esse caminho elas podem destruí-lo. Se forem amadas acima de Deus, e fizerem a terra parecer melhor para você do que o céu, elas o arruinaram. E se Deus não o recuperar, teria sido melhor para você ter sido um verme ou um bruto do que uma alma tão enganada e miserável. Não é à toa que Cristo lhe dá tantos avisos terríveis sobre as riquezas, e descreve assim a loucura, o perigo e a miséria do rico mundano (Lc 12:17-20; 16:19-21, etc.; 18:21-23, etc.); e lhe diz quão

difficilmente os ricos são salvos. O fogo queima mais quando tem mais combustível; e as riquezas são o combustível do amor mundano e da luxúria carnal (1Jo 2:15, 16; Rm 13:13, 14).

Direção 3. Compreenda o que é amar e confiar na prosperidade e riqueza mundanas. Muitos aqui se enganam para sua própria destruição. Eles se convencem de que desejam e usam suas riquezas apenas por necessidade; mas que não as amam, nem confiam nelas, porque podem dizer que o céu é melhor, e que a riqueza nos deixará na sepultura! Mas você não ama esse conforto, essa grandeza, esse domínio, essa fartura, essa satisfação do seu apetite, dos olhos e da imaginação, que você não pode ter sem a sua riqueza? É a luxúria carnal, a vontade e o prazer que os mundanos carnavais amam por si mesmos; e então amam sua riqueza por causa disso. E confiar nas riquezas não é confiar que elas nunca o deixarão; pois todo tolo sabe o contrário. Mas é repousar, aquietar e consolar sua mente nelas, como aquilo que mais o agrada, e o faz sentir-se bem, ou ser como gostaria de ser. Como aquele em Lucas 12:18, 19, que disse: "Alma, descansa, come, bebe e folga; tens em depósito muitos bens para muitos anos". Isso é amar e confiar nas riquezas.

Direção 4. Acima de todos os enganos e perigos deste mundo, cuidado com uma esperança secreta e hipócrita de reconciliar o mundo com o céu, de modo a fazer de ambos a sua felicidade; e de sonhar com uma porção composta, ou de servir a Deus e a Mamom. O verdadeiro estado do coração e da esperança do hipócrita é amar melhor sua prosperidade mundana e desejar mantê-la o máximo que puder, para o desfrute de seus prazeres carnavais; e quando ele deve deixar este mundo contra a sua vontade, ele espera então ter o céu como sua reserva; porque o considera melhor que o inferno, e sua língua pode dizer: "É melhor que a terra", embora sua vontade e afetos digam o

contrário. Se este for o seu caso, o Senhor tenha misericórdia de você e lhe dê uma mente mais crente e espiritual, ou então você está perdido, e você e seu tesouro perecerão juntos.

Direção 5. Da mesma forma, cuidado para que, quando você parecer entregar-se, e tudo o que tem, a Deus, não haja um propósito secreto no coração de que você nunca se deixará arruinar no mundo por Cristo, nem pelas esperanças de um mundo melhor. Um hipócrita instruído não ignora que os termos de Cristo, propostos no evangelho (Lc 14:26, 27, 33), não são menores do que abandonar tudo; e que no batismo, e em nosso pacto com Cristo, tudo deve ser designado e devotado a Ele, e a cruz assumida em vez de tudo, ou então não somos cristãos, por não estarmos em aliança com Cristo. Mas a esperança do hipócrita é que, embora Cristo o obrigue a essas promessas, Ele nunca o colocará à prova para o cumprimento, nem jamais o chamará para abandonar tudo de fato: e, portanto, se algum dia for pressionado a isso, ele não cumprirá a promessa que fez. Ele é como um paciente que promete ser totalmente governado por seu médico, esperando que ele não lhe peça nada que não possa suportar. Mas quando chega a poção amarga ou o vômito, ele diz: "Não posso tomar isso, eu esperava que você tivesse me dado um remédio mais suave".

Direção 6. E, conseqüentemente, cuidado para que, enquanto você finge viver para Deus e usar tudo o que tem como Seu mordomo para o Seu serviço, você não O afaste enganosamente com as sobras de suas luxúrias, e Lhe dê apenas o que sua carne pode dispensar. Não é provável que o cavaleiro condenado em Lucas 16 nunca costumasse dar nada aos pobres; senão, para que os mendigos usavam as portas dele? Quando Cristo promete recompensar os homens por um copo de água fria, o significado é: quando eles dariam algo melhor se o tivessem. Há poucos homens ricos de todos os que

vão para o inferno que fossem tão desprovidos de compaixão humana, ou do senso de sua própria reputação, a ponto de não dar absolutamente nada aos pobres; mas Deus quer tudo, embora não tudo para os pobres, mas tudo empregado como Ele ordena; e não aceitará ser deixado de lado com seus dízimos ou migalhas. Seus mordomos confessam que não têm nada próprio.

Direção 7. Que o uso de suas riquezas na prosperidade mostre que você não dissimula quando promete abandonar tudo por Cristo na provação, em vez de abandoná-Lo. Você pode saber se é verdadeiro ou falso em seu pacto com Cristo, e o que faria em um dia de provação, pelo que faz em seu curso diário de vida. Como pode aquele homem deixar tudo de uma vez por Cristo, se não pode servi-Lo diariamente com suas riquezas, nem deixar aquele pouco que Deus exige no cumprimento de seu dever em obras piedosas e caritativas? O que é deixar tudo por Deus, senão deixar tudo antes que pecar contra Deus? E fará isso aquele que diariamente peca contra Deus pela omissão de boas obras, porque não pode deixar alguma parte? Estude, como mordomos fiéis, servir a Deus ao máximo com o que você tem agora, e então poderá esperar que a graça d'Ele o capacite a deixar tudo na provação, e não se provar um hipócrita murcho e apóstata.

Direção 8. Não sejam ricos para si mesmos, ou para suas vontades e luxúrias carnis; mas lembrem-se de que os ricos são obrigados a ser espirituais e a mortificar a carne, tanto quanto os pobres. Que a luxúria não passe melhor por causa de toda a fartura de seus bens. Não jejem nem humilhem menos suas almas; não agradem nem um pouco mais a um apetite desordenado na comida e na bebida; não vivam nem um pouco mais em ociosidade improfícua. O rico deve trabalhar tão constantemente quanto o pobre, embora não no mesmo tipo de

trabalho. O rico deve viver sóbria, temperadamente e celestialmente, e deve mortificar tanto os desejos carnaís quanto o pobre. Vocês têm a mesma lei e o mesmo Mestre, e não têm mais liberdade para satisfazer suas luxúrias; mas se viverem segundo a carne, morrerão como qualquer outro. Oh, a parcialidade das mentes carnaís! Eles conseguem ver a falha de um homem pobre que vai às vezes a uma taverna, que talvez beba água (ou algo próximo disso) a semana toda; enquanto nunca se culpam, eles que mal perdem uma refeição sem vinho e bebida forte, e comendo o que seu apetite deseja. Eles acham um crime em um homem pobre gastar apenas um dia em muitos em tal ociosidade, como eles mesmos passam a maior parte de suas vidas. Os cavaleiros pensam que suas riquezas lhes permitem viver sem qualquer trabalho proveitoso, e gratificar sua carne, e banquetear-se deliciosamente todos os dias; como se fosse seu privilégio ser sensual e ser condenado (Rm 8:1, 5-9, 13).

Direção 9. Pelo contrário, lembre-se de que você é chamado a uma abnegação, temor e vigilância muito maiores contra a sensualidade e os vícios da riqueza do que os pobres. A mortificação é tão necessária para a sua salvação quanto para a deles, mas muito mais difícil. Se você viver segundo a carne, morrerá assim como eles. E quão mais fortes são as suas tentações! Não é mais facilmente levado à glotonaria ou ao excesso em qualidade ou quantidade aquele que tem diariamente uma mesa farta e comida deliciosa e atraente diante de si, do que aquele que nunca vê tal tentação uma vez em meio ano? Não é mais difícil para ele negar seu apetite, ele que tem as iscas de carnes e bebidas agradáveis diariamente postas em sua mesa, do que para aquele que raramente as vê, e talvez não tenha possibilidade de obtê-las, e, portanto, nada tem que solicite seu apetite ou pensamentos? Sem dúvida, os ricos, se algum dia quiserem ser salvos, devem vigiar mais

constantemente, e colocar uma guarda mais resoluta sobre a carne, e viver mais em temor da sensualidade do que os pobres, pois vivem em maiores tentações e perigos.

Direção 10. Saiba, portanto, particularmente quais são as tentações da prosperidade, para que possa fazer uma resistência particular e próspera. E elas são especialmente estas:

1. Orgulho. O coração tolo do homem é propenso a inchar com a aquisição de algo tão pobre quanto a riqueza; e os homens pensam que estão acima de seus vizinhos, e que lhes é devido mais honra e obediência, se forem apenas mais ricos.
2. Fartura de pão. Se não comem até ficarem doentes, pensam que o constante e caro prazer de seu apetite em comidas e bebidas é lícito.
3. Ociosidade. Eles pensam que não é obrigado a trabalhar aquele que pode viver sem isso e tem o suficiente.
4. Esportes e recreações que desperdiçam o tempo. Eles pensam que suas horas podem ser devotadas à carne, quando todas as suas vidas são devotadas a ela; eles pensam que sua riqueza lhes permite brincar, cortejar e elogiar, desperdiçando aquele tempo precioso que ninguém tem mais necessidade de remir; eles dizem a Deus que Ele lhes deu mais tempo do que precisam; e Deus em breve o cortará e lhes dirá que não terão mais.
5. Luxúria e lascívia, fartura e ociosidade, alimentam tanto as cogitações quanto as inclinações para a imundícia; aqueles que vivem em glotonaria e embriaguez tendem a viver em dissoluções e castidade.
6. Curiosidade e desperdício de suas vidas em uma multidão de pequenas coisas cerimoniais e improfícuas, com a exclusão dos grandes negócios da vida. Bem podemos dizer que as luxúrias dos homens são seus

carcereiros e seus grilhões, quando vemos a que tipo miserável de vida uma multidão de ricos (especialmente damas e mulheres da nobreza) se condena. Eu teria pena de alguém em uma casa de correção que fosse obrigado a gastar seu tempo assim; quando eles têm almas pobres, ignorantes, orgulhosas, mundanas, irritáveis, hipócritas e ímpias para serem curadas, e uma vida de grandes e pesados negócios para fazer pela eternidade, eles têm tantas pequenas coisas o dia todo para fazer, que lhes resta pouco tempo para conversar com Deus, ou com suas consciências, ou para fazer qualquer coisa que realmente valha a pena viver: eles têm tantas roupas finas e ornamentos para obter e usar; e tantos quartos para embelezar e adornar, e tantos servos para conversar, que os atendem, e tantos pratos e molhos para encomendar, e tantas flores para plantar e cuidar, e passeios e lugares de prazer para cuidar; e tantos visitantes para entreter com horas inteiras de conversa improficua; e tantas pessoas importantes para visitar; e tantas leis de cerimônia e elogio para observar; e tantos jogos para jogar (talvez), e tantas horas para dormir, que o dia, o ano, suas vidas se vão, antes que pudessem ter tempo para saber para que viveram. E se Deus apenas os tivesse condenado a passar seus dias catando palha ou enchendo um vaso sem fundo, ou a passar seus dias como eles mesmos escolhem passá-los, isso nos teria tentado a pensá-Lo sem misericórdia para com Suas criaturas.

7. Tirania e opressão: quando os homens estão acima dos outros, quão comumente pensam que suas vontades devem ser cumpridas por todos os homens, e ninguém deve contrariá-los, e vivem como se todos os outros abaixo deles fossem como seus animais, que foram feitos para eles, para servi-los e agradá-los.

Direção 11. Que a sua produtividade para Deus e para o bem público seja proporcional às suas posses. Faça tanto mais bem no mundo do que o pobre, quanto você está melhor provido do que ele. Que seus servos tenham mais tempo para o aprendizado da palavra de Deus, e que suas famílias sejam mais religiosamente instruídas e governadas. A quem Deus muito dá, dele muito se espera.

Direção 12. Não apenas aproveite as ocasiões de fazer o bem quando elas lhe forem impostas; mas estude como fazer todo o bem que puder, como aqueles que são "zelosos de boas obras" (Tt 2:14). O zelo pelas boas obras fará você: 1. Projetar e planejar por elas. 2. Consultar e pedir conselhos por elas. 3. Ficará feliz quando encontrar uma oportunidade promissora. 4. Fará você fazê-lo largamente, e não poupadamente, nem pela metade. 5. Fará você fazê-lo prontamente, sem relutância e atraso. 6. Fará você fazê-lo constantemente até o fim de sua vida. 7. Fará você castigar sua própria carne e sofrer algo para fazer o bem aos outros. 8. Fará você trabalhar nisso como seu ofício, e não apenas consentir que outros façam o bem às suas custas. 9. Fará você feliz quando o bem é feito, e não murmurar pelo que lhe custou. 10. Em uma palavra, fará seus vizinhos serem para você como você mesmo, e o agrado de Deus estar acima de você mesmo, e, portanto, ser tão feliz em fazer o bem quanto em recebê-lo.

Direção 13. Faça o bem tanto às almas quanto aos corpos dos homens; mas sempre permita que os benefícios corporais sejam conferidos em ordem aos da alma, e em devida subordinação, e não apenas pelo corpo sozinho. E observe as muitas outras regras de boas obras, mais amplamente expostas na parte 1, capítulo 3, direção 10.

Direção 14. Pergunte a si mesmos frequentemente como desejarão, na morte e no julgamento, que seus bens tivessem sido empregados; e, conseqüentemente, use-os agora. Por que um homem de razão não faria aquilo que sabe de antemão que desejará veementemente ter feito?

Direção 15. Assim como seu cuidado deve ser de maneira especial para seus filhos e famílias; também cuidado com o erro comum dos mundanos, que pensam que seus filhos devem ter tanto, que Deus e suas próprias almas tenham muito pouco. Quando homens egoístas não podem mais manter sua riqueza para si mesmos, eles a deixam para seus filhos, que são como seus eus sobreviventes. E tudo é lançado neste abismo, exceto algumas parcelas insignificantes.

Direção 16. Mantenha um registro diário do seu uso e melhoria dos talentos do seu Mestre. Não que você deva se lembrar demais de suas próprias boas obras, mas lembre-se de fazê-las; e, portanto, pergunte a si mesmo: Que bem fiz com tudo o que tenho, neste dia ou semana?

Direção 17. Não espere vida longa; pois então pensará que uma longa jornada precisa de grandes provisões; mas morra diariamente, e viva como aqueles que vão prestar contas: e então a consciência o obrigará a perguntar se você tem sido um mordomo fiel, e a acumular um tesouro no céu, e a fazer amigos com o mamom que outros usam para a injustiça, e a lançar um bom fundamento para o tempo vindouro, e a alegrar-se por Deus ter lhe dado aquilo cuja melhoria pode promover o bem dos outros e a sua salvação. Vivendo e morrendo, que seja seu cuidado e negócio fazer o bem.

CAPÍTULO 29

ORIENTAÇÕES PARA OS IDOSOS (E FRACOS)

Tendo exposto anteriormente os deveres dos filhos para com Deus e para com seus pais, não darei outras orientações particulares aos jovens, mas exporei a seguir os deveres especiais dos idosos.

Direção 1. Os velhos e fracos têm um chamado de Deus mais alto que os outros para serem esmerados em examinar o estado de suas almas e em fazer firme a sua vocação e eleição. Se já são regenerados e santificados ou não, é uma questão importantíssima para todo homem resolver; mas especialmente para eles que estão mais próximos do seu fim. Peça conselho, portanto, a algum ministro ou amigo capaz e fiel, e dedique-se diligentemente a testar seu direito à vida eterna, e a fazer suas contas, e ver como todas as coisas estão entre Deus e você; e se você se encontrar em um estado não renovado, como você ama sua alma, não demore mais, mas seja imediatamente humilhado por sua negligência tão longa e tola de uma obra tão necessária e grande. Vá, exponha seu caso a algum ministro capaz, e lamente seu pecado, e fuja para Cristo, e coloque seu coração em Deus como sua felicidade, e mude sua companhia e curso, e não descanse mais em um caso tão perigoso e miserável: as orientações mais completas para sua conversão eu dei antes, no início do livro, e em diversos outros; e, portanto, nada mais direi a tais pessoas, sendo outros os que aqui devo especialmente orientar.

Direção 2. Lance seus olhos para trás, para os pecados de toda a sua vida, para que perceba quão humildes devem ser as almas que pecaram por tanto tempo quanto você; e sinta que

necessidade você tem de Cristo para perdoar uma vida tão longa de pecado. Embora você tenha se arrependido e sido justificado há muito tempo, contudo você pecou diariamente desde que foi justificado; e embora tudo o que foi arrependido esteja perdoado, contudo deve estar ainda diante de seus olhos, tanto para mantê-lo humilde quanto para continuar o exercício desse arrependimento, e levá-lo a Cristo, e torná-lo grato. Sim, seu perdão e justificação ainda estão longe da perfeição (apesar do que alguns possam lhe dizer o contrário), assim como sua santificação. Pois: 1. Sua justificação ainda lhe é dada, mas condicionalmente quanto à sua continuação, sob a condição de sua perseverança. 2. E o castigo temporal, e as dores da morte, e a longa ausência do corpo do céu, e as carências presentes de graça, consolo e comunhão com Deus são punições que ainda não foram perdoadas executivamente. 3. E a sentença final de justificação no dia do julgamento (que é o tipo mais perfeito) ainda está por vir: e, portanto, você ainda tem razão suficiente para revisar e se arrepender de tudo o que passou, e ainda orar pelo perdão de todos os pecados que já cometeu, os quais lhe foram perdoados antes. Tantos anos de pecado deveriam ter um arrependimento muito sério e prostrá-lo diante do Senhor.

Direção 3. Apegue-se agora mais do que nunca a Cristo. Lembrando que você tem uma vida de pecado para que Ele responda por ela e o salve dela. E que o tempo está próximo quando você terá uma necessidade mais sensível d'Ele do que jamais teve. Você deve em breve ser lançado sobre Ele como seu Salvador, Advogado e Juiz, para determinar a questão do que será de você por toda a eternidade, e para aperfeiçoar tudo o que Ele já fez por você, e realizar tudo o que você buscou e esperou. E agora que sua vida natural decaiu, é tempo de retirar-se para Aquele que é a sua Raiz, e olhar para a "vida que está escondida com Cristo em Deus" (Cl 3 :4); e para Aquele que está lhe preparando uma mansão Consigo; e cujo ofício é

receber as almas que partem dos verdadeiros crentes. Viva, portanto, nos pensamentos diários de Cristo, e console sua alma na crença daquela provisão plena e segurança que você tem n'Ele.

Direção 4. Que as antigas misericórdias e experiências do amor de Deus, através de toda a sua vida, estejam ainda diante de você e frescas em sua mente, para que possam inflamar seu amor e gratidão a Deus, e possam alimentar seu próprio deleite e consolo, e ajudá-lo a submeter-se mais facilmente às futuras fraquezas e à morte. O pão comido não deve ser esquecido: uma lembrança agradecida preserva todas as suas misericórdias anteriores ainda frescas e verdes; a doçura e o benefício podem permanecer, embora a coisa em si tenha passado. Este é o grande privilégio de um cristão idoso: que ele tem muitos anos de misericórdia a mais para pensar do que os outros têm. Cada uma dessas misericórdias foi doce para você por si mesma, no momento em que a recebeu (exceto aflições e misericórdias mal compreendidas e não observadas); e então quão doce deve ser tudo junto! Se a ingratidão enterrou alguma delas, que a gratidão lhes dê agora uma ressurreição. Que trabalho deleitoso é para seus pensamentos olhar para trás, para sua infância, e lembrar como a misericórdia o criou e o conduziu a cada lugar em que você viveu; e proveu para você, e o preservou, e ouviu suas orações, e dispôs todas as coisas para o seu bem; como o trouxe sob os meios da graça e os abençoou para você; e como o Espírito de Deus começou e realizou a obra da graça em seu coração! Espero que você tenha registrado as maravilhas da misericórdia sempre em seu coração, com as quais Deus preencheu toda a sua vida. E não é um trabalho agradável na velhice ruminar sobre elas? Se um viajante gosta de falar de suas viagens, e um soldado ou marinheiro de suas aventuras, quão doce deve ser para um cristão examinar toda a condução da misericórdia através de sua vida, e todas as operações do

Espírito em seu coração. A gratidão ensinou os homens outrora a fazer de suas misericórdias, por assim dizer, atributos de seu Deus. Como "o Deus que os tirou da terra do Egito" era o nome do Deus de Israel. E em Gênesis 48:15, Jacó se deleita em sua velhice em tais revisões da misericórdia: "O Deus que me sustentou desde que eu nasci até este dia; o Anjo que me livrou de todo o mal, abençoe estes rapazes". Sim, tais revisões agradecidas de antigas misericórdias forçarão uma alma íntegra a uma submissão mais tranquila às enfermidades, sofrimentos e morte; e nos farão dizer como Jó: "Receberemos o bem da mão de Deus e não receberemos o mal?" e como o velho Simeão: "Senhor, agora despedes em paz o teu servo". É uma poderosa repreensão a todos os descontentamentos, e torna a própria morte mais bem-vinda, pensar em quão grande parcela de misericórdia já tivemos no mundo.

Direção 5. Extraia o tesouro de sabedoria e experiência que você passou tanto tempo acumulando, para instruir os ignorantes e alertar os inexperientes e ímpios que estão ao seu redor. Jó 32:7: "Falem os dias, e a multidão dos anos ensine a sabedoria". Tt 2:3-5: "As mulheres idosas... que ensinem as mulheres novas a serem prudentes, a amarem seus maridos, a amarem seus filhos, a serem moderadas, castas, boas donas de casa, bondosas, obedientes a seus maridos, para que a palavra de Deus não seja blasfemada". Supõe-se que o tempo e a experiência lhe ensinaram mais do que é conhecido pela juventude crua e ignorante. Diga-lhes o que você sofreu pelos enganos do pecado: diga-lhes o método e o perigo das tentações: diga-lhes o que você perdeu ao adiar seu arrependimento; e como Deus o recuperou; e como o Espírito operou em sua alma: diga-lhes que consolos você encontrou em Deus; que segurança e doçura em uma vida santa; quão doces as Sagradas Escrituras foram para você; como as orações prevaleceram, como as promessas de Deus foram cumpridas; e

que misericórdias e grandes livramentos você teve. Diga-lhes quão bom você achou Deus; e quão mau você achou o pecado; e quão vaidoso você achou o mundo. Avise-os para resistirem às suas luxúrias carnis e para tomarem cuidado com as lisonjas enganosas do pecado: familiarize-os verdadeiramente com a história dos pecados públicos, e julgamentos, e misericórdias nos tempos em que você viveu. Deus fez disso o dever dos idosos, que os "pais contem as maravilhas de Suas obras e misericórdias a seus filhos, para que as gerações vindouras louvem ao Senhor" (Dt 4:10; Sl 78:4-6).

Direção 6. Os idosos devem ser exemplos de sabedoria, gravidade e santidade para os mais jovens. Onde eles encontrariam virtudes em eminência, se não em você, que tem tanto tempo, auxílios e experiências? Pode-se bem esperar que nada além de coisas proveitosas, sábias e santas saia de sua boca; e nada indigno da sabedoria e piedade seja visto em sua vida. Tal como você gostaria que seus filhos fossem depois de você, mostre-se a eles em toda a sua conduta.

Direção 7. Especialmente pertence a você reprimir os ardores e a disposição divisora, contenciosa e censora dos tipos mais jovens de professantes da piedade. Eles estão no calor do sangue e precisam do conhecimento e da experiência dos idosos para guiar seu zelo: eles ainda não têm seus sentidos exercitados no discernimento do bem e do mal (Hb 5:12): eles não são capazes de testar os espíritos: eles ainda são apenas como crianças, aptos a serem jogados de um lado para o outro e "levados por todo vento de doutrina, pelo engano dos homens que com astúcia enganam" (Ef 4:14). Os novatos são aptos a se ensoberbecerem com o orgulho e "caírem na condenação do diabo" (1Tm 3:6). Eles nunca viram o desfecho de erros, seitas e partidos, e a que as divisões e contendias levam, como você viu. E, portanto, pertence à sua gravidade e experiência chamá-

los à unidade, caridade e paz, e impedi-los de se tornarem tições na igreja e de ultrapassarem temerariamente seus entendimentos e a verdade.

Direção 8. De todos os homens, você deve viver no maior desprezo pelas coisas terrenas e menos se enredar no amor ou nos problemas desnecessários do mundo: você provavelmente precisará dele e o usará apenas por pouco tempo; um pouco pode servir a quem está tão perto do fim de sua jornada: você teve a maior experiência de sua vaidade: você está tão perto das grandes coisas de outro mundo que, a meu ver, não deveria ter lazer para se lembrar deste, nem espaço para quaisquer pensamentos ou discursos desnecessários sobre ele. Como seus corpos são menos capazes para o emprego mundano que os outros, assim lhe é permitido retirar-se dele mais que os outros, para seus pensamentos mais sérios sobre a vida futura. É um sinal do poder enfeitiçante do mundo, e da loucura e irracionalidade do pecado, ver os idosos geralmente tão cobiçosos quanto os jovens; e homens que estão saindo do mundo amá-lo tão ternamente e raspar por ele tão ansiosamente como se nunca esperassem deixá-lo. Você deveria antes dar aviso aos mais jovens para tomarem cuidado com a cobiça e com o serem enredados pelo mundo, e enquanto trabalham nele fielmente com suas mãos, manterem seus corações inteiramente para Deus.

Direção 9. Você deve valorizar altamente cada minuto do seu tempo e não perder nenhum em ociosidade ou coisas desnecessárias; mas estar sempre fazendo ou obtendo algum bem; e fazer o que faz com todas as suas forças. Pois você tem certeza agora de que seu tempo não será longo: quão pouco lhe resta para fazer todo o resto de sua preparação para a eternidade! O jovem pode morrer rapidamente, mas o velho sabe que seu tempo será curto. Embora a natureza decaia, a

graça pode crescer em vida e força; e quando "o vosso homem exterior se corrompe, o interior pode ser renovado dia a dia" (2Co 4:16). O tempo é uma mercadoria preciosíssima para todos; mas especialmente para eles que têm apenas um pouco mais para determinar a questão de se devem viver no céu ou no inferno para sempre. Embora você não possa fazer seus negócios mundanos como outrora, contudo você tem variedade de exercícios santos para se ocupar; o descanso corporal pode lhe convir, mas a ociosidade é pior em você que em qualquer outro.

Direção 10. Quando o declínio de sua força, ou memória, ou faculdades o tornar incapaz de ler, ou orar, ou meditar por si mesmo, tanto ou tão bem quanto outrora, faça mais uso dos dons e ajuda mais vivos dos outros. Esteja mais ouvindo os outros e unindo-se a eles em oração; para que a memória, o zelo e a elocução deles ajudem a elevá-lo e a levá-lo adiante.

Direção 11. Não tome um declínio da natureza, e daqueles dons e obras que dependem dela, por um declínio da graça. Embora sua memória, elocução e fervor de afeição diminuam conforme seu calor natural diminui, não desanime; mas lembre-se de que você pode, apesar de tudo isso, crescer na graça. Se você apenas crescer em sabedoria e julgamento santos, e em uma estima mais alta de Deus e da santidade, e em um desprezo maior por todas as vaidades do mundo, e em uma resolução mais firme de apegar-se a Deus e confiar em Cristo, e nunca se voltar para o mundo e o pecado; este é o seu crescimento na graça.

Direção 12. Seja paciente sob todas as enfermidades e inconveniências da velhice. Não fique descontente com elas, não murmure, nem se torne irritável e ranzinza com os que o cercam. Esta é uma tentação comum que os idosos devem

resistir cuidadosamente. Você sabia desde o início que tinha um corpo que devia decair: se você não o quisesse ter até uma idade decadente, por que estava tão relutante em morrer? Se queria, por que murmura? Louve a Deus pelos dias de juventude, força, saúde e bem-estar que você já teve! E não se queixe porque a carne corruptível decai.

Direção 13. Compreenda bem que a obediência passiva é aquilo para o qual Deus o chama em sua idade e fraqueza, e na qual você deve servi-Lo e honrá-Lo na conclusão do seu trabalho. Quando você é inapto para quaisquer obras grandes ou públicas, e a obediência ativa não tem oportunidade de se exercitar como outrora, é então tão aceitável a Deus que você O honre pelo sofrimento paciente. E, portanto, é um grande erro daqueles que desejam a morte de todos os que são impotentes, decrépitos e acamados, como se fossem totalmente inúteis para Deus. Digo-lhe, não é pequeno o serviço que eles podem prestar, não apenas por suas orações e seu amor secreto a Deus, mas por serem exemplos de fé, paciência, mentalidade celestial, confiança e alegria em Deus para todos ao seu redor. Não murmure, então, se Deus quiser empregá-lo assim.

Direção 14. Que seus pensamentos sobre a morte e as preparações para ela sejam tão sérios como se a morte estivesse à porta. Embora toda a sua vida seja pouco para se preparar para a morte, e seja uma obra que deve ser feita assim que se tem o uso da razão, contudo a idade e a fraqueza o chamam mais alto para se preparar agora mesmo, sem demora. Faça, portanto, tudo o que você desejaria encontrar feito quando sua última doença chegar; para que a falta de prontidão para morrer não torne a morte terrível, nem a velhice desconfortável.

Direção 15. Viva na expectativa alegre de sua mudança, como convém a quem está tão perto do céu e espera viver com Cristo

para sempre. Que todas as coisas altas e gloriosas que a fé apreende mostrem agora seu poder no amor, na alegria e nos anseios de sua alma. Não há nada em que os fracos e idosos possam mais honrar a Cristo e fazer bem aos outros do que na expectativa alegre de sua mudança e em um desejo ardente de estar com Cristo. Isso fará muito para convencer os incrédulos de que as promessas são verdadeiras, e que o céu é real, e que uma vida santa é de fato a melhor, a qual tem um fim tão feliz. Quando eles o virem no auge de suas alegrias, no momento em que os outros estão no mais profundo da angústia; e quando você se alegrar como alguém que está entrando em sua felicidade, quando toda a felicidade dos ímpios chega ao fim; isso fará mais que muitos sermões para persuadir um pecador a uma vida santa. Sei que isso não é alcançado facilmente; mas uma coisa tão doce e proveitosa para você, e tão útil para o bem dos outros, e que tanto tende à honra de Deus, deve ser buscada com toda a sua diligência: e então você pode esperar a bênção de Deus sobre seus esforços. Leia para este fim a quarta parte do meu "Descanso dos Santos".

CAPÍTULO 30

ORIENTAÇÕES PARA OS ENFERMOS

Embora a maior parte de nossa preparação para a morte deva ocorrer no tempo de saúde, e seja uma obra para a qual a vida mais longa não é demasiado longa; todavia, porque a tolice dos pecadores não convertidos é tão grande, a ponto de se esquecerem para que nasceram até que vejam a morte aproximar-se, e porque há uma preparação especial necessária para os melhores, apresentarei aqui algumas **Instruções para os Enfermos**.

E as reduzirei a estas quatro considerações:

1. O que deve ser feito para tornar a morte segura para nós, de modo que ela seja nossa passagem para o céu e não para o inferno.
2. O que deve ser feito para tornar a doença proveitosa para nós.
3. O que deve ser feito para tornar a morte reconfortante para nós, de modo que possamos morrer em paz e alegria.
4. O que deve ser feito para tornar nossa doença proveitosa para os que nos rodeiam.

Orientações para uma Morte Confortável ou Pacífica.

O consolo não é desejável apenas porque nos agrada, mas também porque nos fortalece e nos ajuda em nossos maiores deveres. E quando ele é mais necessário do que na enfermidade e na aproximação da morte? Portanto, acrescentarei as

orientações necessárias para tornar nossa partida confortável ou, ao menos, pacífica, bem como segura.

Direção 1. Porque eu não gostaria de tornar este tratado mais longo do que o necessário; a fim de vencer os medos da morte e obter uma disposição alegre para morrer, desejo que o enfermo leia aquelas vinte considerações e as orientações seguintes que apresentei em meu livro "Abnegação". E quando os medos da morte são vencidos, o grande impedimento do seu consolo é removido.

Direção 2. Não entenda mal a enfermidade, como se fosse um mal maior do que é; mas observe quão grande misericórdia é que a morte tenha um mensageiro ou precursor tão adequado: que Deus faça tanto antes de nos tirar daqui, para nos desmamar do mundo e nos dispor a partir; que a carne relutante tenha o auxílio da dor; e que os sentidos e o apetite definham e decaiam, os quais atraíam a mente para as coisas terrenas: e que tenhamos um chamado tão alto e um auxílio tão grande para o verdadeiro arrependimento e a preparação séria! Eu sei que para aqueles que caminharam muito próximos de Deus, e estão sempre prontos, uma morte súbita pode ser uma misericórdia; como soubemos recentemente de diversos ministros santos e outros, que morreram logo após um sacramento, ou na noite do dia do Senhor, ou no meio de algum exercício santo, com tão pouca dor que ninguém ao redor percebeu quando morreram. Mas, ordinariamente, é uma misericórdia ter a carne abatida e enfraquecida por uma enfermidade dolorosa, para ajudar a conquistar nossa relutância natural em morrer.

Direção 3. Lembre-se de quem é o mensageiro da enfermidade e quem é que o chama para morrer. É aquele que é o Senhor de todo o mundo e nos deu as vidas que ele nos tira; e é ele quem

deve dispor de anjos e homens, de príncipes e reinos, do céu e da terra; e, portanto, não há razão para que vermes como nós desejem ser exceção. Você não pode negar que ele é o ordenador de todas as coisas, sem negar que ele é Deus: é ele quem nos ama, e nunca pretendeu nos fazer mal em nada do que nos fez; que deu a vida de seu Filho para nos remir; e, portanto, não considera a vida boa demais para nós. Nossa enfermidade e morte são enviadas pelo mesmo amor que nos enviou um Salvador, e nos enviou os pregadores poderosos de sua palavra, e nos enviou seu Espírito, e secreta e docemente mudou nossos corações e os uniu a si mesmo em amor; que nos deu uma vida de preciosas misericórdias para nossas almas e corpos, e prometeu nos dar a vida eterna; e pensaremos que ele agora pretende nos fazer algum mal? Não pode ele transformar isso também em nosso bem, como fez com muitas aflições das quais murmuramos?

Direção 4. Olhe pela fé para o seu Senhor que morreu, foi sepultado, ressuscitou, ascendeu e está glorificado. Nada vencerá mais poderosamente tanto o veneno quanto os medos da morte do que os pensamentos crentes naquele que triunfou sobre ela. É terrível por separar a alma do corpo? Assim aconteceu com nosso Senhor, que contudo a venceu. É terrível por colocar o corpo na sepultura? Assim aconteceu com nosso Salvador; embora ele não tenha visto a corrupção, mas rapidamente ressuscitou pelo poder de sua divindade. Ele morreu para nos ensinar a nos submetemos à morte com fé e coragem. Ele foi sepultado para nos ensinar a não temer excessivamente a sepultura. Ele ressuscitou para conquistar a morte por nós e para assegurar àqueles que ressuscitam para novidade de vida que serão ressuscitados ao final por seu poder para a glória; e, sendo feitos participantes da primeira ressurreição, a segunda morte não terá poder sobre eles. Ele vive como nossa cabeça, para que possamos viver por ele; e

para que ele possa assegurar a todos os que aqui ressuscitaram com ele, e buscam primeiro as coisas que são de cima, que embora em si mesmos estejam mortos, "contudo a sua vida está escondida com Cristo em Deus; e quando Cristo, que é a nossa vida, aparecer, então também nós apareceremos com ele em glória" (Cl 3 :1, 2, 4, 5). Que palavra consoladora é aquela em Jo 14:19: "Porque eu vivo, vós também vivereis". A morte não pôde reter o Senhor da vida; nem pode nos reter contra a vontade dele, que tem as "chaves da morte e do inferno" (Ap 1:18). Ele ama cada um de seus santificados muito melhor do que você ama um olho, ou uma mão, ou qualquer outro membro de seu corpo, o qual você não perderia se fosse capaz de salvá-lo. Quando ele ascendeu, deixou-nos aquela mensagem cheia de consolo para seus seguidores em Jo 20:17: "Ide a meus irmãos e dizei-lhes: Eu subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus". As quais, com estas duas seguintes, eu gostaria que fossem escritas diante de mim em meu leito de enfermo: "Se alguém me serve, siga-me; e onde eu estiver, ali estará também o meu servo" (Jo 12:26). E: "Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso" (Lc 23:43). Oh, que pensamento alegre deveria ser para um crente pensar, quando está morrendo, que está indo para o seu Salvador, e que nosso Senhor ressuscitou e foi adiante de nós para preparar um lugar para nós, e nos levar em tempo para junto de si (Jo 14:2-4). "Assim como credes em Deus, crede também em Cristo; e então os vossos corações ficarão menos perturbados" (v. 1). Não é de um estranho que falamos a você; mas de sua Cabeça e Salvador, que o ama melhor do que você ama a si mesmo, cujo ofício é ali aparecer continuamente por você diante de Deus e, ao final, receber sua alma que parte; e é nas mãos dele que você deve então encomendá-la, como fez Estêvão (At 7:59).

Direção 5. Escolha algumas promessas mais adequadas à sua condição, e medite nelas repetidamente em sua mente, e alimente-se e viva delas pela fé. Um homem enfermo não está (geralmente) apto para pensar em muitas coisas; e, portanto, duas ou três promessas consoladoras, para estarem sempre diante de seus olhos, podem ser a matéria mais proveitosa de seus pensamentos; tais como aquelas três que mencionei antes. Se ele estiver mais perturbado com a grandeza de seu pecado, que sejam tais como estas: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3:16). "E por ele todos os que creem são justificados de todas as coisas de que não pudeste ser justificados pela lei de Moisés" (At 13:39). "Porque serei misericordioso para com as suas injustiças, e de seus pecados e de suas iniquidades não me lembrarei mais" (Hb 8:12). Se for a fraqueza de sua graça que o perturba, que ele escolha passagens como estas: "Como pastor apascentará o seu rebanho; entre os seus braços recolherá os cordeirinhos, e os levará no seu regaço; as que amamentam ele guiará suavemente" (Is 40:11). "Porque a carne cobiça contra o Espírito, e o Espírito contra a carne; e estes opõem-se um ao outro, para que não façais o que quereis" (Gl 5:17). "O espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca" (Mt 26:41). "Todo o que o Pai me dá virá a mim; e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora" (Jo 6:37). "Disseram então os apóstolos ao Senhor: Acrescenta-nos a fé" (Lc 17:5). Se for o medo da morte e o estranhamento em relação ao outro mundo que o perturba, lembre-se das palavras de Cristo antes citadas e de 2Co 5:1-6, 8: "Porque sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus. E por isso também gememos, desejando ardentemente ser revestidos da nossa habitação, que é do céu... Porque também nós, os que estamos neste tabernáculo, gememos carregados; não porque queremos

ser despidos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida... Mas temos confiança e desejamos antes deixar este corpo, para habitar com o Senhor". "Porque de ambos os lados estou em aperto, tendo desejo de partir, e estar com Cristo, porque isto é ainda muito melhor" (Fp 1:23). "Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalhos, e as suas obras os seguem" (Ap 14:13). "Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?" (1Co 15:55). "Senhor Jesus, recebe o meu espírito" (At 7:59). Fixe-se em alguma palavra ou promessa desse tipo, que possa sustentá-lo em sua extremidade.

Direção 6. Olhe para Deus, que é a glória do céu, e a luz, e a vida, e a alegria das almas, e creia que você está indo ver a face dele, e viver na perfeita e eterna fruição de seu amor mais pleno entre os glorificados. Se aqui é deleitoso conhecer as suas obras, o que será ver a causa de tudo? Todas as criaturas no céu e na terra reunidas jamais poderão proporcionar tal contentamento e alegria às almas santas quanto Deus sozinho! Oh, se conhecêssemos aquele a quem ali devemos contemplar, quão cansados estaríamos desta masmorra de mortalidade! E quão fervorosamente ansiaríamos ver a face dele! O pintinho que sai da casca, ou o bebê que acaba de sair do útero para este mundo iluminado de convívio humano, não recebe uma mudança tão alegre quanto a alma que acaba de ser solta da carne e passa desta vida mortal para Deus. Uma visão de Deus por uma alma bendita vale mais do que todos os reinos da terra. É agradável aos olhos contemplar o sol; mas o sol é como trevas e inútil em sua glória. "E a cidade não necessita de sol nem de lua, para que nela resplandeçam, porque a glória de Deus a tem iluminado, e o Cordeiro é a sua lâmpada" (Ap 21:23). "E ali nunca mais haverá maldição contra alguém; e nela estará o trono de Deus e do Cordeiro, e os seus servos o

servirão. E verão o seu rosto, e nas suas testas estará o seu nome. E ali não haverá mais noite, e não necessitarão de lâmpada nem de luz do sol, porque o Senhor Deus os ilumina; e reinarão para todo o sempre" (Ap 22:3-5). Se Davi no deserto tinha tanta sede impaciente de aparecer diante de Deus, o Deus vivo, em seu santuário em Jerusalém (Sl 42), quão fervorosamente deveríamos ansiar por ver a sua glória na Jerusalém celestial! O vislumbre de suas costas foi o máximo que Moisés pôde contemplar (Êx 34); contudo, esse pouco colocou uma glória resplandecente sobre o seu rosto (v. 29, 30). A visão que Estêvão teve quando os homens estavam prontos para apedrejá-lo foi uma visão deleitosa (At 7:55, 56). O vislumbre de Cristo em sua transfiguração extasiou os três apóstolos que o contemplaram (Mt 17:2, 6). A visão de Paulo, que o arrebatou até o terceiro céu, elevou-o acima do resto da humanidade! Mas nossa visão beatífica da glória de Deus excederá em muito tudo isso. Quando nossos corpos aperfeiçoados tiverem o corpo glorioso e perfeito de Cristo para ver, e nossas almas aperfeiçoadas tiverem o Deus da verdade, a luz incriada mais perfeita para conhecer, do que mais é capaz um entendimento criado? E, no entanto, este não é o topo de nossa felicidade; pois o entendimento é apenas a passagem para o coração ou vontade, e a verdade é apenas servil à bondade: e, portanto, embora o entendimento não seja capaz de mais do que a visão beatífica, contudo o homem é capaz de mais; até mesmo de receber as comunicações mais plenas do amor de Deus, e senti-lo derramado sobre o coração, e viver na retribuição de um amor perfeito; e neste intercâmbio de amor estarão nossas mais altas alegrias, e este é o topo de nossa felicidade celestial. Oh, que Deus nos fizesse conhecer antecipadamente por uma fé viva o que é contemplá-lo em sua glória, e habitar em perfeito amor e alegria, e então a morte não seria mais capaz de nos desanimar, nem estaríamos indispostos a uma mudança tão bendita! Mas tendo falado disso tão

amplamente em meu "Descanso dos Santos", devo parar aqui e remetê-lo àquela obra.

Direção 7. Olhe para a bendita sociedade de anjos e santos com Cristo, e lembre-se de sua bem-aventurança e alegria, e que você também pertence à mesma sociedade e está indo ser contado entre eles. Vencerá grandemente os medos da morte ver pela fé as alegrias daqueles que foram antes de nós; e, ao mesmo tempo, pensar em sua relação conosco; assim como encorajará um homem que deve atravessar o mar se a grande maioria de seus amigos mais queridos já tiver ido antes dele, e ele ouvir de sua chegada segura e de sua alegria e felicidade. Aqueles anjos que agora veem a face de Deus são nossos amigos e guardiões especiais, e nos amam inteiramente, melhor do que qualquer um de nossos amigos na terra! Eles se alegraram com nossa conversão e se alegrarão com nossa glorificação; e como eles são melhores e nos amam melhor, portanto nosso amor deveria ser maior por eles do que por qualquer pessoa na terra, e deveríamos desejar mais estar com eles. Aquelas almas benditas que agora estão com Cristo foram outrora como nós somos aqui na terra; foram cercadas de tentações, e sobrecarregadas com a carne, e oprimidas pelo pecado, e perseguidas pelo mundo, e saíram do mundo pela enfermidade e pela morte, como nós devemos fazer; e, contudo, agora suas lágrimas foram enxugadas, suas dores, gemidos e medos transformaram-se em indizível bem-aventurança e alegria: e não quereríamos estar com eles? Não é a sua companhia desejável? E a sua felicidade mais desejável? A glória da Nova Jerusalém não nos é descrita em vão (Ap 21, 22). Deus será tudo em todos ali para nós, como o único sol e glória daquele mundo; e, contudo, teremos prazer não apenas em ver nosso Redentor glorificado, mas também em conversar com a sociedade celestial, e nos sentarmos com Abraão, Isaque e Jacó no reino de Deus, e louvá-lo em concerto e harmonia

com todos aqueles espíritos santos e benditos. E teremos medo de seguir para onde os santos de todas as gerações foram antes de nós? E a companhia de nossos melhores, mais numerosos e mais felizes amigos não será nenhum incentivo para nós? Embora deva ser nossa maior alegria pensar que habitaremos com Deus e, depois disso, que veremos a glória de Cristo, contudo não é pequena parte do meu consolo considerar que seguirei todas aquelas pessoas santas com quem outrora conversei, que foram antes de mim; e que habitarei com pessoas como Enoque e Elias, Abraão e Moisés, Jó e Davi, Pedro e João, Paulo e Timóteo, Inácio e Policarpo, Cipriano e Nazianzeno, Agostinho e Crisóstomo, Bernardo e Gerson, Savonarola e Mirandula, Taulerus e Kempisius, Melancthon e Alasco, Calvino e Bucholtzer, Bullinger e Musculus, Zanchy e Bucer, Paræus e Grynæus, Chemnitius e Gerhard, Chamier e Capellus, Blondel e Rivet, Rogers e Bradford, Hooper e Latimer, Hildersham e Amesius, Langley e Nicolls, Whitaker e Cartwright, Hooker e Bayne, Preston e Sibbes, Perkins e Dod, Parker e Ball, Usher e Hall, Gataker e Bradshaw, Vines e Ash, e milhões de outros da família de Deus. Nomeio estes para meu próprio deleite e consolo, sendo-me agradável lembrar que companheiros terei nas alegrias e louvores celestiais de meu Senhor. Quão poucos são todos os santos na terra em comparação com aqueles que agora estão com Cristo! E, ai de nós, quão fracos, ignorantes e corruptos, quão egoístas, contenciosos e ranzinzas são os pobres bebês de Deus aqui na carne, quando lá no alto não há nada senão santidade e perfeição! Se o conhecimento, ou a bondade, ou qualquer excelência tornam as criaturas verdadeiramente amáveis, tudo isso existe lá no mais alto grau; mas aqui, ai de nós, quão pouco temos! Se o amor de Deus, ou o amor por nós, torna os outros amáveis para nós, é lá e não aqui que essas e todas as perfeições florescem. Oh, quanto agora percebo que a companhia dos sábios e instruídos, dos piedosos e sinceros,

difere da companhia da multidão ignorante, bruta, orgulhosa e maliciosa, de coração falso e ímpia! Quão doce é o convívio de um cristão santo, sábio e experiente! Oh, então, que lugar é a Nova Jerusalém; e quão agradável será com santos e anjos ver, amar e louvar ao Senhor.

Direção 8. Para que a enfermidade e a morte lhe sejam confortáveis, como sua passagem para a eternidade, tome nota do selo e do penhor de Deus, o próprio Espírito da graça que ele colocou em seu coração. O que encorajou Paulo e outros como ele a gemer pela imortalidade, e a "desejar antes deixar este corpo, para habitar com o Senhor", foi porque o próprio Deus "os preparou para isso e lhes deu o penhor ou garantia de seu Espírito" (2Co 5:4, 5, 8). Pois este é o sinal de Deus sobre seus escolhidos e justificados, pelo qual são "selados para o dia da redenção" (Ef 4:30; 1:13): "no qual também vós, tendo crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa". 2Co 1:21, 22: "Deus... nos ungiu, e também nos selou e deu o penhor do Espírito em nossos corações". "O qual é o penhor da nossa herança" (Ef 1:14). E que consolo deveria ser para nós, quando olhamos para o céu, encontrar tal penhor de Deus dentro de nós! Se você disser: Temo não ter este penhor do Espírito; de onde então surgiram seus desejos de santidade? O que o desmamou do mundo e o fez colocar suas esperanças e felicidade no alto? De onde veio sua inimizade contra o pecado, e sua oposição a ele, e seus desejos fervorosos pela glória de Deus, pela prosperidade do evangelho e pelo bem das almas? O próprio amor à santidade e às pessoas santas, e seus desejos de conhecer a Deus e amá-lo perfeitamente, mostram aquela natureza ou espírito celestial dentro de você, que é sua evidência mais segura para a vida eterna: pois aquele espírito foi enviado do céu para elevar seu coração e prepará-lo para lá; e Deus não lhe dá tais naturezas, desejos e preparações em vão. Isto também é chamado de "O testemunho do Espírito com (ou

para) o nosso espírito, de que somos filhos de Deus; e, se filhos, também herdeiros, herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo" (Rm 8:15-17). Ele testemunha nossa adoção, evidenciando-a; como um selo ou penhor testemunha nosso direito àquilo que é assim confirmado para nós. A natureza de cada coisa é adequada ao seu uso e fim; Deus não nos teria dado uma natureza ou desejo celestial se não nos tivesse destinado ao céu.

Assim como Ezequias.

Direção 9. Olhe também para o testemunho de uma vida santa, desde que a graça o empregou na busca da herança celestial. É ilícito e perigoso buscar quaisquer obras ou justiça própria de modo a colocá-las, no todo ou em parte, no lugar de Cristo, ou atribuir-lhes qualquer honra que lhe seja própria; como imaginar que você é inocente, ou que cumpriu a lei, ou que fez a Deus uma compensação por seus méritos ou sofrimentos pelo pecado que cometeu; contudo, você deve julgar a si mesmo em seu leito de enfermo, o mais próximo que puder, como Deus o julgará. E "ele julgará cada homem segundo a sua obra"; e recompensará e galardoará os homens segundo as suas obras (Mt 25:21, 34, etc.). "Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei. Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado... porque tive fome, e destes-me de comer", etc. Hb 5:9: "Ele tornou-se o autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem". Mt 7:24, 25: "Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras, e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha...". Ap 22:14: "Bem-aventurados aqueles que guardam os seus mandamentos, para que tenham direito à árvore da vida, e possam entrar na cidade pelas portas, porque ficarão de fora os cães", etc. Assim você deve se gloriar na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, não

apenas porque ele foi crucificado nela por você, mas também porque você está "crucificado por ela para o mundo, e o mundo para você" (Gl 6:14). Aquele que, como benfeitor, lhe dará aquela glória que você nunca poderia merecer dele em termos de justiça comutativa (pois nenhuma creature pode merecer nada de Deus), contudo, como governante e juiz justo, a entregará a você apenas nos termos de sua justiça paterna, governante e distributiva; e todos receberão segundo o que tiverem feito no corpo. E, portanto, você pode ter consolo naquela justiça evangélica que consiste em seu cumprimento das condições do novo pacto, embora você não tenha justiça legal (que consiste na inocência ou isenção da maldição da lei), mas apenas nos méritos e sacrifício de Cristo. Se você for acusado de ser impenitente, incrédulo ou hipócrita, a justiça de Cristo não o justificará dessa acusação; mas apenas o seu arrependimento, fé e sinceridade (operados em você pelo Espírito de Cristo). Mas se você puder apenas mostrar a evidência desta justiça evangélica, Cristo então o justificará contra todas as outras acusações de culpa que possam ser imputadas a você. (Sobre o que falaremos mais adiante). Visto que, portanto, o Espírito lhe deu estas evidências para diferenciá-lo do mundo miserável e provar seu direito à vida eterna, se você as ignorar, resistirá ao seu Consolador e não poderá ver outro fundamento de consolo do que qualquer hipócrita sem graça pode ver. Imite o santo Paulo: 2Co 1:12: "Porque a nossa glória é esta: o testemunho da nossa consciência, de que com simplicidade e sinceridade de Deus, não com sabedoria carnal, mas na graça de Deus, temos vivido no mundo...". 2Tm 4:7, 8: "Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda". Olhar para trás e ver que em sinceridade você seguiu o caminho do céu é um fundamento justo e necessário de

garantia de que você o alcançará. Se você disser: Mas eu fui um pecador terrível! Respondo: Assim foi Paulo, que contudo se alegrou depois nesta evidência! Esses pecados não foram arrependidos e perdoados? Se você disser: Mas não posso olhar para trás para uma vida santa com consolo, ela foi tão manchada e irregular! Respondo: Não foi ela sincera, embora imperfeita? Você não "buscou primeiro o reino de Deus e a sua justiça"? (Mt 6:33). Se você disser: Minha vida inteira foi ímpia, até agora que Deus me humilhou; respondo: Não é a duração do tempo, mas a sinceridade de seu coração e serviço que é sua evidência. Se você entrou na última hora, se agora está fielmente dedicado a Deus, pode olhar com consolo para esta mudança ao final, embora deva olhar com arrependimento para sua vida pecaminosa.

Direção 10. Quando você vir qualquer uma destas evidências de seu interesse em Cristo, apele a ele para absolvê-lo de todo o pecado que possa ser imputado a você; pois todos os que nele creem são justificados de todas as coisas de que não puderam ser justificados pela lei de Moisés. "Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito" (Rm 8:1). Qualquer que seja o pecado que um crente penitente tenha cometido, ele não é culpável por ele; Cristo encarregou-se de responder por ele e justificá-lo dele; e, portanto, não olhe para ele com terror, mas com vergonha penitente e gratidão crente, como algo que tenderá à honra do Redentor e não à condenação do pecador. Ele levou sobre si as nossas transgressões e pelas suas pisaduras fomos sarados.

Direção 11. Olhe para trás, para todas as misericórdias de sua vida, e pense de onde vieram e o que significam. Tokens de amor são para atrair seu coração para aquele que os enviou; estes caíram do céu para atraí-lo para lá! Se Deus foi tão bom

para você na terra, o que ele será na glória! Se ele tanto o abençoou neste deserto, o que ele fará na terra da promessa! Encoraja grandemente minha alma ir para aquele Deus que tão ternamente me amou, e tão graciosamente me preservou, e tanto abundou em todos os tipos de misericórdias para comigo através de toda a minha vida. Certamente ele é bom, ele que tanto se deleita em fazer o bem! E a sua presença deve ser doce, quando as suas misericórdias distantes foram tão doces! Que amor desfrutarei quando a perfeição me tiver preparado para o seu amor, eu que provei tanto neste estado de pecado e imperfeição! O senso da misericórdia banirá os medos e receios do coração.

Direção 12. Lembre-se (se você atingiu uma idade avançada) de que tempo competente você já teve no mundo. Se você está triste por ser mortal, poderia por esse motivo ter estado triste todos os seus dias; mas se é apenas porque morre tão cedo, se você viveu bem, viveu muito. Quando penso em quantos anos de misericórdia tive desde que estive perto da morte, e desde que muitos mais jovens que eu se foram, e quando penso na abundância de misericórdia que tive em todo esse tempo, a integridade proíbe-me de murmurar contra a época da minha morte e faz-me quase envergonhado de pedir por vida mais longa. Quanto tempo você ficaria antes de estar disposto a ir para Deus? Se ele desejasse nossa companhia não mais do que nós desejamos a dele, e desejasse nossa felicidade no céu não mais do que nós mesmos a desejamos, ficaríamos aqui como Ló em Sodoma! Devemos ser arrancados contra a nossa vontade e levados à força para a presença de nosso Pai?

Direção 13. Lembre-se de que toda a humanidade é mortal, e você não vai por outro caminho senão aquele que todos os que já vieram ao mundo foram antes de você (exceto Enoque e Elias). Sim, as pobres criaturas brutas devem morrer ao seu

prazer, para satisfazer sua fome ou deleite. Feras, aves e peixes, até mesmo muitos para fazer uma refeição, devem morrer por você. E por que então você deveria recuar na entrada de um caminho tão trilhado, que o conduz não ao inferno, como acontece com o ímpio, nem meramente à corrupção, como acontece com os brutos, mas para viver em alegria com Cristo e sua igreja triunfante?

Direção 14. Lembre-se tanto de quão vil é o seu corpo quanto de quão grande inimigo ele provou ser para a sua alma; e então você suportará com mais paciência a sua dissolução. Não é a sua casa de morada, mas a sua tenda ou prisão que Deus está derrubando. E, contudo, mesmo este corpo vil, quando for corrompido, será ao final transformado "para ser conforme o seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas" (Fp 3:21). E é uma carne que tanto se rebelou contra o espírito, e tornou seu caminho para o céu tão difícil, e colocou a alma em tantos conflitos, que deveríamos mais facilmente submetê-la à vontade da justiça e deixá-la perecer por um tempo, quando temos a certeza de que a misericórdia ao final a recuperará.

Direção 15. Lembre-se de que mundo é este que você está deixando, e compare-o com aquele para o qual você está indo; e compare a vida que está perto do fim com aquela em que você entrará em seguida. Não foi a recompensa de Enoque, quando ele andou com Deus, ser levado para ele de um mundo poluído? 1. Enquanto você está aqui, você mesmo está contaminado; o pecado está em sua natureza e suas graças são todas imperfeitas; o pecado está em sua vida e seus deveres são todos imperfeitos; você não pode estar livre dele um dia ou hora sequer. E não é uma misericórdia ser liberto dele? Não é desejável para você não pecar mais? E ser perfeito em santidade? Conhecer a Deus e amá-lo tanto e mais do que você

pode agora desejar? Você está aqui todos os dias lamentando sua escuridão, e incredulidade, e estranhamento de Deus e falta de amor por ele. Quantas vezes você orou pela cura de tudo isso! E agora não a quereria, quando Deus lha daria? Por que Deus colocou essa centelha de vida celestial em você, senão para lutar contra o pecado e fazê-lo cansar-se dele? E, contudo, você preferiria continuar pecando do que ter a vitória e estar com Cristo? 2. É uma vida de dor, bem como de pecado; e uma vida de cuidados, dúvidas e medos! Quando você está no pior, está temendo o pior! Se não fosse nada além dos medos da própria morte, isso deveria torná-lo mais disposto a submeter-se a ela, para que pudesse passar por esses medos. 3. Você é diariamente afligido pelas enfermidades daquela carne que tanto reluta em ver dissolvida. Para satisfazer sua fome e sede, para cobrir sua nudez, para prover-lhe uma habitação e suprir todas as suas necessidades, quanto cuidado e trabalho isso lhe custa! Suas enfermidades, doenças e dores fazem-no muitas vezes cansado de si mesmo, de modo que você "geme, estando carregado", como fala Paulo em 2Co 5:4. E, contudo, não é desejável estar com Cristo? 4. Você está cercado de tentações e está em perigo contínuo através de sua fraqueza: e, contudo, não quereria passar do perigo? Quereria mais daquelas tentações horríveis e odiosas? 5. Você foi propositalmente colocado aqui em um deserto, entre feras selvagens; você é como cordeiros entre lobos, e através de muitas tribulações você deve entrar no céu. Você deve negar a si mesmo, e tomar a sua cruz, e abandonar tudo o que tem; e todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguição; no mundo tereis aflições: a semente da serpente deve ferir o seu calcanhar, antes que Deus esmague Satanás sob os seus pés! E é uma vida como esta mais desejável do que estar com Cristo? Temos medo de desembarcar depois de tais tempestades e tormentas? É um mundo ímpio, um mundo malicioso, um mundo cruel, um mundo implacável mais

agradável para nós do que a alegria dos anjos, e a visão de Cristo, e o próprio Deus na majestade de sua glória? Deus de propósito tornou o mundo tão amargo para nós, e permitiu que ele nos tratasse injusta e cruelmente, e tudo para nos fazer amá-lo menos e para conduzir nossos corações de volta para si mesmo? E, contudo, estamos tão relutantes em partir?

Direção 16. Organize seus bens a tempo, para que assuntos mundanos não o distraiam ou o descomponham. E se Deus o dotou de riquezas, disponha de uma proporção devida para usos piedosos ou caritativos, nos quais possam ser mais úteis para aquele que lhes deu. Embora devamos dar o que pudermos no tempo da vida e da saúde, contudo muitos que têm apenas o suficiente para sua manutenção necessária podem bem desfazer-se disso para bons usos em sua morte, o que não poderiam dispensar no tempo de sua saúde: especialmente aqueles que não têm filhos, ou filhos tão ímpios que provavelmente farão mal com tudo o que lhes for dado acima do seu pão de cada dia.

Direção 17. Se for possível, consiga algum guia e consolador capaz e fiel para estar com você em sua enfermidade, para aconselhá-lo, resolver suas dúvidas, orar com você e discorrer sobre coisas celestiais, quando você estiver impossibilitado pela fraqueza para tais exercícios. Não permita que pessoas carnis o perturbem com seus falatórios vãos. Embora a diferença entre boa e má companhia seja muito grande no tempo da saúde, agora na enfermidade ela será mais discernível. E embora um amigo fiel e pastor espiritual seja sempre uma grande misericórdia, agora o é especialmente em sua última necessidade. Portanto, faça uso deles tanto quanto sua dor e fraqueza permitirem.

Direção 18. Esteja fortalecido contra todas as tentações de Satanás pelas quais ele costuma assaltar os homens em sua extremidade: resista no último conflito, e a coroa será sua. Darei exemplos em particular.

***Orientações para resistir às Tentações de Satanás,
no tempo da Enfermidade.***

Tentação 1. A tentação mais comum contra o consolo dos crentes (pois já falei daquelas que são contra a sua segurança) é duvidar de sua própria sinceridade e, conseqüentemente, de sua parte em Cristo. Diz o tentador: Tudo o que fizeste não passou de hipocrisia; nunca foste um verdadeiro crente, nem jamais te arrependeste verdadeiramente do pecado, nem amaste a Deus de verdade; e, portanto, não estás justificado e serás prontamente condenado.

Contra esta tentação, o crente tem dois remédios. O primeiro é refutar o tentador por aquelas evidências que provarão que ele tem sido sincero (tais como as que mencionei frequentemente antes); e repelir esses raciocínios pelos quais o tentador pretenderia provar que ele foi um hipócrita. Como quando se objetiva:

Objeção: Tu te arrependeste e foste humilhado apenas levemente e pela metade.

Resposta: Contudo, foi sinceramente; e a graça fraca não é ausência de graça.

Objeção: Tu foste um amante do mundo, um negligente com a tua alma e frio em tudo o que fizeste para a tua salvação.

Resposta: Contudo, dei mais valor ao céu do que à terra; e busquei primeiro o reino de Deus e a sua justiça, estimando-o acima de todas as riquezas do mundo.

Objeção: Tu mantiveste os teus pecados enquanto prosseguia em uma profissão de religião.

Resposta: Não tive pecado que, no temperamento habitual e comum da minha alma, eu não odiasse mais do que amasse, e preferiria ter sido liberto dele do que tê-lo mantido, e nenhum do qual eu não tenha me arrependido sinceramente.

Objeção: Tu não crestes verdadeiramente nas promessas de Deus e na vida por vir; do contrário, nunca terias duvidado como duvidaste, nem buscado tal reino com desejos tão fracos.

Resposta: Embora minha fé fosse fraca, ela venceu o mundo: cri na promessa de outra vida a ponto de preferi-la a esta vida, e estava resolvido a abandonar todo o mundo antes que abrir mão de minhas esperanças daquela bem-aventurança prometida; e a fé que pode fazer isso é sincera (por mais fraca que seja).

Objeção: Mas fizeste as tuas obras para seres visto pelos homens, e ficaste perturbado quando os homens não te aprovaram, nem te honraram; e o que foi isso senão mera hipocrisia?

Resposta: Embora eu tivesse alguma hipocrisia, não fui um hipócrita, porque ela não estava em um grau reinante e prevalecente: embora eu tenha considerado demais a estima dos homens, considerei ainda mais a estima de Deus. Assim, se o cristão discerne suas evidências, os falsos raciocínios de Satanás devem ser refutados.

Mas, ordinariamente, é um caminho mais pronto tomar o segundo curso, que é, no presente, crer e arrepender-se, e assim refutar Satanás que diz que você não é um crente penitente. Mas então você deve entender verdadeiramente o que são crer e arrepender-se; do contrário, pode pensar que não crê nem se arrepende quando o faz. Crer em Cristo é crer que ele é o Salvador do mundo e um consentimento da vontade para que ele seja o seu Salvador, para justificá-lo pelo seu sangue e santificá-lo pelo seu Espírito. Arrepender-se é sentir tanto pesar por ter pecado que, se fosse para fazer de novo, você não o faria (quanto ao pecado grosseiro e ao estado de pecado); e quanto às menores enfermidades, sua vontade está de tal modo voltada contra elas que você deseja ser liberto delas. Crer para a justificação não é crer que você já está justificado e seus pecados perdoados; e o arrependimento não consiste em tais graus de tristeza como alguns esperam, mas na mudança da mente e da vontade, de uma vida de sensualidade para uma vida de santidade. Quando souber disso, responda ao tentador assim: Se eu permitisse que me privasses do consolo de toda a minha integridade anterior, ainda assim não me privarias do consolo da minha sinceridade presente e das minhas esperanças; estou agora fraco e perturbado demais para testar tudo o que passou. As ações passadas são agora conhecidas apenas por lembrá-las; e raramente são julgadas como de fato foram então, mas de acordo com o temperamento e a apreensão da mente quando as revisa; e eu mesmo estou agora tão mudado e enfraquecido que não posso dizer se lembro verdadeiramente do justo temperamento e dos pensamentos do meu coração em tudo o que passou ou não. Nem me concerne mais agora saber o que fui, mas saber o que sou. Cristo não julgará de acordo com o que eu fui, mas de acordo com o que ele me encontrar; nunca ele recusou uma alma penitente e crente porque ela se arrependeu e creu tarde; eu agora me arrependo sinceramente de todos os meus pecados e estou de

coração disposto a ser tanto perdoado quanto limpo e santificado por Cristo, e aqui me entrego a ele como meu Salvador, e neste pacto permanecerei; e isto é verdadeiro arrependimento e fé. Assim, um pobre cristão em tempo de enfermidade pode, muitas vezes, esclarecer muito mais facilmente para si mesmo que se arrepende agora do que se arrependeu anteriormente; e este é o seu caminho mais seguro.

Tentação 2. E, no entanto, às vezes ele vem com a tentação exatamente contrária e deve ser resistido pelo caminho contrário. Quando ele encontra um cristão tão perplexo e perturbado pela enfermidade que seu entendimento está incapacitado para quaisquer pensamentos compostos, então ele lhe pergunta: Onde estão agora a tua fé e o teu arrependimento? Se tens algum, ou se algum dia tiveste, que apareça agora. Neste caso, o cristão deve contentar-se com a lembrança de sua sinceridade anterior e dizer ao tentador: Tenho certeza de que uma vez me entreguei sinceramente ao meu Senhor; e os que vêm a ele, ele de maneira nenhuma lançará fora; e se agora estou incapacitado para um exercício composto da graça, ele não imputará minha enfermidade a mim como pecado.

Tentação 3. Outra tentação comum é que agora é tarde demais; Deus não aceitará agora o arrependimento; o dia da graça já passou; ou, pelo menos, um arrependimento no leito de morte não é sincero. A isto a alma tentada deve responder: 1. Que se a fé e o arrependimento não fossem aceitos em qualquer momento desta vida, então a promessa de Deus não seria verdadeira, a qual diz que "todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3:16). Assim também em Lc 24:47; At 5:31; 11:18; 20:21; 2Tm 2:25; 2Pe 3:9. Há um tempo nesta vida em que alguns resistentes da verdade são entregues às suas próprias luxúrias, ao amor ao pecado e ao ódio à santidade, de modo que não se arrependirão; mas nunca houve

um tempo nesta vida em que Deus recusasse justificar um pecador verdadeiramente arrependido mediante sua fé em Cristo. 2. Que se um arrependimento no leito de morte verdadeiramente desvia o coração do mundo para Deus, e do pecado para a santidade, de modo que a pessoa penitente, se se recuperasse, levaria uma vida nova e santa, então esse arrependimento tem uma promessa tão certa de perdão e salvação como se tivesse ocorrido antes; e, no entanto, deve-se confessar que a demora é perigosa para todos e lança os homens sob dificuldades muito grandes, e a perda deles é extraordinariamente grande, embora ao final se arrependam e sejam perdoados.

Tentação 4. Às vezes o tentador diz: Tu não és eleito para a salvação; e Deus não salva ninguém senão os seus eleitos; e assim confunde o ignorante, levando-o a duvidar de sua eleição. A isto devemos responder: Que toda alma que é escolhida para a fé, para o arrependimento e para a perseverança, é certamente escolhida para a salvação; e eu sei que Deus me escolheu para a fé e para o arrependimento porque ele me deu; e tenho razão suficiente para confiar nele pela graça sustentadora que me fará perseverar.

Tentação 5. Mas, diz o tentador, Cristo não morreu por ti; e ninguém pode ser salvo se Cristo não morreu por ele. A isto deve-se responder: Que Cristo morreu por todos os homens, no sentido de ser um sacrifício suficiente por seus pecados e de fazer uma promessa de perdão e salvação a todos os que o aceitarem e ao seu dom; e ele roga a todos os que ouvem o evangelho que o aceitem; e, conseqüentemente, ele salvará todos os que consentirem com o seu pacto. Sou um filho pecador de Adão e, portanto, sou alguém por quem Cristo se tornou um sacrifício; e consinto com o seu pacto e, portanto, sou alguém que Cristo, por esse pacto, justifica e salvará.

Tentação 6. Às vezes o tentador perturba a alma com tentações de blasfêmia e incredulidade; e pergunta-lhe: Como sabes que existe um Deus, ou uma vida por vir, ou que as almas são imortais, ou que a Escritura é verdadeira? Sobre isto falei antes. A isto devemos então responder: Abomino as tuas sugestões; estas coisas eu vi provadas há muito tempo, e não te gratificarei tanto em minha fraqueza e extremidade a ponto de questionar e disputar estas verdades fundamentais seladas, não mais do que disputarei se existe um sol ou uma terra.

Tentação 7. Às vezes o tentador dirá: Na melhor das hipóteses, não tens garantia de salvação, e como podes deixar de tremer ao pensar em morrer, quando não sabes se irás para o céu ou para o inferno? A isto a alma que não tem garantia deve responder: É o meu próprio erro ou fraqueza que me mantém sem garantia; e não tomarei partido com minhas enfermidades, nem as aumentarei por seus efeitos: minhas esperanças são tais que devem elevar meus desejos, embora me falte plena garantia: a criança se deleita na companhia da mãe, e cada homem na de seu amigo; embora não tenha certeza de que a mãe ou o amigo não o ferirão ou lhe tirarão a vida. Por que eu deveria me perturbar com improbabilidades? Ou temer aquilo que não tenho razão sólida para temer? Antes, eu deveria estar feliz por morrer, para que a morte aperfeiçoe minha garantia e ponha fim a todas as minhas dúvidas e medos.

Tentação 8. Mas, diz o tentador, quão estranho és para Deus e para a vida por vir! Nunca os viste: não é terrível entrar em uma vida imutável, em um mundo para o qual és tão estranho?

Resposta: Mas Cristo não é estranho a ele; ele o vê por mim, e eu confiarei nele implicitamente. Onde deveriam estar os meus olhos, senão na minha cabeça? Nunca o verei até que chegue lá. Quando eu estiver lá por um tempo, esta escuridão, este

medo e este estranhamento terão passado. Eu era tão estranho a este mundo antes de entrar nele, e mais; e todas aquelas almas santas no céu foram estranhas a ele uma vez, assim como eu. Eu deveria, portanto, ansiar por estar com Cristo, para que não seja mais estranho a ele.

Tentação 9. Mas, diz o tentador, o teu medo e a tua relutância são sinais de que não tens amor a Deus, nem mente celestial; e como então podes esperar chegar ao céu?

Resposta: Meus medos vêm do estranhamento, da fraqueza da fé e de uma inimizade natural à morte. Se eu pudesse ir para Cristo em alegria e glória, e ser aperfeiçoado em santidade, sem morrer, eu não estaria relutante. Deus não espera que minha natureza esteja disposta a morrer; mas que a graça me torne disposto a estar com Cristo; e que eu me submeta pacientemente a uma passagem tão sombria. Até o próprio Cristo orou "para que, se fosse possível, passasse dele aquele cálice".

Tentação 10. Mas o que farão tua esposa e teus filhos quando te fores?

Resposta: Deus tem mais interesse neles do que eu; ele cuidará dos seus sem qualquer preocupação minha: acaso todo o mundo não depende dele, e não se deve confiar nele quanto à minha esposa e aos meus filhos?

Tentação 11. Mas nunca mais serás útil à igreja: todo o teu trabalho terá fim para sempre; e há muitas coisas que poderias ter feito antes de morrer, as quais serão todas perdidas.

Resposta: 1. Terei um trabalho mais alto, mais santo e mais doce: se ele conduzirá em algo para o bem daqueles na terra,

não sei; mas sei que conduzirá mais para os fins mais elevados e desejáveis. 2. Assim como o meu trabalho estará terminado, também a minha tribulação, o cansaço, os medos e os sofrimentos vindos de um mundo maligno e ingrato estarão terminados. 3. E quando o meu trabalho terminar, começam a minha recompensa e o descanso eterno. 4. E Deus não precisa de um verme como eu! O trabalho é dele, e é justo que ele escolha os seus trabalhadores.

Tentação 12. Mas quando tiveres dito tudo, a morte será a morte, o rei dos terrores.

Resposta: E quando tiveres dito tudo, Deus será Deus, e o céu será o céu, e Cristo será Cristo, que conquistou a morte e tem as chaves ou o poder da morte e do inferno: e a promessa será certa; e os que nele confiam nunca serão envergonhados ou confundidos. E, portanto, "o espírito está pronto, embora a carne seja fraca".

*Orientações para fazer o bem aos outros
em nossa Enfermidade.*

Toda a vida de um cristão deve ser um servir ao seu Deus; e embora seu corpo na enfermidade pareça ser inútil, contudo não é o menor ou o mais baixo de seus serviços o que ele deve então finalmente prestar: em parte por seu exemplo santo e em parte por seus discursos; os quais são ambos mais observados em homens moribundos do que em quaisquer outros. Pois agora todos supõem que, se antes havia qualquer máscara de hipocrisia, ela foi deixada de lado, e a alma que está indo para a barra do tribunal de Deus agirá com sinceridade. E agora supõe-se que estamos muito libertos de todos os delírios tolos

da prosperidade e, portanto, mais aptos para sermos conselheiros dos outros. E cada cristão deve desejar muito fazer o bem até o fim, e ser encontrado agindo assim.

Direção 1. Não mostre uma mente perturbada e impaciente. Embora a dor seja dor, e a carne seja carne, mostre aos homens que você também tem razão e espírito: e que isso acalma a sua alma, embora não alivie o seu corpo. Fale bem de Deus, como convém a quem de fato crê que é bom para nós quando somos afligidos por ele, e que tudo cooperará para o nosso bem (Rm 8:28). Não profira uma palavra de murmuração contra ele. Jó 1:22: "Em tudo isto Jó não pecou, nem atribuiu a Deus falta alguma". E não fale de modo muito ranzinza e impaciente aos que o cercam; embora a fraqueza o incline a isso, deixe aparecer o poder da graça.

Direção 2. Deixe que os que estão ao seu redor vejam que você considera a vida por vir como uma realidade, e que você verdadeiramente espera viver com Cristo em alegrias para sempre. Deixe que vejam isso em sua alegria e confiança santas, e em sua gratidão a Deus pela graça e esperanças que ele deu por meio de Cristo. Sei que um corpo dolorido e definhando está indisposto a expressar os consolos da alma: mas, enquanto a alma for a comandante, eles podem ser expressos em boa medida, embora não com tanta vivacidade e alacridade como na saúde. Comportem-se diante de todos como quem está indo habitar com Cristo. Se você lhes mostrar que considera o céu uma felicidade real, isso fará muito para atraí-los a fazer o mesmo; mostre-lhes a diferença entre a morte do justo e a do ímpio; e isso pode atraí-los tanto a desejar morrer a morte dos justos que pode atraí-los também a resolver viver a vida deles. Quantas almas poderiam ser ganhas para Deus se vissem em seus servos moribundos tal confiança e alegria como convém a homens que estão entrando em um

mundo de alegria, paz e bem-aventurança! Se saíssemos do corpo como de uma prisão para a liberdade, e de uma jornada cansativa para o nosso lar desejado, isso convidaria os pecadores a buscarem a mesma felicidade e seria um sermão poderoso para converter os imponderados.

Direção 3. Agora fale aos pobres pecadores sobre a vaidade do mundo e de toda a sua glória, riqueza e prazer; e sobre o malefício e o engano do pecado. Diga-lhes: Oh, senhores, podeis ver em mim quanto vale o mundo: se tivésseis toda a riqueza e prazer que desejais, assim ele vos descartaria e vos abandonaria ao final: não aliviará dor alguma; não trará paz a uma alma perturbada; não prolongará vossas vidas por uma hora; não vos salvará da ira de Deus; torna vossa morte mais triste porque dela deveis ser retirados; vossa conta será mais terrível. Oh, não ameis um mundo tão vão e enganoso! Não vendais vossas almas por um preço tão vil! Abandonai-o antes de serdes abandonados por ele! Oh, não façais pouco caso de pecado algum! Embora a carne lasciva queira que o tomeis por algo inofensivo, não podeis imaginar, quando o prazer se vai, quão agudo aguilhão é deixado para trás. O pecado não será motivo de brincadeira quando vossas almas estiverem saindo daqui para a presença terrível do Deus santíssimo.

Direção 4. Agora fale aos que o cercam sobre a excelência e necessidade do amor de Deus, do céu, de Cristo e de uma vida santa. Embora se possa fazer pouco caso destes à distância, uma alma que se aproxima deles estará mais desperta para entender o seu valor. Diga-lhes: Oh, amigos, percebo agora mais do que nunca que somente Deus é o fim e a felicidade das almas: nada senão o seu favor por meio de Jesus Cristo pode consolar e satisfazer um homem moribundo; e ninguém senão Cristo pode nos reconciliar com Deus, e responder por nossos pecados, e tornar-nos aceitáveis; e nenhum caminho senão o da

fé e da santidade terminará em felicidade. Opiniões e formas costumeiras na religião não servirão ao propósito; ser desta ou daquela facção, ou igreja, ou comunhão, não vos salvará. Somente a alma que é justificada por Cristo, e santificada pelo seu Espírito, e elevada ao amor de Deus e da santidade, será salva. Seja qual for a opinião ou igreja a que pertenceis, sem santidade nunca vereis a Deus para o vosso consolo, assim como sem fé é impossível agradecer-lhe (Hb 12:14; 11:6; Rm 8:6, 7, 9). Oh, em que caso miserável eu estaria agora se tivesse toda a riqueza e honra do mundo e não tivesse o favor de Deus, e um Cristo para adquiri-lo, e o seu Espírito para testemunhá-lo e preparar-me para uma vida melhor. Agora vejo a diferença entre gastar o tempo em santidade e no pecado; entre uma vida piedosa e uma vida mundana, carnal e negligente. Agora eu não desejaria, por mil mundos, ter gasto minha vida na sensualidade e na impiedade, e continuado um estranho à vida da fé. Agora, se eu tivesse um mundo, eu o daria para ser mais santo! Oh, senhores, crede, quando chegardes a morrer, o pecado será então pecado de fato, e Cristo e a graça serão melhores que riquezas, e morrer em um estado não regenerado e não santificado será uma miséria maior do que qualquer coração pode agora conceber.

Direção 5. Esforce-se também para fazer os homens conhecerem a diferença entre o justo e o ímpio. Diga-lhes: Vejo agora quem faz a escolha mais sábia. Oh, homens felizes, que escolhem as alegrias que não têm fim, e "ajuntam o seu tesouro no céu, onde a ferrugem e as traças não consomem, e os ladrões não minam nem roubam, e trabalham pela comida que nunca perece" (Mt 6:19, 20; Jo 6:27). Oh, pecadores insensatos, que por uma polegada de prazer carnal e imundo perdem o descanso e a alegria eternos! "Que aproveitará a eles ganhar todo o mundo e perder as suas almas?"

Direção 6. Trabalhe também para convencer os homens sobre o valor precioso do tempo e a loucura de adiar o arrependimento e uma vida santa até o final. Diga-lhes: Oh, amigos, é difícil para vós no tempo da saúde e prosperidade julgar o tempo de acordo com o seu valor: mas quando o tempo se foi, ou está perto do fim, quão precioso ele então aparece! Agora, se eu tivesse de novo todo o tempo que gastei em sono desnecessário, ou esportes, ou curiosidades, ou ociosidade, ou qualquer coisa desnecessária, quão altamente eu o valorizaria e o gastaria de outra maneira do que fiz! De toda a minha vida que passou, não tenho consolo agora na lembrança de uma hora sequer, senão daquela que foi gasta em obediência a Deus. Oh, aproveitai o tempo para ter certeza de vossa salvação antes que ele se vá e sejais deixados sob o sentimento atormentador de vossa perda.

Direção 7. Trabalhe também para fazê-los entender a pecaminosidade da preguiça e da vadiagem nos assuntos de Deus e de sua salvação; e estimule-os a fazê-lo com todas as suas forças. Diga-lhes: Muitas vezes ouvi pessoas ímpias zombarem ou culparem a diligência, o zelo e o rigor dos piedosos; mas se vissem e sentissem o que vejo e sinto, não poderiam fazê-lo. Pode um homem que está indo para outro mundo imaginar que algo seja tão digno de seu maior zelo e trabalho como o seu Deus e a sua salvação? Ou culpar os homens por terem receio de queimar no inferno? Ou por terem mais cuidado com suas almas do que com seus corpos? Oh, amigos, deixai os tolos falarem o que quiserem em seu sono e frenesi; como amais vossas almas, não considereis qualquer cuidado, custo ou trabalho grande demais para vossa salvação! Se eles não consideram seu trabalho bom demais para este mundo, não considereis o vosso bom demais para um mundo melhor. Deixai-os agora dizer o que quiserem; quando chegarem a morrer, não haverá nenhum deles que não esteja

totalmente desprovido de senso e razão que não deseje ter amado a Deus, e buscado e servido a ele, não formalmente, em cumprimento hipócrita, mas com todo o seu coração, alma e força.

Direção 8. Trabalhe também para fortalecer as mentes de seus amigos contra todos os medos de sofrer por Cristo e contra toda impaciência em qualquer de suas aflições. Diga-lhes: Os sofrimentos, bem como os prazeres desta vida, são tão curtos que não são dignos de serem comparados sequer uma vez com as coisas duradouras da vida por vir. Se passei por uma vida de carência e labuta, se meu corpo suportou enfermidade dolorosa, se sofri tanto dos homens e fui tratado cruelmente por amor a Cristo, o que estou pior agora, quando tudo passou? Teria uma vida fácil, honrada e farta tornado minha morte mais segura ou mais doce? Oh, não! São as coisas eternas que são de fato significativas e consideráveis. Nem o prazer nem a dor que são curtos são de grande importância. Garanti os prazeres eternos e tereis feito o vosso trabalho. Oh, vivei pela fé e não pela vista; não olheis para as coisas temporais que se veem. Não é vossa preocupação se sois ricos ou pobres, em honra ou desonra, em saúde ou enfermidade, mas se estais justificados e santificados, e se vivereis com Deus no céu para sempre. Tais conselhos sérios de homens moribundos podem tornar sua enfermidade mais frutífera do que sua saúde.

CAPÍTULO 31

ORIENTAÇÕES PARA OS AMIGOS DOS ENFERMOS, QUE ESTÃO AO SEU REDOR

Direção 1. Quando você vir a enfermidade ou a morte de amigos, tome isso como o aviso de Deus para você, para que você mesmo se prepare para o mesmo. Lembre-se de que assim deve ser com você: assim você provavelmente jazerá em dor; e assim todo o mundo o abandonará, e nada de toda a sua honra ou riqueza lhe proporcionará qualquer consolo. Este será o fim de todos os seus prazeres, de sua grandeza, de suas casas, terras e servos; e de suas deliciosas comidas e bebidas; e de toda a sua alegria, folguedos e recreações. Assim deve sua carcaça ser abandonada por sua alma, e depositada em uma sepultura, e ali jazer apodrecendo nas trevas; e sua alma aparecer diante de seu Juiz, para ser sentenciada ao seu estado eterno. Este certamente será o seu caso: e oh, quão rapidamente ele virá! Então, quanto valerão Cristo e a graça! Então, nada além do favor de Deus poderá consolá-lo. Então, o que será melhor para você: olhar para trás, para uma vida santa e bem gasta, ou para uma vida de facilidade e prazer carnaís? Então, você preferiria ser um santo ou um sensualista? Leve isso a sério, e que a casa de luto o torne melhor, e viva como quem espera morrer.

Direção 2. Use os melhores meios para a recuperação do enfermo que os médicos mais capazes lhe aconselharem, tanto quanto você for capaz. Cuidado para não ser culpado do orgulho e da loucura de muitas pessoas ignorantes e presunçosas, que estão prontas para impor cada remédio próprio sobre seus amigos na enfermidade, quando não conhecem nem a natureza da doença nem a cura. Muitos

milhares são levados à morte prematuramente pela loucura de seus amigos mais próximos, que insistem em medicá-los e governá-los, desprezando o médico; como se fossem eles mesmos muito mais sábios do que ele, quando são meramente ignorantes do que fazem. Assim como sectários ignorantes desprezam teólogos e se colocam como melhores pregadores, assim muitas mulheres tolas desprezam os médicos; e quando conseguem alguns remédios, cuja natureza não conhecem, nem como usar, consideram-se as melhores médicas, e as vidas de seus pobres amigos devem pagar por seu orgulho e loucura. Meio algum deve ser confiado em vez de Deus, mas o melhor deve ser usado em subordinação a Deus. E pensar-se-ia que uma pequena medida de inteligência e humildade poderia servir para fazer mulheres tolas entenderem que aquelas que nunca dedicaram um ano sequer ao estudo da medicina não têm tanta probabilidade de entendê-la quanto aqueles que a estudaram e praticaram por grande parte de suas vidas. É triste ver pessoas matarem seus amigos mais queridos por bondade; até mesmo por aquela ignorância e orgulhosa presunção que também as torna destruidoras de suas próprias almas.

Pergunta: Mas visto que Deus designou o tempo de todos os homens, que bem pode a medicina fazer? Se Deus designou que vivam, viverão; e se ele designou que morram, não é a medicina que pode salvá-los.

Resposta: Este é o raciocínio tolo de pessoas ímpias sobre sua salvação. Se Deus me designou para a salvação, serei salvo; se ele não designou, toda a minha diligência não fará bem algum. Mas tais pessoas não sabem do que falam. Deus tornou o seu dever mais aberto e conhecido a você do que os seus próprios decretos. E você separa aquelas coisas que ele uniu. Assim como Deus não designou homem algum para a salvação simplesmente sem respeito aos meios de salvação; assim Deus

não designou homem algum para viver senão pelos meios da vida. O seu decreto não é apenas: "Tal homem será salvo", ou "Tal homem viverá tanto tempo"; mas este é o seu decreto: "Tal homem será salvo, no caminho da fé e da santidade, e no uso diligente dos meios", e "Tal homem viverá tanto tempo, pelo uso daqueles meios que eu preparei para a preservação de sua vida". De modo que, assim como aquele que vive uma vida santa pode estar certo de que é escolhido para a salvação (se perseverar), e aquele que é ímpio pode estar certo de que está no caminho do inferno; assim, aquele que negligencia os meios de sua saúde e vida mostra que é improvável que Deus o tenha designado para viver; e aquele que usa os melhores meios tem mais probabilidade de se recuperar (embora os melhores não curem doenças incuráveis, nem tornem o homem imortal). O raciocínio é o mesmo que se você dissesse: "Se Deus me designou para viver tanto tempo, viverei embora não coma nem beba; mas se ele não designou, comer e beber não prolongará minha vida". Mas você deve saber que Deus não apenas o designa para viver — isso é apenas metade do seu decreto —, mas ele decreta que você viverá por meio de comer e beber.

Direção 3. Lembre seus amigos a tempo de fazerem seus testamentos e, prudentemente, por bom conselho, organizarem seus bens, para que não deixem ocasião de contenda sobre isso quando estiverem mortos. Isso deve ser feito na saúde, por causa da incerteza da vida; mas se não for feito até a enfermidade, deve ser feito então o quanto antes. A negligência disso frequentemente causa muita contenda pecaminosa sobre coisas mundanas, mesmo entre aqueles parentes próximos que deveriam viver na maior amizade e paz.

Direção 4. Afaste deles as companhias vãs, tanto quanto você puder convenientemente (exceto se forem pessoas que devam necessariamente ser admitidas, ou aquelas que provavelmente

receberão algum bem pelo conselho santo do enfermo). É um grande incômodo para alguém que está perto da morte ouvir pessoas falarem com pouco propósito sobre o mundo ou algumas impertinências; quando estão indo rapidamente para o seu estado eterno e não precisam de mais impedimentos em seu caminho, mas da melhor assistência que seus amigos possam lhes oferecer. Procure algum ministro capaz e fiel para estar com eles, para aconselhá-los sobre o estado de suas almas; e consiga alguns cristãos santos e capazes para estarem muito com eles, que sejam aptos para orar com eles e instruí-los.

Direção 5. Suporte a impaciência deles e não se queixe de qualquer trabalho que eles lhe causem. Lembre-se de que a fraqueza é irritadiça e, assim como você suporta o choro das crianças, assim deve suportar a ranzinze dos enfermos; e lembre-se de que, em breve, é provável que seja o seu próprio caso, e você terá de ser um fardo para os outros, e eles terão de suportá-lo. Não se canse de seus amigos na enfermidade; mas seja amoroso, terno, compassivo e paciente.

Direção 6. Lide fiel e prudentemente com eles sobre o estado de suas almas. Sua fidelidade deve ser mostrada nestes dois pontos: 1. Que você não os lisonjeie com vãs esperanças de vida, quando é mais provável que morram. 2. Que você não os lisonjeie com falsas persuasões de que seu estado é seguro, quando ainda não são santificados, nem os coloque em esperanças de serem salvos sem a regeneração.

Sua prudência deve ser manifestada: 1. Ao adequar seu conselho, discursos e orações ao estado deles; e não usando as mesmas palavras para os ímpios que usaria para os piedosos. 2. Ao contrair seu conselho para a conversão dos ímpios de modo a não sobrecarregá-los com mais do que podem suportar; e, contudo, não deixar de fora nenhum ponto de absoluta

necessidade para a salvação. Ai, quanta habilidade tal obra requer! E quão poucos cristãos (para não dizer pastores) são aptos para ela!

Pergunta 1: Mas é um dever, quando os enfermos estão para morrer, tornar isso conhecido a eles?

Resposta: Às vezes é, e às vezes não. 1. Algumas enfermidades são tais que serão tão aumentadas pelo medo que o paciente, que antes tinha esperança de recuperação, será colocado quase além da esperança. E algumas enfermidades são muito diferentes e não tendem a ser aumentadas por isso. E algumas já passaram de toda esperança. 2. Alguns estão tão preparados para morrer que têm menos necessidade de serem informados de seu perigo; e alguns não são convertidos e estão em um caso tão perigoso que a necessidade absoluta de suas almas pode exigí-lo. Quando a alma está em tão triste estado e, no entanto, o corpo pode ser colocado em perigo pelo medo da sentença de morte, o curso mais seguro é dizer-lhes que, embora Deus possa recuperá-los, sua doença é tão perigosa que clama por sua rápida e séria preparação para a morte; a qual não será perdida se Deus os restaurar. De modo que possam ter tanta esperança quanto baste para evitar que o medo os mate, e tanto conhecimento de seu perigo quanto possa levá-los ao seu dever. Mas no caso de já haver pouca ou nenhuma esperança, ou no caso de a doença ser pouco aumentada pelo medo (que é o caso da maioria), o perigo não deve de modo algum ser escondido.

Pergunta 2: Estou sempre obrigado a falar a um homem ímpio de seu pecado e miséria, quando isso pode exacerbar sua doença e ofender sua mente?

Resposta: Se fosse uma enfermidade desprovida de perigo caso sua mente estivesse quieta, e que provavelmente o mataria se sua mente fosse perturbada, então seria o curso mais prudente chamá-lo ao arrependimento e à fé apenas até onde você pudesse fazê-lo sem qualquer perturbação perigosa para ele; porque é maior caridade para com sua alma ajudá-lo a ter um tempo mais longo de arrependimento, em vez de depositar todas as esperanças de sua salvação no tempo presente. Mas este não é um caso comum; portanto, ordinariamente é um dever informar à pessoa enferma, que ainda está em seu pecado e estado não regenerado, a verdade de seu perigo e a necessidade de renovação. Ai! É um tipo lamentável de amizade lisonjear uma pobre alma até a condenação, ou esconder seu perigo até que ela tenha passado da recuperação. Quando ela está em um estado de miséria indizível e tem apenas alguns dias ou semanas de tempo restante para fazer tudo o que deve ser feito para sua salvação, que crueldade horrível é então deixá-la ir para o inferno por medo de desagradá-la ou inquietá-la!

Objeção: Mas tenho medo de lançá-lo no desespero, se eu lhe disser claramente que ele está em um estado de condenação.

Resposta: Se você o deixar em paz um pouco mais, ele estará em um desespero irremediável. Não há desespero irremediável senão aquele no inferno. Mas agora você pode ajudar a salvá-lo, tanto do desespero presente quanto do infinito. Ele precisa desesperar de ser salvo sem um Cristo, ou sem a regeneração do Espírito Santo, ou sem verdadeira fé e arrependimento, e amor a Deus e santidade. Mas precisa ele desesperar de alcançar tudo isso, enquanto Cristo lhe é oferecido tão livremente e um remédio pleno está à mão? Ele deve conhecer seu pecado e miséria, ou então nunca terá probabilidade de escapar deles; mas ele também deve ser familiarizado com o

verdadeiro remédio; e esse é o seu caminho para mantê-lo longe do desespero, e não lisonjeando-o até o inferno.

Pergunta 3: Mas o que se deve fazer em tão pouco tempo, e com pecadores de coração morto? Ai! que esperança há? Se não fosse nada além de sua ignorância, ela não pode ser curada em um momento. E há então alguma esperança em tão curto espaço de tempo para trazê-los ao conhecimento, ao arrependimento e a um coração mudado, para amar a Deus e a santidade; e isso quando a dor e a fraqueza os incapacitam?

Resposta: O caso de fato é muito triste; mas, ainda assim, enquanto há vida, há alguma esperança: e enquanto há qualquer esperança, devemos fazer o nosso melhor, quando é para a salvação de uma alma; e a dificuldade deveria apenas nos estimular a usar o máximo de nossa habilidade e diligência. Mas, assim como é a miséria de tais pessoas adiar a conversão até um tempo tão impróprio, assim é muito frequentemente o pecado dos crentes adiar seus esforços sérios para converter os homens até um momento em que quase desesperam do sucesso.

Pergunta 4: Mas o que faremos em um caso duvidoso, quando não sabemos se a pessoa é renovada e verdadeiramente penitente ou não; que é o caso da maioria com quem temos de lidar?

Resposta: Você pode dizer se os fundamentos de sua esperança ou de seu medo concernentes a eles são os maiores; e, conseqüentemente, seu discurso deve ser misto e temperado, e seus conselhos ou consolos dados com as condições e suposições expressas.

Pergunta 5: Mas que ordem você gostaria que observássemos ao falar aos ignorantes e ímpios, quando o tempo é tão curto?

Resposta: 1. Trabalhe para despertá-los para um senso vivo da mudança que está à mão, para que entendam a necessidade de cuidar do estado de suas almas. 2. Então mostre-lhes quais são os termos da salvação, e quem são aqueles que o evangelho julga para a salvação ou condenação. 3. Em seguida, aconselhe-os a testar qual dessas é a sua condição, e a agir fielmente, visto que a autolisonja pode arruiná-los, mas não pode lhes fazer bem algum. 4. Então ajude-os no teste; por exemplo: "Se tem sido assim ou assado com você, então você pode saber que este é o seu caso". 5. Então diga-lhes as razões de seus medos, se você teme que não sejam convertidos, ou de suas esperanças, se você de fato espera que seja melhor com eles. 6. Então exorte-os condicionalmente (se ainda estiverem em um estado carnal e não santificado) a lamentar isso, e a serem humilhados e penitentes por sua vida pecaminosa e ímpia. 7. E então diga-lhes o remédio, em Cristo e no Espírito Santo, e a promessa ou pacto da graça. 8. E, por último, diga-lhes seu dever presente, para que este remédio possa provar-se eficaz para sua salvação. E se você tiver tanto interesse ou autoridade que torne isso adequado para você, estimule-os por perguntas convenientes a abrir o seu caso até onde possa dirigi-lo, e conforme as respostas deles possam mostrar se eles verdadeiramente resolvem ter uma vida santa, se Deus os restaurar, e se seus corações de fato mudaram ou não.

Direção 7. Se você não for capaz de instruí-los como deveria, leia algum bom livro para eles, que seja mais adequado ao seu caso: tal como "A Arte Correta de Bem Morrer" de Perkins; "A Prática da Piedade" nas orientações para os enfermos; o "Tratado da Enfermidade" de Edward Lawrence; ou o que mais for mais adequado para eles. E porque a maioria é incapaz de aconselhar os enfermos corretamente, e você pode não ter um livro adequado à mão, subjungirei aqui uma ou duas formas breves para que tais pessoas leiam aos enfermos que não

podem suportar nenhum discurso longo. E outros livros o ajudarão com formas de oração com eles, se você não puder orar sem tal ajuda.

Direção 8. Não julgue o estado das almas dos homens por aqueles comportamentos em sua enfermidade que procedem de suas doenças ou distúrbios corporais. Muitas pessoas ignorantes julgam um homem pela maneira de seu morrer: se alguém morre em calma e clareza de entendimento, e com algumas boas palavras, pensam que isso é morrer como um santo. Ao passo que em tises, e frequentemente em hidropesias, e outras doenças crônicas desse tipo, isso é comum tanto com bons quanto com maus: e em uma febre violenta, ou frenesi ou distração, o melhor homem que exista pode morrer sem o uso da razão: algumas doenças tornarão alguém estúpido, pesado e inapto para falar; e algumas consistem com tanta liberdade de fala quanto no tempo da saúde. O estado das almas dos homens não deve ser julgado por coisas acidentais e inevitáveis como estas.

Direção 9. Não seja nem desnaturalmente insensível à morte de amigos, nem excessivamente abatido ou aflito. Fazer pouco caso da morte de parentes e amigos, sejam eles bons ou maus, é sinal de uma natureza muito viciosa; que é tão egoísta a ponto de não considerar muito as vidas dos outros: e aquele que não considera as vidas de seus amigos é pouco confiável em seus interesses menores. Não digo isso daquelas pessoas cujo temperamento não lhes permite chorar: pois pode haver um respeito e uma tristeza tão profundos em alguns que não têm lágrimas, quanto em outros que abundam nelas. Mas falo de uma natureza má e egoísta, que pouco se afeta com os interesses de qualquer pessoa, exceto os seus próprios.

Contudo, sua dor pela morte de amigos deve ser muito diferente tanto em grau quanto em tipo. 1. Pelos amigos ímpios, você deve sofrer por causa deles mesmos, porque se morreram como tais, estão perdidos para sempre. 2. Pelos seus amigos piedosos, você deve lamentar por causa de si mesmo e de outros, porque Deus removeu aqueles que eram bênçãos para os que os cercavam. 3. Por magistrados e ministros de escolha, e outros instrumentos de bem público, sua tristeza deve ser maior, por causa da perda comum e do julgamento assim infligido ao mundo. 4. Pelos cristãos antigos e provados, que venceram o mundo e viveram tanto tempo até que a idade e a fraqueza os tornaram quase inúteis para a igreja, e que gemem para serem descarregados e estarem com Cristo, sua tristeza deveria ser mínima, e sua alegria e graças por sua felicidade deveriam ser máximas. Mas especialmente abomine aquela natureza que secretamente se alegra com a morte dos pais (ou sente pouca tristeza), porque os bens deles passaram para você, ou você foi enriquecido, ou posto em liberdade pela morte deles. Deus raramente deixa este pecado sem vingança, por alguns julgamentos pesados mesmo nesta vida.

Auxílio contra o luto excessivo pela morte de amigos.

Direção 10. Para vencer seu luto desordenado pela morte de seus parentes, considere estas coisas seguintes. 1. Que o excesso de tristeza é o seu pecado: e pecar é um mau uso a ser feito de sua aflição. 2. Que ele tende a muito mais: torna-o inapto para muitos deveres aos quais você está obrigado, como alegrar-se em Deus, ser grato pelas misericórdias, e ser alegre em seu amor, louvor e serviço: e é um pecado pequeno tornar-se inapto para os maiores deveres? 3. Se você está tão perturbado com a disposição que Deus faz do que é dele, o que faz a sua vontade senão levantar-se contra a vontade de Deus; como se você se queixasse do exercício do domínio e governo

dele, isto é, de que ele é Deus! Quem é mais sábio, melhor e mais apto para dispor das vidas de todos os homens? É Deus ou você? Você não gostaria que Deus fosse o Senhor de tudo, e dispusesse do céu e da terra, e das vidas e coroas dos maiores príncipes? Se não gostaria, não gostaria que ele fosse Deus. Se gostaria, não é irracional que apenas você ou seus amigos fossem excetuados da disposição dele? 4. Se seus amigos estão no céu, quão inadequado é você estar em luto excessivo por eles, quando eles foram arrebatados às mais altas alegrias com Cristo; e o amor deveria ensiná-lo a alegrar-se com os que se alegram, e não a lamentar como aqueles que não têm esperança. 5. Você não sabe que misericórdia Deus mostrou aos seus amigos ao tirá-los do mal vindouro; você não sabe em que sofrimento a terra ou a igreja está caindo; ou pelo menos que sofrimento poderia ter caído sobre eles mesmos; nem em que pecados poderiam ter sido tentados. Mas você tem certeza de que o céu é melhor que a terra, e que é muito melhor para eles estarem com Cristo. 6. Você sempre soube que seus amigos deviam morrer; lamentar que fossem mortais é apenas lamentar que fossem apenas homens. 7. Se a mortalidade ou a morte deles lhe é penosa, você deveria alegrar-se por terem chegado ao estado de imortalidade, onde devem viver de fato e não morrer mais. 8. Lembre-se de quão rapidamente você estará com eles novamente. A expectativa de viver muito tempo é a causa de sua dor excessiva pela morte de amigos. Se você esperasse morrer amanhã, ou dentro de poucas semanas, lamentaria menos que seus amigos tivessem ido antes de você. 9. Lembre-se de que o mundo não é para uma geração apenas; outros devem ocupar nossos lugares quando partirmos; Deus será servido por gerações sucessivas, e não apenas por uma. 10. Se você é cristão de fato, o mais alto de todos os seus desejos e esperanças é estar no céu; e você lamentará tanto que seus amigos tenham ido para lá, onde você mais deseja e espera estar?

Objecção: Tudo isso é razão, se meu amigo tivesse ido para o céu: mas ele morreu impenitente, e como eu deveria ser consolado por uma alma que tenho causa para pensar que está condenada?

Auxílios para moderar nossa tristeza pelos condenados.

Resposta: A miséria deles deve ser a sua dor; mas não uma dor tal que o prive de suas alegrias maiores, ou o incapacite para seus deveres maiores. 1. Deus é mais apto do que você para julgar as medidas de sua misericórdia e de seus juízos, e você não deve nem pretender ser mais misericordioso do que ele, nem repreender a sua justiça. 2. Todas as obras de Deus são boas; e tudo o que é bom é amável; embora a miséria da criatura seja má para ela, contudo as obras da justiça declaram a sabedoria e a santidade de Deus; e quanto mais perfeitos formos, mais elas serão amáveis para nós. Pois, 3. O próprio Deus, e Cristo, que é o Salvador misericordioso do mundo, aprovam a condenação dos finalmente ímpios. 4. E os santos e anjos no céu sabem mais da miséria das almas no inferno do que nós; e, contudo, isso não diminui as suas alegrias. E quanto mais perfeito alguém é, mais ele tem a mesma mente de Deus. 5. Quão alegre e grato você deveria ser ao pensar que Deus livrou você mesmo daquelas chamas eternas! A miséria dos outros deveria excitar a sua gratidão. 6. E não deveriam as alegrias de todos os santos e anjos ser a sua alegria, tanto quanto os sofrimentos dos ímpios sejam as suas dores? Mas, acima de tudo, os pensamentos da bem-aventurança e glória do próprio Deus deveriam sobrepujar todos os interesses da criatura para você. Se você lamentar mais pelos ladrões e assassinos que são enforcados do que se alegrará na justiça, prosperidade e honra do rei, e no bem-estar de todos os seus súditos fiéis, você não se comporta como súdito fiel. 7. Em breve você espera chegar ao céu: lamente agora pelos

condenados como você fará então; ou, pelo menos, não permita que a diferença seja grande demais, quando aquele, e não este, é o seu estado perfeito.

Uma Forma de Exortação aos Ímpios em sua Enfermidade (ou àqueles que tememos que o sejam).

Caro Amigo: O Deus que deve dispor de nós e de todas as coisas ameaça por esta enfermidade chamar a sua alma e pôr um fim ao tempo de sua peregrinação; e, portanto, seus amigos que o amam e têm piedade de você não devem agora calar-se, se podem dizer qualquer coisa para sua preparação e salvação, porque deve ser agora ou nunca: quando passarem alguns dias, eles nunca mais terão tal oportunidade. Se agora não prevalecermos com você, é provável que você esteja rapidamente fora do alcance de ouvir, e além de nosso conselho e ajuda para sempre. E porque sei que sua fraqueza me pede para ser breve, e sua memória não deve ser sobrecarregada com excesso, e contudo sua necessidade não deve ser negligenciada, reduzirei tudo o que tenho a dizer a você a estes quatro tópicos: 1. Sobre a mudança da qual você parece estar próximo, e o mundo para o qual você está indo. 2. Sobre a preparação que deve ser feita por todos os que serão salvos, e quem são aqueles que o evangelho justifica ou condena. 3. Eu gostaria muito de ajudá-lo a entender em qual dessas condições você está, e o que será de sua alma se ela partir assim. E, 4. Se o seu caso for mau, eu o orientaria sobre como você pode sair dele, e o que ainda deve ser feito enquanto resta algum tempo e esperança. E peço-lhe que aplique o seu coração ao que eu digo; pois não falarei nada senão a verdade certa de Deus, revelada ao mundo por seu Filho e Espírito, expressa na Escritura e acreditada por toda a igreja de Cristo.

I. Deus sabe que a mudança é grande, da qual você está próximo. Você está deixando este mundo, onde passou os dias de sua preparação para a eternidade, e deixando esta carne para se corromper e tornar-se terra comum, e não deve mais conversar com o homem aqui: você está indo agora ver aquele mundo do qual o evangelho lhe falou, e do qual você frequentemente ouviu falar, mas que nem você nem nós jamais vimos. Antes que seus amigos tenham depositado seu corpo na sepultura, sua alma deve entrar em seu estado sem fim, e na ressurreição seu corpo se unirá a ela. Ou o céu ou o inferno deve ser a sua porção para sempre. Se for o céu, você encontrará ali um mundo de luz, amor e paz; um mundo de anjos e almas glorificadas, que foram todos aperfeiçoados em conhecimento e santidade; vivendo nas chamas perfeitas de amor ao seu glorioso Criador, Redentor e Regenerador: e com eles você mesmo será assim aperfeiçoado: sua alma verá a glória de Deus, e será arrebatada em seu amor, e cheia de suas alegrias, e empregada triunfantemente em seus louvores, e isso para sempre. Se o inferno for a sua porção, você será ali lançado fora como algo odiado da face de Deus, e ali encontrará um mundo de demônios e almas ímpias, condenadas e miseráveis; entre as quais você deve habitar, nas chamas da ira de Deus e nos horrores de sua própria consciência, lembrando com angústia da misericórdia que uma vez rejeitou, e dos avisos e do tempo que uma vez perdeu: e na ressurreição sua alma e corpo devem ser reunidos e viver ali em tormento e desespero para sempre. Sei que estas coisas são apenas acreditadas pela metade pelo mundo ímpio, enquanto professam acreditar nelas; e, portanto, devem sentir aquilo que se recusaram a acreditar: mas Deus revelou isso a nós, e nós acreditaremos em nosso Criador. Você está agora indo ver a grande diferença entre o fim da santidade e do pecado; entre o justo e o ímpio; e a conhecer por sua própria experiência

aquelas alegrias ou tormentos que os perversos não conhecerão pela fé. E oh, que preparação tal mudança requer!

II. Você deve saber em seguida que pessoas são estas, e como elas diferem, que devem habitar para sempre nestes estados diferentes. Como somos filhos de Adão, somos todos corrompidos; nossas mentes são carnaís e voltadas para este mundo, e não saboreiam nada senão as coisas da carne; e quanto mais avançamos no pecado, piores somos; sendo estranhos à vida da fé, e ao amor de Deus e à vida por vir, tomando a prosperidade e o prazer da carne pela felicidade que mais desejamos e buscamos. O nome deste estado na Escritura é carnal, ímpio e profano; porque tais homens vivem em uma mera natureza ou disposição carnal para fins carnaís, de uma maneira carnal, e não são de modo algum dedicados a Deus, nem elevados a desejos e deleites celestiais; mas vivem principalmente para esta vida, e não para a vida por vir: e embora possam adotar algum tipo de religião, em segundo lugar e de passagem, por medo de serem condenados quando não puderem mais manter o mundo; contudo é este mundo que eles principalmente valorizam, amam e buscam, e sua religião está sujeita ao seu interesse e deleites mundanos e carnaís. E embora Deus tenha provido e oferecido a eles um Salvador, para ensiná-los melhor, e reclamá-los e santificá-los por sua palavra e Espírito, e perdoá-los se crerem nele e retornarem, contudo eles negligentemente ignoram esta misericórdia, ou obstinadamente a recusam, e continuam suas vidas mundanas e carnaís até que o tempo passe, e a misericórdia termine, e não haja remédio. Estes são os homens que Deus condenará, e esta é a verdadeira descrição deles. E não condiz com a justiça governante, e santidade, e verdade de Deus salvá-los.

Mas, por outro lado, todos aqueles que Deus salvará creem de coração em Jesus Cristo, que é enviado de Deus para ser o

Salvador das almas; e ele os faz conhecer (por sua palavra e Espírito) seu pecado grave e miséria em seu estado de natureza corrompida; e ele os humilha por isso, e os traz ao verdadeiro arrependimento, e os faz abominar a si mesmos por suas iniquidades; e vendo como se jogaram fora e se arruinaram, e não são melhores que escravos de Satanás e herdeiros do inferno, eles aceitam alegremente o remédio que lhes é oferecido em Cristo: eles o tomam de coração como seu Salvador e Rei, e se entregam em pacto a ele, para serem justificados e santificados por ele; sobre o que ele perdoa todo o seu pecado, e os ilumina e santifica ainda mais por seu Espírito: ele lhes mostra pela fé o amor infinito de Deus, e as alegrias seguras, eternas e santas que podem ter no céu com ele; e quão bendita vida podem ali obter (por meio de sua compra e dom) com todos os santos e anjos benditos: ele os faz deliberadamente comparar esta oferta de felicidade eterna com todos os prazeres e aparentes comodidades do pecado, e tudo o que este mundo enganoso pode fazer por eles: e tendo considerado ambos, eles veem que não há comparação a ser feita, e se envergonham de que algum dia foram tão loucos a ponto de preferir a terra ao céu, e uma polegada de tempo à eternidade, e um sonho de prazer às alegrias eternas, e de amar os prazeres de um mundo transitório acima da presença, favor e glória de Deus: e para o tempo vindouro, eles estão firmemente resolvidos sobre o que fazer; a saber, tomar o céu como sua única felicidade, e ali depositar suas esperanças e tesouro, e viver para Deus, como fizeram para a carne; e ter certeza de sua salvação, aconteça o que acontecer com seu interesse mundano. E assim o Espírito habita e trabalha neles, e renova seus corações, e lhes dá um ódio a cada pecado, e um amor a cada coisa santa, até mesmo à santa palavra, ao culto, aos caminhos e aos servos do Senhor: e em uma palavra, ele os torna novas criaturas; e embora ainda tenham suas imperfeições pecaminosas, contudo a inclinação de seus

corações e vidas é santa e celestial, e eles anseiam por ser perfeitos, e estão trabalhando para isso, e buscam primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e vivem acima do mundo e da carne: e em breve Cristo os tornará perfeitos, e os justificará no dia de seu julgamento, e lhes dará o fim glorioso de toda a sua fé, obediência e paciência. Estas são as pessoas, e ninguém além destas (entre nós, que temos o uso da razão), que viverão com Deus.

III. Sendo esta a verdade infalível do evangelho, e sendo esta a verdadeira diferença entre o justo e o ímpio, entre as almas justificadas e as condenadas, oh, quão de perto lhe concerne agora testar qual destas é a sua própria condição! Certamente isso pode ser conhecido: pois Deus julgará o mundo com justiça, pela mesma lei ou pacto pelo qual ele os governa. Saiba apenas quem a lei de Cristo condena ou justifica, e você logo saberá quem o Juiz condenará e justificará; pois ele procederá de acordo com esta lei. Se você morrer em um estado não renovado em seus pecados, suas esperanças do céu morrerão todas com você; e por mais que você pense bem de si mesmo até a morte, e por mais confiantemente que pretenda confiar em Cristo e na misericórdia de Deus, uma hora o convencerá, para o seu pesar eterno, de que a misericórdia de Deus e os méritos de Cristo nunca levaram ao céu uma alma não santificada. A autolisonja não serve para nada, exceto para impedi-lo de se arrepender até que o tempo passe, e para aquietá-lo nas armadilhas de Satanás até que não haja mais remédio: portanto, agora mesmo, como você ama a sua alma, examine-se e teste em qual destas condições você se encontra e, conseqüentemente, julgue a si mesmo, antes que Deus o julgue. Não pode você saber, se quiser, se tem buscado mais a terra ou o céu, e qual deles você preferiu e buscou com a mais alta estima e resolução, e se o seu interesse mundano ou o celestial

tem prevalecido, e qual deles cedeu lugar ao outro? Não pode um homem dizer, se quiser, o que é que sua própria alma tomou praticamente como sua principal preocupação, e o que é que teve a maior parte de seu amor e cuidado? E o que esteve mais próximo de seu coração, e o que ele preferiu quando chegaram à separação, e um foi colocado contra o outro? Não pode você dizer se viveu principalmente para a carne, para a prosperidade deste mundo e para os prazeres do pecado? Ou se o Espírito de Cristo, por sua palavra, o iluminou e lhe mostrou seu pecado e miséria, e o humilhou por isso, e lhe mostrou a glória da vida por vir e a felicidade de viver no amor de Deus, e, com base nisso, uniu seu coração a si mesmo e o desviou do pecado para a santidade, do mundo para Deus e da terra para o céu, e fez de você uma nova criatura, para viver para o céu como vivia para a terra? Certamente esta não é uma obra ou mudança tão pequena e imperceptível que aquele que a sentiu em si mesmo não possa conhecê-la. É uma boa obra levar um pecador a sentir sua injustiça e miséria, e a aplicar-se a Cristo em busca de justiça e vida: é uma grande obra retirar o coração de toda a felicidade deste mundo e fixá-lo sinceramente em Deus, e fazê-lo colocar e buscar sua felicidade em outro mundo, aconteça o que acontecer com toda a prosperidade ou prazer da carne. É assim com todo verdadeiro crente, apesar de todo o remanescente de seus pecados e fraquezas: e não pode você saber se é assim ou não com você? Um destes é o seu caso: e agora é tempo de saber qual deles é; quando Deus está pronto para lhe dizer pelo julgamento dele. Se de fato você está em Cristo, e o Espírito dele está em você, e o renovou, e o santificou, e voltou seu coração e vida para Deus, então não tenho nada mais do que paz e consolo a lhe dizer (como na exortação seguinte): mas se for de outra forma, e você ainda estiver em um estado carnal, e nunca foi renovado pelo Espírito de Cristo, você me permitiria lidar fielmente com você, como é necessário com alguém em sua condição, e expor diante de

you de uma só vez o seu pecado e o seu remédio, e dizer-lhe o que você ainda deve fazer se quiser ser salvo?

IV. E primeiro, você levará a sério aqui a sua loucura e lamentará sinceramente sua vida pecaminosa diante do Senhor? Não apenas este ou aquele pecado particular, mas principalmente seu coração e vida carnaís; que, no geral, você viveu para esta carne corruptível, e amou, buscou e serviu ao mundo antes que ao seu Deus e à felicidade de sua alma? Ai, amigo, você não sabia que tinha uma alma imortal, que deve viver em alegria ou miséria para sempre? Você não sabia que foi feito para amar, servir e honrar o seu Criador; e que lhe foi dado o pouco tempo desta vida para testá-lo e prepará-lo para a sua vida sem fim; e que, conforme você vivesse aqui, assim seria com você no céu ou no inferno para sempre? Se você não acreditava nessas coisas, por que não veio e deu suas razões contra elas a algum teólogo criterioso que fosse capaz de lhe mostrar a evidência da verdade delas? Se você acreditava nelas, ai, como foi possível que pudesse esquecê-las? Poderia você acreditar em um céu e em um inferno e não se importar com eles, ou permitir que qualquer vaidade mundana transitória fosse mais considerada por você? Você sabia o que tinha a fazer no mundo e, no entanto, está tudo por fazer até agora? Você nunca foi avisado deste dia? Nunca pregador, nem Escritura, nem livro, nem amigo, nem consciência lhe falou do seu fim? E lhe disse qual seria o fruto do pecado, e do seu desprezo e descaso por Cristo e por sua graça? Você sabia que devia amar a Deus acima do mundo, se algum dia quisesse ser salvo, e que devia para esse fim ser participante de Cristo e renovado por seu Espírito; e ainda assim deixaria seu coração se derramar sobre o mundo, e seguiria os prazeres brutos da carne, e nunca buscaria fervorosamente aquele Cristo e Espírito que deveriam assim renová-lo e santificá-lo? Não pensa agora que teria sido mais sábio ter buscado Cristo e a graça, e fixado

seus afetos primeiro nas coisas de cima, e ter feito um trabalho seguro para sua alma contra um dia como este, do que ter endurecido seu coração contra a graça de Deus e desprezado Cristo, o céu e a sua salvação por uma coisa de nada? Você vê agora o que era aquilo que você preferia ao céu: o que você ganhou agora com todo o seu amor pecaminoso pelo mundo? Onde está agora todo o seu prazer carnal? Servirá tudo isso agora para salvá-lo da morte, ou da ira de Deus e da miséria eterna? Irá isso agora com você para outro mundo? Ou você acha que consolará uma alma no inferno lembrar-se da riqueza que juntou e deixou para trás na terra? Não teria sido agora muito mais confortável para você se pudesse dizer: Meus dias foram gastos em santidade, no amor do meu querido Redentor e no serviço sincero do meu Deus; louvando-o e orando a ele, aprendendo e obedecendo à sua santa palavra e vontade; meu negócio no mundo era agradar a Deus e buscar um mundo melhor; e enquanto eu seguia meu comércio ou vocação lícita, meu olhar estava voltado principalmente para a vida eterna; em vez de agradar à carne, deleitei minha alma no amor, louvor e serviço do meu Redentor, e nas esperanças de minha bem-aventurança eterna; e agora vou desfrutar daquele Deus e da felicidade que acreditei e busquei. Não seria isto mais confortável para você agora do que olhar para trás para o seu tempo como gasto em uma vida mundana e carnal, a qual você preferiu ao seu Deus e à sua salvação? Cristo não o teria abandonado no momento de sua extremidade, como o mundo faz, se você tivesse se apegado fielmente a ele. Você pouco sabe que paz e consolo poderia ter encontrado, mesmo na terra, em uma vida santa: quão doce teria sido a palavra de Deus para você! Quão doces teriam sido a oração, a meditação e a conferência sagrada! Você acha que não é mais agradável para um verdadeiro crente ler as promessas da vida eterna, e pensar e falar daquele estado bendito, quando habitarão com Deus em alegria para sempre, do que foi para você pensar e falar de lixo

e vaidade mundanos? Se você tivesse usado o mundo como um viajante usa os itens necessários de sua jornada, o pensamento do céu lhe teria proporcionado consolo sólido e racional por todo o caminho. Oh, quão pouco você conhece a doçura do amor de Deus em Cristo, e quão bom um cristão o acha, quando pode apenas exercitar e aumentar seu conhecimento, fé e amor a Deus, e gratidão pela misericórdia, e esperanças do céu, e caminhar com Deus em uma conversação celestial! Não deseja agora que este tivesse sido o seu curso? Mas o que está feito não pode ser desfeito, e o tempo que passou nunca pode ser chamado de volta: mas, contudo, há um remédio seguro para a sua alma, se você tiver apenas um coração para recebê-lo e usá-lo. "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3:16). Jesus Cristo, sendo Deus e homem, é o Mediador entre Deus e o homem; sua morte é um sacrifício suficiente por nossos pecados; é seu ofício salvar todos os que por ele vêm a Deus: apenas arrependa-se sinceramente de sua vida pecaminosa, e ainda assim fixe seu coração na vida por vir, e ame a Deus e a santidade melhor do que o mundo e o prazer carnal, e confie sua alma a Cristo como seu Redentor, e ele certamente o perdoará, e o reconciliará com Deus, e o apresentará justificado e sem mancha à vista dele. Pense no seu pecado até que você se abomine; e pense no seu pecado e miséria até sentir que está arruinado se não tiver um Salvador; e então pense que amor Deus lhe mostrou em Cristo, ao entregá-lo para encarnar e morrer por pecadores, e ao oferecer-lhe livremente o perdão de tudo o que você já fez, e justificá-lo e salvá-lo, e levá-lo para a glória eterna consigo mesmo, se ainda ao final você apenas se entregar a Cristo, e aceitar sua misericórdia e retornar para Deus. Que notícias alegres há aqui agora para uma alma pecaminosa e miserável! Contudo, esta é a verdade certa de Deus. Este é o seu próprio pacto da graça, que está fundado no

sangue de Cristo, e que ele está agora pronto para fazer com você, e selar para você pelo seu Espírito no interior, e pelo seu sacramento no exterior, se você apenas consentir de coração e sinceramente: creia em Cristo, e volte-se para Deus, do mundo e da carne, e resolva ter uma vida santa se você se recuperar, e então eu posso lhe assegurar, pela palavra de Deus, que ele o perdoará livremente, e o tomará como seu filho, e salvará sua alma em glória eterna. Por mais tarde que seja, ele certamente o receberá, se você retornar a ele por Cristo de todo o seu coração. E não se alegra agora o seu coração nesta misericórdia indizível, que está disposta a salvá-lo depois de todo o pecado que você cometeu, e depois de todo o tempo que você perdeu? Você já ama esse Deus que é tão abundante em bondade e em amor? E esse Salvador que lhe comprou este perdão e salvação? Não é melhor, você acha, amá-lo, louvá-lo e servi-lo, do que viver em luxúrias e prazeres carnaís? E não é melhor habitar no céu com ele, em alegrias eternas, do que viver um pouco nos prazeres vãos dos pecadores, e dali passar para a miséria eterna? Oh, peça a Deus agora que lhe dê um novo coração para crer em Cristo, e arrepender-se do pecado, e amá-lo, que é santíssimo, bom e gracioso: e cuidado para não desprezar a graça dele por mais tempo; e para que não assuma agora, por medo, ser aquilo que você não é, ou fazer aquilo que você não manteria, se você se recuperasse. E para ter certeza de tudo, você entrará agora sinceramente em um pacto com Cristo? Refiro-me apenas ao mesmo pacto que você fez no batismo e no sacramento da ceia do Senhor; e que o teria salvo, se você o tivesse feito e mantido sinceramente. Deixe-me, portanto, ajudá-lo tanto a entendê-lo quanto a fazê-lo, por meio destas perguntas, que lhe peço que responda sinceramente como quem está indo para a presença de Deus.

Pergunta 1: Você crê verdadeiramente que é uma criatura racional, diferindo dos brutos, sendo feito para amar e servir ao

seu Criador, e que tem uma alma imortal, que deve viver no céu ou no inferno para sempre? E que há de fato um céu de alegrias e um inferno de punições, quando esta vida terminar?

Pergunta 2: Você crê que no céu, as almas dos justificados na morte, e o corpo também na ressurreição, serão unidos aos anjos, e habitarão com Cristo, e verão a glória de Deus, e serão aperfeiçoados em santidade, e cheios do senso do amor de Deus, e com as maiores alegrias que nossa natureza pode receber, e viverão no mais deleitoso amor e louvor de Deus para sempre?

Pergunta 3: Visto que você tem certeza de que todos os prazeres desta vida são curtos, e terminarão na morte, e deixarão a carne que os desejou na corrupção, você não crê firmemente que as alegrias do céu são infinitamente melhores, e mais para serem desejadas e buscadas, do que todos os prazeres e lucros desta vida? E que é mais razoável que amemos a Deus acima de todas as criaturas, sim, com todo o nosso coração, alma e força?

Pergunta 4: Visto então que o amor de Deus é tanto o nosso dever quanto a nossa felicidade, não é razoável que sejamos guardados do amor de qualquer coisa no mundo que roubaria nossos corações de Deus, e nos impediria de amá-lo, e de desejá-lo e buscá-lo? E que deveríamos mortificar o amor às riquezas, honras e deleites mundanos, na medida em que eles são contra o amor de Deus?

Pergunta 5: Visto que Deus é o Senhor e Governante absoluto do mundo, não é razoável que o obedeçamos, em tudo o que ele nos ordenar, mesmo que não vejamos a razão pela qual ele o ordena? E, no entanto, não é claramente razoável que ele nos ordene amá-lo, honrá-lo e adorá-lo; e amar uns aos outros, e

lidar justamente com todos, e fazer como gostaríamos que nos fizessem, e ser cuidadosos com nossas almas, e temperantes com nossos corpos; e não negligenciar ou desonrar nosso Criador, nem negligenciar nossa própria salvação, nem abusar de nossos corpos por imundícia ou excesso bestial; nem prejudicar nossos vizinhos, nem negar-lhes qualquer bem que esteja em nosso poder? Esta é a soma de todas as leis de Deus: e esta é a natureza da santidade e da obediência. E você não crê de coração que tudo isso é muito razoável e bom?

Pergunta 6: Quando o mundo pecaminoso caiu da felicidade na miséria, ao afastar-se de Deus e da santidade para a sensualidade, e Deus enviou seu Filho para ser o seu Redentor e Salvador; para ser um sacrifício pelo pecado, e um mestre e padrão de uma vida santa e obediente, e para fazer um novo pacto com eles, no qual ele lhes dá o perdão de todo pecado e a felicidade eterna, se eles apenas se entregarem a ele como seu Salvador e Santificador, e pelo verdadeiro arrependimento se voltarem para Deus; você não crê verdadeiramente que pecadores miseráveis deveriam aceitar com alegria e gratidão tal oferta? E amar abundantemente aquele Deus e Salvador que tão ternamente os amou, e tão livremente os remiu das chamas do inferno, e tão livremente lhes ofereceu a vida eterna? E você não crê que aquele que, depois de tudo isso, desprezar toda esta misericórdia, e se recusar a ser renovado pela graça santificadora, e negligenciar seu Deus, sua alma e esta salvação, e preferir manter seus pecados, não merece ser totalmente abandonado e ser punido mais do que se um Salvador e a salvação nunca lhe tivessem sido oferecidos?

Pergunta 7: Não tem sido este o seu próprio caso? Você não viveu uma vida carnal e mundana; negligenciando a Deus e a sua salvação; e importando-se mais com estas coisas inferiores? E você não recusou a palavra e o Espírito de Cristo,

que o teriam trazido ao arrependimento e a uma vida santa? E consequentemente rejeitou Cristo como Salvador, e o Espírito Santo como Santificador, e toda a misericórdia que ele lhe ofereceu nestes termos?

Pergunta 8: Se este tem sido o seu caso, você está agora sinceramente entristecido por isso? Não apenas porque isso o trouxe tão perto do inferno, mas também porque desagradou a Deus e o privou daquela vida santa e confortável que você poderia ter vivido todo este tempo, e colocou em perigo todas as suas esperanças do céu? Você se arrepende a ponto de seu próprio coração e amor terem mudado; de modo que agora você preferiria ter uma vida santa na terra, e a visão e o desfrute de Deus nas alegrias celestiais para sempre, do que ter todo o prazer e prosperidade deste mundo? Você odeia seus pecados, e se abomina por eles, e deseja verdadeiramente ser tornado santo? Você está firmemente resolvido que, se Deus o recuperar para a saúde, você viverá uma vida nova e santa? Que você abandonará sua vida carnal e mundana, e todos os seus pecados deliberados; e se dedicará a aprender a vontade de Deus, e clamará a ele, e viverá na santa comunhão dos santos, e fará com que seu principal cuidado seja agradar a Deus e ser salvo?

Pergunta 9: Você está disposto, para esses fins, a entregar-se absolutamente agora a Deus Pai, Filho e Espírito Santo, como seu Pai reconciliado, seu Salvador e seu Santificador, para ser santificado, justificado e salvo de seus pecados e da ira de Deus, e viver para Deus em amor e santidade? E você está disposto a se obrigar a isso, entrando neste pacto com Deus, renunciando à carne, ao mundo e ao diabo? Ou o seu coração está disposto e é sincero nesta resolução e pacto, ou não está. Se não estiver, não há esperança de que seu pecado seja perdoado e sua alma seja salva em quaisquer outros termos, ou

termos mais fáceis! E por mais que Deus seja misericordioso, e Cristo tenha morrido por pecadores, nunca foi a intenção dele salvar uma única alma impenitente e não santificada. Mas se o seu coração consente sinceramente com isto, eu tenho a comissão do próprio Cristo para lhe dizer: Que Deus será o seu Deus e Pai reconciliado, e Cristo será o seu Salvador, e o Espírito Santo será o seu Santificador e Consolador, e seus pecados estão perdoados, e sua alma será salva, e você habitará no céu com Deus para sempre. Deus consentiu antes que você consentisse; ele mostrou seu consentimento ao comprar, fazer e oferecer-lhe este pacto. Mostre seu consentimento sincero agora ao aceitá-lo e entregar-se sem reservas a ele, e você tem o sangue de Cristo, o Espírito e o sacramento para selá-lo para você. A carne e o mundo o enganaram; mas confie em Cristo nos termos do pacto dele, e ele nunca o enganará.

E agora, ai de mim, que pena é que uma alma que está em tão miserável estado, e está perdida para sempre, se não tiver ajuda, e ajuda rápida, seja privada de toda esta graça e glória, e apenas por falta de arrepender-se e consentir! Que pena é que uma alma, que está pronta para ir para outro mundo, onde a misericórdia nunca mais lhe será oferecida, prefira ir estupidamente para o inferno do que retornar para Deus e aceitar a misericórdia dele! Apenas arrependa-se verdadeiramente e consinta com este pacto, e todas as misericórdias dele são certamente suas. Deus será o seu Deus, e Cristo, e o Espírito, e o perdão, e o céu, e tudo é seu. O Senhor abra e convença o seu coração, para que você não seja arruinado e perdido para sempre, por falta de aceitar a misericórdia que lhe é oferecida!

E agora eu sei que seria confortável para você se pudesse estar plenamente assegurado de que está perdoado e será salvo. Em um assunto de momento tão indizível, quão alegre seria uma

certeza bem fundamentada para qualquer homem que tenha o uso correto de seu entendimento? Digo-lhe, portanto, da parte de Deus, que não há causa para sua dúvida da parte dele, mas apenas da sua própria. Não há dúvida a ser feita se Deus é misericordioso, nem se Cristo é um Salvador e sacrifício suficiente por seus pecados; nem se o pacto é seguro, e se a promessa de perdão e salvação a todos os verdadeiros crentes penitentes é verdadeira. Toda a dúvida é se a sua fé e arrependimento são sinceros ou não: e quanto a isso, eu só posso lhe dizer como você pode sabê-lo; e eu lhe abrirei a verdade, para que eu não o engane nem o desconsole sem causa.

Se este arrependimento e mudança que você agora professa, e este pacto que você fez com Deus: 1. Provierem apenas de um medo presente, e não de um coração mudado e renovado; 2. E se as suas resoluções forem tais que não o manteriam em uma vida santa, se você se recuperasse; mas morreriam e desapareceriam, e o deixariam como você era antes, quando o medo passasse; então é apenas um arrependimento forçado e hipócrita, e não o salvará, se você morrer assim. Embora um ministro de Cristo devesse absolvê-lo de todos os seus pecados e selá-lo dando-lhe o sacramento do corpo e sangue de Cristo; apesar de tudo isso, você está perdido para sempre, se não tiver nada mais: pois a absolvição e o sacramento lhe são dados apenas sob a suposição de que sua fé e arrependimento sejam sinceros; e se esta condição falhar em você, a ação do ministro mais santo do mundo nunca o salvará.

Mas: 1. Se o seu arrependimento e pacto não provierem apenas de um medo presente, mas de um coração renovado, que agora ama a Deus, a Cristo, o céu e a santidade melhor do que todas as honras, riquezas e prazeres da carne e do mundo, e preferiria tê-los, mesmo nos termos de Deus; 2. E se esta mudança for tal

que, se você se recuperasse, o manteria em uma vida santa, e não morreria nem minguiaria em uma formalidade hipócrita quando o susto passasse; então eu posso lhe assegurar pela palavra de Deus que, se você morrer neste arrependimento, você certamente será salvo. E embora o arrependimento tardio tenha tantas dificuldades que raramente se prova verdadeiro e sólido, e seja uma loucura indizível lançar nossa salvação em um risco tão grande; e adiar para um dia como este aquilo que deveria ser a obra principal de todas as nossas vidas; e para o qual o maior cuidado e diligência não é demais: contudo, apesar de tudo isso, quando a conversão é de fato sincera, ela é sempre aceitável, por mais tardia que seja; e um pródigo que retorna encontrará melhor acolhimento com Deus do que ele poderia esperar; e nunca Cristo lançará fora uma única alma que venha a ele com sinceridade de coração. O Senhor lhe dê tal coração, e tudo é seu. Amém. (Jr 31:34; Ef 1:7; At 5:31; Ef 5:26; Ap 1:5; 2Co 6:16; Mt 3:17; Jo 1:12; 3:16; Ef 2:14; Rm 8:1, 17; Lc 4:18; Rm 5:1, 5; Lc 1:74; Jo 10:28; Lc 23:43; 1Co 15:8; Tt 3:3, 4; At 4:4-6; 1Tm 1:13-16).

Uma Forma de Exortação aos Piedosos em sua Enfermidade.

Caro amigo: Embora a natureza nos ensine a ter compaixão da sua carne, que jaz em dor; contudo a fé nos ensina a ver a proximidade da sua felicidade, e a nos alegrarmos com você na esperança das suas alegrias sem fim, que parecem estar à mão. Devemos nos alegrar com você como seus amigos que o amam e, portanto, somos participantes do seu bem-estar: e devemos nos alegrar com você como seus companheiros de viagem e companheiros de armas, que estão indo junto com você para a mesma felicidade; e se formos deixados para trás por um pouco de tempo, contudo esperamos em breve alcançá-lo e nunca

mais sermos separados de você. Este é o dia para o qual Cristo o tem preparado por tanto tempo; e que você previu por tanto tempo, e para o qual tem se preparado por tanto tempo. Este é o dia em que você pensou em todas as suas orações e paciência, em todos os seus trabalhos e sofrimentos, em sua abnegação e mortificação, desde que Deus o trouxe a si mesmo e a ele. Agora você vai ver as coisas em que acreditou; e possuir as coisas que buscou e esperou; ver a diferença final entre o justo e o ímpio; entre uma vida santa e uma mundana, entre os vasos de misericórdia e de ira. O seu tempo está se apressando para o fim, e a bem-aventurança sem fim deve sucedê-lo. Oh, agora, que misericórdia é ter um Cristo! Que você não tenha de enfrentar uma morte não vencida; nem ir a Deus sem um Mediador: mas que a morte foi por Cristo desarmada de seu aguilhão; e que você pode confiantemente entregar sua alma nas mãos de seu Redentor, e recomendá-la a ele como um membro de si mesmo! Agora, em que estado estaria sua alma se você não tivesse intercessor! Se você tivesse de responder por seus pecados, você mesmo apenas; e não tivesse um Salvador para ser seu advogado e responder por você! Agora você pode perceber melhor do que nunca o que Deus fez por você quando abriu seus olhos, e humilhou, mudou e renovou seu coração; e quão grande misericórdia é ser um crente penitente. Você pode agora ver mais plenamente do que nunca o que Deus pretendia para você quando o converteu; quando perdoou todos os seus pecados, e o justificou por sua graça, e o adotou como seu filho e herdeiro da vida, e o selou com o seu Espírito, e o santificou e separou para si mesmo. Agora, em que estado estaria você se ainda estivesse em seus pecados e na escravidão de Satanás, e não tivesse esta evidência do seu direito à vida eterna! Se você tivesse seu coração para amaciar, e para humilhar, e para converter, e sua fé e justificação todas a buscar, e todas as suas preparações para o céu a fazer; se você tivesse tudo isso a fazer, com um corpo dolorido e uma mente

distraída, em tão pouco tempo, com Deus, a eternidade e a morte diante de você, prontos para sobrecarregar suas almas com terror! Se agora você tivesse de buscar um interesse em Cristo, e o perdão de todos os seus pecados, e sua paz com Deus ainda estivesse por fazer! Se você tivesse toda a sua vida passada para olhar para trás, como consumida no pecado; e quando o tempo chega ao fim, tivesse de clamar por tudo o que passou, como perdido! Este é o caso a que Deus, em justiça, poderia tê-lo deixado. Mas que misericórdia indizível é que você já tenha sido reconciliado com aquele Deus para quem você está indo! E que os pecados que agora seriam o seu terror, estão todos perdoados através do sangue de Cristo! Que você pode olhar para trás para o seu tempo, desde o dia da sua conversão, como gasto em fiel dedicação a Deus, e em uma preparação crente para a sua vida sem fim; e em sinceridade piedosa, não obstante as suas múltiplas imperfeições pecaminosas, pelas quais Cristo se encarregou de responder por si mesmo! Embora você não tenha nada de seu para se gabar; e nenhuma obra que o justifique segundo a lei, no tribunal de Deus; mas você precisa de um Salvador, e de um perdão, pelas falhas, mesmo do melhor que você já fez; contudo você deve com gratidão lembrar aquela graça que começou a vida eterna dentro de você, e o preparou e selou para a plena posse dela. Por toda a misericórdia que há em Deus, e por toda a glória que há no céu, e por todos os méritos e satisfação de Cristo, e por toda a plenitude e gratuidade da promessa; se Deus não tivesse lhe dado um coração crente e penitente, e o santificado e selado pelo Espírito de seu Filho, tudo isso poderia ter lhe proporcionado pouco consolo, mas teria agravado sua miséria, como fez com o seu pecado. Vendo então que muitos dos ímpios gostariam de morrer a morte dos justos; e quando é tarde demais, todos eles gostariam que o seu fim fosse como o dele; quão feliz você deve estar por Deus, por meio de tal vida, tê-lo preparado para tal fim! E embora uma alma humilde ainda

tenha um olhar sobre a sua própria indignidade, e Satanás esteja pronto para agravar nossos pecados, a fim de nos desencorajar e amedrontar; contudo você deve lembrar que vitória honrosa a graça teve sobre eles; e olhar para eles como Cristo olhou, como a vantagem da sua graça; que "onde o pecado abundou, ali a graça superabundou". Você teve algo para humilhá-lo e para mostrar que você era um filho de Adão; e você teve algo para a graça lutar e conquistar; e para Cristo perdoar: bendiga aquele através de quem você teve a vitória. Se você não tivesse merecido o inferno, Cristo não o teria salvo de um inferno merecido; e o cântico do Cordeiro não seria tão doce para você, na eterna lembrança e experiência da sua graça. Você pecou como homem, e ele perdoou como Deus; você foi fraco e nada, mas a graça dele foi suficiente para você, e pela força dele você pode todas as coisas. Ele tem um amor tão querido por você agora em sua exaltação, como tinha na cruz, quando estava sangrando por seus pecados. E permitirá ele que uma alma escolhida pereça, por quem ele pagou um preço tão alto? Um Cristo no céu que nunca tivesse estado na terra pareceria um estranho para nós, e alguém que nunca conheceu nossas misérias, nem testemunhou seu amor a um preço tão caro que pudesse ter convencido, encorajado e conquistado nossos corações. E um Cristo na terra, que não tivesse passado por nós para o céu, pareceria para nós apenas um amigo insuficiente e vencido; e seria inapto para nos prover uma mansão com o Pai, e para receber nossas almas quando elas se separam da carne. Mas "agora temos um grande Sumo Sacerdote que passou pelos céus, e foi em todos os pontos tentado como nós, mas sem pecado"; e portanto "pode compadecer-se das nossas enfermidades; e portanto podemos chegar confiantemente ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça para socorro em tempo de necessidade" (Hb 4:14-16). Este é o seu tempo de necessidade, e aqui está um suprimento para todas as suas necessidades.

Assim como podemos chegar confiantemente através do nosso Sumo Sacerdote ao trono da graça, assim podemos passar confiantemente pela sua condução para a presença de Deus na glória. Pois ele foi propositalmente adiante "para nos preparar um lugar, para que onde ele estiver estejamos nós também" (Jo 14:1-3). Oh, que alegria é para as nossas almas que partem, que tenhamos nossa Cabeça e Salvador já em posse do reino para o qual estamos passando! Que apoio e alegria é receber esta mensagem da nossa Cabeça que ascende: "Diga aos meus irmãos: Eu subo para meu Pai e vosso Pai; para meu Deus e vosso Deus" (Jo 20:17). Que alegria é ler a sua promessa em Jo 12:26: "Se alguém me serve, siga-me; e onde eu estiver, ali estará também o meu servo". Você o serviu, e o está seguindo, e agora vai estar com ele onde ele está.

Ali você será liberto das trevas deste mundo. Quão obscuramente víamos através da lanterna da carne! Quão pouco sabíamos! E de quanto éramos ignorantes! E quanto trabalho nos custou o nosso pouco conhecimento! Mas ali, uma visão da face de Deus porá fim a esta noite longa; e lhe mostrará aquilo que toda a leitura e estudo de mil anos nunca poderiam ter lhe mostrado satisfatoriamente. Ali você entenderá as obras de Deus: a estrutura da criação; o lugar, o ofício e a razão de todas as coisas, que aqui você não conhecia. Os mistérios do evangelho, nos quais os anjos anseiam perscrutar, serão ali muito mais revelados a você do que os teólogos mais lúcidos foram capazes de explicar. Todas as ciências ali serão uma *pansophy* [sabedoria universal]; e todas as coisas cognoscíveis aparecerão a você em sua maravilhosa e perfeita harmonia. Que boas-vindas aqueles anjos benditos lhe darão, eles que aqui não desdenharam ministrar por você, e sustentá-lo em todos os seus caminhos, e se interessaram em suas preocupações, alegrando-se diante de Deus em sua conversão! Quão alegres estarão então com sua chegada segura ao porto

prometido da felicidade com eles mesmos! Que alegria será para você ser prontamente entretido e acolhido no conhecimento daqueles espíritos benditos e de todas as almas santas que foram libertas desta carne e mundo; e ver a ordem deles, e ser contado em sua sociedade, e ser empregado em seu trabalho alegre. Oh, quão melhor companhia é essa do que a melhor aqui de baixo! Não há ignorância e, portanto, não há erro; não há falta de amor e não há contenda; nem interesses privados e estreitos pelos quais lutar, mas todos feitos felizes em amor perfeito naquele que é o seu fim e felicidade universal. Não há dissensão, nem disputas perversas; não há zelo ignorante, nem paixões cegantes; não há projetos orgulhosos ou cobiçosos e, portanto, não há meios prejudiciais para prosseguir-los; nenhuma necessidade aparente de ferir nossos irmãos para nos promover, ou enriquecer, ou salvar; nenhum caluniador ali condena as almas que Cristo justifica, nem retira a justiça do justo; não há escárnios cruéis, prisões ou banimentos; ninguém errante, necessitado, aflito ou atormentado; nem mais sofrimento por causa da justiça; mas tendo sofrido com Cristo, eles estão agora reinando com ele; e aqueles de quem o mundo não era digno, são levados para Deus de um mundo indigno. Não há mutações ou confusões perturbadoras; não há guerras, nem rumores de guerras, porque não há luxúrias para guerrear em seus membros; mas almas unidas na harmonia do amor, sem qualquer discórdia, louvam ao Senhor. A igreja não está ali dividida em seitas e facções, seja pelo orgulho ou pela irritabilidade de seus membros; ninguém escrupuliza a comunhão com os demais; ninguém silencia outros de falar os louvores do seu Redentor; nem afasta outros da sua fraternidade e comunhão. Não há lei injusta, nem súdito desobediente, nem vizinho briguento, nem amigo infiel, nem inimigo prejudicial ou malicioso! Não há amigo aflito pelo qual chorar, nem qualquer alma desconsolada com a qual sofrer; nenhuma pessoa ignorante para instruir, nem coração

obstinado para persuadir ou pelo qual orar; nenhum cristão temeroso e duvidoso para ser consolado, nem alma fraca e vacilante para ser confirmada; nenhuma ação imprudente e escandalosa dos piedosos a ser lamentada; nenhum remanescente de orgulho, presunção ou qualquer ilusão para manter fora a luz; nenhuma mancha neles para os inimigos reprocharem, nem quaisquer inimigos malignos para reprochá-los; nenhuma deturpação de coisas ou pessoas; nenhum levantamento ou recebimento de falsos relatos; nenhum pecado próprio pelo qual sofrer ou contra o qual lutar; e nenhum pecado de outros para perturbar a sociedade ou ser lamentado. Ali não teremos amigo sofredor com quem sofrer; ninguém padecendo necessidade enquanto você tem fartura; nem qualquer um gemendo em dor e enfermidade enquanto você está bem. Assim como nenhuma carência ou dor própria o afligirá, assim nenhum sofrimento de seus amigos interromperá sua alegria. Seus consolos não serão transformados em lamentações pela loucura e maldade obstinada de uma geração sodomítica ao seu redor; nem sua alma justa será vexada com sua conversação imunda e estúpida. Você não habitará em um mundo onde a maior parte está afogada no paganismo e na incredulidade, nem em uma igreja manchada pela tirania papal, crueldade, cobiça ou profanação. Toda a sociedade brilhará em luz e arderá em amor, e ninguém, por qualquer fraqueza ou corrupção, será um peso ou impedimento para outro.

Você contemplará, acima de tudo isso, a pessoa do seu Redentor glorificado! Você verá aquele corpo, em sua mudança gloriosa, que outrora foi humilhado no ventre da virgem, a uma vida de pobreza e aos escárnios dos pecadores; para ser cuspidor, esbofeteado e coroado de espinhos, e primeiro transformado em objeto de riso e depois pendurado para morrer em uma cruz, pela vontade de perseguidores orgulhosos e maliciosos. Você verá ali aquela Pessoa a quem Deus escolheu

para elevar acima de toda a criação; e em quem ele será mais glorificado do que em todos os santos. A maravilhosa condescendência de sua encarnação e o maravilhoso mistério da união hipostática serão ali melhor compreendidos.

E, o que é o tudo em todos, você verá o próprio Deus santíssimo; seja em sua essência ou não, contudo, indubitavelmente em sua glória, naquele estado ou lugar que ele preparou para revelar sua glória, para a glorificação dos espíritos santos. Você verá aquele cuja visão aperfeiçoará seus entendimentos, e o amará, e sentirá a plenitude de seu amor, que é a mais alta felicidade que qualquer ser criado pode alcançar. Embora isso ocorra em diferentes medidas, conforme as almas sejam mais ou menos amáveis e capacitadas (do contrário, a natureza humana de Cristo não seria mais feliz do que a nossa), contudo, ninguém terá qualquer imperfeição pecaminosa ou perturbadora, e todas as suas capacidades serão preenchidas com Deus.

Ó querido amigo, estou até confuso e envergonhado de pensar que menciono a você coisas tão altas e gloriosas com tão pouco sentimento e admiração! E que minha alma não seja elevada nas chamas de um amor mais fervoroso; nem erguida em alegrias mais altas, nem ainda atraída em desejos mais ansiosos, quando falo de tamanha felicidade e alegria transcendentais! Oh, se você e eu tivéssemos apenas um vislumbre, com o bem-aventurado Estêvão ou Paulo, desses prazeres inefáveis, quão profundamente isso nos afetaria! E como abominaríamos esta vida de pecado; e estaríamos cansados deste estado sombrio e distante; e ficaríamos felizes em partir desta prisão de carne; e em sermos libertos deste presente mundo perverso!

Esta é a vida que você passará a viver; embora uma morte dolorosa deva abrir o ventre do tempo e deixá-lo entrar na eternidade, quão rapidamente a dor passará! E embora a natureza torne a morte sombria para você, e o pecado a tenha tornado penal, e você olhe para ela agora com relutância e medo; contudo, tudo isso passará rapidamente, e suas almas nascerão em um mundo de alegria, que o fará esquecer todos os seus medos e tristezas. É apropriado que, assim como o nascimento da natureza teve suas dores e o nascimento da graça teve suas tristezas penitentes; assim o nascimento da glória tenha as maiores dificuldades, ao nos introduzir no estado mais feliz. Oh, que mudança será para uma alma humilhada e temerosa encontrar-se, em um momento, desalojada de uma carne pecaminosa e dolorosa, e introduzida em um mundo de luz, vida e amor santo, indizivelmente acima de todas as expressões e concepções desta vida presente. Ai de nós! Que nossa ignorância e medo atuais nos façam recuar de tal mudança! Que, enquanto todos os nossos irmãos que morreram na fé estão triunfando nessas alegrias com Cristo, nossas almas trêmulas tenham tanta relutância em deixar esta carne e tenham medo de serem chamadas para a mesma felicidade! Oh, que inimigo é o remanescente da incredulidade para nossas almas prisioneiras e imperfeitas! Que ele possa esconder de nossos olhos uma glória tão desejável, que ela não nos afete mais, e que não a desejemos mais, mas estejamos dispostos a ficar tanto tempo longe de Deus! Quão maravilhoso é esse amor e misericórdia que traz almas tão relutantes para a felicidade! E nos afastará deste mundo amado por meio de suas misérias aflitivas! E desta carne amada pela dor e pelo cansaço! E nos atrairá para nossa bem-aventurança alegre, por assim dizer, quer queiramos ou não! E não nos deixará fora do céu por tanto tempo, até que nós mesmos estejamos dispostos a partir!

Você parece estar quase ao fim de sua jornada. Mas quantos passos sujos ainda têm de dar aqueles que você deixa para trás neste mundo imundo. Você combateu o bom combate e guardou a fé; e nunca mais será perturbado por um inimigo ou tentação quando este último embate final terminar. Você nunca mais será sequer tentado à incredulidade, ou ao orgulho, ou à mentalidade mundana, ou às luxúrias carnavais, ou a quaisquer defeitos no serviço do seu Senhor. Mas com quantas tentações você nos deixa cercados! E quantos perigos e inimigos a vencer! E, ai de nós! Quantas quedas e feridas podemos receber! Você parece estar perto do fim de sua corrida, quando aqueles atrás de você têm muito que correr. Você está entrando no porto e nos deixa sacudidos por tempestades sobre as ondas. A carne não mais seduzirá nem sobrecarregará sua alma! Você não terá mais sentidos indisciplinados para comandar, nem um apetite irracional para governar, nem uma fantasia errante, ou pensamentos vagos, ou luxúrias obstinadas, ou paixões impetuosas para restringir. Você não carregará mais uma raiz de corrupção, nem um princípio de inimizade contra Deus. Não será mais difícil ou cansativo para você fazer o bem. Seu serviço a Deus não será mais misturado e manchado por imperfeições. Você nunca mais terá um coração frio, ou duro, ou relutante, ou um dever negligente e costumeiro a lamentar. Aquela santidade primitiva que consiste no amor de Deus, e no exercício e deleites do mesmo, será aperfeiçoada; e aqueles deveres subsidiários de santidade, que consistem no uso de meios de recuperação, cessarão como desnecessários. Pregação, estudo e livros não serão mais necessários. Os sacramentos, a disciplina da igreja e todos esses meios cumpriram sua obra. O arrependimento e a fé alcançaram seu fim. Assim como seus corpos, após a ressurreição, não terão necessidade de comida, ou vestimenta, ou cuidado, ou trabalho; assim suas almas estarão acima do uso de tais criaturas e ordenanças, das quais agora não podemos prescindir. Pois o

espelho será desnecessário quando você vir o Criador face a face (1Co 13:12). Não será um dia alegre para você, quando conhecerá a Deus tanto quanto deseja conhecê-lo? E o amará tanto quanto deseja amá-lo? E será amado por ele tanto quanto pode razoavelmente desejar ser amado? E se alegrará nele tanto quanto deseja se alegrar; sim, mais do que pode agora desejar? Abro para você apenas uma fresta para as mansões eternas e lhe mostro apenas uma perspectiva sombria e distante da terra prometida, a Jerusalém celestial. A visão satisfatória está reservada para o tempo em que, por meio dela, teremos aquela fruição satisfatória.

E há algo assim a se esperar na terra? A saúde ou a riqueza, os cargos mais altos ou os maiores prazeres farão os homens felizes? Você sabe que não. Ou, se fizessem, a felicidade seria tão curta que a tornaria pouco digna de nossa consideração. Você não viu o fim de toda perfeição? Você não observou e testou com que sonho ilusório e sombra de felicidade o mundo despacha seus seguidores? Como eles encenam seus papéis como atores em um palco; e aqueles que em um sonho, ou máscara, ontem pareciam príncipes, lordes ou conquistadores, hoje estão enterrados em uma sepultura sombria! E aqueles que ontem pareciam grandes e ricos, hoje não têm mais de sua mobília, ou posses, do que um caixão e um sudário, e um lugar para esconder sua carne repugnante! E aqueles que ontem estavam alegres, joviais, com saúde e honra, hoje jazem gemendo em miséria dolorosa, estão deixando suas riquezas amadas e compradas a caro preço, para nunca mais serem deleitosas para eles. Quão pouco importa para aqueles que devem habitar no céu ou no inferno para sempre, se vivem em riqueza ou pobreza, em honra ou vergonha, em um palácio ou em uma cabana, em dor ou prazer, por um tempo tão curto como esta vida transitória, que está quase no fim assim que começa! Quantos milhões de pais moribundos clamaram contra

o mundo como vaidade e aflição de espírito! E, no entanto, sua posteridade embrutecida o admira e, pelo amor a ele, perde suas almas e esperanças eternas! Eles se gabam ou se alegram na multidão de suas riquezas, como se suas casas fossem continuar para sempre; embora em sua honra não permaneçam, mas sejam como os animais que perecem, e a morte se alimente deles, quando como ovelhas são postos na sepultura; e embora este caminho deles seja sua loucura, contudo sua posteridade aprova seus ditos e os segue pelo mesmo pecado para a mesma perdição (Sl 49:6, 7, 10-14, 17, 19, 20). E é este um mundo para uma alma santa se apaixonar? Mereceu ele nossos afetos? Ele nos ama tanto, ou nos trata tão bem, que devamos relutar em deixá-lo? (Jo 15:18-20). Como amou nosso Senhor, assim amará seus seguidores: como o tratou, assim nos tratará, se ele não o restringir. É um mundo cego, um manicômio, um mundo malicioso, cruel e ímpio, um mundo falso, pérfido e enganoso, um lugar que um santo relutaria em deixar? Ó, bendito seja esse amor, esse sangue, essa graça, que providenciou algo melhor para nós! E seremos relutantes em ir a um banquete tão doce? E em participar de uma felicidade que custou tão caro?

Coragem, então, querido amigo, e não desanime ao final; e não tema encontrar o rei dos terrores! É o último inimigo, e é um inimigo vencido! Vença este, e você não terá mais nada a vencer. Erga sua cabeça e olhe para o seu Senhor vitorioso e reinante; cinja os lombos de sua mente, e que a fé e a paciência resistam ainda por um pouco, e desempenhe bem este último papel, e tudo será seu.

Se o tentador agora assaltar sua fé, e a carne que desfalece lhe der qualquer vantagem, abomine suas blasfêmias e clame por ajuda àquele que o venceu. Você acha que aquelas mansões altas e espaçosas estão desabitadas, quando cada parte do mar e da terra tem seus habitantes? Por que esses anjos benditos

estiveram por tanto tempo empregados em ministrar por você, senão para deixá-lo saber que suas almas não estão tão distantes deles, mas que eles se alegram com a familiaridade com você, e você pode ser como eles, ou igual a eles em felicidade? A natureza o livrou da dúvida de que existe um Deus de ser, poder, sabedoria e bondade infinitos e eternos, que é a causa eficiente, dirigente e final de tudo; o Criador e Governador do mundo. E a mesma natureza o livrou da dúvida de que tudo o que suas criaturas têm, ou podem fazer, é devido àquele de quem o receberam; e que, na medida em que você é capaz de conhecê-lo, amá-lo e servi-lo, você deve empregar suas faculdades nisso: e nada é mais inegável para você do que o fato de que é nosso dever amar e servir ao nosso Deus, com todo o nosso coração, alma e força. E é tão claro para você que nem esses poderes nos foram dados em vão, nem este dever nos foi exigido em vão, nem ainda que o dever natural e mais elevado do homem foi feito para ser o caminho de sua miséria e ruína. E certamente aquele caminho, que desvia a mente dos prazeres sensuais, e lança o homem sobre a malícia e a crueldade do mundo, e o engaja em tanto dever, do qual tanto a carne quanto o mundo são inimigos totais, seria sua miséria e tormento, se não houvesse recompensas e punições no além, e nenhum julgamento futuro para endireitar tudo o que parecia torto nos julgamentos dos homens. Se todas as evidências intrínsecas de credibilidade, na palavra sagrada, não fossem suficientes; se todas as evidências antecedentes da profecia fossem poucas; se a evidência concomitante de todos os milagres de Cristo, e de seus apóstolos, e de outros de seus servos, com sua própria ressurreição e ascensão, parecessem distantes demais de você; contudo, observe que evidências subsequentes e contínuas aprouve a Deus trazer até mesmo ao seu próprio sentido, para assegurá-lo da verdade deste evangelho e da vida por vir. De onde vem aquela inimizade universal e irracional que, em todas as gerações e nações do

mundo, desde Caim e Abel até este dia, é encontrada no carnal contra a semente espiritual e santa? Até mesmo um Sêneca nos fala disso entre os pagãos, contra aquele remanescente de virtude, temperança e sobriedade que era encontrado no melhor tipo de homens. Poderia toda a humanidade estar assim infectada, e odiar um santo que nunca lhes fez mal, muito mais do que aqueles que eles mesmos confessam ser os mais viciosos, se a queda de Adão não fosse verdadeira? Temos um mundo inteiro diante de nossos olhos que está visivelmente poluído com aquela lepra irracional, e ainda duvidaremos se nosso pai comum estava doente dessa enfermidade? E você não vê que o evangelho, onde quer que seja recebido de coração, renova a alma, muda a vida e faz do homem outro homem; não apenas corrigindo algumas pequenas coisas que estavam erradas, mas tornando-nos novas criaturas e voltando a inclinação do coração e da vida para outro caminho? Embora o cristão carnal e nominal, que nunca recebeu o evangelho de coração, difira de um pagão apenas em opinião e formalidade; contudo, os cristãos sérios são outros homens, e tão transformados que seus desejos e esforços santos contêm a semente da vida eterna, e são uma preparação tal para ela que não pode ser em vão. Deus concordaria assim com qualquer palavra que não fosse verdadeira, santa e boa, para torná-la eficaz para a renovação de tantos milhões de almas? Você não descobriu que sua obra de graça é conduzida pela sabedoria, amor e poder celestiais? E é uma testemunha de sua providência especial? E contém sua própria imagem sobre a alma? E questionaremos então o autor do selo, quando vemos que a imagem e a inscrição que ele imprime são divinas? E você mesmo não teve tais experiências do cumprimento desta palavra, na resposta de orações, manifestas tanto nas almas quanto nos corpos dos homens, que são suficientes para refutar o tentador que abalaria sua fé, quando ele o vê em sua fraqueza, inapto para evocar todas aquelas evidências que em

outro momento você discerniu? De minha parte, devo dar este testemunho da verdade: que conheci, senti, vi e ouvi tais maravilhas operadas mediante oração fervorosa, que muitas vezes me convenceram da verdade das promessas e da providência especial de Deus para com seus pobres peticionários. Muitas vezes conheci as doenças agudas e crônicas de pessoas aflitas aliviadas pela oração sem quaisquer meios naturais. Algumas das mais violentas curadas em uma hora; e algumas por graus mais lentos. Além dos efeitos sobre as almas dos homens, e bens, e assuntos públicos, que demonstraram claramente os meios e a causa. E uma promessa assim selada para nós será questionada novamente? Ora, você não tem o testemunho em si mesmo (1Jo 5:10-12); até mesmo o Espírito de Cristo, que é o penhor e a garantia de sua herança, e o selo e a marca de Deus sobre você? Em uma palavra, é uma verdade inquestionável que o mundo racional nem é, nem nunca foi, nem pode ser governado de acordo com sua natureza, sem um fim para movê-lo e regê-lo que esteja além desta vida; e sem as esperanças e medos de uma recompensa e punição no além. Se isso fosse retirado do mundo, o homem não mais viveria como homem, mas como a criatura mais odiosa e nociva da terra. E é tão certo que não condiz com a onipotência, sabedoria e bondade de Deus governar uma criatura tão nobre por meio de uma mentira, e fazer uma natureza que deva ser assim governada. E é tão certo que toda outra revelação é defeituosa, e que a vida e a imortalidade, o fim e o caminho, nunca foram trazidos à luz de tal forma como são no evangelho, por Cristo e por seu Espírito.

Diga, então, ao malicioso tentador: "O Senhor te repreenda, ó Satanás! Sim, o Senhor que escolheu Jerusalém te repreenda" (Zc 3:2). "Ó filho do diabo, cheio de todo o engano e de toda a malícia, inimigo de Deus e de toda a justiça, não cessarás de ser um espírito mentiroso e de perverter os caminhos do Senhor

que são retos?" (At 13:10). Eleve sua alma a Deus e diga: Creio, Senhor, ajuda a minha incredulidade! Embora Satanás se levante para me resistir à minha mão direita, não sou eu um tição tirado do fogo? Não sou teu? E não entreguei esta alma a ti? E não a aceitaste em teu santo pacto? Ó, então, defende-a como tua! Pleiteia tu a minha causa, e confirma a tua obra, e justifica tanto a tua verdade quanto a mim, contra o inimigo malicioso de ambos. Ó, que a intercessão do meu Salvador prevaleça, para que minha fé não falhe. E tira de mim as vestes sujas, e faz passar de mim as minhas iniquidades. E embora minha alma esteja perturbada, o que direi? Pai, salva-me desta hora? Mas então que passagem terei para a tua presença? Nasci um ser mortal e sigo apenas o caminho que todas as gerações seguiram antes de mim; e sigo meu Senhor e todos os seus santos: Pai, recebe e glorifica teu servo, para que teu servo glorifique o teu nome para sempre! Recebe, ó Pai, a alma que tu criaste! Recebe, ó Salvador, a alma que tu compraste por tão alto preço, e amaste até a morte, e lavaste em teu sangue! Recebe a alma que tu regeneraste pelo teu Espírito e, em certa medida, vivificaste pela semente imortal! Eis que fizeste os meus dias como a largura de um palmo; minha idade diante de ti é como nada; e todo homem, em seu melhor estado, é vaidade. Quando tuas repreensões nos corrigem por causa da iniquidade, fazes com que nossa beleza se consuma como a traça. E agora, Senhor, o que espero? Não está em ti a minha esperança? Livra-me de minhas transgressões e não me imputes os pecados que cometi. Não te lembres contra mim dos pecados da minha juventude; e perdoa as iniquidades de meus anos maduros. Não me culpes por ter entristecido o teu Espírito, e pelas negligências e resistências à tua graça. Perdoa meus pecados de ignorância e de conhecimento, meus pecados de preguiça, precipitação e presunção, especialmente aqueles que cometi deliberadamente, contra os teus avisos e os avisos da minha consciência. Quem pode entender seus próprios

erros? Limpa-me dos pecados ocultos. Ó, perdoa minha falta de proveito, e o abuso de tuas misericórdias, e minha perda preguiçosa de tempo precioso! Que eu não te servi melhor, e não te amei mais, e não aproveitei melhor o dia da graça! Embora a loucura e o pecado tenham obscurecido minha luz e manchado meus serviços mais santos, e minhas transgressões tenham se multiplicado à tua vista, contudo é suficiente o sacrifício que aceitaste de nosso grande Sumo Sacerdote, que fez de sua alma uma oferta pelo pecado. Nele tu te agradas: ele é a nossa paz: nele confio: ele foi santo, inocente, imaculado e separado dos pecadores: ele não cometeu iniquidade: ele cumpriu toda a justiça; e, por uma única oferta de si mesmo, aperfeiçoou para sempre os que são santificados: ele é capaz de salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, visto que vive sempre para interceder por eles. Aceita-me, ó Pai, nele, teu Bem-amado: que minha alma pecadora seja curada por suas pisaduras, ele que levou nossos pecados em seu corpo sobre o madeiro. Que eu seja encontrado nele, não tendo qualquer justiça legal própria, mas aquela que é pela fê em Cristo; para que, sendo feito conforme a sua morte, eu possa alcançar a ressurreição dos mortos; e possa por ele ser apresentado sem mancha ou defeito. Meu Deus, tu encorajaste minha alma temerosa, pela multidão de tuas misericórdias, bem como por tuas promessas, a confiar em ti e a entregar-se a ti. Tu preenchestes todos os meus dias com misericórdia: cada lugar em que vivi, e cada relação, e tudo com que tive de lidar no mundo, são as testemunhas do teu amor e misericórdia para comigo. Teus olhos viram minha substância sendo ainda imperfeita, e todos os meus membros foram escritos em teu livro. Meus pais foram instruídos por ti para me educar, e todas as coisas comandadas por ti para servirem para minha preservação, conforto e salvação. Tu me trouxeste à luz em uma terra e época de misericórdias, e me fizeste ouvir e ver as coisas que outros não viram nem ouviram. As linhas me caíram

em lugares agradáveis; minha vida não foi gasta em um deserto uivante, nem no banimento do teu santuário, ou da comunhão dos teus santos; nem foi totalmente consumida em trevas, tristeza e esterilidade inútil. Mas muitas vezes ouvi o som alegre, e fui com a multidão à casa de Deus, e ali vi a luz do teu rosto, e bebi dos rios do teu prazer, sim, das águas da vida, e fui consolado com a voz de alegria e louvor. Quantas vezes clamei a ti em minha angústia, e tu me livraste de minhas aflições! Quando por minha loucura e transgressão fui afligido, tu me tiraste das trevas e da sombra da morte. Renovaste minha idade como a de Ezequias, e fizeste a sombra do meu relógio de sol retroceder! E me puseste em liberdade para louvar-te por tua bondade e declarar tuas obras aos filhos dos homens. No dia da angústia clamei a ti, e tu me livraste para que eu te glorificasse. Fizeste-me receber a sentença de morte, para que eu confiasse em Deus que ressuscita os mortos. Meu Pastor me guiou em seus pastos agradáveis, junto às águas tranquilas; ele restaurou minha alma e me conduziu pelas veredas da justiça. Quão preciosos são para mim os teus pensamentos, ó Deus! Quão grande é a soma deles! Se eu os contasse, seriam mais numerosos do que a areia. E essa misericórdia me abandonará agora, ela que abundou para comigo e me sustentou por tanto tempo? Tu disseste: Nunca te deixarei nem te desampararei. Tendo amado os teus, que estão no mundo, tu os amarás até o fim; pois tua misericórdia é grande e atinge os céus, e ela dura para sempre. Ó, portanto, quando eu acordar, deixa-me estar contigo! E como tua benignidade é melhor do que a vida; e partir e estar com Cristo é muito melhor do que a melhor condição sobre a terra; assim deixa o teu servo partir em paz, com seu olho de fé contemplando a tua salvação: e quando minha casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, que eu tenha aquele edifício de Deus, a casa não feita por mãos, eterna nos céus. Que meu fardo atual de pecado e sofrimento me faça gemer mais fervorosamente, não para ser despedido, mas para ser

revestido, para que a mortalidade seja absorvida pela vida; para que, estando ausente do corpo, eu possa estar presente com o Senhor. E visto que este cálice não pode passar de mim, e não devo esperar pelo carro de Elias para me levar ao céu; seja feita a tua vontade, e que eu nela descanse, e que a morte seja o ganho e a vantagem da minha alma; e enquanto este homem exterior perece, que o interior seja renovado de dia em dia: pois em que sou melhor do que meus pais, e todos os teus santos, e as gerações da humanidade, para que eu pense em outra passagem, que não esta da morte, para o mundo da imortalidade? Ó, que este coração desfalecido se alegre, e que minha glória se regozije, e em amor e alegria, em gratidão e louvor, que eu passe para o mundo de amor e alegria, onde a ação de graças e o louvor serão meu trabalho para sempre. E embora minha carne e meu coração falhem, sê tu a força do meu coração, ó Deus, e minha porção para sempre. Embora eu deva caminhar pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum; mas estejas tu ainda comigo, e que eu seja consolado por tua vara e teu cajado: que a bondade e a misericórdia que me seguiram até aqui todos os meus dias me recebam ao final, para que eu habite contigo para sempre. Pois é a vontade do meu Redentor que aqueles que tu lhe deste estejam com ele onde ele está, para contemplarem a glória que tu lhe deste. E que seus servos o sigam, para que onde ele estiver, ali também estejam seus servos. Amém, Senhor Jesus! boa é a tua vontade e a palavra que falaste! Em tuas mãos encomendo meu espírito, que tu remiste. Recebe-o, e deixa-me estar contigo no paraíso. Ó tu que nos chamaste de teus irmãos, quando ascendeste para teu Pai e nosso Pai, e para teu Deus e nosso Deus, leva esta pobre alma indigna para as mansões que preparaste para nós, para que eu esteja contigo onde tu estás. E embora esta carne deva perecer, que ela descanse em esperança, e seja apenas semeada como um grão de trigo; até que o teu chamado poderoso a ressuscite do pó, e este corruptível se revista da

incorrutibilidade, e este mortal se revista da imortalidade, e este corpo natural seja ressuscitado um corpo espiritual, e a morte seja tragada na vitória. Pois embora eu esteja morto, minha vida está escondida com Cristo em Deus; e quando tu apareceres, tu que és a minha vida, então deixa-me aparecer contigo em glória. Ó, apressa essa aparição, e vem com teus santos e gloriosos anjos, para seres glorificado em teus santos e admirado em e por todos os que creem! Quando transformarás nossos corpos vis e os tornarás semelhantes ao teu corpo glorioso, pelo trabalho poderoso pelo qual podes sujeitar até todas as coisas a ti mesmo. Não disseste: "Eis que cedo venho"? Ora vem, Senhor! e que o grande dia das bodas do Cordeiro se apresse, quando tua esposa será apresentada sem mancha, irrepreensível e gloriosa; e a glória de Deus na Nova Jerusalém será revelada a todos os seus santos, para deleitá-los e glorificá-los para sempre. Enquanto isso, lembra-te, Senhor, de tua promessa: "Porque eu vivo, vós também vivereis": e que os mortos que morrem em ti sejam bem-aventurados: e tu que foste feito Espírito vivificante, e és o Senhor e Príncipe da vida, e disseste que nem um cabelo de nossas cabeças perecerá; recolhe nossas almas que partem para ti, na Jerusalém celestial e no monte Sião, a cidade do Deus vivo, e para as miríades de santos anjos, e para a assembleia geral e igreja dos primogênitos, e para os espíritos aperfeiçoados dos justos; onde nos farás reis e sacerdotes para Deus, a quem veremos, amaremos e louvaremos para sempre. Pois dele, e por ele, e para ele são todas as coisas; e para o seu prazer elas existem e foram criadas. E ó tu, o bendito Deus de amor, o Pai dos espíritos e Rei dos santos, recebe este membro indigno de teu Filho no coro celestial que canta o teu louvor! que não descansa dizendo, dia e noite: Santo, santo, santo é o Senhor Deus Todo-Poderoso, que era, e que é, e que há de vir! Pois teu é o reino, o poder e a glória, para todo o sempre. Amém.